

Memórias e Futuro 4

Revista da Associação de Professores e da
Universidade Sénior de Almada



Associação de Professores do Concelho de Almada

MEMÓRIAS
E
FUTURO 4

Revista da Associação de Professores e da Universidade Sénior de Almada

MEMÓRIAS E FUTURO 4

**Revista da Associação de Professores e da
Universidade Sénior de Almada**

Ernesto Fernandes

Edite Prada

Coordenadores

FICHA TÉCNICA

Título: Revista Memórias e Futuro 4

Autor: Associação de Professores e Universidade Sénior de Almada

Diretor: Maria de Lourdes Albano - Presidente da Direção da Apcalmada

Coordenação: Ernesto Fernandes e Edite Prada

Revisão: Elena David, Ernesto Fernandes,

Maria João Casanova de Matos

Serigrafia da Capa: Rogério Ribeiro

Capa, Conceção Gráfica e Paginação: Joaquim Ribeiro

Propriedade e Editor: Associação de Professores do Concelho de Almada

Impressão e Acabamento: Europress

Apcalmada – Associação de Professores do Concelho de Almada

Rua da Cerca, 21, 2800-050 Almada

Tel: 219 012 420/1/2/3

E-mail: apcalmada@sapo.pt

ISSN 1647-3515

Depósito Legal 297554/09

1.ª Edição novembro 2016

Nota

Por lapso a gravura da capa da Revista n.º 3 foi atribuída ao pintor Rogério Ribeiro sendo da autoria do pintor João Vieira.

Índice

| | |
|--|-----|
| Apresentação | 9 |
| Editorial | 11 |
| Parte I: Pelos 10 Anos | 15 |
| A - Da Associação de Professores do Concelho de Almada | 17 |
| B - Da Universidade Sénior de Almada | 33 |
| Parte II: Artigos e Outros Escritos | 63 |
| Parte III: Ficção e Poesia | 213 |
| Parte IV: Projetos e Atividades | 271 |
| I-Eventos Socioculturais | 273 |
| II-Projeto de voluntariado: Uma Palavra, um Alento | 332 |
| III-PLALE – Projeto de Aprendizagem ao longo da vida | 334 |
| IV-Área Editorial | 353 |
| Índice Analítico | 371 |

Apresentação

Ernesto Fernandes
Edite Prada

Coordenadores

Em cumprimento do projeto editorial da Associação, honra-nos a publicação da Revista da Associação de Professores e da Universidade Sénior de Almada *Memórias e Futuro* 4.

O presente número da Revista continua a resgatar a informação fundamental dos Boletins *Profalmada* e *Correio da Usalma*, dos anos 2013 a 2015, procedendo à elaboração de sínteses no respeitante a Conferências, Visitas de Estudo, Viagens, Espetáculos, Convívios, Voluntariado e Área Editorial. A Revista integra ainda textos inéditos que, pela sua extensão, não foram editados.

A Revista consagra, para memória futura, a inauguração da Nova Sede. Neste contexto, a Revista configura a seguinte estrutura metodológica:

Editorial

Parte I: Pelos 10 Anos

A - Da Apcalmada

B - Da USALMA

Parte II: Artigos e Outros Textos

Parte III: Ficção e Poesia

Parte IV: Projetos e Atividades

A - Eventos Socioculturais

B - Projeto de Voluntariado: Uma Palavra um Alento

C - PLALE

D - Área Editorial

Índice Analítico

No sentido de iluminar os horizontes da nossa vida pelas artes, à semelhança das capas anteriores, damos visibilidade à serigrafia de Rogério Ribeiro, cujos direitos de autor foram graciousamente oferecidos pela Senhora Dr.^a Isabel Ribeiro. Neste contexto, registamos o nosso erro na identificação do autor da serigrafia que ilustrou a capa da Revista n.º 3 que é criação de João Vieira. Deste facto, apresentamos o nosso pedido de desculpas.

Como em edições anteriores, há um conjunto de aspetos subjacentes à organização dos textos, bem como à sua fixação. Assim, mantemos o respeito pela opção ortográfica de cada autor. Decidiu-se, todavia,

não salientar essa opção, omitindo a sua referência junto a cada texto. Em relação à distribuição dos textos relativamente às sessões solenes, optámos por publicar os textos que nos foram entregues em formato digital, na parte I, ou na parte II. Assim, os textos referentes aos dez anos, quer da Associação, quer da USALMA, estão publicados na parte I, onde optámos por publicar também os textos referentes à inauguração da nova sede da Apcalmada, que, por coincidência ou felicidade, se integrou, cronologicamente, no ano das celebrações do décimo aniversário da USALMA. Por nos parecer relevante, incluímos também aí o lançamento da primeira pedra da nova sede da Associação de Professores do Concelho de Almada.

Os textos integrais das comunicações proferidas no âmbito das sessões solenes de abertura do ano letivo da USALMA foram integrados na parte II, pois refletem a forma prevista para essa mesma parte...

Os textos vão identificados com o título e o número do Boletim em que saíram:

Profalmada

2013: números 30, 31, 32

2014: números 33, 34, 35

2015: números 36, 37, 38

Correio da Usalma

2013: números 31-32, 33

2014: números 34, 35, 36

2015: números 37, 38, 39

No sentido de iluminar os horizontes da nossa vida pelas artes, à semelhança das capas anteriores, damos visibilidade à serigrafia de Rogério Ribeiro.

A Revista é uma narrativa que nos congrega para a reflexão e a utopia, daí a importância da Parte III: Ficção e Poesia, que manifesta o fulgor criativo dos autores-colaboradores das nossas publicações. A linguagem da utopia subverte o fatalismo e a normalidade como disse Sebastião da Gama (1924-1952), professor-poeta em *Somos de Barro*:

Somos de barro. Iguais aos mais.

Ó alegria de sabê-lo!

[...]

Pecado, Amor? Pecado fora apenas

não fazer do pecado

a força que nos ligue e nos obrigue

a lutar lado a lado.

Editorial

Maria de Lourdes Albano
Presidente da Direção da Apcalmada

A edição da Revista da Associação de Professores e da Universidade Sénior de Almada *Memórias e Futuro* 4 celebra o 10.º aniversário da Apcalmada – Associação de Professores do Concelho de Almada. Este número revisita a atividade desenvolvida nos anos de 2013 e 2015, resgatando artigos e escritos e reelaborando informação dos Boletins *Profalmada* e *Correio da Usalma*. Integra ainda textos inéditos, nomeadamente depoimentos.

Segundo o estatuto editorial da Revista, dialetizam-se duas dimensões: a memorialista e a prospetiva, condição necessária para ir desenhando o nosso projeto associativo com sentido de atualização e de inovação.

Em continuidade com os números anteriores, cuidamos da linha estética e paginação, desta vez, com a reprodução da serigrafia de Rogério Ribeiro como capa da Revista, cujos direitos de autor foram graciosamente concedidos por Ana Isabel Ribeiro.

A celebração em 2013 do ano internacional do cidadão e do ano europeu dos cidadãos convoca-nos para uma reflexão sobre os direitos e responsabilidades humanos, condição *sine qua non* para o desenvolvimento de uma consciência pessoal e coletiva que se traduza em atitudes e práticas de defesa e garantia dos direitos contra todas as formas de discriminação: estatuto socioeconómico, sexo, etnia, religião, orientação sexual bem como dos direitos da natureza e do ambiente. Uma cultura emergente e urgente depois da II guerra mundial, quando a *barbárie* assolou o mundo, cultura consagrada na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* pela Organização das Nações Unidas (ONU, dezembro de 1948).

O protocolo ao *Pacto Internacional de Direitos Económicos, Sociais e Culturais* (ONU, 1966), aprovado pela ONU em abril de 2013, depois de sete anos de negociação, afirma a indivisibilidade dos direitos humanos, individuais e sociais, ou seja, os direitos de liberdade são indissociáveis dos direitos de igualdade. Decisão internacional, em contraciclo com a geografia da fome ou a geopolítica da fome (Josué de Castro, 1966, 1978), que nos atormenta e humilha.

Honra a Apcalmada estar comprometida com esta cultura emergente, que expressa nas suas publicações, particularmente sob a rubrica *Instrumentos básicos de direitos humanos*, no boletim *Profalmada*.

O imperativo ético de se associar conjuga cuidar de si, cuidar do outro e cuidar da natureza: uma ética ou moral tridimensional.

Na qualidade de Presidente da Associação de Professores do Concelho de Almada, permitam-me que vos fale de coração aberto. A Apcalmada é uma

associação que pretende englobar todos os professores do nosso concelho e que desenvolve diversos projetos, alguns mais orientados para os associados, outros de cariz mais alargado, dos quais saliento a *Universidade Sénior*, o projeto de voluntariado *Uma Palavra Um Alento* e o projeto de *Formação*. Este procura fazer chegar a todos um conjunto de conhecimentos inovadores e de qualidade, na forma de conferências e colóquios; com a USALMA, queremos ajudar os seniores a manter uma atividade e com ela uma vida mais ativa; com o projeto *Uma Palavra Um Alento* procuramos apoiar os seniores que não tenham condições de se deslocar e que, isolados, precisam de uma voz que escuta e de uma presença que cuida e os ajude a fazer coisas tão simples como sair para beber um café, ir ao cabeleireiro, ou...

Devo dizer-vos que, enquanto professora ainda no ativo, não tenho tanto tempo quanto gostaria para dedicar à Apcalmada e aos seus projetos. Uma das coisas que já iniciei, mas que está menos avançada do que eu gostaria, é a minha visita às turmas da USALMA, para, pessoal e informalmente, me dar a conhecer e recolher as impressões sobre o nosso trabalho.

Digo-vos ainda que abracei o desafio de presidir a Apcalmada porque acredito no valor da cidadania ativa e do voluntariado. Não tinha um conhecimento prévio da estrutura a que hoje presido. Mas tenho feito o possível por me integrar e proporcionar a todos, Associados, Estudantes e Professores, um espaço de qualidade.

Centrando-me agora na USALMA, gostaria de recordar-vos que ela existe graças ao sonho e à vontade inabalável de Jerónimo de Matos que, na qualidade de Presidente da Apcalmada, propôs como diretor. Porque a ele se deve a existência da USALMA e, se outras razões não houvesse, esta chegaria para o fazer destinatário de todo o meu respeito. Estamos a falar de um dos **fundadores** da nossa Universidade Sénior. Como tal, todos lhe devemos respeito e admiração. Aqui deixo expresso o meu agradecimento e a minha admiração pelo trabalho que foi feito. Espero estar à altura de ajudar a continuar o percurso iniciado. Conto com todos vós para o conseguir.

A atividade desenvolvida poderá ter ficado aquém das nossas expectativas, contudo, e no que à USALMA diz respeito, creio que a atividade principal, ou seja, as aulas, decorrem com normalidade. Deve-se esse facto ao interesse dos alunos e ao profissionalismo dos professores, aos quais endereço a minha gratidão.

A par desta atividade principal, outras foram desenvolvidas: organizámos conferências e colóquios; assinámos protocolos que dão vantagens a associados e estudantes da USALMA; formalizámos outros já existentes; realizámos um programa diverso e regular de atividades socioculturais (idas ao teatro, visitas de estudo, festas e convívios) e afirmámos a nossa área editorial, propiciando vez e voz a autores seniores.

O voluntariado é alma e energia da cidadania. O voluntariado, quando desenvolvido em associação, ganha outra expansão pessoal e cívica. No caso

da Apcalmada, que congrega mais de mil e quinhentas pessoas, é evidente **o espírito e a força comunitária**, sob o lema do associativismo almadense. *Cada um entrega o melhor de si para colher o melhor da comunidade.*

Com reconhecimento, agradeço, em nome da direção, o empenhamento dos membros da nossa comunidade e a cooperação com entidades conce-lhias, particularmente escolas e o poder local.

Como pessoa e como professora, interpela-me o Artigo 1.º da **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (ONU, 1948): *Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.* Uma utopia humanista que a todos deve convocar em prol da cidadania democrática.

Almada, setembro de 2016



Parte I: Pelos 10 Anos



A - Da Associação de Professores do Concelho de Almada

No 10.º Aniversário da Apcalmada Etapas de um percurso

Prof. Jerónimo de Matos

As Associações, como as pessoas que as criam à sua imagem e semelhança, nascem, crescem, vivem e envelhecem ou melhor, são sucessivamente meninas, adolescentes, adultas e seniores.

Ao fazer 10 anos a Associação de Professores entrou na adolescência, ou seja, aproxima-se da idade adulta que atingirá quando tiver realizado os seus projetos mais ambiciosos, entre os quais está a requalificação do edifício destinado à Casa do Professor na Cova da Piedade e a construção do Lar/Residência na Sobreda, para acolher os professores e seus familiares próximos, em situação de necessidade de apoio.

Em pleno desenvolvimento, e envolvendo os seniores do concelho de Almada, está o projeto de maior investimento humano, cultural e solidário, a USALMA, que, no ano letivo que há pouco terminou, abriu diariamente as portas de 10 escolas e quatro instituições culturais a mais de 900 estudantes seniores e a cerca de 100 professores que, em regime de voluntariado, os acolheram para o ensino/aprendizagem, o convívio e a participação cívica. A sua sede, na antiga Cooperativa Almadense, encontra-se em requalificação, transformando uma antiga instituição de carácter social cooperativo numa escola de ensino ao longo da vida, ministrado por professores voluntários, com excelentes condições científicas e pedagógicas.

Um outro projeto que merece destaque pela sua natureza social e solidária é “Uma Palavra um Alento”, dirigido a pessoas acamadas ou com perda de autonomia e que é constituído por cerca de 40 voluntários, sócios da Apcalmada e estudantes da USALMA que, em colaboração com as instituições que disponibilizam cuidados primários, levam a palavra reconfortante, a presença amiga e a entreatuda em pequenos serviços, que vão da leitura de um livro ou do jornal à correspondência ou acompanhamento em pequenos passeios ao ar livre, ouvindo histórias de vidas.

Destas conversas, que são muitas vezes o reviver de vidas ricas de experiências e acontecimentos de um passado mais ou menos distante, já resultou um livrinho de histórias que a visitadora foi registando e que a editora da Apcalmada publicou e apresentou, tendo tido muito bom acolhimento.

Mas a história dos 10 anos da Associação não se faz apenas destes projetos maiores que envolvem, na sua realização quotidiana, ou vão exigir, na sua concretização futura, significativos recursos humanos e financeiros.

A vida quotidiana da Apcalmada e da USALMA, ao longo destes 10 anos, foi uma tarefa contínua de dezenas de dirigentes, associados, docentes da USALMA, envolvendo ainda alguns milhares de estudantes seniores e a disponibilidade graciosa de especialistas de alto nível científico e espírito soli-

dário, que proferiram mais de uma centena de conferências sobre os mais variados temas, das artes à literatura, da saúde à educação, da história universal e nacional à história regional e local, não esquecendo os temas candentes do ambiente, da economia, da gastronomia e da alimentação saudável, da segurança das crianças e dos seniores....

As sucessivas Direções também não descuraram a criação de oportunidades de convívio, celebração e festa, eventos em que se cimenta a solidariedade associativa, se debatem ideias e se fomentam as boas relações.

Merecem destaque as 10 celebrações de aniversário da Associação, que reuniram em média 150 associados e convidados, sendo de realçar, pelo reconhecimento e distinção, a presença da Presidente da Câmara, de Vereadores e de Diretores Municipais, nomeadamente da Cultura e Educação.

Foram ainda numerosos os concertos, sob o lema “Juntos por uma Causa”, em que artistas de renome, bem como coros polifónicos, conjuntos instrumentais e vocalistas criaram momentos de grande qualidade artística e de fruição e aplauso de assistências entusiastas.

A viagem, quer como lazer e descoberta, quer como visita de estudo e convívio, mereceu, ao longo dos anos, um cuidado especial na seleção dos itinerários, na preparação e acompanhamento dos viajantes, sócios e estudantes da USALMA, que assim vêm deambulando pelo país e pelo estrangeiro, numa incessante vontade de ir mais além, de conhecer novas terras e novas gentes.

A informação e divulgação cultural levou à criação de três órgãos com estas funções e uma pequena editora.

Os boletins Profalmada, destinado aos sócios, e Correio da USALMA, órgão da Universidade Sénior, vão já no número 31, o primeiro, e 32 o segundo, tendo ao longo dos 10 anos inserido vasta colaboração ensaística, cultural e informativa, dando relevo às atividades, respetivamente, da Apcalmada e da USALMA. A Revista Memórias e Futuro, que tem em preparação o seu número 3, constitui-se como seleção e arquivo dos textos dos boletins com interesse documental, recebendo estudos e ensaios de maior folgo e exigência literária e científica.

18 A Editora Apcalmada, editou já, para além de algumas separatas, três opúsculos e cinco livros (de poesia, de memórias, de ficção e de histórias de vida).

Dez anos de vida de uma Associação, que conta atualmente cerca de 700 associados e de mil participantes na sua organização maior, a USALMA (cerca de 900 estudantes e 100 professores no ano letivo que findou), não cabem nas linhas deste breve balanço.

Não é possível registar por escrito o que de mais genuíno e vital foi acontecendo nestes dez anos de vida duma Associação que nasceu cheia de projetos, mas que não descurou a seiva que alimenta, no dia a dia, as relações humanas, os afetos, a solidariedade, numa palavra, as ações e os sentimentos

que consolidam as Associações criadas pelos homens.

A intervenção cívica, cultural e solidária da Associação de Professores cedo despertou o reconhecimento público, destacando-se a Direção Geral da Segurança Social que, após três anos de boa gestão dos planos anuais de atividades e orçamentos, lhe atribuiu em 2007 o estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), e a Câmara Municipal de Almada que, sublinhando o contributo da Associação para o grande objetivo estratégico de Almada, cidade educadora e do conhecimento, com especial referência à criação da Universidade Sénior (USALMA), a distinguiu, também em 2007, com a medalha de ouro pelo contributo “para o progresso e modernização da cidade de Almada”.

Profalmada, n.º 32, p. 8 e 9

Comemorações do 10.º aniversário da Apcalmada Almoço e Sessão Solene de 2 de junho de 2013

Prof. Maria Carreiras e Carmo Manique

O tradicional almoço anual de aniversário da Apcalmada surgiu, este ano, integrado nas Comemorações do 10.º Aniversário da Associação, razão por que aconteceu um pouco mais tarde.

O espaço INATEL da Costa de Caparica foi o palco desta refeição-convívio que contou com a presença de 120 participantes. Convidados especiais foram os associados e instituições que a Assembleia Geral da APCA, por proposta da atual Direção, decidiu homenagear com a atribuição da condição de *Sócio Honorário*.

Antes de se iniciar o Almoço, a presidente da Direção, Maria de Lourdes Albano, deu as boas-vindas a todos e referiu-se à data especial em comemoração.

Sobre a refeição propriamente dita, podemos referir que constou de uma ementa agradável, que a todos satisfaz.

Findo o almoço, a atuação do Ensemble de Violinos da SFUAP (Sociedade Filarmónica União Artística Piedense), sob a direção da professora Irina, constituiu um belo momento musical, muito apreciado por todos, quer pela seleção de peças apresentadas, quer pela qualidade e expressividade da interpretação do conjunto de executantes.

O segundo momento musical da tarde, no intervalo da Sessão Solene, ficou a cargo do Coro Polifónico da USALMA, dirigido pelo maestro Vítor Gaspar. O Coro, com créditos reconhecidos no universo das Universidades Seniores a nível nacional, interpretou um bonito conjunto de peças do seu repertório de música clássica e popular portuguesa, que justificou os muitos aplausos recebidos.

A tarde deste dia de festa da Apcalmada não podia terminar sem música para dançar. Assim, após a Sessão Solene, com uma breve pausa pelo meio para um lanche, que à hora já se justificava, aconteceu a animação dançante, sempre muito desejada e ao som da música interpretada por Zé da Viola.

De referir que, nesta altura, já o número de participantes tinha subido para 140, pois alguns compareceram depois do almoço.

Para sintetizar estes momentos vividos na tarde do dia 2 de junho, podemos citar as palavras do nosso poeta:

O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis. (Fernando Pessoa)

Profalmada, n.º 32, p. 10

Sessão Solene do 10.º aniversário da Apcalmada

Prof. Edite Prada

No dia 2 de junho de 2003 decorreu, nas instalações do Inatel, Caparica, a sessão solene relativa às comemorações do décimo aniversário da Associação de Professores do Concelho de Almada.

Esta sessão organizou-se em duas partes. A primeira teve como objetivo central a homenagem de dez individualidades, tendo-lhes sido atribuída a qualidade de sócios honorários, ao abrigo do art.º 4 alínea c) dos Estatutos. A segunda foi, é legítimo dizê-lo, a cerimónia oficial, tendo contado com a presença da Presidente da Câmara de Almada, Maria Emília de Sousa, do Vereador da Educação e Cultura, António Matos, e da Presidente da Direção da Apcalmada, professora Lourdes Albano.

Primeira parte

Durante a primeira parte da sessão foram homenageadas dez entidades, individuais ou coletivas, fazendo corresponder este número aos dez anos de vida da associação.

Estas individualidades foram organizadas em quatro grupos:

I - Sócios fundadores e membros do grupo de trabalho pró-associação;

II - Escolas anfitriãs da USALMA;

III- Professor da USALMA;

IV- Representante da Comunidade, com clara dedicação à USALMA, projeto maior da Associação.

Faz-se, em seguida, uma breve apresentação de cada uma das entidades homenageadas:

I - Sócios fundadores e membros do grupo de trabalho pró-associação

Foram homenageados cinco sócios fundadores da Associação que, tendo

pertencido ao grupo de trabalho, se mantêm, de forma dinâmica e participativa, na vida da Associação, integrando os órgãos sociais e dinamizando projetos de relevo, ou tendo tido uma ação relevante na fundação do projeto maior da nossa Associação, a Universidade Sénior:

a) **Feliciano António Oleiro.** Foi colaborador assíduo na criação da Associação e redação dos seus estatutos. Integrou os corpos sociais em vários mandatos e acompanhou ativamente a criação da USALMA.

A experiência pedagógica e o trato afável, bem como o bom relacionamento com várias gerações dos professores do 1.º Ciclo, na qualidade de Delegado Escolar do Concelho de Almada, muito contribuíram para a entrada de numerosos associados.

É atualmente o decano da Associação não apenas pela idade, mas sobretudo pela presença assídua e afável nas atividades diárias da Associação. E pela partilha enriquecedora que com todos mantém.

b) **Jerónimo Augusto Guerra de Matos.** Convidado para representar no grupo fundador o ensino secundário, colaborou na redação dos estatutos e na definição de objetivos da Apcalmada.

Foi elemento fundamental e decisivo na criação do projeto da Universidade Sénior de Almada, USALMA, organizando debates de ideias para a definição de princípios e objetivos.

Conduziu o processo de criação de normativos e de estruturação do projeto.

Pelo seu relacionamento com as Direções das Escolas Secundárias, em que exerceu vários mandatos como Presidente de Conselhos Diretivos, teve ação fundamental no recrutamento de Professores para a USALMA e na abertura das escolas aos estudantes seniores.

Foi o primeiro Presidente da Direção, cargo que ocupou em vários mandatos. É o atual presidente da mesa da Assembleia-Geral. Foi nomeado, pela direção da Apcalmada, como coordenador da equipa responsável pela Universidade Sénior. É professor da USALMA desde o primeiro ano letivo (2004/2005).

c) **Maria Carreiras Costa Saldanha Seabra.** Pertenceu desde a 1.ª hora ao grupo Fundador da Associação. Colaborou na criação dos estatutos e na estruturação dos corpos sociais.

O seu bom relacionamento com os colegas, nomeadamente do 1.º Ciclo, foi fundamental para a atração de associados.

Foi vice-presidente da Direção até 2011. É, presentemente, 2.ª secretária da mesa da Assembleia Geral. Dinamiza vários projetos, com destaque para *Uma palavra um alento*, projeto de voluntariado de apoio aos doentes acamados ou solitários e *Juntos por uma causa*, projeto de natureza cultural, de convívio e de angariação de fundos para o Lar/Residência. É presença indispensável nas nossas viagens!

d) **Maria da Glória Peres Murteira Peres.** Teve um papel relevante na elaboração dos estatutos da Associação de Professores do Concelho de Almada,

Apcalmada, e na criação do projeto maior desta Associação, a Universidade Sénior, USALMA. Ela colaborou na pesquisa prévia à sua criação; colaborou na redação dos normativos; colaborou no recrutamento de professores. Pertence ao grupo dos fundadores da Associação e ficará na sua história, também, por ter sido a primeira presidente da Assembleia-Geral. Na impossibilidade de estar presente, delegou no professor Feliciano Oleiro a receção do Diploma correspondente.

e) **Maria da Orada Costa Oliveira Dimas Emídeo**. Integrou o grupo fundador desde o início, colaborando na redação dos estatutos e na formação dos primeiros corpos sociais. Pertenceu aos corpos sociais até 2011. Desempenhou a função de Tesoureira no primeiro mandato e, excelente administradora dos orçamentos, atenta às solicitações mais diversas, esteve sempre disponível para colaborar e apoiar, tanto nos eventos promovidos como nas atividades do dia a dia da associação. Foi sempre, e ainda é, a retaguarda solicitada e indispensável.

II - Escolas anfitriãs da USALMA

Uma das inovações que a Universidade Sénior de Almada trouxe ao mundo das UTI é o facto de se disseminar por vários espaços, com claro destaque para as escolas do concelho. Não poderemos deixar de salientar o enriquecimento mútuo que o convívio intergeracional decorrente desta presença nas escolas favorece.

Das onze escolas em que, hoje, a Universidade Sénior de Almada está presente, há três que foram as pioneiras, pois, mediante protocolo de colaboração assinado, aderiram ao projeto da Universidade Sénior de Almada, USALMA.

Salientamos o apoio de que temos sido objeto por toda a comunidade escolar, quer através da adesão de professores que se voluntariam para lecionar disciplinas na Universidade Sénior, quer através da forma afável como somos recebidos pelos funcionários. Salientamos ainda todo o apoio logístico e pedagógico que nos tem sido prestado.

Por essa razão e conscientes de que a liderança é relevante na adesão aos projetos, foram homenageadas, coletivamente, as escolas, mas também, individualmente, as pessoas que, no momento em que foram estabelecidos os primeiros contactos, lideravam essas mesmas escolas. Foram, pois, homenageados:

a) O Agrupamento de Escolas Anselmo de Andrade e a sua diretora, Margarida Lucena, que, não podendo estar presente, delegou no professor José Luís Araújo;

b) A Escola Secundária Cacilhas-Tejo e a sua diretora Margarida Fonseca, que, salienta-se, é também professora da Universidade Sénior;

c) O Agrupamento de Escolas Emídio Navarro. É a única, das três homenageadas, em que houve alteração na direção. O diploma institucional foi, pois, entregue ao diretor em exercício, António José Neves, com o qual a

Associação já renovou protocolo. O diploma individual foi entregue à pessoa, que, no momento em que o protocolo foi assinado, dirigia a escola: a professora Luísa Beato.

III - Professor da USALMA

O professor homenageado foi Mário Pereira do Amaral. Pertence ao grupo dos fundadores da Associação. Colaborou na redação dos seus estatutos e na estruturação dos seus projetos. Foi eleito para o 1.º Conselho Fiscal, órgão em que cumpriu vários mandatos. Mas foi homenageado na qualidade de professor entusiasta da USALMA desde a primeira hora. Além de professor de Italiano, e porque o é, desempenha atualmente a função de coordenador de área disciplinar; é Membro do Conselho Pedagógico e do Conselho Científico.

IV - Representante da Comunidade, com clara dedicação à USALMA, projeto maior da Associação

José Manuel Maia, presidente da Assembleia Municipal de Almada. É desde a 1.ª hora um apoiante incondicional, quer da Associação, quer do seu projeto de ensino sénior.

Conta-se, entre os autarcas de mais elevado estatuto hierárquico, como um dos mais presentes nos eventos públicos promovidos pela Apcalmada e pela USALMA, trazendo sempre uma palavra amiga de apoio e incentivo.

Com o seu modo afável e a sua delicadeza de trato, é sempre uma honra prestigiar contá-lo entre os presentes nas nossas atividades. Quando as muitas solicitações do alto cargo que exerce o inibem de estar no evento, envia sempre uma palavra de estímulo, ou vem pessoalmente explicar a impossibilidade da presença.

Na impossibilidade de contemplar de forma individualizada todos os autarcas, vereadores e presidentes de Junta de Freguesia que nos têm apoiado e aos quais se endereça, aqui, um agradecimento pelo apoio logístico e pela colaboração em vários domínios, distinguímos todos eles na pessoa do presidente da Assembleia Municipal de Almada.

Depois de entregues os diplomas, tomaram lugar na mesa - em que estavam os presidentes dos três órgãos dos Corpos Sociais, Presidente da Assembleia, Jerónimo de Matos, Presidente da Direção, Lourdes Albano e Presidente do Conselho Fiscal, Joaquim Silva - José Manuel Maia, em representação dos homenageados e Feliciano Oleiro, em representação dos Associados. Depois de umas breves palavras do Presidente da Assembleia-Geral, dando relevo ao momento que a Associação vive, tomou a palavra o presidente do Conselho Fiscal, Joaquim Silva, tendo referido o papel do Conselho Fiscal na estruturação da Associação, salientando a opção por um papel orientador e de acompanhamento. Fez um breve resumo dos resultados patrimoniais dos dez anos e salientou o papel de Manuel Seabra, que, nos primeiros anos, fez a contabilidade da Associação, tendo tido um papel relevante na organização e na constituição da Associação como IPSS - Instituição Particular de

Solidariedade Social.

Tomou de seguida a palavra o representante dos Associados, Feliciano Oleiro, lembrando os tempos do Grupo de Trabalho pró-Associação e toda a dedicação e dinamismo inerentes. Testemunhou ainda que a Associação se tem constituído como um espaço de crescimento e de vitalidade para ele, na medida em que lhe tem proporcionado momentos de reflexão e de crescimento que, dez anos antes, já não esperava ter.

Segunda Parte

Seguiu-se um momento musical, a cargo do Coro da USALMA, dirigido pelo maestro Victor Gaspar, tendo de seguida a Presidente da Direção chamado, para integrar a mesa, a Presidente da Câmara, Maria Emília de Sousa, e o Vereador da Educação e Cultura, António Matos.

A presidente da direção, professora Lourdes Albano, tomou a palavra congratulando-se com o momento que a Associação estava a viver e salientando a obra feita, mas com o olhar no futuro. No décimo aniversário, realçou dez ideias mestras que simbolizam a missão da Associação de Professores do Concelho de Almada.

O Vereador da Educação e Cultura, António Matos, tomou a palavra. Felicitou a Associação pelo seu décimo aniversário e relembrou os tempos do grupo de trabalho, que, de forma assídua e interessada, ia evoluindo no seu objetivo, muitas vezes trabalhando na sala contígua ao seu gabinete, que para o efeito lhes era dispensada.

Testemunhou o apego daquele grupo ao seu objetivo, o crescimento de um projeto que nascia e se ia construindo, tomando forma e crescendo: os primeiros passos para a construção dos regulamentos; os primeiros passos para a definição de objetivos e para o lançamento de projetos; a divulgação; o empenho; a dedicação.

Lembrou os tempos, também iniciais, da criação da USALMA, nesta Almada, Cidade Educadora. Como se estruturou, recorrendo o grupo fundador ao contacto com estruturas similares, verificando como se organizavam, definindo uma forma de agir e de ser, uma forma de estar.

O dinamismo do grupo e a validade do projeto cedo se impuseram na comunidade, pois rapidamente a Universidade Sénior de Almada se tornou uma das mais dinâmicas e originais do país, quer pelo número de professores e disciplinas oferecidos, quer pelo número de alunos, quer, ainda, pelo número de espaços por que se espraiava, e espraiava...

Por tudo isto, o vereador felicitou a Associação, considerando que o projeto da USALMA, Universidade Sénior de Almada, presta um serviço de grande qualidade e interesse à comunidade.

Tomou de seguida a palavra a presidente da Câmara, Maria Emília de Sousa, que, da forma espontânea e entusiasta que lhe conhecemos, relembrou o percurso da Associação e o valor de que, para a qualidade de vida dos municípios, se reveste um projeto como o da USALMA.

Salientou o valor e capacidade de acreditar dos fundadores da Associação que cedo se empenharam numa tarefa maior, a da criação da Universidade Sénior de Almada, de suma importância num município como o de Almada, desperto para a cultura e interessado em a fazer chegar a todos e de diversas formas, como seria de esperar numa das primeiras cidades a aderir ao projeto europeu das cidades educadoras.

Relembrou os tempos em que o desafio lançado – porque não criam os nossos professores, sempre tão dinâmicos e ativos, uma associação? - germinou e deu frutos, logo visíveis no interesse despertado pela USALMA nos professores que, voluntariamente, cedo se associaram ao projeto; pelo interesse despertado nos municípios, que cedo aderiram ao projeto, inscrevendo-se nas muitas disciplinas oferecidas.

Trata-se de um projeto, referiu, que continua a crescer e que tem, ainda, muito para dar, não fossem os professores entidades irrequietas, por vezes difíceis, rebeldes, mas sempre criativas. A talho de foice, lembrou a importância dos professores para o crescimento do município, pela sua ação integradora, educativa, socializante.

Profalmada, n.º 32, p. 11 e seguintes

Palavras do Presidente do Conselho Fiscal da Apcalmada

Prof. Joaquim Silva

Da atuação do Conselho Fiscal ao longo dos dez anos da vida da Associação a comemorar, destacam-se as funções de velar pelo cumprimento da Lei e dos Estatutos e dar Parecer sobre as Contas da Associação.

Relativamente à situação patrimonial da Associação, é de realçar a boa situação financeira e de referir a necessidade de ser dada especial atenção à utilização dos montantes financeiros disponíveis, em face dos projetos a levar a cabo.

Para esta situação muito contribuíram alguns dos homenageados que fizeram e/ou fazem parte dos órgãos sociais, nomeadamente os que foram responsáveis pela função Tesouraria e respetiva elaboração das Contas. De referir, ainda, a participação do associado Manuel Seabra, que foi o iniciador do sistema contabilístico e de todo o processo que conduziu à obtenção da isenção de IRC.

Profalmada, n.º 32, p. 13

Palavras do Presidente da Assembleia Municipal de Almada

*José Manuel Maia Nunes de Almeida*¹

2 de junho 2013

Como calculam, este momento para mim é difícil, de grande responsabilidade, mas também de uma grande honra ao assumir a representação de homenageados tão distintos, a quem a Associação atribuiu a condição de Sócios Honorários e a sua integração na Sessão Solene comemorativa do 10.º Aniversário.

Em nome dos distinguidos, a nossa gratidão.

Invade-nos, certamente, assim o sinto, um misto de prazer moral, contentamento, honra. Quem não gosta de ser reconhecido, apreciado, ou referenciado pela sua comunidade, pelos seus concidadãos?

Sabendo que na vida, na vida de cada um, há muito de efémero, importa reconhecer que na construção de caminhos, daqueles que se fazem caminhando, assumindo princípios, causas e valores humanistas, civilizacionais, há muito de duradouro.

Senhoras e Senhores,

A Assembleia-Geral distinguiu 10 Pessoas entre Coletivas e Singulares: três instituições de referência, as Escolas Secundárias Emídio Navarro, Cacilhas-Tejo, Anselmo de Andrade – distinguindo as suas Comunidades, as suas Diretoras. Escolas que foram e são espaço e meio de ação e afirmação da Associação, da Universidade. Escolas de Abril, do sucesso escolar e do sucesso educativo.

Sete pessoas singulares são também distinguidas como Sócios Honorários: cinco obreiros, sócios fundadores, dirigentes ou ativistas.

Eles foram parte importante e determinante desse inicial ou já então constituído núcleo duro de ideais e valores, a quem se deve o sucesso do Projeto da Associação, da USALMA e do muito que há de vir.

Reconhecimento e gratidão a vós, Professores Maria da Glória, Feliciano Oleiro, Maria Carreiras, Maria Orada, Jerónimo Matos, Mário Amaral, que bem simbolizais e representais esse grupo de gente boa deste coletivo associativo APCA e USALMA, da obra e do feito de que Almada se orgulha!

Quis também a Associação distinguir uma Professora e Diretora que foi e é referência e exemplo de Cidadã - a Professora Luísa Beato -, ela que também nos mostrou que a Escola galga muros e só é Escola se se sentir e for sentida como parte da comunidade.

Falta um – tão diferente de todos os outros. Apresentaram-mo como

¹ Presidente da Assembleia Municipal de Almada. Este discurso/testemunho, publicado na revista n.º 3, pág. 268 e seguintes, republica-se aqui, por fazer parte integrante dos textos relativos às comemorações dos dez anos.

apoiente da Associação desde a primeira hora – o que é absolutamente verdade.

Encaro a distinção, e muito honrado e agradecido também estou, pela homenagem ao Poder Local do Portugal de Abril, aos seus Órgãos, aos autarcas do município e das onze freguesias que, ao longo destes quase 40 anos, se envolveram na Construção da Cidade dos Cidadãos, na consolidação da Liberdade e da Democracia – um Concelho, uma Almada de progresso, protagonista e solidária.

Mas permitam que me qualifique e me assuma como Testemunha enquanto cidadão e Presidente da Assembleia Municipal, e em sua representação, ao ter testemunhado, no dia 22 de maio de 2003, o Grupo Pró-Associação de Professores assumir e proclamar a sua criação formal.

Testemunho, porque estive no Fórum Romeu Correia no dia 23 de maio de 2003, que, a par de um momento cultural de canto e poesia com as Professoras Helena Peixinho e Edite Barriga, foram apresentados e debatidos os estatutos da futura Associação e que, no dia 29 de maio, era formalmente realizada a escritura pública da sua constituição.

Testemunho que no dia 20 de maio de 2004, na Sessão Municipal de Homenagem ao Professor Aposentado, Jerónimo de Matos, na qualidade de Presidente da Direção da Associação, apoiado pela Presidente da Câmara Municipal, anunciava a criação, para 2005, de uma Universidade Sénior.

Testemunho o papel e a ação, o amor ao Projeto da nossa Presidente Maria Emília e do Vereador António Matos.

Testemunho, testemunho, testemunho ...

Testemunho que em 2013 foi lançada a primeira pedra da futura Sede da Universidade Sénior de Almada, cumprindo-se assim mais um compromisso programático do Município.

Testemunho que a Associação de Professores é um marco e polo importante do movimento associativo almadense.

Testemunho que é uma Associação que promove projetos de âmbito social e solidário. Parabéns à Associação de Professores do Concelho de Almada, a todos os seus fundadores!

Senhoras e senhores

Nesta tarde que partilhamos, comemorativa do 10.º aniversário, lembramos tempos passados, consideram-se tempos presentes que apontam caminhos na construção de futuros com futuro. Fortalece-nos como comunidade o estarmos juntos e socialmente unidos. Ao partilharmos vivências reforçam-se valores, assumem-se causas, renovam-se compromissos.

Em nome e representação dos distinguidos, o agradecimento à APCA. Agora mesmo já é passado deste presente. O Futuro é já amanhã e esperamos.

Bem hajam!

Palavras de Feliciano Oleiro: breve conversa de aniversário

Prof. Feliciano Oleiro, representante dos Associados

É um dado aceite que eu não sou dado a improvisos e, muito menos, a falar de improviso. Sempre que o tenho feito, ou tentado fazer, nada me tem saído de feição. Tratar-se-á de uma situação atávica ou será enfoque que me persegue?

Tenho-me interrogado relativamente a esta situação e continuo sem resposta.

Para este breve arrazoado só encontro justificação no facto de, tardiamente, me ter apercebido de que tinha sido indicado para, em nome dos consócios da Apcalmada, usar da palavra na celebração do décimo aniversário da nossa Associação.

Não estou a rebuscar palavras de circunstância, encontro-me tão somente empenhado numa saída airosa. Só a minha desatenção poderá estar na origem destas fragilidades que teimo em afastar.

A Associação de Professores do Concelho de Almada–Apcalmada, nomeadamente consubstanciada pelo seu projeto cimeiro – USALMA– constitui atualmente uma realização de incidência cultural de que os professores de todos os níveis académicos muito justamente se poderão orgulhar.

As revistas *Memórias e Futuro*, 1 e 2, e os boletins *Profalmada* e *Correio da USALMA* são documentos vivos e reveladores do pulsar de todo um universo associativo, rumo ao mundo do conhecimento e da cidadania. Eu próprio me revejo nestas vivências, navegando nas mesmas águas.

Vou ser breve e porventura redundante. Não teríamos hoje *Os Lusíadas* se o príncipe dos poetas portugueses (passe a perífrase) não tivesse olhado o mundo com os seus próprios olhos. Claro está que são estas formas de linguagem que me levam a repetir os meus escritos anteriormente divulgados.

É com este jogo de palavras que procuro redimir-me de certas fragilidades.

A Apcalmada e o seu mundo de projeção constituem hoje um centro gerador de energias que ultrapassa em muito um milhar de seniores, sublinhando que o vocábulo sénior, sob o ponto de vista semântico, se aplica a partir do momento em que se atinge a maturidade. Há que ter em atenção a abrangente faixa etária de docentes e discentes que animam esta convergência de vontades.

Encontramo-nos perante um universo intergeracional cuja dinâmica solidária dificilmente poderá ser desvalorizada. Com ousadia e segurança repito palavras ditas alguns anos atrás:

Não exagere se deixar aqui o meu testemunho de que transpus a primeira década do segundo milénio incólume, mais participativo, em suma, mais motivado e atento aos outros. Estou indubitavelmente consciente de que a frescura cidadã que me

anima resulta, em grande parte, das minhas vivências no seio dos vários projetos solidários integrados nesta instituição igualmente solidária.

À guisa de conclusão, acrescentarei que todo este disrecrear em dia de festa me leva a lançar um apelo a todos para que revitalizemos o universo que criámos e tudo façamos no sentido de dar continuidade às vivências que nos animam.

Passaram dez anos, demos passos firmes, temos em marcha projetos que nos honram. Dez anos passaram, repito, dez anos sonhámos e alguns sonhos realizámos. Dez anos nos separam do momento em que a Câmara Municipal de Almada nos acolheu para colaborarmos na concretização dos seus projetos de incidência cultural. Não nos podemos alhear de que a Câmara Municipal, também ela, sonha e realiza, como “Cidade Educadora” que é.

É dia de aniversário. Encontramo-nos neste momento a celebrar o evento. Temos a nosso lado a Câmara de Almada, representada nas pessoas do Presidente da Assembleia Municipal, José Manuel Maia, da Presidente da Câmara Municipal, Maria Emília Neto de Sousa, e do Vereador António Matos. Estou ciente ser este o momento certo para sublinhar vivamente que a Câmara Municipal de Almada sempre esteve presente, e com ela muitos passos foram dados na concretização da Apcalmada, a qual visa única e exclusivamente o engrandecimento da nossa Almada, Cidade Educadora.

É hoje um dado adquirido caminharmos no rumo certo, o que me leva a reafirmar a seguinte máxima: *São os sonhos generosos de hoje que enobrecem o amanhã.*

Profalmada, n.º 32, p. 14 e 15

Palavras da Presidente da Direção da Apcalmada: uma década dedicada à Comunidade de Almada

Prof. Maria de Lourdes Albano

Consciente da importância da memória das organizações e da relevância dos seus mentores e obreiros, pretendo reconhecer publicamente a Associação de Professores do Concelho de Almada, enquanto entidade de significativo mérito pela qualidade do serviço prestado em prol do desenvolvimento local.

Graças ao sonho, voluntarismo e determinação de um punhado de professores/empreendedores, imbuídos de um forte espírito de missão, foi possível vencer inércias, medos, resistências, e conquistar espaço e credibilidade, de modo a construir uma Associação representativa de todos os professores, em particular dos seniores, promotora de alegria, convívio, aprendizagem, partilha de saberes e conhecimentos... e com sentido de futuro. Felizmente, os pioneiros permanecem connosco e podem orgulhar-se do caminho trilhado desde então. 2003-2013, dez anos consagrados a conceber, a desenvolver

e a consolidar a qualidade científica dos diversos projetos preconizados por esta Associação, em boa hora criada, com a colaboração de parceiros de excelência, como a Câmara Municipal de Almada – e aqui gostaria de fazer um parêntesis para realçar o apoio que sempre temos sentido por parte da Câmara Municipal, aqui representada pelo vereador da Educação e da Cultura e pela presidente da Câmara, - as Escolas do Concelho, os professores formadores voluntários e todos os alunos que, ao longo do tempo, dignificaram o projeto da Universidade Sénior de Almada, cujo modelo organizacional inovador se centra na interação de gerações, em contextos escolares, polos de referência.

Para celebrar os dez anos de vida da Associação de Professores do Concelho de Almada, dez ideias mestras que, simbolicamente, afirmam a sua existência e proclamam a felicidade futura:

- Sabedoria
- Cidadania
- Solidariedade
- Tolerância
- Aprender a Viver melhor
- Dignidade no envelhecimento
- Voluntariado
- Aprendizagem ao longo da Vida
- Intergeracionalidade
- Desenvolvimento Comunitário

Uma ideia geradora de novos sentidos para a continuação do caminho que se deseja mais consciente e consistente com o contributo de todos. O desafio é abrimo-nos ao desconhecido, ao outro, numa dimensão local e global. A palavra de ordem é internacionalizarmo-nos e aprendermos a viver melhor uns com os outros, no respeito por cada um e por todos nós.

Bem hajam

Profalmada, n. 32, p. 11-13

Palavras da Presidente da Câmara Municipal de Almada

*Maria Emília Neto de Sousa*¹

Parafraçando o poeta, a aprendizagem – tal como o sonho – é uma constante da vida. A aprendizagem é o processo que constrói e cimenta o conhecimento e o saber, uma prerrogativa exclusivamente humana, uma capacidade que permanece ativa desde que o ser humano nasce até que morre.

Ao longo do caminho de toda uma vida, os seres humanos utilizam aquela que é uma capacidade única entre os seres vivos que conhecemos: apreender, compreender e interpretar o mundo que os rodeia, moldando e reinventando permanentemente esse mundo, tanto numa dimensão individual como numa dimensão social e coletiva.

¹ Presidente da Câmara Municipal de Almada no momento em que elaborou o presente testemunho, publicado na revista n.º 3, pág. 267 e 268, mas que se republica aqui, por fazer parte integrante dos textos relativos às comemorações dos dez anos....

Em Almada inscrevemos, desde há mais de três décadas, nas preocupações primeiras da intervenção municipal, o objetivo primordial de proporcionar condições e oportunidades concretas para que os cidadãos e cidadãs do nosso Município possam viver, e usufruir, um processo de aprendizagem ao longo de toda a sua vida, de aquisição permanente de novos saberes e conhecimentos, que se expressa de uma forma muito clara através da promoção de programas específicos e através do apoio e da cooperação ativa com as iniciativas das instituições de ensino do nosso Concelho, capazes de promover e concretizar aquele grande objetivo estratégico de desenvolvimento.

A celebração do 10.º Aniversário da constituição da Associação de Professores do Concelho de Almada, uma Instituição que vem afirmando uma extraordinária capacidade de mobilização de vontades e de recursos para a concretização do objetivo de aprendizagem ao longo da vida, que é desígnio municipal, constitui para a Câmara Municipal de Almada, e para a sua Presidente em especial, um motivo de grande satisfação e orgulho, merecedora natural do mais profundo aplauso e mais genuína admiração pelo trabalho realizado ao longo desta década de existência, com esforço e dedicação por largas dezenas de professores, educadores e pedagogos do nosso Concelho.

Para a Câmara Municipal de Almada constitui uma honra poder desenvolver, em cooperação e comunhão de interesses e objetivos, um trabalho de parceria profícuo e construtivo com a Associação de Professores do Concelho de Almada, no quadro do qual não posso deixar de destacar o projeto da Universidade Sénior de Almada (USALMA), em pleno funcionamento e mobilizando dezenas de professores voluntários e centenas de alunos neste processo de aprendizagem e enriquecimento cultural permanente e contínuo, e que muito em breve irá conhecer as suas novas instalações, inteiramente reabilitadas, modernas e funcionais, bem no centro de Almada Velha, no local onde antes funcionava a Cooperativa Almadense.

No momento em que a Associação de Professores do Concelho de Almada celebra o 10.º Aniversário da sua constituição, e no ano em que, por alto patrocínio da Organização das Nações Unidas, celebramos o Ano Internacional do Cidadão à luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adoptada em 1948 por aquela organização mundial, quero expressar em nome da Câmara Municipal a que presido, e estou certa também em nome do Povo de Almada que represento, as mais vivas felicitações à Associação de Professores do Concelho de Almada pelo abnegado trabalho desenvolvido por muitos e muitos professores voluntários ao longo destes 10 anos, sublinhando em particular a importância e o significado do seu contributo para a consolidação do caminho de construção de um Concelho mais Culto e mais Conhecedor, por isso também mais Humano e mais Solidário, em que o nosso Município se tem mantido profundamente empenhado.

Bem haja a Associação de Professores do Concelho de Almada pelo seu contributo ativo para a concretização de um sonho e um desejo dos Homens que amam e querem o progresso e o bem-estar de toda a Humanidade: aprender, aprender, aprender sempre!

Caminhada pela cidadania

Prof. António Palma

No âmbito das comemorações de mais um aniversário, o décimo, da nossa Associação, realizámos uma caminhada pela cidadania.

No dia 1 de junho de 2013, 70 valorosas e valorosos caminhantes, tocados pelas brisas matinais, acorreram ao chamamento da Apcalmada para calçar os ténis e, em amena cavaqueira, pisar firme os passeios da nossa cidade.

O ponto de encontro foi a Praça São João Batista, tendo, daí, partido através da Avenida Bento Gonçalves até ao parque da Paz.

Claro que tínhamos objetivos, explicitados, como convém, mas o nosso secreto desejo são sempre os afetos e a vivência de experiências novas.

Esta Associação só pode ser de afetos, caminheemos ou não no Parque da Paz.

Inovar deve ser uma preocupação. Nesta caminhada, a aula de *Chickung* foi uma bela partida a que todos aderiram com interesse e empenho. O mestre Antero sabe da coisa, mas muito(a)s até pareciam aprendentes tarimbado(a)s, tal foi o rigor nos exercícios.

Com muita energia e descontração vivemos mais uma atividade, no âmbito destes tão profícuos e interessantes dez anos de vida da Apcalmada e dos projetos.

Parabéns, professor Oleiro!

Prof. Teodolinda Silveira

No dia 16 de maio de 2013, integrada nas comemorações dos 10 anos da Associação dos Professores do Concelho de Almada, decorreu no Auditório Lopes Graça a apresentação da obra de Feliciano Oleiro, *Saga de Pequenas Memórias: Sulcos do Meu Percurso*.

Foi uma sessão participada, salpicada de emoções e recheada de afetos, que começou com a qualidade musical do Ensemble de Guitarras da USAL-MA e teve o seu ponto alto na intervenção da Sra Presidente da Câmara que, de uma forma sentida, homenageou o Homem, o Professor, o Autor.

Para terminar, e num interessante clima de interação entre o texto e o público, diversos elementos da plateia leram pequenos excertos da obra, em presença, aguçando a todos o apetite para uma leitura mais atenta e completa desta Saga de Pequenas Memórias. Ficou, assim, lançado o desafio aos leitores de, através dum testemunho autêntico e inquieto, descobrirem, não

só os “sulcos mais marcantes” da vida do autor, mas também “os sulcos mais marcantes” de uma sociedade, em permanente mudança, que Feliciano Oleiro acompanhou e protagonizou e que, tão genuinamente, nos transmite.

Seguiu-se a habitual sessão de autógrafos no átrio do Fórum Romeu Correia.

Profalmada, n.º 31, p. 12

Programa Comemorativo do 10.º Aniversário da Apcalmada: Torneio de Golfe

Prof. Joaquim Silva

Enquadrado nas atividades do programa comemorativo do décimo aniversário da Associação, realizou-se um torneio de golfe organizado pelos alunos e professor da turma de Golfe da USALMA.

Tratou-se do 2.º torneio, na sequência do realizado no ano letivo passado, e decorreu no dia 17 de maio de 2013 no Campo da Aldeia dos Capuchos, tendo participado doze jogadores.

O jantar de confraternização e distribuição de prémios foi presidido pela presidente da Associação, professora M.^a de Lourdes Albano, tendo sido utilizada a verba prevista no orçamento aprovado pela Direção para custear as diversas atividades do programa comemorativo.

Profalmada, n.º 31, p. 12

B - Da Universidade Sénior - USALMA

USALMA 10 anos: Pró – memória

Prof. Jerónimo de Matos

Preâmbulo

Celebrar o décimo aniversário não é ainda o tempo da história que supõe duração, mérito e perspetiva. Também não serei eu, ligado ao processo desde a primeira hora, coordenando o projeto e assumindo a direção até ao presente, a pessoa indicada, apesar da formação, para uma tarefa que, além da investigação, exige distanciamento e objetividade.

A minha tarefa, em consequência, será redigir a pró-memória como modesto contributo para a futura história da Universidade Sénior de Almada.

Assumo a paternidade do acrónimo *USALMA*, seduzido pela associação de *ALMADA*, seu concelho e suas gentes a *ALMA*, síntese de coragem e vontade de aprendizagem ao longo da vida.

Projeto

Repito o que em anteriores apresentações referi: a USALMA foi o corolá-

rio lógico da criação da Associação de Professores do Concelho de Almada – Apcalmada, instituição que, para além do objetivo de agregar os professores dos vários níveis de ensino, em atividade e aposentação e proporcionar-lhes condições de realização de projetos sociais e culturais em prol da classe profissional, cedo reconheceu o seu potencial de solidariedade, constituindo uma bolsa de recursos pedagógicos e de cultura disponíveis para aquela parte da sociedade não abrangida pela escola formal, os seniores.

Na verdade, na última década do séc. XX e primeira década do séc. XXI, desenvolveu-se à escala mundial, mas com uma dinâmica muito forte em Portugal, o movimento das chamadas Academias e/ou Universidades Seniores.

Basta referir que a USALMA surge em 2005, entre as primeiras trinta e o número atual no país já ultrapassa as trezentas.

Debatida a proposta na Direção da Apcalmada, reunimos em duas sessões de trabalho com personalidades da cultura universitária e associativa de Almada; delas saiu enriquecido o projeto inicial, o qual contou com o apoio dos órgãos autárquicos, nomeadamente do pelouro da Cultura e Educação com destaque para o departamento da Educação e o melhor acolhimento e incentivo da então Presidente, D. Maria Emília Neto de Sousa.

Foi-nos facultada uma sede provisória para a APCA-USALMA – a antiga Delegação Escolar, na Rua Conde Ferreira, onde realizamos todo o trabalho organizativo:

- Elaboração dos documentos normativos - Regulamento Geral
- Regulamento do Conselho Pedagógico
 - Regulamento do Conselho Científico
 - Regulamento da Assembleia e do Conselho de Delegados
- Reuniões com os futuros professores, constituindo a primeira estrutura disciplinar, resultante do nosso projeto e da oferta de trabalho letivo disponível em regime de voluntariado. A estrutura definitiva só ficou definida, após o período das matrículas, de acordo com as preferências dos estudantes.
- Divulgação do projeto junto dos professores e aceitação das ofertas de serviço docente em regime de voluntariado.
- Contactos com as Direções das escolas da cidade de Almada, sondando a sua adesão ao projeto e a disponibilidade para receber estudantes seniores em espaços e horários livres ao longo da semana. A resposta das Diretoras das escolas Anselmo de Andrade, Cacilhas-Tejo, Emídio Navarro e D. António da Costa foi pronta e fundamental para o arranque do projeto.

Aproveito esta oportunidade para reconhecer, mais uma vez, a superior compreensão dos responsáveis das nossas escolas que, encarando a missão da escola pública como um recurso educativo e cultural aberto à comunidade, inseriram a USALMA nos respetivos projetos e incentivaram os professores, com disponibilidade de horário, a candidatar-se ao ensino na USALMA.

Foram assinados protocolos de parceria que continuam a vigorar, embora a presença da USALMA, após a inauguração da sua nova sede, seja residual, obedecendo ao princípio da proximidade, em benefício dos professores que trabalham nessas escolas e dos estudantes que moram na vizinhança.

O mês de janeiro de 2005 foi dedicado à divulgação do projeto através de materiais de informação, cartazes, *flayers*, textos na imprensa local, em que se apresentava uma primeira versão da estrutura disciplinar com as seguintes

Áreas Disciplinares:

0. Alfabetização de Adultos
1. Língua e literatura Portuguesa
2. Outras línguas (Inglês, Francês, Italiano, Espanhol, Russo)
3. Ciências Sociais
4. História e Património
5. Tecnologias de Informação e Comunicação
6. Artes do Espetáculo
7. Música Coral e Instrumental
8. Artes Plásticas (pintura, escultura e fotografia)

Na primeira quinzena de fevereiro tiveram lugar as inscrições, as quais somavam a 16 do mesmo mês trezentos candidatos estudantes e 32 candidatos professores voluntários, ocupando, com natural desequilíbrio, as disciplinas das áreas oferecidas. Para algumas foi necessário convidar mais professores, nomeadamente nas disciplinas de Inglês, Informática e Artes Plásticas.

No dia 17 de fevereiro teve início o 1.º ano letivo da USALMA. Ao longo do dia foram transpondo os portões das quatro escolas grupos de estudantes seniores, acolhidos com surpresa pelos jovens e com grande afabilidade pelos seus professores.

Ao fazermos o balanço, no dia seguinte, dissiparam-se dúvidas e sentimentos encorajados para as tarefas que um plano de atividades ambicioso exigia.

A próxima era a sessão solene de abertura da USALMA como primeira instituição de ensino sénior no concelho de Almada.

Sessão Solene de Abertura da USALMA em 22 de fevereiro de 2005

Por deferência da reitoria da Universidade Nova de Lisboa, a sessão solene de abertura teve lugar no auditório principal da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), no Monte de Caparica. Tendo como orador convidado o antigo ministro da Educação, Eng.º Roberto Carneiro, presidiu à sessão o Reitor da Universidade Nova Prof. Doutor Leopoldo Guimarães, ladeado pela Presidente da Câmara de Almada D. Maria Emília de Sousa, o Diretor da FCT representado pelo Prof. Doutor António Urgueira, a Diretora do Centro de Formação de Professores de Almada Prof.^a Adelaide Silva e o Presidente da Apcalmada e da USALMA Prof. Jerónimo de Matos. De todos os elementos da mesa foram ouvidas palavras de estímulo e votos de sucesso na atração de estudantes seniores para os quais era criada a universidade, oportunidade de continuar civicamente ativos numa instituição cujo lema

Aprender é viver melhor constitui um programa aliciante.

Destaco a notável conferência de Roberto Carneiro que traçou um quadro vivo com as linhas gerais e as perspetivas do ensino ao longo da vida cuja implementação em Portugal, em franco crescimento, tem um futuro auspicioso, constituindo a melhor resposta para as questões que o progressivo aumento da esperança de vida saudável coloca às sociedades e aos governantes.

A encerrar a sessão o grupo Cantar Zeca Afonso brindou a assistência com uma seleção de canções do saudoso artista e militante da Liberdade.

As sessões solenes de abertura dos sucessivos anos letivos têm sido encaradas como momentos altos de cultura, arte e convívio social, com a participação das turmas de música e poesia e a presença de representantes da Autarquia, da Assembleia Municipal e do movimento Associativo da nossa comunidade académica.

Aqui deixamos registo dos oradores convidados e dos temas tratados nas sessões solenes de abertura dos sucessivos anos letivos:

2005 - Eng.^o Roberto Carneiro, antigo Ministro da Educação.

Dia 1 de Março - Tema: "Aprendizagem ao longo da vida, um direito e um dever."

2005/2006 - Prof. Doutor José Batista Vallejo, da Universidade de Huelva - Espanha.

Dia 25 de Outubro - Tema: "Descobrir pessoas e orientar o seu desenvolvimento".

2006/07 - Prof. Doutor Vítor Serrão, da Universidade de Lisboa.

Dia 19 de Outubro - Tema "Giraldo Fernandes de Prado (1530-1592): um pintor em Almada no fim do Renascimento."

2007-08 - Prof. Doutor Leopoldo Guimarães, Reitor da Universidade Nova de Lisboa

Tema - "Ser e estar num mundo de contradições."

2008/09 - Prof.^a Doutora Maria José Chambel da Universidade de Lisboa

Tema - "Ensinar e aprender nas Uti's - uma nova dinâmica social e cultural."

2009/10 - Prof. Doutor Fernando Santana, Diretor da FCT da UNL

Tema - "Ensino Superior perspectiva de evolução"

2010/11 - Prof.^a Dr.^a Elvira Fortunato da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade Ciências e Tecnologia.

Tema - " Novos materiais semicondutores: uma nova era na área dos descobrimentos associados à eletrónica"

2011/12 - Prof. Dr. António Câmara da Universidade Nova de Lisboa - FCT (Monte)

Tema - " O currículo escondido"

2012/13 - Prof. Dr. Fernando Serra do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Vice-Presidente do Conselho Científico da USALMA

Tema - "Condição humana e educação"

2013/14 - Dr. Alexandre Flores - Historiador e Diretor do Arquivo Municipal

Tema - “A comemoração dos 450 anos em que Fernão Mendes Pinto veio viver para a outra banda - 1563-2013.”

2014/15 - Dr.^a Luciana Couto - Prof.^a e Coordenadora da área das ciências sociais da USALMA

Tema - “A importância dos afetos na formação de personalidades positivas.”

2015 - Sessão comemorativa do 10.^o Aniversário da USALMA

Professor Dr. José António Campos

Tema - “Nascimento e desenvolvimento das U.S. vantagem para a Comunidade Sénior”.

2015/16 - Dr. Jorge Rodrigues - Professor da USALMA e Tesoureiro da Apcalmada

Tema - “Ética e deontologia no mercado da informação financeiro.”

A enumerações exaustiva dos oradores e dos respetivos temas pretende ser um ato de reconhecimento à sua disponibilidade incondicional e uma referência à diversidade e qualidade das “orações” proferidas.

A assistência correspondeu sempre, ocorrendo entre os 200 e os 300 participantes, aos auditórios graciosamente cedidos: Da FCT, Universidade Nova, do Fórum Municipal Romeu Correia, do Teatro Joaquim Benite, do Externato Frei Luís de Sousa, da Academia Almadense.

A autarquia fez-se sempre representar ao mais alto nível, pela Presidência ou pela Vereação. À medida que se foram formando os grupos de música e poesia: O Coro, os Cavaquinhos, o Ensemble de Guitarras, a Tuna, o Piano e as Partilhas Poéticas, trouxeram às sessões solenes o brilho e a alegria das suas atuações.

10 anos letivos

A vida quotidiana da USALMA ao longo destes 10 anos é um universo de vivências tão variado e tão rico que é difícil descrevê-lo nestas linhas.

Com abertura na 1.^a quinzena de outubro e fecho em finais de junho, as atividades letivas, extraletivas e de convívio, sucedem-se, alternando com a aprendizagem diária nas aulas, as conferências a cargo de especialistas: das literaturas (portuguesas, africanas, francesa, inglesa...), da linguística, da saúde física e mental às ciências do ambiente, à história (da arte, da economia, da ciência política nacional e internacional, de Almada...), os *workshops* sobre diversos temas de interesse prático.

As visitas de estudo da iniciativa dos professores têm levado os nossos estudantes do Minho ao Algarve e Ilhas Atlânticas, visitando e conhecendo a história, as culturas locais, os patrimónios artístico e paisagístico, os museus, as tradições locais, as pessoas. Ao longo destes 10 anos as visitas ao estrangeiro, nomeadamente aos países da Europa, têm-se sucedido ao ritmo de três ou quatro por ano: Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Holanda, Suécia, Noruega, Rússia, Finlândia, Bélgica, Polónia, Croácia, Eslovénia, Grécia, Roménia... foram alguns dos destinos, acompanhados por guias locais.

Merecem também destaque, pelo seu caráter de convívio e afeto, as cele-

brações anuais: A homenagem que no fim do ano os alunos e a Direção da USALMA prestam aos seus professores, em reconhecimento da sua dedicação e solidariedade; as atividades de encerramento do ano letivo: as exposições de artes plásticas e fotografia realizadas por cada turma de arte e a exposição coletiva que há quatro anos tem lugar na Oficina de Cultura, a convite da Câmara Municipal; o grande espetáculo que envolve todas as turmas, e respetivos professores, de Teatro, de Música, de Dança e de Poesia. Nos últimos anos tem sido realizado no Auditório Principal e sala experimental do Teatro Municipal Joaquim Benite, com lotações esgotadas e grande aplauso da assistência.

A USALMA

No movimento interuniversitário Sénior

Ao iniciar em 2004 o projeto da criação da Universidade Sénior de Almada contactamos com alguns dos projetos já então em marcha, nomeadamente com a Rede de Universidades de Terceira Idade (RUTIS), associação de apoio ao movimento sénior e solicitámos a inscrição como membro desta associação. Éramos então o n.º20 (hoje o número de Universidades Seniores ronda as trezentas em Portugal).

Participamos em iniciativas desta Associação tais como: Encontro anual da Rutis, o concurso “O saber não tem idade”, o encontro de teatro...

Em 2011, após alguns encontros de dirigentes de universidades seniores na zona da grande Lisboa e com o objetivo de realização de eventos que constituíssem momentos de encontro, convívios e partilha de experiência, convictos de que o movimento sénior de aprendizagem ao longo da vida crescerá tanto mais e ganhará credibilidade na medida em que sair do seu isolamento e se abrir à inovação, decidimos *criar O Núcleo de Academias do Universo Sénior - NAUS*.

Nos cinco anos de existência a associação NAUS já realizou:

- quatro Encontros de Teatro Sénior (três no Teatro a Barraca, com o apoio da atriz Maria do Céu Guerra, e um no Teatro da Academia Almadense);
- quatro Festivais de música (organizados pela Nova Atena – UTI de Linda a Velha, Oeiras);
- dois Encontros “O Fado e o Tejo” no estuário do Tejo, em passeio de barco;
- dois Encontros de Partilhas Poéticas no Dia Internacional da Poesia, organizados pela USALMA, no Forum Municipal Romeu Correia;
- quatro Encontros anuais: o primeiro em Estremoz e três na Serra da Estrela (Seia) juntando o convívio interuniversidades à descoberta do património natural e cultural da Serra.

Integram este núcleo 12 universidades das duas margens do Tejo, tendo a USALMA assumido a presidência da Direção.

Conclusão

Aqui deixo uma pálida imagem do que tem sido a vida duma instituição que, tendo nascido em 2005, dinamizada por motivações de ordem social, cultural

e solidária, cedo atingiu largas centenas de estudantes muito motivados e dezenas de professores muito qualificados, do professor catedrático ao formador profissional competente, unidos nas tarefas solidárias do trabalho voluntário.

A experiência da descentralização pelas escolas e instituições de cultura foi muito enriquecedora para a USALMA e para as escolas de acolhimento. A obtenção da nova sede em 2015, devida ao reconhecimento e apoio da Câmara Municipal de Almada, não pôs termo à descentralização, agora expressa na criação e dinamização de Polos, os quais com o apoio das Uniões das Freguesias do concelho, adquiriram nova dinâmica.

A entrada no 2.º ano com sede própria veio dar novo fôlego à instituição, enriquecendo o seu projeto trienal e abrindo-se à dinamização do espaço e ao acolhimento dos habitantes da Almada histórica.

Homenagem e Saudade

Termino exarando uma sentida homenagem a dois dos nossos melhores companheiros nestas jornadas de cultura e solidariedade. Refiro-me à Glória Peres e ao Feliciano Oleiro que em 2014 o vimos partir com grande pena. A saudade e o legado da sua sabedoria, dedicação e amizade permanecem como um património coletivo precioso.

A professora Maria da Glória Peres, docente do ensino secundário e superior, foi um elemento fundamental no grupo de trabalho que preparou a fundação da Associação de Professores e a criação do projeto da USALMA. O seu contributo como primeira presidente da Assembleia Geral da Associação e elemento dinamizador do grupo que estruturou a USALMA, participando na elaboração dos normativos e empenhando-se no convite dos docentes da Universidade Sénior, foi decisivo.

O professor António Feliciano Oleiro foi igualmente um elemento marcante na fundação tanto da Apcalmada como da USALMA. A sua participação nos trabalhos, com a sua palavra sábia, a sua bonomia conciliadora, constituíram um contributo e uma marca que muito dignificou a Associação e a Universidade. Durante cerca de 30 anos Delegado Escolar no Concelho de Almada, o seu prestígio e bom relacionamento com os responsáveis autárquicos e com os colegas, eram a prova do excelente trabalho desenvolvido nas escolas do 1º ciclo do concelho.

Como presidente da Apcalmada e 1.º Diretor da Usalma, tive como indefetível companheiro nas numerosas entrevistas com os responsáveis autárquicos do concelho e das então 11 freguesias, o Professor Oleiro, sempre recebido com simpatia e abertura colaborante. Nos 10 anos em que convivemos diariamente na antiga sede, criada 40 anos antes para sede da sua delegação escolar, o Professor Oleiro era o companheiro e o anfitrião de todos os associados a quem convidava com enorme simpatia e delicadeza para um cafezinho.

O legado precioso destes dois fundadores é o melhor penhor de longa vida e ação profícua, cívica e solidária da Associação de Professores de Almada e da sua Universidade Sénior.

Referências :

- Correio da USALMA, Órgão informativo e cultural da USALMA, n.ºs 0/1 a 41
Memórias e Futuro, revista cultural da APCA / USALMA n.ºs 1, 2 e 3.
Fernandes, Ernesto e Coelho, Nuno – separata - Um projeto inovador de associativismo

USALMA 10 Anos

Prof. Jerónimo de Matos

1. Memória

O dia 1 de março de 2005 merece destaque nos anais da Associação de Professores como o dia inaugural do seu projeto maior.

Pelas 15h00 teve início a Sessão Solene de Abertura do 1.º Ano Letivo da USALMA. Esta primeira Sessão Solene teve o melhor acolhimento da Direção da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (Monte da Caparica), que nos abriu o seu auditório grande, onde foram condignamente acolhidas as personalidades que constituíram a mesa da presidência da sessão: O Reitor da Universidade Nova de Lisboa, que presidiu, a Presidente da Câmara Municipal de Almada, o Diretor da FCT, o Presidente da Associação de Professores e Diretor da USALMA, a Diretora do Centro de Formação de Professores de Almada e orador convidado, Engenheiro Roberto Carneiro, antigo Ministro de Educação. Da assistência faziam parte cerca de 300 pessoas: professores, estudantes e amigos da instituição de ensino superior que então nascia.

Evoco com emoção esta efeméride, por ser o primeiro passo na caminhada de 10 anos que este ano letivo comemoramos e também para sublinhar o patrocínio auspicioso das personalidades presentes e a adesão entusiasta de professores e estudantes seniores, que pode sintetizar-se na apresentação comparativa destes dados:

1. **em 2005 – 32 professores e cerca de 300 estudantes;**
2. **em 2014 – 108 professores e 920 estudantes.**

Assinalo ao mesmo tempo a tradição, então inaugurada, que nos 10 anos seguintes se repetiu, na abertura de cada ano letivo, em diversas salas nobres de Almada: no auditório Fernando Lopes Graça, do Fórum Municipal Romeu Correia (três), no da Academia Almadense (três), no do Externato Frei Luís de Sousa (três); com representação, na mesa, da Presidência da autarquia, da Assembleia Municipal, das forças vivas da Cultura, sendo de justiça destacar os 10 oradores convidados para proferir a “Oração de sapiência”, pelo elevado nível das suas comunicações e o interesse e participação das numerosas assistências da comunidade universitária sénior e amigos, sessões que tiveram também, a partir do segundo ano, intervenções, de qualidade crescente, do Coro Polifónico da USALMA, dos seus agrupamentos musicais – Guitarras, Cavaquinhos e Tuna, bem como da turma Encontro com a Poesia.

Esta descrição, um pouco emotiva, não passa de um apontamento subjetivo,

pois não é o tempo nem o momento de fazer a história da USALMA, nem eu a pessoa indicada para realizar essa tarefa com a objetividade necessária porque, mergulhado na acção, desde os primeiros passos da criação até ao presente, falta-me o distanciamento e isenção que mesmo a pequena história exige.

Por outro lado, 10 anos, que na vida do homem marcam apenas a saída da idade infantil e entrada no ciclo de estudos que a sociedade moderna exige para plena participação cívica, tratando-se de instituições, assentes na solidariedade e no voluntariado dos responsáveis pela gestão e docência e no interesse e paixão pela aprendizagem da parte dos seniores, 10 anos, repito, são ainda tempo de crescimento e de evolução para a maturidade que se atinge com a exigência de qualidade, autorregulação e reconhecimento social e apoio institucional que favoreça o seu alargamento a todos os seniores interessados.

1. Presente e Futuro

O Ensino-Aprendizagem sénior em Portugal, em academias ou universidades seniores, é uma experiência relativamente recente que atingiu números surpreendentes na primeira década e meia do século XXI. Como exemplo deste surto de crescimento cito o caso da USALMA, que em 2005 era o n.º 20 das UTI inscritas na RUTIS e hoje (2015) estas já ultrapassam as 300, de norte a sul do país. É na verdade um fenómeno que surpreende e constitui, como alguém escreveu, um dos pilares da esperança nos tempos vindouros. É também um desafio à reflexão e aprofundamento das suas potencialidades científicas, culturais, cívicas e de saúde preventiva.

A USALMA, ao longo destes dez anos, procurou progressivamente criar estruturas organizativas e normativas assentes em princípios de participação democrática e de exigência cultural e científica, visando o respeito e a promoção cultural e cívica dos utentes e a credibilização externa. Foi neste sentido que, para complementar e aprofundar o trabalho da Direção e Coordenação, do Conselho Pedagógico, da Assembleia de Professores, da Assembleia de Delegados, da reunião Geral e do Conselho de Delegados se criou, há três anos, o Conselho Científico, composto pelos professores coordenadores de área disciplinar e por seis professores doutorados, e presidido por um professor catedrático jubilado. Ao Conselho Científico incumbe dar parecer sobre as propostas de novas disciplinas, novos professores e seus programas, promover e/ou apoiar a investigação científica, acompanhando todo o processo de ensino/aprendizagem da USALMA, no sentido da sua qualidade e credibilidade externa.

A USALMA realizou a sua actividade docente e de complemento cultural e social ao longo destes dez anos, de forma descentralizada, com o apoio de dez Escolas Secundárias e quatro Instituições de Cultura do Concelho de Almada.

Há três anos a Câmara Municipal, considerando o interesse público do trabalho realizado, em regime de voluntariado, pela Associação de Professores, nomeadamente no seu projeto maior aberto à comunidade, a USALMA, convidou-nos a concorrer ao QREN - Quadro de Referência Estratégica Nacional, para aquisição duma sede propícia a um trabalho mais abrangente e apoiado.

Apesar do recuo da dotação comunitária, a Câmara manteve a promessa, e a nova sede avança a bom ritmo, dando esperanças fundadas de nela abriremos o próximo ano letivo. A descentralização vai continuar, sobretudo nas freguesias mais distantes do centro, através dos Polos, aproximando esta oferta dos munícipes interessados.

Correio da Usalma, n.º 37, p. 3 e 4

A USALMA aos olhos e pelas palavras de Feliciano Oleiro

Prof. Edite Prada

Já não está entre nós. Mas a sua voz, o seu sentido de justiça, o seu juízo apurado, o seu companheirismo prevalecem. Recuperando as palavras deste meu (nosso!) amigo o trago, hoje, para a tribuna que merece e na qual gostaria de estar! Homenageamos a USALMA e, com ela, toda a Comunidade, todos os que, voluntária e graciosamente, a ela se entregam com um sentido de missão e de dever a cumprir, de sonho a realizar, de obra a fazer.

Criada a Associação, foi ponto assente de que devia conter uma vertente cultural e solidária. Obedecendo a esta convergência de vontades em que estiveram implícitos avanços e recuos, próprios de projetos arrojados, a APCA criou a Universidade Sénior de Almada (USALMA) logo no segundo ano de vida. Em obediência à verdade da minha análise e como testemunha presencial, ousou afirmar que a USALMA emergiu no percurso da Associação qual Joia da Coroa, passe a metáfora.

A Câmara Municipal de Almada, sempre atenta e como cidade educadora que é, tem acarinhado este projeto desde a primeira hora.

Dada a atual visibilidade da USALMA, dispenso-me de mais comentários por entender que num trabalho de grupo todos os esforços são válidos e jamais deverão ser individualizados quaisquer subsídios carreados pelos seus elementos. Não obstante a minha análise, e consciente de que nem tudo é pacífico na vida, não ficaria bem comigo próprio se omitisse aqui o nome do presidente da direção da Apcalmada, professor Jerónimo Augusto Guerra de Matos, igualmente diretor da USALMA, pelo facto de se tratar de uma iniciativa de que a Associação de Professores muito se orgulha.

Foi na realidade o professor Jerónimo de Matos o mentor desde projeto, assente em bases solidárias, o que permitiu a sua posterior constituição em IPSS.

Registo este sublinhado com a independência que me confere o tempo que levo de participação na área educativa em Almada, acrescido o facto de ter acompanhado muitos passos que têm sido dados no sentido de manter atuante este projeto solidário. Repetindo uma expressão que tenho usado e da qual tenho abusado,

comento novamente: tenho sido testemunha presencial desde a primeira hora.

A USALMA é hoje um centro gerador de energias que se revê na participação dos cerca de oitocentos alunos, à conquista duma vida ativa conducente a melhores condições de saúde.

Obrigada, Oleiro! Se pontes há entre os espaços que preenchamos, hoje sabes que estás aqui. Também!

Correio da Usalma, n.º 37, p. 4

USALMA: dez anos em números

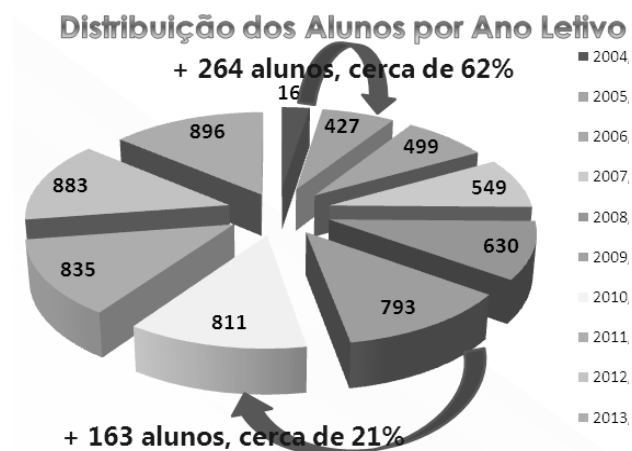
Prof. Armando Napoleão

Os dados que contam, através dos números, alguma história destes dez anos de existência da USALMA têm sido recolhidos e estão a ser tratados e atualizados numa Base de Dados.

A análise que agora se apresenta incide num intervalo de dez anos, mais precisamente entre os anos letivos de 2004/2005 e 2013/2014. Por esse motivo, os alunos que entraram no ano de 2014/2015 não foram objeto deste estudo.

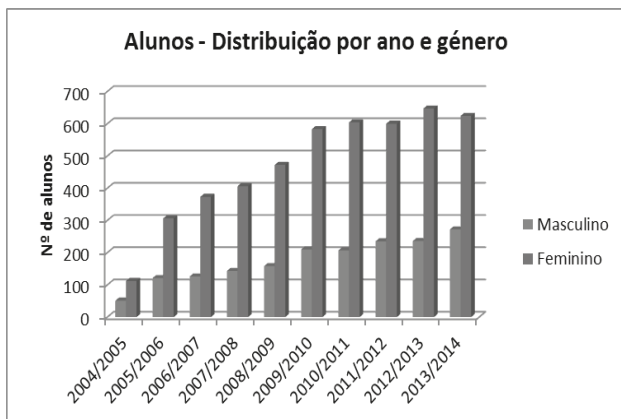
No primeiro gráfico observa-se a distribuição e constante **evolução dos alunos por ano letivo**. Podemos afirmar que o crescimento da USALMA em número de alunos tem sido constante ao longo dos 10 anos. Este crescimento teve uma maior relevância nos anos letivos de 2005/2006 (portanto e também em 2010/2011).

Gráfico n.º 1



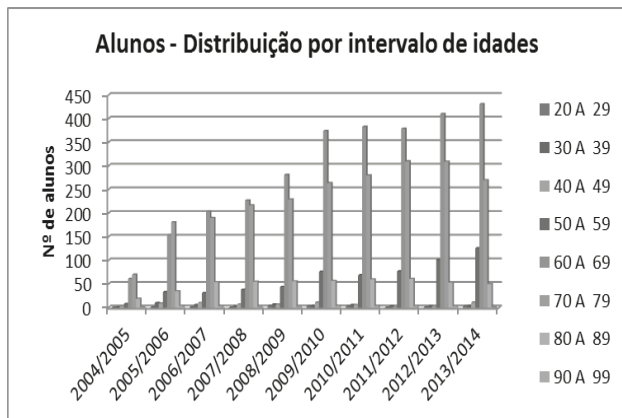
Na distribuição do número de alunos por Ano/Sexo é evidente a superioridade do número de alunos do sexo feminino, ao longo dos anos.

Gráfico n.º 2



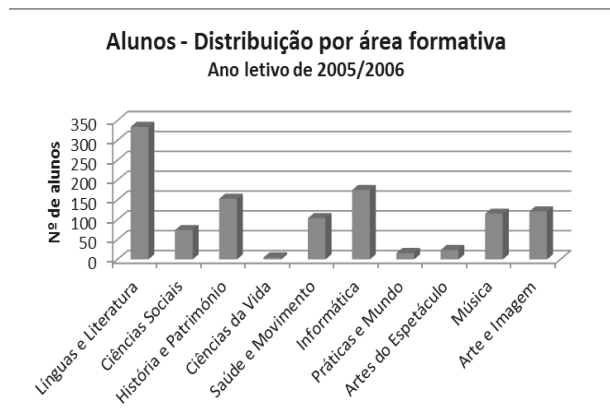
Também é possível ter uma perspetiva do nosso **público-alvo**. Olhando para o gráfico seguinte podemos afirmar que os nossos alunos abrangem quase todas as faixas etárias. A amplitude de idades vai dos 20 aos 99 anos. Todavia, as **faixas etárias mais representadas** no nosso universo situam-se entre os 60 e os 69 anos. Salienta-se também o facto de existirem alunos com idade igual ou superior a 90 anos.

Gráfico n.º 3



Analisámos ainda a **evolução do número de disciplinas** ao longo dos 10 anos de existência da USALMA e verificámos o crescimento das áreas formativas para mais do dobro no 2.º ano, tendo ocorrido um novo crescimento em 2009/2010 e em 2011/2012.

Gráfico n.º 4



As **áreas formativas** estão organizadas por subáreas e estas por sua vez por disciplinas, numa organização funcional que não corresponde, necessariamente, à organização de áreas de saber em outros espaços. Terminamos com um gráfico onde se podem ver todas as áreas formativas em oferta na USALMA, no ano letivo de 2013/2014.

Correio da Usalma – Um pouco de História

*Maria Irene Almeida, José Luís Carvalho e
Joaquim Santos da Silva*

Numa tarde de Outubro do ano de 2005, depois de terminada uma aula de História de Arte na Escola Emídio Navarro, juntou-se à saída um grupo de alunos e o professor da disciplina, Dr. Jerónimo de Matos, Presidente da Direcção da Usalma. O Professor reiterou o apelo para que os alunos participassem na elaboração do órgão informativo da Universidade, elemento muito importante, referiu, na troca de informação, de conhecimentos, de ideias, de diálogo entre todos os membros da comunidade universitária.

A Usalma havia começado a sua actividade lectiva em 18 de fevereiro do mesmo ano. Em Maio havia sido publicado o Número Zero do “Boletim informativo” com duas páginas que, entre outros assuntos, relatava a abertura solene da Universidade em 1 de março, no Grande Auditório da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (Monte de Caparica). Nesse evento, foram vários os oradores, entre eles o magnífico reitor da Universidade Nova. A oração de sapiência foi proferida pelo Prof. Dr. Roberto Carneiro.

Entre os elementos do grupo de alunos atrás referido, encontravam-se Maria Irene Almeida, Joaquim Santos da Silva e José Luís Carvalho. O Professor terá entendido que aqueles elementos poderiam dar um contributo útil para o desenvolvimento do órgão informativo da Universidade. A continuação da conversa foi nesse sentido.

Manifestámos o facto de não termos experiência nessa área, mas acabámos por vir a fazer parte da equipa redactorial do primeiro *Correio da Usalma*, publicação que se seguiu ao Número Zero acima referido. Àqueles elementos juntou-se Manuela Richter, sendo coordenador Joaquim Silva. Como director, o Presidente da Direcção da Usalma, Dr. Jerónimo de Matos.

O Director traçara já no Número Zero (“que aspirava apenas a ser sinal de partida”) as grandes linhas de orientação: “informação com rigor, criatividade sem dependência ideológica ou política, perseguindo a qualidade, participação no debate de questões que interessam às comunidades universitária, urbana, nacional, europeia e mundial”. Identificámo-nos plenamente com esta orientação.

Pôs-se então a questão do nome para o órgão de informação da Universidade Sénior. Surgiram várias hipóteses, acabando a Direcção e Redacção por escolher “*Correio da Usalma*”, cujo primeiro número foi editado em Dezembro de 2005, passando a ser uma publicação bimensal.

No número 1 (totalmente a preto e branco) foi publicado um resumo do Estatuto Editorial, que englobava os princípios acima referidos. A nossa acção procurou reger-se sempre de acordo com o estabelecido no Estatuto

Redactorial. Podemos dizer, também, que trabalhámos com entusiasmo e demos o nosso melhor para o desenvolvimento do “Correio da Usalma”, bem como procurámos que a sua edição se verificasse de acordo com a periodicidade prevista.

A questão de edição a cores pôs-se desde o início, dadas as implicações nos seus custos. O número 2 saiu com algumas partes a cores, o que veio a intensificar-se a partir do número 12 (Fevereiro de 2008). Um outro assunto a resolver era a distribuição; inicialmente foi distribuída pelos delegados de turma, mediante um pagamento simbólico de 20 cêntimos. Mais tarde o seu custo foi integrado nas propinas.

A partir de 2014, o “Correio da Usalma” passou a ter, também, edição electrónica. Da equipa redactorial inicial, apenas se mantém Joaquim Silva.

Correio da Usalma, n.º 37, p. 5 e 6

A quem tem a arte de aprender

Prof. Maria José Januário

Ao contrário da arte de ensinar, difícil de alcançar e consubstanciada em teorias, métodos e debates, a arte de aprender surge naturalmente em quem não desiste de prolongar o prazer da descoberta do conhecimento ao longo da vida: os meus alunos da USALMA.

Ensinaaram-me muito mais do que estava à espera e marcaram-me para sempre pela mudança que esta experiência operou em mim, professora do ensino secundário. Os meus alunos seniores tornaram-me especial em cada aula, pela atenção e sorrisos devolvidos, demonstraram-me quão útil e preciosa era a proposta de estudo e como uma aula fica com mais sentido quando todos interagem com as suas diferentes vivências.

E uma pequena história “às avessas” fica viva na minha memória.

Quando descrevia o meu mundo às minhas colegas, iam dizendo que o meu mundo estava ao contrário, já que não era eu, professora, a querer dar as minhas aulas, eram os alunos a pedirem as lições; não era eu a motivá-los para a aprendizagem, eram eles que me motivavam sempre a querer fazer melhor; não era eu a relacionar a matéria com a experiência, eram eles a transmitirem-me lições de vida; não era eu a provar-lhes quão importante é o exercício da cidadania e dos valores, eram eles a manifestarem a amizade e o respeito pela individualidade de todos. No fundo, conseguíamos a fruição da partilha das palavras, das ideias e das emoções.

- Estás a inventar pois tal escola não existe! Esse mundo é imaginário por ser demasiado perfeito.

E eu reafirmei que existia mas só era concedido a alguns... Aos meus inesquecíveis alunos seniores da USALMA.

Correio da Usalma, n.º 37, p. 6

USALMA: Dez anos depois

Aluna Rosa Maria Lajas Pereira

Com o tempo de ócio dourado
Já mesmo quase a chegar,
Um íntimo sonho despontado:
Voltar de novo a estudar!

Tanto trabalho, tanta viagem,
Tanta festa e conferência,
Tanto diálogo, camaradagem,
Tanta lição com ciência!

Mas o quê, quando e como,
Agora já nesta idade?!
Eis quando tu apareces,
Usalma, Universidade!

Do social ao científico,
Tens atuado com mestria,
Da arte às línguas, ao teatro,
Com muitos chás com poesia!

Corro a abraçar-te de mansinho,
Sem fazer barulho algum,
E tu dizes-me com carinho:
_“És a aluna número um!”

Agora, já és Menina
Da estirpe da realeza,
No ensinar és rainha,
Das Universidades princesa!

Foste desejada e amada,
Com pompa na inauguração!
Tanto amor ainda transborda
Fundo em nosso coração.

Continuas a preencher
Os anseios da nossa alma,
Somos teus e tu és nossa,
USALMA sempre....
Sempre...USALMA...!

Foste crescendo e cumprindo
A tua nobre missão,
Foste ensinando e aprendendo,
Com dádiva e dedicação!

Correio da Usalma, n.º 37, p. 7

Parabéns, USALMA!

Prof. Teodolinda Silveira

47

Sou membro da Associação de Professores do Concelho de Almada, mas não tive o privilégio de participar no percurso que levou à construção da USALMA!

Por isso, no momento da comemoração do seu 10.º aniversário, não quero deixar de prestar a minha homenagem ao grupo de professores e estudantes, que, duma forma entusiasta e desinteressada, ofereceram à cidade de Almada este importante projeto, cujas vertentes cultural e solidária todos reconhecem e que faz jus ao seu lema "Aprender é viver melhor".

Permitam-me que de entre todos me refira, com a maior ternura e sauda-

de, ao nosso querido companheiro Feliciano Oleiro, que desde o início abraçou este sonho. A sua sabedoria do mundo, a sua inteligência social, o seu sentido de justiça, o sua extraordinária vivência cívica, foram, certamente, determinantes no caminho de sucesso da USALMA.

Neste momento de celebração, e como membro da atual direção da Apcalmada/USALMA, só posso sentir um enorme orgulho em poder dar o meu contributo a este projeto de cidadania partilhada, assumindo o compromisso de lhe dar continuidade, de o ajudar a crescer, para que possa ser, cada vez mais, uma mais-valia na qualidade de vida dos seniores almadenses.

Parabéns, USALMA!

Correio da Usalma, n.º 37, p. 7

USALMA 10 anos: quebrar barreiras

Aluna Ana Maria Teixeira Andrade

Parabéns, USALMA, pelo 10.º aniversário! Vou tentar simplesmente dar a minha opinião sobre esta iniciativa, não sei se irei ao encontro dos vossos objetivos, mas vou dizer o que penso.

Quebrar barreiras não é fácil, nem é, simplesmente, escrever no papel ou dizer que vou “fazer”, vou “conseguir”, talvez amanhã ou depois, logo vejo. Enfim, uma infinidade de explicações e até justificações para fugir a um objetivo que a pessoa quer atingir, mas há barreiras e medos para ultrapassar e nem sempre o tempo serve de desculpa, tem de haver uma força intrínseca e muita coragem... Eis que veio o momento de decidir, porque depois há um desconforto entre o passado e o futuro. Quebrei, consegui... e a vida surge muito mais bonita, leve e alegre como um dia de Primavera, e ficamos livres para avançar.

A USALMA nasceu para ajudar e tem sido um pilar para dar continuidade e novas perspetivas às pessoas que querem sentir-se sempre ativas, a realizar sonhos nunca antes conseguidos e impossíveis, por razões várias, sendo elas de natureza pessoal, familiar e social.

Todos somos diferentes, ninguém sabe tudo, e cada um escolhe a área disciplinar onde se sente melhor.

Estamos juntos para aprender e passar umas horas diferentes. No conjunto, somos uma turma, um grupo de pessoas, que se encontram semanalmente, se entretêm, convivem e criam amizades.

Parabéns, USALMA, és e tens sido a ponte necessária entre o passado e o futuro.

Correio da Usalma, n.º 37, p. 8

Jogos Florais da Apcalmada-USALMA

Prof. Edite Prada

Pelo décimo aniversário de funcionamento da USALMA - Universidade Sénior de Almada, muitas são as iniciativas em que as diversas áreas disciplinares se têm envolvido. A área de Língua e Literatura Portuguesas, por sugestão da professora Edite Condeixa, decidiu lançar um concurso de Jogos Florais.

Conscientes de que as iniciativas se tornam mais nossas e mais fortes se lhes dermos voz e as divulgarmos, escolhemos como tema agregador «derrubar barreiras», sejam elas interiores (solidão, timidez...), arquitetónicas, linguísticas, sociais, económicas, culturais, de comunicação, de integração, de saúde... como forma de dar realce à temática do projeto internacional PLALE - *Playing for learning* e ao próprio projeto.

O nosso desafio deu origem a 28 textos, de que foram extraídos cinco, por não cumprirem alguns aspetos do regulamento. O júri, constituído por Eunice Figueiredo, diretora da Biblioteca Municipal de Almada (presidente), Adelaide Silva, diretora do Centro de Formação de Professores AlmdadaForma e Alexandre Cerveira, Presidente do Conselho Científico da USALMA, apreciou 23 textos, tendo concluído que, na generalidade, eram textos com muita qualidade e que mereciam, todos, ser publicados.

Os premiados nos jogos florais são:

Poesia

1.º prémio - José Manuel de Jesus Monteiro; USALMA

2.º prémio - António Luís Pinto da Costa; Univ. Sénior do Seixal (UNISSEIXAL)

3.º prémio - Maria Francisca Viegas São Bento; UNISSEIXAL

Menção honrosa - Celeste Maria da Silva Avó Charneca; Univ. Sénior de Évora

Conto

1.º prémio - Maria Antónia Conceição Jacinto; Apcalmada

2.º prémio - José Manuel de Jesus Monteiro; USALMA

3.º prémio - Elena de Oliveira David; Apcalmada

Menção honrosa - António Maria Tomás; USALMA

Testemunho/história de vida

1.º prémio - Maria Antónia Conceição Jacinto; Apcalmada

2.º prémio - Maria Luísa Vieira Elvas da Silva; USALMA

3.º prémio - M.^a Vitória Eduardo Afonso; UNISSEIXAL

Opinião

Menção honrosa - António Luís Pinto da Costa; UNISSEIXAL

Tendo em conta a observação do júri, referida acima, a Apcalmada decidiu

- graças ao trabalho do Grupo Editorial, cujo «núcleo duro» é composto por Ernesto Fernandes, coordenador, Edite Prada e Joaquim Ribeiro - dar forma monográfica aos 23 textos apreciados, que integrarão a monografia editada sob o título *Rio das Palavras*, que também surgirá por estes dias de festa e comemoração... os que não foram avaliados pelo júri serão divulgados durante 2015, no *Correio da USALMA*.

E, também desta forma, a temática «derrubar barreiras» se alarga, nos absorve, nos convence a continuar, nos faz viver melhor, aprendendo e participando, dando sentidos novos à cidadania ativa.

A todos os que participaram, o nosso obrigado e os nossos parabéns pelo trabalho realizado!

Correio da Usalma, n.º 37, p. 9

AMOR é o caminho

Prof. Adelaide Silva (elemento do Júri)

O Concurso *Derrubar Barreiras*, concebido no âmbito do plano de atividades da Apcalmada-USALMA, contribuiu de forma excelente para a afirmação positiva da necessidade, interesse e oportunidade de desenvolver novas vias de comunicação, promotoras de interação, reflexão, participação e intervenção, a nível pessoal e coletivo, neste Tempo carente de pensamento que seja inspirador, vital.

Este concurso permitiu criar um novo espaço de dizer e pensar, novos desafios para escrever, escrever-se, escrevendo-se.

As modalidades textuais de referência são as mais nobres, como o conto, o testemunho, a opinião e a poesia. Formas de expressão significativa do mundo pessoal, sem idade, por via da palavra, do sentimento, das vivências, segundo o modo de ver e ler criticamente a vida. A partir de escrita autobiográfica, poética, ficcional, se revelam fortes consciências, sublimes mensagens, infinitas possibilidades de ser, de refletir sobre a mudança que queremos ver no mundo.

50 *Derrubar Barreiras* concorre significativamente para a evolução das mentalidades, dos valores, de tolerância, da compaixão, da elevação do homem, esse ser em permanente perfectibilidade...

Derrubar Barreiras impõe-se neste Tempo estranho, conturbado, violento, injusto e desigual a que pertencemos e nos deve fazer escrever AQUI E AGORA em todas as linguagens, com traços, sons, ações, a mensagem *O AMOR é o caminho....*

O júri, em trevo, com cuidado e dedicação, teve a sorte e a honra de viver e sentir profundamente as histórias de vida dos escreventes, uma excelente forma de procurar e encontrar sentidos existenciais.

Rio das Palavras : apresentação

Dra Eunice Figueiredo

O Júri dos Jogos Florais, Fernanda Eunice Figueiredo, Prof. Alexandre Cerveira, Presidente do Conselho Científico da USALMA, Adelaide Paredes, diretora do Centro de Formação de Professores de AlmadaForma, agradece o convite dirigido e expressa o quão gratificante foi realizar este trabalho, pela qualidade e diversidade dos textos, e pelo privilégio de termos colaborado com a prestigiada USALMA.

Os Jogos florais promovidos pela USALMA em 2014, com a finalidade de assinalar o décimo aniversário, tiveram grande adesão de alunos e professores, não só da USALMA como também de outras universidades seniores (23 concorrentes). Felicita-se a USALMA pela iniciativa, destacando a área disciplinar de Língua e Literatura Portuguesas nas professoras Edite Condeixa e Edite Prada, responsáveis pela organização do concurso, contando também com o apoio imprescindível dos serviços administrativos da Apcalmada. Felicita-se também a USALMA por ter decidido promover mais esta iniciativa editorial, ao editar o livro *Rio das Palavras*, permitindo assim que os textos que concorreram aos jogos florais fiquem disponíveis para viajarem pelo mundo sem barreiras, e os sentimentos, emoções, memórias que transportam possam chegar aos amantes da leitura, enriquecendo as vivências do quotidiano.

O tema *Derrubar Barreiras*, sejam estas pessoais ou sociopolíticas, foi razoavelmente seguido pelos concorrentes, destacando-se a qualidade dos trabalhos apresentados, que se situou entre boa e, em alguns casos, excelente, o que levou o júri a considerar que todos os trabalhos deveriam ser editados, surgindo assim o livro *Rio das Palavras*, que hoje estamos aqui a apresentar, bem como entendeu que a iniciativa deveria ter continuidade.

Segundo o Regulamento do concurso, as modalidades a concurso foram: poesia, texto de opinião, testemunho/experiência vivida e conto. O livro está assim organizado de acordo com estas modalidades, e dentro de cada modalidade os textos são apresentados de acordo com a avaliação que o júri fez, surgindo sempre em primeiro lugar os três vencedores de cada categoria, sempre que estes lugares foram atribuídos. Assim, I parte, Poesia (10), II parte, Conto (8), III parte, Testemunho/História de vida (3), IV parte, Texto de Opinião (1). Aos 14 jovens que nos brindaram com a sua escrita, o nosso obrigado, pois sem a sua iniciativa não estaríamos aqui hoje, e também as nossas felicitações, em particular aos premiados.

Um destaque especial para a capa da autoria de Iria Martins, trabalho vencedor do concurso nacional para o logotipo do projeto PLALE, *playing for learning*, no qual a USALMA participa, e que teve como motivo a representação pictográfica das emoções através das cores.

Uma palavra também de destaque para quem organizou esta monografia, Ernesto Fernandes e Edite Prada, quem assegurou a revisão de textos, Ernesto Fernandes, Edite Prada e Elena David, e quem foi responsável pela capa, conceção gráfica e paginação, Joaquim Ribeiro.

Sobre o conteúdo deste livro, os textos revelam uma abordagem variada e imaginativa do tema *Derrubar Barreiras*, tendo coberto não só as barreiras entre gerações, mas também as da diferença, da iliteracia, da opressão, da velhice, das sequelas da guerra, do isolamento. A partir da escrita autobiográfica, poética, ficcional, os textos revelam fortes consciências, sublimes mensagens, infinitas possibilidades de ser, de refletir sobre a mudança que queremos ver no mundo.

Num tempo conturbado, violento, injusto e desigual em que vivemos, a palavra escrita que este livro nos apresenta, reflexo de múltiplos olhares e sentires, é uma forma de procurar e encontrar sentidos existenciais. Com este *Rio das Palavras*, é com a palavra escrita que olhamos a diferença que com urgência devemos aceitar. Com a palavra, cada primavera é memória de “quando um cravo rompia de vermelho acetinado”, e é também “acreditar acima de tudo no Amor, que derruba barreiras e preconceitos e constrói pontes”. Com a palavra “é urgente caminhar e abater barreiras, que o interesse e o medo artificialmente ergueram aqui e ali, em muito lugar”. Com a palavra, escreve-se aqui e agora, que a diferença é ultrapassada quando o amor vence, e que a Tartaruga e a gaivota “nunca mais se cansaram de voar juntos, alegremente, em bando...” ou seria nadar, em cardume?! Com a palavra fala-se do “sofrimento dos inocentes que todas as guerras provocam”, da infância e de um avô que procurava “um mundo sem presidências, feito de casas cheiinhas de mesas redondas”. Com a palavra conhecemos Tomasino, que desde a juventude vai derrubando as barreiras que o impedem de chegar ao conhecimento, e que na USALMA, fonte de conhecimentos universais, “aprendeu que o nosso cérebro não envelhece precocemente se continuarmos renovando conhecimento, estimulando, assim, o funcionamento e multiplicação das células” e aqui concretiza o principal objetivo de vida: o derrube da barreira face ao conhecimento universalista.

52

Neste *Rio das Palavras* navegamos e nelas encontramos o sentido que a nossa vida lhes dá. Um sentido que é construído com os outros, e que neste caso o é com aqueles que escreveram estas palavras e quiseram partilhá-las connosco.

Como diz o poeta José Manuel Monteiro no seu poema *Pela escada do tempo*:
Subindo a escada do Tempo
Será que cheguei ao fim? Não!

É convicção do júri que estes Jogos Florais criaram um novo espaço de dizer e pensar, novos desafios para escrever, escrever-se, escrevendo-se.

USALMA: comemorando com o olhar em frente

Prof. Edite Prada

As comemorações dos dez anos de atividade da Usalma ao serviço da Comunidade tiveram o seu ponto alto no dia 28 de fevereiro de 2015.

Com o Auditório Lopes Graça completamente cheio, estiveram presentes diversas individualidades, em representação da edilidade, algumas ligadas à USALMA desde o início, como é o caso do Presidente da Assembleia Municipal de Almada, José Manuel Maia, e do Vereador da Educação, Cultura, Desporto e Juventude, António Matos, que, na sua apresentação recordaram essa ligação e testemunharam o crescimento da USALMA enquanto instituição de boa vontade, entrega e serviço à Comunidade.

Esteve também presente o Bispo de Setúbal, D. Gilberto, que deixou os seguintes desafios em forma de pedidos à USALMA:

Que ajudemos todos:

- a) a viver melhor;
- b) a fixar-se no essencial;
- c) a romper a cadeia da indiferença;
- d) a enriquecer a nossa cultura;
- e) a dar à vida o sentido da alegria e da esperança.

Em representação da USALMA, além de elementos da direção, pudemos ouvir alunos (aluna n.º 1, Rosa Pereira, e o representante do Conselho de Delegados, João Cebola) e professores (Alexandre Cerveira, presidente do Conselho Científico).

A oração de sapiência, subordinada ao tema *Nascimento e Desenvolvimento das Universidades Seniores: Vantagens para a Comunidade Sénior*, esteve a cargo do Dr. José António Freitas Campos, tendo focado estudos que revelam que este tipo de instituições aumenta a qualidade de vida do sénior. Estabeleceu, além disso, um paralelo entre três instituições, sendo uma delas a USALMA.

Foram ainda entregues os prémios aos concorrentes dos Jogos Florais da Apcalmada-USALMA, organizados como forma de homenagear a Instituição e dar destaque ao tema aglutinador do PLALE, projeto internacional em que a USALMA está envolvida.

As turmas de música e de poesia da Usalma estiveram presentes. O Coro Polifónico iniciou as atuações e a Tuna encerrou-as. Pelo meio ouvimos os dois grupos de Cavaquinhos, o Ensemble de Guitarras e o grupo Encontro com a Poesia. Em todos foi evidente a vontade de servir e o prazer de partilhar!

A terminar, cantaram-se os parabéns, saboreou-se o bolo de aniversário e o moscatel de honra.

Relacionados com este tema poderá ler-se neste boletim o testemunho do representante do Conselho de Delegados e o texto de apresentação do friso cronológico que organiza e disponibiliza online os eventos mais marcantes dos dez anos da USALMA.

As palavras do Conselho de Delegados

Aluno João Cebola

Ilustres membros da mesa, caros professores e colegas, minhas senhoras, meus senhores.

Fui nomeado pelo Conselho de Delegados da USALMA para representar os estudantes da mesma na sessão comemorativa do seu décimo aniversário.

Assim, quero expressar os nossos sinceros parabéns à Usalma, na pessoa do seu Diretor, Professor Jerónimo de Matos, bem como à Associação de Professores do Concelho de Almada, na pessoa da sua Presidente, professora Maria de Lourdes Albano.

Bem hajam por tudo o que têm feito pela população sénior do Concelho de Almada neste últimos dez anos.

Em boa hora a Apcalmada fundou esta Universidade para que a população sénior não ficasse isolada e inativa, oferecendo-lhes uma vida ativa e o convívio salutar entre todos.

Esperamos que a USALMA continue por muitos e bons anos a ajudar os seniores a manterem uma vida ativa.

Obrigado.

Friso Cronológico: Eventos da USALMA

Alunos Helder Assunção e Orlando Assunção

Sr. Presidente da USALMA, Sr. Vereador da Cultura, minhas Senhoras e meus Senhores,

No final do ano letivo de 2014 foi eleito na disciplina de informática o tema “Eventos da Usalma” para o programa informático *Dipity*, uma aplicação que permite a criação e publicação na internet de linhas do tempo interativas e que foi ensinado pela Prof. Domitila, em virtude de haver um tempo da história (2005 a 2014) em que os importantes eventos da USALMA não se encontravam disponíveis no seu sítio, criado só em 2014.

Com grande entusiasmo, contagiou alguns dos seus alunos para fazerem parte duma equipa que reunisse, com recurso à Internet, ou por outros meios, elementos que pudessem enriquecer aqueles que até à data estavam na posse da Universidade. Para isso tínhamos de pesquisar, caso não existisse, a melhor foto do orador, e informação para complementar, nomeadamente, atividades, universidade, livros e vídeos sobre o tema abordado.

Fomos contagiados pelo entusiasmo. Deu-nos trabalho, bastante trabalho, mas, sempre motivados pela nossa professora, e mesmo de-

pois de termos terminado o ano letivo 2013/2014, continuámos a pesquisar e a recolher elementos. Foi com satisfação que demos a nossa contribuição. Esperamos que o nosso trabalho tenha sido de alguma forma útil.

Em dez anos de atividade, muitos foram os colóquios e as conferências e outras atividades promovidos por esta Universidade e, por isso, houve a necessidade de reunir de forma ordenada, num único trabalho, referências aos oradores e aos assuntos abordados, ou a outros eventos descritos.

O que foi introduzido até aqui é um ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho, para o qual se esperam contribuições, através de textos e fotos que, enriqueçam, especialmente por parte dos intervenientes, que encaminharão esses contributos para os Serviços da USALMA.

Esta plataforma está disponível na NET e tem aplicações individuais e familiares de grande utilidade, guardando factos, fotos e datas que já não memorizamos com a facilidade de antigamente. É gratuita, e consiste numa organização de linhas do tempo, que permite inserir textos, imagens, vídeos e ligações para outros sítios com mais informação.

A informação sobre a USALMA pode ser consultada em: <http://www.dipity.com/usalma/Eventos-da-Usalma/>

Os eventos registados podem ser vistos com recurso a um dos seus quatro modos de visualização:

- 1 - Modo cronograma - *Timeline* (friso cronológico);
- 2 - Formato de Lista - *List* (lista com descrição);
- 3 - Modo de Livro - *Flipbook* (imagens destacadas);
- 4 - Modo de mapa, que é interessante quando incluímos a localização de qualquer acontecimento.

Sede da Apcalmada-USALMA: lançamento da 1.^a pedra

55

Prof. Jerónimo de Matos

Constituiu um momento festivo, a que a Câmara Municipal de Almada emprestou solenidade e participação ao mais alto nível, o lançamento da primeira pedra da requalificação do edifício da antiga Sociedade Cooperativa Almadense para a sede da USALMA.

Presentes a Presidente da Câmara, Vereadores Diretores municipais, gabinete de arquitectura, presidentes das juntas de freguesia, corpos sociais da

Associação de professores e da USALMA e larga representação de professores e estudantes desta instituição de ensino sénior.

“Este é um momento de grande emoção, pelo que representa, pelo caminho que fizemos”, sublinhou a Senhora Presidente da Câmara, Maria Emília de Sousa, que desde a sua criação em 2005 considerou a Universidade Sénior um projeto concelhio que se insere nos objetivos de Almada cidade Educadora e do Conhecimento, oferecendo a todos os seniores interessados oportunidades de aprendizagem, convívio, valorização pessoal e participação cívica ativa.

Jerónimo de Matos, Diretor da USALMA, considerou a nova sede “um desafio e uma responsabilidade que os corpos sociais da Associação de Professores assumem, de fazer da Universidade Sénior uma instituição de referência pela qualidade e pela dinâmica de crescimento, motivados pelas novas condições de espaços e recursos disponíveis no edifício requalificado”.

O Diretor da USALMA manifestou, em nome dos corpos sociais da Apcalmada e dos professores e estudantes da USALMA, o regozijo de todos e a gratidão ao executivo autárquico, na pessoa da Presidente, pelo empenhamento em proporcionar melhores condições de funcionamento, saudando ainda os autarcas presentes, os arquitetos do gabinete de arquitetura da Câmara, os Diretores municipais que acompanharam com grande empenhamento a elaboração dos projetos, sendo justo destacar o Dr. Domingos Rasteiro e a Dra. Paula Sousa.

A Presidente da Apcalmada, Maria de Lourdes Albano, destacou a boa estratégia governativa da Câmara Municipal que “atribui valores a todas as idades e a todos os processos de aprendizagem, em prol da educação e formação ao longo da vida”.

O Presidente da Junta de Freguesia de Almada congratulou-se também com este novo equipamento de cultura, que vem dar vida a um edifício devoluto e mais movimento à Almada histórica.

Pedi ainda a palavra um estudante, que se congratulou com as novas condições de aprendizagem e de convívio.

A assinalar de forma original o início de requalificação do edifício, oito personalidades da Autarquia e da Associação de Professores foram convidadas a inscrever uma breve mensagem num painel que será reproduzido em azulejo no átrio do edifício.

- *APCA/USALMA Cidadania ativa*; Jerónimo de Matos, Diretor da USALMA;
- *Fazer acontecer, sendo...*; Lourdes Albano, Presidente da Associação de Professores do Concelho de Almada;
- *Sonhos generosos enobrecem o amanhã*; Feliciano Oleiro, antigo professor do ensino básico do concelho de Almada;
- *Aprender sempre... horizontes de liberdade!*; Fernando Mendes, Presidente da Junta de Freguesia de Almada;

- *Juntas/os sonhamos, agimos, transformamos!; Amélia Pardal, Vereadora do Urbanismo;*
- *Aprender, aprender sempre, desde a alvorada até ao outono da vida; António Matos, Vereador da Ação Sociocultural;*
- *O estimular a partilha de saberes. O empenhamento municipal, a obra e o feito; José Maia, Presidente da Assembleia Municipal de Almada;*
- *Com este poder local sonhamos e construímos com todos! Para todos! Abril sempre!;*

Maria Emília de Sousa, Presidente da Câmara Municipal de Almada,

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 24

Hino à USALMA!

Prof. Feliciano Oleiro

USALMA! Nascestes no momento certo.
No lugar certo.
Funcionas em espaços certos
Sustentam-te cem professores.
Animam-te mil vontades.
És apoiada pelo poder local democrático.
Tens garantido longo e auspicioso futuro.

Profalmada, n.º 30, p. 12

Inauguração da nova sede da Apcalmada-USALMA

Prof. Jerónimo de Matos

O dia 10 de outubro, data da inauguração da nova sede, tem lugar destacado na história da Apcalmada-USALMA. Foram anos de espera, em que as circunstâncias do processo político português, de crise e austeridade, pareciam não ter fim, não fosse a coragem política da Presidente cessante, D. Maria Emília da Sousa, e a decidida vontade de honrar compromissos do atual Presidente, Dr. Joaquim Miguel Judas, para os quais aqui deixamos palavras de apreço e reconhecimento.

Foi, pois, com a alegria de quem muito esperou e o entusiasmo de quem vê abrirem-se novas perspectivas a uma instituição de cultura que vive da vontade de aprender e de participar civicamente ao longo da vida e do voluntariado generoso e empenhado, que vimos chegar este dia e o festejamos com a merecida dignidade.

Pelas 15h00, na presença de centenas de professores, estudantes, convidados e amigos, o Sr. Presidente da Câmara descerrou a lápide inaugural, onde, além da nova função do edifício se recorda a anterior.

Seguiu-se a sessão solene, aberta pelo diretor da USALMA, que referiu o longo processo do projeto, desde o concurso europeu patrocinado pela Câmara Municipal de Almada e que venceu na rubrica do Quadro de Referência Estratégica Nacional - QREN «Revitalização e animação dos espaços históricos das cidades», até à retirada da verba da União Europeia pelo Governo cessante e ao gesto de coragem política e cívica da então Presidente da Câmara, D. Maria Emília de Sousa.

Desde então o processo sofreu as vicissitudes da crise, com sucessivas empresas a concorrer e a falir, até ao sucesso da última empreitada.

Referiu de seguida as diversas entidades que tiveram interferência no processo e a quem dirigiu caloroso agradecimento.

A presidente da Apcalmada tomou depois a palavra para se congratular com o clima de festa, tendo traçado com entusiasmo linhas de atuação da Associação de Professores do Concelho de Almada e da USALMA na realização dos seus objetivos e de abertura à dinamização da Almada Histórica.

Seguiu-se a intervenção do representante dos estudantes, Sr. Álvaro Pires, que manifestou, em nome da Academia, alegria e entusiasmo pelas novas condições de aprendizagem e de convívio que se abriam na nova sede.

O Vereador da Educação, Cultura, Desporto e Juventude, António Matos, com palavras vibrantes, fez um apelo à USALMA, à direção, aos seus professores, para aproveitarem as novas condições para alargar e enriquecer o conceito de Universidade Sénior, mais aberto à intergeracionalidade e à troca de saberes e de experiências.

O Sr. Presidente da Câmara traçou um quadro dos investimentos da Câmara, com destaque para a educação e cultura, em que inseriu a USALMA como instituição exemplar de voluntariado e civismo ativo na relação dinâmica entre professores e estudantes seniores.

58 Foi ainda chamada a intervir a anterior Presidente, D. Maria Emília de Sousa, que lembrou personalidades ligadas ao processo desde o seu início e teve palavras de incentivo para a nova etapa da USALMA e da Apcalmada.

Seguiu-se uma visita às novas instalações, tendo as salas de aula sido animadas pelos grupos musicais Ensemble de Guitarras, Trio Minda, Cavaquinhos, Tuna, Coro Polifónico e ainda o grupo Encontro com a Poesia.

A terminar tarde tão intensa, foi servido um beberete no amplo ginásio, bem provido para a festa.

Inauguração da Nova Sede

Prof. *Maria de Lourdes Albano*

Não há palavras que transmitam as emoções de um momento tão histórico e tão simbólico.

Convido-vos a penetrar no interior desta casa, património vivo de memórias coletivas de um tempo passado que se projeta num presente promissor de futuro.

Convido-vos a imaginar e a sentir o ambiente deste espaço habitado e procurado por gentes de Almada na sua secular existência. Lugar de encontro privilegiado, polo de popular interesse, lugar de consumo alimentar cooperativo, associativo e recreativo. Coração de desenvolvimento da cidade. Agora e aqui reclamamos a presença de corticeiros, tanoeiros, carvoeiros, padeiros, merceeiros, talhantes no quotidiano áureo da vida social e cultural de Almada, em épocas distantes.

Convido-vos a recriar ambientes da comunidade, longínquos, mas tão reais e tão próximos.

Convido-vos a participar de um tempo mágico neste revisitado lugar de encontros, de sonhos, de mudança, de compromissos, de vontades.

Convido-vos a celebrar em comunhão a solenidade deste ato, que queremos simbolicamente representar num abraço fraterno, solidário e reconhecido.

É com um emocionado abraço que saúdo e cumprimento a ilustre mesa, Exm.^o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Almada, Dr. Joaquim Judas, Exm.^o Senhor Diretor da USALMA, Dr. Jerónimo de Matos, a ilustre Assembleia, Exm.^o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, José Maia, Exm.^a Senhora ex-presidente da Câmara Municipal de Almada, Maria Emília de Sousa, Exm.^o Senhor Vereador António Matos, os estimados convidados, associados, alunos e professores. Como presidente da Associação de Professores do Concelho de Almada, tenho a subida honra de representar uma instituição de grande relevo sociocultural, promotora de transformação e mudança positiva da cidade educadora de Almada, por via do diálogo entre gerações e da realização de projetos comuns e partilhados, de dimensão cívica e ética, expressos na valorização das pessoas, dos seus saberes e competências, como estímulo a uma cidadania ativa, participativa e solidária.

É **tempo de agradecer e reconhecer** a governação local do Concelho de Almada, que tem sabido assumir e concretizar políticas orientadas para a promoção, defesa e valorização do património material e imaterial; é **tempo de agradecer e reconhecer** a governação local do Concelho de Almada que tem sabido salvaguardar a participação individual e coletiva; é **tempo de agradecer e reconhecer** a governação local do Concelho de Almada, que tem sabido compreender e acarinhar as mais diversas gerações e contextos; é **tempo de agradecer e reconhecer** a governação local do Concelho de Alma-

da, que tem sabido incentivar, valorizar e dar sentido à integração intergeracional em espírito de cidadania, reconhecendo mérito às Instituições e aos atores que, em parceria, procuram intervir de forma consciente na procura de respostas aos desafios emergentes, contribuindo para a transformação do território, reabilitando e integrando a memória das suas gentes. Aqui e agora homenageadas e reconhecidas.

É **tempo de agradecer e reconhecer** o contributo inestimável da ilustre presidente do Concelho de Almada de então, Maria Emília de Sousa, que a devido tempo e em boa hora soube, de forma visionária, assumir o compromisso de dignificar a Associação de Professores do Concelho de Almada e a sua Universidade Sénior - USALMA, conferindo-lhes um estatuto de grande mérito pelo serviço de voluntariado prestado à cidade educadora de Almada. Cidade que sabe cuidar e incluir os seus maiores. Graças a quem soube acreditar e valorizar o exército de voluntários, orientado por valores humanistas e solidários ao serviço da nobre causa das comunidades seniores, do seu desenvolvimento pessoal e social, praticando o lema *Aprender é Viver Melhor*.

É **tempo de agradecer e reconhecer** ao atual Senhor Presidente da Câmara Municipal de Almada, Dr. Joaquim Judas, a assunção dos compromissos que permitem reforçar a aprendizagem do diálogo entre gerações, na construção de um currículo educativo da cidade para o século XXI, com todos e cada um, matriz da Comunidade local de Almada, que se realiza e afirma com sentido universal.

Dêmos graças à vida com uma grande salva de palmas.

Dia 10 de outubro de 2015

Profalmada, n.º 38, p. 10

Inauguração da sede

Aluno Álvaro Luís Ferreira Pires

Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia Municipal, Sr. Presidente da Câmara, Sr. Diretor da USALMA, senhoras e senhores

É uma honra estar aqui em representação dos alunos da USALMA, neste momento tão importante para esta instituição.

É desde o passado ano letivo que sou aluno da USALMA, que, desde logo, me cativou em todos os aspetos, quer de ordem didática quer de ordem social, promovendo frequentemente eventos de saudável convívio entre professores, alunos e familiares, tais como excursões, espetáculos musicais, piqueniques, etc., eventos esses muitas vezes abrilhantados pela própria tuna, classes de cavaquinhos, violas, piano, coro, sem esquecer as classes de dança, de poesia e outras.

Aprendi e convivi, aliando esse conhecimento a novas amizades.

Apraz-me registar a continuidade deste projeto, agora num espaço digno,

que merece e que espero saiba promover, ajudando a dinamizar ainda mais a nossa comunidade.

Bem hajam todos os que contribuem de uma forma ou de outra para que esta universidade sénior promova a qualidade de vida que, para muita gente, como eu, de outro modo estaria mais inativa e isolada.

Sessão solene de abertura do ano letivo 2015-2016: encerramento das comemorações dos dez anos

Prof. Edite Prada

Como sempre tem acontecido, a Universidade Sénior de Almada –USALMA realizou a sessão solene de abertura do ano letivo de 2015/2016 no dia 24 de outubro, no Auditório do Externato Frei Luís de Sousa.

Num tempo de alteração de paradigma na gestão e organização da USALMA, a sessão abriu com uma breve saudação do Diretor, Jerónimo de Matos, seguida, como já vem sendo hábito, da atuação do coro polifónico.

Seguiram-se as intervenções institucionais. O representante dos estudantes, membro do Conselho de Delegados, foi Rui Nunes, que refletiu sobre a importância da USALMA para a Comunidade e para si próprio. Recordou ainda, com saudade, a aluna Manuela Vital, membro do Conselho de Delegados e recentemente falecida. Os professores foram representados pela professora Lurdes Cruz, que centrou a sua intervenção na importância dos afetos no relacionamento entre todos os envolvidos neste projeto. A Presidente da Apcalmada realçou a importância das relações humanas na capacidade de sonhar e ser autêntico para que o mundo avance. Encerrou as intervenções o Eng. António Matos, falando em nome do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Almada, Joaquim Judas, e em seu nome pessoal. Recordou o percurso da USALMA e pela Apcalmada e felicitou todos os presentes por pertencerem e darem força a este projeto.

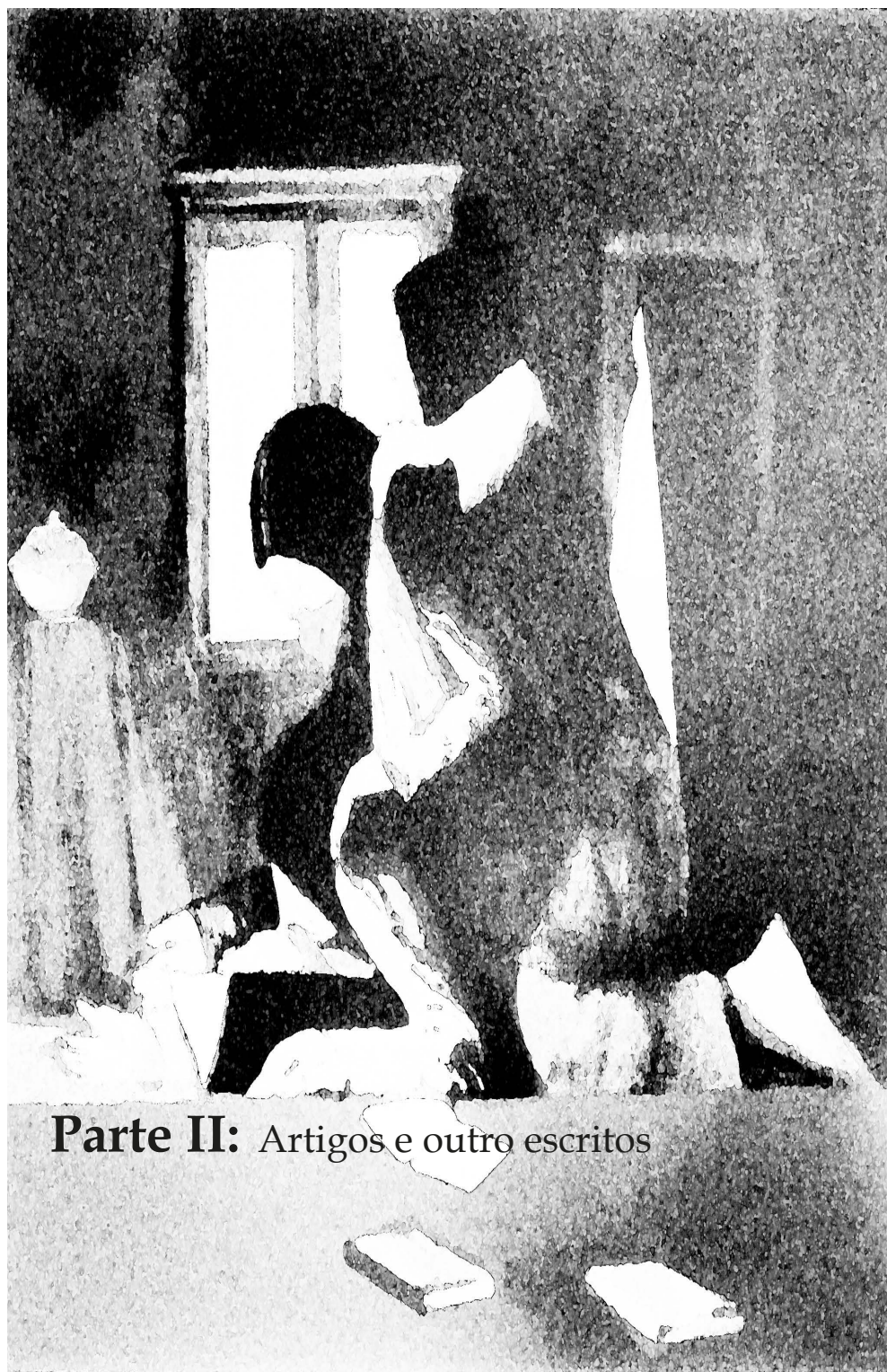
A oração de sapiência esteve a cargo de Jorge Rodrigues, que refletiu sobre a necessidade de complementar a formação dos economistas com uma vertente humanística centrada nos valores.

Seguiu-se um momento de poesia animado pela turma Encontro com a Poesia, da responsabilidade das professoras Helena Peixinho e Ângela Mota.

Num momento em que, formalmente, se encerraram as atividades comemorativas do décimo aniversário de vida da USALMA, foram homenageados os alunos e professores que desde a primeira hora têm estado ligados ao projeto, através da entrega de um diploma.

A Tuna encerrou a sessão, numa atuação digna de nota.

O último momento desta sessão foi um período de sã convivência durante um beberete.



Parte II: Artigos e outro escritos

Feliciano Oleiro (1920 – 2014)

Medalha de Ouro de Mérito e Dedicção, CMA (1995)

Sentido exemplar da dignidade humana

Prof. Ernesto Fernandes
Dra Elena David

A reavistação dos livros do Prof. Oleiro, da sua colaboração sistemática na área editorial da Apcalmada – USALMA, dos depoimentos a seu respeito e a revivência das nossas conversas, animam a necessidade deste escrito, confrontado com a sua despedida súbita, no final das férias de verão, para *não incomodar*, em 30 de agosto de 2014.

A sua escrita memorialista é de natureza sobretudo sociobiográfica e não tanto autobiográfica.

Em *Carta-Prefácio* do livro *Saga de pequenas memórias* (2011, p.13-14), Jerónimo de Matos enaltece o companheiro associativo, a amizade que foram construindo, e identifica certos criadores que influenciaram a sua escrita, em pensamento e estilo.

Como disse Paulo Eufrásio em depoimento (cf. *Saga de pequenas memórias. Sulcos do meu percurso*, 2013, p. 207): *Está presente enquanto puderes, pois fazes-nos muita falta...*

Em canto de reconhecimento e gratidão, pretendemos, sucintamente, relevar a Pessoa, o Professor e o Cidadão.

A Pessoa

António Feliciano Oleiro nasceu em Santa Catarina de Sítimos, Alcácer do Sal, a 30 de maio de 1920 (segundo o registo a 7 de junho), filho de Francisco António Oleiro e de Rita de Jesus Goucha.

Em *Saga de pequenas memórias* (2011), somos confrontados com uma narrativa sobre a sua ascendência, a família, a ida à escola e o exame final do ensino primário, na escola Conde Ferreira, de Alcácer do Sal. Disse-lhe, na circunstância, a professora D. Cora: *Se não fossem as sezões tinhas ficado distinto*. Disse ainda aos seus pais: *Devem mandá-lo estudar porque ele aprende bem*.

Esta narrativa complexifica-se ao longo das páginas da I Parte – *Sementes da Minha Identidade* (p. 17 – 97): o ambiente natural, agrícola e social; a retoma dos estudos em Évora (conclusão do Magistério Primário), combinando com a função que exercia de *regente escolar*; o casamento.

Sobre a arte de escrever(-se) diz: (...) *resolvi mais uma vez ‘dar o peito’ a tão desafiante solicitação (...) corriam os idos de maio de dois mil e três sem o menor dramatismo, quando novamente retomei o alinhar da palavra escrita. (...) não resisto a citar o invulgar pensador e grande filósofo Agostinho da Silva através da sua máxima: o ideal é cada um fazer na vida aquilo de que mais gosta* (cf. *Saga de pequenas memórias. Sulcos do meu percurso*, 2013, p. 11-12).

O seu agnosticismo (não militante) parece não ter ferido a sua *aposta* na

humanidade do homem, apesar da paradoxalidade da sua condição – *infinitamente grande e infinitamente miserável*, como disse Blaise Pascal (1623-1662).

Porto de abrigo, prontamente atento, discretamente amorável e firmemente crítico. O valor da dignidade humana era o coração do seu modo de ser pessoa.

Eis uma pessoa que venceu o tempo e as agruras da viagem, qual *galã*, como alguém testemunhou, em seu cavalo *Gavroche*, entre a planície alentejana e a sociedade almadense que abraçou, olhando o Tejo.

A qualidade humana de Feliciano Oleiro sobrevive à poesia. É o futuro presente.

O Professor

Resgatamos as palavras de Feliciano Oleiro em *O percurso académico* (cf. *Saga de pequenas memórias. Sulcos do meu percurso*, 2013, p. 99-102):

Corria o ano de mil novecentos e trinta e oito quando, pela primeira vez, já adulto, me vi confrontado com a aquisição de novos conhecimentos. Confesso que fiquei perplexo, o que não obstou a que tenha tomado a decisão de ir ao encontro de novos saberes [...] Hoje, à distância, tenho a noção exata de que me encontrava prestes ‘a mergulhar’ num verdadeiro estádio de iliteracia. Por isso mesmo, a leitura foi uma constante no meu empenho, tanto para adquirir novos conhecimentos, como para recuperar saberes desvanecidos pelo tempo.

Como já referido, a sua carreira profissional, de *regente escolar a professor*, escuda-se na formação académica que, jovem e casado aos 22 anos, e em regime pós-laboral, foi desenvolvendo até aos 28 anos, no Magistério Primário em Évora.

Pelos anos 50, iniciou as funções de professor em Montemor-o-Novo, de diretor da escola e de delegado escolar, por inerência de cargos.

Em 1958 foi colocado na escola n.º 1 Conde Ferreira, em Almada, onde exerceu funções idênticas até 1990, ano em que se aposentou por limite de idade.

Em 19 de junho de 1995, o Professor Feliciano Oleiro é distinguido com a Medalha de Ouro de Mérito e Dedicção, atribuída pela Câmara Municipal de Almada para honrar a sua competência, empenhamento e entrega à causa da Educação.

O Cidadão

O percurso cívico e político de Feliciano Oleiro regista, nomeadamente, as seguintes marcas:

- Na década de 50, em horário pós-laboral, com mais dois colegas, participou na reedição do semanário *O Montemorense* em II série, do qual foi diretor e editor durante seis anos (cf. *O Montemorense, e a sua história*, integrado no seu livro *Saga de pequenas memórias. Sulcos do meu percurso*, 2013, p. 131-135).

- De 1989 a 1992, foi vogal da Junta de Freguesia de Almada.

- Durante duas décadas, fez parte do Rotary Clube de Almada.

- Em 2003 foi um dos fundadores da Associação de Professores do Conce-

lho de Almada e, em permanente e dedicada colaboração, integrou os corpos sociais em vários mandatos e impulsionou a criação da Universidade Sénior de Almada, em 2005. Neste quadro, integra-se a sua invulgar colaboração na área editorial da Apcalmada – USALMA. Também como *escritor* regular com as suas memórias e breves ensaios.

- Em 12 de outubro de 2009, *António Feliciano Oleiro* figura como patrono da Escola do 1.º ciclo do ensino básico (na mesma rua e em frente à Escola Conde Ferreira), por decisão da Câmara Municipal de Almada na pessoa da sua presidente, Maria Emília Neto de Sousa.

Sobre o seu *curriculum* sociopolítico, leiamos as suas palavras *O meu 25 de Abril* (obra citada, p. 157-160):

[...] Daqui se deduz que a minha consciência cívica e política se baseava em princípios humanos e solidários, virados para um regime mais aberto e tolerante que muito bem podemos traduzir por democracia. [...] Partindo do facto de toda a minha vida ter decorrido sempre em ‘campo aberto’, ao longo dos últimos cinquenta anos todos vividos em Almada, e não só, sou levado a concluir que ao 25 de Abril me encontrava no lugar onde sempre estive, e continuarei a estar, enquanto as minhas pernas tardas o permitirem. Confesso, muito baixinho, que já é tarde para quaisquer tergiversações.

Já em tempo de luto, a Prof. Edite Prada escreve *Feliciano Oleiro: uma biobibliografia* (cf. Separata, p.IV):

Pela escrita, pelo exemplo, pela força que transmitia, continua omnipresente em todos os que com ele privaram na nossa associação. As suas palavras (...) ficarão para sempre nas obras que nos deixou. Mas não anulam a saudade que cada um sente do seu sorriso, do seu encorajamento, da sua discrição.

O Prof. Hélder Joel em depoimento – *76 anos de cumplicidade. Percurso de vida* – explicita aspetos relevantes da biografia do amigo e colega, e enaltece o Prof. *Oleiro*, como o tratava:

Só os grandes Homens conseguem manter tão grande dignidade [...] Quando as pessoas têm a capacidade de se impor, não pela força, não pela arrogância, mas pela competência, pela tolerância, pela simpatia, pela afabilidade e sobretudo pela ponderação, a obra em que se está envolvido pula e avança, como diz o poeta. (cf. Separata de Homenagem, p. VIII – IX).

Neste contexto de reconhecimento, Elena David versejou em Raiz e Terra:

*Sou uma simples pedrinha
Calcetaram o passeio
mergulhei na terra
Dei conta de uma raiz
agarrei-me a ela
Subi pelo tronco
tornei-me ‘Mastro’
Espreitei pelos ramos
vi ‘Os sinais dos tempos’*

Creio que ilumina este escrito o poema *Olhos* de Sophia Mello Breyner Andresen que Feliciano Oleiro escolheu, por minha sugestão, como epígrafe do livro *Saga de pequenas memórias. Sulcos do meu percurso* (2013):

É fácil desenhar olhos que divagam

Pelo quadro todo

Mas só até ao instante em que se tornam

Os que vão à proa do barco

Olho do piloto fito

No real

Atento

À rota nunca recta

Biobibliografia

Colaboração sistemática nos Boletins *Profalmada* e *Correio da Usalma*, com expressão na Revista *Memórias e Futuro*, edições da Apcalmada.

Coautoria com Luís Barradas (2008) - *Monografia sobre a Escola Conde Ferreira (um pouco da sua história, 1868-2008)*. Almada, patrocínio da Câmara Municipal de Almada.

Saga de pequenas memórias (2011). Almada: Apcalmada.

Saga de pequenas memórias. Sulcos do meu percurso (2013). Almada: Apcalmada.

Separata *Educação e Cidadania. Homenagem ao Professor Feliciano Oleiro do Profalmada* n.º 35 de outubro de 2014, coordenação de Ernesto Fernandes (integra o *Voto de Pesar*, da Assembleia Municipal de Almada, aprovado por unanimidade, em Reunião Plenária de 25.09.2014).

Profalmada, n.º 38, p. 3-4

Dia do Professor Aposentado

8 de outubro de 2015

Prof. Maria de Lourdes Albano

Na qualidade de Presidente da Associação de Professores do Concelho de Almada e em meu nome pessoal, saúdo todos os presentes e congratulo-me com a comemoração do Dia do Professor Aposentado.

68

Saúdo todos os que aceitam este convite e os que intencionalmente promovem este encontro gerador de encontros ao longo dos anos, ao longo das nossas vidas. Reconheço a importância do ato simbólico da cidade educadora de Almada que permanece atenta e sensível à sua Comunidade e à diversidade que a caracteriza, no gesto de acolher, cuidar e desafiar a participação aberta e solidária.

Almada realiza-se no serviço às suas gentes, às suas Comunidades. Ano após ano, amorosamente ilumina os que passam a pertencer ao universo dos professores aposentados, uma nova escola da vida. Escola que merece ser continuamente aprendida e renovada em todos os ciclos e momentos. Este é o momento de saudar a Câmara Municipal de Almada, na pessoa do seu

Presidente, Dr. Joaquim Judas, e reconhecer vivamente a governança da cidade, atenta e focada nas pessoas, na organização e adaptação aos diferentes contextos, às diferentes idades, às diferentes necessidades e oportunidades. Grande mérito o de pensar a cidade em função de quem a sonha e a vive como espaço de realização pessoal, profissional e social. Cidade inclusiva e humanista ao serviço de todos e de cada um, merecedora do nosso respeito e grande estima.

Saúdo os profissionais do ensino, pelo serviço prestado à educação e à escola pública, dando o seu melhor contributo ao território educativo de Almada, dando o seu saber e competência para a construção do conhecimento, base do desenvolvimento integrado que nos realiza enquanto pessoas. Partilho convosco a alegria de estar entre tantos e tão valiosos recursos humanos e apelo a que continuem a Vossa missão educativa. Uma vez professor, professor sempre.

Neste Concelho de Almada tão generosamente habitado é tempo de estar grata a todos os que escrevem uma história fraterna e universal que nos envolve e nos dá prazer em continuar juntos a crescer humanamente. É tempo de partilhar uma história que toca a todos. Era uma vez uma Sociedade Cooperativa Almadense, uma casa grande, em Almada, com muitas vidas contadas, e vividas anos a fio. Lá dentro o constante bulício da gente de Almada, era o povo que vinha, comprava, falava, se recreava feliz e contente. Dois séculos depois a mesma casa grande, em Almada, rejubilará com muitas vidas contadas e vividas anos a fio. Lá dentro já se sente o bulício da gente de Almada que encontrará o lugar ideal para aprender, conviver e realizar sonhos. Gente que virá, falará, aprenderá e se recreará feliz e contente. Esta história é verdadeira, a Casa Patrimonial de que vos falo existe. Devemos dar graças à Câmara Municipal de Almada que a reinventou e confiou à Associação de Professores do Concelho de Almada/Universidade Sénior de Almada, ciente de que somos capazes de contribuir com a nossa criatividade para a revitalização daquele espaço que convida a sonhos reais. Este é o tempo de agradecer o privilégio que nos foi concedido e que a todos responsabiliza e deve mobilizar. Este é o tempo de apelar à Vossa generosidade e de vos convidar a grandes desafios e descobertas na casa Grande da nossa história que precisa da partilha das vossas sinergias, saberes e vontades, ideias criativas e produtivas para juntos acrescentarmos valor e sentido aos sonhos daquela/Nossa Casa Grande, que será inaugurada a 10 de outubro, pelas 15h00, num dia feliz que irradiará felicidade.

Celebrar o dia do professor aposentado, abrindo a porta das fadas é o sonho de quem permanece eternamente criança, como nós, professores.

Bem hajam!

Profalmada, n.º 38, p. 9

Nótula histórica: *Sociedade Cooperativa Almadense*

Prof. Ernesto Fernandes

A nova sede da Associação de Professores do Concelho de Almada (Apcalmada) e da Universidade Sénior de Almada (USALMA) instala-se na **Sociedade Cooperativa Almadense**, fundada em 1 de janeiro de 1891.

Esta Coletividade é fundada por Tomaz José Vieira, cardador, José Cordeiro dos Santos, corticeiro, Manuel Carvalho, vidraceiro, João Carlos Vicente, funileiro, Luís José Almeida Carvalho, tanoeiro, Arnaldo das Neves, corticeiro, entre outros. São **operários**, em tempo de emergência do processo de industrialização do nosso país, confrontados com as dificuldades da precariedade e austeridade da população almadense.

Cooperativa de Consumo no coração histórico de Almada, animada pelo espírito interassociativo, como aconteceu com a Associação de Socorros de Almada 1.º de Dezembro, fundada em 22 de novembro de 1883, para assegurar assistência médica e paramédica aos associados e seus familiares.

Resistente até 1972, reabre em junho de 1975. Era Abril. Em processo de renovação, um grupo de filhos dos associados cria a *Comissão Cultural e de Propaganda*, que desenvolve o judo e o balé com a colaboração da *Academia de Instrução e Recreação Familiar Almadense* (fundada em 27 de março de 1895).

Com o investimento da Câmara Municipal de Almada, são realizadas as obras de adequação e modernização do edifício, sua propriedade, para a instalação da nossa Associação, aberta também à comunidade local e revitalização do centro histórico de Almada.

70 Herdeiros de Almada como *Capital do Associativismo*, sejamos capazes, de pela nossa atividade e missão institucional, projetar o presente com sentido de futuro.

Para aprofundamento do associativismo almadense, aconselha-se a consulta do estudo histórico-sociológico: Associação Semear para Unir – *O Associativismo Tradição e Arte do Povo de Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada, 1984 (sobre a Cooperativa Almadense, ver p. 51-53).

Apontamentos de reflexão

Ética e Deontologia das Profissões da Educação

Prof. Ernesto Fernandes (coord.)

1. O *Profalmada* – Boletim da Apcalmada – dá continuidade ao dossiê do número 29 de outubro de 2012: *ética e deontologia das profissões da educação*. A resposta ao nosso convite não mereceu a participação expectável dos nossos associados (educadores e professores), processo que não consideramos encerrado. Por isso, aguardamos a sua colaboração...

2. A dimensão ética ou valorativa como pilar da cidadania e energia axial da democracia não tem sido constituída como transversal da formação académica, quase ausente no ensino superior, mesmo quando se trata da qualificação dos profissionais da educação. A questão da formação ética ou moral tem sido atribuída à **consciência individual**, excetuando certas profissões, como os médicos, advogados ou engenheiros que, historicamente, se constituíram como **Ordens**. Nas últimas três décadas, assistiu-se à proliferação de novas Ordens: arquitetos, enfermeiros, biólogos, técnicos de contas ou psicólogos.

3. No caso dos educadores e professores, o **direito de associação** manifesta-se nos sindicatos e em múltiplas associações de carácter disciplinar (português, matemática, história, educação física ou biologia). Manifesta-se ainda na criação da **Associação Sindical dos Professores Pró-Ordem**, que assim se define: *Somos um espaço de encontro, debate e reflexão de um conjunto de associações sócio-profissionais, pedagógicas e científicas que pugnam pela constituição da Ordem dos Professores, como forma de revalorização da Imagem, Dignidade e Estatuto do Professor* (cf. www.federacaodosprofessores.com, 16 de março de 2012). Convém clarificar o equívoco instalado: os **Sindicatos**, segundo a Constituição da República, têm por objetivo a *garantia da sua unidade para defesa e garantia dos seus direitos e interesses*, enquanto trabalhadores; as **Ordens** têm por objetivo a defesa do estatuto profissional, nomeadamente da ética e deontologia profissional como dimensão fundamental da identidade da respetiva categoria. Daí, o poder da Ordem como interlocutor com o Estado, especificamente sobre a formação académica e o acesso à profissão, poder sancionatório para o exercício, suspensão ou exclusão da profissão. Este **poder disciplinar** é fundamental para a defesa e reconstrução da identidade e do estatuto profissional.

Para além da especificidade da deontologia de cada profissão, é urgente a criação de uma *ética global* ou de uma *ética dos direitos e responsabilidades humanos*, em preparação, desde há anos, na Organização das Nações Unidas. Por isso, a convocatória da Amnistia Internacional – Portugal: *Educar para os Direitos Humanos. Uma escolha ou um dever?* (Publicação, janeiro/fevereiro/março, 2013).

Profalmada, n.º 30, p. 3

Ética das Profissões da Educação

Se Houvera Quem Me Nomeara...

Dra Elena de Oliveira David¹

Na imprevisibilidade de passar a escrito e partilhar publicamente algumas das minhas reflexões sobre esta temática, eis que o imprevisto passou a desafio e a compromisso de contribuir com o meu depoimento para o *Profalmada* n.º 30.

É neste contexto que remonto ao final da minha licenciatura em psicologia no ano de 1993 e ao primeiro emprego como auxiliar de ação educativa no Monte de Caparica, na chamada Escola Branca, em contexto de ATL (atividades de tempos livres), a recibos verdes.

O meu depoimento centra-se na conceção-reflexão sobre os valores em relação *aos outros profissionais* e *em relação a si próprio enquanto profissional de educação*, segundo as categorias do Guião da coordenação do Boletim.

1. No que respeita aos outros profissionais, eu, enquanto auxiliar de ação educativa, como referido anteriormente, não tive a experiência de me chamarem *contínua*, dirigiam-se a mim pelo meu nome, Lena, e de uma forma geral entoavam-no em prolongamento. Há uma frase que sempre me ficou marcada, quando, por vezes, fazia visitas, com o grupo da manhã, pelas ruas do Bairro Amarelo. Alguns miúdos, do grupo da tarde, encontravam-nos e perguntavam: *Lena, hoje há tempos?* E eu respondia-lhes: *Sim, hoje há tempos e outros tempos hão de vir*. Eles riam-se.

Quando por outros contextos profissionais fui mergulhando, nomeadamente, no trabalho em contexto escolar (2007), onde desenvolvi durante três anos um Projeto de apoio à transição de ciclo, com alunos do 4.º ano do 1.º ciclo do ensino básico, foi ficando em mim a perceção e a inquietação de que *outros tempos* ainda não tinham chegado, quando, na generalidade, os alunos se referiam aos, agora, assistentes operacionais, de *contínua(o)*, salvo algumas exceções.

Foi assim que no 2.º ano de implementação do projeto, decidi introduzir nos conteúdos a trabalhar com os alunos a questão da importância de ser nomeado e de saber nomear (direitos e deveres), até porque iniciávamos este trabalho com uma ficha de apresentação, em que uma das questões era *como gosto de ser tratado* e, na maior parte das respostas, surgia, *gosto de ser tratado pelo meu nome*.

Este trabalho com os alunos em contexto de sala de aula, ou seja, a um nível micro, deu-me a possibilidade de compreender que a questão era maior, prendia-se com a cultura da própria organização escolar, quando numa das sessões de transição de ciclo, estando apenas eu com os alunos, um coloca a

¹Licenciada em Psicologia. Mestre em Ciências da Educação. Sócia da Apcalmada.

questão: *professora Elena, às vezes a nossa professora diz – vai pedir à empregada que traga giz.*

Foi esta interpelação que me indiciou a necessidade de avançar para o nível meso, e assim apresentei à Direção do Agrupamento uma proposta para se proceder à identificação dos assistentes operacionais, segundo a expressão de Peter Singer (2002), *ética consequencialista*. A proposta foi aceite, mas era necessário fazer orçamentos, ver qual seria a forma de identificação, etc. Para mim, enquanto profissional de educação, naquele momento, era fundamental não desistir e continuar a argumentar as razões e as emoções da minha proposta. Os argumentos prenderam-se com:

- *contínua(o)* é uma palavra indiferenciada, que destitui de identidade pessoal e profissional o outro;
- ao destituí-lo de identidade, fica difusa e questionada a sua autoridade e a sua responsabilidade;
- em situação de conflito ou de reconhecimento é facilitador para a identificação dos implicados;
- é com estes profissionais da educação que os estudantes passam parte significativa do tempo escolar e, em caso de acidente, normalmente são os primeiros a estar com os alunos;
- por último, este Agrupamento de Escolas desenvolveu um projeto de identificação das salas de aula (no espaço dos 2.º e 3.º ciclos), pintando-as de acordo com o nome, por exemplo: sala Fernando Pessoa, sala Florbela Espanca ou sala Vasco da Gama. Argumento de peso: identificação das pessoas e dos espaços. Foi possível acontecer...

2. No que respeita à relação consigo próprio enquanto profissional

Sendo licenciada em psicologia, formação que intuí quando tinha 13 anos, sabia que o meu rumo era o Sul. Assim aconteceu. Depois, mestre em Ciências da Educação, tenho a noção que é fundamental o tempo que tenho dado a mim própria para vir pelo Norte, em contratempo com a precariedade. De facto, dá imenso trabalho. A autorreflexão, tento exercê-la. O outro e eu, como professora/formadora ou coordenadora de projetos. Tenho tido a possibilidade de cuidar dos meus deveres como profissional da educação, ciente dos direitos dos formandos, sejam crianças, jovens ou adultos.

Esta parte da reflexão centra-se em três dimensões: científico-técnica, didático-pedagógica e ético-política, tentando responder à questão: *Como nos devemos cuidar enquanto profissionais?*

a) Na dimensão científico-técnica, relato o episódio de um conselho de turma. Este é um espaço-tempo de avaliação dos alunos e, supostamente, em relação aos chamados alunos-problema, de discussão de estratégias conjuntas de intervenção-formação. Surge a avaliação de um aluno que, tendo tido como sanção uma semana de suspensão, proponho à direção do agrupamen-

to e diretora de turma uma medida alternativa: em vez de o aluno estar uma semana fora da escola, seria delineado um plano de trabalho, com tarefas na comunidade escolar e tempos de estudo sob a minha supervisão. Este trabalho foi exemplarmente cumprido pelo R.

No referido conselho de turma, a diretora refere que “em relação a este aluno, é muito complicado e que o melhor seria, de facto, ter uma semana de suspensão”. Face a esta “sentença”, apresento os meus dados em relação ao trabalho desenvolvido com o aluno e com a encarregada de educação, colocando apontamentos da história de vida do mesmo, sem ferir a sua privacidade. Argumento que não é por fazer com que o aluno saia da escola uma semana que a sua história se esvanece, ou seja, não é uma perspetiva de inclusão, nem de resolução de problemas do aluno, mas sim de, no imediato, resolver os problemas que o aluno coloca aos professores e à comunidade escolar e o que é necessário pensar é que durante uma semana o aluno não está, mas depois regressará.

Continuei a apresentar os meus relatos das sessões de acompanhamento, os progressos do aluno e estratégias que estão a ser desenvolvidas com a encarregada de educação. Face aos meus argumentos e documentação apresentados, alguns outros professores da turma subscrevem o trabalho que é necessário fazer em conjunto.

Deste relato realço o direito do aluno a ser nomeado e perspetivado de outro ponto de vista, ou seja, o meu dever profissional de procurar assegurar a probabilidade de progresso daquele aluno-pessoa concreta, demonstrando expectativas positivas, organizando o trabalho de forma consistente e reforçando o seu itinerário de esforço: *os seres não são transitórios, os saberes são transitórios. Fica no aluno o ser, os princípios, o sólido. Passa o que se aprendeu. Não passa o que se vai sendo* (David, Elena e Fernandes, Ernesto coord., *Quem Educa Quem? Educar Para Quê?* Associação Semear para Unir, 1997: 53).

b) No que respeita à dimensão didático-pedagógica, a experiência de ter sido co-formadora de uma turma do Curso de Educação Formação da área da Jardinagem, na disciplina de Mundo Atual e Cidadania, deu-me a possibilidade de pôr em prática algo que considerava fundamental para que esta formação, via técnico-profissional, pudesse ter uma outra consideração que não a de que os alunos que estão nesta via são “coisa menor e que a sua formação deve pautar-se por baixos níveis de exigência”.

Neste sentido, em conjunto com a professora da disciplina, delineámos conteúdos a serem trabalhados, modalidade e critérios de avaliação. Estes documentos foram entregues aos alunos e explicitada a forma como seriam avaliados e a respetiva ponderação de cada um dos critérios.

Considero que o facto de os alunos terem de realizar um trabalho sobre um tema à escolha, em grupo ou individual, e respetiva apresentação à tur-

ma, como instrumento de avaliação, se constituiu como exercício fundador do seu processo formativo. Alguns colegas docentes consideraram um exagero o facto de fazer parte deste trabalho a referência, pelos alunos, das suas fontes bibliográficas. Na minha ótica, que se comprovou, facilmente os alunos compreenderam o seu significado, ou seja, o não direito de apropriação de palavras ou imagens de outro autor, e que a esse ato se chama plágio e é crime. Isto porque, em seus mundos da net, o ato de “sacar músicas e imagens é o seu quotidiano”: *vale a pena pensar como é que nas cabeças dos miúdos funcionam os saberes, que sentido tem na vida deles o que andam a aprender* (David, Elena e Fernandes, Ernesto coord., *Quem Educa Quem? Educar Para Quê?* Associação Semear para Unir, 1997: 53).

Este trabalho permitiu aos alunos, por um lado, experimentarem o ato de pesquisa e a dificuldade de através de leituras traduzirem por palavras suas a informação recebida, a ânsia de verem os trabalhos finalizados e impressos e, por outro lado, darem conta de dificuldades básicas no domínio da escrita e da leitura, tendo sido necessário um trabalho de apoio e de incentivo face às suas inseguranças e vergonhas, no sentido de antecipar a ideia do sucesso possível e do dever de surpreender os colegas.

c) A terceira dimensão **ético-política** prende-se com a festa de finalistas de uma turma do 4.º ano do 1.º ciclo do ensino básico.

Andando eu em giro pelo recreio, dou conta de um aluno sentado à soleira da porta com um ar triste. Conta-me que o final do ano se está a aproximar e que não vai poder ir à festa porque as professoras pedem um determinado tipo de roupa (calças escuras, camisa/camisola branca, uma capa preta e símbolos da escola para serem aplicados na capa, tipo universidade) e os seus pais não podem pagar, assim como o almoço.

Face a esta descrição, redijo uma carta à Senhora Diretora do Agrupamento, expondo a situação. Face à proximidade do evento não foi possível inter-setar este estado de coisas.

No dia da Festa, uma manhã de sol, acompanhando os alunos que foram meus formandos no projeto de transição de ciclo, não deixava de pensar nos outros miúdos que ali não estavam. Sou surpreendida com a chegada do R., que, em sua roupa normal, enfrenta os adultos-professores e vai receber o seu diploma. A diretora, surpreendida também pela sua presença, diz-lhe, quando todos se dirigem para o almoço de festa: “R., podes ficar para o almoço”. O aluno responde: “não, professora, obrigado, mas eu não paguei”.

Fico a olhá-lo a dirigir-se *sozinho* para o exterior da escola. Saio do refeitório onde decorre o almoço e acompanho-o até à porta, dizendo-lhe que o trabalho por nós realizado sobre os direitos das crianças e dos jovens tem nele a personificação de uma luta: ninguém deve ser discriminado de uma Festa pela roupa ou por questões de dinheiro.

Neste dia, senti que como formadora tinha falhado, excetuando quando regresso ao refeitório e peço a palavra, dizendo que gostaria de pedir uma salva de palmas para todos os alunos que ali não podem estar presentes.

O R. deu-nos uma lição de ética e de política, ou seja, mostrou o que uma escola não pode, não deve ser.

As três dimensões referidas ganham em valor formativo se as iluminar o sentido do *belo*, ou seja, do estético-expressivo. Nesta perspetiva se posiciona o Prof. Jorge Calado e *Haja Luz! Uma História da Química Através de Tudo* (Lisboa, Instituto Superior Técnico e Fundação Calouste Gulbenkian, 2012).

Em jeito de conclusão

Não é apenas pela identificação dos assistentes operacionais que o princípio da sua nomeação está adquirido, é pela construção de uma nova cultura organizacional, que vai desde as direções, aos professores, aos alunos, aos encarregados de educação, aos psicólogos, assistentes sociais, animadores e outros, de considerarem a importância da dimensão socioeducativa.

Os deveres para com os alunos, nas três dimensões referidas, é um trabalho de *paciente persistência*, ancorado nos direitos e responsabilidades humanas. Como refere José Saramago, 1998: *com a mesma veemência com que reivindicamos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo se possa tornar um pouco melhor...*

Neste sentido, enuncio os seguintes valores ou *imperativos éticos*:

- Respeito pelos direitos humanos e exigência das responsabilidades humanas
- Não discriminação de alunos, famílias e encarregados de educação pela cor, sexo, condição social, nacional ou de emigrante
- A responsabilidade profissional de cuidar de cada aluno, segundo o princípio de *cuidar do outro como desejo ser cuidado*
- Reconhecer e dignificar as diferentes áreas de formação do currículo escolar
- Respeito pela identidade de cada categoria profissional, em suas competências específicas
- Cooperação entre profissionais, cultivando uma cultura de *Educação* e de *Escola*
- O dever da competência/exigência em relação a si: autonomia científico-técnica e didático-pedagógica em formação permanente.

A escrita de um texto com características biográficas é um desafio em construção, porque não sabemos em certeza *o que é e o que não é, o que se inventa e acrescenta e o que se corta e encurta* (Alegre: 225, 1995).

Aprendo gestos simples: saber olhar um rosto sem despertar as manchas, abrir ao meio a pedra para repartir os centros (os poderes). O conhecimento exige cerimónias, a arte de aguardar que uma linha de água ascenda ao coração (Carlos Poças Falcão, *Movimento e Repouso*, 1994).

Profalmada, n.º 30, p. 5-7

Como pratiquei a ética na educação

Prof. Edite Prada

A ética corresponde (...) ao processo de articulação do bem, à sua especificação necessária nos diferentes patamares de decisão e ação.

Isabel Baptista, *Ética, Deontologia e Avaliação de Desempenho Docente*, p. 8

Entendo a ética, que não dissociaria largamente do *ethos*, do herói trágico, como a forma como um indivíduo se define e se organiza no intuito de atingir com honradez os seus objetivos.

Um homem de caráter procura encontrar, de forma sistemática, o que de melhor há em si e nos outros.

Se tiver uma profissão ligada à educação é chamado, de forma mais ou menos explícita, a agir, no sentido de promover a experiência do correto e o gosto pelo bem individual e social.

Enquanto professora, como poderei entender a ética? Como a entendi durante o tempo em que contactei com jovens alunos? Como a entendi enquanto mãe? Como a entendo enquanto ser humano? Será diferente? Sim e não.

Sim, porque o grau de responsabilidade e de intervenção é distinto e o envolvimento pessoal é, necessariamente, distinto também.

Não, porque, nos dois primeiros casos (enquanto mãe e enquanto professora) tinha o mesmo objetivo: ajudar o outro a encontrar um caminho positivo, o seu caminho positivo. E para tal, tornou-se sempre necessário ter em conta o indivíduo, o *ethos*, o caráter individual...

Mas centremo-nos na escola... Ter alunos «bem comportados» é o sonho de todo o professor... Será possível? Estará nas suas mãos?

Como somos, como fui, desafiada a valorizar o outro? Recordo um aluno do oitavo ano que, sistematicamente, se negava a ler em aula. Mesmo sendo castigado por isso... Comecei a desconfiar, desconfiar apenas!, de que o jovem teria dificuldade na leitura. Certo dia pedi-lhe para ficar no final da aula e para ler para mim. Ele não sabia ler! Então passámos a encontrar-nos para treinar a leitura. E, algum tempo depois, sempre que queria que ele lesse na aula, era sempre o último a ler e era avisado no início de que ele iria ler depois de A e B terem lido. No final do ano lia com lentidão, mas com naturalidade. Isto é ética? Acredito que sim!

Há, na escola, espaço para este envolvimento encarado de uma forma global? Não é fácil. Não o era no meu tempo - permitam-me que fale assim - e não acredito que o seja hoje. Recordo uma turma difícil, nos tempos em que as faltas dos alunos ainda eram um trunfo (desculpem o termo, mas sejamos honestos... de vez em quando era um bom trunfo...). Certo dia, em outubro, quando o ano letivo era ainda uma criança, chamaram-me à secretaria e atrasei-me um pouco. Dirigia-me para a sala de aula no momento em que deu o segundo toque (a maioria dos meus leitores há de saber o que é isso

do segundo toque, num tempo em que a diversidade da duração dos tempos letivos eliminou, tanto quanto sei, o toque nas escolas...). Os alunos viram-me. Eu vi-os a fugir e a esconder-se. Apenas uma aluna foi à aula.

Acontece que, em alguns dias, a turma tinha aula a seguir ao intervalo grande, que era usado para tomar o pequeno-almoço. Muitas vezes os jovens chegavam um pouco atrasados, ainda de boca cheia, porque, efetivamente, não era fácil às funcionárias atenderem todos atempadamente. Sempre fui tolerante com essa situação. Mas, a partir daquele dia, deixei de o ser. Na aula subsequente, falei com eles, mostrei o meu desagrado e expliquei que as regras e a tolerância tinham dois sentidos, ou seja, deveriam existir no professor em relação aos seus alunos, mas também nos alunos em relação ao seu professor. E avisei-os de que a partir daquele dia não haveria tolerância da minha parte. Um mês volvido, tinha grande parte da turma no limite de faltas. E conversámos de novo. Os jovens comprometeram-se, e cumpriram, devo dizê-lo!, a respeitar a eventual necessidade que eu pudesse ter de chegar atrasada. Claro que nunca tal aconteceu sem que pedisse desculpa à turma e explicasse a razão do meu atraso... Isto é ética? Acredito que sim.

Mas o relacionamento em contexto escolar extravasa o indivíduo e a sala de aula. E muitas são as situações em que somos postos à prova... na microsociedade que é a escola. Coisas tão simples, e tão relevantes, como a fila para o almoço na cantina. Nunca entendi porque passavam, muitas vezes, os professores à frente dos alunos. Se todos, alunos e professores, tinham o mesmo período de almoço, porque acontecia isso? Perguntar-me-ão se nunca o fiz. Fiz, sim senhor. Sempre que tinha algo combinado que me obrigava a estar noutro lado. Mas não o fazia sem pedir autorização para o fazer e sem pedir desculpa pela ousadia. Isto é ética? Acredito que sim. Isto ajudou os meus alunos a serem pessoas de bem? Espero que sim!

Profalmada, n.º 30, p. 4

A Formação Contínua dos Profissionais de Educação como estratégia fundamental de desenvolvimento individual e coletivo (educadores, professores, auxiliares da ação educativa)

78

Dra. Maria Teresa de Matos^{1}*

Introdução

Pretende-se que este artigo seja uma breve reflexão sobre a Formação Contínua dos Profissionais de Educação e realce essencialmente a importância

¹ Educadora de Infância (Colégio do Vale - Almada). Mestre em Ciências da Educação - Educação de Adultos.

da Formação Contínua como estratégia fundamental de desenvolvimento individual e coletivo.

Ao longo do texto utiliza-se sistematicamente a expressão *Profissionais de Educação* com o objetivo de não circunscrever esta breve reflexão apenas aos docentes. Considera-se que a Formação Contínua tem de ser efetivamente muito mais “ampliada e abrangente”, sem esquecer os não docentes, que como todos sabemos têm efetivamente um papel fundamental nas Creches, Jardins de Infância e Escolas do Ensino Básico.

João Pedro Ponte (1994) refere no seu artigo sobre o desenvolvimento Profissional do Professor de Matemática, *que o professor, quando adquire a sua habilitação profissional, está longe de ser considerado um profissional acabado e amadurecido, na medida em que os conhecimentos que adquiriu ao longo da sua formação inicial são insuficientes para o exercício das suas funções ao longo da carreira, reconhecendo, assim, a necessidade de crescimento e de aquisições diversas, assumindo ele próprio o comando do seu desenvolvimento* (PONTE, 1994).

Tal situação acontece com todos os profissionais de educação, mesmo que tenham vivenciado vários momentos de estágio e integração em práticas e que estas tenham contribuído para enriquecer os conhecimentos teórico/práticos da sua profissão, seja docente ou não docente.

Não há dúvida que cabe ao profissional de educação dar continuidade e enriquecer-se em termos de conhecimentos e competências gerais e específicas, de que necessita para prosseguir a sua profissão com qualidade, o que inclui estar também atualizado e informado.

O que nos diz a legislação? Transcreve-se um excerto do *Diário da República*, 1.ª série – N.º 29 – 11 de fevereiro de 2014, relativo ao que foi considerado como o “novo paradigma da Formação Contínua”:

Estabelece -se um novo paradigma para o sistema de formação contínua, orientado para a melhoria da qualidade de desempenho dos professores, com vista a centrar o sistema de formação nas prioridades identificadas nas escolas e no desenvolvimento profissional dos docentes, de modo a que a formação contínua possibilite a melhoria da qualidade do ensino e se articule com os objetivos de política educativa local e nacional. Nesta perspetiva, a análise das necessidades de formação, visando a identificação das prioridades de curto prazo, constitui-se como eixo central da conceção dos planos anuais ou plurianuais de formação, e tem por base os resultados da avaliação das escolas e as necessidades de desenvolvimento profissional dos seus docentes.

79

Há que potenciar os recursos endógenos das entidades formadoras e das próprias escolas na produção de respostas formativas de qualidade, tendo por base as prioridades formativas identificadas.

Os objetivos indicados podem ser considerados pertinentes, adequados e de acordo com o que se deseja atingir numa efetiva e eficaz Formação Contínua, tendo por base as necessidades dos docentes e não docentes.

Por outro lado, a legislação refere a importância de *potenciar os recursos endógenos das entidades formadoras e das próprias escolas na produção de respostas*

formativas de qualidade, tendo por base as prioridades formativas identificadas. Esta deveria ser uma perspectiva presente na planificação anual das escolas, a fim de poder corresponder efetivamente às necessidades formativas, bem como potenciar os SABERES de todos ou de uma grande parte dos profissionais de educação, podendo ser “formadores”, em determinadas áreas (em diversos momentos), para as quais tenham competências e conhecimentos que possam ajudar outros profissionais a crescer pessoal e profissionalmente.

A Escola no sentido global representa um espaço no qual estão inseridos diversos agentes de educação, a partir dos quais deverão ser criadas dinâmicas de formação que respondam às necessidades individuais e coletivas.

Se o desenvolvimento (crescimento profissional e pessoal) tem de estar articulado com as escolas e com os seus projetos, interessa então criar espaços e oportunidades de formação devidamente ajustados à vida real da escola, aos seus problemas, às suas necessidades, às suas dinâmicas específicas que são as daquela escola e daqueles professores e não de outra.

É sem dúvida fundamental que se vivencie *uma formação centrada na escola.* Isto é *uma formação que faz do estabelecimento de ensino o lugar onde emergem as atividades de formação dos seus profissionais, com o fim de identificar problemas, construir soluções e definir projetos* (BARROSO, 1997, p. 74).

A Escola deverá possuir uma dinâmica ativa que permita que os seus educadores/professores enriqueçam o espaço educativo, que o transformem, que o inovem, enfim, que se operem mudanças significativas e pertinentes.

Tal como afirma Nóvoa (1991), o educador/professor (ou melhor: o profissional de educação) *já não é o individual*, pelo contrário, tem em conta as dimensões coletivas, profissionais e organizacionais.

Os contextos educativos têm que ser espaços que valorizam a formação, segundo diversos aspetos, contribuindo através de diversas formas para o desenvolvimento pessoal e profissional, ou, pelo contrário, podem *asfixiar* e impedir esse mesmo desenvolvimento e formação.

A trilogia, **desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional**, representa uma rede de ligações que se estabelecem de uma forma tão estreita, que quando uma se altera, acaba por se refletir nas outras duas.

Os profissionais de educação, quando devidamente integrados num determinado contexto, devem por isso ser *formandos* e *formadores*, numa perspectiva articulada em que todos *aprendem e ensinam*, transformando o contexto educativo em verdadeiro espaço de aprendizagem.

Sublinhe-se que nas comunidades educativas todos devem ser reconhecidos como potenciais formadores, cujos contributos individuais podem e devem ser reconhecidos e rentabilizados, incluindo-se os docentes e não docentes, bem como famílias e outros elementos significativos nos contextos educativos.

Os Profissionais de Educação de Infância (Educadores e Auxiliares) e a

Formação Contínua

A otimização do potencial formativo das situações de trabalho passa, em termos de formação, pela criação de dispositivos e dinâmicas formativas que propiciem, no ambiente de trabalho, as condições necessárias para que os trabalhadores transformem as experiências em aprendizagens, a partir de um processo autoformativo” (CANÁRIO, 1999, p. 44).

Há efetivamente uma diversidade de contextos educativos de Creches e Jardins de Infância que, tendo em conta as diferentes tutelas, podem originar alguma desigualdade de oportunidades formativas aos profissionais de educação, e o local onde exercem a sua atividade pode resultar, por consequência, numa desigualdade de oportunidades e vivências reais de formação.

Em muitas situações, os profissionais de educação realizam a sua formação em horário pós-laboral, recorrendo com muita frequência aos Centros de Formação de Agrupamentos de Escolas. A APEI – Associação de Profissionais de Educação de Infância também dispõe de uma oferta em todo o país através de várias modalidades de formação, divulgadas na sua página, no Centro de Formação, e que são o resultado do levantamento de necessidades formativas realizadas frequentemente. Também não podemos deixar de mencionar a atividade regular do Centro de Formação do MEM - Movimento da Escola Moderna que, através dos seus onze Núcleos Locais, dinamizam Sábados Pedagógicos e Cursos, Oficinas e outros momentos de reflexão entre profissionais. Há outros espaços formativos igualmente procurados pelos profissionais que recorrem às várias entidades, de acordo com as suas necessidades e preferências. A troca e partilhas com outros colegas é muitas vezes designado como uma enorme riqueza. Ou seja, a Socialização e a Formação parecem estar de mãos dadas.

A Socialização e Formação são de facto conceitos muito próximos que, embora distintos, estão necessariamente presentes quando se aborda a temática da formação em geral ou da formação contínua em particular.

Ora, se a formação ocorre em contextos de trabalho através dos quais os educadores têm a possibilidade de interagir com outros, *a socialização secundária*, segundo Dubar, deve ser vista como *interiorização de submundos institucionais especializados e aquisição de saberes específicos e de papéis direta ou indiretamente enraizados na divisão do trabalho*. Trata-se da incorporação de *saberes profissionais* (DUBAR, 1997, p.96).

Quando se investe em processos e estratégias no interior das instituições educativas que abrangem todos os profissionais e quando se trocam ideias, opiniões, e se discutem soluções, todos se sentem mais valorizados, especialmente aqueles que, sem formação específica, percebem que o saber da sua experiência é reconhecido e valorizado. Esta é a verdadeira formação em contexto educativo.

A base desta dinâmica formativa terá de ser **a reflexão sobre e para a ação**. Ou seja, no mesmo momento em que se reflete sobre aspetos das práticas e se

constata certas falhas e/ou mesmo resultados positivos, e se preparam ações futuras, os profissionais envolvidos têm a possibilidade de realizar uma dupla tarefa, que é a de *produzir e aprender*, através de ações passadas e ruturas num coletivo a que chamamos de EQUIPA.

O conceito de formação, também entendido e reconhecido como autoformação, está intimamente ligado aos conceitos de heteroformação e de ecoformação. Relembra-se agora estes conceitos fundamentais que, embora tenham mais de 25 anos de abordagem, por vezes são esquecidos e ignorados pelos órgãos de gestão de alguns contextos educativos.

A **autoformação** refere-se essencialmente ao processo desenvolvido pela própria pessoa, no sentido de adquirir a formação de que necessita. A **heteroformação** refere-se à formação que se constrói na relação estabelecida entre o sujeito e os “outros”. E, finalmente, a **ecoformação** tem que ver naturalmente com todas as “coisas”, no fundo com o mundo que a rodeia, com as situações que ocorrem e que de algum modo contribuem e enriquecem o adulto em formação. (PINEAU, 1988, p. 65).

É portanto uma trilogia que permite constatar que o processo de formação e de aprendizagem é fruto da iniciativa e ação do indivíduo, bem como da relação com os outros e com o mundo que o rodeia.

Este “modelo” de formação realizado no interior das instituições educativas enquadra-se num modelo mais abrangente, que é o da **formação de adultos**.

Nos últimos trinta anos tem-se assistido a novas conceções de formação de adultos, acentuando, acima de tudo, **novas estratégias de formação, não reproduzindo os modelos escolarizados de organização e de trabalho, mas sim reconhecendo cada vez mais o papel que os adultos podem ter no seu próprio percurso de formação**.

Para concluir, não posso deixar de sublinhar as palavras de Rui Canário: *a formação é entendida como um percurso pessoal, em que cada um, com base na sua experiência vivida, no quadro de um coletivo, confronta experiências, se apropria de informações, constrói saberes, numa lógica de desenvolvimento e não de rutura com o seu passado profissional. Por isso são tão importantes, no interior do dispositivo de formação, os mecanismos institucionais que favoreçam e facilitem o trabalho coletivo, a circulação de informação, a troca de experiências, a formação auto-gerida* (CANÁRIO, 1989, p. 26).

Bibliografia

BARROSO, João (1997). “Formação, projeto e desenvolvimento organizacional”. In: Canário (org) *Formação e situações de trabalho*. Porto: Porto Editora.

DUBAR, Claude (1991, 1997). *A Socialização - Construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora.

CANÁRIO, Rui (1989). “Para uma estratégia de formação contínua de professores”. In: *Aprender*, 3, p. 26-33.

PINEAU, Gaston (1988). “A auto-formação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação”, in: (org) NÓVOA, António; FINGER, Mathias. *O método autobiográfico*

e a formação. Lisboa: D.R.P./Ministério da Saúde. p. 63-76.

MATOS (FERRÃO) Maria Teresa (2002). *Percursos de Educadores de Infância, Vivências e Aprendizagens em Contextos Educativos*. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação. Lisboa – 2002.

NÓVOA, António (1991b). “Conceções e práticas de formação contínua de professores”. In: *Formação Contínua de Professores: Realidades e Perspetivas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

PONTE, João Pedro (1994). *Desenvolvimento Profissional do Professor de Matemática*. Revista Educação e Matemática, Lisboa: APM, n.º 31, p. 9-12 e 20.

Profalmada, n.º 37, p. 3-5

A Formação Contínua na Melhoria da Escola

Prof. Maria Adelaide Paredes da Silva

Diretora do Centro de Formação AlmadaForma

1. Missão e Princípios Estruturantes

O Centro de Formação de Associação de Escolas do Concelho de Almada - AlmadaForma tem por Missão: ser parceiro privilegiado das escolas associadas, na construção de desenvolvimento pessoal e profissional docente, na melhoria das aprendizagens dos alunos, na promoção da qualidade educacional, do conhecimento e inovação, em cidadania ativa. Agregar sinergias, assegurar vias de flexibilidade sobre as práticas, celebrar compromissos, procurar alternativas, incorporar inovações, redentoras e emancipatórias, superar, superando-se, reinventar, reinventando-se...

Compromissos

Apoiar a mudança em função de referenciais de qualidade através de planos de formação das escolas contextualizados e adequados, credíveis e reconhecidos, ao serviço de políticas educativas e de projetos significativos para a melhoria dos resultados escolares e do desempenho profissional, a partir dos problemas nevrálgicos do ensino e da sala de aula, da cultura organizacional, das lideranças e da gestão e administração escolar.

Contribuir para o sentido profissional e organizacional, para a progressão na carreira e avaliação do desempenho docente através da valorização de uma conceção investigativa da formação centrada na reflexividade das práticas sobre os contextos de trabalho, os processos, as metodologias, as ferramentas tecnológicas utilizadas, os processos de regulação e avaliação, os resultados e as mudanças operadas, com vista à melhoria sustentada dos contextos escolares e comunitários.

Promover dinâmicas de inovação e desenvolvimento centradas na

comunicação entre as escolas dos Agrupamentos, viabilizadas presencialmente e a distância por meio de redes de trabalho comunicante, em parcerias várias a nível local, nacional e internacional.

Promover a comunicação e inspiração dos atores educativos por meio de uma gestão de liderança em trabalho de equipa partilhado, com sentido de compromisso e prestação de contas.

Mobilizar todos os atores intervenientes na construção de processos de formação contínua exigentes e competentes centrados nas escolas e nas práticas profissionais, apoiados num sistema de avaliação externa e de autoavaliação.

Fazer acontecer o futuro educacional marcado pela reflexividade, pela criatividade, pela inovação, pelo conhecimento e pelo desenvolvimento, promovendo a qualidade dos processos formativos, no Quadro da Estratégia Europa 2020, através de estabelecimento de parcerias locais, nacionais e internacionais com instituições do ensino superior, associações profissionais de ensino, autarquias, centros de formação profissional e de associação de escolas, empresas e outras instituições de educação, cultura e ciência numa linha de qualificação e certificação ao longo da vida.

Assumir a iniciativa de contribuir para o bem-estar docente e crescimento Pessoal e Profissional, investindo em novas abordagens e sentido(s) da profissionalidade docente.

Congregar esforços para enfrentar os desafios do século XXI, através de candidaturas a projetos europeus, favoráveis a práticas de investigação e formação em contexto educativo europeu, no âmbito de parcerias estratégicas e mobilidade de alunos e professores, valorizando a inclusão de experiências internacionais significativas, na construção de uma escola mais universal e humanizada.

Nesta perspetiva, partilhamos três projetos europeus de referência e em curso:

1- Projeto Erasmus + KA2- LINPILCARE

Erasmus + KA2 strategic partnership 2014-1-BE02-KA201-000432

O Projeto Erasmus + KA2- LINPILCARE assenta sobretudo a sua ação no desenvolvimento de metodologias inovadoras, exigidas pelas novas abordagens e desafios do século XXI. Deste modo, os pontos-chave para a inovação no domínio educativo, consistem em promover o desenvolvimento profissional docente, num sentido mais amplo do conceito, procurando construir matrizes que levem o professor a ser o principal ator enquanto investigador da sua própria prática. Assim, procuramos promover práticas de investigação-ação e comunidades de aprendizagem e melhorar o acesso à investigação académica relevante. Estes três pilares constituem a sustentabilidade do projeto LINPILCARE.

O LINPILCARE resulta de uma parceria estratégica Erasmus + KA2, envolvendo seis parceiros europeus que representam instituições que desenvolvem a sua ação no âmbito educativo. Este projeto iniciou-se em setembro de 2014 e irá terminar em agosto de 2017. O objetivo fundamental deste projeto consiste em relacionar a investigação-ação por via das Comunidades de Aprendizagem com os resultados das investigações académicas, tendo como suporte as evidências que resultam da prática docente.

Deste modo, o projeto pretende apoiar e promover equipas de professores que reflitam e investiguem a sua própria prática, de uma forma sistemática, sendo este o suporte para o desenvolvimento e resultados do projeto. O LINPILCARE pretende ainda apoiar as equipas de professores no desenvolvimento da sua investigação-ação no interior de comunidades de aprendizagem, tendo como base os resultados e as investigações académicas relevantes sobre o assunto.

Quem são os parceiros do LINPILCARE?

O consórcio é composto por 6 parceiros:

Parceiro 1: VSKO - DNI (Bélgica), Centro de Formação de Desenvolvimento Profissional Desenvolvimento, Bélgica - Coordenador do Projeto - <http://int.nascholing.be> - rik.vanderhauwaert@vsko.be

Parceiro 2: Universidade de Tartu (Estónia), <http://www.ut.ee/et>

Parceiro 3: Universidade de Ciências Aplicadas, Educação Fontys Hogeschool (Holanda) <http://fontys.edu/>

Parceiro 4: Instituto Nacional de Educação da Eslovénia, Zavod Republike Slovenije za šolstvo (Eslovénia) <http://www.zrss.si/>

Parceiro 5: Centro de Formação de Escolas do Concelho de Almada, AlmadaForma (Portugal) <http://almadaforma.org/>

Parceiro 6: Escola Dene Magna (Reino Unido) <http://www.dene-magna.gloucs.sch.uk>

Como se irá desenvolver o LINPILCARE?

Primeiro ano (setembro 2014 a agosto de 2015) - os parceiros irão conceber um quadro comum de referência (CCFR) em torno dos pilares do projeto. Um dos objetivos centrais consiste em compreender de que modo a investigação académica se encontra intimamente relacionada com os processos de investigação-ação no interior das comunidades de aprendizagem.

Num primeiro momento os parceiros entrarão em contacto com as instituições escolares, através das suas lideranças de topo e intermédias, com o objetivo de informar e esclarecer os conteúdos e objetivos deste projeto. As instituições, representadas pelos seus líderes, que considerem pertinente a área de ação do projeto, poderão tornar-se parceiras do projeto LINPILCARE.

Segundo ano (setembro 2015 a agosto 2016) - os parceiros irão cons-

truir e disponibilizar uma caixa de ferramentas pedagógicas (*toolbox*), com o objetivo de desenvolver o quadro comum de referências (CCR) delineado na etapa anterior. As ferramentas serão construídas de acordo com os três pilares em que se assenta o projeto LINPILCARE, potenciando o desenvolvimento profissional docente, na perspectiva de:

- **Apoiar os professores na realização dos processos de investigação-ação da sua própria prática, de forma sistemática;**
- **Apoiar os professores no seu desenvolvimento profissional, potenciando as comunidades de aprendizagem de forma eficaz;**
- **Apoiar os professores no acesso às investigações académicas relevantes para o objeto de estudo;**
- **Apoiar os professores na interligação dos três pilares do projeto, permitindo que estes compreendam as potencialidades desta interdependência no seu desenvolvimento profissional e no sucesso académico dos seus alunos.**

Terceiro ano (setembro 2016 - agosto 2017): a última etapa do projeto pretende que os parceiros analisem/interpretem os dados recolhidos, a nível nacional e internacional, sobre os conteúdos e as diferentes abordagens do projeto, permitindo retirar conclusões sobre a valorização do desenvolvimento profissional docente, tendo em conta o progresso ao nível da investigação sobre os três pilares do projeto. É nossa intenção difundir os resultados através da publicação de artigos científicos no âmbito da temática em análise e apresentação dos mesmos em congresso transnacional.

Primeira atividade de Formação e Ensino - Lisboa, 19 a 23 de janeiro 2015

Nancy Dana, professora da Universidade da Flórida (EUA), foi a formadora da primeira atividade formativa para todos os parceiros do consórcio, no âmbito da investigação-ação e comunidades de aprendizagem eficazes. Deste modo, os parceiros do consórcio delinearão o primeiro rascunho do quadro comum de referência (CCR).

Referência do livro: Dana, N. F., & Yendol-Hoppey, D. (2014). *The reflective educator's guide to classroom research: Learning to teach and teaching to learn through practitioner inquiry*. Corwin Press.

2- Projeto Leonardo da Vinci - KEYCOACH

As competências transversais chave são cada vez mais importantes, tendo em conta a evolução do mercado de trabalho. No entanto, são tratadas de forma menos sistemática pela maioria dos sistemas de Ensino e Formação Profissional (EFP) do que pelos do ensino regular. Em parte, esse desafio diz respeito à formação de professores do ensino profissional.

O projeto KEYCOACH aborda diretamente esta questão, com o ob-

jetivo geral de promover tutores de EFP e mentores com as competências e conhecimentos necessários, a fim de formar os seus alunos em adquirir, desenvolver, manter e desenvolver as competências transversais relacionadas com competências essenciais transversais.

O KEYCOACH também visa melhorar a qualidade e inovação do ensino profissional, através da formação de tutores e professores do ensino profissional em técnicas de *coaching* e implementação regular de programas de *coaching* e da criação de novas formações sobre as competências essenciais chave em competências transversais para estudantes do ensino profissional.

O programa a transferir no projeto KEYCOACH é um curso de formação altamente inovador para professores, para que estes possam usar técnicas de *coaching* no sentido de promover o desenvolvimento de competências transversais nos seus estudantes.

Os objetivos do projeto KEYCOACH serão alcançados através do trabalho colaborativo de um consórcio composto por sete parceiros de sete países diferentes: Espanha, Bélgica, Portugal, Lituânia, Roménia, Polónia e Áustria. Os parceiros incluem especialistas em *coaching*, formadores no ensino profissional, um designer em serviços *e-learning* e um especialista em comunicação.

Os parceiros do projeto irão trabalhar juntos durante 24 meses, observando um plano de trabalho previamente definido. Em resumo, os materiais da formação original serão adaptados, reorganizados, traduzidos e digitalizados, com a finalidade de obter os conteúdos básicos de um novo programa de formação adaptado às necessidades identificadas em cinco países diferentes; o curso será disponibilizado através de uma ferramenta aberta de *e-learning*, com base na utilização das TIC.

O impacto esperado do KEYCOACH faz referência aos seguintes pontos:

- Aquisição por professores do ensino profissional (formados com o programa de formação em *coaching*) de capacidades necessárias para promover as competências transversais chave nos estudantes;
- Melhoria da qualidade e inovação no ensino profissional;
- Sensibilização para a necessidade de formar docentes do ensino profissional em competências transversais chave, promovendo-as junto dos seus alunos, no contexto da União Europeia.

3- Projeto Erasmus + KA2- Parceria estratégica - INTER + Plurilinguismo e interculturalidade em contexto educativo europeu

Projeto de formação e intercâmbio de três anos para dois grupos de formandos, sob responsabilidade local do Centro de Formação CFAE-CA - Almadaforma e de uma equipa de especialistas designados.

Responsável do Projeto: Dr Manuel de Lima, DAREIC, Academia de

Créteil (Paris Este) Coordenador Adjunto do projeto *Inter +*: Dr Benoît Goffin.

Parcerias: França, Espanha, Grécia, Portugal, Áustria, Roménia, Guyane Francesa.

Objetivos Gerais:

- Conhecer os códigos culturais dos alunos e dos parceiros da área de educação;
- Valorizar e desenvolver as competências linguísticas e culturais dos alunos (para facilitar a inclusão e o ensino-aprendizagem e ajudar na construção da identidade, de modo a evitar o insucesso/abandono escolar);
- Saber agir em situações de plurilinguismo vividas por profissionais da educação.

Temáticas das sessões de formação:

- Sensibilização para as línguas e culturas estrangeiras
- Didática de línguas e culturas
- Reconhecimento de códigos culturais diferentes
- Abordagem plural de línguas estrangeiras
- Comunicação em língua estrangeira
- Conhecimento do sistema educativo dos parceiros do projeto e do respetivo contexto local

Nota: O conteúdo de cada temática será definido pelo grupo de peritos reunidos em Créteil, numa reunião transnacional a decorrer no Colégio Internacional de Noisy-Le-Grand, Seine-Saint-Denis.

Em conclusão

Os projetos europeus apresentados integram-se nas lógicas de ação preconizadas pelo Centro de Formação AlmadaForma e nas prioridades identificadas, nomeadamente no domínio do respeito pela diversidade linguística e cultural, como fatores de inclusão e de cidadania; no domínio do ensino profissional, na valorização e reconhecimento da via profissional e na empregabilidade, face às exigências globais do mercado de trabalho; no domínio do desenvolvimento profissional docente e nos diferentes papéis a assumir pelo professor, enquanto ator e investigador da sua própria prática, em comunidades de aprendizagem, atribuindo sentido e valor ao seu saber e agir.

O Centro de Formação AlmadaForma procura desenvolver a sua ação em geografias de afetos, manifestados em processos de comunicação expressivos e no reconhecimento e valorização das pessoas envolvidas, no ato de ensinar e de aprender, mestres e discípulos, em contínuo aperfeiçoamento, eternos aprendentes.

Profalmada, n.º 36, p. 3-5

Experiência Como Formadora: *Transição de Ciclo*

Dra Elena David^{1*}

Introdução

No quadro do **direito à educação escolar**, consagrado como direito axial na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (ONU, 1948), tem vindo a afirmar-se o conceito de **formação contínua ou permanente**. Esta entendida como aprendizagem ao longo da vida, seja académica ou formal, não-formal e informal. Variantes de um processo que se desenvolve em todo e qualquer território da vida (familiar, interpessoal, profissional, associativa, sociopolítica).

Subjaz ao processo de educação-formação a lógica de *pensar para agir e agir para pensar melhor*. Assim, a produção de conhecimentos (reflexão-investigação) é indissociável da construção do processo sócio-histórico de humanização do homem e da sociedade (transformação do mundo sob a égide dos direitos e responsabilidades humanos).

Neste contexto, a elaboração de uma ação de **formação acreditada para educadores e professores do 1.º ciclo**, subordinada ao tema: *Prevenir o insucesso escolar: apoio à transição de ciclo*, surge, por um lado, da experiência de um projeto com alunos do 4.º ano do 1.º ciclo do ensino básico, no âmbito do Plano de Atividades do Projeto Experiment@RTE no ano letivo de 2007/2008, inserido no Programa Escolhas 3.ª Geração, no Agrupamento Vertical de Escolas Padre Abílio Mendes – Barreiro e, por outro lado, pela assunção da importância, que é cada vez mais reconhecida, do desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas facilitadoras do processo de transição das crianças do pré-escolar, 1.º e 2.º ciclos do ensino básico, envolvendo os seus professores, assistentes operacionais e famílias/encarregados de educação.

Esta ação de formação acreditada já foi realizada, por duas vezes, no Funchal, no âmbito do Plano de Formação da Associação Nacional de Professores (dois Cursos: fevereiro e novembro de 2014).

1. Fundamentação

Lei de Bases do Sistema Educativo (1986) – **Artigo 8.º, ponto 2:**

A articulação entre ciclos obedece a uma sequencialidade progressiva, conferindo a cada ciclo a função de completar, aprofundar e alargar o ciclo anterior, numa perspectiva de unidade global do ensino básico.

A necessidade de abordar **a identidade profissional de educadores de infância e de professores**, segundo a perspectiva de uma cultura profissional de base, pressupõe a construção de uma consciência coletiva destes profissionais da educação, que deve ser desenvolvida desde a formação inicial e ao longo de toda a vida, para que seja possível estabelecer uma continuidade

¹ Licenciada em Psicologia pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada - Lisboa (1993) e Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Lisboa (2004), formadora acreditada pelo Conselho Científico Pedagógico de Formação Contínua.

nos diversos contextos educativos onde as crianças-jovens realizam o seu percurso socioescolar, tendo em conta as especificidades, mas acentuando conceitos e estratégias didático-pedagógicas comuns, contrariamente a concepções e procedimentos preponderantes.

Para podermos em conjunto construir essa consciência coletiva e essa cultura profissional, devemos interrogar em primeiro lugar as concepções do senso comum que sublinham as diferenças entre as funções dos educadores de infância e dos professores, com vista à construção de um *novoo senso comum*.

Educadores e professores constroem **representações** relativamente à função social da sua profissão e do seu papel no processo de ensino-aprendizagem, bem como formulam representações das funções sociais do jardim de infância e da escola do ensino básico, constituindo-se, assim, a rede de representações cruzadas de educadores de infância e de professores, relativamente às suas funções.

Neste sentido, o desconhecimento do trabalho realizado pelos profissionais dos diferentes níveis de ensino faz transparecer, quantas vezes, um conjunto de equívocos, de atribuição de responsabilidades aos colegas, de representações negativas, de julgamentos de valor infundados e de imagens estereotipadas acerca do trabalho e das funções dos seus colegas que exercem em *outros* contextos educativos que não os *seus*.

As **crianças** que frequentam o pré-escolar e o 4º. ano do ensino básico, aquando da sua transição de ciclo, confrontam-se com mudanças ao nível da gestão/ organização espaço-temporal, organização dos saberes por áreas disciplinares, estratégias didático-pedagógicas, procedimentos de avaliação, etc., o que exige um nível mais elevado de competências de organização e autonomia.

Refletir e trabalhar os direitos da criança (*Convenção*, ONU, 1989), com as próprias e com os professores, tem subjacente a concepção de uma socialização sustentada na liberdade/ autonomia e na responsabilidade pessoal e solidária na comunidade escolar.

Deste ponto de vista, o Curso, que a seguir se apresenta, visa a reconceptualização do conceito de crianças-alunos enquanto cidadãos de direitos e deveres, ou seja, repensar com os professores dinâmicas de organização, gestão e avaliação curricular, não apenas do ponto de vista cognitivo-instrumental, *aprender a conhecer e aprender a fazer*, mas também do ponto de vista ético-cívico, *aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros* para *aprender a ser*, considerando a formação para a cidadania transversal a todas as áreas curriculares (cf. UNESCO, 1996), bem como problematizar-cuidar da transição entre ciclos por forma a que este processo se revista de sequencialidade-articulação do processo ensino-aprendizagem, trabalhando as identidades profissionais nos diferentes níveis educativos.

2. Programa

Objetivos

Objetivo geral: proporcionar uma reflexão teórico-prática no sentido de

os formandos-formadores poderem desenvolver atividades com as crianças que possam promover competências de organização e autonomização, no sentido de minimizar os efeitos da transição de ciclo, facilitando a integração das crianças no novo contexto sócio-escolar.

Objetivos específicos:

- Refletir e intencionalizar o ensino-aprendizagem da cidadania enquanto dimensão transversal do ato educativo
- Problematizar a articulação *inter pares*
- Elaborar um Projeto de Apoio à Transição de Ciclo
- Apresentar/implementar o projeto em contexto de trabalho.

Conteúdos

I - Da democratização do ensino à escola democrática (9h)

1.1. Breve revisão histórica do processo de reconhecimento dos direitos da criança e do jovem

1.2. Conceituação de necessidades humanas, valores, direitos e responsabilidades

1.3. Desenvolvimento sócio-ético

1.4. A escola como espaço de aprendizagem sócio-relacional

II - Dos saberes ao saber-fazer (6h)

2.1. Apresentação e reflexão sobre um Projeto implementado com alunos do 4.º ano do 1.º ciclo do ensino básico, no âmbito da área da Formação Cívica

2.2. Exemplos de Projetos de Apoio à Transição de Ciclo

III - Projetos em ação (10h)

3.1. Elaboração de um Projeto

3.2. Apresentação e discussão dos Projetos

Metodologia

Considerando os conteúdos desta ação, a metodologia utilizada configura uma dimensão teórica e teórico-prática, nomeadamente o levantamento de questões que sejam do interesse do grupo; enquadramento teórico; trabalho sobre representações socioprofissionais; trabalhos em pequeno grupo sobre situações práticas; apresentação e debate em grande grupo; elaboração de um projeto de apoio à transição de ciclo e avaliação da formação.

Avaliação dos formandos

Os formandos serão sujeitos a um processo de avaliação, segundo os seguintes critérios:

- **Assiduidade, pontualidade, participação** nas sessões (empenhamento, envolvimento nos trabalhos de grupo e individuais, interesse, comentários)
- **60%**

- **Reflexão Crítica** - de acordo com o estabelecido nos conteúdos da ação, este item consistirá na elaboração e apresentação de um Projeto de Apoio à Transição de Ciclo - **40%**

3. Considerações Gerais

Neste contexto de formação e com base na construção social das instituições educativas como instâncias que preparam para o patamar seguinte, as **famílias surgem como os permanentes responsáveis** pela sua *má preparação*, uma vez que não deixam de ser responsáveis pelas crianças, adolescentes e jovens, enquanto que os profissionais o são durante um tempo-espaço limitado.

Marcel Lesne (1977), referindo-se aos adultos, considera que uma das características deste grupo é que estes são agentes sociais do presente e não do futuro. Em relação às crianças e aos jovens, o imaginário social foi-se construindo em torno da ideia que estes serão futuros cidadãos, o *amanhã*, profissionais, pais, dirigentes, ou seja, **persiste por consequência que é o futuro que legitima a escola**.

Daí, **o critério de sequencialidade na organização do sistema educativo** escolar em que cada etapa é considerada como a preparação para a etapa seguinte, sendo da responsabilidade de cada etapa anterior a *má ou boa preparação* com que os alunos chegam a determinados níveis de ensino.

Esta lógica sequencial constrói um terreno favorável a que os vários ciclos de desenvolvimento-aprendizagem se encontrem, muitas vezes, de costas voltadas, por descon siderações de estatuto socioprofissional, **culpabilizações corporativas** e pela instauração de uma *desconfiança básica* entre atores de uma mesma categoria profissional, como é o caso da profissão docente.

O nosso posicionamento face a esta questão é que qualquer instituição educativa faz parte do presente-quotidiano de todos aqueles que nela habitam, integrado no processo de formação mais amplo e permanente, não atribuindo ao presente um carácter transitório, na medida em que *transitórios são os saberes, não as pessoas*.

A organização escolar parece que tem vindo a contornar esta sua dimensão do presente, conjugando-se no futuro: *O futuro vai-se fazendo, preferencialmente de forma participada, envolvendo os alunos. No entanto, o que predomina na escola é uma 'cultura prescritiva' de planos e matérias de estudo, de normas disciplinares, de provas globais (standardizadas), de práticas pedagógicas que se inscrevem numa filosofia de 'produção em série' (...)* (Pais, 1999: 51).

Bibliografia Básica

- 92 AMNISTIA INTERNACIONAL (1997). *Primeiros Passos: Um manual de iniciação à educação para os direitos humanos*. Lisboa: Secção Portuguesa da Amnistia Internacional.
- AMNISTIA INTERNACIONAL (1996). *Declaração Universal dos Direitos humanos: 30 artistas portugueses*. Loures: Secção Portuguesa da Amnistia Internacional e Câmara Municipal de Loures.
- CANÁRIO, R. e D'Espiney, R. (org.) (1994). *Uma Escola em Mudança com a Comunidade*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- CANÁRIO, R. (1999). *Educação de Adultos: um campo e uma problemática*. Lisboa: EDUCA - Formação.
- DAVID, E., FERNANDES, E., MATOS, M., SANTOS, M. (1999). *Espreitando as Margens de Abril. Os Direitos da Criança e do Jovem*. Almada: Associação Semear para

Unir e Câmara Municipal de Almada.

FORMOSINHO, J. (org.) (1996). *Educação Pré-escolar: a construção social da moralidade*. Lisboa: Texto Editora.

FREIRE, Paulo (1997). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LESNE, M. (1977). *Trabalho Pedagógico e Formação de Adultos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MONTEIRO, A. R. (2005). *Deontologia das Profissões da Educação*. Coimbra: Almedina.

ONU (1989). *Convenção Sobre os Direitos da Criança*.

PAIS, J. M. (1999). Comportamentos dos adolescentes de hoje: resultados de alguns estudos. In Vários. *As pessoas que moram nos alunos – Ser jovem, hoje, na escola portuguesa*. Porto: Edições ASA, p. 49-73.

SARMENTO, M.J. E CERISARA, A. B., (org). (2004). *Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Edições ASA.

SOARES, N.F. (1997). “Direitos da criança: utopia ou realidade?” In Pinto, M. e Sarmento, M.J. (coord.). *As Crianças. Contextos e Identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança. Universidade do Minho.

TOMÁS, Catarina (2011). *Há muitos mundos no mundo. Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Porto: Edições Afrontamento.

UNESCO (1996). *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Porto: ASA.

VIEIRA, C. (2007). *40 Actividades para a Formação Cívica. Guia de Recursos para o Director de Turma*. Lisboa: Edições ASA.

Profalmada, n.º 36, p. 6-8

Manifesto da Educação por Portugal Contra a Delapidação do Ensino Obrigatório

Prof. Ernesto Fernandes¹

Justificação

A) As organizações sindicais, não ignorando a hegemonia da FENPROF, têm desenvolvido uma estratégia de luta e reivindicação centrada nas condições contratuais dos educadores e professores (concursos e colocações nacionais, carreiras, horários de trabalho, vencimentos, aposentação).

As associações profissionais de natureza disciplinar (português, matemática, história, inglês) centram-se na defesa corporativa da área de ensino respetivo (programas, metas de aprendizagem, horas de lecionação, manuais, exames nacionais).

Nesta trajetória de quatro décadas de liberdade e democracia, sem regularidade, foram acontecendo conferências, encontros e seminários que abor-

¹ Professor provisório do ensino público (Matemática, Cálculo Comercial, Contabilidade), 1968 - 1973, em várias escolas do distrito de Setúbal. Professor do ensino superior de Ciências Sociais, 1974 - 2006. Aposentado. Sócio do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, desde 1972. Associado e coordenador da área editorial da Associação de Professores do Concelho de Almada - Universidade Sénior de Almada, desde 2007.

daram a missão institucional e social dos educadores e professores, ou seja, o seu estatuto científico-tecnológico, didático-pedagógico e deontológico: a reconstrução da sua identidade profissional.

Um historial que ainda regista as tentativas frustradas, por resistências evidentes dos sindicatos, de criação da **Ordem dos Professores**, quando se foram multiplicando as Ordens Profissionais, ampliando as institucionalizadas até ao 25 de Abril (as Ordens dos Médicos, Advogados ou Engenheiros).

B) É política e socialmente grave a humilhação que tem acometido a categoria profissional dos educadores e professores. Uma deriva que, afetando a dignidade profissional, se repercute em quebra de autoridade na relação com os alunos, pais, encarregados de educação, comunidade local e a sociedade, não menosprezando a negatividade das comparações estatísticas a nível europeu e internacional no campo do ensino obrigatório, atualmente de 12 anos em Portugal.

C) Revisitando o *Relatório da UNESCO (1996). Educação: um tesouro a descobrir*, elaborado por uma Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, que integrou o Eng.º Roberto Carneiro, ex-ministro da Educação, é pertinente perguntar: qual a divulgação e o conhecimento deste *Relatório* entre os docentes? Encurralados por um quotidiano de *funcionários do ensino* e de submissão à velocidade errática das medidas e normas centralistas da política educativa, quase não resta tempo para o estudo-reflexão sobre a criação de uma estratégia propositiva no sentido de *Uma exigência democrática*, de *A Educação ao longo de toda a vida*, de *A Educação no coração da sociedade* (cf. *Relatório*, cap.5, p. 89-101) e de *A procura da educação para fins económicos "versus" Educar para o desenvolvimento humano* (cf. *Relatório*, cap. 3, p. 61-75).

D) Paradoxalmente, a discussão sobre o ensino obrigatório está sendo focada sobre o *ensino dual* (técnico-profissional e teórico) como produto inovador importado da Alemanha e em evolução geométrica de procura, entre nós, mas vejamos: antes do 25 de Abril de 1974, o sistema era estruturalmente dual: ensino regular ou académico; Liceus e ensino profissional; Escolas Comerciais e Industriais. Para estes alunos, alguns destes, era aberta uma saída de acesso ao ensino superior: Instituto Comercial e Instituto Industrial, no Continente. Esta evidência sócio-histórica não deve ser ignorada quando reemerge para alunos a partir dos 12/13 anos a oferta de *cursos vocacionais* nos ensinos básico e secundário, cuja procura passou, nos últimos dois anos, de 300 para 22 600 alunos.

Princípios Fundamentais para uma Mudança da Educação

1. A Educação deve constituir cada aluno como centro e finalidade, porque cada estudante é uma pessoa única, fundamento do seu estatuto de cidadão e cidadã e, por isso, sujeito de direitos e deveres, conforme a *Convenção sobre os Direitos da Criança* (ONU, 20 de novembro de 1989), ratificada pela Assembleia da República, Resolução n.º 20/90, em conformidade com a *Constituição da República Portuguesa*.

Contra a cultura dominante de ignorância ou menosprezo dos direitos da criança é um dever deontológico da profissão mudar a sua mentalidade e contribuir para a desconstrução do senso comum reinante.

Recusando a infantilização ou a adultização, impõe-se como imperativo racional e ético compreender a criança e o jovem na sua complexidade singular pela família, comunidade residencial, municipal, ou seja, **encarar a criança como um feixe de relações sociais concretas** que, mesmo quando semelhantes sociologicamente, se repercutem subjetivamente de modo variável e até radicalmente diverso, mormente no seio das chamadas classes desfavorecidas.

Persiste uma cultura redutora de sobrevalorização das potencialidades-capacidades *cognitivas* em detrimento das potencialidades-capacidades *estético-expressivas* (as artes, a cultura física). Como é evidente o *ensino regular* não é racional, pois trata como igual o que não é igual.

2. Sem a adoção do Princípio enunciado, reproduz-se com regularidade comprovada a **relação retenção/insucesso/abandono/indisciplina** como problema que afeta persistentemente o ensino obrigatório em Portugal, cuja situação regista as taxas mais elevadas da União Europeia: a retenção dos alunos até aos 15 anos, em Portugal, é de 34,3%; na Finlândia 3,8%; a média da OCDE é de cerca de 12% (cf. *Relatório Técnico do Conselho Nacional de Educação* de 2015).

Certas medidas de política educativa, já testadas em outros países, não são uma reivindicação clara e pública dos docentes e suas organizações, como sejam:

a) Redução do número de alunos por turma, sem a qual se inviabiliza a relação professor-estudante, nomeadamente orientada para a prevenção e redução das suas dificuldades e problemas de aprendizagem, promovendo para todos uma **educação pluridimensional** (científico-tecnológica, estético-expressiva e ético-cívica) em rompimento com o *cognitivismo* (língua, matemática e ciências). Mais, em rutura com estratégias narcísicas de competição larvar: TPC, testes, corrida às explicações, exames nacionais, quadros de honra, quadros de mérito e *rankings*. Uma moldura educativa que deixa submersa a *filosofia socrática* (séc.V a.C.). Romper ainda com uma cultura organizacional que estende até ao limite o horário escolar dos alunos e, por consequência, o horário dos docentes, sem *tempo livre* para diagnosticar cada aluno em seu TPC, quando este é uma prescrição quase absoluta a nível nacional. Prisioneiros da **avaliação somativa**, escapa-nos o fundamental: a **avaliação formativa**.

b) **Rutura com a didática transmissiva**, abstrata e centrada na memorização de conhecimentos disciplinares e fragmentados e não na observação, análise e experimentação dos fenómenos do real concreto, estes sempre complexos, a requerer tratamento inter/transdisciplinar, ensino-aprendizagem em ambiente real. Por isso, aos docentes compete investigar metodologias

inovadoras que coloquem o aluno como sujeito do ensino-aprendizagem em dialética com os colegas, nomeadamente pelo incentivo à pesquisa e trabalho em grupo, metodologia de projeto, visitas de estudo, estágios curriculares ou voluntariado social sob a monitorização docente.

c) *A superação da escola-quartel e do professor-instrutor* obriga-nos à construção de uma nova cultura de escola que supere a patologia da sala de aula (prisão) e a do recreio (libertação). Neste sentido, **é fundamental** uma cultura de cooperação entre os docentes e outros profissionais, quase inexistentes (psicólogo, assistente social, professor do ensino especial); **é fundamental** reconhecer a importância dos *contínuos* de ontem, outra categoria precária e aviltada sem consideração básica e sem formação enquanto *auxiliares de ação educativa*; **é fundamental** que a Escola invista numa relação não burocrática com os pais e encarregados de educação; **é fundamental** que a Escola efetive uma relação de colaboração com as organizações da comunidade local e municipal (bibliotecas, museus, empresas, instituições de solidariedade social), não na lógica hoje existente, mas de envolvimento no processo de ensino-aprendizagem.

d) Questionação de programas ou projetos exteriores à escola para atenuação de problemas de insucesso e abandono. Estes, tendo tido sentido em certas alturas do passado, são hoje uma ignomínia consentida e mediatizada. Não tem sentido, quando pendem sobre a escola pública sucessivos cortes orçamentais, haver orçamento para estes complementos paliativos e mediatizados de sucesso. Nos tempos de agora, são projetos marginais para enfrentar questões estruturais.

Haja estratégia de inovação, que compreende mudar a escola em cooperação com os atores da comunidade e segundo uma visão global.

3. Ao arrepio de uma cultura de aprendizagem ao longo de toda a vida (formação permanente), emergente desde os anos sessenta do século XX, a **formação contínua de educadores e professores** nunca se desenvolveu segundo uma estratégia de política educativa estável, consistente e avaliada, como não tem acontecido em outros eixos ou dimensões da Educação, pois as medidas desenrolam-se de modo avulso e episódico segundo uma lógica governamental ao sabor de correntes ou modismos.

96

O poder central e centralista pretende sobretudo ter os docentes como funcionários domesticados e não como especialistas da educação. Neste contexto, é necessário equacionar a relação *formação inicial/seleção para a carreira profissional/formação contínua*.

4. No quadro dos Princípios enunciados, destaca-se ainda como questão crucial o **Estatuto Profissional** para inverter a opressão política e o desprestígio social que afetam o estatuto profissional dos docentes, particularmente ao nível do ensino obrigatório. Para o efeito é urgente o debate alargado sobre o **Estatuto e Código Deontológico dos Profissionais da Educação**, pilar para a criação da **Ordem**, enquanto interlocutor do poder político-partidário, dos

atores sindicais e da sociedade para a mudança da Educação em Portugal.

5. Às organizações sindicais apenas o que a elas compete, ou seja, diagnosticar, denunciar; reivindicar condições contratuais (concursos, colocação, carreiras, vencimentos, horários de trabalho, férias, aposentação, defesa e apoio jurídico aos associados), em conformidade com o estatuto e código deontológico da profissão. Haja lucidez sociopolítica!

Epílogo

Recomenda-se para a *utopia necessária* a leitura de *Educação de Portugal*, do Prof. Agostinho da Silva (original de 1970, censurado, e editado em 1989), que está subjacente a este *Manifesto*.

Esclarece-se que, não fazendo parte deste Manifesto considerações sobre o ensino superior e a investigação, aconselhamos a leitura de *Manifesto para a Ciência em Portugal*, de José Mariano Gago (1948-2015), Lisboa, Gradiva, 1990.

Em defesa da Educação por Portugal, a vida decreta que é proibido não abraçar a *vontade marinheira* de se pôr a velejar...

Almada, julho de 2015

Saúde e Psicologia

Dr. Hugo Duque Guerra

Quando desejamos o bem para os nossos familiares e amigos dizemos muitas vezes *saúde!* O termo é ainda utilizado como forma de saudar o outro. Não é por acaso que dizemos ‘saúde!’ quando chegamos ou quando partimos. Olhando para a etimologia da palavra, verificamos que *saúde* remete para *salus* em latim, que significa salvação, conservação e hígidez. É ainda interessante que a palavra saudar se desenvolve a partir da palavra latina *salutare*, que significa literalmente desejar saúde. Vemos assim que quando desejamos saúde estamos a pedir que alguém esteja a salvo e bem conservado.

Os antigos ligavam o ter saúde à noção de estarmos inteiros, com as partes do corpo e da alma integradas numa ordem única. Na Mesopotâmia e no antigo Egipto a falta de saúde era um sinal de má conduta na terra ou de condenação divina. É na Grécia clássica que o famoso Hipócrates cria o primeiro sistema de diagnóstico de doenças, usando a sua esquematizada teoria dos humores. Nela, Hipócrates (460 a.C. – 370 a.C.) ligava os quatro elementos da natureza, Fogo, Ar, Terra e Água, a quatro órgãos do corpo, nomeadamente o Fígado, o Coração, o Baço e o Cérebro. Desequilíbrios nestas estruturas estavam relacionados com diagnósticos humorais coléricos (indivíduos agressivos), sanguíneos (indivíduos eufóricos), melancólicos (indivíduos deprimidos) e fleumáticos (indivíduos frios), respetivamente. Este sistema re-

lativamente simples tem o particular interesse de ter sido o primeiro ensaio para a medicina racional que seria a base da prática na Grécia Clássica, com Cláudio Galeno (129 - 217) em Roma e mais tarde nas sociedades modernas e contemporâneas.

É apenas na renascença, época que podemos considerar ir dos finais do séc. XIII até ao séc. XVII, e que representa uma abertura das mentalidades europeias em domínios como as artes, a filosofia e a medicina, que os modelos clássicos racionais são outra vez permitidos. Nicolau Copérnico (1473 - 1543), com a criação do modelo heliocêntrico, Andreas Vesalius (1514 - 1564), com a publicação do seu livro de anatomia *De Humani Corporis Fabrica*, e René Descartes (1596 - 1650), com o discurso sobre o método racional, são algumas das importantes personalidades que voltam a colocar o Homem no centro do mundo da investigação. Philipp Pinel (1745 - 1826), no seu "Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental ou a Mania", categoriza pela primeira vez na história, de forma exaustiva, as doenças mentais. A falta de saúde, desta vez mental, é vista pela primeira vez na Europa como um assunto em que se aplicam cuidados médicos. O livro referido corresponde a uma obra que evidencia as observações e terapias realizadas com os doentes internados no Hospício da Salpêtrière em França durante os anos de 1806 e 1807. Embora isolados dos outros homens e mulheres, estes pacientes são olhados com uma perspetiva clínica e não com um olhar segregador ou autoritário.

É com Charles Darwin (1809 - 1882) que a verdadeira revolução das mentalidades acontece e este facto permite que também a filosofia, em primeiro lugar, e depois a psicologia, biologia e sociologia, olhem para o Homem numa perspetiva naturalista e evolucionista, ou seja, como um ser que se adapta ao meio ambiente através da seleção natural.

A psicologia como ciência inicia-se no século XIX e segue a lógica paradigmática da especialização. Ela começa por abranger o estudo das funções da sensação, percepção e processos de consciência com Wilhelm Wundt (1832 - 1920), dos traumas nervosos e papel do inconsciente, com Sigmund Freud (1856 - 1939), do estudo do comportamento, com John Watson (1878 - 1958), ou do estudo dos processos de aprendizagem e aquisição de conhecimento com Jean Piaget (1896 - 1980). Estes são alguns dos autores que marcaram e marcam a psicologia atual. Atualmente podemos fazer distinções entre a psicologia clínica e da saúde, que se foca nas perturbações do comportamento e adaptação psicológica às doenças, a psicologia educacional, que intervém nas escolas e nos processos de aprendizagem, a psicologia social e das organizações, que investiga os processos de interação social e que intervém nas organizações e a psicologia criminal ou forense que estuda os perfis e os comportamentos criminais.

Ao nível da intervenção, podemos ainda descrever o raio de ação do psiquiatra, do psicoterapeuta e do psicanalista. À imagem do psicólogo, o psiquiatra tem como objeto de estudo e de intervenção a mente humana. A

diferença é que o psiquiatra é um médico e, portanto, pode receitar medicamentos que intervêm na regulação química do nosso corpo. Tanto o psicoterapeuta como o psicanalista podem ter formação como psicólogo ou como médico de base. São profissionais que detêm uma especialização aprofundada em terapia que envolve a mudança nos factores de personalidade ou em formas de pensar ou agir que estão bastante marcados na pessoa.

A psicologia é uma ciência fascinante porque abraça o complexo mundo da mente humana. Somos seres extraordinariamente desenvolvidos e capazes de criar obras grandiosas, assim como pensamentos que se tornam imortais. Vivemos pautados pela nossa relação com o sofrimento mental. A forma como resistimos e nos tornamos mais equilibrados e fortes define e é definida pelas nossas experiências em casa, na família, na rua, na escola, no trabalho ou na sociedade. O psicólogo é alguém especializado que deve ter conhecimentos biológicos, psicológicos, culturais e da ciência em geral para que esteja apto a ajudar o outro, aquele que procura um espelho para se encontrar ou reencontrar.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p.3-4

Estado Social e Constituição

Dr Joaquim Barbosa^{1*}

Quando os responsáveis pelo Boletim da Associação de Professores do Concelho de Almada (APCA) me fizeram o convite para escrever um artigo sobre o Estado Social, hesitei; nunca fui dado à escrita, por falta de jeito ou por falta de oportunidade.

Mas, de seguida aceitei, porque não sou dado a recusar desafios. E depois, como disse Camões, *não voltes por detrás pois é fraqueza desistir da coisa começada*.

Serve esta pequena introdução para, agradecendo o amável convite, solicitar complacência para as carências.

Quando se coloca a questão de saber o que é o Estado Social, o cidadão comum não tem, muitas vezes, noção de qual é o conceito de tal expressão. Contudo ninguém, no Portugal de hoje, desconhece a sua existência. É como o guarda-chuva – damos pela sua falta quando chove.

Atentemos, antes de mais, no que dispõe o artigo 2.º da Constituição da República Portuguesa (CRP): *a República Portuguesa é um Estado de Direito Democrático ...*

Vale a pena, portanto, fazer uma breve referência ao que é o **Estado de Direito**, o **Estado de direito democrático**, para ir depois ao **Estado Social** e **Estado social de direito**, seguindo sempre a CRP.

¹ Jurista. Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Almada. Secretário da Mesa da Assembleia Geral da Associação de Professores do Concelho de Almada.

O professor Gomes Canotilho diz que o princípio básico de estado de direito é o da eliminação do arbítrio no exercício dos poderes públicos, o qual tem como corolário a garantia dos direitos do indivíduo.

A CRP consagra no título I da parte I princípios gerais que enformam os direitos fundamentais:

- a) O princípio da universalidade: *todos os cidadãos gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição;*
- b) O princípio da igualdade: *todos os cidadãos têm a mesma dignidade e são iguais perante a lei;*
- c) O princípio do acesso ao direito e da tutela jurisdicional efetiva: *a todos é assegurado o acesso ao Direito e aos tribunais para defesa dos seus direitos e interesses legalmente protegidos, não podendo a justiça ser denegada por insuficiência de meios económicos.*

Estes princípios estão acompanhados de outros que lhes conferem força e lhes asseguram exequibilidade:

- a) Força jurídica: *os preceitos constitucionais respeitantes aos direitos, liberdades e garantias são diretamente aplicáveis e vinculam entidades públicas e privadas;*
- b) Proibição da suspensão do exercício dos direitos: *os órgãos de soberania não podem suspender o exercício dos direitos, liberdades e garantias, salvo em caso de estado de sítio ou de estado de emergência, declarados na forma prevista na constituição;*
- c) Responsabilidade das entidades públicas: *o Estado e as demais entidades públicas são civilmente responsáveis, em forma solidária com os titulares dos seus órgãos, funcionários ou agentes, por ações ou omissões praticadas no exercício das suas funções e por causa desse exercício, de que resulte violação dos direitos, liberdades e garantias ou prejuízo para outrem;*
- d) Provedor de Justiça (órgão independente): *os cidadãos podem apresentar queixas por ações ou omissões dos poderes públicos ao Provedor de Justiça, que as apreciará sem poder decisório, dirigindo aos órgãos competentes as recomendações necessárias para prevenir e reparar injustiças.*

A nossa Constituição contém ainda uma referência para a fixação do sentido a dar aos direitos fundamentais, integrando o conteúdo da *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, adotada em 1948 na sequência da segunda guerra mundial pela Organização da Nações Unidas: *os preceitos constitucionais e legais relativos a direitos fundamentais devem ser interpretados e integrados de harmonia com a Declaração Universal dos Direitos do Homem (art. 16.º).*

Estas são características do estado de direito que se configuram como limitadoras do poder, mas não bastam para caracterizar um estado de direito **democrático**, que apela não à limitação do exercício do poder mas à sua legitimação.

Por isso, o acima referido artigo 2.º da CRP estabelece que o *Estado de Direito Democrático é baseado na soberania popular; soberania que reside no povo, que a exerce segundo as formas previstas na Constituição.*

Os conceitos que abordamos até aqui são consensuais na sociedade portu-

guesa dos nossos dias. Todavia, o mesmo não acontece quando falamos do estado social.

Deve/pode um estado de direito ser um estado social?

Não são poucas as vozes, e ultimamente ainda mais, que, baseadas numa perspetiva (ultra)liberal, advogam um estado baseado exclusivamente no mercado livre, como única forma de garantir a justiça distributiva sem pôr em causa a liberdade. Segundo este entendimento, basta que o estado estabeleça, fiscalize e faça aplicar as regras básicas do funcionamento social e uma “mão invisível” tratará de articular e equilibrar os interesses individuais dos cidadãos.

Não é, contudo, esta a tradição europeia que tem assegurado os princípios do estado social, como sejam a promoção da igualdade de oportunidades, da justiça social, da diminuição das desigualdades sociais, a criação de regras que reajustem as condições de acesso à fruição de bens materiais e culturais considerados necessários à vida em sociedade e ao exercício da cidadania.

O início do estado social na Europa resulta de uma conceção revolucionária para o tempo. A criação na Alemanha do primeiro seguro de saúde, em 1883, pelo chanceler Bismark, é apontada como a primeira medida de um estado-providência.

No ano seguinte, foi criada a lei dos seguros de acidentes de trabalho, e, em 1889, a lei do seguro de velhice e invalidez. O financiamento do sistema foi, também, inovador, prevendo-se a contribuição dos trabalhadores e empregadores.

Por esta altura, o Papa Leão XIII emite a Encíclica *Rerum Novarum* (1891), em que, sobre a condição dos operários, afirma que *não é justo nem humano exigir do homem tanto trabalho a ponto de fazer pelo excesso da fadiga embrutecer o espírito e enfraquecer o corpo* (25). A encíclica baseia-se também no princípio da regulação sem intervenção do Estado, quando diz *que os próprios patrões e operários podem singularmente auxiliar a solução, por meio de todas as obras capazes de aliviar eficazmente a indigência e de operar uma aproximação entre as duas classes. Pertencem a este número as associações de socorros mútuos; as diversas instituições, devidas à iniciativa particular, que têm por fim socorrer os operários, bem como as suas viúvas e órfãos, em caso de morte, de acidentes ou de enfermidades; os patronatos que exercem uma proteção benéfica para com as crianças dos dois sexos, os adolescentes e os homens feitos* (29), dando como modelo as corporações medievais, que serviam de amparo para os seus membros.

Em Portugal, a constituição republicana de 1911 aboliu privilégios de classe, prevendo o direito à igualdade social, apesar das limitações que continha relativamente a mulheres e analfabetos. É o regime republicano que cria em 1911 o Fundo Nacional de Assistência e a Direcção-Geral de Saúde, e em 1916 o Ministério do Trabalho e da Previdência Social e o Instituto da Segurança Social em 1919.

Neste ano de 1919, é também criada a Organização Internacional do Tra-

balho (OIT), cujo preâmbulo da sua constituição de 1919 contém a seguinte afirmação: *só se pode fundar uma paz universal e duradoura com base na justiça social.*

A aplicação de medidas de proteção social em Portugal foi depois influenciada de forma marcante pelo *Estado Novo*, que rompe com a assistência pública consagrada na Constituição de 1911 e cria um regime de proteção social de conceção corporativa.

A Constituição de 1933 não integra a assistência pública, atribuindo ao Estado funções de coordenação e direção das atividades sociais, no sentido de *defender a saúde pública, assegurar a defesa da família e zelar pela melhoria das condições das classes sociais mais desfavorecidas, procurando assegurar-lhes um nível compatível com a dignidade humana.*

A assistência caberia, assim, em primeiro lugar, *ao espírito caridoso dos portugueses e à iniciativa particular, e só depois ao Estado.* No I Congresso da União Nacional, em 1934, fez-se uma discussão sobre a assistência pública, onde ficou definido o papel «supletivo» do Estado relativamente às iniciativas particulares². Não deixa, aqui, de ter de se fazer uma referência comparativa ao entendimento da encíclica *Rerum Novarum*.

Por esta altura, a Europa seguia um outro sentido, promovendo políticas económicas que permitiram relançar a economia e sair da crise, e criando medidas de combate às desigualdades sociais, promovendo o acesso dos cidadãos à saúde e educação, precisamente em resposta às dificuldades económico-financeiras decorrentes da grande depressão.

A opção de Portugal pós-1974 foi completamente divergente, assumindo-se a construção de um estado social, como decorre do já mencionado art. 2.º da CRP: *a República Portuguesa é um Estado de Direito Democrático ... baseado na soberania popular ... visando a realização da democracia económica, social e cultural* ...

Assume-se como uma das tarefas do Estado *promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses, bem como a efetivação dos direitos económicos, sociais, culturais e ambientais...* (art. 9.º, d)).

O Estado tem como uma das suas incumbências *promover o aumento do bem-estar social e económico e da qualidade de vida das pessoas ...* (art. 81.º, a)), pelo que deve *organizar, coordenar e subsidiar um sistema de segurança social* (art. 63.º 2), e *um sistema nacional de saúde universal e geral e, tendo em conta as condições económicas e sociais dos cidadãos, tendencialmente gratuito* (art. 64.º 2, a)).

Os progressos sociais resultantes desta opção política são enormes, embora, não poucas vezes, esquecidos e não relevados.

Os dados publicados por Maria João Valente Rosa e Paulo Chitas no livro *Portugal: os Números*, edição da Fundação Francisco Manuel dos Santos, são esclarecedores.

² Irene Flunser Pimentel. *A assistência social e familiar do Estado Novo nos anos 30 e 40.*

Em 1972, as verbas destinadas no orçamento de Estado às funções de soberania correspondiam a 6,1% do PIB, e para as funções sociais 1,9%. Em 2008, o orçamento do Estado consagrava às funções de soberania 2,5% e às funções sociais 16,4% do PIB.

O resultado desta opção política teve efeitos práticos, de que são exemplo:

- Em 1960, 65,6% da população não tinha escolaridade; em 2001, 9,2%;
- Em 1960, 0,4% das mulheres com mais de 15 anos não tinha ensino superior; em 2001, 8,7%;
- Em 1991, concluíram o curso do ensino superior em que estavam matriculados 18.671 pessoas; em 2008, 84.009 – três em cada quatro no ensino superior público;
- Em 1991, 61 pessoas obtiveram o grau de doutoramento; em 2008, 1 496;
- Em 1960, havia 89 bibliotecas; em 2003, 1 018;
- Em 1960, o número de utilizadores de bibliotecas foi de 957 mil; em 2003, 8,64 milhões;
- Em 1960, realizaram-se 907 consultas de saúde por cada mil habitantes; em 2008 realizaram-se 4464; 90% das quais num serviço estatal;
- Em 1960, havia 56 mil pensionistas da segurança social; em 2009, 2 milhões e 860 mil;
- Em 1960, a despesa com pensões representava 0,2% do PIB; em 2009, representa cerca de 8%;
- Em 1977, foi criada a pensão social para quem não teve carreira contributiva.

O número mais significativo deste progresso social é o da evolução da taxa de mortalidade infantil, que em 1960 era de 77,5% e em 2012 de 3,4%; tendo já sido de 2,5% em 2010.

Este é o país que temos. Devemos orgulhar-nos do que conseguimos, aliás, em pouco tempo.

Mas, aqui chegados, será que podemos melhorar o nosso Estado Social? Será que, ao menos, o podemos manter?

Sofia de Mello Breyner Andresen escreveu a acabar o conto *O jantar do Bispo*, em *Contos Exemplares*:

- Mas afinal – perguntou a cozinheira –, quem era este senhor, tão importante?
- Não sei – respondeu o criado –, só sei que parece que entrou o demónio nesta casa.
- Quem sabe! – disse a velha Joana, pondo no lume o seu olhar cansado. - Quem sabe! Talvez ele fosse realmente o Diabo! Nos tempos que correm pode bem ser.
- Nos tempos que correm – disse a cozinheira – já não há Deus nem Diabo. Há pobres e ricos. E salve-se quem puder.

Na década de 1980, iniciou-se a aplicação de medidas sociais que tinham por objeto o combate à pobreza e não uma mera ajuda aos pobres. Foi o tempo do início dos programas de luta contra a pobreza, a que se seguiu a criação do *rendimento mínimo garantido* e outras medidas de ação social.

O princípio básico era que todos os cidadãos têm o direito a ver garantidos níveis mínimos de dignidade na sua vida, assumindo que os pobres não são os culpados desse seu estado. Para isso, as medidas de política social foram direcionadas para o combate à pobreza, ou seja, para o combate aos fenómenos sociais que levam as pessoas à pobreza, e a executar medidas de política social que promovam as pessoas e lhes deem meios (pessoais e materiais) que lhes permitam sair da pobreza.

Estas medidas deram os seus frutos, pois se em 2001 a taxa de risco de pobreza em Portugal, após efetuadas as transferências sociais, era de cerca de 20%, em 2010 esse valor é 2 pontos percentuais inferior. Comparando os valores de Portugal e da UE-27, verifica-se que, enquanto em 2004 a taxa de risco de pobreza após efetuadas as transferências sociais em Portugal era três pontos percentuais superior ao resultado médio nos países da União, no ano de 2010 essa diferença diminui para 1,1 pontos percentuais ³.

A sociedade portuguesa não assumiu de forma suficientemente consensualizada este entendimento. E, quando a crise chegou em força, o *espírito caridoso* reimpôs-se e criaram-se as *cantinas sociais*, assumindo-se a medida como transitória para combater situações de pessoas com fome.

Contudo, a aplicação desta medida de satisfação de carências alimentares veio acompanhada de desinvestimento nas medidas de combate efetivo à pobreza, seguindo entendimentos político-ideológicos que metódica e eficazmente foram sendo implantados na forma de pensar dos portugueses.

E chegou-se ao absurdo de o Estado pagar a uma instituição com cantina social pelo fornecimento diário de refeições a uma família de 4 pessoas 20 € (à razão de 2,5 € por refeição), o que significa um gasto mensal de cerca de 600€, que é significativamente superior ao salário mínimo nacional.

Portanto, o combate à pobreza não é um problema de dinheiro mas da sua aplicação.

Diz-nos o Papa Francisco na sua exortação apostólica, *A Alegria do Evangelho*:

Alguns defendem ainda as teorias da “recaída favorável” que pressupõe que todo o crescimento económico, favorecido pelo livre mercado, consegue por si mesmo produzir maior equidade e inclusão no mundo. Esta opinião, que nunca foi confirmada pelos factos, exprime uma confiança vaga e ingénua na bondade daqueles que detêm o poder económico e nos mecanismos sacralizados do sistema económico reinante. Entretanto, os excluídos continuam a esperar.

Profalmada, n.º 33, p. 3-6

³<http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=indicators&id=39>

Desenvolvimento, Democracia e Participação...

Doutora Isabel Carvalho Guerra

Parte-se do reconhecimento de que a lógica da “crise” económica e social atual apela à construção de um outro modelo de desenvolvimento, e que as crises que vivemos atualmente não decorrem de uma simples recessão mas antes de um processo de mudança estrutural do modelo civilizacional e, particularmente, do modelo de acumulação. Estas mudanças irão mudar o nosso quotidiano, o nosso modo de vida, o nosso modo de trabalhar e de consumir, e procuramos outros referenciais que nos permitam reordenar as formas de relação entre capital e trabalho, entre economia e necessidades, entre competitividade e coesão social. Nesse sentido, desenvolvem-se os três principais desafios que poderão formatar as novas formas de Desenvolvimento Democrático.

Situa-se o **primeiro desafio** no repensar a relação entre as instâncias do desenvolvimento e, muito particularmente, da relação entre o económico e o social. Nesse contexto, parece urgente reconhecer a dimensão social da economia, dando prioridade às pessoas sobre o capital, à utilidade social e ao interesse coletivo sobre o interesse particular, e trabalhando com os valores da solidariedade, da cooperação, da ajuda mútua, da equidade e da justiça social. Assim procedendo, a economia poderá fornecer alguns princípios e regras que poderiam estabelecer um ponto de partida para se pensar de forma realista o desenvolvimento sustentável e uma economia socialmente responsável.

O **segundo desafio** decorre do reconhecimento de que a crise do modelo civilizacional atual é também uma crise política e cultural associada às formas de organização da sociedade, que tomam corpo na chamada crise do estado (associada às suas funções e desempenho na globalização), crise de legitimidade democrática que afasta cada vez mais os cidadãos da esfera pública, mas também na permanência de instituições e organizações com formas de funcionamento arcaicas, burocráticas e opacas. Este segundo desafio apela à reinvenção de novas formas de organização e de exercício da democracia na sociedade civil (sendo o associativismo uma peça chave), ressocializando os laços locais e gerando organizações inteligentes, reflexivas, inovadoras, capazes de fazer a leitura da realidade e de lhe responderem de forma ativa e democrática.

O **terceiro desafio** apela à participação dos sujeitos individuais, de

forma a que uma atitude de permanente resignação seja substituída por uma procura ativa de alternativas e de recriação das suas identidades e projetos pessoais e sociais. Recusando sujeitos passivos e resignados, defende-se que sujeitos com autoconfiança, capazes de empatia e de liderança democrática, são parte indispensável do empoderamento individual e coletivo, capaz de contribuir para outro modelo civilizacional que é preciso reinventar. A Sociedade que temos somos nós que a construímos num processo coletivo de recusa da opressão, de procura das formas inovadoras do viver em conjunto. Reconhecendo-se que a capacidade de ação do sujeito parece provir da sua capacidade estratégica em lidar com os recursos societais (ou comunitários) disponíveis face aos seus objetivos de vida e de projetos, apela-se à cultura e à resiliência capaz de visualizar um novo mundo.

Profalmada, n.º 32, p. 3

A urgência do dever de associar-se

Prof. Ernesto Fernandes

1. O ser humano é por condição *relacional*

O universo e o cosmo são o espaço de construção da humanidade em sua trajetória sócio-histórica. Daí, a consciência emergente de defesa dos direitos da natureza em sua biodiversidade.

A transição das comunidades rurais para uma cultura urbana, desde os séculos XVIII e XIX, traduziu-se em perda galopante dos laços afetivos ou de vizinhança e de afirmação das identidades locais e regionais.

A modernidade, entre promessas de progresso e de opressões sociais e políticas (exploração do trabalhador, desemprego, empobrecimento, exclusões múltiplas), configura-se em precarização transversal, no *corpo* e na *alma*. Simbolicamente, aqui e agora, um tempo de *economia de casino* à escala global, quando o **Estado** é refém do **Mercado - Bolsa**.

2. O imperativo ético-político de associar-se

A leitura antropológica e sócio-histórica demonstra práticas de solidariedade familiar ou de parentesco, de ofício ou de religião, que consentem e justificam práticas de tribalismo e de exterminação de outros, em geografia da evolução. Tudo é tão lento no processo de humanização do homem!

Era tão *espontânea* a cultura do cuidado, por imperativos de sobrevivência, nas sociedades rurais e pré-industriais! Património imaterial que sobreviveu à proletarianização da *revolução industrial*. Uma etapa da modernidade desafiada pelas organizações emergentes de carácter sindical, mutualista, educativa, recreativa, cultural e desportiva, instituídas como *solidariedade formal* (ju-

ridicamente constituídas) e *solidariedade não formal*.

A partir dos anos sessenta do século XX, a tradição associativa das classes trabalhadoras é enriquecida pela emergência de *novos movimentos sociais*, que abraçam novas causas contra as discriminações de género, etnia, minorias, religião ou orientação sexual. Já no século XXI, emergem movimentos e organizações (a indignação nas ruas) pela democracia e contra a precarização transversal e global.

No caso de Portugal, a institucionalização crescente de IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social) retoma e amplifica a tradição das *Misericórdias* (Lisboa, 1498 e Almada, 1555).

3. Almada Capital do Associativismo

A informação sobre a evolução histórica e a leitura sociológica do associativismo almadense está disponível numa ampla bibliografia, de que relevo:

- *O Associativismo Tradição e Arte do Povo Almadense*, autoria da Associação Semear para Unir, edição da Câmara Municipal de Almada, 1984;
- *Associativismo Popular: Originalidade do Povo Português*, de José Malheiro, ed. da Câmara Municipal de Almada, 1996;
- *Associativismo e Cidadania – Exposição/Catálogo*, Museu da Cidade, Câmara Municipal de Almada, 2007.

A diversidade do objeto e objetivos estatutários das associações é relevante: *solidariedade; recreativo/cultural; desporto; consumo; identidades de origem; criação artística e artes performativas; educação e formação; ambiente; imigrantes e minorias; património*.

A diversificação de causas e o número de associações no nosso concelho teve um crescimento exponencial a partir do 25 de Abril, com destaque para a década de 90. O catálogo-livro do Museu da Cidade, sob a coordenação de Ângela Luzia, representa um referencial da investigação sobre o movimento associativo almadense, tendo colaborado como consultor. Nesta obra, publica-se uma *Cronologia* (1555-2006), de elevado valor, focada no associativismo almadense (p. 121-165).

Neste contexto, com Joaquim Sarmiento, publicámos dois artigos na Revista Cultural *Anais de Almada* (Revista n.ºs 7-8, 2004-2005 e Revista n.ºs 11-12, 2008-2009), que em leitura crítica identificam questões fundamentais para a renovação do movimento associativo:

- A pertinência do projeto associativo
- A democracia interna
- Crises do associativismo
- A relação das associações com a comunidade
- A formação e a circulação da informação.

Em jeito de conclusão, reiteramos a nossa convicção, extraída do ponto 9. *O associativismo como património imaterial e futuro da humanidade* (p. 185-208): *E hoje como ontem, o associativismo, como as outras dimensões da vida, vive nesta tensão permanente entre o passado e o futuro, de que nos fala metaforicamente Fer-*

nando Pessoa *em Antologia Poética*:

Mas eu não quero o presente, quero a realidade;

Quero as coisas que existem, não o tempo que as mede.

O que é o presente?

É uma coisa relativa ao passado e ao futuro (p. 202).

No *Ano Internacional do Cidadão e Ano Europeu dos Cidadãos*, revisitemos a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (ONU, 1948) pelo Artigo n.º1:

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Breve bibliografia sobre associativismo¹

AMARO, Rogério Roque (2002) – *Sociedades Multiculturais: Ameaças e Desafios*, in *Rev. Terraço*, n.º15. Lisboa: Graal.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA (2006) – *Associativismo e Cidadania* (catálogo da exposição sobre o Movimento Associativo em Almada). Museu da Cidade.

FERNANDES, Ernesto (2000) – *A Cidadania em Tempo de Globalização. A Centralidade do Local como Campo de Aprendizagem Cívica*. in *Rev. Anais de Almada* 3. Almada. Câmara Municipal de Almada, p. 237-244.

FERNANDES, Ernesto e SARMENTO, Joaquim (2009) – *O Associativismo Património da Humanidade* in *Rev. “Anais de Almada”* 11-12. Almada: Câmara Municipal de Almada, p. 185-208.

SEMELAR PARA UNIR, Carlos Abreu e Francisco Branco [coord.] (1984) – *O Associativismo Tradição e Arte do Povo de Almada*, Almada, Câmara Municipal de Almada.

SILVA, Augusto Santos (1990) – *Educação de Adultos. Educação para o Desenvolvimento*. Porto: ASA.

Profalmada, n.º 32, p. 4-5

¹ Para aprofundamento, consultar: Museu da Cidade, “Bibliografia” – *Associativismo e Cidadania*, Almada, Câmara Municipal de Almada, 2007, p. 109-114.

Movimento Associativo: Novos Desafios

Prof. Jerónimo de Matos

108

O movimento associativo é umas das expressões mais genuínas da sociabilidade e da intervenção cívica.

Funda-se na vontade solidária de dar resposta comum a carências ou aspirações sociais.

Nos Estados organizados há uma larga margem de intervenção do movimento associativo que vai da ação crítica e reivindicativa da atividade política ao empenhamento ativo na defesa da justiça social, por um lado, e, por outro, na resposta às necessidades e aspirações das diferentes formações sociais a nível social, cultural, desportivo, recreativo ou simplesmente convivial.

E não se pense que, nas sociedades democráticas, com um Estado Social que deve responder cabalmente aos grandes desígnios sociopolíticos, o associati-

vismo perdeu campo de ação. Bem pelo contrário, os novos desafios aí estão a reclamar respostas novas. Citemos apenas uma conquista das sociedades atuais, resultado de progressos na alimentação, saúde, habitação ou no aumento da esperança de vida, o que significa que há um projeto de vida para além da carreira profissional concluída e uma vontade de continuar uma vida ativa, através da intervenção cívica e da presença na dinâmica cultural e social, quer na dimensão discente, o desejo de aprender ao longo da vida, quer na participação docente, a vontade de ensinar em regime de voluntariado.

Foram pressupostos desta natureza que levaram à criação de Associações por todo o país (e um pouco por todo o mundo, com variadas formas organizativas) para responder à solicitação dos seniores em busca de ensino/aprendizagem e sociabilidade ativa e afetiva. Assim, têm nascido e proliferado as chamadas universidades, academias ou centros de cultura para os seniores. E no seu interior, respondendo à diversidade de interesses e à disponibilidade dos formadores, multiplicam-se os clubes, as tertúlias, os agrupamentos corais e instrumentais, os grupos teatrais, de escrita criativa, de criação plástica, a utilização informática e interativa das tecnologias de informação, as publicações periódicas e as edições coletivas e de autor.

As sociedades são organismos vivos, em permanente mudança. A sua dinâmica pode ser ascendente rumo à democracia plena, assente na participação cívica e na organização de grupos sociais, solidários na defesa de valores e objetivos comuns; ou descendente, dominada pelos interesses de classe, em que o poder é capturado pelos mais fortes e as estruturas sociais ficam à mercê dos seus interesses.

O movimento associativo pode jogar aqui um papel decisivo na defesa dos valores democráticos e da sociedade solidária, como já o fez no passado em Almada e continuará a fazê-lo, assim o queiram todos os que vivem e lutam por uma cidadania ativa.

Profalmada, n.º 32, p. 5

Projeto associativo e a sua sustentabilidade

Prof. António Palma

109

Os Novos Contextos

A Vida Social e Laboral é hoje menos linear e isso tem implicações poderosas nas formas como se exprimem as novas intersubjetividades.

Aparentemente, a superficialidade das relações sociais entra em conflito com a necessidade de identidades coletivas correntes e fortes.

Citamos a formulação de Alain Touraine de que *a importância da intimidade, da sexualidade e experiência incorporada enfraquece o papel das organizações na vida social.*

As novas dinâmicas sociais (via *net*) radicam num verdadeiro engarrafamento de ideias, o que favorece os que possuem instrumentos conceptuais capazes

de incorporarem a informação relevante. Para muitos, esse oceano informativo leva-os à desorientação e ficam aprisionados no Universo vago e ineficaz de conceitos desprovidos de referentes.

Neste Mundo globalizado, a supremacia dos atores globais desorganiza as bases da democracia e tem um impacto brutal nas organizações locais, tornando-as vulneráveis e defensivas. A questão central é predefinir o papel das nossas Associações em contraciclo com a ferocidade do individualismo reinante, em que o Global já não é o idílico local, sem paredes.

Pistas para uma Sustentabilidade de Futuro

As nossas Associações têm de reforçar os traços da solidariedade intra e inter-associações em abertura à comunidade. Talvez, numa nova perspectiva de Associação enquanto plataforma cívica, onde as atividades sejam concebidas de forma multidimensional: a diversidade de públicos, a equilibrada prestação de serviços, a estimulação para a participação de todos em ciclos de competências e motivações, por forma a que se exprima a subjetividade de cada um, num enquadramento coletivo forte, com objetivos e estratégias consensualizadas pelo máximo de intervenientes.

Uma organização horizontal do Movimento Associativo é desejável. O compromisso mais estável é o que resulta de convergências capazes de realizações com êxito.

A atitude reivindicativa deve ser restaurada. É urgente um código associativo que estabelece o *modus vivendi* com os poderes eleitos democraticamente.

Notas Finais

O equilíbrio do mundo residirá sempre entre tensões e conflitos construtivos. Em cada uma das nossas comunidades importa reforçar os níveis de participação democrática. O contributo do movimento associativo para o desenvolvimento e a coesão da comunidade pode ser relevante na medida em que congrega coletivos de pessoas, recursos, materiais e imateriais, importantes. Longe vão os tempos de baianismos paroquiais. Hoje, o espírito de parceria, criatividade e inovação devem ser elementos preponderantes nas boas práticas associativas do nosso Concelho.

Profalmada, n.º 32, p. 6

Abril e o poder local: a minha experiência

Prof. Feliciano Oleiro

1. Não seria despiciente aventar que o ser humano, desde sempre, se tivesse agrupado numa lei natural de sobrevivência.

É dos livros que os povos primitivos, aduzindo ainda o instinto de sociabilidade e demais interesses, deram origem aos primeiros povoados, tribos, bem como às respetivas regras de convivência.

A partir deste ponto, poderemos deduzir que foram muitas as vicissitudes por que passou este *modus faciendi*, de organização social, até aos nossos dias.

Segundo Alexandre Herculano, já os antigos Romanos criaram as suas cidades com o direito de se organizarem e de se administrarem por leis próprias. Tanto os romanos como os novilatinos sentiram essa necessidade, da qual deixaram marcas em espaços bem definidos. Daqui se conclui facilmente que foi numa postura progressiva de organização social que se chegou aos tempos hodiernos.

Os atuais vocábulos *câmara municipal*, *município*, *concelho*, *autarquia* e *edilidade* têm tal afinidade semântica qua facilmente nos podem confundir, face à sua vertente entendível.

Se pretendermos clarificar a situação, logo verificamos que o termo *município* tem mais abrangência social, enquanto que *concelho* se refere mais explicitamente a um espaço autónomo como parte integrante de um distrito, sob um ponto de vista territorial. Já *autarquia* tem mais abrangência autónoma pelo que muitas vezes nos referimos ao poder autárquico.

Edilidade, como termo afim, abrange todos os responsáveis, os edis, a quem compete a operacionalidade dos respetivos serviços.

Deixei para última análise a citação *Câmara Municipal*, por me parecer que o caso passa a fiar mais fino. Aqui a abrangência é global, quando nos referimos a esta forma de organização cívica local.

Se nos centrarmos na postura do visitante, notaremos que os serviços em causa se encontram instalados, normalmente, num imóvel de referência, o qual é por norma designado por Câmara Municipal e muitas vezes é tido como um *ex-libris* da cidade. Esta leitura conduz-nos à perceção de que o poder local tem sido um alicerce forte da organização político-social através da história. É comum ao visitante, a partir da leitura sobre tais imóveis, ajuizar o nível de desenvolvimento socioeconómico das populações.

Para minha salvaguarda, perante quem vier a ler estas linhas, deixo claro que o fiz apenas com o objetivo de melhor me situar no contexto. De modo algum para esclarecer o possível leitor.

2. A minha experiência, como autarca, aconteceu basicamente como parte integrante de executivo de Junta de Freguesia – a menor divisão administrativa em que cada concelho se subdivide. Mais uma vez me ocupei em atividades elementares. Como os edifícios duradouros dependem da solidez dos seus alicerces, sentir-me-ei confortado com o meu contributo, por mais modesto que ele tivesse sido em prol da cidadania.

A partir da Junta de Freguesia desenvolve-se um convívio de proximidade com as populações extremamente valioso, resultante do facto de podermos levar aos fregueses parte das decisões do poder central com notória eficácia. Não obstante esta realidade e baseando-me em notícias com que os meios de comunicação diariamente nos dão conta sobre a morosidade com que as populações tomam conhecimento de certos normativos, logo nos apercebemos do que este tipo de organização social representa para todo um interior por vezes excluído.

Com o advento de Abril, o municipalismo adquiriu uma nova dinâmica. As

populações são chamadas a participar, em liberdade, no seu destino coletivo. Muitos dos seus objetivos foram alcançados. Volvidas quatro décadas, temos hoje um Portugal diferente. Nos concelhos onde operou a competência e a honestidade é notório o bem estar das populações.

No meu entendimento, e com o objetivo de consubstanciar a minha leitura relativa ao tema, apraz-me incluir o ato de entrega de equipamentos audiovisuais às escolas do Concelho, inserido no boletim da Junta de Freguesia de Almada – *25 Abril Sempre*, do ano 1982¹.

As Crianças são os homens do futuro, são o tesouro da Humanidade. O Seu desenvolvimento harmonioso é motivo principal da atenção que lhes dedicamos.

A cooperação entre professores e Autarquias tem permitido a concretização de várias iniciativas.

Todos os anos apoiamos as Escolas em diversas áreas, são centenas de milhares de escudos que canalizamos para este sector por forma a proporcionar às crianças as melhores condições possíveis, uma vida escolar cada vez melhor.

É o pagamento dos materiais de higiene e limpeza, o material de desgaste, o gás para aquecimento do suplemento alimentar, o apoio financeiro para visitas de estudo.

As crianças em idade infantil beneficiaram do apoio da Autarquia para deslocações à praia na passada época balnear, o que se irá reforçar no corrente ano.

Os Infantários Populares foram apoiados com algumas centenas de contos para pagamento ao pessoal não técnico.

Saudando todas as crianças no início do ano lectivo 1981/82, foram distribuídas capas para desenhos a todas as crianças das Escolas Primárias (cerca de 2500), com a seguinte mensagem:

A escola é tua

Brinca e aprende com alegria

Todas as iniciativas do Centro cultural de Almada, dirigidas às Escolas Primárias, foram apoiadas pela Junta de Freguesia, designadamente a Ação Pedagógica «Pintar a Primavera», «A Festa do Girassol», as Animações Culturais e a representação da peça de teatro «Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles».

Uma reunião entre a junta de freguesia e os diretores das escolas primárias, terminou com a entrega de projetores de slides. Estes equipamento foram igualmente fornecido aos infantários populares e jardins de infância do MEU – Ministério da Educação e das Universidades.

3. Está provado historicamente que o municipalismo em liberdade tem sido um meio assinalável de vigor conducente à cidadania e à justiça social. O que li e vivi em regimes antagónicos permite-me fixar as minhas leituras no seio do povo chão. Judiciosamente, é mesmo metade por metade.

Quando, na década de trinta, iniciei a escolaridade no interior alentejano dei-me conta de que havia pobres e pobres de pedir.

¹ Boletim informativo da Junta de Freguesia de Almada, Abril de 1982

Mais tarde, profissionalmente, tomei consciência dum regime centralista e de muito baixo nível de alfabetização, devido, em parte, à incúria do poder central.

Os anos subseqüentes foram lentos, de passo curto e cauteloso. Chegámos a Abril com muitos dos nossos objetivos por concretizar.

Nos municípios em que o poder executivo esteve a cargo de bons gestores, é bem visível o resultado de todo um trabalho sustentado em prol da cultura e da cidadania.

Abril quebrou barreiras, abriu-nos portas (já o disse). É de lamentar que no mundo, ao globalizar-se, muitos dos detentores do poder decisório tenham destruído valores que devem nortear o homem, sempre, sempre e em todas as vicissitudes.

Para onde caminhamos, interrogar-se-á o cidadão comum?

Felizmente, ainda existem manchas onde o poder local está atento e tudo faz para minimizar as dificuldades que já atinge a economia das famílias e populações mais débeis.

Se a esperança é a última a perder-se, nós diremos: *que tarde, tarde, ou jamais, nos abandone!*

Profalmada, n.º 34, p. 3 e 4

Em Jeito de Reflexão Partilhada

Prof. Ernesto Fernandes

Neste *Profalmada*, damos continuidade à bibliografia selecionada para o Boletim n.º 33 de março de 2014. As obras agora escolhidas respeitam a natureza sócio-histórica e simbólico-cultural, daí a decisão de não seguir a norma da ordem alfabética do apelido dos autores.

Parece evidente que a **educação**, escolar e não formal ou informal, é um campo abrangente e transversal da formação e do desenvolvimento da pessoa ao longo do seu percurso, porque *aprender é viver melhor*. Neste sentido, nada é estranho à educação, porque trabalha a **vida quotidiana** enquanto cruzamento de passados e de futuros. A educação é por natureza tridimensional: científico-técnica, estético-expressiva e ético-política. Assim, não foi no *salazarismo*. A opressão ideológica triangulava *Deus, Pátria e Família*. Com o *marcelismo*, sobretudo com Veiga Simão, a educação entra em *caminho de revolução*, segundo a palavra do Ministro. É nesta época que inicio a minha carreira profissional como professor provisório nas áreas da economia e da matemática, viajando por Setúbal, Alcochete, Moita e Palmela. No entretanto, animei-me pela alfabetização/educação de adultos segundo o pensamento de Paulo Freire e abraço o trabalho voluntário de formador de monitores para esta área, no âmbito do Secretariado Cristão de Ação Social – Setúbal, intervenção depois continuada em Almada, antes e depois do 25 de Abril.

- SPÍNOLA, António (1974). *Portugal e o Futuro*. Lisboa: Arcádia (Natália

Correia era a diretora cultural da Editora), 248 páginas.

A primeira versão do livro, sob o título *Dúvidas e Certezas*, é de 1973. A versão definitiva saiu para as livrarias na manhã de **22 de fevereiro de 1974**, numa primeira tiragem de 50 mil exemplares. Seguiram-se mais quatro edições, tendo sido vendidos 220 mil exemplares. O livro é considerado pelo embaixador dos Estados Unidos em Portugal como *um verdadeiro relâmpago* e é traduzido em mais de sete línguas. O livro é acolhido como uma *bíblia*, não só pelos jovens oficiais do MFA – Movimento das Forças Armadas.

É de registar que o general Francisco da Costa Gomes (CEMG-FA), o superior hierárquico de Spínola, deu parecer favorável à publicação do livro, condicionando, desta forma, a autorização do ministro da defesa Silva Cunha.

De facto, em menos de dois meses, o Estado Novo caía (cf. José Pedro Castanheira – *A versão desconhecida do livro de Spínola*, Expresso – 1.º Caderno, 22-02-1014, p.20-21).

Da leitura do livro, que fiz em março de 1974, resgato a sua **estrutura** (*A crise que enfrentamos; A nossa posição no mundo; As nossas contradições; Os fundamentos de uma estratégia nacional; Uma hipótese de estruturação política da nação*) e a sua **finalidade**: *foi em obediência a este imperativo [debater e esclarecer convenientemente a Nação sobre o esquema que deve presidir aos nossos destinos] que, insistentemente solicitados, concordámos...* (p. 243-244).

A tese central do livro é a guerra e a consagração de cerca de 50% do orçamento do Estado a despesas militares (p. 36). E esclarece: *Haveremos de continuar em África. Sim! Mas não pela força das armas, nem pela sujeição dos africanos, nem pela sustentação de mitos contra os quais o mundo se encarniça. Haveremos de continuar em África. Sim! Mas pela clara visão dos problemas no quadro de uma solução portuguesa* (p. 236). E prossegue: *Temos plena consciência dos riscos que se correm na linha política preconizada, baseada na abertura, na liberalização, na segurança cívica, na africanização, na autonomia dos territórios ultramarinos e no respeito pelo direito dos povos a disporem de si mesmos, única via de solução para os problemas nacionais; mas temos igualmente plena consciência dos riscos bem mais graves que envolve a sua ignorância ou a sua negação* (p. 242-243).

Na madrugada seguinte ao dia 25 de Abril, a *Nação* é informada pela televisão que o General Spínola, membro da Junta de Salvação Nacional, é o Presidente da República por escolha do MFA.

- ALVES, José da Felicidade (s.d.). *Católicos e Política, de Humberto Delgado a Marcello Caetano*. Lisboa: José Felicidade Alves, 288 páginas.

O responsável da Edição e Apresentação é o Padre José da Felicidade Alves, prior da paróquia de Belém (Lisboa). A edição teve lugar entre o final dos anos 60 e os primeiros anos de 70, seguramente antes do 25 de Abril.

Pode ler-se na Apresentação: *O que se publica adiante – sublinha-se fortemente – não é mais do que o esboço dum primeiro inventário ou antologia. Num regime em que a opinião pública está destruída pela castração dos meios normais de informação, documentos deste género sofrem as condições precárias da clandestinidade. Passam*

de mão em mão, muitos perdem-se irremediavelmente.

Esta antologia congrega documentos e manifestações de oposição ao regime entre 1958 e 1969. À data, conhecidos como *católicos progressistas*, nomeadamente: João Bénard da Costa, António Alçada Baptista, Nuno Portas, Maria Joana da Costa Veloso, Nuno de Bragança, Mário Murteira, Ana Maria Toscano, Manuela Silva, Nuno Teotónio Pereira, Francisco Pereira de Moura.

Pelo carácter histórico e simbólico, **salientamos**:

- Carta do Bispo do Porto a Salazar (António Ferreira Gomes, 13-07-1958);
- Sobre o apoio da Igreja à política ultramarina (grupo de sacerdotes de Moçambique, cujos nomes são ocultados por motivos de segurança pessoal, 24-10-1965);

- *Vemos, ouvimos e lemos: não podemos ignorar!* (Velada na igreja de S. Domingos. Lisboa, 1-01-1969).

A defesa das liberdades e a luta anticolonial são os pilares da intervenção de grupos e de movimentos sociais católicos. Este posicionamento crítico escuda-se no Concílio Vaticano II e na doutrina social dos Papas João XXIII e Paulo VI, balizada pelas encíclicas *Pacem in Terris* (1963) e *Populorum Progressio* (1967).

- SANTOS, Boaventura de Sousa [org.] (1993). *Portugal: Um Retrato Singular*. Porto: Afrontamento e Centro de Estudos Sociais, Coimbra, 635 páginas.

Este livro escrito a dezoito mãos e respetivos capítulos, estruturado em quatro partes, cumpre um desígnio, segundo Boaventura Sousa Santos: *Estão unidos pela intenção de dar corpo a um projecto comum, pela partilha de uma mesma perspectiva teórica geral ainda que internamente muito diversificada e por uma prática científica com momentos intensos de trabalho colectivo, vividos para promover, que não para inibir, a criatividade individual de cada um dos investigadores* (p. 7).

Neste contexto de investigação e criação científica da sociologia, intencionalizamos, quando o 25 de Abril completa quarenta anos, os seguintes capítulos:

- O Estado, as relações salariais e o bem-estar social na semiperiferia: O caso português, *Boaventura de Sousa Santos*

- Portugal: a heterogeneidade de uma economia semiperiférica, *José Reis*

- Padrões de segregação das mulheres no emprego – uma análise do caso português no quadro europeu, *Virgínia Ferreira*

- Para além do Estado: a saúde e a velhice na sociedade providência, *Maria José Ferro Hespanha*

- Configurações do campo intelectual português no pós-25 de Abril: o campo literário, *António Sousa Ribeiro*.

É pertinente reconhecer o desenvolvimento exponencial das Ciências Sociais como cravo de Abril, no campo da formação académica e da investigação, cujo rosto singular foi Adérito Sedas Nunes, diretor da Revista *Análise Social*, criada nos anos sessenta do século XX, Edição e Propriedade do GIS

- Gabinete de Investigações Sociais.

- AFONSO, José (1929-1987) – obras sobre o professor, poeta e cantor:
- BARROS, J.H.Santos [org.] (1988). *José Afonso: Textos e Canções* (2.^a ed. revista e aumentada por Elfried Engelmayer). Lisboa: Assírio e Alvim.
- AJA – Associação José Afonso (1994). *José Afonso andarilho, poeta e cantor*. Lisboa: AJA e Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura (Catálogo da Exposição).
- SALVADOR, José A. (1994). *José Afonso. O Rosto da Utopia*. Lisboa: Terra-mar.
- VIEIRA, Joaquim e PIMENTEL, Irene Flunser (2009). *José Afonso*. Lisboa: Temas e Debates.

Pelo outono de 1969, recebemos Zeca Afonso, com a sua viola, e Zélia Santos, sua companheira, no nosso coletivo de jovens adultos, em Setúbal. Este encontro pessoal e musical deve-se à amizade do Zeca com o Dr. José Malleiro (Almada), militante, desde Coimbra, do PCP e nosso médico dentista.

As obras referidas são resgatadas do meu arquivo bibliográfico e da ampla discografia que, regularmente, escuto e partilho com os meus amigos.

José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos é filho de José Nepomuceno Afonso dos Santos (advogado e subdelegado do procurador da República) e de Maria das Dores Santos Cerqueira (professora da Escola Infantil n.º 1 de Aveiro). Em Aveiro nasceu, e por deslocções profissionais de seu pai, cresce entre Angola, Moçambique e Portugal, não tendo acompanhado a família para Timor, em tempo da Guerra Mundial. Concluiu o secundário e licenciou-se em Histórico-filosóficas, em Coimbra, no ano de 1961. O cantor do fado de Coimbra, desde 1945, também é *andarilho* como professor provisorio em viagens por terras do nosso país, até ser compulsivamente afastado do ensino em 1967.

Neste meu registo, em jeito de recensão, sublinho certas ideias de José Afonso (cf. *José Afonso: andarilho, poeta e cantor*):

[...] só gosto de falar de mim enquanto me envolvo em acontecimentos e evoco pessoas [...].

Às vezes pergunto o que me ficou de todas essas passagens por África e por Coimbra e por outros lados. Sou, no fundo, fruto de muitas gentes, de muitos lugares, de muitos dissabores.

116 Admito que a revolução seja uma utopia, mas no meu dia a dia procuro comportar-me como se ela fosse tangível. Continuo a pensar que devemos lutar onde exista opressão, seja a que nível for.

Irene Pimentel, no capítulo *O Anúncio da Alvorada* (p.119), regista o espetáculo de Música Nova que teve lugar no Coliseu dos Recreios (Lisboa), em **29 de março de 1974**, a menos de um mês da queda da ditadura. *Ao lado da voz de Zeca Afonso, muitas vozes se elevavam. Mas não era apenas um conjunto de vozes. Era como que um grande canto coletivo.*

Sobre Abril, o artista – professor disse: *O 25 de Abril foi uma luz muito forte que tudo iluminava, mas uma luz que podia tocar, agarrar. E era uma luz tão intensa*

que quando tive consciência do significado de 'Grândola' já estava muito embrenhado nos acontecimentos.

Profalmada, n.º 34, p. 11-13

25 de Abril de 1974

Aluna Maria João Morais

Naquele tempo as crianças como eu, os meus irmãos, primos e colegas da escola não sonhávamos com a liberdade do Estado da Nação. Mas eu sonhava com a ideia de um dia ser livre!

E o que era isto de ser livre?!!

As crianças não ouviam as conversas dos pais (dos adultos) nem tinham opinião, era-lhes vedada toda e qualquer informação. Ouvíamos, repetidas vezes, “olha que a criança está a ouvir, está a olhar para nós”, ao que a minha mãe respondia prontamente: “os meus até podem ouvir ou ver, mas não contam nada! E este “nada” era quase gritado, acompanhado de um olhar severo. Encolhíamos-nos e lá nos entretínhamos numa brincadeira qualquer.

Mas eu tinha fascínio especial pelas conversas dos adultos e prestava atenção a tudo o que me rodeava, e foi numa atenção dessas que ouvi a minha mãe de voz baixa e preocupada dizer ao meu pai “já sabes, votas no General Humberto Delgado”, ao que o meu pai respondeu quase em sussurro “eu sei, eu sei mulher”.

Mais tarde, outra conversa, a minha mãe dizia ao meu pai “já sabes que a Maria José foi presa novamente pela PIDE, até as unhas lhe arrancaram a frio para que ela falasse, mas ela aguentou firme e valente”. O meu pai, sempre menos entusiasta, respondeu “não tarda está cá fora, vais ver”.

Naquela mesma tarde, duas funcionárias camarárias tentavam convencer a minha mãe a arrancar várias flores do seu jardim para enfeitar uma sala que iria receber a visita do Sr. Américo Tomás e o pároco da freguesia. Dizia a minha mãe “não arranco flores para ninguém, o jardim é meu, não é público” e acompanhou as funcionárias à porta do quintal. No dia seguinte teve que se apresentar na GNR local a fim de justificar o procedimento do dia anterior. Mas o seu tom na esquadra continuou altivo, como também era o seu porte, e repetiu “as flores e o jardim são meus, ninguém me obriga a fazer o contrário” com o seu olhar severo. E quando chegou a casa contou tudo ao meu pai, que ficou assustado.

Estas e outras peripécias foram preenchendo a minha curiosidade. Não sei o que os meus irmãos pensavam disto ou se pensavam sequer nisto (não falávamos sobre tal). Tentei sozinha perceber o que era a liberdade.

Mais tarde fiz-me assinante do Círculo dos Leitores e fui procurando respostas através dos clássicos estrangeiros (Tolstoi, *Karenina*; Máximo Gorky, *A Mãe*, etc.)

Quando aconteceu o 25 de Abril eu estava preparada e compreendi exatamente o que se passava. Parece que tinha sido presenteada naquela noite, porque estava de serviço da meia-noite às 8h numa central telefónica na zona da Trafaria, servido por alguns quartéis, bases e presídio, onde estavam, segundo constava, os desertores, os que tinham tido a coragem de dizer não à guerra louca do ultramar, onde morreram centenas de soldados. Muito sofriam as mães, as famílias em Portugal. Eu era já nessa altura madrinha de guerra de muitos jovens de quem só conhecia o nome, escrevi muito para os ajudar a passar o tempo naquela guerra absurda.

Estava de serviço naquela noite com a minha colega, que dormia num saco-cama (era assim que fazíamos: metade do turno dormia ela e metade dormia eu). Mas naquela noite tão inteira não podia haver “metades”! Fiz o turno todo sem dormir. Havia muito serviço, as linhas não paravam de chamar, comecei a notar que as chamadas quer externas que internas eram entre as bases militares, percebi então que estava a ser organizada uma revolução, mas rapidamente percebi também que estava a ser organizada uma contra-revolução. Sentia-me tão empolgada no desempenho, que só passava as chamadas a favor! Estava a acontecer Abril e eu ali no meio, sem nenhuma dúvida de qual era o meu lado! Havia ordens para que fossem soltos os presos “desertores” e os políticos, havia ordens para que se abrissem os portões dos quartéis e deixassem entrar Abril! Nesta excitação, chamei a minha colega que dormia e gritei “Está a acontecer uma revolução”. Ela abriu um olho e disse, sem se levantar: “Ó Joãozinha, isso é bom ou mau para a gente?!” e continuou a dormir.

Telefonei aos meus pais e amigos, disse-lhes para ligarem os rádios e que por enquanto não saíssem de casa. Foi chegando o sol e o dia mais belo da minha vida, foi o dia em que todos demos as mãos, havia cor no ar, a vermelha dos cravos, as pessoas abraçavam-se mesmo sem se conhecerem, os carros buznavam, havia cantos improvisados, os poetas saíram à rua gritando “Liberdade, liberdade, 25 de Abril sempre!”

Tenho hoje 63 anos, dois filhos que adoro e a plenitude de ser mãe, mas o que senti no 25 de Abril foi único! Por isso hoje sinto desilusão, não me revejo em nenhum quadrante político. O que foi, sem dúvida, uma utopia doce e ingénua transformou-se em hipocrisia imoral e vergonhosa. Mas não resisto e ainda todos os anos, no dia 25 de Abril, compro um cravo vermelho e digo para mim; “25 de ABRIL SEMPRE!”

Abril em processo: a dura caminhada

Aluno José Monteiro

A formação cívica dos jovens portugueses da década de 1960 foi moldada por acontecimentos e experiências deveras marcantes.

Retirados da pacatez das suas vilas e aldeias, tendo como instrução *conveniente* pouco mais do que saber assinar, ler e contar, foram envolvidos em situações extremas, em que a capacidade de adaptação e o instinto de sobrevivência foram fundamentais. Viram, com olhos turvos de lágrimas e raiva, apagar-se a luz no rosto dos camaradas tombados em combate. Viveram quotidianos anómalos em aquartelamentos precários, durante períodos demasiado longos, onde o isolamento aguçava as arestas dos temperamentos, as doenças tropicais debilitavam os corpos e se manifestavam fragilidades psicológicas. Sofreram os dramas familiares e afetivos que a distância se encarregava de avolumar. Por fim, eram esses os jovens, vergados ao peso das próprias almas, mas de consciência desperta, que os *niassas* depositavam nos cais de Lisboa.

As Eleições Legislativas de outubro de 1969 constituíram a oportunidade de descoberta, debate e assimilação de ideias que, até então, tinham estado ao alcance só da minoria estudantil e de franjas da população em contacto com movimentos clandestinos. Durante a campanha eleitoral, os cadernos dos jornais engrossavam diariamente o manancial quase inesgotável de informação e de esperanças. A liberdade de opinião e de imprensa, os direitos a um salário digno, à saúde e à educação pareciam ao alcance de um voto. Mas, os sonhos ficaram fechados nas urnas, no dia 26. Foi a primavera possível num outono que arrefeceu progressivamente na tentativa de dominar a agitação estudantil e sindical, através de uma repressão mais vigorosa.

As prisões e despedimentos por motivos políticos intensificaram-se, mas a informação circulava em cadernos semiclandestinos e os livros proibidos vendiam-se “por baixo do balcão”. A polícia dispersava, à bastonada, qualquer manifestação ou grupo suspeito, mas os jovens mantinham a chama acesa, ouvindo Zeca e Adriano em discretas reuniões.

O ano de 1973 começou justamente em plena agitação política. A Polícia interrompeu a “Vigília pela Paz” realizada na Capela do Rato por um grupo de várias centenas de católicos progressistas, de 31 de dezembro para 1 de janeiro. Depois de cercar o templo, exigiu a sua evacuação e procedeu à prisão dos resistentes, entre os quais dois padres. O Cardeal Patriarca, D. António Ribeiro, envolveu-se na libertação dos padres, tendo-se dirigido pessoalmente às instalações da Direção-Geral de Segurança. Pela primeira vez, um Cardeal Patriarca criticou uma ação repressiva do Regime. Este episódio teve reflexos importantes na ampliação da consciência social e

política de muitos católicos. Em outubro do mesmo ano realizaram-se Eleições Legislativas. A Oposição aproveitou para fazer a propaganda dos seus ideais, mas renunciou à ida às urnas.

As condições sociais e económicas agravaram-se com a inflação a disparar; as greves generalizaram-se, estimando-se que, entre outubro de 1973 e abril de 1974, tenham sido envolvidos cerca de 100 000 trabalhadores. Contrastando com a situação interna, os emigrantes portugueses testemunhavam experiências de vida com largos horizontes, em locais onde não existia o medo ao dobrar de qualquer esquina. Era indisfarçável a necessidade de que algo acontecesse para que a dignidade se constituísse como padrão das relações sociais e políticas.

Um pulsar de esperança morreu às portas de Lisboa no dia 16 de março de 1974. O Regimento de Infantaria das Caldas da Rainha viu-se obrigado a regressar ao quartel por ter sido a única unidade militar a cumprir o plano de um golpe militar entretanto abortado. Cercada, aceitou a rendição horas mais tarde. As movimentações militares então verificadas foram o resultado da instabilidade vivida nas Forças Armadas, conscientes de que a única solução para a Guerra Colonial era política. O Poder sentiu que tinha o controlo pleno da situação ao impedir que outras unidades se envolvessem no golpe e ao deter todos os militares nele implicados.

Na manhã do dia 25 de Abril, porém, foi a surpresa. As estações de rádio emitiam música completamente estranha aos programas habituais, pondo de sobreaviso os cidadãos madrugadores. Tudo ficou mais claro ao ouvirem-se as históricas palavras:

“Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas. As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas nas quais se devem conservar com a máxima calma. Esperamos sinceramente que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas. Tal confronto, além de desnecessário, só poderá conduzir a sérios prejuízos individuais que enlutariam e criariam divisões entre os portugueses, o que há que evitar a todo o custo. Não obstante a expressa preocupação de não fazer correr a mínima gota de sangue de qualquer português, apelamos para o espírito cívico e profissional da classe médica esperando a sua acorrência aos hospitais, a fim de prestar a sua eventual colaboração que se deseja, sinceramente, desnecessária.”

Horas depois era a “Festa”, impossível de conter, que invadiu as ruas de Lisboa. Nas espingardas floriavam cravos. Nos rostos nasciam sorrisos. Os peitos davam-se em abraços. As canções rimavam com asas e fraternidade.

Correio da Usalma, n.º 34, p. 3

Estudo de Caso - *Projeto Nós Propomos!*

Prof.^{as} Madalena Ferreira, Dora Pinheiro e Alice Santos

Cidadania e Inovação na Educação Geográfica: onde vivemos, as nossas preocupações.

2012/2013

A Escola Secundária Dr. José Afonso participou no Projeto “**Nós Propomos!**”, *Cidadania e Inovação na Educação Geográfica*, promovido pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território/IGOT da Universidade de Lisboa, com a colaboração do Ciência Viva, da Esri Portugal e da Câmara Municipal do Seixal.

O **Estudo de Caso** da disciplina de Geografia A, do 11.º ano, relaciona os temas do programa com a realidade da região onde o aluno vive. O aluno, em grupo, aplica as aprendizagens, compreende e verifica através do trabalho de campo uma situação real. Aprende e cria/constrói o saber, reflete e compreende as reais dimensões no meio onde vive e desenvolve uma postura crítica diante dessa realidade.

Os alunos tiveram a oportunidade de escolher uma situação concreta, significativa nas suas vivências, na área onde se insere a escola ou na área de residência.

Tendo em vista a promoção de uma ativa cidadania territorial, os alunos foram mobilizados para a identificação das principais orientações do Plano Diretor Municipal e para a apresentação de propostas de intervenção no município, a partir dos problemas identificados.

Estiveram envolvidos 44 alunos do 11.º ano (turmas G e H) que apresentaram 10 projetos.

Apresentamos, de forma sucinta, as propostas dos diferentes grupos de trabalho.

O Moinho de Maré do Capitão, localizado na Ponta dos Corvos, Seixal (Allan Souza, Inês Costa, Juliana Candeias, Madalena Nunes e Rafael Lopes).

Proposta - Requalificar o Moinho do Capitão, aproveitando a energia das marés e a solar. O moinho deve ser reaproveitado para a criação de um observatório ambiental (de aves, plantas e espécies marinhas).

A escolha deste moinho em particular deve-se à proximidade e enquadramento nos sapais, o que permite uma melhor observação das espécies existentes, e ao facto de ser um dos moinhos mais acessíveis.

Espaço verde na zona não edificada na antiga fábrica da cortiça da Mundet, no Seixal (Fábio Melro, José Vilarinho, Tiago Freire e Miguel Alves).

121

Proposta - Criação de um Espaço Verde, com várias valências, onde poderiam ser realizadas atividades inovadoras como *birdwatching* (observação de várias espécies de aves), *drive-in* (cinema ao ar livre), miniteleférico para a visualização global do espaço, atividades desportivas. Propõe-se ainda a construção de uma ciclovia e a realização de feiras/eventos.

Escola de Música na Quinta da Fidalga, no Seixal (Bernardo Rosa, Cláudia Jarimba, Elsa Filipa, Henrique Laurentino e Margarida Furão).

Proposta - A requalificação do espaço que permitirá valorizar a Quinta da Fidal-

ga, enquanto marco importante do património municipal, complementando as intervenções de carácter cultural a realizar no local; requalificação do espaço não edificado com a construção de um anfiteatro/palco ao ar livre; reabilitação do espaço edificado já existente para o desenvolvimento das aulas de música; construção e alargamento de zonas de estacionamento na zona envolvente da Quinta.

A acessibilidade nos Redondos, freguesia de Fernão Ferro do Seixal (Ana Cláudia Mendes, Catarina Louro, Eduarda Diego, Laura Carmo e Zahra Habibo).

Proposta - Melhorar as acessibilidades da zona e desenvolver a área dos Redondos, ligando-a aos serviços de proximidade, melhorando as condições de vida da população, especialmente da mais idosa, que apresenta mais dificuldades físicas de acesso a serviços essenciais pelo percurso pedonal.

Criar uma nova forma de transporte mais prática e próxima das pessoas, a tarifas reduzidas, através de um miniautocarro elétrico, com elevados níveis de eficiência energética, baixos níveis de ruído e emissões locais de poluentes.

Centro social com várias valências, no Fogueteiro, Seixal (Ângela Lopes, Diogo Achando, Mariana Oliveira, Miguel Costa e Renata Caldeira).

Proposta - Criar um Centro Social para as pessoas necessitadas da zona, com várias valências, nomeadamente: um ATL/Centro de dia/Alojamento/Sala de Estudo; um espaço verde, com recreio infantil e hortas pedagógicas; distribuição de refeições quentes; um auditório; uma equipa de Corfebol (desporto em expansão no concelho); e realização de *workshops* - puericultura, serviços domésticos, artísticos (pintura, escultura, artes manuais...), teatro, música... (para crianças e adultos).

Requalificação da Praia da Velha, no Seixal (Alexandre Forte, André Pereira, Filipe Almeida, Pedro Marques e Pedro Loya).

Proposta - Construção de um espaço de lazer e desportivo para a população mais jovem, usando materiais reciclados (bar Maresia, observatório de aves, cais, parque infantil). Limpeza da área em estudo e a construção de infraestruturas que impeçam a ocorrência de cheias.

A Pousada da Juventude na Quinta do Algarve, na Aldeia de Paio Pires (Carlos Lopes, Cristiano Paulo, Jaime Paiva e Marisa Melro).

Proposta - Construir um edifício principal e criar áreas de lazer e divertimento para a população residente e/ou para futuros utentes da Pousada.

Haverá salão de jogos, *paintball* e, fora da pousada, excursões ou visitas guiadas no concelho do Seixal ou em regiões próximas. A pousada teria um acordo com a ANS (Associação Náutica do Seixal) para prática de canoagem, remo e vela na Baía do Seixal e ainda bicicletas disponíveis para aluguer.

Instalação de equipamentos desportivos, no Seixal (Diogo Mendes, Eduardo Matos, Gonçalo Felício e Joel Estrada).

Proposta - Construção de um Estádio com instalações desportivas modernas, para substituir as antigas instalações desportivas do Grupo Desportivo de Seixal (o que nunca sucedeu nos últimos 100 anos). Um ginásio, balneários, um número acessível de bancadas, um bar, relvado em boas condições e enfermaria fizeram parte da proposta que pretendia dar ao grupo desportivo instalações de qualidade para o

sucesso e formação de jovens.

Revitalizar o espaço edificado da Mundet, no Seixal (Catarina Consolado, Inês Silva, Ricardo Gomes e Sara Senra).

Proposta - Criação de um centro de *bowling* enquadrando toda a intervenção nas características históricas da fábrica da Mundet, com uma decoração alusiva a esta antiga fábrica de cortiça. Este centro de *bowling* terá como objetivo tornar-se um centro de convívio, mas também um centro de atividades económicas associado a serviços de restauração. O projeto tem em vista a revitalização do espaço e a reabilitação dos edifícios Fundação da cortiça e Oficina de brocas e restaurar algumas peças da antiga fábrica.

Requalificação da Praia dos Tesos, no Seixal (Eduardo Sousa, Filipa Daniela e João Nunes).

Proposta - Requalificação da praia, com atividades de lazer e desporto. Aumentar o espaço da praia e diminuir a poluição da água para que todos possam desfrutar da praia ao máximo.

Inserir "Gaivotas" (embarcações), de preferência de material reciclável, passeios de barco pela Baía e uma área para as crianças.

Em conclusão:

Os projetos mostram a importância da participação pública dos alunos nos processos de planeamento e contribuem para o desenvolvimento de práticas de cidadania e intervenção na sociedade em que se inserem.

Foram apresentados publicamente num seminário no IGOT, tendo sido atribuído à escola o *Prémio de Melhor Participação*, a nível nacional, pela qualidade e mérito dos projetos apresentados.

Profalmada, n.º 31, p. 7 e 8

Ser professor é também Arte de acreditar

Prof. Tânia Sardinha Vieira¹

Aquele que se atreve a ensinar nunca mais poderá deixar de aprender.

John Cotton Dana

Chamo-me Tânia Sardinha Vieira e há dezasseis anos que sou professora contratada de Artes Visuais (3.º CEB e SEC), especializada há cinco anos em Educação Especial.

Ser professora de Artes Visuais tem sido um desafio constante, pois para mim uma sala de aula é um palco vivo de interações, de partilha de saberes e um espaço sério, muito sério... que tem de ser olhado e tratado com respeito, pois é um palco onde se cresce em tempo real, onde se aprendem valores e

¹ Professora de Artes Visuais e de Educação Especial | Designer de Comunicação | Doutoranda em Design na Universidade de Aveiro | Mestre em Famílias e Sistemas Sociais | Formadora na área da Criatividade e Dinâmicas de Grupo | Mãe de duas meninas e de uma terceira que está quase a chegar | Casada com o amor da sua vida | Mulher que se sabe feliz!

princípios (tantos deles implícitos nas nossas práticas como docentes). Um palco vivo onde o outro é um ser que merece toda a nossa atenção, o nosso olhar atento aos seus *feedbacks*, às suas aprendizagens, às suas alegrias e às suas tristezas. Acredito que para se crescer de forma plena, temos que desenvolver, para além de competências específicas de determinadas áreas académicas, as competências emocionais, as sociais e as relacionais (entre tantas outras).

A escola é, na maior parte das vezes, seguidora de uma sociedade industrial onde impera o racional, o lógico, a eficiência e a velocidade do desempenho. O pensamento estimulado na escola é, sobretudo, convergente e linear. Dimensões mais afetivas e sociais da personalidade são subestimadas. Outras componentes da cognição, por exemplo, a criatividade, a intuição ou a imaginação são menos valorizadas curricularmente em termos de conteúdos e de processos (Almeida & Mettrau, *in* Martins, 2000, p. 35)², limitando desta forma o crescimento integral de tantas crianças e jovens.

Tenho procurado que a minha prática docente reflita a minha confiança na capacidade do outro e contribua para que os meus alunos cresçam de forma plena. Estou convicta de que os alunos que desenvolvem a capacidade de ver o mundo com os olhos de quem sente e conhece as estrelas, que desenvolvem a qualidade de serem solidários, serão homens e mulheres diferentes, mais capazes, mais interventivos, mais conscientes e críticos. Entendo o processo de ensino-aprendizagem não como uma relação unívoca, mas sim bilateral, em que o professor e os alunos trocam experiências e co-construem o conhecimento interagindo com o meio.

Se tivermos presente que o “conhecimento científico em criatividade tem vindo a evoluir, passando da fase da descrição e da investigação do comportamento criativo como um fenómeno individual, para passar a ser compreendido e estudado como um processo sistémico, considerando-se também a influência do meio familiar, escolar, cultural, social e do contexto histórico”³ (Vieira, p. 15, 2004), torna-se fácil compreender a importância e a pertinência da educação artística, como agente promotor deste mesmo conhecimento.

Como docente, tenho procurado defender e implementar, como refere Barbosa (citado por Martins, 2000)⁴, “um novo conceito de aprendizagem, não sustentado pela lógica da acumulação de informações, de conhecimentos, mas pela lógica da sua construção/reconstrução”. Desta forma, partilho uma das muitas experiências que já tive a oportunidade de viver no decorrer do meu percurso profissional.

² MARTINS, Vitor M. T. (2000), *Para uma pedagogia da criatividade*. Porto: Edições Asa, ISBN 972-41-2311-1.

³ VIEIRA, Tânia Sardinha (2004), ‘*Representações sociais sobre criatividade construídas por professores e alunos no âmbito da disciplina de Educação Visual*’, Dissertação de Mestrado em Família e Sistemas Sociais, Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra.

⁴ MARTINS, Vitor M. T. (2000), *Para uma pedagogia da criatividade*. Porto: Edições Asa, Porto, ISBN 972-41-2311-1.

Há cinco anos, lecionei numa escola secundária de Aveiro as disciplinas de Desenho (10.º ano) e Design de Comunicação (10.º ano de um curso profissional). Apesar das diferenças de conteúdos das referidas disciplinas e dos cursos, bem como das características das turmas e dos respetivos alunos, encontrei nas duas turmas um ponto em comum – vontade de aprender e de fazer! Aproveitei de imediato esta energia tão característica de adolescentes e a certeza de quem acredita ser capaz de “mudar” o mundo.

Em conjunto com as duas turmas desenvolvi dois projetos diferentes.

O primeiro foi um projeto de voluntariado, que decorreu durante o mês de novembro e de dezembro, no qual os meus alunos (jovens com idades compreendidas entre os 15-18 anos) “abriram mão” dos seus sábados de manhã, para estarem comigo, no Hospital Infante D. Pedro de Aveiro (HIP), a preparar elementos decorativos para decorarem algumas áreas do HIP5. Foram exploradas formas livres e diferentes materiais recicláveis, partindo da análise simbólica do tema “Natal... tempo de amor!”. Este projeto surgiu após os alunos terem tomado conhecimento de que na época natalícia é frequente o abandono de idosos por parte de inúmeras famílias.

Lembro-me da satisfação e do gozo que cada um revelava na sua expressão facial, quando falávamos do impacto da nossa intervenção na vida de muitos idosos. Um aluno disse-me num dos sábados: “Professora, venho direto da discoteca, mas não posso deixar de estar aqui, pois sei que aqui faço a diferença... e sabe-me bem! Dá-me paz!”

O segundo projeto⁶ visava a organização e montagem de uma exposição de trabalhos dos alunos⁷, numa galeria⁸ de arte da cidade. Foram realizadas várias reuniões entre as turmas, divididas tarefas e criados grupos de trabalho. Lembro-me de ter dito que acreditava neles e que faria tudo para que a Exposição acontecesse, e que deles exigiria apenas duas coisas – que também acreditassem e que também fizessem (com qualidade, claro!). E assim foi... em equipa montámos a Exposição “perCursos de desenho”⁹, inaugurada num sábado à tarde e com um momento musical organizado pelos alunos da turma. Na inauguração, estiveram presentes figuras públicas da cidade, jornais locais, encarregados de educação, professores, alunos e aveirenses.

A exposição foi o culminar de um percurso de aprendizagens específicas das disciplinas e do cultivar do potencial criativo existente em cada um dos alunos, através de um ambiente rico em estímulos e desafios, no qual foi valorizado o trabalho do indivíduo e do grupo, reconhecendo as potencialida-

⁵ Este trabalho foi acompanhado pela Dra. Catarina Resende (elemento da equipa do HIP).

⁶ Este projeto contou com a colaboração de um colega que também lecionava à turma do curso profissional.

⁷ Os trabalhos apresentados faziam parte dos conteúdos curriculares de cada uma das disciplinas.

⁸ A Santa Casa da Misericórdia de Aveiro cedeu-nos gentilmente a sua galeria.

⁹ Interessa referir que foram feitos turnos entre os dois professores e os alunos para manter o espaço aberto no decorrer da semana.

des, respeitando as diferenças e oferecendo oportunidades para a produção e desenvolvimento de ideias.

Como refere Cropley (Martins¹⁰, 2000), a finalidade do ensino criativo não é produzir soluções criativas, mas sim dar energia e manter os esforços criativos dos alunos, removendo obstáculos e criando incentivos.

Acredito que é possível ser-se um(a) professor(a) criativo(a), incentivando o aluno a aprender, a descobrir por si mesmo, a questionar, permitindo as diferenças de cada um e facilitando desta forma o desenvolvimento da criatividade nos alunos. É, pois, urgente a conscientização de todos para um ensino mais criativo, onde o aluno seja um sujeito ativo na sua aprendizagem e onde a escola funcione como o elo de ligação com a vida real.

Esta é a escola que eu defendo. A escola onde cada criança e jovem pode aprender a SER um cidadão com sentido crítico, livre, solidário e sensível ao outro. Esta é a escola à qual pertença e pela qual irei sempre lutar... uma escola na qual haja espaço para todos!

Profalmada, n.º 34, p. 8-9

¹⁰ Martins cita SOUSA, Fernando J. V. Cardoso, "Sobredotação e criatividade: o papel limitador da Universidade na formação dos futuros professores". In SILVA, Manuela Esteves (Org.), 1997. *Conferência sobre sobredotação* (Actas). 23 e 24 de Maio. Lisboa: Ministério da Educação. Dep. da Educação Básica. Núcleo de organização pedagógica e apoios educativos.

Colégio Campo de Flores

Programa de Escrita – Escrever Mais, Mais Escrever

Um programa para a formação de autorreguladores da escrita

Criar laços afetivos com as palavras e a escrita

Prof. Ana Guerra¹

Nos primeiros anos de escolaridade, o aluno desenvolve a sua relação com as palavras, o que fará dele um falante e um escrevente mais consciente e competente. Durante este período, a sua identidade escritural está em formação, pelo que compete à escola orientar cuidadosamente todo este processo, para que o aluno aprenda a viver com a escrita de modo ágil, competente e feliz.

Como professores, sabemos que, muitas vezes, os alunos encaram a escrita como uma atividade enfadonha e difícil, o que os impede de a utilizarem adequadamente para a consolidação de conhecimentos, para as situações de avaliação e ainda para a expressão do seu próprio pensamento. Para contrariar esta realidade, é essencial que a prática da escrita seja entendida por professores e alunos como algo mais do que puramente técnico, ou seja,

¹ Coordenadora do programa *Escrever Mais, Mais Escrever* do Colégio Campo de Flores.

como um instrumento que levará o aluno a uma relação positiva, clara e emotiva com o mundo que o rodeia, através da qual ele aprenda a expressar o seu pensamento.

Assim, faz sentido defendermos que oralidade, leitura e escrita devem estar próximas na vida da sala de aula, com vista à formação do aluno produtor, isto é, do aluno ativamente implicado no seu processo de aprendizagem. É importante que o aluno aprenda a verbalizar o que sente, pensa ou desconhece, partilhando-o com professores e colegas, pois será o melhor caminho para se tornar consciente da identidade que está a formar enquanto comunicador e, simultaneamente, se aproprie de estratégias para usar a palavra de acordo com a sua identidade.

Os primeiros anos de escolaridade são, em suma, fundamentais para se formar laços afetivos com a palavra, para se aprender a ler e a escrever com conhecimento e competência, formando-se bons leitores e bons escritores.

O caminho para Escrever Mais

Para o Colégio Campo de Flores, é fundamental garantir que os alunos constroem uma representação facilitadora da escrita. Deste modo, a escrita é encarada, em especial nos 1.º e 2.º ciclos (os ciclos essenciais para a formação do escrevente), como um momento habitual, sobre o qual se aprende a pensar. Os momentos de escrita são frequentes e diversificados, relacionando desafios de escrita com momentos de partilha professor-alunos e alunos-alunos, onde se estimula a relação dos aspetos mais mecânicos com a curiosidade e a criatividade.

O Colégio acredita que o bom escrevente se forma através da **participação** regular na escrita, da **instrumentação** da mesma (para que o aluno compreenda a utilidade e finalidade da escrita, transferindo, mais tarde, essa consciência para outras situações da sua vida) e através da **sistematicidade** (que permite descobrir, pensar e compreender múltiplos aspetos que fazem parte da atividade escritural).

Deste modo, as iniciativas de escrita contemplam regularmente um espaço para que o aluno, no diálogo com o professor e os colegas, aprenda a aperfeiçoar o seu texto. Esta medida facilita a interiorização dos princípios da autorregulação, o que garante a formação de escreventes conscientes, competentes e autónomos.

Nos 3.º e 4.º anos do 1.º ciclo, apresentamos aos alunos a imagem de um prédio, a que chamamos *o Prédio da Rua do Campo de Flores*, onde habitam várias personagens que vivem situações diversificadas. Sempre que os alunos recebem um desafio a propósito da vida do prédio, são levados a evocar não só as aprendizagens da escrita feitas até ao momento, como também as suas vivências e referências sociais e culturais. Os alunos sentem-se impelidos a refletir e organizar o seu pensamento mobilizando os seus conhecimentos e competências, de modo a cumprir com sucesso o desafio apresentado.

No 2.º ciclo, propomos atividades que envolvem as disciplinas de Português, Ciências Naturais e História e Geografia de Portugal. Em sala de aula, a escrita surge em abordagens diversificadas: favorecemos a prática e a reflexão para que o aluno aprenda a organizar o seu pensamento e as suas aprendizagens e reflita sobre os seus sentimentos, valores e linguagem pessoal. Neste ciclo, promovemos tanto a criatividade como a escrita mais técnica, facilitadora das aprendizagens escolares.

O nosso objetivo em ambos os ciclos é que o aluno encare a escrita como um instrumento multifacetado que o vai ajudar a expressar-se livremente, a consolidar conhecimentos e a apresentar o que aprende. Para tal, estimulamos a organização da escrita nos momentos essenciais: planificação, redação e revisão. Contudo, não nos esquecemos, que os alunos do 1.º ciclo ainda se estão a apropriar de modelos que lhes permitirão construir a sua identidade enquanto escritores, ao passo que, no 2.º ciclo, já encontramos um espaço maior para a consolidação e validação de modelos e estratégias usadas pelos alunos.

Esta realidade é para nós muito rica, visto que nos permite desenvolver um percurso evolutivo muito interessante e, ao mesmo tempo, promover partilhas e vivências da escrita entre os ciclos de ensino com que estamos a trabalhar. Os nossos alunos produzem e partilham entre si guiões de escrita em vídeo, fazem jogos e reportagens, partilham leituras e textos em livros digitais não só no espaço da turma como entre as várias turmas e ciclos.

A prática tem-nos mostrado que a escrita está mais presente no Colégio, não só porque é trabalhada de modo consciente, como também porque se tem tornado gradualmente mais aliciante e mais fácil. A sua complexidade tem sido desmontada com os alunos... através do uso da palavra!

O que dizem os nossos alunos...

Escrever mais é... pensar no que vamos escrever, é ler e reler e fazer o texto. – Sofia Teixeira, 3.º A.

Escrever mais é... saber escrever bem, ter uma boa caligrafia, fazermos textos muito bem organizados e alegres. Conseguimos isto e muito mais. – Joana Baldaia, 3.º B.

Escrever mais é... enriquecer as folhas. – Margarida Craveiro, 4.º C.

Escrever mais é... mais bonito do que escrever pouco, porque escrevemos melhor! – Mariana Pinto, 4.º C.

Escrever mais é... dar menos erros, estruturar melhor os textos, melhorar a caligrafia e divertirmo-nos um bocadinho. – Rodrigo Mirco, 5.º A.

Escrever mais é... pensar antes de escrever, pensar enquanto se escreve e pensar depois de escrever. – Diogo Carrapiço, 6.º A.

Escrever mais é... aprender mais, é desenvolver mais as nossas capacidades. Escrever mais é... mudar o nosso olhar sobre as coisas. Escrever mais é... mostrar a nós mesmos e aos outros aquilo que sabemos fazer realmente.

Escrever mais é... escrever aquilo que sentimos e não aquilo que os outros pensam. – Carolina Afonso, 6.º A.

Escrever mais é... uma grande ajuda na escrita. Foi uma ótima ideia do Colégio Campo de Flores. Os alunos que têm dificuldade na criatividade, nos erros ortográficos ou, às vezes, não sabem gerir o tempo, ou a quantidade de palavras, têm cá mais um projeto para ajudar! Este projeto dá-nos mais vontade de escrever! Também nos dá mais segurança na escrita! Ensina-nos a gostar de escrever! – Maria Luísa Silva, 6.º A.

Profalmada, n.º 34, p. 5-6

A importância do ensino-aprendizagem da Física e da Química para a cultura científica

*Prof.ªs Alexandrina Lopes,
Amélia Diaz, Clara Boavista,
Eugénia Madeira e Fátima Oliveira*

O sistema de ensino tem sofrido, nos últimos tempos, grandes alterações. Passou de um ensino em que predominava a transmissão de conhecimento, tendo por base a memória, para um ensino em que o aluno tem uma postura mais ativa na construção do seu saber. A década de 70, caracterizada por grande desenvolvimento económico, cultural e social no país, aliado ao reconhecimento da importância da Ciência e Tecnologia, fez com que o ensino das Ciências Experimentais fosse crescendo de importância.

Nos finais da década de 90, foi criada a Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica que procura aproximar a sociedade portuguesa da Ciência, através de iniciativas de promoção do ensino experimental das ciências nas escolas, de campanhas nacionais de divulgação científica e de uma Rede Nacional de Centros Ciência Viva, museus interativos de ciência. Paralelamente as escolas viram os seus laboratórios mais bem apetrechados.

Foi também reconhecida a necessidade de generalização do ensino experimental das ciências ao 1.º Ciclo do Ensino Básico e criado um Programa de Formação em Ensino Experimental para os Professores do 1.º Ciclo, visando a melhoria das competências e práticas de professores e alunos neste domínio (Despacho n.º 2143/2007, de 9 de fevereiro), permitindo que os alunos quando chegam ao ensino secundário apresentem um pensamento crítico mais estruturado e uma maior sensibilização para a dinâmica das ciências experimentais.

A disciplina de Física e Química, quer no ensino básico, quer no ensino secundário, tem como finalidades, além dos conhecimentos científicos, “desenvolver capacidades e atitudes fundamentais, estruturantes do ser huma-

no, que lhes permitam ser cidadãos críticos e intervenientes na sociedade e desenvolver uma visão integradora CTSA - Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente” (programas da disciplina de Física e Química). O ensino da Física e Química pretende, assim, contribuir para a literacia¹ científica dos alunos, permitindo-lhes ser cidadãos mais conscientes e responsáveis.

Nestas disciplinas foram introduzidas medidas, tais como o aumento da carga horária e de atividades prático-laboratoriais de caráter obrigatório. Privilegiou-se assim o ensino experimental, implementou-se o desdobramento das turmas nas aulas de trabalho laboratorial e prolongou-se o tempo para a sua realização, permitindo, assim, aos alunos a resolução de problemas e a reflexão crítica sobre o trabalho efetuado.

Enquanto docentes de Física e Química, procuramos ter sempre presente a noção de que, na construção do conhecimento, o aluno se encontra no centro do processo educativo e que a nossa tarefa como educadoras é de criar condições adequadas à aprendizagem dos conteúdos programáticos e fomentar o desenvolvimento de competências, de modo a promover o sucesso educativo dos alunos.

A abordagem dos temas dos vários programas curriculares é feita relacionando, sempre que possível, os termos/conceitos e hipóteses/teorias científicas com situações do quotidiano, articulando o conhecimento a adquirir com a realização de atividades laboratoriais e facultando aos alunos a aplicação das etapas do método científico.

Deste modo, pensamos que estas disciplinas devem promover a construção do conhecimento, através do trabalho experimental, na medida em que este desenvolve capacidades aquisitivas, organizacionais, criativas, manipulativas e de comunicação, não esquecendo as capacidades do foro afetivo e social, que também são desenvolvidas num ambiente adequado na sala de aula (Valadares, 2006).

O trabalho experimental, ao promover estas competências no aluno, permite que a compreensão do conhecimento, nomeadamente dos conceitos científicos, seja mais eficaz do que a compreensão do conhecimento científico transmitido pela exposição, preparando os alunos para uma cidadania crítica e responsável.

A realização e a diversificação de práticas experimentais no processo de ensino e aprendizagem, como fator de motivação dos alunos face ao método científico, foram consideradas um dos pontos fortes da nossa Escola (Avaliação Externa, Escola Secundária de Emídio Navarro, 2009). Para tal, contribuiu o trabalho colaborativo dos professores da disciplina, traduzido por uma cuidada planificação e desenvolvimento das atividades laboratoriais

¹ Capacidade de usar conhecimentos científicos, de reconhecer questões científicas e retirar conclusões baseadas em evidência, de forma a compreender e apoiar a tomada de decisões acerca do mundo natural e das mudanças nele efetuadas, através da atividade humana (OCDE, 2002).

(facultativas e/ou obrigatórias), no sentido de explorar todo o seu potencial, quer a nível da construção do conhecimento, quer a nível de atitudes e valores, tendo por objetivo a formação e a preparação dos alunos como cidadãos ativos e responsáveis.

É também nossa preocupação e um dos nossos objetivos, face à perspetiva construtivista com orientação CTSA, fomentar a participação dos alunos quer em projetos promovidos por centros Ciência Viva, nomeadamente a Ocupação Científica de Jovens nas Férias, quer pelas Sociedades Portuguesa de Física, Química e Astronomia com a participação nas respetivas Olimpíadas.

Contributo dos clubes de Ciência no processo de ensino-aprendizagem da Física e da Química

Os Clubes de Ciência são espaços educativos de carácter facultativo, destinados não só à complementaridade da vertente curricular, mas também à "formação integral e realização pessoal dos alunos no sentido da utilização criativa e formativa dos seus tempos livres" (Lei de Bases do Sistema Educativo, artigo 48.º, ponto 1).

A finalidade dos Clubes de Ciência é contribuir para a Educação e para a Cidadania, aumentando a literacia científica dos alunos, através de dinâmicas de trabalho que promovam o ensino experimental das ciências, a resolução de problemas e as abordagens CTSA no desenvolvimento de pequenos projetos individuais ou de grupo.

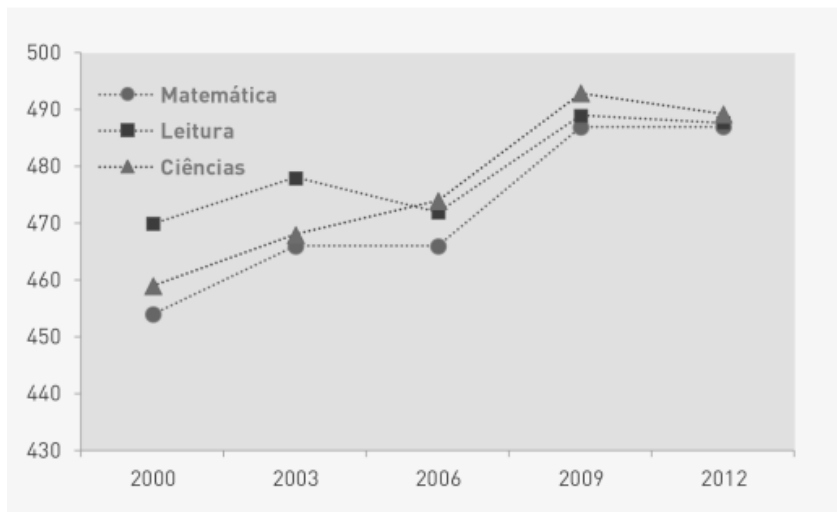
Por ser um espaço de cariz mais informal do que a sala de aula, conduz a uma maior aproximação dos alunos à Ciência, uma vez que as questões são abordadas de um modo mais lúdico, favorecendo a partilha de opiniões. Também é possível ir ao encontro de uma maior diversidade de interesses e afinidades dos alunos com temas relacionados com a Ciência, nem sempre possíveis de explorar em contexto de sala de aula. Neste espaço, pretende-se estimular o interesse e a motivação dos alunos para aprender Ciência, fomentando a sua autonomia. A construção da aprendizagem acontece assim de um modo natural, pois é orientada pelo interesse e curiosidade do aluno.

Ensino das Ciências experimentais e literacia científica

Por forma a testar o nível de literacia científica dos alunos e a monitorizar o sistema educativo quanto ao desempenho dos alunos, Portugal tem participado nos testes PISA (*Programme for International Student Assessment*), promovidos pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico). Estes testes pretendem medir a capacidade dos jovens de 15 anos na utilização de conhecimentos adquiridos, de forma a enfrentarem os desafios da vida real, em vez de simplesmente avaliarem o domínio que detêm sobre o conteúdo escolar específico (Gave, 2014). O gráfico seguinte mostra a evolução do desempenho dos alunos portugueses nos últimos 12

anos, correspondentes a cinco ciclos de PISA (PISA, 2012).

Da análise do gráfico, verifica-se que o desempenho de Portugal tem aumentado progressivamente desde a primeira participação portuguesa, em 2000.



Esta evolução poderá, de alguma maneira, refletir a maior preocupação manifestada na última década com o caráter experimental da Ciência, ao nível do ensino, pelo que não deverá ser descurado o investimento na educação.

Os Cursos Profissionais e as Ciências Experimentais

Preparar jovens com índices de autonomia, para que exerçam a dimensão do trabalho qualificado, é um dos objetivos do ensino profissional.

Os alunos dos cursos profissionais revelam, na sua maioria, dificuldades ao nível da componente da formação científica, além de baixa autoestima e ausência de métodos de trabalho.

Promover técnicas de incentivo à autorresponsabilização e à promoção de autonomia individual e em grupo é um dos desafios a que nos propomos, acreditando que podemos fazer a diferença quando nos referimos a alunos de cursos profissionais.

Assim, nas atividades letivas em que existe o exercício de atividades práticas (laboratório/oficinas), a formação de grupos e o desenvolvimento de trabalhos/projetos, em que os alunos apliquem os conhecimentos adquiridos e os recursos existentes nas escolas, irão permitir o despertar do gosto pelo saber, aplicando-o às situações práticas dos respetivos cursos.

É aqui que a interdisciplinaridade entre as ciências experimentais da Física e da Química e as Tecnologias tem sido muito gratificante, pois os alunos/formandos, além de terem uma visão da interligação de saberes, adquirem

competências científicas e capacidade de trabalho em equipa, desenvolvendo conhecimentos e capacidades necessárias ao exercício profissional.

A nossa experiência como professoras de Física e Química e de Tecnologias permitiu-nos iniciar um desafio nas turmas em que lecionamos, valorizando a interdisciplinaridade e as práticas laboratoriais e oficinais. Consequentemente, os alunos/formandos sentiram um maior incentivo pelas atividades, desenvolvendo maior concentração e interesse, diminuindo a indisciplina e melhorando o aproveitamento escolar.

Esta iniciativa tem criado nos alunos uma maior motivação face a diferentes tipos de projetos (concursos e projetos de turma), dos quais alguns foram apurados para fases finais de concursos nacionais (*Inova, IPS - Junior Challenger, Junior Achievement*), o que muito nos orgulha, a nós, enquanto professoras, e aos alunos/formandos. Estes projetos mostram que estes alunos *sabem fazer*, e fazer bem, servindo eles próprios de incentivo aos novos colegas.

Esta tarefa não é fácil, implica da nossa parte muito trabalho, traduzido por longas horas de preparação, empenho, dedicação e criatividade, mas tudo isto é ultrapassado quando vemos que os nossos alunos/formandos se tornam cidadãos mais conscientes, valorizados e com objetivos para o futuro.

Devido às características destes alunos, o ensino prático deveria estender-se a todas as disciplinas, respeitando a especificidade de cada uma delas.

Nós acreditamos e queremos que todos acreditem!

Referências bibliográficas

APARÍCIO, M. (2010). *O papel dos clubes de ciência na aprendizagem da Física e da Química*. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

GAVE (2014). [Disponível em <http://www.gave.min-edu.pt/np3/11.html>, consultado em 3-10-2014].

Inspecção Geral da Educação (2009). *Avaliação Externa das Escolas - Escola Secundária com 3.º ciclo Emídio Navarro, Almada* [Disponível em <http://esen.pt/in/images/docs/aval%20externa%20esen%202009.pdf>, consultado em 3-10-2014].

Ministério da Educação (2001). *Orientações curriculares - Ciências Físicas e Naturais do 3º ciclo do ensino básico*. Lisboa: ME.

Ministério da Educação (2001). *Programa de Física e Química A - 10.º e 11.º ano do ensino secundário, curso científico - humanístico de ciências e tecnologias*. Lisboa: ME.

OCDE (2002). *Sample tasks from the PISA 2000 assessment. Reading, mathematical and scientific literacy*. Paris: OECD.

OCDE (2012). *Portugal primeiros resultados*. OCDE.

VALADARES, J. (2006). "O Ensino Experimental das Ciências: do conceito à prática: investigação/ação/reflexão" (13). *Revista Proformar*, n.º 13 (Disponível em http://proformar.pt/revista/edicao_13/ensino_exp_ciencias.pdf).

SABIA QUE...

Prof. Ernesto Fernandes

1. Portugal de Abril realizou uma transformação radical no campo do ensino-educação. A leitura dos indicadores sociais demonstra, quando ultrapassamos uma leitura individualista ou casuística, baseada em sensações e opiniões erráticas do *senso comum*, a efetiva **democratização da escola pública como imperativo constitucional**. Neste sentido, a informação e o conhecimento são fatores axiais em prol de uma consciência lúcida, condição necessária para a defesa e o aprofundamento da *democracia participativa* (cf. Constituição da República Portuguesa).

Neste sentido, atentemos nos seguintes **indicadores sociais** [cf. António Barreto (org.) - *A Situação Social em Portugal 1960-1999*, vol.II, ICS, 2000]:

Quadro - resumo

| Ano | População residente | Analfabetos 15-64 anos | Ensino básico | | Secundário a) | | Superior a) |
|------|---------------------|------------------------|---------------|-------|---------------|-------|-------------|
| | | | Prim. | Prep. | Unif. | Comp. | |
| 1960 | 8 889 392 | 40,3% | 22,5% | — | — | — | 0,6% |
| 1970 | 8 663 252 | 33,6% | 49,6% | — | — | — | 1,5% |
| 1981 | 9 883 014 | 26,4% | 47,6% | 9,0% | 8,3% | 4,9% | 1,6% |
| 1991 | 9 862 540 | 15,3% | 43,8% | 12,7% | 10,9% | 8,7% | 4,9% |

Notas:

- Em 1911 a população residente era de 5 960 605 e a taxa de analfabetismo de 69,2%.
- a) formação completa, a frequentar ou incompleta.

Complementarmente aos indicadores sociais referidos, acentuamos (cf. Revista - *Expresso*, 25 de Abril de 2014, p.85):

Taxa de Analfabetismo (percentagem da população residente com 10 e mais anos que não sabe ler nem escrever)

1974 25,7%

2014 5,2%

Alunos Matriculados no Ensino Superior

1974 58 605

2014 390 273

Doutoramentos

1974 60 (67% de mulheres)

2014 2 209 (54,1% de mulheres)

De facto, Abril da liberdade e da democracia é um marco que enobrece a história da educação de Portugal, não ignorando ou ocultando os indicadores persistentes do **abandono, insucesso e retenções escolares** a nível do ensino obrigatório na sua extensão de doze anos.

2. A Fundação Calouste Gulbenkian lançou a 1.^a edição do Concurso **PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social**, na base da convicção que a expressão artística pode ser uma dimensão humana de socialização e de coesão social. Em mais de 200 candidaturas de todo o país, foram selecionados 17 projetos, no valor total de 900 000€.

Segundo Isabel Mota, administradora da Fundação, a experiência acumulada de apoio a projetos-piloto justificou a criação deste Programa Cultural direcionado para populações carenciadas e em risco de exclusão social, e afirma: *As práticas artísticas apuram as competências sociais, contemplando uma diversidade de abordagens: teatro, dança, música, circo, fotografia, vídeo. E acentua: A arte e a atividade cultural envolvem linguagens que podem ser transversais à etnia, à idade ou ao estatuto social e, como tal, são linguagens de convergência, aproximam as diferenças, ou seja, aproximam umas pessoas das outras* (cf. *Expresso* – Primeiro Caderno, 15.03.2014, p. 21-23).

Importa reconhecer o papel da Fundação Calouste Gulbenkian, quando a **Escola Pública**, nos últimos anos, atua em sentido contrário no campo da educação pelas artes e a cultura, segundo uma conceção política de *cegueira* (cf. Saramago, 1995).

3. A **Associação de Municípios da Região de Setúbal**, reunida em Encontro Regional, no Seixal, a 22 de fevereiro de 2014, debateu e afirmou a importância da Escola Pública, *defendendo intransigentemente um sistema público de educação e ensino (...), que permita cumprir o objetivo da formação integral do indivíduo. Na Escola, aprende-se e formam-se pessoas (...). É por isso que o processo educativo é um processo relacional aberto, no qual os vários intervenientes são agentes educativos, despertando um pensar crítico e um agir transformador.*

O **Manifesto Educação – Uma Região em Defesa da Escola Pública** é um documento em que o ideológico-político não se sobrepõe à **qualidade técnico-diagnóstica sobre a situação social da Educação**.

A democratização da Escola Pública e de Qualidade é um direito conquistado com a Revolução de Abril, que tem vindo a sofrer grandes ataques, como sejam: subfinanciamento do sistema público de ensino; desinvestimento na ação social escolar, em tempo de grave crise económica das famílias e de desemprego; medidas avulsas de natureza curricular que não contribuem para a estabilidade e a qualidade educativas; acentuação do centralismo pelas alterações introduzidas ao modelo de gestão, direção e administração escolar; a precariedade e desvalorização da carreira docente, afetando sem precedentes a dignidade da profissão; o agravamento da falta de assistentes operacionais e de técnicos nas escolas.

O Manifesto, na sequência deste diagnóstico, acrescenta: O Poder Local Democrático é, também, expressão e conquista de Abril, parte integrante do regime democrático, e o reconhecimento que faz do papel da Escola Pública na sua ligação com as comunidades locais tem contribuído para uma intervenção crescente por parte das autarquias nesta área, indo, muitas vezes, além das suas competências legais, tendo

em conta a desresponsabilização seguida pelos sucessivos governos relativamente à Educação e ao Sistema Educativo. (...) O caminho a que nos têm levado estas políticas suportadas apenas em aspetos economicistas retira o aluno do centro da discussão, esquecendo que a escola só existe porque existem alunos. A sua função principal é a educativa, e esta tem de ser pensada de forma transversal, como um investimento social no futuro do país, valorizando e dignificando os profissionais da Educação, envolvendo os pais e as famílias, e permitindo preparar cidadãos qualificados, intervenientes, críticos, construtores ativos da democracia (cf. AMRS – Manifesto, 22.02.2014, <http://encontroeducacao.amrs.pt>).

Profalmada, n.º 34, p. 10-11

Cultura dos Direitos da Criança e do Jovem Abolição dos castigos corporais

Dra Elena David

Conselho da Europa (2008) – *A abolição dos castigos corporais infligidos às crianças. Perguntas e respostas*, Conselho da Europa, Strasbourg (www.coe.int/children).

No âmbito da campanha do Conselho da Europa para 2012-2015, de **promoção dos direitos das crianças, um dos objetivos é eliminar todas as formas de violência contra as crianças**; a *Amnistia Internacional – Portugal* colabora na campanha e divulga a brochura do Conselho da Europa, edição portuguesa, que pode ser solicitada através do email: cogrupodireitosdascriancas@gmail.com.

A publicação estrutura-se em quatro capítulos: 1.º *O que são os castigos corporais infligidos às crianças?*; 2.º *Porque devemos abolir os castigos corporais infligidos às crianças?*; 3.º *Como podemos alcançar a abolição dos castigos corporais*; 4.º *Perguntas, respostas e ideias falsas*. Denunciando um falso senso comum, socioculturalmente reproduzido, afirma-se: *As crianças não são mini- seres humanos, com mini-direitos* (p. 4). E esclarece-se: *Podemos definir o castigo corporal como um acto cometido para punir uma criança e que, se fosse infligido a um adulto, constituiria uma ofensa corporal ilegal. Os adultos têm muito jeito para inventar palavras específicas que os fazem sentir-se melhor ao baterem nas crianças – dar um açoitete ou umas palmadas. ‘smacking’, ‘spanking’, ‘donner de fessées’, ‘picchaise’, ‘dar um açoitete’. Mas a verdade nua e crua para uma criança é que tudo isso não passa de violência* (p. 7).

Em termos sócio-históricos é pertinente registar que a **defesa dos direitos da mulher** está associada à **proteção dos direitos da criança e do jovem**. Na área da criança, o processo culmina com a *Convenção sobre os Direitos da Criança*, aprovada pela ONU em 20 de novembro de 1989, e ratificada pela Assembleia da República de Portugal em 1990.

Em jeito de epílogo, afirma-se: *As crianças são quem mais precisa de proteção* (p. 42); *Os direitos das crianças dizem respeito a todos nós* (p. 27).

Profalmada, n.º 35, p. 9

Vivências de uma Professora do 1.º Ciclo

Prof. Adília Duque Ribeiro

Depois de ter acabado o Magistério Primário de Viseu em 1971, iniciei a minha profissão nas Castelhanas, freguesia de Lourçal, concelho de Pombal.

No ano seguinte, vim para Almada e, como era agregada, percorri várias escolas neste concelho e no Seixal.

Passados anos, acabei por ficar efectiva em Vale de Milhaços e mais tarde no Laranjeiro, onde fiquei até me reformar.

Seguem-se então algumas experiências que desejo narrar.

Como já foi referido, comecei por ser professora numa pequena aldeia de Castelhanas.

Ao chegar lá, fiquei hospedada numa casa particular, com o chão de três dependências encerado, e uma outra parte lavada com sabão amarelo para ficar mais higiénica, bonita e, assim, poder receber as professoras. Referencio a casa de banho na loja dos animais, algo de que não estava à espera.

Partilhei a casa com outra colega, a professora Maria, que pertencia à família da senhora Dulcinda e do marido, o senhor Manuel, que também aí residiam.

A partir daí foi interessante, porque éramos muito bem tratadas pela dona da casa, que colaborava connosco, dando-nos amizade e conforto.

Muitas vezes, ficávamos a conversar ao serão, à lareira, no Inverno, tal era a sua simpática companhia

Nesta aldeia, não havia luz eléctrica, mas tínhamos um *petromax* que prontamente ligava, ao chegarmos da escola, e nos perguntava se necessitávamos de ajuda.

A escola era do *Plano dos Centenários*, somente com dois lugares, estava localizada num extremo da aldeia, tinha uma grande extensão de terreno, rodeada de um pequeno muro, havia um poço com uma nora, estando este completamente protegido. A água era tirada dali para a limpeza da própria escola e também servia de rega para as plantas, quando se fazia jardinagem com os alunos. Também no exterior, junto ao pátio do recreio, tinha umas casas de banho antigas.

À entrada da porta da escola, havia um pequeno pátio e, à esquerda, a única sala de aula em estilo antigo. Ao fundo desta e por cima do quadro preto havia as fotografias de Salazar e de Marcelo Caetano, uma de cada lado e, no meio, um crucifixo.

Do lado esquerdo, encontrava-se a secretária, em cima de um estrado, e a lareira do lado direito. Esta acendia-se no Inverno, pois os alunos traziam sempre a lenha necessária para isso, uma vez que estávamos rodeados de campo e floresta.

As carteiras eram duplas, de madeira, com tinteiros de porcelana, e as crianças molhavam na tinta o aparo de metal das canetas para escrever. Usavam lousas ou ardósias para trabalhar, principalmente na disciplina de matemática e, nas aulas de estudo do meio, saíamos até ao campo para observarmos as plantas, os animais.

Havia também um armário de madeira com mapas e outro material didáctico, para tornar as aulas mais atractivas.

A minha turma tinha vinte alunos, era mista, isto é, de meninos e meninas, com as quatro classes.

Eu dava aulas no horário da tarde, enquanto a outra colega estava no da manhã. Trabalhava bastante, porque os alunos do 4.º ano tinham de ir fazer exame a Pombal. Então, ao sábado havia aulas, a outra colega precisava de se ausentar, por questões graves de família. Eu ficava com os alunos da colega que juntava com os meus do 4.º ano, dando-lhes explicações. Para desanuviar um pouco, fazíamos jardinagem, jogos e por fim a limpeza da escola, porque não tínhamos auxiliar de acção educativa!

As crianças eram obedientes e estavam habituadas a trabalhar com os pais no campo, nas horas livres, e sentiam-se bem e prontas a ajudar.

Chegámos ao fim do ano e a turma obteve bons resultados, e as crianças foram premiadas com uma viagem a Lisboa, ao Jardim Zoológico. E acreditam que aqueles meninos nunca tinham saído da aldeia!

Senti um certo brio profissional e fiquei orgulhosa do meu esforço. Valeu a pena.

Assim se passou aquele ano de convivência e ligação não só com os encarregados de educação, mas também com outras pessoas que nos convidavam para festas familiares e populares.

Procurávamos sempre resolver alguns dos problemas que a população tinha.

Tenho a dizer que foi um bom ano, que recordo com saudades.

138

No ano a seguir, casei e vim para Almada. Comecei por andar de escola em escola, porque não pertencia ao quadro de efectivos.

Então, vim para a Escola n.º 1 de Almada, ao abrigo da lei dos cônjuges, e fui substituir o Professor Oleiro, que foi para delegado escolar, estive na escola da Cova da Piedade, Trafaria e Monte de Caparica. Mais tarde, vim para o concelho de Seixal e leccionei na Cruz de Pau, Vale de Milhaços e fiquei aí efectiva.

No ano seguinte, voltei ao concelho de Almada e acabei por vir finalmente para a escola n.º 8 do Laranjeiro e depois para a n.º 2 do mesmo nome, de Área Aberta.

Recordo que fui sempre bem sucedida com os alunos em todas aquelas escolas, passando quase a turma toda ou mesmo a totalidade.

Gostava muito do que fazia, ser professora. Dava o meu melhor e ouvia os conselhos das colegas experientes de cada escola.

Depois de me encontrar definitivamente na Escola n.º 2 do Laranjeiro, foi bastante diferente, era de Área Aberta, como já referi, de vinte e quatro professores. Por motivo de mudanças, não explico o nome de todos.

A escola tinha dois pisos, doze salas, um grande ginásio, onde se serviam as refeições, a cozinha, uma secretaria e uma sala de reuniões e havia várias casas de banho em cada piso.

As salas de aula estavam todas bem equipadas com cadeiras e mesinhas com tampo de madeira plastificados e individuais, os alunos escreviam com canetas de tinta permanente ou lapiseiras e tinham cadernos para trabalhar. Os quadros eram pretos e, mais tarde, foram substituídos por outros mais modernos. Havia armários com bastante material didático.

Tinha cerca de vinte e três a vinte cinco alunos, divididos em duas classes. Durante alguns anos, trabalhámos em regime duplo. À medida que a frequência escolar diminuía, das três salas, uma passou para o ensino especial, porque havia nesta zona crianças com várias necessidades específicas, que necessitavam de ter acompanhamento.

Passaram por esta sala algumas colegas que desempenharam um óptimo trabalho, e ainda existe hoje, e está a ser leccionada pelo Professor Isaac. Uma outra é a biblioteca, onde os alunos trabalhavam os livros que eram aplicados nas diversas áreas na sala, o que permitiu fazer um livro no fim do ano.

Por último, refiro uma outra da pré-primária, porque houve necessidade de a criar, facilitando assim a vida das crianças, dos pais e dos professores. Era uma escola moderna.

Sentia-me realizada com o meu desempenho e procurava participar em várias formações ao longo dos anos da minha carreira, inclusive, estive duas semanas na Curia, num curso dedicado à etnia cigana, porque nas turmas tive alunos ciganos e era preciso conhecer a sua história, para saber lidar com eles.

Frequentei o Instituto Piaget um ano, nos fins de semana. Procurava actualizar os métodos de ensino, porque entendia sempre que a criança tinha de estar motivada para aprender as matérias das disciplinas principais, Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Matemática e Desenho, acrescentadas de outras não menos importantes, tais como Moral e Religião, que se relacionava com a parte cívica, ou seja, o comportamento da criança com os outros, não esquecendo de referir o significado religioso do Natal e Páscoa. A Música permitia uma melhor concentração dos alunos. Aprendiam canções, flauta, dança tradicional portuguesa e rítmica, esta última com a ajuda da professora Maria João. A Educação Física dava origem a um maior desenvolvimento da criança no seu crescimento, através da ginástica e dos jogos. Os Trabalhos Manuais permitiam a evolução do aluno na motricidade, pintura e imaginação.

Fizemos várias tarefas ao longo dos anos, painéis para enfeitar o ginásio e salas. Destaca-se a exposição de presépios, em diversos materiais (plástico, lã, jornal, barro e legumes), feitos pelos alunos de toda a escola, que causou grande admiração em todos.

Algumas actividades eram apresentadas nas festas de Natal e fim de ano. A minha turma tocava flauta, dançava folclore, cantava e declamava poemas.

A escola abriu as portas para o concelho de Almada no Pavilhão Gimno-desportivo do Laranjeiro. Através do *Projecto Musical* organizado pelo professor Luís Garcez, levei os alunos a executar flautas em diversas canções populares e clássicas. Na Educação Física, participaram em ginástica, jogos, dança de folclore ensaiados por mim sob a orientação da professora Alzira Bota. Esta senhora deu-nos formação na área de Educação Física e aprendi a dançar folclore. Ainda hoje existe um grupo formado com algumas colegas desse tempo, que participava nas escolas, em obras de beneficência. Chegámos a ir à Sic, ao Inatel, a lares de terceira idade e a Fátima. E continuámos a actuar nos concelhos de Almada e Seixal, cujas ensaiadoras são hoje as professoras Glória Roberto e Paula Guerreiro. Tudo foi trabalhado, concretizado, juntamente com a colega Isabel Pelicano, por quem tenho a máxima consideração e amizade. Planificávamos as aulas em conjunto e os nossos alunos participavam nas diversas áreas, entre elas fazer agricultura nos terrenos da escola e abastecer a cantina com alguns dos poucos legumes da época. Na cozinha, as crianças preparavam bolos, compotas com os frutos daquela altura. Durante os meses de Novembro, faziam-se magustos no pátio da escola.

Tudo isto completava o ensino e a aprendizagem do aluno e contribuía para o seu desenvolvimento.

Nesta escola, estive alguns anos até me reformar. Passaram por aqui várias directoras e a todas elas louvo o seu trabalho, assim como às colegas que pertenciam ao corpo docente, pois empenhavam-se sempre por dar o seu melhor.

Os anos iam passando e apareceram outros projectos interessantes, que nos actualizavam constantemente e tornavam de facto a escola dinâmica, com o contributo de todos os professores e mesmo das auxiliares de educação. Estas estavam sempre receptivas a ajudar quando era necessário. Refiro aqui a senhora Jacinta e a senhora Helena, que trabalharam comigo.

140

Nos anos a seguir, era então directora a professora Dulce Gil, recordo o primeiro baptismo de voo dos alunos num avião da força aérea na Base Aérea do Montijo, experiência de que toda a escola beneficiou. Sobrevoámos Lisboa e arredores, a seguir fizemos diversos trabalhos nas salas relacionados com o tema.

Um outro projecto planificado e também muito interessante foi o da Multiculturalidade. Novamente a escola foi toda envolvida, nas salas, com alunos, e culminou no fim do ano com a mostra das diferentes culturas, de Cabo Verde, Angola, Moçambique, Timor e até de etnia cigana, apresentando trajes, dança, canto, poesia e culinária.

Nesta altura houve a participação dos encarregados de educação, que também colaboraram na vida da escola. Estiveram presentes várias entidades importantes, além dos encarregados de educação. Foi um sucesso.

Outro projecto que ficou marcado na minha memória foi um programa referente à música, com os meus alunos, na Rádio Voz de Almada. Era muito interessante, pois notava-se a alegria que os alunos sentiram pelo facto de os pais ouvirem o programa, e tornaram-se cada vez mais responsáveis.

Não me posso esquecer de um outro, que foi *Ler é Crescer*, sendo a professora Maria Carreiras uma das criadoras. Proporcionou aos alunos da escola a vinda de vários escritores que participavam em entrevistas. Na sala trabalhamos os seus livros, as respectivas histórias, a nível de desenho, pintura, teatro, declamação, poesia, textos e escrita, em relação com a Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática.

Em cada sala de aula as crianças trabalharam o porquê dos nomes das ruas do Laranjeiro, que culminou com um livro feito por eles no fim do ano.

Os nossos alunos progrediram muito na leitura, interpretação, escrita aplicada também às outras disciplinas.

Foram alguns anos de trabalho que resultaram muito bem. Entretanto já era directora a professora Goretti, e eu a subdirectora, quando nos envolvemos num outro projecto que era trabalhar com a **Cercisa**, visto leccionarmos ambas turmas do 4.º ano. Tudo isto ia completando a minha vida profissional, embora, ao aceitar este desafio, tenha tido com isso algum receio de não saber como lidar. No entanto, não esqueço as palavras de confiança que me deu a colega para seguir em frente. Lembro aquelas crianças que conviviam com os nossos alunos, quer nos recreios, a brincar, ou no ginásio, a partilhar as tarefas propostas por nós, professoras, e pelas senhoras da **Cercisa**. No fim do ano, houve uma festa convívio no seu edifício, e os meus alunos escreveram textos sobre cada um. Foi gratificante e confesso que também aprendi.

Quero salientar a participação dos alunos e professores nas festas da escola, que eram autênticos espectáculos vistos pela população do Laranjeiro, principalmente pelos encarregados de educação, familiares e algumas entidades: presidente da Junta, presidente da Câmara e Inspectores.

Os programas tinham poesia, teatro, jograis, dança tradicional portuguesa, dança rítmica, coros, canções com execução de flautas, onde participavam os meus alunos. Também havia desfiles no Carnaval, que terminavam em baile no ginásio da escola. No fim do ano festejava-se o S. João e faziam-se barraquinhas enfeitadas pelos alunos. Elas tinham petiscos confeccionados na cantina para as crianças, pais e professores. De notar que um grupo de educadores actuou a dançar o folclore, ensinado por mim e pela colega Isabel Pelicano.

Relacionados com os programas escolares, faziam-se visitas de estudo a museus, igrejas, a monumentos importantes, Jardim Zoológico, posto de polícia, olaria, fábricas e outros locais. Devo afirmar que tive bons resultados

dos alunos na escola, e transitaram todos no último ano. Nesta altura era então a directora a professora Teresa.

Hoje guardo com saudade e recordação tudo o que fiz naquela escola, que era muito moderna e pioneira em projectos, para a época. Aqui recordo e partilho alguns factos importantes que ficaram para sempre nos meus arquivos, através de álbuns de fotografias.

Foram vivências inesquecíveis, quer para alunos, quer para professores. Trabalhava-se com gosto, e daí partilhar um pouco desta linda profissão que é ter sido professora.

Fazendo uma retrospectiva da minha vida profissional, as escolas mais importantes para mim foram a rural, nas Castelhanas, concelho de Pombal, e a urbana n.º 1 de Almada. Interessa realçar as diferenças temporais e a vida das pessoas entre o início da minha carreira e a actualidade. Todas as escolas me permitiram experiências motivadoras, devido às suas diversidades, que jamais esquecerei, mas destaquei mais aqui estas duas.

Daí ter considerado muito positivo todo o trabalho que realizei como professora, permitindo-me relatar estas memórias.

Finalmente, as colegas da escola n.º 2 do Laranjeiro fizeram-me uma festa de despedida, quando me reformei, no ano 2003. Fui homenageada juntamente com outras colegas que também se aposentaram, através da senhora presidente da Câmara, Maria Emília Neto de Sousa, e do senhor vereador António Matos, tendo ficado bastante sensibilizada e de que guardo uma boa recordação.

Vai uma palavra de agradecimento para todos, e referencio aqui as colegas cujas fotografias não consegui, prestando assim aos professores, que passaram pela escola, a mais sincera homenagem.

Profalmada, n.º 31, p. 3-6

Aprender e ensinar fazem parte da existência humana...¹

Prof. José Manuel Brandão

142

De uma forma mais efetiva desde os idos de sessenta-setenta (século XX), conceitos implícitos na linguagem corrente dos agentes envolvidos no estudo do fenómeno educativo, como “educação popular”, “educação permanente”, “formação contínua”, apesar de estarem em parte ancorados no competitivo mundo do trabalho, acabaram por constituir matéria bastante de discussão e reflexão, que passou ao patamar dos grandes fóruns europeus, nomeadamente o Conselho da Europa, a OCDE e a UNESCO, no seio dos quais se atingiram desenvolvimentos políticos.

¹ Intervenção na Sessão Solene de abertura do ano académico da USALMA, 25 de outubro de 2013.

A “aprendizagem ao longo da vida”, visão mais consensual e abrangente que emergiu destas discussões, posiciona-se de forma complementar às oportunidades proporcionadas pelos sistemas formais de ensino, estes pautados por paradigmas estruturantes como são o “aprender a conhecer”, o “aprender a fazer” (agir sobre o meio envolvente), o “aprender a viver em sociedade” (participar e cooperar) e o “aprender a ser” (congruente) que, no seu conjunto, operando dos níveis básico ao da formação universitária avançada, visam capacitar os cidadãos para a vida ativa e para o seu enquadramento no sistema sócio-político vigente.

Nesta ótica, o sistema formal de educação elege, conseqüentemente como prioridades, crianças, adolescentes e jovens adultos, deixando de fora a esmagadora maioria da população adulta - considerada como já “formada” -, bem como os seniores cujos objetivos de educação, ou melhor, de aprendizagem, já não se centram na aquisição de competências profissionais e certificações - entenda-se como concessão de graus académicos ou diplomas para efeitos do mercado de trabalho -, antes sim, definidos no âmbito da adesão voluntária e não hierárquica, mediante interesses e desígnios de socialização e desenvolvimento pessoal, cultural (aquisição ou aprofundamento de conhecimentos), ao ritmo da maior autonomia de gestão dos tempos pessoais.

Ao modelo formal opõe-se assim a experiência global ou **aprendizagem ao longo da vida** (ALV), reiterada atualmente como uma componente fundamental do modelo social europeu. Todavia, muitos dos suportes e programas de desenvolvimento no seio da União continuam a ter, como matriz, as realidades do mundo do trabalho efetivo, considerando esta forma de aprendizagem como uma disseminação de oportunidades educativas menores ao longo da vida, disponíveis quando necessárias, proporcionadas de forma marginal pelas estruturas governamentais², pelas empresas ou por outras organizações.

A evolução das estruturas familiares e demográficas, a globalização, a evolução das tecnologias digitais colocam hoje em dia grandes desafios à sociedade, que vive sob o paradigma do conhecimento, fator estratégico de riqueza e poder, tanto para as organizações quanto para os Estados. Nesta sociedade, a inovação tecnológica e a produção de novos conhecimentos passam a ser fatores importantes não apenas para a produtividade e para o desenvolvimento económico, como também para um melhor relacionamento dos cidadãos com os contextos sociais e culturais. A aquisição contínua de conhecimentos e competências é, por isso, essencial para se poder tirar partido das oportunidades que se oferecem neste novo quadro e participar ativamente na sociedade. Tal significa que se uma pessoa tem o desejo de aprender ela deverá ter condições de o fazer, independentemente de onde

² Esta generalização deve ser tomada com a necessária prudência, na medida em que os Estados contemplam e mantêm organizações com fins culturais, atuando, portanto, no domínio da educação não formal.

e quando isso possa ocorrer. Para tanto é necessário que existam estruturas adequadamente organizadas, que haja pessoas que possam ajudar no processo de aprendizagem e que essa aprendizagem vá ao encontro das expectativas.

À medida que o tempo dedicado à educação se confunde com o tempo de vida de cada um, os espaços educativos, assim como as ocasiões de aprender em ambientes não formais, tendem a multiplicar-se. A resposta da sociedade às necessidades do processo de ALV, que se inicia desde cedo na fluência da vida nos espaços familiares e sociais, traduz-se na contribuição de outros espaços e atores sociais, emergentes, por um lado, da democratização do acesso às estruturas culturais durante décadas elitistas (citem-se, por exemplo as artes performativas, os museus e os modernos centros e parques de ciência, estes últimos espaços culturais a cuja *praxis* e reflexão estive profissionalmente ligado durante vários anos) e, por outro, da massificação do acesso aos *media*, poderosas ferramentas de combate à iliteracia.

Neste ponto entram também as organizações geradas nas dinâmicas da sociedade dita “civil”, que, perante a dialética de mundo, evidenciam a importância - e necessidade! - do processo de educação do ser humano ao longo da vida, proporcionando espaços e oportunidades de recriação, de reaprendizagem e convívio entre grupos ligados pelas mesmas motivações e interesses. Estas organizações, em parte corporizadas nas UTI (Universidades da Terceira Idade/universidades para seniores), constituem um instrumento para as pessoas poderem continuar a sua “educação” em domínios particulares do conhecimento e das expressões, sem a preocupação de ter de certificar as suas competências, assim construindo conhecimento, interagindo com o ambiente específico e com os agentes da aprendizagem, docentes e discentes.

Este é um mundo em que prevalece o conceito de que “ensinar - aprender” e “aprender - ensinar” são constituintes essenciais da existência humana e estão presentes na ação educativa, ou citando Paulo Freire (1921-1997), “Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e social, como dela fazem parte a criação, a invenção da linguagem, o amor, o ódio o espanto e medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência, a tecnologia. É ensinar e aprender cortando transversalmente todas estas atividades.”³

144

Foi neste quadro de pressupostos que aderi como docente ao projeto da USALMA, sendo minha a convicção de que estes são também pressupostos partilhados pelos colegas docentes desta comunidade, que colocam, de uma forma voluntariosa e benévola, os seus conhecimentos à disposição dos alunos da Universidade, numa perspetiva gratificante de aprendizagem, partilha e enriquecimento mútuos. “Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado [...] É nesse sentido

³ Paulo Freire. *Política e Educação: Ensaios. Ano da publicação original: 1993.*

que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado [...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”⁴

Correio da Usalma, n.º 33. Separata

⁴ Paulo Freire. *Pedagogia da autonomia*. Ano da publicação original: 1996.

Sessão solene de abertura do ano letivo 2013/2014 da USALMA

Aluno Hélder Joel¹

Em primeiro lugar quero dizer que é, para mim, um privilégio, mesmo uma honra, participar nesta cerimónia de abertura do ano letivo da USALMA, no Frei Luís de Sousa onde, durante vários anos, exerci funções docentes como professor e coordenador do 1.º ciclo e que tão boas recordações me deixou.

Quando recebi, segunda-feira passada, o telefonema do Dr. Jerónimo Matos a convidar-me para falar, como aluno, nesta cerimónia de abertura do ano letivo em curso, disse-lhe que sim, mas fiquei logo a pensar: "O que é que eu vou dizer a este tipo de alunos, tão especial, que já nem sequer precisam de encarregado de educação e que foi catalogado, na Assembleia da República, por um deputado da maioria que nos governa, ou desgoverna, em tom ofensivo, de *geração grisalha* e dando a entender que éramos nós os culpados da miséria financeira a que o País chegou?"

Este tipo de discurso, juntamente com o ataque impiedoso que tem sido feito aos nossos bolsos e a outros direitos adquiridos podem fazer-nos abanar, mas não nos farão cair, porque temos a capacidade e a alegria de nos unirmos, neste caso em torno da USALMA, e aí encontrarmos a força e a motivação suficientes para concretizar muitos dos nossos anseios.

Podem rotular-nos de *geração grisalha*, leia-se *velhos*, mas nós ainda temos vitalidade e sabedoria para distinguir a diferença que existe entre velho e idoso.

Eu já tenho três quartos de século e, por isso, não há forma de me recusar a ser idoso. Isso é uma inevitabilidade biológica, e ainda bem para quem aí chega, mas o epíteto de *velho* recuso-o terminantemente.

O nosso percurso de vida desenvolve-se por patamares e, alguns deles, são atingidos quando as pessoas são ainda bastante novas e não duram muito tempo.

Veja-se o caso de algumas disciplinas da ginástica, onde os atletas atingem o seu auge ainda antes dos 20 anos. A romena Nádia Comaneci, ginasta exemplar que ganhou tudo o que havia para ganhar, nos anos 70 do século passado, teve o seu ponto alto entre os 14 e os 17 anos. A maior parte dos futebolistas, por volta dos 30 anos, começa a arrumar as botas.

¹ Representante dos estudantes na sessão solene.

E são pessoas velhas? Claro que não. Apenas perderam algumas faculdades específicas necessárias a um determinado fim, mas vão adquirindo outras.

E assim começa o estigma da velhice, contra o qual nós também temos que lutar.

Felizmente que as faculdades intelectuais perduram muito mais que as outras.

Escritores, filósofos, pensadores, etc. mantêm atividades até idades muito avançadas.

Posto isto, a felicidade de cada pessoa está na maneira como ela aceita e valoriza o que cada patamar da vida lhe permite fazer.

A USALMA, com a diversidade de cursos que tem, ajuda a que cada um de nós frequente aquele que mais se adapte à sua maneira de ser e estar ou mesmo que realize um sonho adormecido.

Oxalá que cada aluno caloiro, a quem dou as boas vindas, ou veterano, chegue ao fim deste ano letivo e diga: *Valeu a pena*.

Para terminar e parafraseando o saudoso Raul Solnado, cito: «Façam favor de ser felizes », porque a vossa felicidade é também a felicidade da USALMA.

Muito Obrigado.

Abertura Solene do ano letivo 2014-2015

Prof. Mário Pereira do Amaral¹

Ex.mos senhores, Dra. Lurdes Albano, presidente da Associação de Professores de Almada, Dra. Luciana Couto, oradora convidada para a “Oração de Sapiência”, Eng. António de Matos, vereador responsável pelo pelouro da Educação, Cultura e Desporto, Dr. Jerónimo de Matos, Diretor da Usalma, Sr. Valter Deusdado, representante dos alunos. Prezados colegas e estimados alunos.

Foi durante uma reunião preparatória para o ano letivo, em Setembro, que o diretor da USALMA, professor Jerónimo, me transmitiu o convite para “proferir umas palavras”, como representante dos professores, na Sessão de Abertura Solene do Ano Letivo.

Senti-me apanhado de surpresa e a primeira reação que me surgiu foi a de declinar o convite. Era a atitude mais cómoda... Mas, logo a seguir, apercebi-me de que não era fácil dizer que não a um pedido formulado pelo professor Jerónimo, e acabei por dizer: “Está bem! Aceito”. E aqui estou, para, dentro do possível, explicitar algo do que vai na alma dos colegas professores nesta fase de início do novo ano letivo, que, note-se, já é o décimo... .

Em primeiro lugar, certamente o que todos experimentam é uma gran-

¹ Representante dos professores na sessão solene.

de satisfação por pertencerem a essa plêiade formidável de voluntários que, com a sua nobre dedicação, sustêm e levam por diante esta já respeitável instituição – a Universidade Sénior de Almada. Se, como é sabido, pelos frutos se conhece a qualidade da árvore, também se pode afirmar, olhando para a árvore frondosa que é hoje a Usalma, que a seiva que a alimenta é de qualidade – é de muita qualidade. E a seiva da Usalma são os seus professores...

Naquele apanhado de “orientações” a que deram o título de “Guia do Professor” e que foi distribuído nas reuniões por áreas, refere-se: “A Usalma conta com uma equipa de cerca de 120 voluntários a lecionar 100 disciplinas em 140 turmas...”. Isto é obra e mostra que este projeto da Associação de Professores do Concelho de Almada surgiu em boa hora e nos almadenses encontrou terreno propício que garantiu o sucesso de que nos orgulhamos. Tal sucesso justifica cabalmente a satisfação dos professores.

Eles são todos diferentes, com percursos diversificados, porque associados aos diversos níveis de ensino: educadores de infância, professores do ensino básico, do secundário e do superior... Uns com muitos anos de serviço e já aposentados, outros em plena atividade docente e outros ainda à espera de um vínculo definitivo ao ensino. A este propósito, seja-me permitido um breve parêntesis de cariz pessoal... neste mês completo cinquenta anos de atividade dedicada à educação... . Iniciei-a em outubro de 1964... primeiro no ensino privado, depois no ensino oficial e agora no ensino sénior...é já muito caminho percorrido ao lado de adolescentes, de jovens e agora de adultos... Faço parte desta equipa desde a primeira hora. Foi no dia 16 de fevereiro de 2005 que comecei a dar aulas de italiano na Usalma e, afirmo-o com satisfação... . Tem valido a pena...

Como dizia, somos todos diferentes, mas todos com algo em comum: somos professores **voluntários**. É um binómio muito nobre que se tem vindo a afirmar como digno da estima e do respeito de todos.

Em segundo lugar, não posso deixar passar esta ocasião sem referir também outra vertente do estado de espírito dos professores, isto é, o sentimento de gratidão que lhes vai na alma pelas manifestações de apreço e simpatia de que são alvo da parte dos alunos... Pelo que damos do nosso saber recebemos em troca tanto ou mais em estima, em afeto e amizade. Estas atitudes reforçam as motivações que nos levam a dar o melhor de nós mesmos na concretização dos compromissos assumidos. Estes são, naturalmente, os frutos de um **voluntariado genuíno**, que, em textos oficiais, aparece definido como “conjunto de ações de interesse social realizadas **de forma desinteressada e responsável**, no âmbito de projetos e outras formas de intervenção, da iniciativa de entidades públicas ou privadas, **ao serviço dos indivíduos e das comunidades**.”

Quero sublinhar os qualificativos deste voluntariado... ações realizadas de forma desinteressada e responsável...ao serviço dos indivíduos e das comunidades... É que “no melhor pano cai a nódoa” e, por vezes, fica a sen-

sação de que “certos voluntários”, consciente ou inconscientemente, não se dedicam a essas atividades de forma genuinamente desinteressada e responsável. Parece que não agem ao serviço dos outros, mas ao serviço do seu “Ego” e aproveitam-se, sub-repticiamente, de estruturas iniciadas por outros para se promoverem a eles próprios. As consequências destas atitudes são conhecidas: falta de respeito pelas pessoas...desconfianças...confusão nas assembleias...divisionismos, etc.

É importante continuarmos vigilantes, em sentido de “alerta”, porque também nos campos do melhor trigo pode aparecer o joio. Era, aliás, uma das preocupações que afligia, nos últimos tempos, o querido e inesquecível professor Feliciano Oleiro a quem, em nome pessoal e em nome de todos os professores, presto a mais sentida homenagem. Ele, que considerava ter sido “uma formiguinha a carrear o seu grãozinho solidário para alimentar o complexo mundo da educação”, nos momentos em que ambos revíamos o percurso da nossa Associação, segredava-me baixinho: “amigo Mário, é preciso muito cuidado...andam por aí uns lobos camuflados de cordeiros...”

Tenho para mim que a força da Associação de Professores e da Usalma estará cada vez mais na criação de relações interpessoais baseadas numa responsabilidade ética que tem o seu fundamento no respeito da dignidade e liberdade das pessoas, na atitude de disponibilidade e de serviço, na capacidade de dádiva de cada um, mais do que na imposição de qualquer voluntarismo ou na procura individualista de qualquer protagonismo. É que a disponibilidade congrega, mas o protagonismo divide e afasta...

Em terceiro lugar, cabe-me salientar outra dimensão do estado de espírito dos professores na abertura solene do décimo ano letivo da Usalma. É o desejo de renovar, perante todos, o compromisso de levar por diante a sua dedicação desinteressada e responsável no desempenho das tarefas inerentes à disciplina que se propuseram lecionar. Será a forma melhor de colaborar com a Associação de Professores na concretização deste projeto que é a Universidade Sénior de Almada e cujos objetivos estão consubstanciados na divisa “Aprender é viver melhor”. Baseados neste compromisso, temos a certeza de que a Apcalmada e a Usalma continuarão, contra ventos e mares, a afirmar-se como instituições de referência na prática do voluntariado genuíno.

Para terminar, apraz-me referir os versos de um voluntário da Liga contra o cancro:

*Passam anos sobre a dor,
Passa a dor, sobram enganos.
Só nunca passa o calor
Dos amigos que ganhamos.*

Correio da Usalma, n.º 36, Destacável, p. 3

Abertura solene do ano letivo 2014/2015

Aluno Valter Deusdado¹

Estar aqui neste palco como representante dos alunos, de tantos alunos, é seguramente uma grande responsabilidade. Vamos ver se as palavras traduzem aquilo que os alunos gostariam de deixar aqui como seu testemunho.

Estamos aqui neste evento da ABERTURA do ano letivo.

A palavra **abertura** é sem dúvida a mais adequada para este ato solene. É bem sinónimo daquilo que a universidade sénior, e neste caso a USALMA, representa. É de facto uma abertura à sociedade, abertura a novos caminhos, novos desafios. Mas é também uma abertura à descoberta, abertura às mentes, à socialização, à democracia, à partilha e ao saber.

A USALMA faz dez anos, só por isso é já um grande motivo de satisfação e aplausos. Aplausos, para os que desde a primeira hora aqui permanecem, aplausos para os que partiram, mas que não são esquecidos. Aplausos, para todos os que dão forma a este grande projeto, que envolve tantos professores e tantos alunos. Os professores merecem aqui uma palavra de grande admiração e agradecimento, por oferecerem o melhor, sem nada reclamarem.

Ao longo destes dez anos, quantos foram os alunos que por aqui passaram? Eu não tenho esse número, mas são seguramente muitos milhares, vindos de todas as atividades e profissões que formam uma sociedade atual.

Não resisto a partilhar com todos aquilo que uma aluna de preciosa idade dizia:

- Para mim, o computador era uma coisa estranha, até frequentar as aulas da USALMA, hoje tenho muita pena que o computador não tenha a minha idade, porque estou segura que tínhamos sido bons amigos.

Almada já não é a mesma sem a sua universidade sénior. Esta cidade esteve sempre na vanguarda da história, basta lembrarmo-nos da implantação da república, tendo sido Almada uma das primeiras a aderir ao movimento republicano. Também nas universidades seniores foi pioneira.

Durante o ano, há dias para comemorar quase tudo, mas falta o dia das universidades seniores, como um marco social que muito contribui e contribuirá para a consolidação da democracia, porque é na escola que os valores da liberdade crescem.

Termino, desejando a todos os intervenientes neste projeto os melhores resultados para o ano que agora começa.

Muito obrigado pela Vossa atenção.

Correio da Usalma, n.º 36, Destacável, p. 4

¹Representante dos alunos.

Oração de Sapiência - USALMA início do ano letivo 2014/2015

Prof. Luciana Couto

Boa tarde a todos,

Nesta cerimónia, onde comemoramos o início do ano letivo 2014/2015, coube-me a mim fazer uma “Oração de Sapiência”, mas, infelizmente, tenho que vos confessar que sabedoria tenho pouca, já dúvidas tenho muitas. Quero aqui partilhar convosco algumas dúvidas que me inquietam o espírito. Penso que, ao fazê-lo, não é de todo mau, dado que estarei a fazer um elogio ao mestre Sócrates, considerado o homem mais sábio de Atenas na antiguidade, quando este dizia: *Só sei que nada sei*. Não saber ou ter dúvidas, na perspectiva socrática, é o início de um namoro com o conhecimento, que será para toda a vida, repleto de espanto, descobertas e regozijos. Só aquele que se reconhece ignorante, em algum ou vários aspectos da vida, alimentará o espírito de procura e desbravará novos caminhos.

O meu objetivo nesta comunicação é salientar o valor da vida e o valor e a importância que cada um de nós desempenha na sociedade em que vivemos. Para tal, peço licença para falar das dúvidas que me inquietam o espírito. No contexto político-social que vivemos atualmente na Europa, aflige-me que alguns acontecimentos negativos se estejam a repetir com grande frequência, denotando que já criaram espaço para a sua expressão e expansão.

Estou a referir-me ao seguinte fenómeno social: a comunidade europeia tem assistido a notícias que dão conta de jovens europeus que abandonam as suas famílias e amigos para se engajarem em grupos extremistas, como por exemplo, os jihadistas. Estes acontecimentos causam-nos perplexidade e nos fazem questionar: *Porquê? O que procuram estes jovens? Será isto fruto de uma sociedade mergulhada no aborrecimento existencial?*

Há estudos que dizem que os jovens que se aliam a estes grupos extremistas têm em comum o facto de se encontrarem num estado de fragilidade. E novamente pergunto: *Que tipo de fragilidade? Financeira, social, emocional?* Ainda não se encontraram respostas conclusivas e talvez nunca sejam encontradas, dada a complexidade da mente humana.

150

Contudo, podemos pensar sobre o pouco que sabemos, com vistas a entender este fenómeno. Ao ouvir várias reportagens na televisão e depois de ler algumas entrevistas com estes jovens a exibirem armas e a dizerem que estão dispostos a matar e morrer pela Causa, penso que, devido à complexidade do fenómeno, é muito difícil apontar uma única explicação, há uma rede de fatores que, entrelaçados, fazem sentido para estes jovens. Entre as muitas causas apontadas, julgo que a fragilidade é de facto uma das principais. Cabe agora entender qual o teor desta fragilidade.

Pelas entrevistas, podemos depreender que esta fragilidade esteja associa-

da a um sentimento de vazio existencial que os impele a querer fazer parte de algo maior e significativo. E isto indica que estes jovens não sentem as suas vidas preenchidas nem conseguem aperceber-se do valor inestimável que cada um é como ser humano. Sentem-se vazios de sonhos e forças para seguir em frente na vida que têm. Muitos enfrentam, com certeza, a discriminação, a pobreza, a violência, a falta de amor, entre outros males.

Entretando, cabe ainda a pergunta: *Porque outros jovens em situações semelhantes de fragilidade não sucumbem aos apelos destes grupos de captação para o extremismo e, pelo contrário, juntam esforços para saírem da condição em que vivem e procuram alternativas mais saudáveis e construtivas?* Novamente, não há uma resposta definitiva, apenas sabemos que somos todos diferentes uns dos outros e reagimos de forma diferente, até porque as escolas não costumam incluir nos seus ensinamentos a aprendizagem de como podemos lidar com as nossas emoções. Nem todos conseguem ter forças individuais para dizerem não às muitas tentações que a vida oferece e, por isto, são muitas vezes considerados frágeis, tornam-se alvos facilmente manipuláveis e convencidos a fazerem parte de um grupo que lhes promete uma vida repleta de significado.

De tudo isto, podemos retirar uma mensagem para as nossas vidas. Penso que queremos todos viver uma vida rica de significados. Queremos sentir que somos importantes para a nossa família, amigos e para a sociedade em que vivemos. Ao envelhecermos, sentimos que perdemos um pouco da agilidade que tínhamos, já precisamos de óculos para ver ao perto, a nossa capacidade de concentração já não é a mesma, surgem algumas dores nas articulações, precisamos de tomar mais cuidado com o que comemos e etc. Nesta fase, os filhos já não precisam da nossa assistência a tempo integral, chega a hora da sonhada reforma e temos todo o tempo à nossa disposição e poucas obrigações com horários. Fantástico, por um lado. Uma armadilha por outro, pois é justamente nesta fase que corremos o risco de nos sentirmos inúteis.

Com mais idade ou com menos idade, queremos ser, ter importância, queremos ser amados, respeitados e aceites. A contrapartida para isto, que talvez os jovens de que há pouco falávamos ainda não entenderam, é que só recebemos aquilo que damos. Se queremos ser aceites, respeitados e amados, temos que abrir a nossa vida e o nosso coração para respeitar, aceitar e amar o outro.

Precisamos de preencher a nossa vida de significados e estes estão sempre relacionados com o bem que fizemos uns aos outros. Todos estes acontecimentos servem de reflexão para nós, que andamos a estudar e a fazer voluntariado numa Universidade Sénior. Este é o espaço em que podemos descobrir, aprender e crescer em generosidade e aceitação do outro. Nós, professores, sentimos que o nosso trabalho e a nossa vida têm ainda mais valor quando observamos que aquilo que ensinamos, em forma de partilha, ajuda outras pessoas. E os alunos, além de terem cá uma oportunidade para

se autocultivarem através da aprendizagem de conteúdos e práticas novas, têm também a oportunidade de conviver, conversar, rir, brincar, vir às aulas quando lhes apetecer e faltar quando outra atividade os chama. São livres para fazer as suas escolhas e esta liberdade dá-lhes asas para voar e voar alto, dando às gerações mais novas o exemplo de que envelhecer não é o fim, mas o começo de uma nova fase das nossas vidas.

Todos nós, professores e alunos, podemos dizer aos jovens que uma vida preenchida de significado e convívio vale a pena. E que há atividades maravilhosas para preencher os nossos dias de forma positiva e construtiva. Que não há necessidade de procurar nas drogas ou em grupos extremistas um significado para viver. Temos à nossa disposição a beleza da natureza, o convívio com pessoas que enfrentam e vencem os seus desafios de forma otimista. Cada um de nós, através do nosso exemplo, pode transformar a vida de outras pessoas ao mostrarmos que a vida, em diferentes fases, tem sempre coisas boas para nos oferecer, se estivermos conectados com a positividade e com o amor. Não estamos aqui por acaso, estamos aqui como mensageiros da esperança, da fé, do amor e da vontade de viver bem e felizes.

Correio da Usalma, n.º 36, Destacável, p. 1-2

Abertura do Ano Lectivo – 2015

Aluno Rui Nunes¹

Sra. Presidente da Apcalmada, Associação de Professores de Almada, Sr. Presidente da USALMA – Universidade Sénior de Almada, Sr. Vereador da Câmara Municipal de Almada, Sra. Representante dos Professores da USALMA, Sr. Orador e Tesoureiro da USALMA, Minhas Senhoras, meus Senhores, Colegas,

A USALMA desempenha hoje um papel importante nas nossas vidas, por ser um local de aprendizagem, por nos permitir regressar às salas de aula e à condição de alunos, fazendo-nos recuar no tempo e dando-nos uma perspectiva diferente da importância do conhecimento e do saber na vida de cada indivíduo, independentemente da sua faixa etária. Sendo também um espaço de convívio, permite-nos desenvolver as amizades e os afectos e partilhar com outros as experiências de vida, património único que cada um de nós transporta, fomentando os laços de solidariedade e responsabilidade social que devem existir numa comunidade evoluída e moderna.

Todos nós sabemos quão importantes são, numa organização, as pessoas que planificam, gerem, fixam objectivos e tomam decisões. Porém, no caso da USALMA, pela sua natureza, cabe aqui realçar a importância do binómio professores-alunos, destacando-se o papel dos professores pela sua generosidade, dedicação e disponibilidade que revelam no dia a dia.

A USALMA, pela sua acção formativa e social, veio modificar e transfor-

¹ Representante dos estudantes.

mar o quotidiano de cada um de nós, desde logo preenchendo o vazio causado pelo fim da vida activa profissional, dando-nos a possibilidade de adquirirmos novas competências, outros saberes, aprofundar conhecimentos já adquiridos, desenvolver actividades diversas (nas artes, ou lúdicas) e ainda aquelas que dizem respeito ao lazer e entretenimento; por tudo isto, o papel da USALMA nas nossas vidas tornou-se insubstituível e deu outro significado e propósito ao nosso percurso de vida.

Por último, gostaria de recordar a nossa colega Manuela Vital, recentemente falecida, e lamentar o facto de já não estar entre nós.

É tudo, obrigado pela vossa atenção.

Ética e deontologia no mercado da informação financeira

Ethics and deontology in the financial information market

Doutor Jorge José Martins Rodrigues¹

Resumo:

A reputação, enquanto garante do bom nome e da confiança nos indivíduos e nas instituições, é condição necessária do negócio fiduciário. Este tem por base a informação em especial, a informação derivada dos sistemas de contabilidade financeira. Esta é produzida, auditada e analisada por diferentes atores do mercado, os quais têm os seus próprios valores e interesses. Com a finalidade de incrementar a confiança e credibilidade dessa informação, apresenta-se, ainda em estágio embrionário, uma proposta de abordagem transdisciplinar à ética e deontologia dos profissionais do mercado de informação financeira, assente nos conceitos de ética, confiança, *corporate governance* e responsabilidade social das organizações. Procura-se contribuir para a formação de analistas responsáveis, do ponto de vista ético e deontológico, que garantam a legalidade dos procedimentos e manifestem claramente oposição às decisões ilegais.

Palavras-chave: Confiança, ética, ética aplicada, deontologia, governabilidade organizacional

Abstract:

The reputation as a guarantee of the good name and confidence in individuals and institutions is a necessary condition of the trust business. This is based on the information, particularly, information derived from financial accounting systems. This is produced, audited and analyzed by different market players, which have their own values and interests. In order to build trust and credibility of this information is presented, still in embryonic stage, a proposal for a trans-disciplinary approach to ethics and deontology of professionals in the financial

¹ Doutor em Gestão; Professor Coordenador; jdrodrigues@iscal.ipl.pt. Instituto Politécnico de Lisboa. Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. Av.ª Miguel Bombarda, 20 - 1069-035 Lisboa, Portugal. Telefone: 217 984 500, Fax: 217 984 599

information market, based on the concepts of ethics, trust, corporate governance and social responsibility organizations. We hope to contribute to the formation of responsible analysts, the ethical and deontological point of view, to ensure the legality of procedures, clearly expressing opposition to illegal decisions.

Key-words: Trust, ethics, ethic applied, deontology, *corporate governance*,

Introdução

A sociedade atual apresenta-se complexa e coloca a si própria desafios permanentes de melhoria do bem-estar dos indivíduos. Estes, para poderem satisfazer as suas diferentes necessidades – físicas, intelectuais, espirituais – organizam-se em células sociais que reflatam os seus interesses particulares. Ou seja, cada indivíduo identifica-se e poderá aderir às organizações que lhe possam satisfazer os seus objetivos individuais. É nesta ideia simples que radica o paradigma atual de sociedade de organizações. Dito de outro modo, vivemos hoje numa sociedade de interdependência das organizações, onde existem governos que têm menos poder que algumas grandes empresas multinacionais, daí que a economia não possa prescindir da ética (Bento, 2011) e a sociedade clame pela transparência das organizações, no próprio interesse destas, para se prevenirem de danos reputacionais e financeiros (Costa 2014).

Por outro lado, a energia que move os sistemas sociais, neste caso particular as organizações, é a informação, tendo mesmo surgido uma atividade profissional a ela dedicada – os analistas financeiros. Estes são os produtores daquela energia, cuja perspicácia na sua adequação às necessidades dos utilizadores poderá fazer a diferença na competitividade do mercado de quem a utiliza. Contudo, esta criatividade no tratamento dos dados tem que ser séria e honesta, pelo que se apresenta, ainda em estágio embrionário, uma proposta de abordagem transdisciplinar à ética e deontologia dos profissionais do mercado de informação financeira, para tentar suprir uma falta de enquadramento académico e socio-profissional que integre harmoniosamente aquelas preocupações.

Esta comunicação constitui, então, uma abordagem exploratória à temática da ética e da deontologia, em especial no mercado da informação financeira utilizada para a tomada de decisões de investimentos e compreende seis grandes pontos. Inicia-se com a *Introdução*, sendo apresentado no ponto um o papel e funções do analista financeiro. O ponto dois apresenta os principais escândalos empresariais e financeiros desde o início do Séc. XXI, os quais contribuíram fortemente para o descrédito e perda de reputação das organizações e dos mercados financeiros. O ponto três apresenta os pilares da deontologia nas vertentes da ética, da confiança, da *corporate governance* e da responsabilidade social das organizações. O ponto quatro apresenta o processo de garantia da qualidade da informação financeira. Por último, apresenta-se uma *Nota final* sobre esta abordagem exploratória à temática da ética e deontologia no mercado da informação financeira.

1. O analista financeiro

Nesta comunicação, iremos preocupar-nos, em particular, com os chamados analistas financeiros, tomando aqui como referência a definição do código de conduta do analista financeiro (APAF, 2003): a atividade de análise financeira é definida como toda a atividade que, exercida a título profissional, envolva a produção, avaliação ou utilização de informação económica, financeira, estatística, ou outra, tendo em vista a gestão de investimentos ou patrimónios, gestão de carteiras, o aconselhamento financeiro ou o exercício de atividades afins. Assim, o papel do analista financeiro consiste no estudo de informação financeira e não financeira, pública – publicada ou não publicada –, quer num passado que se requer recente, quer se refira ao devir, e na disponibilização dessa informação aos mercados – os chamados decisores –, mediante um preço.

Assim, as funções do analista financeiro são mais latas do que aquelas que em geral são percebidas pela Sociedade, as quais se cingem, devido ao sistema capitalista vigente nas últimas décadas, à análise de empresas cotadas em bolsas de valores e na emissão de recomendações de compra ou de venda sobre as ações dessas empresas.

Independentemente do tipo e destino da análise da informação, esta deverá ser concebida e analisada em três fases distintas, a saber:

- a) Estudo da envolvente macroeconómica;
- b) Análise do setor económico da atividade;
- c) Pesquisa sobre aspetos específicos da empresa.

No paradigma do atual sistema económico capitalista, o comportamento dos mercados financeiros caracteriza-se por uma crescente lógica global e setorial, com parte dos principais analistas financeiros a especializarem-se num setor económico específico. A informação disponibilizada por estes analistas financeiros tem representado, e ainda representa, uma fonte importante de informação, para decisão dos chamados investidores financeiros – individuais ou institucionais, no pressuposto de que esta informação promove a eficiência dos mercados financeiros. Um mercado financeiro diz-se eficiente quando o preço dos ativos, tal como é fixado na realidade, constitui uma boa estimativa do valor teórico desses ativos, ou seja, o preço antecipa o futuro, visto que reflete corretamente as informações em circulação no mercado. Assim, a forma da eficiência dos mercados financeiros define-se em função da informação incorporada nos preços dos títulos aí transacionados (Fama, 1970, 1991):

- i) Forma fraca, quando a informação contida nos preços é informação histórica;
- ii) Forma semiforte, quando a informação incorporada nos preços é informação histórica e outra informação pública;
- iii) Forma forte, quando a informação incorporada nos preços é histórica, pública e privada.

A eficiência dos mercados financeiros também é promovida através da emissão de recomendações de compra ou de venda de títulos de empresas cotadas (Fabozzi, 1995), através da classificação atribuída aos títulos cotados, por parte

dos analistas financeiros, a qual não é uniforme. Em termos genéricos sistematiza-se essa classificação da seguinte forma:

- a) Vender (*reduce / sell / underperformer*);
- b) Manter (*hold / market performer*);
- c) Comprar (*accumulate / buy / outperformer / strong buy / strong outperformer*);
- d) Neutral (o analista prefere não emitir opinião).

Apesar de poderem trabalhar de forma independente, não mantendo qualquer vínculo formal a bancos de investimento ou sociedades corretoras, o analista financeiro pode ainda situar-se numa de outras duas categorias:

- a) O analista pode trabalhar para uma empresa de corretagem e faz recomendações sobre títulos em nome de terceiros. Estas empresas de corretagem fornecem serviços para investidores particulares, investidores institucionais e empresas, incluindo aquelas cujos títulos o analista segue.

Neste cenário, os analistas pertencem ao “lado vendedor” do mercado.

- b) O analista pode trabalhar para bancos de investimento, que adquirem títulos por sua própria conta e risco, aconselhando-os a comprar, manter ou vender os títulos analisados. Neste cenário, o analista pertence ao “lado comprador” do mercado.

Hoje, estes profissionais deverão estar capacitados para apreender os movimentos geopolíticos e macroeconómicos no mundo, serem suficientemente críticos e capazes de comunicarem e de pensarem contra o politicamente correto.

2. Descrédito e perda de reputação

É em situações de abuso de confiança, como a que se tem vivido desde o início do Séc. XXI, que se manifesta o disfuncionamento da mesma, ao criarem-se vulnerabilidades que ferem os atores sociais que confiaram em normas, práticas sociais ou valores. Logo, estes atores sociais perderam a confiança na Sociedade. São estas situações, relembre-se, que exigem e legitimam a necessidade de ética numa Sociedade. No mercado financeiro, em particular, as bases do seu funcionamento assentam na reputação das instituições e atores que nele atuam, pelo que esta atividade é reconhecida como sendo um negócio fiduciário. Ao manchar essa reputação, toda a arquitetura do negócio é colocada em causa e geradora de disfunções num mercado que, por definição, vive da confiança e é eficiente. Ou seja, os acontecimentos recentes parecem terem vindo a abalar os fundamentos da moderna teoria financeira (Fabozzi *et al.*, 2014). Os casos que a seguir se apresentaram ilustram bem o que tem acontecido desde o início deste século XXI.

2.1 Escândalos empresariais no Séc. XXI

Como se percebe do atrás exposto, a série de escândalos recentes, nos EUA e na Europa, só desde o início deste Séc. XXI, e a própria crise financeira iniciada no verão de 2007, com a conseqüente crise económica que se lhe seguiu, vieram demonstrar a falência do paradigma do atual sistema económico capitalista. O domínio da componente das técnicas da análise – econometria, economia, finanças, direito –, sendo uma condição necessária, não é, contudo, condição sufi-

ciente para julgar e compreender o comportamento dos mercados, o qual resulta das decisões tomadas por indivíduos, os quais nem sempre são isentos quanto aos impactos esperados das suas decisões na esfera da sua vida privada, como se intui pela análise dos casos insertos no Quadro 1 - Escândalos financeiros no Séc. XXI e seus impactos.

A Enron Corporation, empresa norte-americana de *trading* e distribuição de energia, gás natural e telecomunicações, contabilizou potenciais lucros, que geraram aumentos artificiais no preço das ações, permitindo, assim, pagar bónus por desempenho aos gestores de topo. Da sua falência, em 2001, resultou desemprego, suicídios, prisões, perda de poupanças individuais nos fundos de pensões geridos pela Enron. Os gestores, consultores e bancos de investimento - detentores de informação privilegiada - receberam avultados benefícios financeiros. Foi a maior crise de confiança nos EUA depois da Grande Depressão (1929-1930), tendo levado a alterações de paradigma na auditoria às empresas e à supervisão dos mercados - Lei Sarbanes-Oxley. O fundador Kenneth Lay e o CEO Jeffrey Skilling foram condenados por fraude em Maio de 2006.

A Arthur Andersen, empresa centenária de auditoria e consultoria, que trabalhava para a Enron, faliu em 2002. Esta empresa auditava as contas da Enron, à qual também prestava serviços de consultoria de gestão. Durante duas semanas destruiu milhares de documentos "desnecessários" para ocultar delitos na Enron. Foi processada criminalmente e condenada por obstrução à justiça. O CEO demitiu-se, a empresa foi à falência devido à falta de reputação e os seus 85.000 empregados perderam o emprego.

Quadro 1 - Escândalos financeiros no Séc. XXI e seus impactos

| Ano | Empresa | Incidente | Impactos |
|------|-------------------|--|---|
| 2001 | Enron Corporation | Contabilização de potenciais lucros, gerando aumento artificial no preço das ações e pagamento de bónus a gestores. | Desemprego, suicídios, prisões, perda de poupanças individuais. |
| 2002 | Arthur Andersen | Destruição de milhares de documentos para ocultar delitos na Enron, empresa que auditava e prestava consultoria. | Faliu por perda de reputação e os 85.000 empregados perderam o emprego. |
| 2003 | Parmalat | Falsificação de documentos para obtenção de financiamentos. | Orçamentos falsos, lucros fictícios, controlo em cascata de empresas em <i>offshore</i> . |
| 2003 | Royal Ahold | Contabilização incorreta de prémios para promoções, incrementando os resultados. | O diretor executivo e o CFO condenados por fraude. |
| 2004 | Royal Dutch Shell | Sobreestimava as suas reservas de petróleo e gás, sobrevalorizando a cotação das suas ações. | Pagamento de multas aos supervisores financeiros e indemnizações a acionistas. |
| 2006 | Siemens | Esquema de corrupção em todo o mundo, com pagamentos de cerca de 1,4 mil milhões de dólares, para obtenção de contratos públicos de fornecimentos. | Pagamento de multas (EUA e Alemanha), devolução de impostos, prisão de quadros superiores |

Fonte: Elaboração própria.

A Parmalat, empresa familiar italiana, do setor da alimentação humana, falsificava documentos de depósitos em contas bancárias inexistentes, para fazer face a compromissos financeiros crescentes. Em 2003, Tanzi, o fundador, foi acusado de desviar 620 milhões de dólares em proveito próprio (este caso é considerado a Enron da Europa); documentos e orçamentos falsos, lucros fictícios. complexas pirâmides de controlo de empresas em *offshore*, com participações cruzadas, não permitindo detetar a origem do dinheiro e a análise das contas. A fraude era permanente (mais de quinze anos!). Os gestores de topo foram acusados de fraude; outros declararam-se culpados por manipulação de informação ao mercado. A empresa continua a funcionar com nova administração.

A Royal Ahold, empresa holandesa de distribuição alimentar a retalho (supermercados), contabilizava incorretamente o valor recebido dos fornecedores para promoções, incrementando os seus resultados. O objetivo do valor pago pelos fornecedores era a redução dos preços de venda dos produtos e não o aumento de resultados da empresa. Em 2003 o diretor executivo e o CFO foram condenados por fraude, com grupos de acionistas a criticarem a benevolência da sentença.

A Royal Dutch Shell, empresa da indústria do petróleo, com capitais americanos e holandeses, em 2004, admitiu ter sobreavaliado em 25,0 % as estimativas das suas reservas de petróleo e gás, as quais eram usadas pelos analistas financeiros para o cálculo do valor intrínseco das empresas desta indústria. Foi multada em mais de 150 milhões de dólares (125 milhões de euros) pelo regulador financeiro de Londres (FSA - *Financial Services Authority*) e americano (SEC - *Securities and Exchange Commission*), além de indemnizar os acionistas. O CEO demitiu-se, acusado de criar uma cultura de incentivo à prestação de informação falsa aos mercados financeiros e de demorar a admitir o erro, bem como o diretor de exploração e a diretora financeira.

O escândalo de corrupção que afetou a Siemens, empresa alemã e a maior empresa de engenharia da Europa, em todas as suas áreas de operação e em todos os países, começou a ser investigado no final do ano de 2006, pelas autoridades fiscais da região de Munique, por suspeitas de desvio de verbas para empresas de fachada e sociedades sediadas em paraísos fiscais. Estas verbas serviram para o pagamento de subornos e as investigações abrangeram a atividade do gigante germânico no período entre 2000 e 2006. Terão sido feitos mais de 4 mil pagamentos ilegais a autoridades em mais de 20 países, num valor de cerca de 1,4 mil milhões de dólares. É de lembrar que até ao final dos anos 90, a lei alemã permitia que os empresários pagassem subornos a autoridades no exterior, para facilitar a aprovação de contratos. Nos anos 80, a prática era tão comum, que as empresas podiam mesmo descontar esse valor no imposto sobre o rendimento pago na Alemanha.

No início deste século a Siemens passou a ser listada na bolsa de valores de New York, e teve que se submeter às leis americanas, como o *Foreign Corrupt Practices Act* (FCPA), que impede práticas como o pagamento de subornos a

autoridades. Apesar de todas as mudanças na legislação, a mentalidade dos empresários alemães e o seu consequente comportamento não se adaptaram ao novo normativo. O escândalo Siemens e a sua imensa repercussão, com a elevada multa paga pelo grupo, foram uma alteração de paradigma. Desde então, as empresas mudaram de atitude. Em 2007, a empresa criou um sistema de *compliance* (integridade e obediência às leis) para detetar, remediar e prevenir práticas ilícitas que porventura tenham sido executadas, estimuladas ou toleradas por colaboradores e chefias da Siemens em qualquer lugar do mundo. A própria Siemens reservou uma vaga no conselho de administração para o diretor da empresa responsável por observar as leis – *Chief Compliance Officer*. A outra alteração foi uma recomendação do FCPA: a adoção de um programa de *whistleblowing* – mecanismo informal de denúncia de disfuncionamentos na organização, para prevenção e deteção de fraudes –, que estimula funcionários da Siemens a denunciarem escândalos dentro da própria empresa.

Normalmente, estes escândalos aparecem classificados como fraudes contabilísticas, quando, na verdade são muito mais que isso! São puros atos de corrupção, enquanto comportamentos impróprios e responsáveis, e não uma aplicação indevida da técnica contabilística. Contudo, as práticas dolosas de falsificação de contabilidade, inobservância reiterada das regras contabilísticas e prestação de informação falsa a reguladores e aos diferentes mercados podem ser classificadas como atos de corrupção!

2.2. Hipocrisia no sistema bancário

Também no setor financeiro propriamente dito nos deparamos hoje com escândalos cujos modos de atuação já vinham de há muitos anos, perpetuado por instituições – mais propriamente, por parte de alguns dos seus gestores – percebidas pela Sociedade como campeãs da verticalidade, como facilmente se percebe pela análise dos casos insertos no Quadro 2 – Maiores multas a bancos, até final do ano 2014.

O banco JP Morgan Chase, em outubro de 2013, chegou a acordo com as autoridades norte-americanas para pagar treze mil milhões de dólares (9,4 mil milhões de euros), devido à venda de ativos sobre hipotecas – *subprime*, entre 2005 e 2007, sem a devida informação de risco elevado aos investidores, os quais vieram a ter elevados prejuízos.

O montante está repartido entre compensações a investidores (seis mil milhões de dólares), pagamentos a proprietários de imóveis (quatro mil milhões de dólares) e dois a três mil milhões de dólares em multas propriamente ditas. É de referir que este foi um problema internalizado pelo JP Morgan Chase, indiretamente, ao adquirir o Bear Stearns e o Washington Mutual, no ano de 2008.

Em dezembro de 2012, o banco britânico HSBC acordou com as autoridades norte-americanas pagar 1 920 mil milhões de dólares (1 400 mil milhões de euros), por ligações a bancos próximos do financiamento ao terrorismo, lavagem de dinheiro de cartéis e violações de embargos internacionais a países. Foram

encontradas evidências de terem sido realizadas operações no sistema financeiro americano de entidades do Irão, instituições suspeitas de financiamento a grupos terroristas, bem como transações ligadas a cartéis de droga (cartéis de Sinalor – México, e Norte del Valle – Colômbia). Na sua sucursal, nas Ilhas Cai-mão, existiam cerca de 50 mil contas bancárias sem controlo. O valor de 1 920 mil milhões de dólares terá representado 9,3 % dos resultados anuais, os quais rondam 20 000 milhões de dólares por ano.

Quadro 2 – Maiores multas a bancos, até final do ano 2014

| Ano | Banco | Multas (10 ⁶) | | Causa |
|------|-----------|---------------------------|-------|---|
| | | USD | € | |
| 2013 | JP Morgan | 13.000 | 9.400 | Venda de ativos sobre hipotecas - subprime -, entre 2005 e 2007, sem a devida informação de risco elevado aos investidores. |
| 2012 | HSBC | 1.920 | 1.400 | Lavagem de dinheiro de cartéis da droga, financiamento ao terrorismo, violações de embargos internacionais a países. |
| 2014 | JP Morgan | 1.700 | 1.240 | Por, alegadamente, ter permitido o esquema fraudulento de Bernard Madoff, que era seu cliente. |
| 2012 | UBS | 1.530 | 1.100 | Manipulação da taxa de juro Libor - taxa de referência para contratos financeiros em todo o mundo. |
| 2013 | JP Morgan | 1.020 | 738 | Violação de regras do mercado de capitais, na praça de Londres e nos EUA. |
| 2009 | UBS | 780 | | Cumplicidade de fraude fiscal com os seus clientes que eram contribuintes norte-americanos. |

Fonte: Elaboração própria.

O banco JP Morgan Chase, em Janeiro de 2014, foi multado em 1 700 milhões de dólares (1 240 milhões de euros), por alegadamente ter fechado os olhos ao esquema fraudulento de Bernard Madoff, que era seu cliente. O montante serviu para compensar as vítimas de Madoff, condenado por ter orquestrado o maior esquema em pirâmides de sempre. Os esquemas em pirâmide - esquema de Ponzi, por referência ao italiano que primeiro o utilizou - consistem na obtenção de elevados lucros no curto prazo, proporcionados pelos indivíduos que entram no esquema e o alimentam através do pagamento em dinheiro. Os primeiros indivíduos a chegar ganham, mas os restantes perdem. Além daquele valor, o JP Morgan Chase acordou pagar mais 893 milhões de dólares, na sua maior parte também para compensar os lesados por Madoff.

O banco suíço UBS, em Dezembro de 2012, pagou um total de 1 530 milhões de dólares (1 100 milhões de euros), por participar com outros bancos na manipulação da taxa de juro que serve de referência para contratos financeiros em todo o mundo - Libor (London Interbank Offered Rate). A taxa Libor é supostamente determinada da seguinte forma: para cada moeda e prazo de pagamento, o seu valor determina-se a partir da informação prestada por dezoito bancos sobre os seus custos individuais de financiamento nos mercados interbancários, em que cada um deles submete o valor da taxa que espera poder pedir emprestado aos outros bancos. Excluem-se os valores extremos e calcula-se a média; e

surge assim a Libor desse dia. Algumas destas instituições, para tentarem ter ganhos nas suas posições em contratos financeiros que dependiam da Libor, ou para disfarçar dificuldades, submeteram valores falsos. Há outros bancos a serem investigados.

O banco JP Morgan Chase, em setembro de 2013, foi multado pelos supervisores financeiros dos EUA e Reino Unido, em 1 020 milhões de dólares (738 milhões de euros), por violação das regras do mercado de capitais, além de no passado recente já ter sido alvo de outras penalizações devido a procedimentos desadequados.

O banco suíço UBS, em 2009, foi acusado de promover a evasão fiscal de contribuintes norte americanos, e acordou com as autoridades pagar uma multa de 780 milhões de dólares em multas, juros e restituições, por conspiração para a criação de contas “fantasma” com o intuito de esconder os bens de clientes norte-americanos do Governo dos EUA. A UBS comprometeu-se, ainda, a revelar imediatamente à administração norte-americana os registos bancários dos seus clientes, compromisso sem precedentes.

A UBS adquiriu em 2000 uma empresa norte-americana que lhe proporcionou muitos novos clientes, com o banco a ajudar estes novos clientes, contribuintes norte americanos, a criar novas contas bancárias em nome de outras pessoas ou de entidades “fantasma”. Os executivos do banco suíço utilizavam *software* encriptado e outro tipo de técnicas contra vigilância para evitarem a deteção da prom da evasão fiscal dos seus clientes. Estes, por sua vez, entregavam as suas declarações fiscais, que omitiam o que ganhavam nas suas contas suíças.

Apesar dos valores das penalidades parecerem ser elevados, eles têm pouco impacto nos resultados das instituições visadas, estimando-se que representem cerca de dez por cento dos lucros anuais. Para além disso, através de artifícios permitidos pela lei, os quais permitem deduzir estes valores na contabilidade dos bancos, estes irão beneficiar das chamadas economias fiscais, recuperando parte do valor pago como penalizações!

Em síntese, não se deve confundir a mensagem com o mensageiro.

As questões contabilísticas, enquanto convenções de como tratar a informação das operações efetuadas por uma organização, foram a consequência de diversos problemas de gestão e de falta de valores individuais dos seus gestores e não a causa desses problemas!

Para Shiller (2012), a crise financeira não se fica a dever, simplesmente, à ganância ou à desonestidade dos atores do mundo da finança, mas também aos defeitos estruturais das instituições financeiras, nomeadamente à sua inaptidão na gestão do risco imobiliário ou na regulação da alavancagem financeira. Para além disso, podemos ainda apontar como causas comuns daqueles problemas:

Sistemas de recompensas por desempenho dos gestores com ênfase em resultados de curto prazo.

Seleção inadequada de pessoas para cargos de alta direção.

Manipulação de informação para os mercados dos fatores de produção, laboral e financeiro;

Ambição e ganância excessivas dos gestores de topo.

Definição de taxas de crescimento dos negócios das organizações, quando as mesmas não eram sustentáveis pelos fundamentos dos seus negócios.

Por fundamentos do negócio, neste contexto, entenda-se a informação qualitativa e quantitativa que contribui para o bem-estar económico de uma Sociedade, sendo utilizada pelos analistas para avaliação de uma empresa, título ou moeda. Na perspetiva financeira consideram-se os proveitos, resultados, ativos, passivos, dividendos, taxas de crescimento do negócio. Todos os atores do mercado de informação financeira estiveram implicados – auditores, consultores, bancos de investimento, sociedades corretoras, investidores –, através de atos de corrupção, ao terem, intencionalmente, acesso a privilégios impróprios a que não tinham direito, transgredindo, quer as leis, quer as normas sociais (Sousa, 2011). Ou seja, deve-se distinguir entre a área da ética e a área do direito, o mesmo é dizer, entre o justo e o legal.

Por pressão de organizações internacionais, entre as quais se destaca a OCDE, a favor da transparência fiscal e do reforço da cooperação entre países para a troca de informações, são cada vez mais raros os países desenvolvidos que não aceitam acordos para troca de informações bancárias para efeitos fiscais. Também os EUA têm estado empenhados nesta luta, nomeadamente depois do 11/set/2001, já que muito do financiamento ao terrorismo internacional passa por paraísos fiscais.

Na sequência desta tendência, surgiu o FATCA – *Foreign Account Tax Compliance Act*, acordo para troca de informações fiscais. Este acordo é uma lei dos EUA que tem por objetivo combater a evasão fiscal dos cidadãos norte-americanos e dos cidadãos estrangeiros com obrigações fiscais nos EUA (designados por *US Persons*) em relação a rendimentos ou outros ganhos de investimentos obtidos fora daquele país. São consideradas instituições financeiras, no âmbito do FATCA, entre outras, as sociedades financeiras, seguradoras, os bancos, as entidades de investimento (como sejam sociedades gestoras de fundos e outras sociedades prestadoras de serviços) e organismos de investimento coletivo e outros veículos de investimento. Nos grupos financeiros a adesão deverá ser efetuada por todas as sociedades que compõe o grupo. A não adesão de uma entidade terá necessariamente repercussões para todo o grupo financeiro. Neste momento, não aderir ao FATCA não é uma opção para a maior parte dos grupos financeiros, dadas as sérias repercussões económicas, financeiras e de reputação que a não adesão pode implicar. Neste âmbito, foi firmado pelos EUA um princípio de acordo intergovernamental com Portugal, com a consequente transposição para o ordenamento jurídico português, pelo que todos os bancos e instituições financeiras sedeadas em Portugal têm a obrigação de identificar e reportar anualmente às autoridades fiscais portuguesas informações sobre o património financeiro detido pelos seus clientes, identificados como *US persons*. O acordo entrou em vigor em 1 julho de 2014 e tem como objetivo prevenir a evasão fiscal de pessoas que utilizam instituições financeiras, não residentes nos

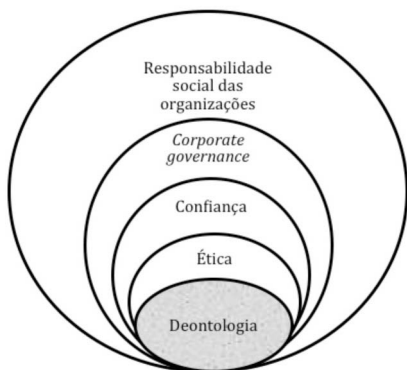
EUA, para escamotearem os seus rendimentos às autoridades fiscais deste país.

É a partir destes factos – se for possível situar um ponto no tempo, quando falamos de questões de moral –, que começam a ganhar expressão crescente conceitos como *ética*, *valores*, *responsabilidade social*, *sustentabilidade*, *direitos humanos*, e tantos outros, muitos deles em relação a um contexto de negócio em particular, nomeadamente em relação ao relato das atividades desenvolvidas pelas organizações e seus impactos no meio envolvente económico, social e meio ambiente físico.

3. Pilares da deontologia

Pelas razões aduzidas, cremos que se torna necessário e útil introduzir no mundo dos negócios, de uma forma séria e conceptualmente estruturada, reflexões sobre questões de ética aplicada, cientes de que essa conciliação de conceitos é complexa, porém, virtuosa para o bem-estar da sociedade em geral. Assim, elegemos como pilares da deontologia conteúdos programáticos que versam sobre ética nas organizações, sobre confiança, sobre *corporate governance* e sobre a responsabilidade social das organizações, conforme se ilustra na Figura 1 – Pilares da deontologia. É na zona de interseção e sobreposição desta pluralidade de disciplinas e saberes que se deve procurar a especificidade da deontologia, enquanto *melting pot* de fecundos padrões de referência para os comportamentos não codificáveis em ambiente de trabalho – juízo profissional.

É naqueles padrões de referência que residem os pressupostos do código de valores que orientará as ações pelas quais os profissionais da informação se deverão guiar perante a ambivalência no processo de tomada de decisão, especialmente em situações em que a conduta tanto pode parecer aceitável quanto reprovável (Bowen, 1953). Logo, o código de valores constitui-se, assim, como um dos caminhos a trilhar em direção a uma sociedade mais justa para com os seus constituintes, em situações de dilemas éticos. Estes não surgem em situações onde há clareza de posições;



os verdadeiros problemas éticos residem nas áreas intermédias onde as decisões tanto podem parecer aceitáveis como reprováveis (Mercier, 2014), como vimos no ponto 2. Descrédito e perda de reputação.

3.1 Ética

O conceito de ética pode definir-se como o ramo da filosofia que se preocupa com o que é moralmente bom ou mau, certo ou errado, justo ou injusto. Ou seja, a ética de um indivíduo, grupo, organização ou comunidade é a manifestação visível através de comportamentos, hábitos, práticas e costumes, de

um conjunto de princípios, normas, pressupostos e valores que regem a sua relação com o mundo real (Mercier, 2014). A ética nas organizações, enquanto modo socialmente correto de fazer as coisas em gestão dos negócios, procura dar resposta aos dilemas éticos que se colocam aos gestores; logo, contribui para fazer o que está certo, em vez do que é apenas conveniente, popular ou rentável. No caso particular que aqui nos interessa – a ética organizacional – o problema surge porque a maioria dos gestores se considera bom tomador de decisões éticas e imparciais, parecendo ignorar que uma decisão eticamente correta ou adequada tem que ver com as convicções dos próprios sobre o que é certo ou errado, bom ou mau, moral ou imoral (Sotomayor *et al.*, 2014). A classificação de um comportamento como ético ou não ético depende, não apenas da relação entre a ação e as convicções do indivíduo que executa a ação (erros de ética de tipo I), mas também da relação entre essas convicções e o que as fontes de ensinamento ou as leis morais da sociedade referem (erros de ética de tipo II).

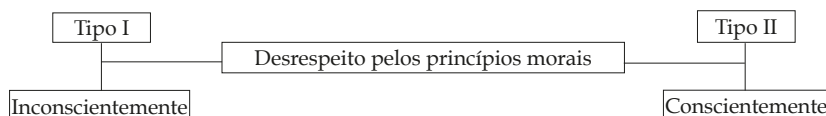


Figura 2 – Tipos de erro em ética

Os erros de ética do tipo I significam que as ações praticadas não respeitam os princípios morais vigentes, mas a causa desse desrespeito tem a ver com o facto de o indivíduo não ter recebido formação (ensinamentos de base) sobre o que são condutas éticas. Por exemplo, um colaborador leva para casa papel, canetas e outro material para dar aos filhos, ou para uso próprio, porque entende que isso não é roubar; ninguém lhe disse que isso era moralmente incorreto (Sotomayor *et al.*, 2014). Ou seja, digamos que o fez inconscientemente.

Nos erros de ética do tipo II, o indivíduo sabe que o que está a fazer é incorreto, mas mesmo assim fá-lo, conscientemente. Contudo, a verdade é que a maior parte deles, sem o perceber, é parcial, balizando o seu comportamento enquanto indivíduos e em termos do seu próprio bem-estar, o mesmo é dizer que se favorecem a si próprios e à sua organização (Banaji *et al.*, 2003) – erro tipo II. Neste contexto, a ética nos negócios pode ser definida como um conjunto de princípios e padrões morais que orientam o comportamento dos indivíduos no mundo dos negócios.

3.2 Confiança

O significado e os tipos de confiança diferem de cultura para cultura. Neste sentido, não há uma definição de confiança que seja universalmente aceite, apesar de haver vários níveis de convergência em torno do conceito (Laurent, 2012). Assim, tomando como bom o conceito de confiança apresentado por Capet (1998), esta é percebida como um sentimento de esperança oposto à des-

confiança (não confiar) ou à suspeita (medo de ser enganado). Ainda segundo o mesmo autor, a confiança distingue-se também da verdade, ou seja, da conformidade entre uma ideia e um objeto, enquanto esperança, racional ou não, numa pessoa ou numa coisa. Para Fukuyama (1995), a confiança é a expectativa que emerge de uma comunidade em que os seus membros se caracterizam por um comportamento estável e honesto e por regras comumente partilhadas. Assim, a confiança social é de um acordo tácito, não expresso por palavras faladas ou escritas, entre os concidadãos, que facilita as transações, permite a criatividade individual e justifica a ação coletiva. Só as sociedades com um elevado grau de confiança social estão aptas a criar o tipo de organizações exigidas por uma economia global. Em geral, a necessidade de confiança surge em situações de risco ou incerteza, ou ainda quando os interesses de um agente não podem ser alcançados sem que haja confiança desse agente em relação à contraparte. É aqui que emerge a importância das instituições, enquanto regras do jogo (North, 1994), as quais determinam o que é permitido e não permitido aos indivíduos, quer sejam formais – leis, regulamentos, contratos, ou regras invisíveis emergentes da cultura de cada grupo social, profissional ou país. Para North (1994), estas regras informais são ainda mais importantes que as regras formais. Elas são omnipresentes e determinam desde as formas de interação mais simples entre os indivíduos, como o simples ato de cumprimentar alguém, até às mais complexas formas de relacionamento e de realização de transações. Numa abordagem sociológica, por sua vez, atribui-se à confiança significados como lealdade, expectativas mútuas e reciprocidade.

A confiança é ainda definida como um conjunto de expectativas partilhadas por todos os indivíduos envolvidos numa troca. Logo, a confiança está nas expectativas de um indivíduo, grupo ou organização, baseadas em comportamentos eticamente justificáveis pelos atores sociais. Em suma, a confiança pode ser vista como um conjunto de expectativas partilhadas por indivíduos, grupos ou organizações com base na reciprocidade e boa vontade. Estas expectativas são influenciadas pelo contexto institucional. Dito de outro modo, em meios envolventes em que há medo ou temor em agir, em função da incerteza das consequências futuras, a atividade económica diminui. Portanto, a confiança assume um papel de extrema relevância, que é o de facilitar as relações de trabalho e as trocas económicas, logo, de fazer com que as atividades fluam melhor, que os objetivos sejam atingidos mais rapidamente e com menor custo, o mesmo é dizer, uma gestão excelente. A questão da redução dos custos económicos, gerada pelas relações de confiança, é abordada pelos economistas, através da teoria dos custos de transação, nomeadamente Williamson (1985, 1991), prémio Nobel de Economia em 2009. A confiança, percebida como sendo o acreditar nas intenções dos outros indivíduos, com prudência e moderação, facilita as relações de trabalho e as transações económicas, e contribui para a excelência na gestão das diferentes organizações numa sociedade.

3.3 Corporate governance

A *corporate governance* – governabilidade organizacional, governo das sociedades, controlo empresarial –, enquanto modo de estruturar e repartir os poderes de gestão no seio de uma organização, dá corpo a um conjunto de recomendações mínimas naquela matéria, com a finalidade de promover a lealdade, a transparência, o controlo e a responsabilidade dos gestores. Dito de outro modo, as regras de gestão de uma organização devem ser conhecidas e os riscos do negócio devem estar sob controlo. A principal preocupação da perspectiva financeira é a implementação de mecanismos de controlo que reduzam as consequências resultantes dos conflitos de interesses entre acionistas e gestores, aumentando o controlo sobre a utilização dos recursos da empresa, limitando o poder discricionário dos gestores, para que estes atuem no interesse dos proprietários (Rodrigues, 2008).

Quadro 3 – Tipos de mecanismos de controlo da governabilidade empresarial

A definição apresentada por Charreaux (1997) pressupõe que a delimitação do espaço discricionário dos gestores resulta da interação de um conjunto de mecanismos, quer internos quer externos – associados à teoria da agência (Jensen *et* Meckling, 1976; Jensen, 1993), espontâneos ou intencionais – associados à teoria dos custos de transação (Coase, 1937; Wiliamson, 1991), para redução das perdas de riqueza para os acionistas.

| | Mecanismos específicos | Mecanismos não específicos |
|-------------------------|--|---|
| Mecanismos intencionais | <ul style="list-style-type: none"> - Assembleia-Geral de acionistas - Conselho de Administração - Sistemas de remuneração - Estrutura interna formal - Sistemas de controlo internos (auditorias) | <ul style="list-style-type: none"> - Enquadramento jurídico-legal, político e cultural |
| Mecanismos espontâneos | <ul style="list-style-type: none"> - Estrutura informal e redes de confiança - Vigilância mútua pelos pares - Cultura da empresa - Reputação interna | <ul style="list-style-type: none"> - Mercados: - de bens e serviços - de trabalho dos gestores - de formação dos gestores - Cultura própria ao negócio |

Fonte: Charreaux (1997). Adaptado.

Os mecanismos internos representam o controlo exercido pelos acionistas, a vigilância mútua entre os gestores, o conselho de administração e os controlos formais e informais concebidos por este último. Os mecanismos externos compreendem, nomeadamente, o mercado de bens e serviços, o mercado financeiro e de capital, o mercado de trabalho e de formação dos gestores, o enquadramento jurídico-legal, político e cultural. As fronteiras da empresa são imprecisas, pelo que não é possível distinguir, com rigor, entre mecanismos internos e externos, fazendo mais sentido falar em mecanismos intencionalmente construídos (específicos) e espontâneos (ligados ao mercado) (Charreaux, 1997).

A eficiência destes mecanismos, não independentes, é variável; eles não desempenham, necessariamente, um papel equivalente; existe entre eles uma hierarquia, que pode evoluir segundo o sistema económico e político prevalente,

e a sua importância é contingente à natureza dessa organização, do seu setor de atividade e das relações de trabalho (Charreaux, 2003; Grant *et Kirchmaier*, 2004). Assim, para as sociedades anónimas cotadas, Fama (1980) considera que o mecanismo dominante é o mercado de trabalho dos gestores – estes procuram gerir o melhor possível, para maximizarem a sua reputação e o seu valor no mercado de trabalho –, o qual se baseia na evolução do valor da empresa no mercado financeiro. Este primeiro mecanismo externo, imperfeito, é complementado por mecanismos internos como a hierarquia, a vigilância mútua pelos pares e, sobretudo, o Conselho de Administração.

3.4 Responsabilidade social das organizações

Como consequência dos novos contextos de negócios, caracterizados por turbulência e incerteza, as organizações alteram os seus propósitos e processos organizacionais como forma de incorporar e ir ao encontro dos anseios da Sociedade. Assim, o desempenho económico favorável e a sustentabilidade empresarial dependem do modo como a organização se relaciona com os seus *stakeholders*. Logo, a responsabilidade social das organizações emerge como um mecanismo que, uma vez inserido na rede de relações existente entre as empresas e os seus constituintes organizacionais, pode promover vantagens competitivas (Feitosa *et al.*, 2014). Logo, a responsabilidade social das organizações traduz-se nos deveres que estas têm em serem economicamente rentáveis, em respeitarem as leis vigentes nos territórios em que desenvolvem os seus negócios, serem boas cidadãs, com respeito pelo meio ambiente físico, como forma de retribuir à Sociedade as contrapartidas pela licença que esta lhes concede para operarem (Leandro *et Rebelo*, 2011). Por isso, a responsabilidade social das organizações é percebida como um modelo de gestão com base em relações éticas, responsáveis e transparentes da organização com todos os seus *stakeholders*, tendo em atenção os seus objetivos e o desenvolvimento sustentável. Por isso, há quem defenda que o conceito de responsabilidade social é um conceito relativo, pois deve ser situado no tempo e no espaço; o que é responsabilidade social das organizações hoje não o foi no passado, e o que se entende por responsabilidade social das organizações num país pode não o ser noutra. Portanto, a responsabilidade social das organizações pode ser entendida como sendo dinâmica, sobreposta e contextual. A sua qualidade dinâmica repousa, em grande parte, sobre a evolução das relações de negócios na sociedade (Enderle, 2003). A natureza da sua sobreposição revela que esta deriva de um conceito multidisciplinar, oriundo de áreas relacionadas como a ética dos negócios, a confiança, a *corporate governance* e a estratégia empresarial. O seu pendor contextual é o reflexo de a mesma ter surgido em diferentes geografias, muito diferentes, com diferentes modos nacionais de governação, contextos institucionais, económicos, políticos, sociais e éticos de tal modo díspares, que a história da responsabilidade social pode ser contada numa variedade de países. Além disso, mesmo nestes diferentes países, diferentes atores desenvolveram trajetórias distintas de responsabilidade

social, refletindo muitas vezes os respectivos saldos de riscos e oportunidades, ou estrutura de mercado e da propriedade (Gond *et* Moon, 2011). Neste contexto, numa extensa revisão de literatura sobre o conceito de responsabilidade social, Dahlsrud (2008) encontrou cinco dimensões comuns, conforme se mostra no Quadro 4 – Dimensão da responsabilidade social das organizações.

Quadro 4 – Dimensões da responsabilidade social das organizações

| Dimensões | A definição refere | Exemplos de frases |
|----------------------|--|--|
| Meio ambiente físico | ... o meio ambiente físico. | um ambiente mais limpo; gestão ambiental |
| Social | ... a relação entre a organização e a Sociedade. | contribui para uma sociedade melhor; considera o impacto total na comunidade |
| Económica | ... os aspetos socioeconómicos ou financeiros, incluindo a responsabilidade social como uma operação do negócio. | contribui para o desenvolvimento económico; preserva a rentabilidade |
| Partes interessadas | ... os parceiros, indivíduos ou grupos, como partes interessadas | interação com os seus parceiros; tratar os parceiros da organização |
| Voluntariado | ... a ações não prescritas por lei. | baseado em valores éticos; voluntário |

Fonte: Dahlsrud (2008). Adaptado.

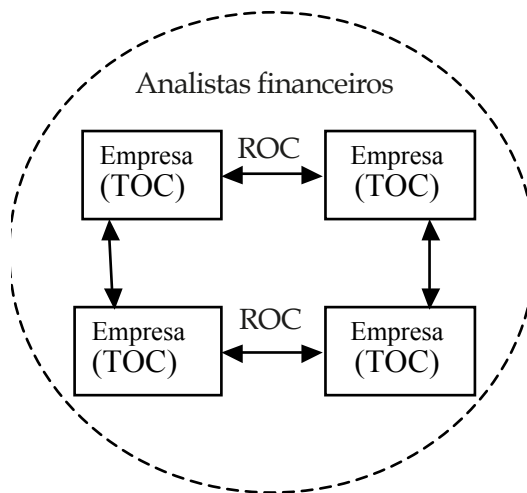
Ainda segundo Dahlsrud (2008), o desafio das organizações não é definir a responsabilidade social das organizações, mas sim compreender como a mesma é socialmente construída num contexto específico e como ter isso em consideração aquando da concepção e implementação das estratégias da organização.

4. Mercado da informação financeira

As funções de produtor de informação, certificador da mesma, ou utilizador para fins profissionais, pela sua própria natureza, têm implícitos julgamentos e juízos de valor, os quais poderão, potencialmente, beneficiar ou prejudicar o utilizador final da informação disponibilizada. Ora, é nas situações concretas, em que existem razões para fazer algo e também para não o fazer, que surgem os chamados dilemas éticos. Ou seja, os problemas éticos surgem quando a razão ou as razões para atuar num determinado sentido são equivalentes a outra razão ou outras razões para não atuar naquele sentido concreto. Dito de outro modo, existe um conflito de interesses em optar por uma razão ou razões em detrimento da outra ou outras razões. Como consequência, é exatamente nesta encruzilhada de opções que a formação em ética dos profissionais da informação financeira, juntamente com as normas deontológicas, lhes irão permitir enquadrar conceptualmente o problema e aplicar a solução mais justa ao caso concreto.

Em Portugal, os analistas utilizam, em geral, a informação da contabilidade financeira. No seu âmbito, este sistema de informação tem por base uma atividade instrumental, a qual resulta de convenções. Quando da adoção do normativo consensualizado entre os vários interessados, irão ser alteradas as demonstrações financeiras futuras, por comparação com as aplicadas àquela data, apenas porque foram alteradas as convenções. Estas convenções são instituídas por associações profissionais alargadas – as normas de contabilidade e de relato financeiro publicadas pelas diversas associações, com objetivos específicos: IFRS – *International Financial Reporting Standards Foundation*, FASB – *Financial Accounting Standards Board*, IASB – *International Accounting Standard Board*.

Figura 3 – Relações mútuas entre atores no mercado de informação financeira



Por tal motivo, é possível determinar se um contabilista (técnico oficial de contas – TOC) ou um auditor (revisor oficial de contas – ROC) estão a cumprir com a função primária da contabilidade financeira. Ou seja, se a mesma fornece uma imagem fiel e verdadeira, em determinado momento, de uma organização. Esta é a área de atuação prioritária do TOC. Dito de outro modo, o TOC é o responsável por garantir a veracidade da informação financeira que é produzida no seio da empresa.

Quanto à atividade de auditoria financeira, desenvolvida pelo ROC, ela tem por objetivo principal validar a informação construída e divulgada pela entidade auditada, tendo como suporte a garantia de que as transações efetuadas entre as diferentes entidades estão registadas nos respetivos sistemas de informação internos. Ou seja, o ROC é o guardião da verdade da informação entre as entidades auditadas.

Quanto aos analistas financeiros, estes utilizam, normalmente, como fontes primárias, a informação produzida pelo TOC e validada pelo ROC, numa total dependência mútua destas três classes profissionais, como se ilustra na Figura 3

– Relações mútuas entre atores no mercado de informação financeira. Percebe-se, assim, a importância da transparência esperada deste processo de produção de informação financeira, não neutral, sua auditoria e validação, e posterior aconselhamento aos decisores. Como forma de procurar homogeneizar os comportamentos daqueles atores do mercado de informação para gestão, as respectivas associações profissionais – Ordens, Câmaras, Supervisores – adotaram os seus normativos específicos. Sendo certo que esta temática é complexa, controversa e não normativa, com o objetivo de a aplicar têm surgido, indiscriminadamente, diferentes tipologias de códigos: códigos de conduta, códigos de ética, códigos de boas práticas, códigos deontológicos. Estes diversos códigos, só por si, têm vida e significado próprios, não se confundindo nem se substituindo uns aos outros, outrossim, complementam-se.

Mas isso será objeto para outra comunicação.

Nota final

A estrutura escolhida para esta comunicação partiu do interior da organização para o seu meio envolvente mediato, proporcionando aos futuros analistas de informação do mercado financeiro um pensamento ético, responsável e holístico, com reflexos ao nível do seu comportamento deontológico, pedra base da qualidade da informação produzida. Dito de outro modo, procura-se contribuir para a formação de analistas responsáveis, do ponto de vista ético e deontológico. Ser responsável, neste contexto, significa ter a capacidade e a obrigação de responder por atos próprios ou alheios relativos às funções confiadas. Para tal, exige-se também que o analista possua os conhecimentos técnicos exigidos para o exercício das funções, sendo o garante da legalidade dos procedimentos, pelo que terá de manifestar claramente oposição às decisões ilegais, sem o que será sempre responsabilizado pelas suas consequências. Este estatuto de responsável é um referencial de confiança e credibilidade para os utilizadores da informação financeira, não havendo substitutos para pessoas responsáveis e conscientes que fazem as coisas certas!

Referências

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS ANALISTAS FINANCEIROS (2003). *Código de Conduta*, Julho (<http://www.apaf.org.pt/pt/publicacoes/codigo-de-conduta/>).

BANAJI, Mahzarin R., BAZERMAN, Max H., CHUGH, Dolly (2003). "How (un) ethical are you?", *Harvard Business Review*, 81 (12): 56-64

BENTO, Vítor (2011). *Economia, moral e política*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos

BOWEN, Howard R. (1953). *Social responsibilities of the businessman*. New York: Harper & Row (Tradução brasileira de Octavio Alves Velho, *Responsabilidades sociais do homem de negócios*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1957)

CHARREAUX, Gérard (2003). "Le gouvernement d'Entreprise", in J. Allouche (coord.), *Encyclopédie de Ressource Humaines*. Vuibert, Septembre: 628-640

CHARREAUX, Gérard (ed.) (1997). *Le Gouvernement des entreprises: corporate governance, théories et faits*, Recherche en Gestion. Paris: Economica

CAPET, Marcel (1998). "La confiance des salariés dans le patron", *Economies et Sociétés*, 32 (8-9): 155-168

- COASE, Ronald H. (1937). «The Nature of the Firm», *Economica*, 4 (16): 386-405
- CORTINA, Adela (org) (2007). *Construir confiança: Ética da empresa na sociedade da informação e das comunicações*. São Paulo: Edições Loyola
- COSTA, Maria Alice Nunes (2014). “Respire fundo e metanóia no capitalismo”, *Confluências – Revista interdisciplinar de Sociologia e Direito*, 16 (1): 18-26
- DAHLSTRUD, Alexander (2008). “How corporate social responsibility is defined: An analysis of 37 definitions”, *Corporate Social Responsibility and Environmental Management*, 15
- ENDERLE, Georges (2003). “Competência global e responsabilidade corporativa das pequenas e médias empresas, in CORTINA, Adela (org) (2003). *Construir confiança: Ética da empresa na sociedade da informação e das comunicações*. São Paulo: Edições Loyola
- FABOZZI, Frank J., FOCARDI, Sergio M., JONAS, Caroline (2014). *Investment management: A science to teach or an art to learn?*, CFA Institute Research Foundation
- FABOZZI, Frank J. (1995). *Investment management*, Prentice Hall International
- FAMA, Eugene F. (1991). “**Efficient capital markets: II**”, *Journal of Finance*, 46 (5): 1575-1617
- FAMA, Eugene F. (1980). “Agency problems and the theory of the firm”, *Journal of Political Economy*, 88 (2): 288-307
- FAMA, Eugene F. (1970). “**Efficient capital markets: A review of theory and empirical work**”, *Journal of Finance*, 25 (2): 383-417
- FEITOSA, Maria José da Silva, SOUZA, Natália Mary Oliveira de, GÓMEZ, Carla Regina Pasa (2014). “Princípios da responsabilidade social empresarial nas relações “empresa - stakeholders” como fonte de vantagem competitiva”, *REUNIR: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade*, 4 (1): 42-61
- FUKUYAMA, Francis (1995). *Trust: The Social Virtues and the Creation of Prosperity*. New York: Free Press
- GOND, Jean-Pascal, MOON, Jeremy (2011). “Corporate social responsibility in retrospect and prospect: Exploring the life-cycle of an essentially contested concept”, *International Centre for Corporate Social Responsibility*. Research paper series, n.º 59 -2011, Nottingham University Business School
- GRANT, Jeremy, KIRCHMAIER, Thomas (2004). *Corporate ownership structure and performance in Europe*. London: Centre for Economic Performance, London School of Economics and Political Science
- JENSEN, Michael C. (1993). “The modern industrial revolution, exit, and failure of internal control systems”, *Journal of Finance*, 48 (3): 831-880
- JENSEN, Michael C., MECKLING, William H. (1976). “Theory of the firm: Managerial behaviour, agency costs and ownership structure”, *Journal of Financial Economics*, 3 (4): 305-360
- LAURENT, Éloi (2012). *Économie de la confiance*. Paris: Éditions La Découverte
- LEANDRO, Alexandra, REBELO, Teresa (2011). “A responsabilidade social das empresas: incursão ao conceito e suas relações com a cultura organizacional”, *Exedra: Revista Científica – número extra (Comunicação nas organizações)*, 11-40
- MERCIER, Samuel (2014). *L'éthique dans les entreprises*. Paris: Éditions La Découverte
- NORTH, Douglass C. (1994). “Economic performance through time”, *American Economic Review*, 84 (3): 359-368
- RODRIGUES, Jorge (2008). *Corporate governance: Uma introdução*. Lisboa: Edições Pedagogo, Coleção Movimento
- SHILLER, Robert J. (2012). *Finance and the good society*, Princeton University Press (tradução portuguesa de Pedro Carvalho e Guerra e Rita Carvalho e Guerra, *A ética das finanças* (2015). Lisboa: Bertrand Editora)
- SOTOMAYOR, Ana Maria, RODRIGUES, Jorge, DUARTE, Manuela (2014). *Princípios de Gestão das Organizações* (2.ª ed.). Lisboa: Rei dos Livros

- SOUSA, Luís (2011). *Corrupção*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos
- WILLIAMSON, Oliver E. (1991). "Comparative economic organization: The analysis of discrete alternative", *Administrative Science Quarterly*, 36 (2): 269-296
- WILLIAMSON, Oliver E. (1985). *The economic institutions of capitalism: Firms, markets, relational contracting*. Free Press

Toponímia portuguesa¹

Aluno *Fernando Antunes*

Ao percorrermos em viagem, de automóvel ou de autocarro, as estradas do nosso país, deparamo-nos com uma sinalização indicativa de localidades – cidades, vilas, aldeias – e de diferentes acidentes geográficos – serras, rios, ribeiras. Pela sua singularidade, estranhámos alguns nomes – *Bruçó, Remoendes, Maçores, Encourados* – e não raro sorrimos quando nos deparamos com a indicação de localidades como *Venda da Gaita, Picha, Vale da Porca*.

Não podemos deixar de nos interrogar acerca de quem terá batizado tais localidades com nomes tão estranhos ou engraçados.

Ter-se-á de recuar, em muitos casos, ao início do povoamento do território, quando povos primitivos se instalavam em locais defensáveis – os castros – ou nas margens dos rios, onde passavam a exercer atividades sedentárias como a agricultura e o artesanato; terão então, numa linguagem arcaica, passado a designar o mundo envolvente com mais propriedade.

Com a chegada de povos invasores, muitas dessas designações terão sido incorporadas no seu léxico. Perduraram assim como substrato, sofrendo alterações fonéticas de acordo com a nova pronúncia.

Exemplificamos com rios portugueses cuja designação é talvez de origem celta:

Rio Ardila – *ardila*, possivelmente do celta, sem que haja certeza.

Rio Douro – em celta *dur*, que significa água; do latim para as línguas românicas, *Durius* veio a dar *Douro* (port.) e *Duero* (cast.).

Rio Tâmega – de *tamaga*, talvez do celta, relacionado com a tribo dos *Tamagani*.

É a toponímia que nos dá respostas às muitas dúvidas e interrogações sobre os nomes das terras, rios etc. Trata-se da "divisão da onomástica que estuda os topónimos, ou seja, nomes próprios de lugares, da sua origem e evolução; é considerada uma parte da linguística, com fortes ligações com a história, arqueologia e a geografia." In "Toponímia", *Wikipédia*, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Topon%C3%ADmia>, consultado em 22-11-2013).

Os topónimos podem ser classificados de acordo com o campo semântico que os motiva etimologicamente. Temos, por exemplo, topónimos motivados

¹ Artigo elaborado no âmbito da disciplina *O português e os seus falares regionais*.

em nomes de animais (zootopónimos: *Vale das Ovelhas, Vila Nova de Cerveira*), motivados em nomes de plantas (fitotopónimos: *Carvalho, Olival, Teixeira*), motivados em nome ligados à religião (hagiotopónimos: *Lameira de S. Geraldo, S. João da Caparica*).

Tenho anotado, por curiosidade, nomes de localidades por onde vou passando — é um divertimento... — e procurando saber a origem desses nomes. Dou alguns exemplos, começando por referir topónimos do concelho de Almada: *Alfeite, Banática, Caparica, Lazarim, Pera, Porto Brandão, Sobreda*.

Outras localidades por onde tenho passado e cujos nomes suscitaram a minha curiosidade, de norte para sul:

– *Azinhoso, Brucó, Meirinhos, Remondes, Sanhoane, Tó, Urrós, Vilarinho dos Galegos*, no concelho de Mogadouro; *Maçores*, no concelho de Moncorvo;

– *Cabril, Dornelas do Zézere, Fajão, Machio, Cadavoso, Sancha Moura*, no concelho de Pampilhosa da Serra...

– *Óis da Ribeira*, concelho de Águeda; *Óis do Bairro*, concelho de Anadia. *Óis*, deriva talvez de uma língua celta, do termo *olis*, que significa ‘terra alagadiça e baixa’. O termo encontra-se em mais palavras portuguesas e provavelmente na palavra *Lisboa*, que remonta a *Olisippo*, datável de época anterior à conquista romana.

– *Alcôrrego*, concelho de Avis, do árabe *al* + *côrrego*. *Côrrego* ou *córrego* do latim hispânico que significa ‘regio ou vala de água onde se lavam metais’...

– *Odemira, Odeceixe* (ou *Odesseixe*) e *Odeleite*, palavras iniciadas por *ode* — do árabe, que significa ‘rio’...

Iremos continuar com curiosidades deste tipo...

Correio da Usalma, n.º 34, p. 13

Memória de uma prisão: as décimas de Bento dos Ramos Boino (1893-1977)¹

Aluna Leonor Boino

Entende-se geralmente por décima toda a estrofe de dez versos. Contudo, quando se fala a respeito da cultura popular portuguesa, a referência às décimas é feita em relação a um género poético da literatura oral que tem sido especialmente cultivado nas regiões alentejanas. E não se pense que é um género exclusivo de Portugal. Na verdade, compõem-se décimas noutras paragens, em regiões que guardam afinidades profundas com a cultura do Alentejo, como seja o Sul de Espanha e toda a América Latina, incluindo o Brasil. As décimas alentejanas são geralmente constituídas por um mote,

¹ Trabalho elaborado no âmbito da disciplina “O português e os seus falares regionais”; agradece-se a colaboração do sénior António Amável na redação do texto introdutório e na edição das décimas.

seguido por quatro estrofes de dez versos, cada qual terminando com um verso da quadra inicial. A rima obedece tradicionalmente ao esquema abba-acddc, e o verso costuma ser de sete sílabas.

O autor dos versos a seguir apresentados chamava-se Bento dos Ramos Boino. Nascido em 1893, em Alcôrrego, no concelho de Avis, Boino foi toda a vida agricultor, mas também gostava de cantar o fado, cantigas ao desafio e sobretudo versejar, muitas vezes aos fins de semana, entre amigos, numa ou noutra tasca (em Alcôrrego, ficou famosa a tasca do Paulino, que já não existe). Em meados dos anos 60 do século passado, ainda durante o regime autoritário de Salazar, o talento de Bento Boino para compor décimas motivou um familiar seu a pedir-lhe uns versos dedicados a um irmão que estava preso no forte da Trafaria. Passados 50 anos, as décimas agora divulgadas são o registo esquemático mas comovente de uma visita a esse “irmão”, cuja situação é referida como injusta e se explica provavelmente pelo clima de perseguição política da época. O poema documenta, portanto, um drama pessoal e familiar que se somou aos muitos que caracterizaram esses tempos sombrios da vida coletiva portuguesa.

Mote

Ó irmão, já sei que estás
Preso aí nessa prisão.
*Prenderem*¹ quem mal não faz,
São homens sem coração.

I

Eu já sei avaliar
Qual é o teu sofrimento,
Porque já estive algum tempo
Sem ter culpas a pagar.²
Hoje tens que te conformar,
Porque és sempre o mesmo rapaz
E tu nunca voltas para trás,
És estimado por toda a gente.
A pagar inocentemente,
Eu já sei que tu que estás.

II

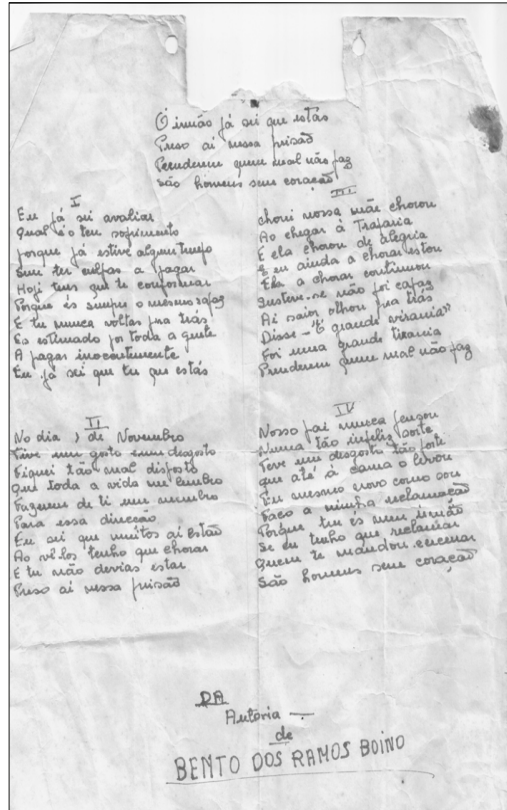
No dia 1 de Novembro
Tive um gosto e um desgosto,
Fiquei tão mal disposto,
Que toda a vida me lembro
Fazerem de ti um membro
Para essa direcção.
Eu sei que muitos aí estão;
Ao vê-los tenho que chorar,
E tu não devias estar
Preso aí nessa prisão.

III

Chorei, nossa mãe chorou
 Ao chegar à Trafaria
 E ela chorou de alegria
 E eu ainda a chorar estou.
 Ela a chorar continuou,
 Susteve-se, não foi capaz.
 Ao sair olhou para trás,
 Disse: “É grande virania.”³
 Foi uma grande tirania,
 Prenderem quem mal não faz.

IV

Nosso pai nunca pensou
 Numa tão infeliz sorte.
 Teve um desgosto tão forte
 Que até à cama o levou.
 Eu mesmo, novo como sou,
 Faço a minha reclamação,
 Porque tu és meu irmão.
 Se eu tenho que reclamar,
 Quem te mandou encerrar
 São homens sem coração.
 Bento dos Ramos Boino



Correio da Usalma, n.º 35, p. 3 e 4

Notas:

¹Prenderem: na quadra do mote, pode estar por *prenderam*, porque a confusão de *-em* e *-am* é um dialetalismo muito frequente nos dialetos portugueses centro-meridionais. No entanto, é também de admitir que *prenderem* ocorre conforme o uso da norma-padrão e que a articulação gramatical dos versos no mote não é a mais convencional, permitindo-se o autor justapor diferentes sequências ou orações que depois poderão ter um encadeamento mais regular, como acontece na terceira estrofe (“Foi uma grande tirania/prenderem quem mal não faz”).

² Dois versos obscuros: o sujeito do enunciado também já teria estado preso injustamente?

³“Virania”, por *vilania*.

Disciplinas da USALMA: O português e os seus falares regionais

Prof. Carlos Rocha

Este curso foca a descrição dos falares regionais de Portugal e de outros países lusófonos, sem descurar a história e a caracterização da norma-padrão do português contemporâneo. Tem como objetivos

- compreender a norma como elaboração social não confundível com o conjunto de realizações da língua portuguesa;
- relacionar os desvios à norma (os chamados erros) com a história da língua, com a diversidade social e com a diferenciação comunicacional;
- valorizar e recolher formas de expressão linguística marginalizadas pela norma-padrão.

A gestão flexível do curso determina a seleção alargada de conteúdos, em sintonia com o que na comunicação social e, em especial, na Internet se diz sobre o português. As atividades das aulas consistem sobretudo na leitura/observação de materiais escritos ou em suporte audiovisual, disponíveis na Internet, direta ou indiretamente relacionados com a variação dialetal no território português e noutros países onde a língua portuguesa tenha alguma forma de estatuto (língua materna, administrativa, segunda, de herança). Os seniores são estimulados para discutir os temas com base na sua própria experiência de falantes de variedades regionais do português. O facto de o docente exercer funções no portal Ciberdúvidas da Língua Portuguesa favorece o acesso a materiais em linha com interesse pela sua atualidade, pela sua qualidade científica e pelas suas virtualidades pedagógicas.

Refira-se que, no âmbito de iniciativas alargadas a toda a USALMA, são muitas vezes concretizadas propostas para a realização de palestras sobre tópicos relativos à diversidade linguística em Portugal e à variação da língua portuguesa no mundo atual.

Correio da Usalma, n.º 39, p. 8

176

Concordância... ou talvez não...

Prof. Edite Prada

No início de mais um ano letivo, o desafio lançado em Língua e Cultura Portuguesa foi a escrita de algo, tendo como ponto de partida a pergunta *Quem é eu?*

Os seniores não foram informados previamente de que se tratava de uma frase extraída do *Livro do Desassossego*, fechando um texto reflexivo sobre a complexidade e diversidade do sujeito:

«Meu Deus, meu Deus, a quem assisto? Quantos sou? Quem é eu? O que

este intervalo que há entre mim e mim?» P. 25

Foram, tão-somente, confrontados com uma pergunta cuja forma desobedece às mais elementares (porque o texto é curto... e não justifica deslizés...) regras de concordância...

Neste exercício, meramente académico, cada sénior assumiu a sua própria forma de ver o problema, assumindo que haveria um problema... Surgiram comentários orais, incertezas... dúvidas... Afinal, será que o português já mudou tanto que «isto» se pode dizer? Interrogaram-se alguns... Ter-se-á a professora enganado? Alvitram outros... Como descalçar esta bota? Pensaram outros... e puseram mão à obra... de forma mais poética, assumindo a sua própria pessoa, como entidade envolvida na questão (respeita-se a grafia de cada autor...):

Quem é eu?

Aluna Maria Marques Rodrigues Teixeira

Quem...

... é uma pergunta?

Se é, o que significa?

Indica pessoa, objeto?

Gramaticalmente, não é adjetivo, não é substantivo, não é artigo. É um pronome...

Indica alguém, que terá dito, ou feito, algo...

É...

É tem sentido afirmativo.

Aplica-se a pessoas. Liga-as a predicativos...

É real... é verdadeiro... É assertivo, na conversa...

Gramaticalmente, é um verbo... o verbo ser, presente, terceira pessoa do singular...

Eu...

Eu... quem sou? Pensarei eu nisso?

Será que, por vezes, o que digo, sou, realmente, eu quem o diz? Será que sou eu que falo? Sou comunicativa... Gosto de ler, de viajar, de fazer caminhadas a pé...

Terei eu sido sempre solidária para com o próximo, em momentos de desespero?

Será que às vezes, sei ser companheira em alturas de tristeza que a vida nos traz?

Eu sei ser alegre, optimista, corajosa, sensível.

Será que sou disciplinada?

Sei ser companheira para com as outras pessoas...

Sou amiga verdadeira...

Saberei demonstrar amor e carinho face a quem esteja em sofrimento?

Em tudo na vida procurei sempre ser honesta para comigo própria e para

com o meu próximo.

Conseguirei sempre ser

Sensível?

Solidária?

Verdadeira?

Mas que fazer com este «eu» que se me impôs? Associa-se a, ou designa, muitas palavras, não só a nomes próprios... Usa-se em perguntas (tantas vezes sem resposta...)... em sugestões... em ideias... em pensamentos... em pormenores...

Eu... serei eu quem este **eu** interpela? Ou está em causa um ser surreal...

Se de mim se trata, sou igual a mim própria...

Ou de forma mais técnica, mais normativa, problematizando as regras de bem escrever...

Quem é eu?

Aluna Lucília Quaresma

Não é fácil sair desta!

Estou em crer que o título do trabalho de casa que nos foi proposto pela professora da disciplina de Português não está escrito em português correto. É que não me “soa bem”... E esse erro (se é que existe) é de difícil solução/explicação. Pelo menos para mim!

Quem é eu? Creio que, em «dialeto» africano, talvez se pudesse considerar correta a frase!! Na língua portuguesa, não. Pelo que sei e pelo pouco de que ainda me recordo dos meus tempos de estudante, numa oração terá que existir sempre concordância, em número e pessoa, entre o sujeito e o verbo a que o mesmo está associado, o que não acontece na frase em apreço.

Existem, contudo, algumas excepções quanto à dita concordância.

Uma delas verifica-se precisamente com o verbo SER e quando o sujeito da oração é o pronome interrogativo QUEM, tal como nos é apresentado no título do trabalho. Nestes casos, o verbo passa a concordar com o predicativo do sujeito e não com o sujeito. Só que, mesmo assim, na frase em questão temos como sujeito o pronome interrogativo QUEM, mas temos o verbo SER na 3.^a pessoa do singular (É) e o predicativo do sujeito (EU) na 1.^a pessoa.

178

Logo, e para que houvesse a necessária concordância (verbo/predicativo do sujeito), deveriam estar ambos os elementos redigidos na primeira pessoa do singular “SOU EU”. E não “É EU”. Assim sendo, esta frase, para que pudesse ser considerada correta, deveria ter como redacção QUEM SOU EU?

Pensando, mesmo assim, que o que acima exponho faz algum sentido, imagino também que não seria este o objectivo pretendido quando nos foi proposto o trabalho... Mas nada mais me ocorre para conseguir sair “airosamente desta questão”!

25 Outubro 2013

Houve, ainda, trabalhos que assumiram a professora como indivíduo de-

signado por aquele *eu...* E a professora escusa-se a dá-los à estampa para não parecer demasiado vaidosa...

E o que pretendia, afinal, a professora com este desafio? Dar umas dicas sobre a diferença entre criatividade linguística - aquela de que todos somos agentes e que nos permite produzir e reconhecer palavras e frases nunca antes pronunciadas ou ouvidas - e criatividade literária, ou artística, que só alguns, os grandes escritores, possuem e que lhes permite, qual pintor usando as tintas, perverter as regras para, dessa forma, obter sentidos outros...

Então os grandes escritores não estão sujeitos às regras de bem escrever? Perguntarão... Claro que sim... Da mesma forma que um bom pintor deverá dominar as regras básicas do desenho... mas, da mesma forma que o artista-pintor pode produzir trabalhos que aparentemente fogem às regras básicas para fazer passar uma mensagem mais abrangente, momentos há em que o artista-escritor se torna mais eficaz manipulando de forma diversa a matéria-prima de que se serve.

A grande diferença entre o artista-pintor e o artista-escritor é que este dispõe da mesma matéria-prima para criar e para pedir um café e um bolo na pastelaria da esquina... ou para dizer que lhe dói a cabeça... ou para...

Correio da Usalma, n.º 34, p. 11-12

Disciplinas da USALMA Escritores da Península Ibérica I

Prof. Fátima Domingues (Myriam Jubilot de Carvalho)

Tendo sempre presente considerar a Península Ibérica como uma Encruzilhada de Culturas, pretende-se com o programa da disciplina Escritores da Península Ibérica apresentar uma panorâmica dos escritores peninsulares mais representativos das diferentes épocas e correntes literárias, ao mesmo tempo que se reflete sobre o seu enquadramento na cultura geral do seu tempo. Neste primeiro ano desta disciplina, faremos uma panorâmica do que foi a vida intelectual da Península Ibérica, da Antiguidade e Idade Média.

Num tempo em que o audiovisual integra o nosso dia a dia, os textos serão apresentados e estudados, com apoio visual e/ou áudio, e acompanhados de documentação a propósito, numa perspetiva de partilha entre Professora e Estudantes. Na sequência desta apresentação, será lançado o desafio à Escrita, que será de adesão facultativa, caso os/as Estudantes estejam interessados/as neste tipo de experiência. No final de cada período, ou sempre que se manifeste necessário, haverá um diálogo dedicado a avaliação enquanto aferição de critérios, bem como a avaliação qualitativa dos trabalhos realizados pelos/as Estudantes, com o objetivo de melhorar pormenores de exposição e apresentação.

Correio da Usalma, n.º 39, p. 8

Imagem 30 anos - Que futuro?¹

Pintor Louro Artur
Prof. da USALMA

No início da tarde de 8 de julho de 1982, um grupo de artistas plásticos, com moradas ou oficinas artísticas em Almada, oficializou uma Associação que abriria depois a sua sede própria, em prol da intervenção cultural na comunidade almadense. O seu projeto nasceu das ideias debatidas no Grupo *Dragão Vermelho*, nos princípios dos anos 60 do século passado, e amadurecido pelos conceitos artísticos e mutações sociais decorrentes no pós-25 de abril.

Os Estatutos da Imagem - Associação de Artistas Plásticos de Almada, referenciados no catálogo da primeira Exposição, na antiga Oficina da Cultura (Campo de S. Paulo) são, ainda hoje, objeto de crítica e reflexão sempre que se criam programas anuais de atividade.

Relembramos as suas finalidades:

- a) A promoção dos seus associados através da divulgação dos seus trabalhos e da criação de condições para o melhoramento da sua atividade artística;
- b) A organização de exposições e outras manifestações artísticas e culturais que, contribuindo para a formação e informação dos associados, sejam ao mesmo tempo um fator de progresso cultural para a população do concelho;
- c) A manutenção de um espaço para exposição e venda da produção dos artistas associados ou de outros que a Associação considerar de interesse. Este espaço estará aberto a todas as formas de expressão artística, para além das formas plásticas tradicionais;
- d) A cooperação com outros grupos e associações de cultura, nacionais ou estrangeiros, pelos meios que forem julgados convenientes;
- e) A edição de publicações e organizações de cursos relacionados com as artes plásticas, assim como a efetivação de encontros de reflexão e perspetivação de trabalho artístico e cultural.

Neste universo de intervenção, existem fatores de atualidade que envolvem todos os objetivos da Associação. Trata-se dos complexos sistemas de informação - comunicação e o sentido criativo de que se revestem.

Com 30 anos de existência, a Associação prepara o amanhã com a criação de um Núcleo Jovem. Qualquer estudante da área das Artes, nos finais do Secundário ou nos primeiros anos do Superior, poderá integrar um grupo autónomo ligado à Associação. Esta estará também aberta para receber jovens autodidatas que desenvolvam trabalhos contínuos nestas áreas. A este sinal de futuro opõe-se uma visão do presente opaco e inquietante. A Associação de Artistas Plásticos atenta às mutações artísticas, nacionais e internacionais, sente que se vive um clima de fim de ciclo, apesar da existência cada vez maior de Associações e Grupos de artistas, que se desdobram em

intervenções pelo país. Este fenómeno associativo, pouco estudado, poderá marcar o século XXI em Portugal. Na atualidade, as formas estéticas e as expressões individuais movimentam-se em ecletismos neo-modernos, apoiadas pela chamada civilização do espetáculo, cheia de banalidades e lugares comuns. Neste universo referido, junta-se uma crise de valores, sustentada por uma economia decadente e um futuro incerto.

Numa entrevista ao *Jornal Público*, em 1995, o Pintor Jorge Pinheiro, depois de uma memorável exposição na Casa da Cerca, afirmava: *Meto o modernismo todo nos Museus e trago para fora os primórdios da nossa civilização...* e perante a pergunta do jornalista. *Fale-nos apenas das razões culturais dessa viagem, da justificação das fontes gregas a que recorre...*, o pintor responde: *É um ato deliberado e consciente. Não entendo o tipo de expressão que se continua a fazer a nível internacional. Penso que as coisas de carácter concetual estão esgotadas, que se repetem há muito. Isto liga-se com aquilo que eu penso ser a expressão do fim de uma civilização. Estamos nesse fim e eu estou pessimista. Há uma incapacidade ideológica de renovação estética...* No livro *Arte Portuguesa da Pré-História do Sé.XX* (capítulo 9, pág. 72), o historiador de Arte Paulo Pereira escrevia: (...) *no momento em que estas linhas são escritas (finais de 2005) a história de arte em Portugal entrou num período de letargia. O juízo pode ser contestado, mas a contração editorial, a inexistência de revistas especializadas ou de grande circulação, o abrandamento, por razões aparentemente orçamentais, da realização de exposições de grande fôlego ditam um ambiente académico avesso à renovação metodológica. Tudo isto cria descontinuidade, precisamente numa altura em que os licenciados nesta área disciplinar atingem a profissionalização...*

Avaliar um tempo, definir problemas, investigar de forma eficaz, de modo a selecionar as melhores soluções, e atuar de acordo com os valores humanos universais são fatores metodológicos preponderantes, para se encontrar um futuro de esperança. São estas as tarefas do Homem novo, que todos deverão estar empenhados em construir. Para terminar, volta a estar em cima da mesa a *Carta Universal dos Direitos do Homem*.

Correio da Usalma, n.º 33, p. 9

¹ Texto publicado pelos 30 Anos da *Imagem* – Associação de Artistas Plásticos de Almada, 2013.

Um olhar dos alunos sobre a disciplina de Poder Local e Cidadania do professor Antão Vinagre

Alunos *Ana Santos, Hélia Abril, José Oliveira, Manuel Teixeira, Mário Carvalho*

Sem deixar de ter em conta o programa síntese, que a seguir se transcreve e que é apresentado no início do ano letivo, para apreciação/discussão, e onde constam objetivos e conteúdos gerais da disciplina, o professor utiliza uma metodologia que privilegia a participação dos alunos na perspetiva de aula aberta, relativamente a conteúdos/temas, desde que os mesmos se enquadrem nos objetivos da disciplina e a sua atualidade seja pertinente no âmbito da comunidade em que estamos inseridos.

Objetivos da disciplina

- Proporcionar a aquisição de um quadro teórico sobre a problemática do Poder Local e a Cidadania.
- Promover a compreensão da estrutura, funcionamento e competências/atribuições dos órgãos autárquicos em Portugal.
- Possibilitar uma aproximação entre cidadãos eleitos e cidadãos eleitores.
- Incentivar uma maior intervenção cívica na comunidade local como uma dimensão da cidadania.
- Contribuir para o conhecimento da intervenção dos órgãos autárquicos na nossa comunidade/concelho.

Síntese dos conteúdos

- O Local e o Global.
- Cidadania e Democracia Participativa.
- História do Poder Local em Portugal.
- O Poder Local no contexto da União Europeia.
- Poder local e Autarquias em Portugal: organização e poderes institucionais.
- Os órgãos autárquicos no nosso concelho: A intervenção autárquica na perspetiva dos seus atores.

Assim foram abordados e discutidos diversos temas, nomeadamente:

- Constituição e respetivas revisões;
- eleições autárquicas e legislativas;
- aplicação do método de Hondt;
- cálculo dos vencimentos dos deputados;
- autarquias e seus órgãos;
- Grandes Opções do Plano/Plano de Atividades e Orçamento;
- Relatório e Conta de Gerência;

- Plano Diretor Municipal;
- orçamento participativo – experiências em Portugal;
- representação dos eleitos locais nos órgãos da União Europeia;
- lei das finanças locais e sua aplicação;
- receitas das autarquias;
- Poder Local no nosso Concelho.

Esta disciplina tem-nos permitido um elevado enriquecimento em conhecimento dos nossos direitos e deveres, como munícipes, fregueses e cidadãos.

Este enriquecimento tem sido obtido nas aulas, mas especialmente nas visitas de estudo efetuadas a várias entidades e órgãos do poder local eleito, a vários níveis.

Das entidades visitadas, destacamos as seguintes:

- Juntas de freguesia;
- Palácio da Cerca;
- Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Almada;
- Assembleia Municipal;
- Arquivo Histórico da CMA;
- Museu da Cidade;
- Centro de Dia da Alma Alentejana.

Por todas as entidades fomos recebidos com elevada simpatia e admiração, atendendo a que, todos nós, que já somos possuidores de várias dezenas de anos, manifestávamos interesse em coisas do poder local e cidadania.

Ficámos surpreendidos, em todas as entidades visitadas, pelo interesse evidenciado em nos dar a conhecer o trabalho desenvolvido e esforçado em prol da comunidade.

Ficámos a saber que as entidades visitadas têm interesse em que os cidadãos sejam mais participativos nas causas públicas.

Por ser um bem de primeira necessidade, achamos por bem destacar, a título de exemplo, a visita efetuada aos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Almada. Aqui, fomos recebidos pelo Senhor Presidente do SMAS de Almada, Sr. Dr. José Gonçalves, e demais colaboradores, tendo-nos sido comunicado o esforço faseado para que hoje a população de Almada tenha um serviço de abastecimento de água de grande qualidade.

Um dos últimos conteúdos/temas que propusemos, e que acordámos tratar numa das aulas, foi a problemática do imposto IMI (Imposto Municipal sobre Imóveis).

Da abordagem que efetuámos, apoiada na documentação, que previamente nos foi enviada pelo professor, e nas questões/orientações que o mesmo nos propôs nas aulas, efetuámos alguma reflexão e obtivemos alguma informação que julgamos ter interesse divulgar numa próxima edição do nosso jornal, na perspetiva de educação para a cidadania.

Conclusão

Procurámos abordar assuntos atuais, com incidência local e nacional, como por exemplo a municipalização do ensino em Portugal. Para nós foi uma experiência enriquecedora, como cidadãos e almadenses, pois reforçámos os nossos conhecimentos sobre os órgãos locais, suas atribuições e competências, seus objetivos e como participar neles, particularmente tomámos conhecimento de experiências de participação cidadã nos Orçamentos Participativos. Tomámos mais consciência dos nossos direitos e deveres, enquanto cidadãos e munícipes, como por exemplo a importância do voto na vida comunitária.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 23 e 24

USALMA entre gerações

Seniores da USALMA partilham leituras com jovens da Secundária Fernão Mendes Pinto

Prof. Edite Prada

Desde o ano letivo 2012/2013 a Universidade Sénior de Almada – USALMA tem vindo a interagir com a escola secundária Fernão Mendes Pinto, envolvendo alunos da comunidade escolar e seniores da disciplina de Língua e Cultura Portuguesa e do Clube de Leitura.

O projeto desencadeou-se ao longo do ano letivo e materializou-se em quatro encontros decorridos em novembro de 2012, janeiro, março e maio de 2013. No presente ano letivo tiveram, já, lugar dois encontros, um em novembro de 2013 e outro em janeiro de 2014. Perante o desafio de participar, os seniores demonstraram interesse imediato. Habitados a conviver, mais ou menos de passagem, com os jovens, por via da presença da USALMA nas escolas, os seniores viram nesta participação uma possibilidade de interagir de forma efetiva com os mais jovens.

Desde o início, e assumindo alguma liberdade na seleção das obras a ler, os seniores fazem a sua escolha e apresentam as suas leituras, trazendo para o espaço de encontro obras de autores almadenses, por vezes de forma discreta, como aconteceu com Bulhão Pato, no primeiro encontro, em 26 de novembro de 2012, assinalando o centenário da sua morte, por vezes de forma mais enfatizada e explícita; assim aconteceu com autores, alunos e professores da USALMA, em 28 de janeiro de 2013, com a apresentação do livro *Papa-Açorda*, de Vicente Coias, sénior membro da comunidade de leitores constituída e do livro *Melodia de Água*, de Américo Morgado, professor da USALMA; assim aconteceu em 4 de março, com leitura de textos de Romeu Correia; assim aconteceu a 6 de maio, com *A Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, no ano em que se celebram os 450 anos da vinda do autor para Almada.

Outros seniores optaram por apresentar e ler textos de sua autoria. Proce-

deu assim Maria Marques, ao ler um texto sobre o mar.

Ao longo das sessões, os seniores vão participando e manifestando, de forma mais ou menos discreta, a sua forma de ver esta iniciativa. Para a grande maioria, ela constitui um modelo de interação que a todos enriquece e que leva alguns a tomar consciência da complexidade que é o contacto com os jovens e a vida na comunidade escolar. São sensíveis à necessidade que, por vezes, os jovens têm de interromper a sua participação porque na aula seguinte há teste, ou preparação para um teste. São sensíveis à dificuldade de gestão do espaço-aula por parte do professor, de forma a chegar a todos e a cada um no respeito pela sua individualidade, mas no cumprimento de um programa pré-estabelecido. São sensíveis à preparação e ao entusiasmo dos jovens que, de um modo organizado, demonstram o seu envolvimento no projeto. E motivam-se e dão o seu melhor, fazendo a sua professora viver momentos de grande orgulho e realização! Bem sei que o mérito não é meu, mas como sabe bem vê-los ser elogiados pela Vossa prestação, meus caros amigos!!!

Manifestaram o seu orgulho quando, no final do ano letivo anterior, presenciaram a entrega do Diploma de participação à professora e ficaram encantados quando, no final do ano, lhes foi entregue um desdobrável com a reprodução desse diploma bem como de fotos representando cada um dos encontros.

Salienta-se a descoberta que tem sido, para a professora destes jovens seniores, dos dotes de interação e de capacidade de ler, ou recitar, ou resumir textos e obras de forma mais espontânea ou mais preparada. A preocupação pedagógica que alguns participantes adotam em diversos momentos é, também, reveladora da forma de estar e de ver a relação intergeracional.

Por tudo o que tem vindo a ser vivido e sentido, é uma experiência válida e que merece o alargamento que formos capazes de lhe dar.

Correio da Usalma, n.º 34, p. 9-10

Fernão Mendes Pinto e a Sua *Peregrinação* na Outra Banda (1563-1583)

Aluna Madalena Branco

185

Foi no passado dia 2 de Abril de 2013, na Academia de Marinha, em Lisboa, perante um auditório repleto de membros da mesma instituição e outros convidados, incluindo a presença de alunos e alguns professores da USALMA e uma representação da Presidência da Câmara Municipal de Almada, que Alexandre Magno Flores, historiador e bibliotecário-arquivista da CMA, e nosso professor da disciplina «História de Almada» da Universidade Sénior, apresentou uma importante conferência com o título «Fernão Mendes Pinto e a sua *Peregrinação* na Outra Banda (1563-1583)», dedicada ao célebre escritor e “andarilho

das sete partidas do século XVI, no âmbito dos 450 anos da sua ida para o concelho de Almada.

Alexandre Flores destacou nesta conferência, sobretudo os últimos 20 anos da vida que FMP viveu no concelho de Almada, aqui constituindo família e convivendo com o meio e sociedade locais, quer como Irmão da Misericórdia, quer como Juiz da vila e Mamposteiro de S. Lázaro e da Albergaria. Referiu-se, em particular, a importantes figuras históricas nacionais contemporâneas de FMP em Almada, tais como D. João de Portugal, Francisco de Sousa Tavares, Manuel de Sousa Coutinho (Frei Luís de Sousa), Frei Tomé de Jesus, Diogo de Paiva Andrade e Francisco de Andrade, cronista-mor do Reino, responsável pela revisão da primeira edição da obra maior da literatura portuguesa *Peregrinação*, editada em 1614, e que nos séculos XVII e XVIII foi traduzida e editada em mais de sete idiomas diferentes, o que constituiu um dos maiores sucessos literários da língua portuguesa na Europa.

Foi na sua quinta da Outra Banda, em Palença, que FMP escreveu a sua obra, a qual ofereceu aos seus filhos. Aqui recebeu ilustres visitantes, tais como João de Barros, Bernardo Neri (embaixador do Cosme I de Medici, Grão-duque da Toscana) e Giovani Petri Maffei (historiador da Companhia de Jesus), interessados nas notícias que FMP trouxe do Oriente. Foi também em Almada que FMP terá contado ao próprio D. Filipe II de Espanha (I de Portugal) as suas memórias de viagem.

Nesta conferência, foram divulgadas notícias inéditas sobre a vida de FMP, com destaque para a identificação das filhas de Fernão Mendes Pinto.

O texto da conferência será divulgado ao público na próxima publicação dos *Anais da Academia de Marinha*.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 17

O discernimento do Papa Francisco

186

Primeira Exortação Apostólica - *Evangelii Gaudium*, Papa Francisco, Roma, 24 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.news.va/pt/news/primeira-exortacao-apostolica-de-papa-francisco-te>.

Prof. Ernesto Fernandes

Nota de Enquadramento

No campo da Doutrina Social da Igreja, instituída pela encíclica *Rerum Novarum* (1891) de Leão XIII, o documento do Papa Francisco articula-se com a tradição de outros documentos pontifícios, como sejam: *Pacem in Terris* (1963), de João XXIII; *Populorum Progressio* (1967), de Paulo VI; *Sollicitudo Rei Socialis* (1987), de João Paulo II.

Independentemente da posição filosófica ou religiosa de cada pessoa, direito de liberdade integrante dos direitos cívico-políticos, creio que é pertinente e atual refletir sobre excertos da *Exortação*, do Papa Francisco no:

Capítulo II – Na Crise do Compromisso Comunitário:

51. Não é função do Papa oferecer uma análise detalhada e completa da realidade contemporânea, mas animo todas as comunidades a «uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos». Trata-se duma responsabilidade grave, pois algumas realidades hodiernas, se não encontrarem boas soluções, podem desencadear processos de desumanização tais que será difícil depois retroceder.

1. Alguns desafios do mundo actual

52. A humanidade vive, neste momento, uma viragem histórica, que podemos constatar nos progressos que se verificam em vários campos. São louváveis os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas, por exemplo, no âmbito da saúde, da educação e da comunicação. Todavia não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade. Esta mudança de época foi causada pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, velozes e acumulados que se verificam no progresso científico, nas inovações tecnológicas e nas suas rápidas aplicações em diversos âmbitos da natureza e da vida. Estamos na era do conhecimento e da informação, fonte de novas formas dum poder muitas vezes anónimo.

Não a uma economia da exclusão

53. Assim como o mandamento «não matar» põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer «não a uma economia da exclusão e da desigualdade social». Esta economia mata. Não é possível que a morte por enregelamento dum idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. (...)

Já não se trata simplesmente do fenómeno de exploração e opressão, mas duma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são «explorados», mas resíduos, «sobras».

54. Neste contexto, alguns defendem ainda as teorias da «recaída favorável» que pressupõem que todo o crescimento económico, favorecido pelo livre mercado, consegue por si mesmo produzir maior equidade e inclusão social no mundo.(...)

Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença.

Não à nova idolatria do dinheiro

55. Uma das causas desta situação está na relação estabelecida com o dinheiro, porque aceitamos pacificamente o seu domínio sobre nós e as nossas sociedades. A crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano.

56. Enquanto os lucros de poucos crescem exponencialmente, os da maioria situam-se cada vez mais longe do bem-estar daquela minoria feliz. Tal desequilíbrio provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. Por isso, negam o direito de controle dos Estados, encarregados de velar pela tutela do bem comum. Instaura-se uma nova tirania invisível, às vezes virtual, que impõe, de forma unilateral e implacável, as suas leis e as suas regras. Além disso, a dívida e os respetivos juros afastam os países das possibilidades viáveis da sua economia, e os cidadãos do seu real poder de compra. A tudo isto vem juntar-se uma corrupção ramificada e uma evasão fiscal egoísta, que assumiram dimensões mundiais. A ambição do poder e do ter não conhece limites. Neste sistema que tende a fagocitar tudo para aumentar os benefícios, qualquer realidade que seja frágil, como o meio ambiente, fica indefesa face aos interesses do mercado divinizado, transformado em regra absoluta.

Não a um dinheiro que governa em vez de servir

57. Por detrás desta atitude, escondem-se a rejeição da ética e a recusa de Deus. Para a ética, olha-se habitualmente com um certo desprezo sarcástico; é considerada contraproducente, demasiado humana, porque relativiza o dinheiro e o poder. É sentida como uma ameaça, porque condena a manipulação e degradação da pessoa. Em última instância, a ética leva a Deus que espera uma resposta comprometida que está fora das categorias do mercado.

58. Uma reforma financeira que tivesse em conta a ética exigiria uma vigorosa mudança de atitudes por parte dos dirigentes políticos, a quem exorto a enfrentar este desafio com determinação e clarividência, sem esquecer naturalmente a especificidade de cada contexto. O dinheiro deve servir, e não governar!

Não à desigualdade social que gera violência

59. Hoje, em muitas partes, reclama-se maior segurança. Mas, enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos, será impossível desarreigar a violência. Acusam-se da violência os pobres e as populações mais pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, há-de provocar a explosão. Quando a sociedade – local, nacional ou mundial – abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos, nem forças da ordem ou serviços secretos que possam garantir indefinidamente a tranquilidade. Isto não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reacção violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e económico é injusto na sua raiz.

60. Os mecanismos da economia actual promovem uma exacerbação do

consumo, mas sabe-se que o consumismo desenfreado, aliado à desigualdade social, é duplamente daninho para o tecido social. Assim, mais cedo ou mais tarde, a desigualdade social gera uma violência que as corridas armamentistas não resolvem nem poderão resolver jamais. Servem apenas para tentar enganar aqueles que reclamam maior segurança, como se hoje não se soubesse que as armas e a repressão violenta, mais do que dar solução, criam novos e piores conflitos. Alguns comprazem-se simplesmente em culpar, dos próprios males, os pobres e os países pobres, com generalizações indevidas, e pretendem encontrar a solução numa «educação» que os tranquilize e transforme em seres domesticados e inofensivos. Isto torna-se ainda mais irritante, quando os excluídos vêm crescer este câncer social que é a corrupção profundamente radicada em muitos países – nos seus Governos, empresários e instituições – seja qual for a ideologia política dos governantes.

Nota Final

A Exortação *A Alegria do Evangelho* dirige-se aos *fiéis cristãos*. Pela leitura dirige-se também aos *homens de boa vontade*, segundo a cultura inovadora do Papa João XXIII.

Correio da Usalma, n.º 32, p. 11-12

A nossa língua

Prof. Edite Prada

I - Isso não se diz!?

Em 2000, o ilustre gramático brasileiro Evanildo Bechara, autor da *Moderna Gramática Portuguesa*, a qual já ultrapassou a 37.^a edição, afirmou que há duas coisas que não devem dizer-se sobre a nossa língua comum.

Por um lado, não se pode dizer a uma pessoa que apenas fala português, perante uma utilização menos feliz da língua «Isso não é português». Pois se essa pessoa só sabe falar português e se o que acabou de dizer não é português, o que será então?

Por outro lado, não deve dizer-se a alguém que pronunciou uma palavra, ou uma frase, de forma pouco convencional «Isso não se diz.» A pessoa acabou de o dizer, logo, diz-se, é dizível...

No momento em que assume a responsabilidade de publicar algo sobre a língua portuguesa, com a dupla responsabilidade de honrar o seu predecesor, Paulo Eufrásio, e de não desiludir cada um de vós, a recordação das afirmações de Evanildo Bechara obriga a autora destas linhas a situar-se num espaço algo fluido da língua, ali entre o seu uso ideal - assumido como correto a nível formal - e o uso real tantas vezes divergente mas, por isso, tão rico.

Quem nunca se confrontou com a evidência de transportar consigo o uso de uma expressão ou de uma palavra que causa estranheza ao seu ouvinte? Pela parte que me toca, muitas são as expressões, ou palavras, que trouxe da infância e do ambiente em que cresci e em que aprendi a falar. Muitas vezes, nem sempre de forma consciente, uso-as com a maior naturalidade, embora, aqui e ali, fujam claramente à norma padrão.

Recordam-se aqui apenas um ou dois exemplos de que me dei conta ainda não há muito tempo. A maior parte dos leitores, provavelmente, enceta uma conversa, da mesma forma que enceta um bolo. Pois a autora destas linhas não! Enceta uma conversa, mas enceta um bolo! Pois é! Será que «encertar» não é português?» Não está dicionarizada, mas é pronunciada pela larga maioria (para não dizer pela totalidade...) da população de uma dada aldeia lá bem no nordeste transmontano...

Ainda um outro exemplo: a maior parte das pessoas, quando observa uma dada situação, dá conta de alguns pormenores a que não estiveram atentos anteriormente. Mas há quem, em vez de *dar conta*, dê *à conta* desses pormenores!

Outros exemplos poderiam ser acrescentados, mas o objetivo é, tão-somente, colocar em análise e, preferencialmente, em discussão, a aceitabilidade de uma certa diversidade linguística, mais ou menos marginal face à norma-padrão, mas que se mantém viva e que é confortável para quem a usa.

Como veículo dos afetos, o português tem para nós essa característica e essa capacidade: fazer-nos regressar ao «ninho», tantas vezes causando incómodos sociolinguísticos quando aplicamos, numa comunicação que se pretende formal, uma estrutura menos admitida face à norma-padrão, o que nos embaraça...

E, todavia, a língua não se realiza de uma só forma pois, a par da norma-padrão, há muitas outras realizações que se materializam em comunicação e que, valha a verdade, a enriquecem.

Pensemos na nossa língua como se fora uma casa. A casa de um de nós. Mas com uma sala, sempre bem arranjadinha, para as visitas... Na casa da língua essa sala seria a norma padrão à qual recorreremos sempre que pretendemos elaborar um texto formal. No resto da casa ficam, mais ou menos desarrumadas, outras realizações que, de vez em quando, espreitam para a salinha arrumada e até entram. E por lá ficam...

Também há as que se cansam da arrumação e que preferem ir para um local menos arranjadinho. E saem e procuram outro poiso...

É assim na casa da língua!

E se entrarmos no quarto dedicado à literatura, a surpresa será enorme!

| | |
|---|--|
| <p>As palavras renascem. Folhas de clorofila humana, Brotam, crescem, Murcham, desaparecem, Mas renascem. Miguel Torga. <i>A sombra das palavras</i> Coimbra, 7 de Julho.</p> | <p>Poesia é brincar com palavras como se brinca com bola, papagaio, pião. Só que bola, papagaio, pião de tanto brincar se gastam. As palavras não: quanto mais se brinca com elas mais novas ficam.</p> <p>José Paulo Paes (Brasil). <i>Poemas para Brincar</i>. Edições Ática, 1990</p> |
|---|--|

Poderá o leitor ficar na dúvida... Então o que fazer quando precisar de escrever, ou o que fazer quando ensinar? A resposta só pode ser uma: é preciso recorrer ao quarto arrumadinho e ao quarto da literatura.

Profalmada, n.º 30, p. 10

II - O mundo das palavras

A nossa língua tem, inventariadas, mais de 800 mil palavras. Um dicionário do Português Fundamental tem entre três mil a cinco mil palavras...

O que fazemos nós, falantes, com estas palavras? Falamos, claro! E fazendo-o, comunicamos...

A beleza da nossa comunicação pela linguagem é que, com tantas palavras e tão diversas, na maioria das situações o discurso nos sai, espontâneo, simples... singelo...

E todavia, ao falarmos, ativamos toda uma organização altamente estruturada que está subjacente às palavras e se materializa na sua aplicação.

Poderíamos dizer que as palavras (partes do discurso no dizer de gramáticos de antanho) constituem uma sociedade organizada onde, a cada grupo (na sociedade da língua os grupos chamam-se classes - não sociais, mas de palavras!...), a cada classe de palavras é associado um papel claro e, quase sempre, inequívoco.

As classes de palavras que, hoje - nem sempre foi assim e muitos de nós temos clara memória de outras designações -, podemos identificar são: nomes (já lhes chamámos substantivos), verbos, determinantes, quantificadores, pronomes, adjetivos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições. O que, na sociedade das palavras, faz cada um dos elementos dos grupos identificados está inscrito na forma como os designamos. Assim, dizemos dos nomes que eles designam seres, coisas, qualidades, estados ou ações; quer isto dizer que através da pronúncia ou da escrita de uma dada palavra,

eu represento um elemento, concreto, abstrato, existente ou imaginado, da realidade que nos cerca.

Não nos esqueçamos de que na sociedade organizada das palavras tudo é virtual, ou seja, representado. É que por muito que digamos «cadeira», num momento de cansaço, se não estivermos próximo de uma cadeira real, não encontraremos forma de aliviar o nosso cansaço. Por muito que digamos água, nada mitigará a nossa sede, se, por perto, não houver a água que não tem cinco letras e sim hidrogénio e oxigénio, mas que se deixa representar pela palavra... Os nomes, são, afinal, no mundo das palavras, aqueles que representam os elementos da vida real. Como o Presidente da República representa a Nação que somos.

O Nome, enquanto representante de uma dada realidade, implica o uso de todo um protocolo: em vez de guarda-costas, tem determinantes e quantificadores. Em vez de mudar de fato, recorre a diferentes adjetivos. E o seu (os seus...) número dois, aquele que, na sua ausência, o representa, é o pronome... Ao nome e às entidades (palavras...) que o cercam poderemos chamar Grupo Nominal, que é uma organização social, uma espécie de associação...

Teremos então:

| | | | |
|----------------------------------|------|----------|---------------|
| Grupo Nominal | | | Grupo Nominal |
| Determinantes Quantificadores | Nome | Adjetivo | Pronome |

E já demos trabalho a metade da sociedade das palavras... E ainda não chegámos à frase... É que, para lá chegarmos, precisamos de outro elemento, de outra classe - de palavras, entenda-se - muito, muito importante: o Verbo.

O verbo, costumamos nós dizer, designa uma ação, um processo, um estado ou uma qualidade. O verbo é, uma espécie de executivo, mas é muito democrático! Em quase tudo quanto designa, implica o nome. Ele é «A casa é grande.»; ele é «O João está triste.»; ele é «A Maria viajou.»... mas ele é, também, «Chove.» (gosto mais de «Está a chover.»...), etc...

O verbo é muito poderoso. E as exigências protocolares que lhe estão subjacentes dependem muito das suas características. Pode ser totalitário (nós dizemos intransitivo...) e não precisa de apêndices. Pode ser mais amigo de partilhar (transitivo direto ou indireto; copulativo; pleno-dizemos principal; auxiliar). E, aí, vai precisar de elementos que andem consigo.

Quem o acompanha e porquê, veremos proximamente.

Hoje vamos ver qual a tarefa associada às classes de palavras ainda não indicadas...

O advérbio é, na sociedade das palavras, um incompreendido. Há quem ache que ele é um «lacaio» do verbo... *Ad verbum*, dizem-lhe muitas vezes, querendo dizer que o seu lugar é junto do verbo... Mas ele é um *bon vivant*,

passa o galicismo... pode relacionar-se com os verbos (não fazer...); pode relacionar-se com os adjetivos (muito alto...); pode relacionar-se com outros advérbios (muito longe). E até se não dá mal com alguns nomes (sem-cerimónia).

O que diremos da preposição? Diremos que é uma mediadora. Faz com que dois nomes «dialoguem» ou se relacionem. Ou melhor, traz para a sociedade virtual das palavras indicações sobre a forma como dois elementos designados (dois nomes) se relacionam na vida real das coisas. Perante os elementos *madeira* e *mesa*, a preposição permite-nos comunicar que ligação há entre estes dois elementos, por exemplo, em *mesa de madeira*... Há também muitos verbos cujas exigências protocolares os obrigam a recorrer às preposições. São os transitivos indiretos... "Obedecer ao professor"... "Gostar de maçãs"...

As preposições não são os únicos mediadores na sociedade da língua. Também as conjunções o são. Embora umas o sejam mais do que outras (numa dada classe, nem todos «sobem» igualmente na vida...). Podemos dizer das conjunções que umas são mais democráticas do que outras. É que umas, as subordinativas, não se limitam a relacionar, subjugam... e outras, as coordenativas, dão maior liberdade aos elementos que relacionam. E mais! Não são tão seletivas! Aquelas só passam cavaco a frases (orações...). Estas relacionam palavras, expressões, frases...

Marginalizada na sociedade da língua é, muitas vezes, a interjeição. Há os detratores que lhe não querem dar o estatuto de palavra, dizendo que é um pouco vaga, um pouco indecisa. Há os que a defendem e promovem, dizendo que, sozinha, vale por muitas palavras. Um *AI!* convincente vale por muitos «Dói-me aqui...»...

Se todas estas classes de palavras servem para representar a realidade, terão todas que ver, diretamente, com essa mesma realidade? Na verdade não. Apenas os nomes (coisas...), os verbos (ações...), os advérbios (espaço: aqui, tempo: agora...) e, em parte, as preposições (lugar...) têm uma relação direta com a realidade. As outras classes de palavras fazem parte da estrutura, ajudam a compor o ramalhete, são peças da engrenagem... Umhas, de forma mais subjetiva; outras, de forma mais objetiva.

Profalmada, n.º 31, p. 10-11

III - Palavras gramaticais e palavras lexicais

A divagação um pouco livre e muito informal que vimos fazendo sobre a língua leva-nos hoje a falar das palavras lexicais e das palavras gramaticais. Recordemos o final do texto publicado no número anterior:

Se todas estas classes de palavras servem para representar a realidade, terão todas que ver, diretamente, com essa mesma realidade? Na verdade não. Apenas os nomes (coisas...), ao adjetivos (qualidades...) os verbos (ações...), os advérbios (espaço: aqui, tempo: agora...) e, em parte, as preposições (lu-

gar...) têm uma relação direta com a realidade. As outras classes de palavras fazem parte da estrutura, ajudam a compor o ramallete, são peças da engrenagem... Umhas de forma mais subjetiva; outras de forma mais objetiva.»

Quer isto dizer que, para tecermos um texto, recorremos, por um lado, a palavras que designem realidades a que atribuímos sentido e que reconhecemos. **Casa, mesa, livro, triste, fazer, andar, aqui, agora, em cima de** são palavras que ativam na nossa memória recantos que nos levam a representar as realidades, sempre diferentes para cada um de nós, que cada uma delas carrega. São palavras lexicais que nos ajudam a, na dimensão convencional que a linguagem falada e escrita representam, veicular e entender, em diferido, a realidade que nos cerca.

Mas as palavras acima indicadas, assim, como se nos apresentam não possibilitam a construção de um texto coeso nem coerente. Precisamos de as organizar. Precisamos de recorrer a outras palavras que servem de laços de união. As palavras ditas **gramaticais** que, sem uma relação direta com a realidade que nos cerca, assumem uma posição relevante na tessitura que o texto constitui. São as palavras **gramaticais**. E são, também, as possibilidades de flexão que conduzem ao casamento harmonioso entre o conjunto de palavras transformadas em texto, ou projeto de texto. Como, por exemplo, o que segue:

Andava pela casa a fazer tempo quando reparou no livro que estava em cima da mesa.

Que palavras, nesta frase, têm uma relação direta com a realidade? Os nomes: casa, tempo, livro, mesa; os verbos: andava, fazer, reparou, estava; as preposições que indicam lugar: pela (por + a: espaço através do qual...), em cima da (de + a: espaço em que...).

As restantes palavras - preposições **a**, **no** (em +o), conjunção temporal **quando**, artigos **a** (por+a e de+a), **o** (em +o) - constituem uma espécie de argamassa que permite a ligação eficaz das palavras lexicais, ajudando-as a construir sentido. Há ainda uma entidade especial que é um representante de um nome: o pronome relativo **que**, em representação de **livro**.

Há ainda outros itens relevantes nesta tarefa de inter-relação: a flexão verbal que nos permite, por um lado, situar as ações no tempo: **andava**, ação repetida durante algum tempo; **fazer tempo**, expressão de valor genérico, com sentido mais ou menos fixo de estar inativo, ou sem atividade relevante, estar à espera; **reparou**, ação situada no passado, mas designando uma ação pontual que decorreu num certo momento durante o desenrolar da ação andava; **estava** um estado, durativo, que indica a presença do livro em cima da mesa durante um certo tempo. Além de nos situar no tempo, a flexão verbal permite descodificar um dos dois grandes blocos sempre presentes numa frase: o **sujeito** que, sendo obrigatório no português, se pode esquivar deixando apenas um rasto que o verbo traz até ao leitor. Assim, a entidade que pratica as ações (agente) de **andar**, **fazer** e **reparar** é uma só, ainda que, na

frase um pouco *ad hoc* que acima se escreveu, não nos seja possível identificar as características desse agente, tais como género, idade, etc... mas sabemos, ainda assim, que se trata de uma só pessoa.

O conjunto dos aspetos referidos e a interação entre os dois grandes tipos de palavras permite construir textos **coerentes**, ou seja, que representem, de forma eficaz, o ambiente (personagens, espaço, tempo, ação) – **palavras lexicais** - do que é descrito ou narrado. Para tal, tem de haver uma relação que reconheçamos como viável entre o agente de uma dada ação e essa mesma ação. Se quisermos usar o verbo **fazer**, não podemos escolher para sujeito a palavra **pedra**, pois as pedras são, todos sabemos, inanimadas e, por isso, não fazem coisas... Se dissermos «A Maria ganiu de dor.» sabemos que estamos a usar uma figura de estilo, curiosamente o inverso de uma outra, a personificação, bem habitual... e não identificamos, graças ao conhecimento que temos do mundo, a Maria como se de um cão se tratasse...

Mas precisamos também de palavras gramaticais que estabeleçam relações adequadas entre as palavras lexicais e que nos permitam construir um texto coeso, em que cada elemento esteja exatamente onde deve estar para significar o que pretendemos que signifique.

Profalmada, n.º 33, p. 12

IV - A dança das palavras

Temos vindo, neste espaço, a refletir sobre o mundo das palavras e sua complexidade.

Não nos move uma preocupação normativa. Move-nos, antes, a intenção de agrupar comportamentos da nossa língua a que damos forma ao materializá-la, dando-lhe vida na utilização que dela fazemos.

Dos dois grandes grupos de palavras que caracterizámos, levemente, no texto anterior, um deles, o das palavras gramaticais, integra o conjunto de classes fechadas de palavras, ou seja, conjuntos de palavras relativamente fixos em que raramente entra uma palavra nova...

O outro, o das palavras lexicais, é aberto. Podem entrar e sair palavras novas na classe dos nomes, dos adjetivos, dos verbos...

Porque deixamos de usar determinadas palavras? Algumas constituem modas ou são ditadas pela realidade que nos cerca e que é marcada no tempo... Em 1986 entrou na nossa língua a palavra *perestroika*, para designar uma dada realidade iniciada na, então, União Soviética... E foi muito usada durante um certo período... Hoje, já se não ouve...

A par das palavras que saem, e por razões opostas, muitas são as que entram, quer por contingências socioeconómicas – recordemos a malfadada *troica*, que nos vem *entroicando*... e que há de sair, esperemos, do nosso vocabulário -, quer porque designam realidades novas, provindas da evolução científica ou outra... Há vinte anos ninguém andava de portátil na mala... nem de telemóvel... As janelas eram isso mesmo... não eram aquelas caixinhas de diálogo, como também lhes chamamos, que se abrem no ambiente

de trabalho (e ambiente de trabalho também era – é! – outra coisa...) do nosso computador...

Tempos houve em que as palavras novas entravam no mundo por via da língua portuguesa, introdutora de novos mundos e, com eles, de novas realidades, logo, de novas palavras...

Não é assim hoje... a inovação vem de outras paragens e de outras línguas, o que conduz à introdução de muitas palavras novas, algumas com estrutura nova e hermética para muitos portugueses, que veem a sua compreensão da realidade que os cerca muitas vezes comprometida pela forma como a informação lhes chega a casa...

Falamos, claro está, dos estrangeirismos...

Como entram essas palavras novas?

Entram quase sempre com a forma e a pronúncia originais, ou quase... Algumas mantêm-se assim, durante muito tempo... acabando por ser assimiladas, como aconteceu com *sandwich*, que, passando a *sanduíche*, virou *sandes*, ou mesmo *sande*... Outras, embora tendo-se mantido durante bastante tempo, são trocadas por outras, por dominância económica... É o caso do *rouge*, que nem por ter passado a *ruge* se manteve, tendo dado lugar ao *blush*...

Outras, ainda, dão lugar, ou vão dando... a formas equivalentes... E assim o *e-mail*, inicialmente única forma para uma dada realidade, vai coexistindo com o *correio eletrónico*. Veremos como vai ficar a situação...

Quem decide o que vai acontecer? Somos todos nós, falantes de português...

As novas realidades nem sempre dão, na língua em que nascem – maioritariamente em inglês, no mundo de hoje – origem a palavras novas e sim a significados novos de palavras já existentes... Aí, a língua pede emprestadas palavras a uma dada área do conhecimento, apropriando-se delas para outra área. É o caso, por exemplo, da janela – *window*, que o inglês foi buscar à arquitetura, atribuindo-lhe significado na informática. Os falantes de português usaram a mesma técnica, não por um recurso direto ao empréstimo no português, mas porque a relação estabelecida era, também, possível entre nós...

Temos vindo a falar sobretudo da forma escrita das palavras... A forma oral sofre maior adaptação, submetendo-se, com mais frequência, às regras de acentuação do português. Sendo uma língua grave – predominantemente acentuada na penúltima sílaba – a tendência normal dos falantes é atribuírem às palavras que pronunciam esse tipo de acentuação e **Manchester** vira **Manchester**... Este exemplo não deixa de ser curioso, dado o comportamento quase geral dos falantes... é uma palavra que termina em **r**... logo, no português, não seria grave, a menos que tivesse acento gráfico. Seria aguda... Poderemos dizer o mesmo de outras palavras como Gibraltar, ou Gulbenkian, ou Nobel (o prémio...), que muitos pronunciam como graves... Parece que,

perante uma palavra estrangeira, o falante ignora, ou seja, não aplica, uma das exceções ao uso do acento, aplicando, pura e simplesmente, a regra geral...

Num momento em que comemoramos os quarenta anos do 25 de abril, não poderemos concluir um texto sobre a dança das palavras, com suas entradas e saídas do uso diário, sem referir o período riquíssimo a todos os níveis que tivemos a sorte de viver: o 25 de Abril (aqui com maiúscula, porque equivale a uma festividade...). Do ponto de vista linguístico, muitas foram as palavras e unidades lexicais introduzidas ou às quais se deu mais utilização do que tinham habitualmente. Palavras como: *povo, democracia, igualdade, divórcio, cooperativismo, sindicalismo, revolução, socialismo, capitalismo, nacionalizações, descolonização, aborto, reação, manifestação, nacionalizações, greve, etc., ou unidades lexicais como: sociedade sem classes, reforma agrária, interrupção voluntária da gravidez, liberdade religiosa, Revolução dos Cravos, Movimento dos Capitães, Movimento das Forças Armadas, Junta de Salvação Nacional...* PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Período rico de mudanças, não nos admiremos que o tenha sido, também, no âmbito do léxico da nossa língua, porventura a aguardar um estudo aprofundado.

Profalmada, n.º 34, p. 6-7

V - A língua e a arte

Temos vindo a refletir, neste espaço, sobre algumas especificidades da nossa língua. Não tem sido nossa preocupação distinguir o uso comum do uso literário da língua, pois temos falado de características gerais.

Mantendo-nos no âmbito das características gerais, gostaríamos de recordar aqui que as palavras se associam segundo determinadas regras que designamos (e bem!) como gramaticais, mas que poderíamos entender como sociais, uma vez que há uma certa hierarquia no mundo das palavras, andando a comunicação, entendida como a língua em ação, de certa forma, em torno dos verbos e dos nomes e, conseqüentemente, das construções que exigem, ou regem.

Assim, estas duas classes de palavras constituem-se como núcleo dos dois agrupamentos de palavras essenciais para que possamos construir uma frase, que poderíamos considerar como uma espécie de grau zero do texto. Estamos a falar do Grupo Nominal e do Grupo Verbal, embora hoje nos dediquemos apenas ao Grupo Nominal.

Em outros contextos não se fala de grupos, mas de sintagmas... Usamos Grupo porque os leitores que tiverem jovens em idade escolar em casa será esta a designação que encontram nos manuais...

O que é, afinal, o Grupo Nominal? Dissemos no subcapítulo dedicado ao Mundo das Palavras, acima, que «Ao nome e às entidades (palavras...) que **o cercam** poderemos chamar Grupo Nominal, que é uma organização social, uma espécie de associação...»

Ao usarmos, neste contexto, o verbo cercar estamos a recorrer a uma imagem que reflete com rigor o que acontece, pois, habitualmente, o nome faz-se acompanhar à esquerda por determinantes e quantificadores e à direita por adjetivos ou grupos preposicionais (uns grupos sociais com um nível inferior ao dos grupos que o caracterizam ou complementam...). Podem ainda ter, à direita, frases, quase sempre relativas.

Visualizando:

| Determinantes ou quantificadores | Nome | Adjetivo ou grupo preposicional |
|----------------------------------|------|---------------------------------|
| A/toda a | PAZ | desejada/do mundo/que desejamos |

Na sociedade das palavras, quais as funções do Grupo Nominal? Bom, se integrar o Sujeito, é ele quem determina se o verbo vai para o singular ou para o plural... («**O livro** é interessante./**Os livros** são interessantes.»). Se integrar o Complemento Direto, é ele que indica a entidade sobre a qual recai a ação do verbo ... «O João comprou **um livro**.»

Através dos diversos adereços (entenda-se palavras ou classes de palavras) que se podem associar ao nome, vamos enriquecendo o grupo social que o nome chefia. Pode surgir sozinho: **Lisboa** é a capital de **Portugal**. Pode (e maioritariamente surge) surgir associado a um determinante: **O/este/o** meu **LIVRO**, ou a um quantificador: Todos os **livros**. Pode surgir qualificado: Um **LIVRO** interessante, ou especificado: um **LIVRO** de geografia; O último **livro** que li.

Esta é a base com a qual se constroem as estruturas mais casuais, mas é também a base com a qual se constroem as mais belas estruturas literárias (preferiria chamar-lhe, tão-somente - ou tão-globalmente - «artísticas»...).

Veja-se o título e refrão de um belo poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, in *Obra Poética III*: "A Paz sem vencedor e sem vencidos".

A estrutura base está presente: à esquerda, o determinante «a»; à direita, o grupo preposicional (aliás, dois grupos preposicionais coordenados entre si), que especifica de que Paz se fala... «sem vencedor e sem vencidos».

Mas esta PAZ é ainda especificada de outras formas ao longo do poema:

É «a paz que vos pedimos»;

É «a paz que nasce da verdade»;

É «a paz que nasce da justiça»;

É «a paz chamada liberdade».

Este poema, numa clara intertextualidade com a «oração que o Senhor nos ensinou», materializa de forma única o desejo de todos, ou quase todos, nós: o desejo de paz, de justiça, de liberdade.

Profalmada, n.º 35, p. 12

VI - A Ortografia

No dia 13 de maio de 2015 terminou o período da moratória previsto para a entrada em vigor do Acordo Ortográfico. Esse facto reacendeu durante alguns dias querelas de hoje e, arriscaria dizer, de sempre.

Convicta de que as diferentes formas de encarar o registo escrito das palavras têm, ao longo dos tempos, desencadeado posições divergentes, vamos, hoje, olhar para algumas posições de propecta idade sobre o tema.

Em 1576, na obra *Orthographia da Lingoa Portuguesa, reduzida a arte e preceptos*, Duarte Nunes Leão, defensor de uma escrita etimológica, diz o seguinte (mantemos a grafia original):

«Orthographia he sciencia de bem screuer qualquer lingoagem: porque per ella sabemos, com que letras se hão de screuer as palavras.»

Além dos dígrafos gregos th e ph, repare-se no s inicial, que apenas caiu, em palavras como ciência, em 1945... Note-se ainda que o v e o u se grafam da mesma forma. A este respeito poderemos dizer que se a palavra se iniciasse com uma destas letras viria sempre escrita com v. Teríamos, pois, *vsar* e *viuer*...

Duarte Leão, depois de explicar demoradamente a ortografia, apresenta uma lista de palavras que considera mal escritas, apresentando para cada uma a versão que considera adequada. Vejamos alguns exemplos:

| Erradas | Emendadas |
|-------------|------------|
| 1 Acolá | Aquolá |
| 2 Agardecer | Agradescer |
| 3 Almario | Armario |
| 4 auoar | voar |
| 5 baixo | baxo |
| 6 disforme | deforme |
| 7 despeçome | despidome |
| 8 edito | edicto |

Nos oito exemplos apresentados podemos ver diferentes características da língua, algumas das quais se mantêm regionalmente, como é o caso de *agardecer* e *avoar*. Vemos, noutros casos, que o uso consagrou a forma considerada errada, como em *baixo*, *disforme* e *despeço-me* (que ganhou, entretanto, um hífen...)

A par dos que defendiam a escrita etimológica, que, todavia, não estava isenta de erros como é o caso do **h** nas formas do verbo ser (**he**, **acima**...), outros defendiam uma ortografia simplificada, como João Franco Barreto, em 1671, na obra *Ortografia da Lingua Portuguesa*:

«Ortografia he arte de **bẽ** screver qualquer linguagem; isto he, de screver as palavras, e as vozes **cõ** as letras devidas, e somente necessarias, **sẽ** por uma por outra, **nẽ** alguma de mays ou de menos;»

Este autor já distingue as letras u e v... mas mantém o h no verbo ser... Como hoje continua a fazer-se, recorre à autoridade de outros especialistas para fundamentar as suas opiniões. Refere, por exemplo Quintiliano (séc. I dC), dizendo que ele defende que a escrita deve respeitar a oralidade (ser fonética...). Refere também João de Barros, dizendo que ele preconiza o uso da escrita, usando apenas as letras necessárias sem «por consoantes ociosas»...

Poderia continuar a apresentar exemplos contraditórios de uma ortografia que nunca foi tão homogênea como gostaríamos e como pensamos... Ilustro citando Almeida Garrett, na advertência à sua obra *Camões*, em 1825:

«Sôbre orthographia, (que é fôrça cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi só que segui sempre a etymologia em razão composta com a pronúncia; que accentos, só os puz onde, sem elles, a palavra se confundiria com outra; e que de boamente seguirei qualquer methodo mais accertado, apenas haja algum geral, e racionável em portuguez: o que tam fácil, e simples seria, se a nossa academia, e governo em tam importante cousa se empenhassem.»

Com os poucos exemplos apresentados pretende-se salientar que o problema da ortografia não é de hoje. Houve sempre (haverá sempre?) formas distintas de ver o problema. Sem que uns tenham necessariamente mais razão do que outros... Apenas as opções de quem tem poder para decidir estabelecem as diferenças, pois, como defendem alguns, uma língua distingue-se de um dialeto porque a língua, ao contrário do dialeto, tem exército e bandeira...

Profalmada, n.º 37, p. 7

VII - A língua e o grupo verbal ¹

Temos vindo a dizer, neste espaço, que as palavras se organizam socialmente para produzirem sentido. Também vimos que, de entre as diversas classes de palavras, há duas que prevalecem, digamos assim, por estarem mais diretamente relacionadas com o mundo real: a classe dos nomes - que permitem representar na comunicação as entidades que nos cercam - e a classe dos verbos, que trazem até nós a representação de ações (fazer algo), de estados (estar triste) e de qualidades (ser bom rapaz).

Em texto anterior, vimos que o grupo nominal, tendo como centro o nome, pode viver cercado de um conjunto razoável de amigos - entenda-se classes de palavras...

Hoje falaremos do verbo. O verbo, entidade muitas vezes convictamente ativa, não vive tão cercado de classes de palavras como o nome. Não precisa de elementos à esquerda (a não ser o sujeito, mas esse tem como núcleo o nome...) e quando os tem servem para o afrontar, pondo em causa o seu significado: em «(O João) saiu.» o verbo está no pleno uso do seu significado, contrariamente ao que acontece em «(O João) não saiu.» O advérbio não está ali para dificultar a vida ao verbo, alterando-lhe o sentido...

Como poderemos caracterizar o verbo? Embora constituindo uma só classe de palavras - que tem como característica distintiva de outras a especifi-

cidade da sua flexão (em tempo, em modo, em pessoa, em número...) – encontramos no seu seio bastantes diferenças... Poderíamos recordar o facto de haver verbos principais, auxiliares, copulativos... verbos regulares e verbos irregulares... verbos defetivos... verbos abundantes...

Interessa-nos, porém, verificar que há verbos autónomos que, sozinhos, veiculam a mensagem que há a veicular. Alguns destes nem precisam de sujeito (diremos que são impessoais), *como chover, amanhecer*. Outros precisam do sujeito, mas à sua direita não precisam de elementos, como *adormecer*...

Há pois, verbos que precisam de elementos à sua direita... São verbos que fazem transitar o seu sentido para grupos de palavras que os ajudam a transmitir a mensagem... Diz-se que são verbos transitivos e diz-se também que estes verbos se realizam plenamente (completam-se) com os complementos.

O elemento que se liga ao verbo, em alguns casos, não carece de preposição, como por exemplo em «Vi o livro.». Diz-se, então, que este elemento «o livro» é um complemento direto porque o grupo nominal não precisa da intervenção de uma preposição para estabelecer a ligação. A estes verbos damos o nome de transitivos diretos e os grupos nominais que os completam, quando precisam de se «ausentar» têm, para os representar, um pronome pessoal, que adota a forma *me, nos, te, vos, o, a, os, as*...

Outros verbos há que se completam com um grupo preposicional...

(1) O jovem obedece *aos pais*.

(2) O jovem gosta *de passear*.

Todavia, o grupo preposicional que se liga a verbos com estas características tem com o verbo uma relação um pouco distinta, que pode ser testada se quisermos substituir esse grupo nominal por um pronome:

(1.1) O jovem obedece-lhes.

(2.1) *O jovem gosta-lhe. (o asterisco à esquerda significa que se trata de uma frase errada – noutra contexto, diria agramatical...)

Estes verbos também são transitivos, mas indiretos, uma vez que o grupo nominal se liga ao verbo através de uma preposição. Mas o complemento que os completa tem características diferentes, como se pode ver em (1.1) e (2.1). Quando este complemento pode ser substituído por **lhe/lhes**, dizemos que é um complemento indireto... Caso contrário, dizemos que é um complemento oblíquo (também podemos chamar-lhe preposicional ou relativo...)...

Profalmada, n.º 36, p. 10

VIII - O grupo verbal ²

Com o título, 'originalíssimo'!, dado a este breve artigo, continuamos um tema de artigo anterior em que falámos dos complementos do verbo e fazemo-lo com a consciência de que estamos a comunicar, também, com colegas que estão ainda no ativo e que se veem confrontados com mudanças na terminologia linguística, algumas só aparentes, mas outras de relevo.

No artigo anterior falámos do tipo de companhia (entenda-se complemen-

tos...) que os diversos verbos exigem. Centrámó-nos naquele verbo principal que os dicionários designam como transitivo, porque completa a sua mensagem com alguns grupos de palavras - grupos nominais se **complemento direto**, grupos preposicionais, quando são **complementos indiretos**... E para muitos dos leitores terá sido novidade falar de **complementos oblíquos**, ou **preposicionais**...

No nosso tempo, estas coisas não existiam... Complementos essenciais do verbo eram o direto e o indireto... E depois havia as frases que estavam na passiva em que identificávamos, como ainda hoje, o **complemento agente da passiva** «O carro foi comprado pelo João»... E havia também os verbos nominais ou copulativos que tinham, como hoje, o predicativo do sujeito, como na frase «O João está **triste**»... E havia ainda uma outra entidade que andava um pouco envergonhada e que, por ter saído certo dia num exame de 9.º ano, passou para a ribalta: o predicativo do complemento direto: «Todos consideram o João **bom aluno**».

Tudo o que não entrasse nesta classificação ia para a caixinha dos complementos circunstanciais... Lembro-me da minha figura ao explicar aos meus alunos do sétimo ano que os complementos circunstanciais eram aqueles que, se retirados, não faziam falta e depois dar como exemplo, entre outras, frases como «O João vai a Lisboa.» Se o complemento circunstancial não faz falta, então posso considerar correta em todos os contextos a frase «O João vai.»!!!

A recordação dessa minha triste figura fez-me aceitar duas coisas:

1 - Existe um tipo de complementos que, não sendo diretos, nem indiretos, são obrigatórios: os tais que se chamam oblíquos... Poderíamos questionar porquê oblíquos... mas não vale a pena... a decisão sobre o termo a usar está tomada, pelo menos por agora...

2 - A introdução da designação, eventualmente questionável, da entidade "modificador". Creio que em parte o objetivo será tirar da nossa cabecinha a ideia de «circunstancial» associada a um conceito, complemento, que se pretende de representação obrigatória...

202

Para concluir, fiquemos com a ideia de que o verbo mobiliza não classes de palavras, como faz o nome, mas, sobretudo, grupos de palavras: o grupo nominal, sujeito; o grupo nominal, complemento direto, o grupo preposicional, complemento indireto ou oblíquo (neste caso, além do grupo preposicional pode, também mobilizar o grupo adverbial: «O João mora **aqui**.»

Profalmada, n.º 38, p. 8

Educação em Portugal da 1.^a República aos nossos dias

Prof. Gracelinda Nascimento

1.1 - Educação em Portugal

O processo de educação-ensino é muito antigo na história da humanidade. Nas mais antigas sociedades, como a suméria e a egípcia, a educação já era um dos alicerces da vida social. Nestas sociedades, por exemplo, a educação tinha um sentido essencialmente repressivo, pois visava, antes de mais, “a conservação da mentalidade submissa e rude dos antepassados nómadas e montanheses.” (Lobrot et al, s/d, p. 14)

As sociedades sempre se preocuparam com a educação das crianças, tentando transmitir os conhecimentos acumulados, os instrumentos de produção, os saberes profissionais, as normas de comportamento social e os valores morais e religiosos.

Também, em Portugal, assim aconteceu. Em muitos aspectos, a evolução das concepções e das práticas sobre educação em Portugal é paralela à de todas as sociedades industrializadas. Para melhor compreendermos os desafios que nos nossos dias se colocam à educação e à escola, para a construção do «Humanismo XXI», vamos apresentar uma breve perspetiva sobre a evolução histórica recente da educação no nosso país.

1.1.1 - O período da 1.^a República

No princípio do século XIX, para que a escolaridade obrigatória se tornasse efectiva, houve necessidade de organizar, a pouco e pouco, o ensino público.

A seguir às guerras napoleónicas, em todos os estados europeus se sentiu a necessidade de facultar a todas as camadas da sua população uma instrução elementar, que permitisse a todo o cidadão participar na vida cívica e conhecer a extensão dos seus direitos e deveres.

Em Portugal, as primeiras tentativas para construir um novo sistema de ensino surgiram com o movimento setembrista (1836). Mais tarde (1910), o movimento republicano tentou consolidar e ampliar o ensino público.

Segundo Cortesão (1981), sente-se que, durante toda a 1.^a República, uma atitude generosa e romântica, talvez mesmo utópica, esteve presente em muitas decisões. A aposta na dignificação do homem e na sua promoção moral e social através da educação manifestou-se em inúmeras situações.

Nesta época tentou-se combater o analfabetismo e difundir a cultura popular, a par com significativas reformas a nível do sistema educativo.

Em 1911 deu-se a reforma do ensino primário, o qual viria a sofrer importantes alterações em 1919, com a criação do ensino pré-primário oficial e a estruturação do primário em três graus: elementar, complementar e superior, inteiramente gratuitos.

O ensino primário, em regime de coeducação, tinha a duração de oito anos, dos quais cinco eram obrigatórios.

É de assinalar, também, o aumento que sofreram os vencimentos dos professores primários.

Outra referência importante desta época é o ensino primário superior, o qual se destinava a promover culturalmente as camadas populares.

Este nível de ensino, já bastante elaborado, permitia o acesso ao 2.º ciclo do Ensino Liceal e às Escolas Normais.

O entusiasmo e o empenhamento dos homens desta época também foram notáveis a nível cultural. Entre outras iniciativas, referimos as escolas móveis, que tinham como objectivo a diminuição do número de analfabetos onde não existiam escolas fixas.

A operários, empregados de comércio e empregados de escritório, eram oferecidos cursos, conferências e debates, dados por professores voluntários das «Universidades Livres».

Foram organizados museus. Realizaram-se concertos e exposições e, em muitas aldeias, criou-se o hábito de fazer a leitura pública do jornal.

1.1.2 – O período do Estado Novo

A vida política da 1.ª República caracterizou-se por incertezas, agitação, crises sucessivas, as quais provocaram grandes contradições internas, fracionamentos sucessivos dos partidos e sucessão tumultuosa dos governos. Assim, a República, bastante fragilizada, não se aguentou por muito tempo.

A 28 de Maio de 1926, um golpe de estado conduzido por um grupo de generais depôs do governo as facções republicanas. A partir de então, e por um período de quarenta anos, a vida política portuguesa foi governada por um regime conservador corporativista, segundo a Constituição de 1933.

Os objetivos da escola primária apontados pelo Estado Novo eram, não a transmissão de conhecimentos, mas sim a formação de consciência, pelo que o efeito da mudança política então verificada fez com que a escola se tornasse *um aparelho de doutrinação, e a sua função de educação tornou-se mais importante que a de instrução* (Benavente, 1990, p. 51).

Ainda segundo Benavente (1990, p. 52), *a educação devia apoiar o regime e limitar ao máximo os riscos de ter um povo instruído.*

Antagonicamente aos conceitos republicanos, próximos de uma pedagogia activa, surgiram os conceitos de uma pedagogia repressiva e autoritária, a qual se apoiava nas concepções da criança e do homem, da educação, da escola, do estado e da sociedade que o novo regime queria impor. *É bastante sintomático, por exemplo, o seguinte facto, aparentemente sem importância mas que simboliza já uma preocupação de controlo e centralização que se viria a acentuar nos anos seguintes: uma das primeiras medidas tomadas consiste na criação de um corpo de oito inspectores para fiscalizarem a actuação de oitenta e sete inspectores que irão por sua vez fiscalizar a conduta dos professores primários* (Cortesão, 1981, p. 66).

Neste período da vida política portuguesa, *o ensino primário e os seus professores foram muito duramente tocados pelo novo regime* (Benavente, 1990, p. 51) e logo de imediato se fizeram sentir uma série de alterações: a escolaridade obrigatória passa para quatro anos, posteriormente para três anos; deixa de ser permitida a coeducação e é instituída a separação dos sexos no ensino primário.

Com a Constituição de 1933, o ensino deixa de ser totalmente gratuito, passando a ser apoiado o ensino particular e **defendendo-se que a educação pertence basicamente aos pais**. Na escola primária passam a existir os livros únicos.

Nas zonas rurais, a rede escolar tornou-se deficitária, pois só poderiam existir escolas primárias em centros com mais de 40/50 alunos. Todos os que reprovassem mais de três anos deveriam deixar de ir à escola.

A falta de estabelecimentos escolares agudiza-se. Para colmatar tal situação são criados os regimes de funcionamento duplos e triplos — duas ou três classes sucedem-se ao longo do dia, na mesma sala.

As primeiras classes deviam ter por objectivo apenas ensinar a ler, escrever e contar correctamente.

Os horizontes da escola vão-se estreitando cada vez mais.

A opinião pública, através de artigos publicados nos jornais, é alertada para o perigo do Ensino Primário poder contribuir para o aumento das reivindicações. Os professores que revelam não ser de confiança para o regime começam a ser afastados. Os vencimentos dos professores do ensino primário baixam de tal maneira que se situam mesmo nas categorias inferiores dos funcionários públicos. Tal situação faz com que o professorado passe a ser predominantemente feminino, pois os baixos salários não permitiam sustentar uma família.

O início da industrialização, para a qual é necessária mão-de-obra qualificada, começa a ter efeitos, se bem que muita lentamente, a nível de educação.

Assim, em 1956 (Decreto-Lei 40 964 de 31 de Dezembro de 1956) a escolaridade obrigatória passa a ser, para os rapazes, de quatro anos, continuando a ser de três anos para as raparigas. Em 1960 (Decreto-Lei 42 994 de Maio de 1960) passa a ser de quatro anos para ambos aos sexos.

No início dos anos sessenta, os movimentos estudantis, aos quais Portugal não é alheio, fazem sentir-se em todo o mundo. A esse nível verificam-se, então, vários acontecimentos políticos, os quais são acompanhados de intensas actividades culturais promovidas pelos estudantes. Perante tal situação, verifica-se um novo endurecimento do governo, caracterizado por um grande imobilismo, o qual só é quebrado em 1964, resultante de pressões feitas pela Europa, com o alargamento da escolaridade obrigatória para seis anos.

Em 1968, com o início do período dito de «liberalização», a educação passa a ser proeminente, dando origem, assim, a uma reforma do ensino implementada pelo, então, Ministro Veiga Simão, a qual, a nível de educação básica, previa:

- a criação da educação pré-escolar oficial;
- a diminuição da idade de entrada no ensino primário;
- o alargamento da escolaridade obrigatória para oito anos com a criação do Ciclo Preparatório.

Porém, na década de 70, os problemas a resolver são grandes e complexos, não permitindo que o desenvolvimento do sistema educativo tivesse o êxito desejado.

1.1.3 – O período desde 1974 até aos nossos dias

Perante a aceleração dos processos da situação sociopolítica e a precipitação dos acontecimentos a partir de 1970, o poder demonstra alguma incapacidade para os resolver.

Falham as decisões relativas ao desenvolvimento económico, às liberdades e à guerra colonial.

Em 25 de Abril de 1974 dá-se o golpe de estado militar. Toda a sociedade mergulha num contexto de profundas mudanças. *Passamos assim dum longo período de falta das liberdades fundamentais, de obscurantismo cultural e pedagógico, para um período de mudanças rápidas a todos os níveis da sociedade* (Benavente, 1990, p. 30).

A nível de educação, as modificações sucedem-se vertiginosamente. Pedagogos e políticos da época referem constantemente nos seus textos e discursos as transformações escolares necessárias, assim como as consequências do 25 de Abril para a instituição.

Segundo Rui Grácio, citado por Benavente (1990, p. 32), *com o 25 de Abril, na formação social e, portanto, nas escolas – onde mesmo quando protegidas ressoam os rumores do Mundo verifica-se uma libertação explosiva, e por muitos aspectos criadora, das tensões e dos problemas acumulados.*

As mais importantes modificações verificadas no sistema educativo são a nível da avaliação pedagógica e a nível da gestão das escolas do Ensino Preparatório e Secundário.

No Ensino Primário, os programas são mudados totalmente assim como os seus objectivos, as suas metodologias e os livros que se utilizam.

Tendo em conta o ritmo de aprendizagem de cada aluno, o regime de quatro classes muda para o regime de duas fases, englobando cada uma delas duas das antigas classes. Esta situação veio permitir que os alunos desenvolvessem as suas capacidades sem a possibilidade de serem reprovados. Mais recentemente, o regime de duas fases foi substituído pelo regime de fase única.

O Ensino Pré-Primário, previsto desde a reforma de Veiga Simão, é criado novamente.

No contexto de uma nova sociedade democrática, **o papel da educação é encarado de uma nova forma:**

- a) -"1. Todos têm direito à educação e à cultura."

2. O Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para o desenvolvimento da personalidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida social.” (Constituição da República Portuguesa de 1976, artigo 73.º, 1. e 2.)

b)- «Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar.» (Constituição da República Portuguesa de 1976, artigo 74.º, 1.)

A expansão da escolaridade obrigatória é feita de acordo com as necessidades da procura. Em contraste com a escola elitista do passado surge assim a escola de massas.

Como consequência desta expansão, resulta a sobrelotação, a multiplicação dos turnos e a construção de escolas à pressa, altura em que proliferam as construções pré-fabricadas.

Ao longo da década de 80, as condições socioeconómicas que se desenvolveram nos países industrializados, as quais contribuíram para um maior desenvolvimento económico extensível a estratos mais alargados da sociedade, deram origem ao aparecimento de diferentes objectivos educacionais.

A escola tradicional fica desajustada à evidência da função que a escola, intrinsecamente, tem no desenvolvimento do indivíduo e das comunidades.

Alterações profundas são exigidas nas práticas pedagógicas, as quais pressupõem o desenvolvimento de novos currículos, novas metodologias, novos materiais de ensino, novas formas e relações de trabalho.

À escola é exigido não só a promoção do desenvolvimento cognitivo, mas também a colaboração no desenvolvimento pessoal e social dos futuros cidadãos, que são as crianças.

É este processo de mudança que impõe a revisão do conceito de escola, permitindo questionar quadros teóricos de referência e diversificar os procedimentos metodológicos num esforço de articulação entre a pesquisa, a formação e a acção (Madeira, 1995, p. 169).

O desenvolvimento espectacular da informação faz com que as crianças, cada vez mais, cheguem à escola com a imagem de um mundo que ultrapassa os limites da família e da comunidade.

O tempo que elas passam frente à televisão, o qual não lhes exige nenhum esforço, suplanta aquele que têm que fazer na escola para atingir o sucesso educativo.

Tal situação, assim como outras (fome, violência, miséria e droga), fazem com que a escola se confronte com a nova tarefa de se tornar um lugar atraente, não deixando que se perca o lugar de proeminência que tinha na educação.

As mutações constantes que se verificam na nossa sociedade exigem ao sistema educativo que faça mais e melhor. Não sendo possível dar resposta a tudo, é necessário fazer opções que tenham em vista a equidade e a qualidade.

Para fazer face às exigências do nosso tempo há que revelar ao mesmo tempo criatividade, coragem, uma vontade firme de operar mudanças reais e de estar à altura das tarefas que nos esperam (Delors et al., 1996, p. 185)

A heterogeneidade das características socioeconómicas e culturais da nossa sociedade fazem com que a qualidade da educação básica continue a ser um dos grandes desafios do século XXI.

Referências

BENAVENTE, Ana (1990). *Escola, Professores e Processos de Mudança*. Lisboa: Livros Horizonte

DELORS, Jacques [et al.] (1996). *Educação um tesouro a descobrir* (2.^a Edição). Porto: Edições Asa

CORTESÃO, Luiza (1982) *Escola, Sociedade que relação?*. Porto: Edições Afrontamento

LOBROT, Michel [et al.] (s/d). *Modifiquemos a escola*. Lisboa: Editorial Pórtico

MADEIRA, Ana Isabel (1995). *A importância do diagnóstico da situação na elaboração do Projecto Educativo da Escola*, Inovação, Administração Escolar, Volume 8.Lisboa: I.I.E.n.º 1 e 2, p. 167-189.

Horta pedagógica

Projeto *Mulheres Mãos Verdes*, na Escola Secundária António Gedeão

Prof. Maria João Casanova de Matos

Seja por causa da crise, seja por uma qualquer necessidade de regresso às origens, o certo é que cada vez mais pessoas se dedicam ao cultivo da terra.

Nesta tendência se insere a Horta Pedagógica existente na Escola Secundária António Gedeão, que surgiu quando, em fevereiro de 2011, um grupo de mulheres decidiu solicitar apoio à Junta de Freguesia do Laranjeiro para a criação de uma horta comunitária. A Junta aceitou a ideia. A Escola, com o intuito de se abrir à Comunidade, disponibilizou o terreno.

A horta, que permitiu rentabilizar um espaço desaproveitado, proporciona aos participantes um contacto saudável com a natureza, contribui para a melhoria do solo, ajuda a um melhor equilíbrio do orçamento familiar, facilita o consumo de produtos mais saudáveis e saborosos e permite o aproveitamento dos resíduos orgânicos, necessários para fazer o composto.

Aos benefícios de ordem ecológica e económica, juntam-se os pedagógicos. Aí, as intervenientes conhecem técnicas agrícolas ou recordam aprendizagens que vêm de uma distante infância na aldeia. Aí se recuperam métodos tradicionais de cultivo. Aí se fazem experiências, se trocam saberes, se partilham espécies, algumas raras, como é o caso da pastinaca, da *planta das verrugas*, do pepino de S. Gregório...

Mais do que a quantidade de plantas, privilegia-se a sua variedade. A horta é rica em legumes, ervas aromáticas, plantas para infusão, flores comestíveis, flores para combater as pragas, flores de jardim... Além do mais,

usam-se apenas produtos naturais, quer como adubo (composto, estrume de cavalo, borras de café...), quer no combate às pragas (água com sabão, vinagre, cinzas...). Por esse motivo, alguns insetos em vias de desaparecimento, como as joaninhas, começam por lá a aparecer...

A coordenadora do projeto, prof. Céu Vigário, tem-se empenhado também em divulgar o projeto, quer através da exposição dos produtos cultivados, na feira alternativa frente ao Mercado de Miratejo e na Mó de Vida, quer através de contactos com associações de interesses similares, como o Projeto 207, o Grupo Flamingo, a Mó de Vida, Colher para Semear, e mesmo com instituições de solidariedade social, como a UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta e a Associação Portuguesa dos Hemofílicos.

Esperamos que mais iniciativas destas aconteçam. Este é um bom exemplo de intervenção na comunidade, pelo que é de louvar o papel da Junta e da Escola ao torná-lo possível.

Profalmada, n.º 30, p. 13

Amor rafeiro: Por uma nova cidadania

(Entrevista a Cornellia Fischer)

Prof. Maria João Casanova de Matos

O **Amor Rafeiro** é um movimento de pessoas que tem como objetivo imediato a construção de um canil/gatil multiúso no concelho de Almada. O **Amor Rafeiro** trabalha em estreita colaboração com a associação *Os Amigos dos Animais de Almada* (AOAAA), responsável pelo atual Canil da Aroeira, à qual se juntou, posteriormente, a associação *Onde há gato não há rato*, que apoia e controla as inúmeras colónias de gatos errantes no concelho de Almada.

A coordenadora do projeto **Amor Rafeiro** é Cornellia Fischer, uma alemã radicada em Portugal há cerca de 30 anos e com formação em Assistência Social. Atualmente trabalha em gestão de projetos, disponibilizando o seu tempo livre e a sua capacidade de trabalho e organização ao serviço desta causa.

Como surgiu este movimento?

O Canil da Aroeira já existe desde há muitos anos, mas foi depois de um grande vendaval, no inverno de 2013, que um grupo de voluntários disse: «Basta! A precariedade e o abandono não são nenhuma fatalidade!» a partir daí, começámos a organizar-nos para procurar novos caminhos e propostas inovadoras para mudar o atual estado de coisas.

Porquê um canil/gatil “multiúso”?

Como a palavra “multiúso” indica, as novas instalações que o **Amor Rafeiro** pretende criar vão beneficiar tanto pessoas como animais. Não queremos apenas mais um depósito de animais, esquecido pelo mundo. Queremos trazer pessoas ao novo canil/gatil, as famílias, as turmas das escolas, a

população em geral, para que este espaço seja partilhado e usado por todos os seres.

- Pode ser mais específica?

Posso dar alguns exemplos para ilustrar as nossas ideias:

- Exercício físico com animais: quem não puder ter um cão, pode passear um em benefício do animal e do passeador. Estamos a preparar os animais, de forma que saibam andar bem à trela.

- Assistência social com animais: desde janeiro de 2014, uma cadela da rua, entretanto adotada por mim, vai uma vez por semana visitar o Lar Granja Luís Rodrigues, em Costas de Cão, trazendo alegria e afeto aos idosos que nele habitam. No fundo, queremos que os cães e gatos abandonados voltem a ser integrados na sociedade, no ambiente que lhes é natural, como animais de estimação.

Em ambos os casos, estamos já a fazer em pequena escala o que, a partir do novo canil/gatil, passará a ser uma prática corrente.

-E os gatos? Como pretendem promover esse convívio?

Também aqui temos algumas propostas, tais como a reinserção de gatos em lojas de bairro. No meu bairro vive um gato preto numa loja de eletrodomésticos, e conheço uma livraria “onde há gato” também. Pensamos igualmente em lares de idosos que possam adotar um ou dois gatos, sobretudo os que já tiveram uma família e que foram abandonados. Estes animais estão carentes e precisam de carinho. Há ainda alguns gatos errantes que se tornaram meigos e com forte ligação a idosos. Todos eles podem perfeitamente integrar-se neste tipo de ambiente. Aliás, quem trata dos gatos errantes são, frequentemente, os nossos concidadãos idosos. São eles que se preocupam e que merecem, por isso, todo o apoio, também a nível institucional.

Sabemos que o Amor Rafeiro procura o apoio da Câmara Municipal de Almada na cedência e licenciamento de um terreno para o futuro canil/gatil. Já existe algum terreno em vista?

A CMA tem mostrado ser um bom parceiro de diálogo. Temos tido uma série de reuniões em que as nossas propostas foram discutidas, incluindo a questão de terreno, que agora está no foco da atenção de ambos. Temos uma equipa de profissionais das áreas de arquitetura e engenharia que nos aconselham e que, em devido tempo, apresentarão um projeto concreto para o terreno em vista.

- Um projeto desta natureza não é barato. Como pensam arranjar fundos para a sua concretização?

Precisamos de todos, da compreensão e da boa vontade em contribuir dos Almadenses na altura da concretização do projeto. Da nossa parte, vamos continuar o nosso trabalho de sensibilização e informação, aprofundar as parcerias criadas e procurar novos parceiros, participar nas iniciativas da CMA e divulgar as nossas ideias pelos meios de comunicação social. Há concursos nacionais a que podemos concorrer e também estamos a estudar as

possibilidades de apoio vindo do estrangeiro.

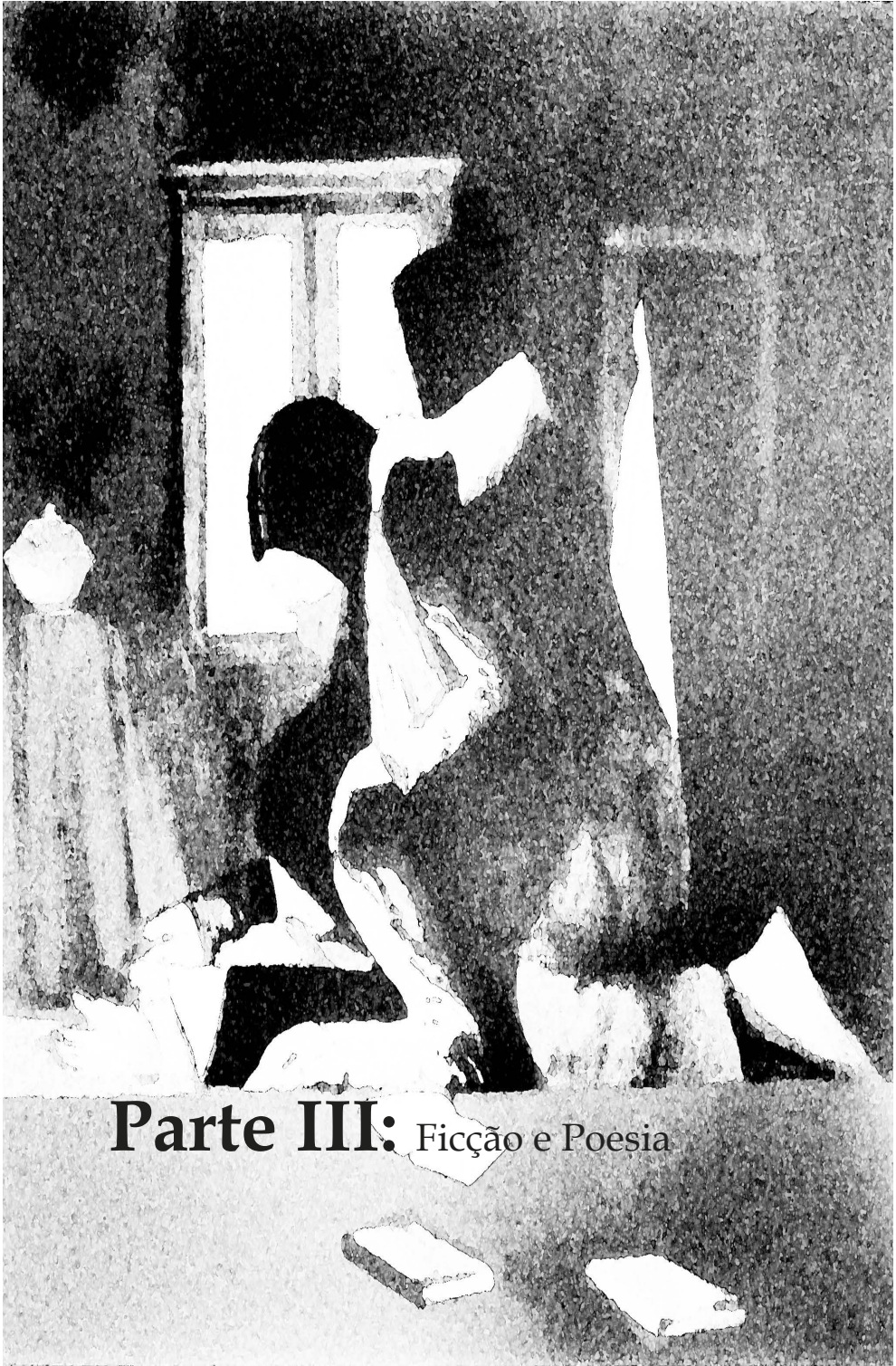
-Porque não são as próprias associações a dinamizar o projeto? Porquê uma terceira entidade?

As associações que fazem o trabalho no terreno muitas vezes não têm mãos a medir e estão absorvidas pelo trabalho e problemas do dia a dia. O **Amor Rafeiro** reúne um crescente grupo de profissionais que, cada um na sua área, pode pensar e contribuir para a solução de questões que tendem a ficar para trás, como, por exemplo, a interligação com a sociedade, a sensibilização nas escolas, a criação de parcerias, as campanhas contra o abandono ou a favor da esterilização e de uma adoção responsável.

-Enquanto coordenadora do projeto Amor Rafeiro, o que mais a motiva?

Gostaria de dar uma melhor perspetiva de vida aos animais abandonados. São seres sencientes, o que significa que sentem dor, medo, prazer, alegria ou ansiedade. São seres como nós e merecem o nosso respeito. A maior parte de nós vive em espaços urbanos criados segundo vontades humanas. Gostaria de contribuir para que haja um convívio mais equilibrado com os outros seres que connosco partilham esse mesmo espaço.

Profalmada, n.º 35, p. 7-8



Parte III: Ficção e Poesia

Prosa

As minhas navegações

Prof. Feliciano Oleiro

Em conformidade com a imprensa que quase diariamente nos vem referindo o *mar* como destino dos portugueses, ocorreu-me igualmente abordar o tema *mar* (a meu modo claro está).

Já alguém afirmou e eu li algures a seguinte oração relativa ao mar, da qual muito gostei e, por isso mesmo, a retive na memória:

Olhemos o mar, o mar largo, o mar azul, o mar profundo, o trovador dolente de indefinidas mágoas, o leão indómito de tempestuosas fúrias.

A partir do mar e da água como elementos essenciais da nossa existência situemo-nos, metaforicamente, no mar *encapelado* da vida humana e, aqui sim, teremos assunto de monta para dissertar livremente nos mais diversos sentidos.

Partindo do *mar interior* da vida uterina, logo após o momento em que a nossa respiração e demais sinais anunciam a *chegada*, teremos pela frente outros mares e outras navegações que nos irão obrigar a novas formas de ação.

É, por conseguinte, no mar da vida, usando esta expressão mesmo a jeito, que o ser humano inicia a sua primeira e constante aprendizagem.

Quanto a mim não sei, nem me cabe avaliar o que aprendi. O que posso afirmar é que fui, ao longo do tempo, construindo as minhas verdades, as quais consubstanciam os juízos que emito.

Este pseudofilosofar centra-se no facto de interiorizar que todos temos os nossos *mares* e as nossas *navegações*. O mesmo será dizer que todos enfrentamos vidas mais ou menos atribuladas, cuja gestão nos envolve e da qual somos os principais responsáveis.

Assim sendo, ocorreu-me a ideia de percorrer, em análise, o caminho já feito analisando os *passos* que já foram dados. Não farei quaisquer juízos de valor, mau grado seria se o fizesse.

Há quem afirme que, se pudesse voltar atrás, daria novamente os mesmos passos.

Ora eu, se recomeçasse, continuaria a cultivar o diálogo e a tolerância como elementos basilares das relações humanas.

É evidente que não voltaria a repetir o que considero terem sido os meus erros.

Devemos ter sempre presente que a valoração do nosso comportamento é de natureza exógena e vem sempre coada atentamente pelo *filtro* de quem nos observa.

Se assim não fora, arriscar-nos-íamos a criar ídolos com *pés de barro*.

Na esteira deste simples solilóquio sugeriu-me fixar um breve depoimento sobre a razão desta saga de cariz intimista.

São tantos como os dedos de *ambas as mãos* os anos que levo de publicação das memórias que constituem a presente Saga.

Tudo começou quando resolvi carrear o meu modesto contributo para a

implementação da Apcalmada, seguida da criação da USALMA, que hoje constituem uma realidade que fala por si.

Entendo que chegou o momento de fixar as palavras ditas, o que muito bem traduzo pelas minhas afirmações ao longo deste divagar.

Entendo ser, enquanto a lucidez nos acompanha e a seiva vivificadora nos anima, o momento ideal para traçarmos o nosso *autorretrato*.

A riqueza da vida encontra-se bem patente nas nossas vivências e as minhas têm vindo a ser partilhadas.

É com este pensamento que decidi encerrar estas memórias, consciente de que *atrás de nós virá quem inexoravelmente nos julgará*.

Profalmada, n.º 30, p. 12

Saga de pequenas memórias: Conversas de Soalheiro

Prof. Feliciano Oleiro

Em dias de rigoroso inverno, nas pequenas localidades da província, é hábito os seus habitantes formarem pequenos grupos, nos lugares abrigados, em amena cavaqueira, enquanto vão espreitando o sol. Ali fala-se de tudo um pouco; tanto do que acontece de bom ou de mau na terra, como na corda de povos vizinhos.

Sempre que se dá algum *amiganço* ou infidelidade, é certo que a conversa sobe de tom. Nestes ajuntamentos estão normalmente presentes *tesouras afiadas* dispostas a *talhar casacas* a rigor, de modo a assentarem que nem uma luva aos seus destinatários.

Não fora, por vezes, a presença de quem não pactua com deslealdades ou insinuações maldosas, as conversas redundariam, sem dúvida, em pequenas assembleias de má língua.

Esta breve alusão às vivências ocorridas nas nossas aldeias tem como objetivo principal mostrar que em todos os estratos sociais e em todas as épocas situações idênticas acontecem nos mais variados estilos de imaginação.

216

A historieta algo burlesca que me propus trazer a lume também me chegou por via oral, como sendo da autoria de Brito Camacho. Dada a versatilidade do suposto autor, indo da medicina à política e à literatura, não enjeito o facto de ela se encontrar inserida em alguma das suas obras literárias. Assim sendo, e parafraseando o autor, procurarei escudar-me no aforismo de *quem conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto*.

Outrossim, vejamos então quanto de picaresco encerra o episódio que hoje me propus narrar.

Reza assim a *história*...

Certo dia, o rei agastado com a vida dissoluta vivida na Corte resolveu meter-se na cama, alegando que se sentia doente.

Seguidamente mandou chamar os Físicos da Corte e ordenou que diagnosticassem a origem do seu mal-estar.

Segundo os métodos usuais ao tempo, foram feitas auscultações ao peito, às costas, seguidas de profundas inspirações e expirações. Foram ainda aplicados sinapismos, receitas várias tisanas, sem qualquer resultado visível.

Depois de consultados vários cartapácios ligados à doutrina de Hipócrates tudo tentaram os físicos sem que se verificassem quaisquer melhoras.

Então o rei, já impaciente e apoquentado com tantas evasivas, mandou novamente chamar os físicos à sua presença para os informar de que, dada a sua incapacidade para diagnosticar os seus males, prescindia dos seus serviços e iria mandar vir o alveitar para os substituir.

Agora, o rei, dando continuidade às suas artimanhas, ordenou ao alveitar que diagnosticasse os seus padecimentos.

O pobre homem, assustado, disse ao rei que só sabia tratar de cavalos, ao que o rei retorquiu, afirmando que os cavalos são animais e, como os humanos, têm doenças semelhantes.

O alveitar, não tendo qualquer alternativa, viu-se obrigado a cumprir e iniciou a tarefa nos seguintes termos.

- Real Majestade, pode sair da cama?

- Sim, posso, respondeu o Rei.

- Então caminhe a passo até ao fundo do salão.

O Rei assim o fez.

- Agora venha a trote até mim, Ordenou o alveitar já mais afoito.

Continuando no seu diagnóstico o alveitar acrescentou:

- Real Majestade, veja se consegue voltar ao fundo do salão, mas desta vez terá que ir a galope.

Cumprida a ordem o alveitar dirigiu-se ao rei, colocou-lhe a mão no ombro e diagnosticou:

- Real Majestade, se fosse um cavalo eu diria que não tem a mais pequena doença.

O Rei finalmente exclamou:

- Acertaste, homem, vai em paz.

Se nos debruçarmos sobre o que a história nos relata em relação à vida mundana e por vezes dissoluta acontecida na corte desde a antiguidade clássica à idade média e por aí adiante, muito teríamos para relatar. Rainhas, cortesãs e respetivos galanteadores têm fornecido assunto mais que suficiente a credíveis autores.

Aceita-se que esta jocosa e hilariante ficção tenha tido por objetivo mostrar-nos que monarcas houve que, devido à sua boa índole, tenham procurado moralizar os costumes, recorrendo por vezes às mais engenhosas diatribes.

Foi esta a ideia nuclear que norteou o meu pensamento ao lançar mão da pena para, mais uma vez, me recrear através da palavra escrita, a qual ultimamente elegi como uma excelente companhia em horas de recolhimento.

Profalmada, n.º 31, p. 13

Saga de pequenas memórias: Sulcos do meu percurso

Prof. Feliciano Oleiro

A Velhice é o tempo de nos conhecermos melhor (Lucinda Neto)

Eu não me encontrava suficientemente alertado por este princípio da filosofia da vida, que hoje selecionei como tema nuclear das minhas reflexões.

Talvez pelo facto de sentir alguma relutância em aceitar o estatuto de idoso, só após a aposentação me dei conta de que todo um *statu quo* se tinha alterado e me impunha ponderar sobre a nova situação.

Intuí ter chegado o momento de olhar, atento, em derredor e fazer as minhas escolhas em obediência aos meus interesses e limitações.

É frente às encruzilhadas que se nos apresentam que nos devemos estudar, repensar e, se possível, inovar procedimentos, sempre em sintonia com as sinergias de que dispomos para continuar...sonhar ...realizar.

É do *Livro dos Saberes*: só quem não *baixar os braços* se poderá manter atuante e, por vezes, conseguir recuperar forças antigas.

Há momentos de dúvida na vida, em que só a recorrente *bússola* da nossa imaginação nos poderá valer.

É, portanto, chegado o momento de tudo fazermos para que a agulha não *endoideça*, deixando-nos à deriva. Uma vez perdidos, nem navegando à bolina conseguiremos retomar o caminho abandonado.

Tenho *vogado* muitas vezes a contra-gosto e ao sabor da corrente com objetivo de poupar as forças que me permitam alcançar a minha *tábua de salvação*.

Outrossim, aqui aportei hoje, trinta de maio de dois mil e treze, coincidente com o meu nonagésimo terceiro aniversário, carreando as minhas incertezas, sempre convicto de que, só por adrego, poderei encontrar resposta para algumas das minhas interrogações.

É o destino da condição humana. Nascemos em busca da luz; luz essa que nos ilumina a vida, que nos anima e que perseguimos por todo o sempre na esperança de que não nos abandone por mais que o *túnel* se alongue. É essa luz abençoada que sustenta o diálogo que hoje encetei com esta folha de papel branco e permite o meu não afastamento da rota que um dia tracei, atento aos *ventos* dominantes em que tenho acreditado.

Tendo em atenção a realidade psicossomática que somos, e devemos *ser* - e, para *ser*, devemos igualmente pensar, criar e produzir -, todo este disreartear se pode traduzir por trabalhar.

Sem vida ativa não se *vive*, vegeta-se.

Sempre tenho procurado ocupar o meu tempo com os olhos postos nesta realidade. Para ser mais verdadeiro comigo próprio, sublinho que a escrita tem sido atualmente um desenfado que muito prezo.

A idade cronológica avançada permite-nos que, do cimo dos anos, possamos atentar no mundo com *olhos de ver* e, em segurança, emendar os nossos erros. É chegado o momento de pôr em prática todo um saber de experiência

feito, no alicerce de novas realizações. É um dado adquirido que a criatividade não depende dos anos que levamos de vida. Numa perspectiva de auto-análise, e expressando-me por meio de algumas metáforas, creio ter encontrado resposta para o facto de só nos últimos anos me ter dedicado à escrita.

A envolvimento social da profissão que abracei e, ao longo de quarenta anos, as leituras, não em livros de papel, mas em rostos humanos, permitiram-me recriar grande parte daquilo que escrevo.

Claro está que encontrei de tudo: *livros abertos, outros fechados, transparentes, enigmáticos, de difícil leitura, etc...* Outros houve que não consegui abrir, por mais que ensalivasse o dedo ou afiasse a unha. Com tantas leituras, alguma aprendizagem ficou, não tenho a menor dúvida.

Está deste modo justificada a razão pela qual só nesta fase adiantada da vida tenho procurado a escrita como boa companheira em momentos de solidão.

Terei aqui encontrado a minha terapia para afastar a velhice? Estou convencido que sim. Certezas absolutas, procuro-as e não as encontro.

Correio da Usalma, n.º 33, p. 10

Saga de pequenas memórias: o meu filme

Prof. Feliciano Oleiro

Abril aconteceu. Regressei à docência. Sete anos passaram, não de pastor mas de observador (que me perdoe o nosso épico). Retomei, por convite, o cargo de delegado escolar.

Já escrevi sobre *o meu vinte e cinco de Abril*, com normal facilidade, pelo facto de ainda ter presente indeléveis marcas pessoais que, por injustas, muito buliram com a minha sensibilidade. Tudo o que disse foi publicado no meu livro *Saga de pequenas memórias*.

Hoje, estou tentado a regressar ao tema apenas como observador e narrador do que considero ser um *filme de longa-metragem*, o mesmo será dizer: tentarei reter no papel tudo quando de bom ou de menos bom me foi dado observar a nível do meu limitado horizonte.

Eu cheguei a este mundo quando a primeira República já denotava sérias dificuldades em sustentar as medidas de fomento educativo prometedoras de um sério combate ao analfabetismo.

Quando, em mil novecentos e vinte e oito, iniciei a escolaridade, já se encontravam em regressão projetos culturais dirigidos à implementação da *Escola Nova, Escola Ativa, Escola Moderna*, como então se dizia.

Recordo-me de ter manuseado alguns compêndios adotados na extinta quinta classe, tais como livro de leituras, coreografia e um paleógrafo, entre outros.

O meu diploma da 4.^a Classe ainda ostenta a designação de Exame de

segundo grau.

Na década de trinta, após a implantação da ditadura, a regressão continuou. Quando, em mil novecentos e cinquenta, iniciei funções de professor, Portugal era olhado, no contexto europeu, como um país de baixo nível de alfabetização.

Em mil novecentos e cinquenta e dois foi publicado o designado *plano de educação popular* com o objetivo de levar o ensino a todos os cantos do País. Aqui, a classe dos *regentes escolares*, não obstante serem os mais modestos obreiros do ensino, teve um papel preponderante, levando o alfabeto, a baixo custo, a grande parte de um interior esquecido. Convém sublinhar que os *regentes* atingiram cerca de vinte por cento do número de ensinantes, ao tempo. Com conhecimento de causa, posso acrescentar que a ação dos regentes escolares teve ainda o mérito de espezitar certos professores *adormecidos*.

Outrossim, com avanços e recuos, e algumas medidas de remedeio, chegámos à década de setenta com os problemas do analfabetismo aquém de uma situação de conforto.

Todo este prévio discorrer tem como objetivo chegar ao tema nuclear do meu texto de hoje, o qual se centra na evolução do ensino básico, a nível concelhio, após a Revolução de Abril.

Como já disse, todas as medidas de fomento educativo que até à data vinham sendo tomadas eram tímidas e por mais esforço que houvesse, por parte do legislador, continham, fatalmente, sinais de um regime centralista.

Com o apagar do regime ditatorial em 25 de Abril de 1974, todo um *statu quo* foi profundamente alterado. A *Escola* iniciou a sua abertura à comunidade. Surgiram *associações de pais* que, em colaboração com os diretores de escola e com o aval do Município, deram um precioso contributo para sedimentação de novos valores de cidadania.

Eu, de harmonia com os condicionamentos legais, regressei às funções de docente.

Talvez pelo facto de possuir certo poder de resiliência, aceitei a nova situação com normalidade e sem qualquer constrangimento.

Hoje, à distância de mais de três décadas, confirmo que esta mudança de atividade foi, para mim, uma dádiva providencial. O regresso à docência proporcionou-me vivências com os meus pupilos amplamente enriquecedoras, aduzindo ainda o facto de me alertarem para o meu grande sonho com que, um dia, me autocomprometi nos seguintes termos: *Tudo farei para que um dia venha a ser professor.*

Corria o ano de mil novecentos e oitenta e três, fui novamente convidado a retomar as funções de Delegado Escolar, a partir das de Diretor de Escola, para as quais já tinha sido eleito. Eram decorridos sete anos após a revolução de Abril. Tantos como os dias da semana.

Não obstante a pesada herança do Estado Novo e, em obediência às minhas leituras a nível local, claro está, foi-me dado observar uma escola mais

liberta e empenhada na implementação de projetos mais abrangentes e atualizados.

É de sublinhar a presença do Município, tanto na construção de novos edifícios como na remodelação e atualização de outros.

Os professores organizaram-se em sindicatos; os diretores de escola, apoiados por conselhos escolares, meteram ombros a projetos inovadores sem quaisquer constrangimentos, o que muito contribuiu para o enriquecimento dos currículos. A espelhar uma sociedade ávida de mudanças, ocorre-me sublinhar iniciativas levadas a cabo na centenária escola Conde de Ferreira,¹ onde foi criada uma *carpintaria*, uma *olaria*, um espaço para funcionamento de um ginásio com funções polivalentes: educação física aos alunos, reuniões de pais e festas de encerramento do ano letivo. É igualmente de referir que neste espaço reuniu durante algum tempo a Assembleia Municipal de Almada.

Ainda nesta atitude inovadora da ligação Escola-Meio-Família, merece igual visibilidade a vinda à escola da escritora Matilde Rosa Araújo,² que seleciona um poema de um aluno para incluir no seu livro de leituras para a segunda classe do então, ensino primário, denominado *O Sol Livro*.

Permita-se um breve parêntese para citar um episódio ocorrido em Évora, na década de cinquenta, que nos mostra como a escola era levada a difundir a doutrina do regime vigente.

Na década de quarenta, foram editados uns mapas, a cores, contendo a *lição de Salazar*, com as seguintes imagens: A primeira parte (*Antes*), mostrava um automóvel atolado, a ser retirado por uma junta de bois e um velho edifício escolar onde nos mostravam um pretense aluno a saltar pela janela. A segunda parte (*Depois*), representava um automóvel moderno a circular numa via asfaltada. Ao lado, podíamos observar um novo edifício do Plano dos Centenários e um pupilo da mocidade portuguesa, fardado, na posição de sentido.

O que me levou a incluir este episódio no texto relaciona-se com um incidente ocorrido em exames da quarta classe, numa Escola da Cidade.

Passou-se o seguinte: O presidente do júri solicitou ao colega para incluir a dita *lição* na prova oral. O vogal do júri anuiu e pediu ao examinando que descrevesse, oralmente, as figuras representadas. No final, o examinador, sentindo-se provocado politicamente, rematou: - *Olha, meu menino, isso que vês não corresponde à verdade. Sempre houve bons e maus professores, bons e maus alunos, bem como automóveis, escolas e caminhos.*

Os exames estiveram interrompidos por umas horas e o caso *morreu*, ficando apenas no âmbito da autoridade escolar distrital.

É comum ouvirmos comentar que o *nosso 25 de Abril*, simbolizado nos cra-

¹ *Escola Conde de Ferreira- Um pouco da sua história*, por Feliciano Oleiro e Luís Barradas. pgs. 38 e 47 – Arquivo Histórico de Almada

² Idem.

vos, foi pacífico. Esta asserção só se admite pelo facto de não ter acontecido o recurso à força armada. O vocábulo revolução, na verdadeira aceção do termo, também implica mudança no sentido evolutivo das sociedades na conquista de liberdade e garantias que permitam tranquilidade, bem-estar e mais justiça social.

Ora, o povo português, depois de meio século de imobilismo, desabituaado de pensar pela *própria cabeça*, viu-se, de supetão, com o *sonho nos braços* e sem atinar rumo. O primeiro- 1º de Maio foi revelador de uma euforia sem limites, quase patética, direi eu.

Como seria de esperar, o sonho foi-se transformando em realidade e notórias perturbações e emoções sociais vieram à tona. Fizeram-se ocupações de espaços devidas e indevidas, houve saneamentos precipitados, desmembram-se famílias e *amigos* até à data, afastaram-se drasticamente. Assistimos a diatribes comportamentais que nos deixavam pasmados.

Eu, atento, ia fazendo as minhas leituras e tomando as minhas opções.

Muitas vezes, me veio à memória parafrasear Camilo Castelo Branco onde ele espelha os seus *cento e dez amigos*. Eram cento e dez. *Só ficou um que não quebrou os laços quase rotos. Desertaram todos aqueles cento e nove impávidos marotos.*

Com a poeira mais assente, os ânimos mais calmos e em liberdade, fomos renovando e enriquecendo a Nação que hoje somos.

Foi a partir de finais da década de setenta que mais visivelmente começámos a arrumar a casa,

Como já disse, o meu *filme* confina-se ao meu horizonte. Só a partir das funções em que me encontrava investido me foi dado testemunhar como, em liberdade, pudemos chegar à *escola* de hoje. Apearam-se barreiras ideológicas consideradas impeditivas; a criatividade dos professores emergiu; o Município, atento, foi sempre um parceiro forte e sustentável.

Em suma, a escola democratizou-se.

Quem vem da escola dos anos trinta, como aluno e em cinquenta ingressa, como professor nessa mesma *escola*, não consegue afastar a sua emoção ao constatar que essa mesma escola não só tinha parado no tempo, como denotava visível retrocesso em termos de criatividade.

222

Todo este dissertar conduziu-me a um breve comentário sobre a situação económica que atinge, hoje, drasticamente as economias familiares mais débeis.

Se nos basearmos nos factos com que os meios de comunicação diariamente nos vêm azucrinando os sentidos, somos levados a deduzir que grande parte das dificuldades económicas que atingem milhares de portugueses se deve aos *Curadores da Fazenda* que, por negligência, não acautelaram o erário público, permitindo que a ambição desmedida de uns e a desonestidade de outros abrissem portas à impunidade.

Abril também nos abriu portas. Mas abriu-nos tantas, que temos tido difi-

culdade em encontrar a porta certa.

Em suma, creio que a maioria dos portugueses escolheu a porta do conhecimento e da cidadania.

Somos hoje um país diferente que se lança na *diáspora*, não, como outrora, empunhando a espada e levantando a Cruz, mas, isso sim, afirmando-se atualmente apetrechado nos areópagos do mundo científico.

Profalmada, n.º 33, p. 7

Saga de pequenas memórias: O Mastro

Prof. Feliciano Oleiro

Acontece, por vezes, as nossas pequenas-grandes memórias visitarem-nos em momentos especiais de lazer ou recolhimento. Quando tal sucede, chegam paulatinamente a modos de como quem vem para nos ajudar a preencher os nossos vazios. Daqui resulta aceitarmos o acontecido como uma benesse.

Partindo do aforismo o que é doce não amarga, aceitamos a situação com natural agrado. Todavia, o que me levou a deambular por estas áreas resulta do facto de ter notado alguns lapsos em certas memórias por mim referenciadas.

Falhei nas situações em que a patine do tempo escondeu a realidade. Aqui o narrador é o principal responsável, dado que deveria ter estado mais atento e ser mais cauteloso. Não encontro eufemismo que alivie a minha culpa.

As nossas lembranças chegam como fadas boas, instalam-se, ajudam-nos a preencher o tempo. Nesse meio tempo, por vezes, subordinam-nos e fazem de nós suas vítimas responsáveis e só nos abandonam após reposição correta dos factos. Só deste modo nos poderemos reabilitar.

Todo este discorrer advém de uma releitura do meu texto sobre a recriação da festa em quinta-feira de Ascensão, em que omiti os bailes em derredor do Mastro, ao longo das comemorações dedicadas aos santos populares.

Ao vocábulo mastro, neste caso, não se lhe atribui qualquer leitura náutica a que poderíamos associar velas, adriças, enxárcias ou demais expressões afins em que a maréação é fértil. Neste caso, estamos em presença do cumprimento de uma tradição arreigada em muitas aldeias da província por ocasião dos festejos aos santos populares - o mastro de São João, como genericamente era designado. Uma vez erguido, era uma constante ao longo das festividades e mobilizava todo o empenhamento da juventude local.

O *modus faciendi* da elevação do Mastro envolvia, com desvelo, um grupo de jovens que começavam a agir de imediato após a indicação dos respetivos mordomos, para que a estreia acontecesse ao serão da noite de Santo António.

Os rapazes encarregavam-se de fornecer a peça central - o Mastro. Nor-

malmente a escolha recaía num tronco esguio de pinheiro com quatro a cinco metros de comprimento, cabendo às moças a sua decoração com papel de várias cores, onde não faltavam lindas florinhas de papel frisado.

Depois de ataviado com todo o esmero, era erguido e bem firmado ao solo. Do cimo, embandeirado, irradiavam seis ou oito cordões igualmente decorados, os quais eram amarrados a outros tantos postes de cerca de dois metros de altura, a delimitar o terreiro onde iriam realizar-se os bailaricos tradicionais, ao ritmo da concertina. A comissão de festas contratava um tocador de concertina ¹ para marcar o ritmo e animar a função.

De *Santo António* a *São Pedro*, todos os fins de semana havia bailarico e ali se faziam e se desfaziam namoros sob a vigilância das mães sentadas, em círculo, nas cadeirinhas trazidas de casa.

É um lugar-comum afirmar que não devemos ser prisioneiros do passado, onde poderemos encontrar todo um manancial de conhecimentos de experiência feitos. Igualmente poderemos argumentar que é nesse mesmo passado que reside grande parte da segurança que consubstancia as nossas leituras em relação ao presente. Lá nos diz o aforismo: *Quem não tem passado não poderá ter futuro*.

O corolário de todo este discorrer consubstancia os juízos que há muito venho fazendo sobre as nossas atitudes comportamentais. Nem sempre o que nos leva ao sofrimento resulta em infortúnio. São os desígnios da vida, como, filosoficamente, se expressa o *povo sabedor*, que devemos manter presentes. No sentido inverso, podemos contrapor: quantas vezes as fátuas alegrias se encontram na antecâmara de fatalismos avassaladores!

À guisa de conclusão, constato que todo o mal-estar provocado por esta omissão de imediato se transformou numa situação cómoda, que não só me ocupou o tempo, como me enriqueceu buscando o termo certo que melhor pudesse transmitir a minha mensagem para quem, como eu, se recreia ao recriar tão saudáveis tradições populares.

A presente situação alertou-me para o facto de, ao tentarmos recriar as nossas memórias, jamais o fazemos de ânimo leve. Se tal acontecer, a incomodidade daqui resultante instalar-se-á, ou, pior ainda, poderá vir para ficar, quer queiramos quer não, a azucrinar-nos os sentidos.

¹ Expressão atribuída ao executante do harmónio ou do acordeão. Só mais tarde se passou a adotar *acordeonista*

Os sinais dos tempos

Prof. Feliciano Oleiro

O *signal dos tempos* é uma expressão muito em voga ao longo do vagar da nossa vida. Se quisermos ser mais explícitos e nos mantivermos atentos, logo notaremos a sua importância no pilotar dos nossos caminhos.

Assim sendo, e servindo-me destas metáforas, creio encontrarmos-nos perante uma asserção intemporal de grande abrangência semântica, que nos exige redobrado cuidado.

Sinal, para além da sua milhenta sinonímia, sem qualquer alusão às *arras afonsinas* que, também elas, eram um *sinal*. Não dos tempos, mas de responsabilização face a compromissos assumidos.

Ao longo da minha existência, estou consciente de que nem sempre estive desperto face aos *sinais dos tempos*. *Erros meus, má fortuna*. Que expressão tão bela, imortalizada n' *Os Lusíadas*.

Como corolário deste breve dissertar, somos levados a intuir que os sinais, para além da sua versatilidade, nem sempre chegam até nós.

Foi este discretear que me levou a percorrer o arco de tempo que levo de vida, com o objetivo de fixar no papel as minhas vivências de cidadania no seio do povo chão.

Atualmente, o vocábulo *crise* faz parte do nosso linguajar nas mais diversas situações e a propósito de tudo e de nada. Se pretendermos pormenorizar, logo se nos deparam momentos em que o óbvio nos passou ao lado.

A partir deste raciocínio, facilmente aceitamos que uns estão atentos, enquanto outros, nem por isso.

Crise...crise...crise é um termo que nos vem azucrinando os sentidos nos últimos tempos, tanto esporadicamente, como na mais enfadonha continuidade. Teremos estado atentos aos sinais, quanto baste? É a questão que hoje se nos apresenta e que vou deixar à leitura de quem vier ao encontro destas linhas.

Eu *vim a este mundo* em plena crise – a crise de *vinte e nove* do século passado, a qual, por vezes, nos serve de paradigma.

Teriam os portugueses estado atentos aos seus sinais? Nos meios urbanos, a classe intelectual, deixou-nos provas bem claras de resistência. Enquanto grande maioria dos portugueses iletrados, vivendo esquecidos no interior, sucedânea dos históricos *servos da gleba*, mergulhada no mais profundo analfabetismo e a produzir riqueza, se foi

deixando arrastar para o obscurantismo e empobrecimento, vindo a *desaguar* na trágica ditadura de meio século.

A partir de Abril, o povo português, já livre de um regime ditatorial e obscurantista, exultou. Meteu ombros a projetos inovadores conducentes ao seu desenvolvimento intelectual e a novos patamares da cidadania. Somos hoje um país diferente. Errámos? Sem dúvida. *Só não erra quem não faz.*

Nos tempos hodiernos, através dos meios de comunicação, diariamente nos chegam *sinais* que, de certo modo, nos preocupam. É esta a questão que hoje se me apresenta e para a qual vou deixar as minhas leituras.

Os *sinais* que ultimamente nos vêm chegando sobre a debilidade económica de grande parte dos portugueses poderá ser atribuída, em primeira mão, à negligência dos históricos *Curadores* da Fazenda Pública. Esta falta de zelo abriu portas à impunidade, tendo em conta o modo como se comportam aqueles que enriqueceram ilicitamente e sobre os quais os meios de comunicação fazem ruído sem que nos chegue qualquer notícia, nem sinais sobre a reposição dos valores supostamente desencaminhados. Se esta situação se perpetuar no tempo, cabe aqui a paráfrase em relação às leituras de Almeida Garrett: *É preciso um milhão de pobres para fazer um rico.*

Em presença dos *sinais* que hoje nos chegam sobre a debilidade das economias de muitos portugueses, resta-nos aguardar pela chegada de novos sinais direcionados para a prática de virtudes de humanismo, cidadania e justiça social que invertam este caminhar.

Como o *livro dos saberes* nos diz *que os grandes homens são como as grandes montanhas, ao longe veem-se melhor*, nada mais poderei aduzir ao meu limitado horizonte, para além de confirmar a minha leitura em relação ao *signal dos tempos* que possa pôr termo à intranquilidade que hoje domina muitos de nós.

226

Concluindo: Estou tentado a continuar atento na mira de novos sinais mais tranquilizadores. Se já chegaram, são os tais que, porventura, sempre de mim se escapuliram.

Profalmada, n.º 35, p. 3

Encontro falhado

Aluno *Fernando Antunes*

O encontro ficou marcado para o jardim...

Não fora fácil chegarem a este consenso.

Várias hipóteses foram sendo apresentadas e sucessivamente rejeitadas.

A primeira hipótese sugerida foi o encontro num café. O primeiro a chegar esperaria sentado a uma das mesas.

Ficou logo combinado o modo como se reconheceriam; ele apareceria com uma gabardine cinzenta e ela viria, ou estaria vestida, com um fato de saia e casaco azul...

Quanto ao café... o primeiro impasse...

Foi primeiramente apontado *A Brasileira*... um lugar seletto com um ligeiro senão... ambos eram lá conhecidos como frequentadores habituais...

E porque não *O Nicola*?

Rejeitado por motivos óbvios!

Outro, mais discreto... esse, mal frequentado!

E se, em vez do café, o encontro ocorresse na estação do Rossio?... Ou então à chegada dos barcos do Barreiro?

Na Feira Popular...?

Demasiada confusão!

Foram enumerados outros locais de encontro: junto à estátua, no Terreiro do Paço, na estação dos Correios, perto de uma cabine telefónica... na estação de Santa Apolónia...

Em qualquer desses lugares a espera seria de pé... e se se atrasassem?

Que tal, discretamente, numa pensão da Baixa...

Era cedo para intimidades!

No jardim...

Saiu, finalmente, fumo branco!

No jardim, não parecia mal...

No jardim, que romântico!

Num banco junto ao coreto...

Quanto ao dia... novo impasse...

Num domingo... num sábado... a meio da semana...

Finalmente lá acertaram no dia... a hora, pelas cinco da tarde.

Durante toda a semana idealizaram o encontro...

Quem seria o primeiro a chegar... qual a impressão que causariam no outro... as primeiras palavras... deveriam beijar-se ou simplesmente apertarem as mãos...

Uma euforia envolveu-os a ambos a tal ponto que todos estranhavam os respetivos comportamentos.

Ele assobiava, trauteava melodias, cumprimentava efusivamente...

Recordava-se do anúncio publicado no *Diário de Notícias* que lera e ao qual respondera:

Senhora meia-idade, livre, alguns bens de fortuna, procura cavalheiro nas mesmas condições. Assunto sério. Resposta ao anúncio n.º XXX.

Esquecera-se das manchas brancas na cara que tantas vezes o inibira com receio do repúdio que pudesse provocar.

Campeão das indecisões, muitos projetos ficaram adiados, outros não passaram disso mesmo. Agora seria diferente; estava decidido a mudar de estado!

Ela ria-se de tudo e de nada, cantava, olhava-se ao espelho e entristecia-se... se estivesse um pouco mais magrinha... passou a cuidar-se mais, a maquilhar-se, a usar as joias esquecidas... sentia-se outra mais alegre e bonita.

Iria dar um rumo diferente à sua vida solitária, sem sentido. Chegara o tempo de encontrar uma companhia, alguém com quem partilhasse anseios, afetos, viagens, porque não?

Era outono...

A luz do dia esmorecia... uma leve brisa revolvía as folhas amarelecidas do chão... aves pipilavam, esvoaçando à procura de poiso nas árvores do jardim.

Num ou noutro banco, quedavam-se velhotes, remoendo o passado...

Pares de namorados trocavam carícias...

Solitários deixavam passar o tempo, olhando as árvores, lendo, escutando a passarada...

Alguns transeuntes atravessavam o jardim... os menos apressados sentavam-se por instantes... dois catraios chutavam uma bola num espaço relvado.

O pregão de um ardina:

- *A Capital... A Capital... O Diário Popular... Quem quer o jornal?*

Alguém distinto, de fato escuro e chapéu de feltro comprou *A Capital*; com o jornal na mão foi sentar-se a um banco junto ao coreto. Teria apenas lido os títulos, pois logo prosseguiu o seu caminho.

Mais adiante, uma mulher possante, pescoço, pernas e braços grossos, caminhou até junto de um banco, sentando-se com a respiração um tanto ofegante; o decote generoso do vestido deixava à mostra uma pele sardenta e rugosa e um cordão de ouro de onde pendia uma cruz também de ouro. Descansou alguns minutos, levantando-se depois, lá foi seguindo o seu rumo.

Dos sinos de uma igreja perto soaram algumas badaladas... um bando de pombos levantou voo...

228

Dos estabelecimentos circundantes saíam as empregadas de balcão, as secretárias, os encarregados de secção, os gerentes...

Alguns vinham até ao jardim onde tinham encontros marcados, outros sentavam-se por breves instantes numa breve cavaqueira, outros percorriam-no como atalho até uma paragem de autocarro.

Chegava-se a noite...

Dos bancos ocupados, todos se iam levantando; eram horas do regresso a casa... uma mãe acabava de dar a mama à criança, que chorava insaciável ainda...

No passeio da rua dois bêbados discutiam algo de transcendente.

- Pois é verdade... é como te digo!
- Sabes... o... o que é a Verdade?
- A verdade é o que te estou a dizer...
- Filosoficamente falando... sabes o que é a Verdade?
- *Isoficamente* falando? Sei, pois claro que sei!
- Não sabes, não sabes nada!
- Saber... ou não saber, é isso, como disse o outro...
- Então diz lá, qual outro?
- Vês aqui mais alguém...? És tu que vais pagar!
- Eu? Pagar eu? Pagas tu... Não empurres! Oh! Oh!
- Vais a cair? Ih! Ih! Ih!

Ninguém apareceu de gabardine cinzenta ou de fato de saia e casaco azul...

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 11 e 12

Insónia

Aluna Julieta Ferreira

O que me causa Insónia é o Mundo, este mundo de guerras constantes, feitas pelos poderosos contra os mais fracos. Guerras feitas pelo poder, pelo petróleo, pelo dinheiro, pela submissão dos povos ao jugo dos mais fortes.

O que me causa Insónia é a hipocrisia reinante neste mundo global, onde se manipula a informação, se distorce a verdade, sempre em benefício dos grandes senhores do dinheiro e do poder.

O que me dá Insónia é esta sociedade injusta, onde muito poucos têm tudo e todos os outros nada têm. Esta sociedade onde todos os dias morrem milhões de crianças com fome, onde milhares de mulheres são violadas, onde milhões de pessoas sentem medo pelo dia de amanhã, pela incerteza de poderem viver com decência, com dignidade, sem um raio de sol, de esperança para uma vida feliz.

O que me causa Insónia é olhar para este meu País que depois de uma Bela primavera, que se seguiu a um Inverno de 50 anos, não consegue caminhar para um Verão quente que todos desejavam. Um país onde se sente tristeza, medo do futuro. Medo de regressar a outro inverno, ainda mais frio, ainda mais negro.

O que me dá Insónia é eu também ter medo, ter incertezas, não conseguir imaginar o futuro, não o conseguir ver radioso, como tanto desejava nesta fase da minha vida.

Será este texto, um texto triste? Sim, talvez. Parafraseando Bocage: Escrevi-o num momento em que me achei mais pessimista.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 8

Uma velha amizade

Aluno *Fernando Antunes*

- Cafezinho quente, senhor doutor!

- Como eu gosto, Mendes, como eu gosto, obrigado!

Gostava do café bem quente.

Pouco açúcar, duas voltas com a colherinha. Gostava do café amargo; ao primeiro golo, pelo aroma e pelo sabor, identificou o lote: *arábico*.

Era o melhor café que se bebia na baixa.

Gostava da pausa a meio da tarde...

O movimento da hora do almoço, as mesas todas ocupadas, um entra e sai, levanta e senta, tilintar de louças, vozeirões, irritava-o. Seria por causa da idade que já não suportava tal bulício?

Tornara-se um hábito a escapadela até ao café, a meio do expediente da tarde.

Aquele ambiente calmo dava-lhe ânimo e motivação para mais umas horas de labuta até ao fim do dia.

Observou, sentados mais à frente, um casal de velhotes, ela resmungona, ele paciente. Conhecia-os. Advogou-lhes um caso há muitos anos, uma trapalhada por questões de vizinhança... a mulher era de gancho!

Do outro lado, em duas mesas, um grupo de estudantes, sebatas e manuais abertos... Colocavam questões, respondiam, escreviam e liam; alguns, brincalhões, atiravam papelinhos...

A um canto, junto ao balcão, o engraxador dormitava com umas cautelas na mão, com a caixa das graxas ao lado.

Também a uma mesa, junto ao balcão, uma cara conhecida... um tipo que se encontrava sempre por ali, de manhã, a todas as horas...

Bebeu o último golo de café já morno e fez uma pequena careta.

Foi quando entrou o doutor Afonso. Cruzaram friamente o olhar... viu-o dirigir-se até ao balcão. Há tempos que o não via. Não se falavam desde um julgamento em que se pegaram com palavras duras, feias mesmo.

Lastimou-se...

230 O momento para um cigarro antes de se levantar, tinha de ser!

Retirou do bolso a cigarreira. Como gostava daquela cigarreira! Era de prata, uma leve patine dava-lhe um ar de antiguidade e era mesmo antiga. Pertencera ao avô e ao pai.

Com o dedo polegar afagou-a, abriu-a depois e retirou um cigarro. Fechou-a e bateu uma ponta do cigarro sobre o tampo para o tabaco ficar compacto. Guardou no bolso a cigarreira e acendeu o cigarro com um isqueiro *Ronson*.

Enquanto fumava, conservou na mão o isqueiro... gostava daquele isqueiro, uma oferta da filha.

O doutor Afonso... bebia uma água ao balcão e falava com o Mendes.

Eram da mesma faculdade, mas de anos diferentes, ele mais velho dois anos...

Foi pena terem-se desentendido e da maneira que foi.

No princípio das carreiras fizeram projetos juntos, entendiam-se, cimentaram até uma boa amizade.

Naquele mesmo café - há que anos! - juntavam-se aos sábados à tarde, numa tertúlia onde havia literatos, cinéfilos, juristas, como eles.

De tudo dissertavam, comentavam, discutiam. Com as devidas cautelas, entravam por temas como as vantagens da adesão à Nato... as possibilidades da alteração do regime para um formato semelhante ao dos países aliados... a importância do neorealismo para uma nova visão do mundo... uns traziam e liam poemas, outros faziam caricaturas.

Temas específicos, igualmente sensíveis, eram também abordados: a censura, o processo penal e os tribunais plenários.

O grupo desfez-se quando um dos companheiros fora preso.

Poisou o isqueiro sobre a mesa e apagou o cigarro.

Retirou do bolso uma agenda que consultou... Do bolso da frente do casaco despreendeu a caneta *Parker*.

Gostava daquela caneta, uma das primeiras ofertas de um cliente, tinha-a há tanto tempo... uma caneta de prestígio!

Atualizou a agenda... leu e escreveu datas, memorandos, audiências, reuniões...

Inopinadamente, surge-lhe à frente um sujeito, aquela cara conhecida que por ali andava. Apontando o isqueiro sobre a mesa, com voz autoritária, vociferou:

- A licença de isqueiro¹... apresente-me a licença de isqueiro!

Calmamente, retirou a carteira, procurou a licença, não estava na carteira... de outro bolso retirou um livro de cheques, um, dois cartões... nada... desfolhou a agenda...

- Se não tem licença, multo-o e apreendo-lhe o isqueiro - voltou a vociferar o sujeito.

- Cumpra a lei...

- Decreto-lei número vinte e oito, duzentos e dezanove...

Surpresa das surpresas, o doutor Afonso aproxima-se e intromete-se:

- Colega, deixe o fulano comigo... O isqueiro é meu! Aperte-me a mão!

E selaram um pacto: reatar a velha amizade!

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 6-7

¹ Durante o Estado Novo vigorou uma lei que estabelecia que qualquer cidadão para poder utilizar isqueiro em público tinha que possuir uma licença. Os fiscais de isqueiros eram conotados como informadores e bufos e faziam a vida negra a todos os fumadores... Esta lei foi abolida em 1970.

Crónica do Lar

Aluno *Valter Deusdado*

Catarina dizia com frequência que, quando fosse velha, queria ir para um lar. As coisas seriam assim!... Enquanto o seu Rafael fosse vivo, os dois amparar-se-iam.

Amélia é que não pensava da mesma maneira. Vivia sozinha na sua casa. O marido falecera há alguns anos, mas ela não sairia dali. Habituara-se a estar só e isso já não a constrangia. Os filhos andavam na sua vida e visitavam-na de longe a longe, por altura do aniversário.

Um dia, numa conversa de comadres, Amélia comentava com preocupação com a sua amiga Catarina, que lhe estavam a acontecer estranhos esquecimentos. De vez em quando esquecia-se das coisas, e cada vez levava mais tempo para se lembrar.

- Olhe que no outro dia saí para fazer umas compras e tive que voltar para casa, porque, entretanto, esqueci-me do que ia comprar!

Catarina já outras vezes a observara, e pensara para ela. A minha vizinha apresenta sinais preocupantes de esquecimento, porque nas conversas, para além de se repetir, muda de assunto sem nenhuma razão. As conversas deixaram de ter um fio condutor, saíam baralhadas, muitas vezes sem sentido.

Foi galopante aquele esquecimento, e só entendemos a verdadeira dimensão quando, um dia, apareceu a polícia com ela no carro, tentando descobrir onde morava, uma vez que ela não tinha qualquer identificação. Ficámos assustados e telefonámos a um dos filhos, relatando-lhe o que acontecera.

Não era mais possível continuar sozinha, e a solução encontrada foi a de internamento num lar. Sem reação, porque já não havia reação, Amélia foi viver para um lar não muito longe dali.

Catarina comentava com o marido que, afinal, a vizinha nem estaria mal, uma vez que não podia continuar a viver sozinha!... Temos que a visitar, já lá vai um mês que foi viver para o lar. Vamos fazer-lhe uma visita no próximo domingo. Poderá não nos conhecer, mas isso já acontecia também aqui.

Era uma tarde outonal, de um sol claro e frio. Chegámos. O espaço exterior pareceu-nos pouco adequado a lar de idosos. À porta, tocámos à campainha, como ninguém aparecia, um dos utentes assomou-se a uma janela e disse:

- Batei à porta que a campainha está avariada. Assim fizemos, e foi outro utente que veio abrir. Como não apareceu ninguém, fomos dizendo que procurávamos a D. Amélia, e rapidamente a encontrámos na sala contígua.

Deu-nos um baque. Aquela era a Amélia? Não podia ser!... Velha, cabelo descuidado, roupa desalinhada, e com o corpo deformado! Quis barafustar com alguém, mas ninguém apareceu. Olhei à minha volta e perdi o fôlego. Olhares revirados, amedrontados, acusadores. Queria fugir e não podia. Ali, junto de mim, estava a minha vizinha de tantos anos. Já não era ela.

No caminho de regresso, não fui capaz de dizer nada. Em casa, um pouco já recomposta, atirei com este desabafo a Rafael:

- O que me dizes da nossa vizinha Amélia? - Ele pôs a mão, meio no queixo meio na boca, para disfarçar a dificuldade da articulação das palavras.

- Oh mulher!... Até eu perdi a dignidade, e só agora começo a recuperá-la. Se me tivesses feito esta pergunta mais cedo, não teria tido coragem para dizer nada. As palavras eram custosas de pronunciar, saíam aos impulsos, escondendo ao mesmo tempo os olhos tristes, para também esconder dolorosas lágrimas.

Correio da Usalma, n.º 33, p. 16

Conto do 25 de Abril

Aluno Valter Deusdado

Rodrigo descia a rua pela manhã e pareceu-lhe pairar no ar algo diferente que ele não sabia o que era.

Passou próximo de duas mulheres que falavam em tom baixo e recitado. Rodrigo nada decifrou. Continuou o seu caminho que o iria conduzir à oficina onde trabalhava. Que havia qualquer coisa, havia, até as pessoas àquela hora, na rua, pareciam serem menos.

- Bom dia, Sr Américo.

- Bom dia, Rodrigo.

- Então, não sabes nada?

- Eu não, respondeu Rodrigo na sua ingenuidade de rapaz de dezoito anos.

- Parece haver uma revolução.

- Uma revolução?... Uma revolução para quê?

- Ora essa! Respondeu com afabilidade o patrão Américo.

- Espera que estão a atualizar as notícias.

- *Recomenda-se a todas as pessoas que se mantenham em casa. O Presidente do Conselho e o Presidente da República preparam-se para renunciar ao cargo, evitando assim que haja um vazio de poder.*

E as notícias continuavam...

Realmente, Rodrigo não entendia muito bem aquela linguagem, nem o que se estava a passar.

Américo, homem de cinquenta anos, tinha agora esperança de que aquela ditadura pudesse finalmente acabar. Então, encarando Rodrigo, tomando-o como o filho que aquela guerra no Ultramar lhe roubara, falou de mansinho.

- É assim, Rodrigo, o nosso País vive numa ditadura, isto é: todos temos que pensar da mesma forma, ou no mínimo parecer pensar. Agora, se isto acabar, todos seremos mais felizes.

Era a primeira vez que Rodrigo ouvia falar deste modo o patrão. Tanto azedume e tristeza naquelas palavras.

A guerra!..., aquela guerra! Américo falava para ele próprio. Tudo lhe roubara. Primeiro o filho, que era o único. Depois a mulher, que não resistiu a tanto sofrimento. Ele prometeu a si próprio que vingaria tudo o que lhe tinham tirado. Tentou, manifestando-se publicamente, mas o que obteve foi apenas passar umas noites no calabouço da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) para interrogações. Valera-lhe na altura um homem alto, bem vestido, que nunca conhecera, que o mandou libertar. Hoje seria um preso político ou, quem sabe, não seria nada...

Os anos alteraram-lhe a força, mantendo apenas viva a revolta. Desta vez, acabaria o tormento, iria saborear sozinho, mas devagar, aquela paz.

- Rodrigo? - chamou Américo - . Agora que isto está mais estabilizado, vou ausentar-me por uns tempos.

- Onde vai, Sr Américo?

- Vou a África, Angola, encontrar-me com o meu filho.

Nestes dois anos pós-revolução Rodrigo tinha aprendido muitíssimo. Voltara à escola, e não foi difícil perceber o sentimento do patrão. Nada disse, apenas que fosse descansado, que ele trataria de tudo o melhor que soubesse.

A Américo nada restava, apenas aquela dor funda e intensa de ter ficado só, com o filho morto naquela guerra.

Para morrer em paz tinha que ir ao local onde o filho estivera pela última vez. Uma espécie de despedida. Para ele era importante, talvez assim pudessem descansar. Aquela urna que lhe entregaram, e não pudera abrir para se certificar que ia enterrar o filho, não sossegara este pai.

Dois meses volvidos, Rodrigo recebe uma carta do patrão, informando-o de que não sabia quando regressaria.

Não houve mais correspondência. Américo não conseguiu separar-se daqueles lugares, ali sentia-se mais próximo do filho.

Correio da Usalma, n.º 34, p. 6

Isto tem de acabar!

Aluno *Fernando Antunes*

Ao desacostar, o cacilheiro estremece.

- Recebeste um elogio pelo trabalho...

Julieta não ouviu.

Na manobra de marcha à ré, motor e hélice repercutiram um ruído mecânico ensurdecedor, insuportável...

Apontada a proa na direção do Cristo Rei, o cacilheiro desliza agora suavemente.

Julieta olha através da janela...

O sol tombava para além da foz do rio, tingindo de vermelho o poente...

- Julieta, não ouves? Há dias que não pareces a mesma... Já sei *Ce sont Les Fleurs du Mal*... Esse Baudelaire dá-te a volta...

- As minhas preocupações são outras, Ana...

- É o teu irmão em Paris...

Julieta olhou a companheira de viagem...

Era uma boa amiga. Desde a escola primária que eram condiscípulas... Confidentes, não tinham segredos...

- Aí é que está... já não está em Paris. Tapando a boca com as mãos, segredou:

- Mais para Leste, nem sabemos onde... Quando puder conto-te pormenores...

De novo o ruído do motor, outro estremeção e o cacilheiro atraca.

Os passageiros desembarcam, correndo para as paragens de autocarro.

Ana e Julieta despedem-se com um *Xau* sorridente.

Julieta, ao chegar junto ao prédio onde morava, viu à porta muitos vizinhos.

Não pôde deixar de estranhar tal ajuntamento... àquela hora, ao anoitecer!

Algo de inusitado e grave teria acontecido!

Deu as boas-noites, ouviu alguns olá.

Hesitou - mas perguntar o quê...? Entrou subindo preocupada e apressadamente até à morada, no segundo direito.

Ao abrir a porta de entrada, a mãe veio da cozinha e abraçou-a a chorar desatinadamente.

- Vi a vizinhança quase toda lá em baixo, mãe... que aconteceu, mãe?

- O Tomasino, filha... o Tomasino morreu... já não está entre nós...

O pai veio da sala com o jornal *A Bola* na mão.

Entraram para a cozinha e foi o pai que contou... pela manhã vieram dois tropas, dois oficiais, perguntar pela morada do alferes Tomás Correia. Deviam ter perguntado no café pois veio o Aníbal com eles. Bateram primeiro à porta do rés-do-chão esquerdo. Estava lá a mãe do Eduardo. Pediram-lhe que fosse com eles à vizinha do lado para darem a notícia. O Tomasino foi apanhado numa emboscada lá na Guiné e morreu.

Júlia escutava o pai abraçada à mãe e choravam as duas.

A mãe, contendo o choro, interveio na narrativa:

- Filha, um desgosto assim... ouvi-lhe os gritos e corri para lá... A D. Isabel desmaiou. Veio o doutor Lacerda e a esposa, veio meio mundo... teve de tomar um calmante... fui eu que telefonei para a Suíça, para a filha... vem já a caminho... o pai está embarcado, até à tarde ainda não tinha sido contactado.

Entretanto, foi retirando de um armário pratos e talheres.

- Ponho a sopa na mesa, vocês tem que comer...

- Mãe, não quero nada... mas vamos lá... comemos todos.

O pai sentou-se à mesa, foi desabafando:

- Esta guerra! Esta guerra...!

Júlia, revoltada, foi assertiva:

- Isto tem de acabar! É uma injustiça. Mandam para a morte a juventude deste país. Temos de agir!

- Concordo, filha, que é uma injustiça... não sei como é que se pode acabar com isto... Mas não te metas em política... isto vai mudar...

- Mudar, como pai? Sem fazer nada? Olhe, eu já sou grandinha, entrete-nha-se lá a ouvir as *Conversas em Família* do Caetano...

A mãe atalhou:

- Vá, não estejam para aí com essas conversas... não é o momento.

- Com certeza, mãe...

- Desculpa, filha... Sei que és grandinha e sabes mais que eu, que sou um ignorante...

Mãe e filha desataram de novo num choro pegado. O pai levantou-se e foi abraçá-las e beijá-las, retirando-se depois para a sala.

A filha tinha razão, esta guerra já devia ter acabado, ou nem começado....

Temia por ela. Aquelas ideias de democracia, de ser do contra, poderiam comprometer-lhe o futuro...

Não houve serão. Deitaram-se todos. Júlia ainda desfolhou umas páginas da *Teoria Geral de Literatura* mas não conseguiu concentrar-se.

Sete horas da manhã...

Ouviu a mãe sair e pouco depois chegar. Chamou-a.

- Fui ver da D. Isabel, ainda está a dormir, falei com a esposa do Dr. Lacerda que passou lá a noite... teve uma noite agitada, lá conseguiu adormecer a poder de calmantes.... Vens tomar o pequeno-almoço?

Ao toque do telefone a mãe foi atender:

- É para ti, filha, é o Afonso... já sabe...

Combinou encontrar-se à porta do externato Frei Luís de Sousa.

- Mãe, vou sair... venho almoçar, só tenho uma aula à tarde... queres que te traga alguma coisa?

- Passa pela Lãs Labeth, traz-me uns romanos que estão encomendados, diz que são para mim...

Saiu... a mãe ficou agarrada à máquina de tricotar...

A mãe... em casa, a tudo deitava a mão para poder aumentar o orçamento familiar... trabalhos de modista, crochê, tricô... tinha já a vista cansada, mas dizia que só parava quando a filha tirasse o curso...

Ao sair certificou-se de que em casa da mãe do Tomasino havia silêncio e não quis perturbar... a esposa do doutor Lacerda deveria lá estar, para quê incomodar?

A manhã estava ainda meio enevoada, triste... como tantas vezes a natureza se conjuga com o estado de espírito...!

Para atalhar caminho, Júlia encaminhou-se até ao Mercado do Levante, uma feira ao ar livre, também chamada a "feira dos ciganos". Em tempos, todo aquele espaço era uma quinta com hortas e árvores de fruto.

Júlia atravessou a feira, os feirantes já com as bancas montadas; de um lado frutas, hortaliças e legumes, umas bancadas com peixe e, do outro lado, os feirantes de roupas e quinquilharias...

Junto ao portão do Frei Luís de Sousa estavam o Afonso, frequentava Agronomia, o Miguel e a Ana, estagiavam advocacia, e alguém que conhecia apenas de vista, ao que julgava saber, jogador de futebol...

O Afonso e o Miguel apresentavam-se com um fumo preto no braço.

Após alguns comentários de consternação, a Ana apresentou:

- Júlia... o Jorge é nosso amigo... amigo do Tomasino...

Decidiram ir até ao Café Central...

Juntaram duas mesas.

Miguel recordou:

- Vínhamos para aqui estudar...

E foi um desfiar de recordações, as viagens de finalista, as férias na praia, na Costa de Caparica e no Algarve, os professores...

Jorge foi avisando:

- Não olhem... ali junto ao balcão há um tipo que não tira os olhos de nós... Ana, desaparece... e Júlia, vá-se também embora. Eu pago os cafés...

- Quem paga sou eu - objetou Afonso.

Ana foi avisando:

- Eu comi um bolo e bebi um galão...

Jorge levantou a voz em tom provocatório:

- Eu pago, sou capitalista...

Ana ironizou:

- Gosto dos capitalistas, dos que pagam bolos e galões...

Jorge voltou a avisar:

- Meninas, vamos a andar, o gajo está de olho em nós.

Júlia lembrou:

- Tenho um recado para a minha mãe... tenho de passar nas Lãs Labeth.

Quando mais tarde Afonso e Jorge se levantaram, deixaram escrito sobre as duas mesas e na parede, a tinta preta e vermelha: *Abaixo a Guerra Colonial...*

Foi à tarde, já dentro do cacilheiro, que Júlia soube:

- O Afonso e o Jorge foram presos...

O cacilheiro deslizava agora a meio do Tejo.

Júlia e Ana limpam lágrimas, inconformadas.

Júlia, mordendo os lábios exclama:

- Isto tem de acabar...! Realmente...

Cumprindo a tradição

Aluno José Monteiro

A tarde cinzenta esmorecia na cidade, encolhida na aba da serra.

O homem de cabelo da cor da tarde perdia o olhar num ponto indefinido, para lá da vidraça, onde uma árvore nua erguia três braços hirtos contra o céu opaco. O ar frio e parado, prenúncio de neve, deixava o mundo suspenso, sem nada para acontecer; só a líquida transparência da luz se turvava lentamente.

“Luís!”, chamou uma voz feminina e meiga; o homem não deu sinais de a ter ouvido. Lá fora, um cão pardo e magro, farejando rente ao chão, entrou pela noite sem dar por isso.

“Luís!”, repetiu a voz com um pouco mais de intensidade, sem obter resposta.

“Luís, tu não me ouves?”

“Sim... sim. Estava distraído a beber...”

“Estavas a beber?”

“Sim, a última luz do dia...”

“Pois... Temos aí a noite... Que horas serão?”

“Não faço ideia, Lena, mas ainda é cedo...”

“Não tens frio?”

“Não sei... talvez.”

“Vem sentar-te ao lume.”

No interior da casa, a fraca chama da lareira navegava num mar de ausências, coberto pelo céu de silêncio manchado pelas raras nuvens das vozes do homem e da mulher, que desempenhavam a tarefa de esperar. Esperar como quem, sentado na pedra do cais, espera ouvir a sereia do navio perdido no nevoeiro do futuro e não desiste, mais por rotina do que por convicção. Tinham aprendido a arte de esperar, e cada um sabia muitas outras maneiras de o fazer. Naquele dia, experimentaram duas novas. Ela pendurou o tempo na percha e, com o olhar agudo, percorreu metodicamente o pano liso na busca de qualquer defeito, fazendo um traço com o giz, para mais tarde, ao corrigir, completar a cruz. Ele deixou o fio do tempo correr mansamente para dentro do tanque e observou o impercetível subir do volume transparente pelas paredes térreas, submergindo pequenas plantas. Quando chegaram ao fim, souberam que era chegado o momento.

Luís colocou alguns gravetos e ramos secos entre os tijolos da lareira, espevitou o lume. Madalena colocou a panela de alumínio sobre o fogo, e ficaram a observar o evoluir da chama e a ouvir o crepitar da lenha a ser queimada. Passado o tempo exato que estas coisas gastam até acontecerem, a panela começou a produzir um pequeno ruído que foi aumentando até ser quase um gemido. Não tardou que o vapor, em pequenas baforadas, fizesse saltitar a tampa, produzindo uma cadência irregular. Sentia-se já um odor, que a expressão dos rostos iluminados pelas chamas mostrava ser agradável. Madalena

experimentou, por diversas vezes, a dureza dos alimentos.

“Está pronto”, disse em tom definitivo. Passou um pano de cozinha por cima da tampa da panela até às asas e verteu a água fervente para um alguidar colocado no lava-louça. Tirou os alimentos para uma travessa, colocou-a, fumegante, no centro da mesa, e passaram à tarefa seguinte, com o mesmo empenho que puseram na tarefa de esperar, não obstante a dificuldade de execução.

Sentaram-se ambos e serviram-se. Eram as batatas, a couve portuguesa, o bacalhau e os ovos cozidos, para cumprir a tradição daquela noite. A sala enfeitada e cheia de luz conferia um ambiente festivo à refeição: era a Consoada!

Só que estavam a executar a tarefa de faz-de-conta. Tinham feito de conta que foram às compras na mercearia da rua, quando Luís, tapando a vergonha com o gorro até às orelhas e o cachecol envolvendo a boca e o nariz, fora vasculhar o contentor do lixo e recolhera os desperdícios. Conseguiram aproveitar algumas batatas de tamanho reduzido, folhas de couve um pouco envelhecidas e aparas de rabo de bacalhau que podiam perfeitamente aproveitar-se. Ovos é que não “comprará”. Mas com os ovos, por serem fáceis de imaginar, podiam muito bem fazer de conta que, pelo menos, metade chegaria para cada um. Então, fizeram de conta que partiam um ovo ao meio e ali estava o ouro da gema realçado pela brancura da clara... na imaginação. A sala enfeitada e iluminada também era de faz-de-conta, porque estavam mesmo na cozinha, à minguada luz da lareira: havia largos meses que a eletricidade tinha sido cortada.

Feliz Natal; faz de conta!

Como poderia ser doutra maneira, se a pensão de Luís mal dava para a renda da casa e a conta da farmácia, e Madalena era uma desempregada de longa duração?

Mas nem tudo era de faz-de-conta: os sentimentos! Luís estendeu a mão; Madalena correspondeu e executaram, de mão dada, a tarefa acalentadora de sentir!

Correio da Usalma, n.º 36, p. 9

Conto de Natal

Aluno Valter Deusdado

239

Eles eram bastante idosos, já tinham ultrapassado os oitenta anos. É uma idade de ouro que não é para todos.

De casados!... bem, às vezes tinham que fazer contas para acertar no número de anos. Eram sessenta e dois. O dia do casamento, esse, lembravam-se sempre. Era bonito ver os dois sempre juntos, admirar a ternura daquele relacionamento. Toda a gente reparava nisso.

Não tinham tido filhos, as coisas não se haviam virado para esse lado. Os familiares mais próximos já tinham falecido, restavam-lhe apenas os sobrinhos, que muito raramente apareciam por ali, passavam-se anos sem os

verem. Mas a vida ia fazendo o seu caminho um encostado ao outro. Tudo faziam em conjunto. Ali não havia trabalhos de homem ou de mulher. Cada um fazia aquilo que lhe custasse menos ou fizesse melhor. Quando saíam iam sempre os dois, caminhando lado a lado. Por vezes ela atrasava-se, mas logo ele esperava por ela e voltavam a caminhar juntos.

Este ano, agora que o Natal vem aí, Maria, assim se chama ela, adoeceu e teve que ir para o hospital. Alfredo acompanhou-a e, quando lhe disseram que Maria tinha que ficar internada, ele pediu para ser internado também.

Não pode ser, disseram-lhe. Foi difícil convencê-lo, e à noite quando, quiseram fechar as portas, Alfredo teve que regressar só para casa. Sentiu-se meio estranho, nunca, depois de casado, estivera sozinho.

No dia seguinte, ainda toda a gente dormia, e ele já estava à porta do hospital. Queria que a sua Maria voltasse para casa.

Não!, não!... não pode ser, ela tem que ficar aqui! Mas amanhã é dia de Natal, dizia ele. Pois é...,pois é,... mas não podemos fazer nada.

Todos os Natais eles faziam em casa o presépio. Era um presépio de barro que haviam comprado numa feira há já muito tempo. Punham-no ali em cima de uma mesita e ficavam a olhar para ele. Maria gostava de embelezá-lo com musgo e umas palhinhas com que fazia a camita do Menino Jesus.

Alfredo lembrou-se então de levar o presépio para o hospital, para o pôr ali junto da sua Maria.

Logo pela manhã, quando chegou à cama de Maria, reparou que ela não estava e pensou, deve estar a preparar-se para regressar a casa. Foi andando pelo corredor e perguntou à enfermeira se a Maria, da cama seis, estava a preparar-se para sair do hospital.

A enfermeira olhou para ele e ficou sem palavras. Disse-lhe, passado um instante.

- O Senhor não recebeu hoje nenhum telefonema?

- Não, não!

A enfermeira disse-lhe para a acompanhar e conduziu-o ao gabinete da enfermeira chefe.

- Esperai um pouco. Ela entrou primeiro e passado pouco tempo mandaram-no entrar.

A enfermeira chefe começou:

- Lamentamos muito, mas a sua esposa faleceu.

Seguiu-se um estrondo e coisas a partir-se.

Quando começou a abrir os olhos não sabia onde estava. Era tudo muito diferente da sua casa. Virou o olhar e viu o presépio aos bocados ali em cima de uma mesa. Quis levantar-se mas reparou que tinha um braço imobilizado, a cabeça envolta numa ligadura e não tinha forças para se levantar.

Havia passado um mês sem ele dar conta. No hospital era conhecido pelo doente do presépio.

A cruz de marfim

Aluno *Fernando Antunes*

O telefone... seria...?

Esperou uns breves segundos e, de novo, tão estridente que não teve dúvidas.

Trim... trim...

Uma ténue claridade penetrava através das frinchas da persiana... madrugada ainda.

Seria engano...?

Trim... trim...

Demasiada insistência!

Seria outra Revolução? Em Abril de 74 informaram-no assim... de madrugada.

Fora logo para a **redacção**...

Agora as coisas não estavam para menos: greves, manifestações com bandeiras pretas...

Onde iam os cravos... as reportagens em **directo**, em cima dos acontecimentos... não é que hoje se não trabalhe em liberdade... mas há coisinhas...

Puseram-no na prateleira... veio gente nova, todos doutores, polidos... e ambiciosos.

Uns ainda lhe rosnaram... quase lhe mordiscaram as canelas... coisas da política, era o PREC, mas saiu em grande.

Reconheceram-lhe **objectividade** e isenção; fez escola, houve quem dissesse!

Depois foi a colaboração num jornal local.

A última reportagem: a inauguração de um centro de dia para a terceira idade.

Foram eliminadas algumas referências... lacunas concelhias... não convinha beliscar o partido na conjuntura do momento... as tais coisinhas...

Maldito telefone que não **pára** de tocar...

Trim... trim...

Que remédio senão atender... Os números digitais do relógio estavam cegos... Faltara luz durante a noite... Ao deitar-se parecera-lhe ouvir trovejar...

Vamos lá atender...

Levantou-se a custo... as costas, sempre as costas, cada vez que fazia qualquer movimento.

Sentado na cama, tacteou o tapete com os pés, à procura dos chinelos.

No *hall*, tropeçou numa cadeira, assustando-se. O ruído pareceu-lhe medonho naquela meia obscuridade e... depois

Trim... trim...

O telefone não cessava.

Raio!

Quando pegou no auscultador, uma voz fresca, bem-disposta, bateu-lhe nos tímpanos e acalmou-lhe os ímpetos de raiva e pânico:

- Está... Está lá...?

Soltou um *sim* num murmúrio afirmativo e curioso.

- Olá, Carlitos... Sabes quem fala?

"*Carlitos*", quem seria? Há muito tempo que ninguém lhe chamava Carlitos... Isso foi antes da tropa... Agora só uma prima do Algarve é que lhe telefona, e só pelo Natal, e é

Carlitos, um bom Natal, carinhosa e saudosa de outros tempos... mas só pelo Natal!

A perplexidade desvaneceu-se e ressurgiu durante o diálogo travado:

- Sou a Cesaltina... a D. Cesaltina... Olha, lembras-te de África... Fomos vizinhos...

Sou a mulher do Rebelo, colega do teu pai... Tinha dois filhos... O Jorge e a Zélia... brincaram juntos...

Ouviu uns estalidos.

- Lembras-te agora?

- Sim... estou a tentar lembrar-me... Sabe, foi há tantos anos... estou a lembrar-me. Mas... como soube...

- Olha, vou explicar-te... deves estar admirado... Estiveste uma vez com Marlene - ouviu de novo uns estalidos - estás a ouvir-me... na Costa da Caparica... lembras-te da Marlene... andaram todos na escola com os meus filhos. Tu deste-lhe o teu número de telefone... lembras-te?

- Sim... foi há dois anos que a encontrei. Ela disse-me que tinha uma coisa para me contar... teria que ser com tempo, nesse dia estávamos presos com compromissos.

Disse-me até que tinha tentado localizar-me... Falou-me numa afilhada... que a afilhada tivera uma filha...

- A afilhada era a minha neta... filha da Zélia...

- Pois, nunca mais soube da Marlene...

A comunicação interrompeu-se. Ouviu um ruído que lhe pareceu de papéis a rasgarem-se... estremeceu.

Depois, novamente, a voz da interlocutora:

- Em 1961, quando rebentou a guerra em Angola, vocês vieram para Portugal... Levei a mal virem-se embora... desfizeram-se amizades... depois compreendi...

Veio tanta gente...!

Tu eras um menino, tal como os meus filhos... Nós ficámos, só viemos em 75... Não quero embaraçar-te...o teu pai...

A comunicação de novo interrompida... o mesmo ruído de papéis a rasgarem-se... Voltou a estremeecer.

A voz da interlocutora, fresca, bem-disposta, aliviou-lhe a tensão:

- A tua mãe ainda é viva...? Ela está bem?

- Sim, está bem... está num lar, está bem...
- A cabecinha, tudo...?
- Sim...sim, mas das pernas é que não, mal anda... mas lembra-se de tudo... Tem a cabeça melhor que a minha!
- Sabes, eu já não tenho idade...mas a tua mãe ainda era mais velha que eu, uns cinco anos, talvez... Deixa ver...Deve estar com 94...
- Faz 95 para **Junho**.
- O teu tio Adolfo - o mesmo ruído... reagiu: *estes telefones!*
- Estás a ouvir-me...? Estive com ele naqueles encontros de retornados... vocês davam-se mal e ele nunca me deu o vosso contacto. Agora vejo-o muita vez por aqui... Está cá muita gente de África... a minha Zélia está ansiosa... já falta pouco para vir, assim como assim, será melhor ser ela a contar-te...
Ouviu o estalido metálico do auscultador a poisar-se... Sentiu um arrepio forte pelo corpo.

Correu para o quarto... voltou a tropeçar na cadeira. O estrondo foi ainda maior.

Deitou-se na cama e tapou-se... sentia o corpo gelado... tremia... via rostos à volta, uns disformes, outros belos, todos irreconhecíveis... começou a levitar, um vento a impeli-lo para uma bola de luz... reconheceu então os rostos de Marlene e de Zélia, duas meninas do tempo de escola... reconheceu o rosto do Neca, do Luís, de um menino negro... era o Tobias... pareceu ver o pai e o tio lá mais para o fundo.

A D. Cesaltina, era ela, muito jovem, estendia-lhe os braços num gesto de acolhimento...

Ainda se lembrou que tinha de telefonar para a prima, para o Algarve, para o lar e também para o jornal...

Sentiu um cheiro... a amêndoas torradas... a rosas... a flor de laranjeira...

Começou a ouvir música... suave... uma Avé-Maria...?

Depois a voz de um tenor ao longe, cada vez menos audível.

Sentiu paz... muita paz!

Adormeceu... talvez!

No lar da Santa Casa da Misericórdia havia festa... uma das internadas comemorava o aniversário: a bonita idade de 100 anos.

Conhecedora do facto, a rádio local envia uma estagiária de um curso de Jornalismo para fazer uma reportagem.

Entusiasmada pela carreira que desejava encetar, era com profissionalismo que executava as tarefas que lhe confiavam; tentou colher dados biográficos junto da direcção do lar.

Pouco ou nada sabiam da senhora, apenas que doara os seus bens à instituição por não ter já parentes... Falava muito de África, confundindo o nome das terras, mas sendo mais ou menos precisa quanto a certos acontecimentos relevantes que a marcaram, como o casamento numa aldeia minhota, o baptizado do filho em África, a chegada da tropa, alguns episódios da guerra, e

o terror vivido durante o embarque para a Metrópole, a morte do marido...

Todos estes dados obtidos, confirmou-os a idosa senhora à jornalista.

Em dado momento a entrevistada passa para o papel de entrevistadora.

- Gosta de ser jornalista...? O meu filho foi um grande jornalista, sabe?

- É casada...?

- Tem namorado?

Depois de ouvir as repostas e de uma breve pausa:

- Já vivi muito, menina...

- Marlene...

- Marlene, já me tinha dito... a minha cabeça! Estou no fim, não sei porque se preocupam comigo... Quero dizer-lhe que é muito bonita... Marlene... Tem uma jóia muito linda... é uma cruz de marfim...

- Era da minha avó materna...

- Tive uma igual, perdi tudo... a sua avó esteve em África... a Cesaltina... a Zélia... a Marlene... eu sabia, meu Deus... Que pecado!

A entrevista terminou com a entrada de todos os idosos do lar e funcionárias cantando os "parabéns a você". Alguém trazia um bolo enorme.

A jornalista não ouviu decerto as últimas palavras da centenária aniversariante.

Ouviu-a, sim, gritar:

- É a minha neta... chegou de África!

A **diretora** do lar confidenciou apreensiva:

- Pronto... já está... tão depressa está bem como se põe assim...

Dois meses depois era noticiado o óbito da mais idosa mulher do concelho. Só não diziam que, desde o dia do aniversário e da entrevista, reclamava a presença da jornalista para lhe dizer algo de muito importante...

Tinha-se passado de vez... era a convicção de todos no lar.

Correio da Usalma, n.º 36, p. 11 e 12

Instantâneos

Aluno Fernando Antunes

244

- Olha filho, antigamente, aqui era uma fábrica onde a mãe trabalhou...

A criança olhou para o bloco comprido de betão, as paredes sujas cheias de *grafitis*, as janelas sem vidros, o telhado esburacado e saiu-se com uma observação inesperada e infantil, que deixou a mãe a rir-se:

- Está escangalhada, mãe... porque é que não a mandam arranjar?

Depois, indiferente às gargalhadas da mãe, foi soletrando os *slogans* pintados a negro:

- A...b e a... ba...aba... i... xo... abai...xo a AD... AD com letra grande? O que é isso?

- A AD eram os partidos que se juntaram para governar...

- Fo...ra com o So...a...res...

- Mãe... eu gosto do Soares... é aquele que tem as bochechas?

- É filho!

- Tu gostavas de trabalhar aqui... e porque é que agora não trabalhas...?

A mãe suspirou...

Como falar a uma criança de crise...?

Como explicar porque é que as fábricas fecham, porque reivindicam os trabalhadores salários justos e direitos consagrados na lei?

Dizer-lhe que há empresários sem escrúpulos que recebem subsídios para modernizar as fábricas e, em vez disso, as fecham, espatifando o dinheiro em carros de luxo e vivendas?

A criança desprende-se-lhe da mão e correu ao pé-coxinho, indiferente à resposta à sua pergunta.

A mãe seguiu-a com o olhar... Também foi criança, mas muito cedo se tornou adulta...

Vêm-lhe à memória as lutas que travou, antes e depois da “revolução dos cravos”... as manifestações não autorizadas... a prisão do pai... a militância clandestina.

Olhando o velho edifício arruinado onde tanto deu de si, onde alimentou tantas esperanças, sentiu algo indizível... Seria mágoa? Saudade? Era uma dor que a deixava triste!

Mas voltou a rir-se, olhando a criança a correr atrás de uma borboleta.

Não resistiu, retirou da bolsa a câmara e obteve alguns instantâneos: a criança a correr e a bater as palmas... uma cambalhota...

O edifício arruinado da antiga fábrica...

Quantas memórias!

No último dia fora assim:

Os teares pararam e, subitamente, fez-se um silêncio profundo.

As mulheres, de pé, umas quarenta, cinquenta, de braços cruzados, respeitavam e absorviam solenemente o silêncio, interiorizando a tomada de decisão unânime: parar a fábrica!

Ao silêncio seguiram-se alguns momentos de sussurros, braços distribuindo e estendendo cartazes e bandeiras.

Gritaram-se palavras de ordem...

Depois, aplausos, pedidos de silêncio. Um orador, de voz inflamada, explanou as reivindicações a apresentar e os procedimentos a adotar durante o período da greve.

Havia informações de que a administração pretendia retirar máquinas.

Para o evitar, constituíram-se piquetes de greve... Imediatamente se apresentaram voluntários para dia e noite ficarem de vigia.

Alertou-se para os perigos de alguém furar a greve. Ouviram-se gritos de repulsa e a seguir mais aplausos. Cantou-se *Grândola, Vila Morena*.

Quis intervir; era membro da Comissão de Trabalhadores.

Deu uns passos em direção à mesa da assembleia e sentiu uma tontura. Empalideceu e desmaiou para cima de uma companheira ao lado...

E, amparada pela madrinha, uma das operárias mais antigas da fábrica, foi conduzida até casa para não mais voltar.

Estava grávida.

A fábrica, entretanto, encerrara.

Agora, Maria chega ao parque infantil e deixa o garoto correr e saltar; tira-lhe uma fotografia no escorrega, outra no balouço...

Depois, aponta a objetiva para o edifício arruinado da fábrica. Faz um *zoom* e aproxima o telhado esburacado, o portão enferrujado, as janelas sem vidros, parte do muro coberto pela hera...

A criança corre para a mãe... oferece-lhe uma flor...

É assim a vida, feita de momentos... e memórias...

Correio da Usalma, n.º 37, p. 18

Num Terraço com História

Aluno José António Rodrigues

No dia quatro de junho de 2011, tive a oportunidade, na companhia de minha mulher, de visitar uma das Torres Gémeas, *Twin Tower*, em Nova Iorque. Estive lá quando caía a noite e assisti a um maravilhoso espectáculo: o acender das luzes nas avenidas e ruas, assim como nos edifícios. Um espectáculo único!

O fim do dia esteve muito calmo. Uma temperatura fabulosa. A guia turística, uma espanhola radicada nos Estados Unidos, avisara-me de que iria ter frio quando chegasse ao terraço, pois era normal haver vento e menos calor lá no cimo. Cento e dez andares em quatrocentos e pico metros de altura. Mas, felizmente que a guia se enganou, pois naquele fim de dia, nem vento nem frio se fizeram sentir no “telhado” daquele edifício gigante.

Quando o elevador, que levava 59 segundos no percurso desde o rés-do-chão até ao centésimo sétimo andar, parou e as portas se abriram, senti um frémito de medo, quando pensei: - Caramba, como é que saio daqui, se por acaso houver um incêndio ou algo semelhante? Aquele pensamento acompanhou-me ainda durante alguns segundos mais. Porém, com a panorâmica que lá de cima se vislumbrava, todo o sentimento “tremeliques” desapareceu. Deixei-me envolver pela grandiosidade, que os meus olhos alcançaram. Toda a Manhattan ali a meus pés. E lá em baixo, nas ruas, os carros pareciam brinquedos e as pessoas formiguinhas. Olhando para a esquerda, vi, a outra torre gémea. Mais longe e no mesmo sentido, no outro lado do rio Hudson, New Jersey, outro estado americano. Olhando depois para o lado direito, vi Broklyn, com a sua velha e histórica ponte. Mais para a direita, a estátua da Liberdade e, mais ao longe, na mesma direção, via-se State Island. Ainda de

manhã lá estivera... Fizemos a viagem num *ferry-boat* que liga Manhattan a State Island. As passagens de barco eram gratuitas para os passageiros sem viatura. Uma forma de dissuadirem as pessoas de levar carros para a cidade de Nova Iorque. De pé no terraço da *Twin Tower* dei meia volta e vi o Central Parque lá bem longe. A meio caminho, outro edifício enorme e muito conhecido, o *Empire State Building*. Já fora o prédio mais alto do mundo, com os seus cento e dois andares. Um outro edifício também se faz salientar, pela sua envergadura e bonita arquitectura, o *Chrysler Building*.

Esta visita ficou-me bem na memória, pois três meses passados sobre aquela data, 4 de junho, é do conhecimento geral a grande tragédia que se abateu sobre as *Twin Tower*. Daí, eu, titular desta narrativa como tendo sido obtida *Num Terraço com História*, sofri muito ao ver na TV, e pude imaginar, o que aquela gente “presa” nos pisos superiores terá sentido por não se poder salvar e sair de lá. Ainda estava longe de ver o desfecho horroroso. O desmoroamento dos dois edifícios. Naquela altura, voltei a sentir os arrepios que me assolaram ao sair do elevador no centésimo sétimo andar. Para chegar ao telhado/terraço, era necessário subir mais três andares. O acesso era feito através de escadas mecânicas e tapetes rolantes. Nesses últimos três pisos podia-se ver uma exposição com fotografias que mostravam as diversas fases da construção das torres. Havia também janelas panorâmicas inclinadas, de maneira a poder-se olhar para baixo, sentados num banco corrido. Era simplesmente fantástico. Indescrevível... tudo isto foi barbaramente destruído a 11 de setembro de 2011!

Correio da Usalma, n.º 37, p. 16

Gestos de Gente Inteira

Aluno Valter Deusdado

Ainda o sol não tinha nascido e, já toda a gente se encaminhava para as eiras. No dia anterior, a trilhadeira já tinha ficado encostada aos bornais, de um lado o do trigo, do outro o do centeio, este mais pequeno. Iria ser um dia de muito trabalho, com tanto cereal para trilhar. Caramba!..., se estiver o dia de ontem, até podemos morrer com tanto calor!

Quando o sol se preparava para nascer, vinha envolto num círculo amarelado com umas riscas vermelhas, que deixava adivinhar muito calor. Aquela máquina, toda ela tremia, e pela traseira era só palha e mais palha. Os quatro homens encarregues de bandear a palha para dentro dos carros de bois não estavam a conseguir, ainda que o esforço fosse grande. Já tinham deixado acumular um grande monte de palha e aquela saranda enorme não parava, mantendo aquele ritmo indiferente a que eles fossem capazes de o acompanhar ou não. Ali, sem qualquer abrigo, naquele sol escaldante, somente a paragem para o almoço os podia aliviar.

À sombra do velho carvalho, duas toalhas bem grandes regalavam a vista

com tanta comida. Mas depressa se teve que voltar ao mesmo, bandear a palha para ser transportada para os palheiros, que depois, durante o inverno, iriam fazer parte da alimentação dos animais.

- Ah! António, tu hoje não comeste quase nada?!

- Tenho a mulher doente em casa.

- O que tem?

- Já há uns tempos que não anda bem. Até está mais fraca. O outro dia até caiu lá em casa, depois melhorou, mas não tem estado bem. Os três, ela e os dois garotos, vamos lá ver se são capazes de tratar da casa hoje.

Agora que o sol estava bem por cima deles, até parecia que deitava fogo. Puseram um lenço, entre o chapéu e a cabeça, para aguentar o suor. Está bravo, disse Gabriel. Se está! Falava, por falar, Porfírio.

O dia caminhava para o fim, também os bornais já tinham sido engolidos pela trilhadeira, e estava-se a varrer a eira para nada ser desperdiçado, quando um dos filhos de António, cansado e a chorar, vinha a chamá-lo, dizendo que uma das vacas tinha partido uma pata. Pôs-se a correr António, chegando sem respiração a casa, para ver a vaca mais pimpona ali estiraçada, sem se poder levantar.

- Só há uma coisa a fazer, António. Tens que a matar, e nós ajudamos com o que pudermos, todos te vão ajudar.

Ao fim de um dia de trilhadeira, António não teve escolha que não fosse matar o animal, esfolá-lo para ser vendido a quem quisesse, e iam ser todos.

A noite corria breve, e toda a aldeia foi ao curral onde o animal tinha sido abatido, para comprar o seu quilo de carne, para ajudar António naquela desgraça. Não faltou ninguém. O tio Adorindo, um dos mais pobres, disse-lhe:

- Eu só posso levar meio quilo, não tenho dinheiro para mais.

- Não!..., Vós levais um quilo, e depois, quando puderdes, dais-me o restante.

Hoje, sentado numa boa cadeira de pele, com apoio de braços e cabeça, penso naqueles homens, na trilha que, com tanto pó, com tanto suor à volta do olhos e lábios rebentados, apenas o esguicho da bota¹ de vinho os refrescava de tempos a tempos. Depois, chegavam a casa, sem banho, apenas uma mão cheia de água passada pela cara, iam à frincha da parede buscar a latinha do dinheiro, para ir a casa do António comprar o quilo de carne da vaca que tinha partido a pata. Regressavam a casa e diziam para a mulher.

- Dá-me o caldo, que hoje não tenho fome.

Os filhos, antes que o pai fosse para a cama, levantavam-se para pedirem a bênção. Este estendia as costas da mão.

- Deus vos abençoe, respondia ele, que era assim que o pai lhe havia ensinado, e acrescentava: e vos faça homens e mulheres inteiros. Gostava desta palavra - inteiros - porque nela cabia tudo o que era bom, e deitava-se em paz.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 21

¹ bota" recipiente em cabedal que servia para transportar pequenas quantidades de vinho, usado nas tarefas da lavoura e sobre pressão libertava em forma de esguicho o conteúdo.

Renascer

Mini-Narrativa

Prof. Myriam Jubilot de Carvalho

Nem Prosa nem Poesia.

E não lhe chamem “prosa poética”, que eu não gosto!!!

É apenas um texto informe, como um embrião antes de ser feto, como um corpo antes de ser húmus, como um balanço antes de ser voo.

Alguns textos são assim, um ensaio antes da estreia, uma criança a encher um balão antes de se convencer que não tem força bastante e vai ter que pedir ajuda ao adulto mais próximo.

Alguns textos são assim. Papa-açorda antes de ser assado, coisa nenhuma nos limbos do mistério... E um dia, se vida houver, serão luz!

Tenho sono. Meu corpo está cansado. Julgava-me a transcorrer o imenso túnel do deserto imenso... E de repente, o túnel terminou.

Saio à luz. Meus olhos de morcego choram de ofuscados. Tenho medo, fico à deriva de mim. Hesitante, vacilante, os olhos piscos – quem sou eu?

Não tenho bengala. As pontas dos dedos passam-me por qualquer coisa... Tento apoiar-me....

São picos! Agarrei-me a uma piteira.

Cobro ânimo. Abro os olhos à luz intensa que mos fere. Onde estou?

Começo a distinguir o meu novo caminho. No fundo mais fundo do limitado desfiladeiro, escoltada por rochedos acerados, enraivecidos, ancilosados, com suas farpas arrancadas às cabeleiras das eríneas.

...Lá em cima, um mar de luz!

Respiro fundo, cobro ânimo.

Olhar para trás, para o túnel percorrido, refúgio que foi opaco, na noite escura? Para quê? Já lá não estou.

Eu sei que agora, só tenho este caminho. Cerca-me o silvo das serpentes, o farpear das faenas loucas dos rochedos.

Mas há silêncio dentro de mim. Um silêncio feito dos cânticos da luz que se expande, lá em cima.

Preso ao chão, terei que prosseguir. Mas as feridas, de tão fundas e sangradas, já não doem, já não maçam.

Preso ao chão. E no entanto, a fénix relança o voo! E sobe, sobe, e passa além das nuvens. Não há calor que lhe dissolva as asas, é preciso procurar a fonte desta luz!

Profalmada, n.º 33, p. 13

É a hora dos pardais

Prof. Myriam Jubilot de Carvalho

Acordo com o chilrear da passarada do largo, canto desenfreado, anúncio de que a hora das trevas já passou. Nem sequer falo das trevas habitadas pelas presenças incómodas, indesejáveis, que povoam a noite escura. Falo das trevas que nos habitam, atormentam, e tiram o sono – as mais temíveis.

O Sol ainda não rompeu completamente atrás dos prédios do outro lado do largo. As brumas que eu tanto gosto de absorver com os olhos, ainda envolvem as distâncias que encobrem o Rio, o Barreiro, e toda a margem do Mar da Palha. O Rio é ainda esse calmo espelho horizontal vagamente sulcado pelas miniaturas de paquetes da CP. Os vetustos guindastes da Lisnave ainda não se animaram para outras oito horas intensas de recordações do antigo esforço e suor.

É a hora dos pardais! Do seu canto estonteado, neste seu diário hino à Vida. Como se possuíssem os segredos dos seus destinos. Ou como se este momento fosse o último. Como trinam estas gargantinhas minúsculas.

Todos os dias os oiço. Sempre com esta mesma comoção. Porque assim que o Sol finalmente se erguer, eles vão calar-se, vão retirar-se nem se sabe para onde, vão andar pelas ruas, pelas matas, à procura de migalhas, sujeitos aos atropelamentos dos carros e às arremetidas dos gatos vadios.

...E eu fico sem saber. Se a hora das trevas passou por hoje, ou se vai agora começar...

Profalmada, n.º 36, p.9

A cor do silêncio

Myriam Jubilot de Carvalho

Conheci, em garota, uma canção índia, de embalar, que dizia

“a Lua é de prata,
o Silêncio, d’oiro”...

... E eu ia para o piano, e trauteava a pequena área com a alma toda – a
250 Lua é de prata, o Silêncio, d’oiro.

Seria por isso que nunca esqueci que a prata e o oiro são os tons das coisas preciosas?

Agora, quando nos dias cinzentos olho o Rio, espraiado, na minha frente, e os alfeites, e o casario ao fundo, e as arrábidas, todos fundidos nos mesmos tons de chumbo, tão luminosos quanto opacos e pesados, muitas vezes, digo comigo

A Lua – é de prata...
E o Silêncio?
D’oiro...

Profalmada, n.º 37, p. 9

Os Garranos

Prof. Jorge Rodrigues

Em meados do século XX, num estábulo da cidade, nascia Vigário, garrano de origem. Encorpado de gordo como um porco preto alentejano e bem-falante, tipo *gigolô* que era, todas as mulheres pareciam ser suas, embora fosse incapaz, por natureza, de manter relacionamentos amorosos sérios com o belo sexo. Tinha-se intelectualmente em grande estima mas precisou de esquemas sórdidos e subterfúgios burocráticos para chegar a engenheiro social. Com seus punhos de renda construía redes e teias de pequenos favores, cujos robalos recebia mais tarde.

Pela mesma data, Nazi fora parido nos subúrbios da cidade rica de meninos abastados, também ele equídeo de raça protegida devido ao risco de extinção. Magro, desconfiado e frustrado por experiências gastronómicas precoces, era do tipo espertalhão. Os seus múltiplos afazeres, através de artimanhas, macacadas e outras proezas soezes, ajudavam a disfarçar a sua falta de atracção pelo sexo oposto, ao mesmo tempo que fazia com que o seu *modus vivendi* mais parecesse um mosaico árabe. Foi esta postura perante a vida dos outros que lhe permitiu chegar a engenheiro social. Intelectual automeado, com a autoestima de quem parece que todos lhe devem, Nazi, qual touro em pontas, investia para onde estava virado.

Quis o acaso que estas duas bestas de pequeno porte e de raça ameaçada de extinção se encontrassem em praça pública, farta de pastagens e desprovida de controlos na manjedoura. O primeiro contacto entre ambos desencadeou uma atracção imediata, qual reacção química fulminante, cujo resultado foi perceberem ambos, sem ser preciso explicar-lhes, que estavam perante a metade um do outro! Entraram de mansinho até tomarem o freio nos dentes. Foram desfeitas parelhas para estes garranos poderem entrar na faina. Contudo, eram animais de uma canga só; puxavam bem, cada um a seu jeito, sem fugir do rego sulcado anteriormente. Vigário era insinuante e mentiroso compulsivo. Nazi, sozinho, parecia querer partir a loiça toda, acobardando-se perante uma simples contrariedade. Ambos eram fortes com os fracos!

A faina, dispersa por cinco campos de cultivo, tinha diferentes graus de exigência ao longo das estações do ano, o que exigia diferentes combinações de parelhas com outras bestas consideradas de menor envergadura, quer por terem sido criadas em outras manjedouras, quer por não terem o estofo físico adequado, quer por não se conseguirem metamorfosear com as características do fugaz companheiro de canga. A formação de cada um dos garranos, na prática, tinha pouca aplicação na faina desenvolvida na planície em que se encontrava plantada aquela praça. Contudo, esse entendimento não era partilhado pelos garranos, os quais se envaideciam de louros que não semearam nem colheram. Consideravam-se mesmo imprescindíveis, quais déspotas iluminados de fim do século XVIII, querendo impor a sua interpretação

das sementeiras e colheitas dos trabalhos de qualquer campo de cultivo, dos quais nunca tinham tido experiência séria ou relevante.

Contudo, tal não constituiu problema para que os dois garranos controlassem tudo, desde o acesso à casa das sementes, à casa das alfaias e outras ferramentas agrícolas, quer por si só, quer por conluio com outros animais, nomeadamente a galinha-d'água, o boi cinzento, a vaca amarela e as cabras siamesas.

A casa das sementes, pequena e apalaçada, era o refúgio desejado por qualquer animal de inteligência abaixo da média da praça pública. Era o sítio onde os que aí tinham o privilégio de se refugiar se banquetevavam, ao mesmo tempo que controlavam, qual *big brother*, a fartura que chegava à manjedoura dos outros animais. Tinham o poder de decidir o que comprar, como e quando distribuir. E ainda influenciavam a gestão de inventários da casa das alfaias e outras ferramentas agrícolas.

A casa das alfaias agrícolas, superiormente dirigida pela galinha-d'água, meio depenada e salazarenta, estava dotada de um inventário de muitas espécies e dos mais variados modelos, contudo caducos, vivendo estes da saudade dos campos de cultivo floridos que ajudaram a amanhar num passado já longínquo. Mas era de preservar este sentimento, não viesse aí uma reforma agrária dos novos tempos, agora com ferramentas mais modernas e eficazes, dotadas de *software* difícil de corromper e controlar pelos garranos.

As outras ferramentas agrícolas eram menos em quantidade, mas desempenhavam um papel central nos campos de cultivo e ajudavam a racionar a comida pelos outros animais. Estas ferramentas eram estrelas sem brilho próprio, logo cometas, que eram vendidos ao resto da praça pública como sendo baluartes do estado das artes no seu campo de cultivo. Eram os olhos e os ouvidos dos garranos; e os primeiros a sofrerem as consequências, se o produto final das colheitas não fosse do agrado dos garranos. Que o digam a vaca amarela, balzaquiana assumida, e o boi cinzento, anafado de gordo, os quais, com colheitas semelhantes em campos de cultivo diferentes, tiveram também sortes diferentes.

Por não querer ou por não ser capaz de se metamorfosear com os desejos libidinosos do garrano mais garboso, a vaca amarela, antes auspiciosa estrela cadente, foi afastada, como se de um tumor maligno se tratasse, de todas as lides do seu campo de cultivo na praça pública. Não mais fez parselhas! Nem com o resto da manada, nem foi procurada para emparelhar com algum asno de competência e perfil que, para a causa, tivesse sido entretanto reciclado em decrépitas provas de saudade.

O boi cinzento, mais parecido com uma ave de capoeira sem penas, era conhecido pela sua incapacidade em fazer o que quer que fosse da forma certa. Era pau para toda a obra que não exigisse consciência. Também ele comungava da característica da cauda murcha. Foi recompensado, sendo elevado ao mais alto expoente da sua incompetência, ao ver a sua manjedoura

artificialmente melhorada, embora em longínqua praça de terra vermelha. De tão idiota que era, nem reparou que o repasto era menos nutritivo. Coisas de boi sem consciência!

Enquanto isto, as cabras siamesas, de estatura baixa, magras e de perninha fina, cujo ego dilatado era da dimensão de uma formiga de asas, aproveitando os poucos momentos em que o cio as fazia voltarem-se a sentir ainda importantes, pululavam, à volta da cauda murcha dos petulantes garranos.

Os Deuses fartaram-se da balela activa e da paulatina erosão dos campos de cultivo, as luas sucederam-se em quatro funestos ciclos de treze luas e mudaram, dando agora visibilidade à sucata oxidada que submergiu de outras praças, numa clara alusão à parábola de que o que não é sério não dura sempre.

Vigário, com madeixas brancas num focinho pontiagudo visivelmente cansado, foi posto em manjedoura controlada. Por um ciclo de treze luas. Em estábulo próximo de um pinhal de porcelanas, de onde vinha uma brisa que lhe recordava o cheiro a pão-de-ló de Alfeizerão, fornecido pelo seu amigo bolinha de sebo, agora retirado! Era o preço a pagar pela indigestão causada pelo abuso de consumo de tantos robalos oxidados ...

Nazi viu a sua ração diária abruptamente reduzida e a qualidade do seu campo de cultivo adulterada. Não era permitido debicar em muitas manjedouras ao mesmo tempo e começava a erodir a sua suposta superioridade sobre as cabras siamesas. Caminhava a passos largos para reeditar a crise de manjedoura do Vigário. Com o perfil de quem já teve que engolir muitos garfos em curto espaço de tempo, irá morrer à míngua, às mãos das cabras siamesas e outros animais quejandos.

A vaca amarela, agora malhada aqui e ali num lombo esquelético, começou a definhar e apresentava manchas roxas de cobre, talvez devido aos terrenos inquinados que pisou quando era o baluarte do seu campo de cultivo.

As cabras siamesas, de estatura baixa, magras e de perninha fina, eram do tipo animal habituado a enfrentar difíceis condições de vida, e ainda não deram pelo aproximar do apocalipse da praça pública e continuam a balir em silêncio pelos vestígios esporádicos do cio, com o focinho matizado e enrugado virado para o céu dos pardais, o qual procuram conquistar em vaivéns constantes de elevador.

Estes garranos são medíocres, impreparados, autocomplacentes, indecisos e insensíveis aos próprios erros. São superficiais no pensamento e na acção. Têm falta de convicções e têm uma enorme deferência pelas ideias triviais e pelas frases feitas. O mérito faz-lhes invejas e provoca-lhes medo. Preferem a elegância das palavras à substância das ideias.

Exageram nas pequenas coisas e não vêem as grandes coisas. Vivem asfiados em aparências, numa espécie de silos de reputações falsas, bajulam-se uns aos outros, criando o próprio coro de louvores. Pugnam pela sedução fácil da manjedoura farta e tentam transformá-la num modo de vida. Con-

fundem pormenores com questões de princípio e qualquer ideia que não seja sua lhes parece uma utopia ou uma grosseria. Não gostam de prestar contas!

A longo prazo, em todas as praças públicas, muitas delas quase transformadas em quintais individuais, parece não haver mal que sempre dure ou benesse que não acabe, pelo que não existe necessidade, nem se recomendam clones dos garranos deste mundo.

Conto da Professora

Aluno Valter Deusdado

- A comadre já sabe da novidade?
- Que novidade?...aproximou-se esta.
- Da professora, da professora nova, a que veio substituir a D. Maria da Glória, ainda nem sei o nome dela. Imagine que quer juntar na mesma sala os rapazes e as raparigas.

A comadre Arminda ficou a pensar com a boca semiaberta.

Depois deu um passo para o lado, e firmou a voz.

- Vendo bem as coisas, até faz sentido.
- Como assim!... Não estou a entender a comadre.
- O Mundo não é feito de homens e mulheres? Pois quanto mais cedo começarem a conhecer-se, melhor.
- Têm tempo!... têm tempo!...

Separaram-se e a comadre Palmira ia resmungando com os seus botões. Bem! bem..., deve estar maluca a minha comadre, a pensar daquela maneira. Alguma vez se viu este desaforo? Não, isto não pode ser assim.

Correu a notícia pela aldeia, e não foi difícil juntar muita gente para protestar contra as ideias da nova professora e expulsá-la se fosse necessário. Valeu a mediação da outra professora mais velha, a dos rapazes, para acalmar a situação. O ano escolar, passado

este sobressalto, lá começou igual aos anteriores.

254 Parecia estar esquecido o episódio da nova professora, quando no início do ano seguinte correu a notícia do seu casamento, com um rapaz pobre da aldeia.

- Eu bem lhe dizia, comadre. Esta professora não é boa da cabeça. Então pode lá ser, uma Sra. Professora casar com o filho do Artur? Nem sei como se chama o rapaz, que além de pobretanas é feio.

- O rapaz chama-se Osvaldo, não é bonito, não senhor, é pobre, mas não deixa de ser boa pessoa.

- Pode até ser, comadre, mas não tem que se casar com a Sra. Professora, que estudou, é rica e tem cultura.

Já esse tal Osvaldo tem apenas a 4.^a classe e nenhuma propriedade.

- Oh! Comadre Palmira, os tempos são outros. Quando nós éramos novas é que as coisas eram assim.

Contra o pensamento da maioria, o casamento fez-se. Osvaldo motivado pela mulher, que lhe dava aulas, foi fazendo o liceu, lendo livros, tomando gosto pelo saber e tornou-se também professor.

Com o nascimento dos filhos e a eleição para a junta de freguesia, Osvaldo adquiriu outro estatuto. Aos poucos tornou-se a pessoa mais respeitada do povoado.

Tudo foi mudando, embora devagar, mas mais depressa que noutros lugares, graças ao casal de professores, como passaram a ser conhecidos.

Tudo corria bem, não fora a doença da professora.

Em menos de um ano, a aldeia fez o maior funeral de que há notícia. Por subscrição de todos foi mandada colocar na campa uma lápide com estes dizeres:

- *Aqui jaz a professora que ensinou toda a aldeia.*

Correio da Usalma, n.º 37, p. 15

Poesia

Virgem marginal

Prof. Manuel Costa

Minha primavera
Moça
Nos campos florida
Em malmequer e margarida.
Seus seios rijos
De sol ardente.
Tua primavera
Doce
Palpita
Em relva húmida
Desabrochada em festa de amor e poesia.
Nossa primavera
Musa
Renasce
Inebriada em perfumes
De alvas estevas floridas.
Virginal prima Vera.

255

Profalmada, n.º 31, p. 14

Jesus

Prof. Américo Morgado

Jesus sorriu
consentiu
chorou e beijou.

Foi colo de ternura
braços de amor
negou a dor, que corou.

Mostrou que a vida é coração
sentiu com elevação fraterna
amou eternamente a humanidade

e ainda hoje, sorri
um sorriso de sabedora humildade.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 9

No tempo

Prof. Américo Morgado

Os meus passos
pesados
cansados

a dizer
não vale a pena voar
borboleta do fim da Primavera.

Ouvi
mas fui.

Era um cantar mais forte
que chamava!

Corações, encontrei
com quem aprendi

e saudades tenho
cada vez mais fortes do que vi

da leveza das palavras ditas
por serem bonitas

da taça por onde bebemos
a força que temos.

Os meus passos pesados, cansados
não têm espera.

Correio da Usalma, n.º 3, p. 15

Pedras

Prof. Américo Morgado

Uma pedra
coisa bruta grosseira
por vezes suave e tão linda!
Mas posta à minha beira
tanta utilidade tem
na decoração infinda
e como fica bem ao lado de uma flor
num recanto decorado com amor
para receber alguém
ou para o prazer de ver
quanta beleza surge
no que, à primeira vista, ligação não tem.
Também mata, quebra, é arma
e por vezes faz falta quando certa
desperta a cegueira e não há maneira
do bom atirador
acabar com a dor.
Andamos de mãos atadas.

Correio da Usalma, n.º 3, p. 15

Chamaste-me poetisa

M. Alba

Chamaste-me poetisa
Não, decerto não sou.
Apenas saboreio o Sol,
A chuva, a suave brisa...
Sinto-me, sim, poesia
Leve, bailando no ar,
No vento da invernia
Ou entre as ondas do mar.
Sinto-me, também, poema
Que, em doce plasticidade,
Se talha num corpo-fonema
criado para a eternidade.

257

Profalmada, n.º 31, p. 14

Morena

Aluno Cláudio Norberto Matos Rodrigues

Corpo moreno
Delgado
Queimado pelo sol
Cabelo negro
Solto ao vento
Pernas esguias, nervosas
De bailarina,

A morena
Caminha na praia
Junto ao mar.

Morena
De corpo delgado
Queimada pelo sol
Caminha na praia
À beira-mar.
E a espuma branca das ondas
Branca, muito branca
Vem docemente beijar
Os pés morenos
Da morena
Que caminha
Junto ao mar.

Correio da Usalma, n.º 34, p. 13

Poesia

Aluno Vítor Manuel Fernandes

Poesia, poesia, leitura do meu sentido,
Sentido auditivo que me permite ouvir
Ouvir poesia tão boa que me toca o coração,
Coração que tanto de bom tem para dar
Dar coisas tão boas como a poesia tem para dar ao
mundo.
Mundo em que algumas pessoas não apreciam
poesia.
Poesia, poesia, não me abandones.

Correio da Usalma, n.º 34, p. 10

Marte

Prof.^a Myriam Jubilot de Carvalho

Marte
é um nado-morto, um sonho-aborto,
uma ilusão

Se os homens lá chegam,
transformam-no num horto
de
destruição

Como fizeram na Terra,
farão em Marte

Com os Cavaleiros do Apocalipse
hão-de afrontar-te

Profalmada, n.º 34, p. 14

Sons e Cheiros de África

Aluno Vítor Costa

Dormir ao som das “Matracas”
E ouvir até as Fracas
Dá um prazer profundo,
Esses registos que ficam
Se os corações palpitam
Leva-nos a outro mundo.

Tudo o que ouço e vejo
Mais tarde vem o desejo
De novo voltar a ter,
O cheiro de coisas belas
Passar nas tuas ruelas
É coisa a não esquecer.

Em dias de chuvada
O cheiro a terra molhada
Que sai daquela terra,
Assim quem já cheirou
Esse registo ficou
Mesmo em dias de guerra.

Dormir de janela aberta
O ar sempre refresca
Até vir a madrugada,
Vê-se o céu estrelado
Às vezes todo da trovoada.
P’los raios da trovoada.

Os pregões da tua malta
D’voz estridente e alta
E um sorriso sem igual,
Cada um canta diferente
O produto ao seu cliente
Fazem-no com o ritual.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 5

O tema do poema

Aluno José Monteiro

Duas bagas de orvalho
no verde
breve do pensamento;
duas papoilas de lume
que arde
no vértice do sentimento.

Um leve ramo florido
de brumas
inebriantes como o vinho;
um fresco pano de linho
embainhado
por estevas e rosmaninho.

Ou serão
dois púrpuros botões de rosa
e a levez branca do jasmim?
Sim!

Então
digamos que o poema
tem um tema bem preciso:

Dois olhos e um sorriso.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 5

Lágrima parada

Prof. Américo Morgado

Chove por entre as luzes da cidade
e a luz molhada, pendurada
à frente da janela
é o tempo parado de nada
e é tão bom este intervalo
em que não penso, não sou
nem nada acabou
apenas, vejo.

A chuva há-de parar
a luz expandir
o coração acordar e partir.

Eu fico no tempo árvore, flor
onde meu amor vive comigo
para a dor.

O sofrimento é lágrima parada
alegria magoada que voltará a sorrir.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 15

O chamar da vida

Prof. Américo Morgado

No silêncio do quarto vazio
o recolhimento, joelhos no peito
no jeito de pensamento fechado, sombrio.

Lá fora o vento a chuva o frio
aqui, o sossego do corpo por dentro
a alma vibrante, cantante
sem reparar no que é feito.

É um coração que resiste
à agressão ao lixo
o chamar da vida persiste
interessado
onda em devaneio
sem pensar em pecado
e não envelhece
por mais ou menos rodeio ou rebuliço.

Vive, vive com vigor exaltante
uma alegria constante
calando a dor
desgostos, tropeços, arremessos
de um corpo sofredor, que não desiste.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 15

Casa

Aluna M. Júlia

Aroeira, Verão 2013

A casa sem paredes é virada a sul
e tem pinheiros altos, negros de bruma.
A alma está trancada lá fora
e o sol rasga as ilhotas de sal.
No cheiro picante dos fins de tarde
está o mar
A casa sem paredes não adormece,
treslouca e remexe os sonhos repartidos.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 15

O meu jardim

M. Alba

Quando perguntam por mim
respondo: estou bem.
Estou tranquila como ninguém
cuidando do meu jardim,
meu jardim de afetos
onde as árvores e flores
são a família, amigos e conhecidos,
onde imperam os meus netos,
meus mais perfeitos amores
de todos os mais queridos.

Quando perguntam por mim
respondo com firmeza:
melhor não podia estar!
Enterrei dores e tristeza
no chão do meu jardim.
Vi plantas desabrochar,
ouvi a melodia da folhagem
e senti perfumes na aragem.

Quando perguntam por mim
respondo serenamente:
estou cada vez melhor!
Como de outra maneira estaria
Com o Sol no meu jardim,
com a Lua em fase crescente,
com o coração em Fé maior
expandindo amor e alegria?

Quando perguntam por mim
respondem imediatamente:
sei que estás bem
porque tens um maravilhoso jardim!
Mas quero revelar-vos também
que ele não existiria certamente
se não fosse o zelo e o olhar amigo
de quem me abraça e fala comigo!

Terra Querida

Prof. Ernesto Fernandes

Poster (1980)

Quando dei conta de ti
já não era criança
minha terra parte de mim

reconheci-te terra minha
neste meu desejo nem sempre conseguido
de te moldar
com estas mãos de trabalho
para que sejas obra minha

despertei abraçado a ti
em Abril contente
para te levantar
com jeito Terra Querida
argila quebradiça
sempre à espera
deste fogo nosso
o teu Abril

Correio da Usalma, n.º 34, p. 5

25 de Abril de 1974

Janot

Haveria muitas cores no mundo.
Mas só uma resplandecia.
Era o vermelho do cravo.
De um povo a gritar...Alegria, alegria.
Abriram-se as grades aos poetas,
Aos letristas e cantores.
Abraçámos desconhecidos e cantámos
Ao som de tambores.
O milagre
Esperado ansiosamente
Acontecera
E o 25 de abril de 1974 viverá
Para sempre
Viverá.

263

Correio da Usalma, n.º 36, p. 19

O assobio do vento

Prof. Américo Morgado

Ouvir o assobio do vento de inverno
em pleno verão
traz saudade
gosta-se ouvir
sentir recolhimento
querer o isolamento
colocar-nos por dentro
ser oração.

Correio da Usalma, n.º 36, p. 6

Innamorata II

M. Alba

Sim, estou enamorada,
prisioneira,
desta força primeira
que é o Amor

Amor que inebria,
que salva, cura,
que faz resplandecer.

Amor que se expande
para tudo quanto é criação,
para o sol, para as flores,
para o mar, pássaros,
estrelas e fontes.

Para ti que escutas
e abres teu coração...
Para ti também que no silêncio sofres
indagando a razão,
o porquê de tanta dor...

Amor que é solidário
que clama a justiça
que exige a paz,
o teto, o pão.

Amor que sou eu,
Amor que és tu,
Amor que somos todos
num só coração
que chora, que canta,
que ri, que abraça,
que dança,
que exige a mudança.

Para que possamos dizer
sem restrição
quanto somos enamorados!
E possamos cantar
livremente uma canção,
em festa e alegria,
na mais nobre das linguagens
- a Poesia.

Profalmada, n.º 37, p.8

Os desejos e os sonhos

Aluna Silvina dos Santos Jerónimo

Os desejos e os sonhos
Fazem de nós mágicos
Fazem de nós príncipes
O desejo e o sonho
Transformam a vida
A capacidade de sonhar e desejar
Muda o gesto e o quotidiano
Dos homens e das mulheres
Transforma-os em seres
De gostos e sentimentos novos
E muda o rosto com o sorriso
Muda o corpo com o gesto
Muda a mente com o pensamento
Muda o espírito com esta nova atitude
E novas questões se põem agora
O que fazer com a dúvida?
O que fazer com a falta de AMOR?

Precisam-se novos gestos
É necessária uma nova atitude
Precisam-se criativos
Precisam-se criadores de BELEZA
Precisam-se autómatos bons
É necessário automatizar as boas ações
Precisam-se sementes de AMOR
Precisa-se terra para estas sementes
É necessário um viveiro de seres BONS
É necessário uma produção intensiva de amor

Procura-se harmonia
Procura-se valor
Procura-se sintonia
Procura-se amor
Procura-se sentimento
Procura-se amador
Procura-se delicadeza
Procura-se fazedor
Procura-se subtileza
Procura-se pensador
Procura-se tudo isto e mais o que vier
e atrás de todos os iscos virá o que se quer

265

Crescer ao Ver Nascer

Aluno Vítor Manuel Pereira da Costa

A Galinha e o meu Gato Tareco.
A galinha era pedrês, bicava-me às vezes nos pés, pensando serem milhos.
Um dia ficou choca, eu pu-la com ovos numa toca, onde nasceram os filhos.
O gato Tareco, com ar de maroto, fecha um olho e abre o outro, mas que bicho tão manhoso.
Com a barriga vazia, um pinto ele comia... o Tareco era guloso.
O meu gato Tareco, com disfarce de boneco, vai sair-se talvez mal.
Se comer outro pinto, pena dele eu não sinto, de o prender no quintal.

Correio da Usalma, n.º 37, p. 15

Amar é ...

Prof. Manuela Cruz

| | |
|-------------------------------|------------------------------|
| Não esquecer o que é amado... | É misturar o céu com o chão. |
| É dar mais do que receber... | Amar é... |
| É estar sempre lado a lado... | Tudo o que não sei dizer... |
| É não deixar arrefecer | Mas que escuto no coração. |
| A chama da paixão... | |
| É estar parado. Correr... | |

Correio da Usalma, n.º 38, p. 22

Amor *

Aluno José Monteiro

| | |
|--|---|
| Digo a palavra Pai como quem diz Sopro inaugural que tudo inicia Ou sol ou chão ou semente ou raiz Poder que tem por nome Poesia. | Ao dizer Mulher digo livro aberto Onde sílaba a sílaba soletro Mil outras formas de dizer Amor. |
|--|---|

266

Mas quando digo Mãe digo matriz
Ou seio tépido ou concha macia
Ou berço onde se embala o aprendiz
De Humano Ser crescendo dia a dia.
Digo Filho com verbo novo e puro —
Conjugando no presente o futuro
Com jeito de quem faz em fruto a flor.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 22

* 1.º Prémio em Poesia de Tema Livre nos XXI (2014) Jogos Florais da Universidade do Algarve para a Terceira Idade (UATI)

Saudade*

Aluno *Vicente Quintinha Guerreiro*

I

Movia-se um pequeno barco de papel tipo moliceiro
Nas tuas mãos pequeninas de criança
Não havia em ti réstia de sonho ou esperança
Mas já tinhas a marca do destino marinho.

II

Moldada a juventude na ideia do mar
Eleito o azul-marinho símbolo da cor
Procurando o similar no colorido de singela flor
Na mente ia sedimentando a esfera armilar.

III

Olhando do cais lá longe o mar profundo
Assim surgia a audaz ideia
De deixar para trás a própria aldeia
E de partir para conhecer o Mundo.

IV

Concretizada ficou a antiga esperança
Quando conhecido ficou o resultado da inspeção
Houve da felicidade a pura sensação
E o desejo imenso de rumar a Vila Franca.

V

Nas escolas da Armada a nossa formação
Para o mar e para a vida o estudo intenso
Aprendeu-se a lidar com o futuro imenso
A realidade universal superou a ilusão.

VI

E cada um seguiu o seu destino
Da Marinha muitos fizeram profissão
Outros optaram por outra solução
Cruzando uns e outros da vida, o caminho

VII

Vemos agora de longe a estrada já pisada
O mar do Oeste é hoje aqui e agora a nossa companhia
É a serenidade perfeita neste dia
Porque aqui se junta o companheiro ao camarada.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 22

*Estes versos foram escritos na véspera em que fiz 50 anos de assentar praça na ARMADA, em 6.06.2009.

Verão ao sul

Aluno Vicente Quintinha Guerreiro

Quando os dias são quentes e serenos
Na planície é mais triste a solidão
E o cheiro das ervas cortadas para feno
Mistura-se aos dos frutos maduros da estação.

No céu a estrada de Santiago
Com mil luzes cintilantes a cortar a escuridão
E o som dos chocalhos do gado a pastar
São a doce sinfonia das noites de Verão.

O pastor e o cão na porta da malhada
Sentados, gozam do merecido repouso
Que a vida aqui é dura e esforçada

Mal rompe a madrugada o sol já é fogo
A dardejar sobre a terra causticada
Que só as chuvas do Outono virão
Amaciar de novo.

Correio da Usalma, n.º 39, p. 12

Natal de 2015¹

M. Alba

Entrou Dezembro ligeiro
sem se fazer anunciar,
com algum frio e nevoeiro...
Está o Inverno a chegar!

Preparam-se festas em todo o lado,
organizam-se também convívios vários.
Recitais, danças e fado
Em gestos francos e solidários.

Na USALMA há grandes preparativos.
Há enfeites, poemas e canções.
Surgiu de *workshops* recreativos
Um presépio a alegrar nossos corações.

¹ Breve apontamento para o almoço de Natal dos alunos de guitarra com o seu professor, no dia 3.12.2015.

Os estudantes de guitarra
não se deixaram atrasar.
Quando há festa e há farra
são os primeiros a alinhar!

Os trinados afinaram.
Os acordes bem treinaram!
Vozes se misturaram...
Coro e orquestra formaram.

Muito trabalhou o Professor
para este sucesso total,
sempre com paciência e humor!
Por isso desejamos-lhe FELIZ NATAL!
2/12/2015

Correio da Usalma, n.º 39, p. 12

Entre o fado e a profecia¹

M. Alba

“Navegar é preciso”,
incentivavam os homens de outrora.
E assim se empurrava o indeciso
por esses mares fora.

“Deus quer, diz o poeta,
o homem sonha e a obra nasce
E, em linguagem de profeta,
a nova realidade faz-se.

“O sonho comanda a vida”
outro poeta esta ideia explanou.
E uma voz bem conhecida
seus lindos versos cantou!

Porém, não me parece
que esta seja a verdade...
Afinal o que acontece
para se tornar realidade?

Não é o sonho que realiza,
mas sim o sonhador,
porque a força que mobiliza
está no seu interior.

Quando tivermos consciência
de que somos navegantes do infinito
não precisaremos de nenhuma
especial ciência
para desfazer o medo e o mito.

Não teremos a mágoa e a dor
que a ilusão da matéria cria,
nenhum poder será maior
que a nossa própria energia!

E nesse caminho da eternidade,
vivido num aqui e agora conciso,
celebraremos em liberdade
porque sonhar já não será preciso!

Almada, 28/03/2014

¹ Tema: o sonho. Poema registado para Chá com poesia de 28.03.2014



Parte IV: Projetos e atividades

I - Eventos Socioculturais

A - Colóquios e conferências

Almeida Garrett e as *Viagens na Minha Terra*

Aluno José Monteiro

Almeida Garrett e as *Viagens na Minha Terra* foi o tema da Palestra proferida no Auditório da Escola Secundária Cacilhas-Tejo, no dia 1 de março de 2013, pelo Professor Doutor Alberto de Carvalho, Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Lisboa.

Abriu a sessão o Professor Jerónimo de Matos, Diretor da USALMA, com palavras de boas-vindas ao orador e a todos os participantes, em número elevado. A Professora Doutora Maria Glória de Brito salientou os aspetos mais importantes do currículo do orador e enalteceu a sua generosidade e altruísmo.

Com palavra cativante e gesto envolvente, o orador desenhou o perfil de Almeida Garrett como o de um homem por inteiro: o intelectual, o político, o homem de ação, de formação clássica muito sólida, mergulhando a inspiração na riqueza cultural do Povo. Quanto a *Viagens na Minha Terra*, o orador afirmou que a obra é o retrato do burguês que vai à procura do Povo para se estruturar como pessoa, que o autor busca a “cor local” para, no contexto e ambiente próprios, encontrar a verdade literária, em obediência ao “preceito do Romantismo”.

Caracterizou a obra como um romance de vários géneros (de viagem, de mistério, teatral, epistolar, lírico) e também como pioneiro na espontaneidade, franqueza e coloquialidade. Chamou a atenção para a curiosidade de, sendo o autor o introdutor do Romantismo em Portugal, ele próprio mofar desse movimento literário, do dramalhão à moda antiga e de já estar com um pé no Realismo, ao desenhar a figura tão “real” do dono do Café do Cartaxo.

Foi assim que o auditório viajou nas palavras do Professor pela viagem da fantasia, fazendo a viagem real ao Portugal das *Viagens na Minha Terra*. Boa Viagem! Sem dúvida. Depois das intervenções de alguns dos participantes, encerrou a sessão o Diretor da USALMA, Prof. Jerónimo de Matos, com palavras de agradecimento ao Professor Alberto de Carvalho e de incentivo à leitura dos Clássicos, repletos de ensinamentos perfeitamente atuais.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 17

273

Romeu Correia – Pintura e Literatura: 30 Anos da Publicação de *O Andarilho das Sete Partidas* (1983-2013)

Edite Condeixa e Dina Dourado

No âmbito da celebração dos 30 anos da publicação de *O Andarilho das Sete Partidas*, de Romeu Correia, as turmas de Teatro, Língua e Cultura Portuguesa, Encontro com o Tejo, Da Leitura à Escrita Criativa e Encontro com a

Poesia levaram a efeito uma sessão comemorativa da efeméride.

Realizou-se no dia 13 de abril, na Sala Pablo Neruda, no Fórum Romeu Correia, às 14h30. Na abertura, o diretor da USALMA, Jerónimo de Matos, enalteceu a vida e obra do escritor Romeu Correia e a relação de amizade que os uniu.

Agradeceu a coorganização com a Divisão de Bibliotecas da CMA à respetiva Chefe de Divisão, Dra. Eunice Figueiredo, presente na mesa. Agradeceu igualmente a colaboração da Associação dos Amigos do Concelho de Almada, do Farol e da SCALA. Saudou a filha e o neto do escritor homenageado. Mostrou o seu apreço às professoras e alunos participantes.

Seguiu-se a projeção de diapositivos de fragmentos do painel do pintor Louro Artur sobre a obra de Romeu Correia, simultânea com a temática da apresentação de cada turma, aliando-se deste modo Pintura e Literatura. Alunos de Teatro dramatizaram um excerto da peça cuja publicação se comemorava, *O Andarilho das Sete Partidas*. E como este andarilho é Fernão Mendes Pinto, autor da *Peregrinação*, seguiu-se uma leitura e análise do tema tempestade na obra de F. M. Pinto e na obra *Calamento* de Romeu Correia pela professora e alunas de Língua e Cultura Portuguesa.

Tendo como fundo o belíssimo fragmento do citado painel referente ao Tejo e ao Cais do Ginjal, tão amados por R. Correia, tivemos uma leitura coral de um excerto do *Tritão* pelas alunas de Encontro com o Tejo.

Foi então o momento de conhecermos Romeu Correia como inspirador de outros, através de um texto poético do escritor Fernando Barão, onde refere os títulos das obras principais do escritor almadense, que foram apresentadas em diapositivo. Este momento esteve a cargo da turma de Encontro com a Poesia. Um texto de idênticas características, mas em prosa, foi apresentado de seguida por um aluno da disciplina Da Leitura à Escrita Criativa.

E Romeu Correia poeta, como autor de letras das canções de Luísa Basto, no seu álbum de 1987, foi ainda o inspirador de Almerinda Gaspar, que apresentou uma recriação poética e musical do poema *Balada Ecológica*. Esta parte da sessão terminou com poesia de Romeu Correia (um apelo aos valores humanos universais) pelo grupo Jograis da SCALA.

274

Terminou-se em tertúlia com a presença e os testemunhos dos escritores Fernando Barão e Alexandre Castanheira e do pintor Louro Artur. De 9 a 13 de abril decorreu no mesmo local uma exposição biobibliográfica sobre o nosso escritor almadense, cuja parte mais significativa foi cedida pelo Farol e teve igualmente a participação do pintor Carlos Canhão.

No folheto da exposição apresentou-se a obra não publicada do escritor, retirada de um artigo sobre O Teatro de Romeu Correia, apresentado nos *Anais de Almada*, CMA, **números** 13-14, 2012.

Há todo um mundo de Romeu Correia para conhecer, recordar e descobrir.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 18-19

Um pintor-fidalgo em Almada no século XVI: Giraldo Fernandes de Prado, *homem de admirável pincel na arte da pintura*

Professor Vítor Serrão

Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da UL Giraldo Fernandes de Prado (Guimarães, c. 1530 - Almada, 1592), cavaleiro da casa dos Duques de Bragança, foi pintor de óleo e fresco, iluminador, pedagogo e calígrafo de mérito, e viveu em Almada no último decénio da sua vida. O seu merecimento radica de ter sido autor do mais antigo tratado de Caligrafia escrito em português, já que em 1560-61 realizou o *Tratado de Letra Latina*, conservado, juntamente com um *Manual para Copistas* também da sua autoria, ambos na Rare Book & Manuscript Library da Columbia University, em New York. O primeiro destes manuscritos, realizado para o ensino do futuro Duque de Bragança D. João I (1543-1563), mostra desenhos com vários tipos de letras, trechos sacros e mitológicos, cartelas com *ferronerie* e detalhes de fauna e flora fantasistas, a provar que no seio da Casa de Bragança as questões da arte da Caligrafia eram alvo de patrocínio e discussão. O pintor, que serviu o condado de Barcelos antes de ingressar na Casa de Bragança, com residências entre Almada e Vila Viçosa, foi prolixo pintor com personalidade erudita, e cujo percurso revela contactos com gente da estirpe de Francisco de Campos (pintor flamengo que serviu D. Teodósio I e foi, tudo indica, o seu primeiro mestre), o tratadista Francisco de Holanda, o iluminador António Fernandes, os escritores Manuel de Sousa Coutinho, Francisco de Andrada e Fernão Mendes Pinto. Antecedeu Manuel Barata (n. 1549) nas tarefas de servir a Casa de Bragança como calígrafo, e cabe-lhe a honra de ter sido o primeiro a escrever um tratado de didáctica das primeiras letras. Como pintor, têm-se estudado, identificado e restaurado obras suas de merecimento, caso das tábuas maneiristas do retábulo da igreja da Misericórdia de Almada (1590), recém-restaurado. É autor, também, de frescos na igreja de Santo António, de Vila Viçosa e na sala de Diana, do Paço dos Duques de Basto, em Évora – o que credita o elogio do loio Frei Jorge de São Paulo (manuscrito *Epilogo e Compendio da Congregação de Sam Joam Evangelista*, 1658), a «mestre Giraldo de Prado homem de admiravel pincel na arte da pintura». A valia dos códices de Giraldo de Prado é, em termos da cultura e da tratadística portuguesa, absolutamente excepcional. Como dissemos (2008), «se a qualidade do desenho dos fólhos ilustrados impressiona, mesmo descontando as singelezas pontuais do desenho, pelo seu requintado gosto maneirista – cartelas com *ferronerie* e *tondi* inscritos, vinhetas decoradas com insectos (moscas, borboletas) e animais (lebres, galgos, cisnes, caracóis), temas fitomórficos e vegetalistas, simbologias da *vanitas*, cabeças aladas de anjos, pequenas cenas da *Paixão*, desenhos de instrumentos para a arte da caligrafia, etc., é de destacar também o domínio que o autor demonstra face às questões ligadas à simbólica

da escrita, à proporção das letras a partir do compasso, às novas directrizes da pedagogia renascentista e à ciência do desenho, temas humanísticos por excelência que o *Tratado de Caligrafia* desenvolve. A folha desenhada com os instrumentos fundamentais para a caligrafia repete-se no tratado de Juan de Içiar e recorda, ainda, um dos desenhos da obra *Il modo d'imparare de scrivere* de Eustachio Celebrini, de 1525, entre outros textos pedagógicos da época que também integram fólhos com representação de instrumentos de escrita». Os dois manuscritos nova-iorquinos de Giraldo Fernandes de Prado, ilustre pintor com estatuto de cavaleiro-aristocrata, mostram como, em pleno século XVI, a letra *chanceleresca* era protagonista de um grande interesse por parte do humanismo e, em consequência, por parte de calígrafos de primeira linha.

Correio da Usalma, n.º 33, p. 14

Portugal: certezas e crise

Aluno José Monteiro

Foi o tema do colóquio realizado no dia 22 de novembro de 2013, no Auditório da Escola Secundária Emídio Navarro. Foi orador o Doutor José Filipe Pinto, Professor Catedrático, Académico Correspondente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, autor de vasta obra e colaborador de vários meios de comunicação.

O Professor Jerónimo de Matos, Presidente da USALMA, apresentou o orador, a quem agradeceu a disponibilidade em partilhar os seus conhecimentos.

O convidado tratou o tema, de evidente atualidade, com a mestria de grande comunicador, guiando o auditório pela nossa história recente, enquadrando políticas e observando diversos acontecimentos à luz de interessantes perspetivas.

Seguiu-se um período de debate, findo o qual o Professor Jerónimo de Matos encerrou o Colóquio com palavras de agradecimento ao Doutor Filipe Pinto e sublinhando o interesse e atualidade do tema tratado.

Correio da Usalma, n.º 33, p. 13

A Península Ibérica, Encruzilhada de Culturas

Aluno José Monteiro

A Península Ibérica, Encruzilhada de Culturas foi o tema da Conferência realizada no Auditório da Escola Secundária Cacilhas-Tejo, no dia 10 de fevereiro de 2014, tendo como oradora a Dra. Fátima Domingues/Myriam de Carvalho.

A Dra. Fátima, licenciada em Filologia Românica, está representada

em várias antologias e revistas com poesia, conto, estudos, teatro para crianças e publicou os livros *Cinco X Cinco – 25 Poemas* (Sol XXI, 1992) e *E no Fim Era a Poesia* (Vega, 2007).

A oradora iniciou a sua exposição fazendo uma retrospectiva histórica. Referiu que o início da ocupação da Península Ibérica remonta a cerca de 3000 anos a.C., levada a cabo por povos vindos do norte de África. Mais tarde, Fenícios, Celtas, Gregos, Cartagineses, Judeus, Romanos, Vândalos, Suevos, Alanos contribuíram para o enriquecimento da Cultura Ibérica. Os Visigodos, já cristianizados, dominaram a Península desde o séc. V d.C. Ao contrário dos outros povos, não se misturaram com os naturais, ocupando os cargos cimeiros da administração: Nobreza e Clero.

A morte do rei Vitiza provocou um conflito entre duas fações da Nobreza. Ágila II pediu auxílio árabe contra Rodrigo. A partir de 711 os Árabes e os Berberes estabeleceram-se progressivamente na Península Ibérica, a que chamavam Al-Andaluz. A sua presença durante mais de 700 anos deixou marcas importantes na Agricultura, Língua, Música, Matemática, Arquitetura, Filosofia e Poesia.

A Poesia parece ter sido o principal género literário do período pré-islâmico, sendo a famosa coleção *al-Muallaqat* (*Os Poemas Suspensos*) o repositório dos mais belos e característicos poemas dessa época.

As *Maqamat* (Sessões) eram feitas por contadores de histórias, cujos protagonistas, eram em, geral, mendigos que usavam a astúcia e estratégias vários para conseguirem sobreviver. O jogo de palavras e os duplos sentidos, à mistura com a ficção e a filosofia, são as características principais deste género literário que exerceu influência no romance picaresco (v.g. *Lazarillo de Tormes*). Muitas destas narrativas foram incluídas nas *Mil e Uma Noites* e serviram de modelo aos “romances de cavalaria”.

Na opinião da Dra. Fátima, a influência árabe fez-se sentir na poesia provençal, que se dirige em versos de amor à mulher idealizada, tal como a poesia árabe. Essa influência estendeu-se à poesia trovadoresca galaico-portuguesa através da poesia provençal. Os poemas ao vinho e à embriaguez (do amor divino) dos poetas sufis marcaram a poesia de S. João da Cruz. A oradora destacou a importância da poesia de Al Mutamid, nascido em Beja em 1040. Foi Califa de Silves e Rei de Sevilha. A sua poesia canta o amor, os feitos da guerra e os prazeres.

A Dra. Fátima terminou, afirmando que a Cultura Ibérica é um monumento à mistura, à mestiçagem, e deve ser um motivo de compreensão entre os povos.

Seguiu-se um período de troca de opiniões entre os participantes que terminou com a leitura de uma *Moaxaha* da autoria da Dra. Fátima Domingues/Myriam Jubilot de Carvalho.

Correio da Usalma, n.º 34, p. 14

O caso galego no mundo da língua portuguesa: perspetivas para a análise e o debate

Aluno José Monteiro

A Apcalmada e a USALMA celebraram o Dia Mundial da Língua Materna, 21 de fevereiro, no Auditório da Escola Secundária Cacilhas-Tejo, com a conferência *O caso galego no mundo da língua portuguesa: Perspetivas para a análise e o debate*. O convidado foi o doutor Isaac Lourido, Leitor do Centro de Estudos Galegos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), onde realiza trabalhos de docência, pesquisa e divulgação cultural, sendo formado em Filologia Hispânica e Filologia Galega e doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade de Santiago de Compostela.

“Antes de entrar em farinha”, que é como quem diz, antes de entrar no assunto, o orador anunciou que iria falar com pronúncia galega, por saber que seria perfeitamente compreendido pela audiência. E assim foi.

Como introdução referiu que a Galiza é uma das 17 Comunidades Autónomas de Espanha, cinco das quais com língua própria. Antes da guerra civil o galego era falado praticamente por todos os habitantes da Comunidade. Hoje converteu-se num distintivo de classe, sendo falado por cerca de 58,8%. Detalhando, ficamos a saber que: no meio rural o galego prevalece sobre o castelhano; nas povoações com menos de 50 000 habitantes é de 83,3% a percentagem dos falantes da “língua própria”, ao passo que nas que têm mais de 50 000 a percentagem desce para 32,5%; abaixo dos 40 anos de idade os galegos preferem o castelhano, porém, acima dos 55, o galego prevalece; no mercado de bens e serviços é usado o castelhano, exceto nas atividades relativas ao funcionamento autonómico e da cultura oficial; a Constituição Espanhola estabelece que as Comunidades Autónomas têm o dever de saber falar castelhano e o direito de falar a “língua própria”. No ensino a situação é um pouco híbrida. Ambas as línguas fazem parte dos currículos. As disciplinas são ministradas em galego, nos meios rurais, mas nos meios urbanos, em castelhano, a não ser que o próprio professor opte pelo galego.

Existe uma fraca autoestima, por parte da generalidade dos galegos, relativamente à sua cultura e língua. Porém, existe um setor da população cultural e politicamente mais desperto que desenvolve estratégias de valorização e afirmação da identidade galega.

Caso curioso é o facto de ambas as línguas coexistirem sem haver competi-

ção entre elas: na mesma conversa, à mesa de um café, pode-se ouvir ambas as línguas.

O Doutor Lourido fez, em seguida, um breve apontamento sobre a História da Língua. O Galego constituiu-se a partir da romanização imposta pelo conquistador da *Galaecia*. Expandiu-se de norte para sul, tendo como fronteira setentrional o Rio Douro. Nos séculos XI e XII o Galaico-Português foi assumido como a língua culta da época, servindo de suporte à expressão de um dos mais belos e ricos movimentos líricos da História da Literatura, cultivado até pelos reis D. Afonso X de Castela e seu neto D. Dinis de Portugal: as *Cantigas de Amor*, as *Cantigas de Amigo*, as *Cantigas de Escárnio e Maldizer*. Fatores de ordem política, nomeadamente a falta de autonomia administrativa, contribuíram para a não afirmação do Galego como língua oficial, ao contrário do que acontecia em Portugal, por decreto do próprio D. Dinis, com o português.

Só em 1982, sete anos após a morte de Franco, se estabeleceu a ortografia do galego. Entre as hipóteses de uma grafia mais próxima do português e a de uma grafia mais próxima do castelhano, foi escolhida a segunda hipótese. A escolha, porém, não foi consensual, persistindo, ainda hoje, a polémica protagonizada por uma minoria muito ativa que defende um intercâmbio mais efetivo com o português. Sente-se que a língua galega se encontra sob a pressão de duas línguas muito importantes: o castelhano e o português. Como exemplo o orador apontou o facto de existirem palavras com dupla grafia, como Galicia e Galiza, e serem ambas aceites como corretas. Geralmente a grafia pró-castelhano é mais usada em documentos oficiais, ao passo que a pró-português predomina em documentos relacionados com a cultura.

Continuando, o conferencista afirmou que, neste momento, a questão da adesão da Galiza à Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) é debatida com certa intensidade. Paralelamente, foi apresentada no Parlamento Galego e aprovada por unanimidade a Iniciativa Legislativa Popular “Valentim Paz-Andrade”, com o objetivo de introduzir a língua portuguesa no sistema educativo galego, com vista ao intercâmbio comercial e cultural com todos os países de língua oficial portuguesa.

A terminar estabeleceu-se um debate muito interessante, fazendo o orador referências úteis para um melhor conhecimento da realidade e cultura galegas.

Portais: www.lavozdegaliza.es, <http://prazapublica.com>, www.sermsgaliza.com, www.galizaconfidencial.com.

Escritores: Manuel Rivas, Mendez Ferrin, Carlos Quiroga.

O Doutor Isaac Lourido terminou com uma citação de Afonso Daniel Castela (1886 - 1950), um dos fundadores do nacionalismo galego: “A nossa língua continua viva e floresce em Portugal”.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 12-13

A Vida entre Marés

Aluno José Monteiro

O Dr. Manuel Lima, bacharel em Geologia e licenciado em Animação Sociocultural, proferiu uma palestra subordinada ao tema em epígrafe, no dia 27 de fevereiro de 2014, no Auditório da Escola Secundária Emídio Navarro.

Atualmente, já reformado, é professor da disciplina Património Histórico e Natural na Universidade Sénior do Seixal. É autor de dezassete obras relativas ao património histórico e natural da zona ribeirinha do Tejo, especialmente do Município do Seixal.

O palestrante explicou a razão de ser do título *A Vida entre Marés*: o resultado do estudo de algumas formas de vida, efetuado durante os anos de 2012 e 2013, na zona litoral compreendida entre o nível mais profundo da baixa-mar e o nível mais elevado da praia-mar.

A um ritmo muito vivo e com diapositivos de grande qualidade, o orador revelou imensos tesouros que conosco partilham a grande aventura da Vida. Foi uma tão breve hora e meia de descoberta e espanto!

As algas foram as primeiras a desfilar. Vegetais tão simples que não precisam de sistema vascular, folhas, caules ou raízes. Para elas um talo chega (talófitas). E alimento? O mais simples: tendo pigmentos verdes (clorofila), o dióxido de carbono, a água e a energia solar bastam. Tão simples, mas com preferências colorísticas. As verdes (clorofíceas) expõem sem preconceitos toda a sua clorofila. As castanhas (feofíceas) mascaram a clorofila fundamental por entre pigmentos castanhos. Algumas disfarçam mal a tendência para o azul. As vermelhas (rodofíceas) disfarçam bem, mas lá no fundo está sempre a clorofila. As que mais se empenham ficam negras ou azuis (gostos...).

Ao passar para o reino animal, surgiram as esponjas. Primitivas e simples, são formadas por uma cavidade e uma única abertura exalante, o ósculo. Bombeiam a água para fixarem, por filtração, os alimentos diretamente nas células.

Subindo na escala da complexidade, vieram as anémonas, as alforrecas (ambas urticantes), as minhocas (anelídeos), sem esqueleto; pulgas-do-mar, bichos-de-conta-marinhas, baratas-do-mar, camarões, camarinhas, caranguejos (crustáceos) com esqueleto externo (exosqueleto), que é mudado várias vezes durante a vida.

Com batentes de porta (valva em latim) chegaram os moluscos. Univalves (uma valva só), os gastrópodes (pé no estômago) – búzios de vários tamanhos, lapas, burriés, vinagreiras, lesmas do mar, etc.; os bivalves (duas valvas) – os sedentários mexilhão e ostra e os livres amêijoas, berbigão, lambujinha, longueirão (canivete) e cadelinha (conquilha).

Entretanto compareceram os cefalópodes (pés na cabeça) discretos, protegendo-se em nuvens de tinta, o choco e o polvo.

Os equinodermes (espinhos na pele), pepino-do-mar, asterina, estrela-do-mar, ofiúrios com e sem espinhos e ouriço-do-mar não faltaram.

Finalmente os peixes, com seu esqueleto interno (endosqueleto) mostraram o que é variedade. Contando bem, eram vinte e sete espécies. Entre os mais conhecidos viram-se o cavalo-marinho, o xarroco, o salmonete, a enguia, o linguado, a tainha, o congro, o robalo e a dourada.

Como quem remata a moldura, o orador mostrou uma coleção de conchas que bem podia ser feita por qualquer um de nós, dando atenção aos nossos vizinhos habitantes deste maravilhoso condomínio Estuário do Tejo.

Tudo ficou à disposição de quem adquiriu, ou venha a adquirir, a obra *A Vida entre Marés*, do estuário do Tejo à costa atlântica, 176 páginas, edição do autor, que vivamente se recomenda, pela riqueza da informação e a qualidade fotográfica.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 11-12

A Emigração Portuguesa antes de 25 de Abril de 74 uma experiência vivida

Aluno José Monteiro

A Emigração Portuguesa antes de 25 de Abril de 74 - uma experiência vivida foi o tema da conferência realizada no Auditório da Escola Secundária Emídio Navarro, no dia 13 de março de 2014, tendo como convidado o escritor Gabriel Raimundo. Integrada nas Comemorações dos 40 anos do 25 de Abril levadas a cabo pela Apcalmada-USALMA, teve a participação do grupo musical *Renascer*, proporcionando ao evento o ambiente alegre e colorido de várias canções de raiz popular.

Introduziu o tema o Professor Jerónimo de Matos, Diretor da USALMA, que salientou as semelhanças e contrastes entre a emigração anterior ao 25 de Abril e a que se verifica atualmente. Em ambos os casos está envolvido um Povo que sabe estar entre todos os povos, respeitando e sendo respeitado, ao pôr em prática o ideal da Fraternidade.

O Professor José Zaluar apresentou o orador, Gabriel Raimundo, autor de 23 títulos, distribuídos por diversos géneros: romance (9), infanto-juvenil (5), entrevista (3), crónica (2), “estórias” (2), monografia (1), novela (1). O facto de terem sido ambos exilados e ativistas políticos em Paris, em maio de 1968, fez com que *apresentação oração* (de orador) se articulassem de modo natural, como as cerejas. Ora as cerejas foram mote dado pelo último romance do conferencista, *Cerejeiras em Paris* (Chiado Editora, 2013), que foi aproveitado pelo apresentador para lembrar *O Tempo das Cerejas*, de Yves Montand, e afirmar “as revoluções sabem-me a cerejas”.

Com uma articulação rápida das palavras, sem esconder a pronúncia típica da aba sul da Serra da Estrela (Tortosendo, Covilhã), o almadense por adoção pôs em evidência algumas características da emigração portuguesa anterior a 1974.

Foram de dois tipos os motivos principais que levaram os portugueses a abandonarem as suas terras: os económicos e os políticos.

Os emigrantes conseguiram certa melhoria económica evidente, mas tornada possível, muitas vezes, por associar a uma capacidade de resistência muito elevada, condições físicas e morais adversas: habitações rudimentares, dificuldades de comunicação, submissão ao “deus” absoluto chamado *produção*, desencontro de horários entre casais, desenraizamento social e cultural.

O orador enalteceu a capacidade associativa e solidária manifestada pela grande maioria dos nossos compatriotas. A tendência natural era a de se agruparem conforme a região da sua procedência (transmontanos, beirões, alentejanos, etc.), atraídos pelos costumes e tradições, nomeadamente folclóricas e alimentares, dando origem a associações legalmente constituídas que, ainda hoje, constituem um sinal de afirmação cultural e de apoio comunitário.

No diálogo muito vivo que entretanto se estabeleceu foram reveladas situações, umas caricatas, outras de extrema carência, bem como ações de grande generosidade praticadas por alguns compatriotas mais bem integrados ou de maiores recursos materiais.

Após as palavras de encerramento do Professor Jerónimo, que enfatizaram a capacidade de integração e o sentimento de fraternidade dos portugueses espalhados pelo mundo, o orador/autor autografou exemplares da sua última obra, enquanto os participantes se envolveram em animada confraternização.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 11

Videoconferência

Aluno José Monteiro

Desenvolvimento Sustentável – Falácia Conveniente foi o tema da videoconferência realizada no Auditório do Externato Frei Luís de Sousa, no dia 21 de março de 2014, tendo como oradores João Corte-Real, Professor Cate-drático Emérito da Universidade de Évora, e Ricardo Augusto Felício, Professor da Universidade de S. Paulo, Brasil.

O Professor Jerónimo de Matos, Diretor da USALMA, apresentou os oradores e realçou o concerto das disponibilidades e das capacidades técnicas que tornaram possível esta videoconferência, especialmente o empenho do Eng. Luís Amorim.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o Professor Corte-Real que, em traços largos, fez uma retrospectiva histórica das ações levadas a cabo pelas Nações Unidas sobre as alterações climáticas, desde 1972.

Segundo o orador, os princípios que nortearam essas realizações são lou-váveis, mas não a maneira de os pôr em prática, porque, em muitos casos, os benefícios são canalizados para o enriquecimento de alguns grupos económicos. Como exemplo o orador apontou o facto de o preço das energias renováveis estar duas a três vezes acima do seu custo real e de, em certos casos, as opções ditas amigas do ambiente serem perigosas, como as lâmpadas

economizadoras, devido ao mercúrio, um dos seus componentes.

Quanto às Alterações Climáticas, o Professor Corte-Real mostrou-se convencido de que a ação humana não é determinante no jogo de todas as variáveis. Destacou como causas de maior impacto a atividade solar, as oscilações da temperatura do Atlântico Norte (La Niña) e do Oceano Pacífico (El Niño), a atividade vulcânica. Em seu entender, dados científicos mostram que o aquecimento global foi interrompido. No entanto, sustentou que existe um problema energético no mundo e que a luta pela sustentabilidade tem aspectos muito positivos.

A intervenção do Professor Ricardo Augusto Felício, a partir do Brasil, começou por tratar o conceito de Economia Verde e o Desenvolvimento Sustentável de modo incisivo: “Uma falácia. Ninguém sabe o que é o Desenvolvimento Sustentável, como ninguém sabe pô-lo em prática”.

O orador acrescentou que o Desenvolvimento Sustentável é imposto com base em três fatores (Tríade do Medo): Aquecimento Global, Alterações Climáticas e Caos Ambiental. Na sua opinião, não existem evidências científicas quanto ao aquecimento global, nem quanto ao efeito de estufa provocado pelo CO₂, e que a ação humana é insignificante tanto para provocar alterações climáticas como para as evitar.

O medo incutido na opinião pública pelos defensores do Desenvolvimento Sustentável terá como objetivo fazer com que as sociedades emergentes não atinjam níveis de desenvolvimento que ponham em causa o modo de vida das sociedades desenvolvidas, desviando as atenções das verdadeiras questões que se põem à Humanidade, como a fome gerada pela iníqua distribuição da riqueza, a falta de água e a concentração populacional desordenada em megacidades.

Antes de se ausentar para dar uma aula, o Professor Jerónimo agradeceu a disponibilidade dos conferencistas, bem como a preciosa colaboração do Externato Frei Luís de Sousa, e deixou um apelo: “É necessário usar a inteligência para não nos deixarmos manipular”.

Da viva troca de opiniões que se seguiu salientamos: o gás natural é subsidiado como se de uma energia renovável se tratasse; as centrais térmicas mantêm-se em funcionamento para prevenir eventuais ausências de vento; a indústria petrolífera subsidia os ambientalistas; os antiambientalistas não divulgam as suas ideias por medo de represálias; as ideias das alterações climáticas não são divulgadas no Reino Unido por não serem científicas, mas políticas; os modelos matemáticos estão preparados para darem os resultados pretendidos, não levando em conta outros fatores de grande relevância; devido às alternâncias orbitais da Terra podemos estar a caminho de uma nova era glacial e não do aquecimento progressivo.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 11-12

Pelos 40 anos do 25 de Abril

Prof. Ernesto Fernandes

No dia 24 de abril de 2014, pelas 15h00 horas, teve lugar, no Auditório do Externato Frei Luís de Sousa, a conferência Censores e Censura à Imprensa no Estado Novo de Salazar a Caetano, proferida pelo investigador Dr. Joaquim Cardoso Gomes.

A sessão foi presidida por Teodolinda Silveira (vice-presidente da Associação) e contou com a presença de Jerónimo de Matos (diretor da USALMA), António José Matos (vereador da Educação e Cultura), José Zaluar (académico, exilado em Paris à época do 25 de Abril), para além do orador Dr. Joaquim Cardoso.

A moldura deste evento comemorativo é musical e poética: coros polifónicos da USALMA e da Escola Anselmo de Andrade e poemas de Abril pela turma *Encontro com a poesia*.

Uma atuação brilhante que se pautou, nomeadamente, por *Acordai e Grândola Vila Morena*, em arranjos de Fernando Lopes Graça.

Neste contexto, houve lugar ao lançamento da pintura inédita *40 Anos de Abril*, de Louro Artur, editada pela Apcalmada.

Dada a relevância da problemática da conferência, transcreve-se a síntese elaborada pelo orador:

Nesta conferência o autor começa por colocar o problema do acesso às fontes para a história da censura à imprensa na ditadura salazarista-marcelista. Após traçar em linhas gerais a evolução do aparelho da censura de 1926 a 1945, evidenciando os aspectos de natureza organizacional e, em particular, o seu pessoal político exclusivamente militar, questiona-se a existência de um particularismo português, no quadro dos regimes autoritários, no que concerne ao modelo de censura prévia.

Para o período do pós-guerra serão analisados, a nível da direcção, a persistência de um núcleo duro de oficiais superiores do Exército, sinalizados na memória colectiva como os “coronéis” da censura e os condicionalismos que explicam a entrada tardia de civis na censura, fenómeno extensível aos corpos intermédios do aparelho, as comissões do Porto e Coimbra e as delegações da província e ilhas.

Tomando como ponto central da sessão os censores à data do 25 de Abril de 1974, procura-se encontrar os sinais de renovação e de inércia na máquina censória, quanto ao seu pessoal político, sobretudo no período marcelista, acentuando a crescente perda de autonomia funcional de um aparelho anquilosado no estertor do regime ditatorial.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 9

Saúde numa tarde

Aluno José Monteiro

O Grupo de Saúde da USALMA levou a efeito, no dia 16 de maio de 2014, uma conferência a que deu o nome de Saúde numa tarde.

Abriu a sessão o Professor Jerónimo de Matos, Diretor da USALMA. Dirigi palavras de saudação a todos os presentes, agradeceu aos organizadores e à Direção do Externato Frei Luís de Sousa e congratulou-se com o elevado número de participantes, sinal do grande interesse que a saúde desperta no seio da comunidade de professores e alunos da nossa Universidade.

Os temas são, na verdade, de grande interesse.

I - O Equilíbrio Emocional, em que usaram da palavra os psicólogos Dra. Rosa Almeida e Dr. Hugo Guerra.

Destacaram a importância do bem-estar mental na prossecução do estado de saúde geral, que não é apenas a ausência de doença, mas um estado sustentável de bem-estar físico, mental e social.

Apresentaram alguns exercícios de criatividade, atenção, concentração fáceis de executar, que melhoram o funcionamento do cérebro, com vista a prevenir o declínio acentuado das suas funções.

Salientaram os benefícios psicológicos do exercício físico, ao proporcionar maior eficácia na resolução dos problemas do dia-a-dia, bem como no aumento da autoestima. Não foram esquecidos os exercícios respiratórios e de relaxamento.

II - Dieta Mediterrânica - padrão alimentar de referência para a Saúde Pública.

O Professor Doutor Manuel Carrageta apresentou o tema, baseando-se em estudos científicos efetuados por entidades altamente conceituadas.

O orador fez a caracterização do clima mediterrânico, entre 30° e 45° de latitude, que condiciona a existência de uma agricultura com base em cereais, leguminosas, hortaliças, fruta fresca, frutos secos, vinha e oliveiras. Os alimentos dela obtidos, aliados a um consumo considerável de peixe (sardinha, cavala) e a um estilo de vida tranquilo, assente num ambiente psicossocial estável e numa estrutura familiar alargada, constituem o segredo da Dieta Mediterrânica, considerada pela Unesco como património imaterial da Humanidade. O azeite assume um papel muito importante, ao fornecer a gordura de qualidade de que o organismo necessita. O vinho, especialmente o tinto, desempenha o papel de antioxidante, anti-inflamatório, vasodilatador e mitigador da arteriosclerose. "O vinho é um alimento, um remédio ou um veneno - é só uma questão de dose", como dizia Paracelso.

Duas palavras fundamentais em questões de alimentação: variedade e moderação.

III - O Exercício Físico

O Dr. Hugo Gonçalves apresentou o sedentarismo como um fator de risco, equiparado ao vício do tabaco e à alimentação incorreta, no desencadear de doenças coronárias e cerebrovasculares.

A atividade física, por seu lado, contribui para o controlo de diabetes, colesterol, hipertensão arterial, osteoporose, dores osteoarticulares e, como ficou dito no I tema, reduz a ansiedade e melhora a autoestima.

Estes benefícios podem ser alcançados com apenas 30 minutos de exercício físico diário, como caminhadas, natação, ciclismo, corridas e outras formas de ginástica.

Importante é a orientação médica para que qualquer pessoa possa e deva praticar exercício físico.

Nota final: “Quem não tem tempo para o exercício físico irá encontrá-lo para as doenças”.

Uma surpresa, para terminar: o Dr. Marco Passinhas orientou uma agradável sessão de exercícios físicos, executados ali mesmo entre as cadeiras do auditório, mostrando que qualquer pessoa os pode executar até na própria casa.

O Professor Jerónimo encerrou a sessão, cumprimentando o Grupo de Saúde por tão interessante Saúde numa tarde.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 10

Sessão de Homenagem a Romeu Correia e Maria Rosa Colaço

Prof. Carmo Manique

A sala Pablo Neruda encheu-se, na tarde do dia 24 de maio de 2014, para celebrar a obra destes dois escritores e os valores que intransigentemente defenderam: a Liberdade, a Justiça Social, a Luta contra os Preconceitos, a Fraternidade e a Solidariedade.

Numa organização conjunta da Apcalmada-USALMA e da Câmara Municipal de Almada, esta Homenagem integrou, para além da sessão comemorativa, em que nos honrou com a sua presença o Sr. vice-presidente da CMA, José Gonçalves, uma Exposição Bibliográfica, com cartazes e ilustrações de passagens de obras dos escritores, realizadas por alunos da turma de Técnicas de Desenho e Pintura da USALMA e alunos juniores do Agrupamento de Escolas Emídio Navarro e Escola Secundária Cacilhas-Tejo.

Alunos das turmas de Escritores Almadenses, Teatro, Encontro com a Poesia, Encontro com o Tejo, Alfabetização de Adultos e Informática, e alunos juniores da escola D. António da Costa colaboraram nesta homenagem, com representações e leituras coletivas de excertos de obras dos dois escritores, acompanhadas da projeção de imagens alusivas, da autoria de artistas plásticos locais.

Ponto alto desta Homenagem foram os testemunhos dos filhos e do amigo comum de ambos os escritores, Dr. Alexandre Castanheira. Presentes na sessão, eles deram-nos a conhecer aspetos da maneira de ser e estar na vida de Romeu Correia e Maria Rosa Colaço.

286

A professora Helena Peixinho fez uma comovente leitura dramatizada de um excerto de uma obra de Maria Rosa Colaço, e Almerinda Gaspar e Francisco Naia, respetivamente aluna e professor da USALMA, enriqueceram esta sessão com belas interpretações de composições alusivas à nossa terra e aos valores de Abril, acompanhados à viola por Ricardo Fonseca.

Parabéns à professora Edite Condeixa, principal dinamizadora desta Celebração de dois Escritores de Abril, e a todos os professores e alunos intervenientes, sem esquecer um sincero agradecimento à Câmara Municipal e, em especial, à Direção do Fórum Romeu Correia por toda a colaboração e apoio prestado!

Correio da Usalma, n.º 35, p. 16

Envelhecer com prazer

Prof. Maria Carreiras

Envelhecer com prazer – Cidadãos ativos na Europa, foi o título de um colóquio, realizado pela formadora Dra. Mafalda Vigia, creditada pela UE.

O colóquio formativo teve lugar no dia 28 de maio, no auditório da Escola Secundária Emídio Navarro, tendo participado um grupo muito interessado de seniores. O colóquio muito elucidativo sobre os direitos dos seniores na UE, suscitou animado debate e oportunos esclarecimentos da formadora, exortando os presentes à participação cívica e defesa dos seus direitos nas instâncias políticas da Europa.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 18

Como construir a sua árvore genealógica

Prof. Edite Prada

No dia 22 de outubro de 2014, pelas 15h00, um grupo de seniores, visivelmente interessado, teve a possibilidade de assistir a uma excelente palestra acerca da forma de construir uma árvore genealógica, a cargo da Dra. Celina Busto Fernandes.

Definindo genealogia como a história das relações familiares entre indivíduos, salientou que a forma mais comum de organizar os dados obtidos é a árvore genealógica.

Estabeleceu, igualmente, a diferença de procedimentos entre registos mais recentes (desde 1911) e outros mais antigos. Os mais recentes podem ser procurados na Conservatória do Registo Civil do concelho respetivo e os mais antigos (entre a segunda metade do século XVI e 1911) deverão ser procurados nos Arquivos Distritais ou no Arquivo Nacional Torre do Tombo.

A partir de uma situação concreta, a oradora foi ilustrando de que forma se pode chegar à informação desejada, realçando a eventual morosidade do processo que implica, muitas vezes, a consulta de um grande número de registos para se chegar ao registo relevante.

À medida que ia ilustrando o que dizia, ia veiculando informação de grande interesse para quem se proponha investigar nesta área.

Sempre de forma dinâmica, o que facilitou a compreensão do processo por parte de quem assistia, a oradora apresentou alguns endereços eletrónicos de interesse, entre os quais se situa a possibilidade de consultar *online* a obra do Padre Luís Cardoso, *Memórias Paroquiais* que transcreve os assentos de batismo efetuados até 1911.

A sessão contou com uma oradora que convenceu pela seriedade do trabalho apresentado e com um público entusiasta e interessado. Assumindo que quem não sabe de onde vem não sabe para onde vai, verificamos que há muito quem queira saber de onde vem, o que nos permite acreditar que haverá muito mais quem saiba para onde vai. Temos futuro garantido!

Correio da Usalma, n.º 36, p. 6

A Comunicação como vital desenvolvimento humano e das sociedades

Eram 16h00 da tarde do dia 10 de novembro de 2014. Uma vez mais, o auditório da Escola Secundária Cacilhas-Tejo preparou-se para receber um ilustre orador. Desta vez foi Augusto Deodato Guerreiro, Doutorado em Ciências da Comunicação, com especialização em Comunicação e Cultura, pela Universidade Nova de Lisboa, que fez uma preleção em que salientou a importância das mais diversas formas de comunicação, criadas e usadas pelo homem desde o fundo dos tempos até às atuais sociedades em rede, para o enriquecimento da Humanidade.

O grande conhecimento e sensibilidade do orador permitiram uma viagem pelo desenvolvimento sociocultural e humano do relacionamento pessoal e social, na oralidade e na escrita, no desempenho de competências sociais e comunicacionais na evolução literárias a todos os níveis.

O Doutor Deodato Guerreiro colocou todo o seu vasto saber à disposição dos estudantes da USALMA, quer neste colóquio, quer através de aulas que se propõe dinamizar sobre esta temática. Bem-vindo ao grupo e obrigado pela sua capacidade de entrega e pelo evidente entusiasmo com que trata de forma simples e viva temas sérios e profundos.

Correio da Usalma, n.º 36, p. 7

Palestra sobre *Storytelling*

Alunos Luísa Elvas e Hélder Assunção

Nove de dezembro de 2014. No auditório da Escola Secundária Cacilhas-Tejo, a Dra. Inês Rodrigues, simpática, sorridente e de fácil comunicação, deu início a uma palestra intitulada Histórias Digitais – A Ligar Gerações e Preservar Memórias.

O objetivo do colóquio era dar a conhecer um projeto criado para fazer programas destinados à aprendizagem dos jovens, com a finalidade de poderem entrar no mercado de trabalho, sensibilizando-os para as novas profissões e pondo-os em contacto com as empresas.

A oradora começou a apresentação com o apoio de um trabalho em Powerpoint e realçou a importância da metodologia Storytelling na produção de histórias reais, comuns, de que todos podemos ser protagonistas e que podemos partilhar e, para isso, devemos apoiar-nos em processos digitais e seguir algumas regras básicas, tais como trabalhar a narrativa, eliminar o ruído (cortar o que é supérfluo) e limitar o tempo a três ou quatro minutos.

Num mundo em que os hábitos e os costumes de cada região se dissipam e as identidades se perdem a favor da globalização, a partilha e o registo de vivências é fundamental.

Os registos ficam e talvez, no futuro, um “garimpeiro” de arquivos desenterre

algumas histórias que relembrem como viviam, agiam e pensavam os seus avós.

Pelo método Digital Storytelling, vão-se buscar conhecimentos que virão a ser úteis, porque quando são contadas histórias descobrem-se valores tradicionais, que passam de geração em geração. As pessoas produzem conteúdos, mas é preciso serem eficazes, é preciso construir uma mensagem.

Diferentemente dos erros que antigamente os professores corrigiam aos alunos, agora há novas tecnologias, com novos procedimentos. Na internet experimenta-se, falha-se, repete-se. É uma nova lógica. É uma nova forma de aprender.

Tendo por base esta ideia, foi criado na Universidade de Brighton o projeto europeu Silver Stories, tendo Portugal sido um dos países participantes. Aprende-se com pessoas de gerações antigas, que contam histórias, vão-se buscar valores. Aproveita-se o trabalho em pares, para uma experiência mais rica. Nomeadamente pessoas mais velhas com profissionais de lares de terceira idade ou psicólogos; seniores com jovens; uma senhora reformada que foi enfermeira e, em fase de perda de memória, resgatou momentos que gostaria de registar, transmitindo toda uma sabedoria de vida e uma grande experiência – que partilha com os novos enfermeiros a quem tem a possibilidade de dar ensinamentos e transmitir valores humanos. Aqueles com as suas memórias, estes com a tecnologia, num ambiente de comunicação eficaz, produzem conteúdos estratégicos, com objetivos, que podem levar a melhorar uma profissão.

Com base nessas histórias, o formador faz filmes, tem um guião para evitar ruídos, ou seja, para omitir o que não interessa, e aproveita o que é válido.

Viajar com... Ferreira de Castro

Prof. Edite Prada

No dia 22 de janeiro de 2015, teve lugar a conferência *Viajar com... Ferreira de Castro*, no auditório da Escola Secundária Cacilhas-Tejo. Foi organizada pela professora Glória de Brito no âmbito do projeto Viagens pela Literatura. Animaram a sessão dois excelentes oradores: Ricardo António Alves e Miguel Real. O primeiro é historiador, investigador e diretor do Museu Ferreira de Castro. Grande estudioso da sua obra, tem contribuído para a divulgação dos escritos daquele que, a par de Aquilino Ribeiro, é prezado como figura referencial do romance português e da «Geração de 40». O seu trabalho evidencia, entre outros interesses, um grande empenho do investigador em desmontar ideias-feitas sobre a vida e obra do escritor Ferreira de Castro e em estimular o debate de ideias.

O segundo é investigador do CLEPUL, Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas da Faculdade de Letras de Lisboa, professor do ensino secundário, tendo sido galardoado com os Prémios de Revelação e de Ensaio e de Ficção da Associação Portuguesa de Escritores, o Prémio “Ler” do Círculo de Leitores, o Prémio Fernando Namora, o Grande Prémio de Te-

atro da Sociedade Portuguesa de Autores e o Prémio Melhor Obra Literária de 2012 da Sociedade Portuguesa de Autores.

Ambos demonstraram grande conhecimento da obra de Ferreira de Castro, manifesto pelo entusiasmo como apresentaram os itens que foram focando.

Consideraram que o percurso de Ferreira de Castro foi invulgar, sendo um dos grandes romancistas portugueses do século XX, o mais traduzido do seu tempo, proposto por duas vezes para o Prémio Nobel de Literatura, entre outras distinções que a sua obra recebeu.

Foi um autodidata, tendo emigrado, ainda criança, sozinho, para o Brasil, e tendo passado parte da sua adolescência na Amazônia.

Os Emigrantes, tema central da conferência, refletem essa caminhada vivencial.

Cruzamento de naturalismo e realismo, *Os Emigrantes*, de Ferreira de Castro, desenham um universo rural em desconstrução que, tanto por carência expulsa os seus filhos quanto, no regresso destes, não os integra de novo na comunidade.

É, afinal, a história típica de um emigrante na primeira metade do século XX.

Palestra de Isaac Lourido (Centro de Estudos Galegos, FCSH-UNL)

Prof. Carlos Rocha

A USALMA, em colaboração com a Biblioteca Escolar da Escola Secundária Cacilhas-Tejo, teve o prazer de acolher no dia 9 de fevereiro, na referida biblioteca, o Doutor Isaac Lourido, leitor do Centro de Estudos Galegos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), o qual proferiu uma palestra intitulada “Entre as primaveras e a escuridão: uma breve introdução à história da literatura galega”.

Considerando que a literatura galega não tem tido uma história fácil e não pode, por isso, ser encarada pelos mesmos moldes que outras, Isaac Lourido definiu três vertentes para o seu enquadramento: trata-se de uma literatura (supostamente) “menor”, em comparação com as chamadas “grandes literaturas” (francesa, espanhola, portuguesa); a literatura galega é constituída apenas por textos escritos em galego, excluindo, portanto, as obras em castelhano; os seus autores têm-se vinculado à reivindicação e construção da identidade galega.

O orador apresentou depois uma proposta de periodização da literatura em galego, do período medieval à atualidade, para focar quatro autores: o jogral Martim Codax (meados do século XIII), criador de um conjunto de cantigas que chegou até nós acompanhado de notação musical (pergaminho de Vindel); Rosalia de Castro (1837-1985), figura tutelar do “Rexurdimento” literário galego e símbolo da própria identidade da Galiza; Castelao (1886-

1950), notabilizado não só pela sua ação política mas também pela sua veia humorista plasmada nos “cartoons” e estampas que produziu nos anos 20 e 30 do século passado; e Pilar Pallarés, como voz que reafirma hoje o papel das mulheres como protagonistas do processo de criação poética e literária em língua galega. A sessão rematou com um período de discussão, em que o público participou com vivacidade e visível interesse.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 6

Viagem à volta da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto

Prof. Edite Condeixa

No dia 7 de março de 2015, pelas 15 horas, teve lugar, na Sala Pablo Neruda, uma sessão sobre a celebração dos “400 Anos da Publicação da *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*”, que está inserida nas comemorações dos 8 Séculos de *Língua Portuguesa* (2014/2015).

A Câmara Municipal de Almada, numa parceria com o Centro de Formação Almadaforma, participa nestas efemérides. Todas as instituições acabadas de referir estiveram presentes (Vereador António Matos e Dras. Paula Sousa, Maria José Sampaio e Adelaide Paredes) e apoiaram desde a primeira hora a realização deste evento, organizado por professoras do departamento de Línguas e Literaturas da USALMA e pela diretora (e equipa) da Biblioteca Municipal, do Fórum Romeu Correia.

O vereador António Matos referiu a importância de Almada nesta celebração (pois a “*Peregrinação*” foi escrita por F. M. Pinto no Pragal) e destacou excelentemente o percurso humano e histórico de F. M. Pinto por terras almadenses. F. M. Pinto, além de juiz, foi mamposteiro dos hospitais ou albergarias de S. Lázaro de Cacilhas (sita na zona onde hoje se encontra a Igreja de Cacilhas) e de Santa Maria de Almada (na zona onde hoje se encontra a igreja e o lar da Misericórdia). Ambas as instituições dependiam da Misericórdia de Almada (que celebra este ano 460 anos da sua fundação, em maio de 1555).

Seguidamente, foi apresentado em *power point* (e oferecido aos presentes em suporte papel) um roteiro da “*Peregrinação*” por diferentes manifestações artísticas em Almada velha, Almada centro e Pragal (obras entre outros de Louro Artur, Francisco Bronze e Rogério Ribeiro) e mostraram-se documentos da Misericórdia de Almada com as assinaturas de F. M. Pinto (as únicas que se conhecem e que são património almadense).

A “viagem” pela obra celebrada continuou pela poesia, pela literatura e pela música, com a colaboração (entre outros) do *Trio Minda*, da turma de *Encontro com a Poesia* e da *Tuna*, que encerrou com muita alegria esta animada sessão.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 6

O mirandês, a segunda língua oficial de Portugal

Prof. Carlos Rocha

O processo de normalização do mirandês foi o título da conferência proferida em 20 de abril, na Escola Secundária de Cacilhas-Tejo (ESCT), pelo linguista José Pedro Ferreira, investigador no Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada-Instituto de Linguística Teórica e Computacional (CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra), a convite da USALMA, em colaboração com a Biblioteca Escolar da ESCT e com o apoio da Associação 8 Séculos de Língua Portuguesa.

No começo da sessão, entrevistaram alguns dos presentes para evocar a personalidade e a obra de Amadeu Ferreira (1950-2015), pai do conferencista e grande impulsionador da normalização do mirandês. A Professora Alexandra Pedro pôde recordar uma palestra realizada em 2010, na ESCT, em que Amadeu Ferreira soube cativar os alunos do ensino regular com histórias, costumes e palavras da Terra de Miranda. José Pedro Ferreira interveio logo depois para fazer uma breve contextualização histórico-geográfica do mirandês, apresentando-o como língua implantada no extremo oriental do distrito de Bragança e pertencente ao sistema dialetal asturo-leonês. Teceu em seguida considerações sobre o mirandês na atualidade, facultando dados sociolinguísticos relativos à situação de diglossia da população mirandesa (existe bilinguismo, mas o mirandês e o português ocupam âmbitos diferentes, limitando-se o primeiro à vida em família e no campo), à evolução demográfica (progressiva perda de falantes) e à presença da língua no currículo das escolas locais. O conferencista definiu ainda as etapas do processo de normalização do mirandês – de língua ágrafa (sem tradição escrita), antes de finais século XIX, até aos estudos pioneiros do grande filólogo que foi J. Leite de Vasconcelos (1858-1941), os quais marcaram o arranque de um processo que culminou na atribuição, em 1999, do estatuto de língua oficial em Portugal. O alargamento da esfera de usos (por exemplo, na Internet) e o aparecimento de uma literatura cada vez mais diversificada são aspetos a salientar nas tendências de evolução recente deste idioma. Os tópicos abordados foram, na verdade, uma oportunidade única para refletir sobre as várias dimensões que definem uma língua enquanto fator de construção identitária, não deixando de ter incidência nas próprias representações do passado e do futuro da língua portuguesa. José Pedro Ferreira conseguiu, assim, despertar o interesse de toda a assistência, como patenteou a pertinência das várias questões levantadas na discussão final.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 6

A Saúde numa Tarde

Prof. Jerónimo de Matos

O grupo de Saúde da USALMA, integrado pelos médicos Maria do Carmo Nascimento, Manuela Figueiredo e Hugo Pinto Gonçalves, organizou e levou a cabo no dia 8 de maio de 2015, no Externato Frei Luís de Sousa, mais uma jornada dedicada à saúde, que se revestiu de grande qualidade, tendo tido a participação de numerosa assistência de professores e alunos da USALMA e associados da Apcalmada.

A qualidade dos conferencistas e o interesse dos temas suscitou grande receptividade da assistência, expressa na atenção e na vivacidade das perguntas dirigidas aos oradores.

O primeiro tema, *Se a memória não me falha...*, ocupou-se dos diferentes tipos de memória e das causas das suas falhas, tendo sido explanado da forma excelente pela Dra. Cláudia Guarda, neurologista, com reconhecida atividade no tratamento de doenças do foro neurológico, na docência, investigação, publicação e estudos clínicos da sua especialidade.

O segundo tema, *Saber Viver ao entardecer*, constituiu um vivo exemplo de comunicação sobre como envelhecer com qualidade, desenvolvido com humor, contra preconceitos redutores na defesa de hábitos de vida saudáveis e assentes no princípio de que “A idade não limita a liberdade de fazer o que se deseja”.

O orador, o reputado especialista de medicina interna em cardiologia, prof. Doutor João Gorjão de Clara, professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, excelente comunicador e senhor de vasto currículo de docência, investigação e publicações de natureza médica e de pedagogia de vida saudável e feliz. Parabéns ao grupo de saúde pela excelente qualidade de mais esta “saúde numa tarde”.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 10

A Língua em viagem

Prof. Edite Prada

No dia 23 de maio de 2015, decorreu mais uma tertúlia dedicada à Língua Portuguesa e a Fernão Mendes Pinto, desta vez no Solar dos Zagalos.

Estas sessões que se vêm realizando durante todo o ano letivo inserem-se nas comemorações dos 8 séculos da Língua Portuguesa, bem como nos 400 anos da publicação da *Peregrinação*.

Durante esta sessão a Apcalmada-USALMA esteve, uma vez mais, presente, desta feita com uma intervenção multifacetada. A abrir estiveram presentes as novas tecnologias, através de um vídeo sobre Fernão Mendes Pinto, produzido por Rui França, sob orientação da professora Domitila; a fechar, esteve presente a poesia com a presença dos alunos do grupo *Encontro com*

a poesia, magistralmente preparado pelas professoras Helena Peixinho e Ângela Mota, que prepararam a apresentação e escolheram as poesias lidas. A comunicação propriamente dita esteve a cargo dos professores Carlos Rocha e Edite Prada, ambos Associados da Apcalmada e professores da USALMA, e centrou-se em quatro momentos:

a) **Origens da língua galaico portuguesa;**

b) **Português antigo/galego-português:** análise de excertos do primeiro documento conhecido escrito em Português em Almada: *Stormento de devisões dos termos entre Almada e Sezimbra, no tempo de D. Dinis (1297)*;

c) **Português médio:** uma norma a Sul: análise de excertos ilustrativos da *Peregrinação*, tentando demonstrar a separação ortográfica entre a Galiza, mãe da língua, e o português de Portugal;

d) **Português moderno:** análise de excertos dos séculos XVIII e XIX, demonstrando a evolução da fonética e da ortografia e fazendo uma breve referência a algumas tentativas de reforma ortográfica no séc. XIX.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 10

Literatura de Viagens: ciclo de conferências

Prof. Edite Prada

Ciclo de Conferências *A Língua em viagem - Celebrar 8 Séculos de Lisboa de Língua Portuguesa e 400 anos de Fernão Mendes Pinto*

Tendo como tema estruturante a viagem, muitas têm sido as iniciativas desenvolvidas no contexto do Ciclo de Conferências *A Língua em Viagem*, com o objetivo de assinalar os 400 anos da publicação da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, em associação com as Comemorações dos 8 Séculos da Língua Portuguesa.

Ligadas desde o início a este projeto estão várias entidades parceiras, a Câmara Municipal de Almada, a 8 Séculos de Língua Portuguesa-Associação, o Centro de Formação de Escolas do Concelho de Almada-AlmadaForma, a Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, a Associação de Professores do Concelho de Almada (Apcalmada) e a Sphaera Mundi.

294 Neste contexto, para além de outras iniciativas, a Biblioteca Municipal e a Associação de Professores do Concelho de Almada (Apcalmada) promovem um ciclo de quatro conferências sobre Literatura de Viagem, dando a conhecer obras de interesse. O ciclo foi organizado pela Doutora Glória Brito, professora da USALMA e Associada da Apcalmada e pela professora Edite Prada, Coordenadora da área de Língua e Literatura Portuguesas da USALMA.

Em todas as sessões houve um momento musical a cargo das turmas de música da USALMA, que, desta forma, divulgam na comunidade a atividade que desenvolvem.

Todas as conferências tiveram lugar à quarta-feira, entre as 18h00 e as

20h00, na sala Pablo Neruda.

I - Literatura de Viagens: noções e conceitos gerais

Prof. *Glória de Brito*

A primeira sessão deste ciclo, que se iniciou com um momento institucional a que se seguiu um momento musical a cargo do Grupo Clave de Sol da USALMA (grupo de guitarras), decorreu no dia 29 de abril e teve como orador o Doutor Alberto de Carvalho, que abordou as noções e conceitos gerais inerentes à Literatura de Viagens, focando os seguintes tópicos:

- conceitos comuns: nomadismo, migração, expedição, errância, evasão, deambulação, passeio, deslocação, viagem;
- viagem e deslocação: quando a itinerância se torna matéria narrativa;
- narrativas de itinerários e narrativas de rotas;
- narrativa de viagens e literatura de viagens;
- literatura de viagens e viagem na literatura;
- tipologia de viagens e géneros textuais.

No desenvolvimento dos tópicos, o orador salientou o sentido semântico de *viagem*, a importância dos objetivos no espaço a percorrer e do conhecimento a adquirir, bem como a influência da mentalidade da época na orientação do olhar do sujeito que regista a realidade observada. A Literatura de Viagens propriamente dita tem início por volta do Renascimento e vai até ao século XIX, embora obras anteriores, como, por exemplo, a *Eneida*, e os textos sobre as peregrinações religiosas descrevam viagens em que a importância de percorrer o espaço assenta sobretudo na procura da crença e nas provas realizadas.

Os Descobrimentos Portugueses dão origem a uma variedade de textos e de géneros de Literatura de Viagens que marcam a passagem do conhecimento gnóstico medieval para o conhecimento científico, pois baseiam-se na fenomenologia experiencial, na busca do conhecimento do outro (povos e terras) e do saber náutico. Em muitos dos textos de viagens dos Descobrimentos encontramos já um rigor científico definido por uma razão lógica, mas ainda vários equívocos induzidos pela ordem da crença e pela experiência do sujeito que viaja, como acontece, por exemplo, no *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira ou no *Roteiro* atribuído a Álvaro Velho, entre outros.

A partir dos séculos XVIII e XIX, o conhecimento experiencial vai dando lugar ao conhecimento experimental. Por exemplo, as viagens de exploração científico-geográficas, como as de Capelo e Ivens, baseiam-se num paradigma de investigação em que o apetrechamento científico para obter conhecimento geográfico ou da cultura dos povos é indispensável.

A mesma obra de Literatura de Viagens pode ser abordada do ponto de vista histórico ou literário. No primeiro caso dá-se mais relevo aos factos, ou seja ao referente, e no segundo ao discurso, à enunciação.

A função da viagem num texto literário é variada. A viagem pode ser usa-

da como contexto, como acontece na *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, ou como pretexto, como é o caso do *Candide*, de Voltaire. Mas a viagem pode ser o próprio texto, de que **são exemplos o Roteiro**, atribuído a Álvaro Velho, ou *Os Lusíadas*, de Camões.

II – O Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia e a rota épica d’*Os Lusíadas*

Prof. Edite Prada

A segunda sessão versou sobre o *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama* à Índia, atribuído a Álvaro Velho, documento integrado na Memória do Mundo da Unesco. Foi dinamizada pela Doutora Glória de Brito, professora de Literatura Portuguesa da USALMA e membro do CLEPUL, e pelo professor Jerónimo da Matos, cofundador e diretor da USALMA, onde leciona História da Arte.

Depois de um breve momento institucional, tivemos oportunidade de ouvir a atuação do Ensemble de Guitarras, a que se seguiu a conferência durante a qual um grupo de participantes leu excertos, quer do roteiro, quer d’*Os Lusíadas*, o que permitiu a todos ter uma perceção clara não só do rigor e excelente construção textual do Roteiro, como também da criatividade literária de Camões.

Ao longo da comunicação os oradores foram alertando para diversos aspetos, desde uma breve referência aos mitos e utopias que povoavam o imaginário anterior às viagens de descobrimento, ilustrada com imagens de mapas e seres fantásticos.

Focaram os antecedentes da viagem de Vasco da Gama: Pêro da Covilhã e Padre Francisco Álvares, que escreveu *A Verdadeira Informação das Terras de Preste João*; o Tratado de Tordesilhas, património da Unesco (1494); Bartolomeu Dias e a Descoberta do Cabo da Boa Esperança.

Feita uma breve referência ao percurso da viagem e à constituição da frota, foi referida a problemática da atribuição do Roteiro a Álvaro Velho e analisados alguns excertos que refletem a presença do narrador no texto.

Foi ainda focada a especificidade do texto na categoria dos géneros da Literatura de Viagens e salientada a importância do Roteiro enquanto texto inaugural, revelador de um mundo desconhecido e fonte de sucessivos autores (João de Barros, Camões, Gaspar Correia e outros).

Aos excertos do *Roteiro* foram sendo associados excertos d’*Os Lusíadas*, o que facultou a todos os presentes uma outra forma de abordagem do estudo da epopeia.

III – A Carta de Pêro Vaz de Caminha e Reflexos na Pintura Portuguesa do Renascimento

Seguindo a estrutura das anteriores e depois do momento musical a cargo do grupo de cavaquinhos do prof. Vítor Silva, a sessão sobre *A carta do Achatamento do Brasil de Pero Vaz*, de Pêro Vaz de Caminha, foi dinamizada pela Doutora Glória de Brito, professora de Literatura Portuguesa da USALMA e

membro do CLEPUL e por Jerónimo de Matos, Diretor da USALMA e professor de História da Arte. Durante a sessão analisou-se a Carta de Pêro Vaz de Caminha no contexto da Literatura de Viagens, bem como os reflexos na pintura e na iconografia do Renascimento.

Relativamente à Carta, foi abordada a problemática do seu desaparecimento e redescoberta, associando-a ao seu autor; abordou-se ainda a própria viagem de Pedro Álvares Cabral e o achamento do Brasil, bem como os reflexos dessa viagem.

Numa abordagem ao texto, que foi acompanhada pela leitura de excertos, foram ilustrados momentos significativos, como as primeiras representações da nova terra e do Índio; a visão edénica da terra e do índio, a descrição da morfologia física do Índio, a visão adâmica da nova terra achada e as práticas de evangelização e os pré-conceitos dos portugueses: do Índio em estado puro, facilmente convertível à fé cristã, à visão edénica, ao canibal cruel e feroz. O texto foi sendo ilustrado com pinturas relevantes para o tema. Esteve ainda em exposição durante a sessão um quadro ilustrativo do tema, da autoria de Carlos Gargaté, cuja disponibilização a USALMA agradece.

IV - Colóquios dos Simples, de Garcia de Orta

Encerrou este ciclo de conferências a sessão sobre os *Colóquios dos Simples*, de Garcia de Orta, dinamizada pela Doutora Teresa Nobre de Carvalho, investigadora do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

A sessão iniciou com um momento musical a cargo da Tuna da USALMA e encerrou com a leitura dramatizada de breves excertos dos *Colóquios*, efetuada pelas professoras Helena Peixinho e Ângela Mota.

A oradora contextualizou o aparecimento da obra, referindo-se um pouco à vida de Garcia de Orta (c. 1500-1568), que foi um dos mais destacados médicos portugueses do seu tempo.

Formado em Medicina nas universidades de Salamanca e Alcalá de Henares, partiu para Oriente em 1534 como médico pessoal do capitão-Mor da Armada, Martim Afonso de Sousa.

Quando, em 1538, este fidalgo regressou ao Reino, Garcia de Orta fixou-se em Goa onde residiu até ao final da vida. Na sua casa goesa, para além das plantas, especiarias e pedras preciosas, reuniu notícias sobre a natureza do Oriente que lhe foram trazidas pelos seus empregados, colegas e informadores.

Ao fim de quase 30 anos de vivência asiática, o físico publicou *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia* (Goa, 1563). Nesta obra divulgou um novo saber relativo às drogas e especiarias do Oriente.

A informação veiculada por Orta teve ampla circulação ao longo do século XVI e atestou a sua invejável capacidade de diálogo com outras culturas, saberes e tradições.

Esta conferência destaca o carácter inovador do mecanismo de apropriação

do saber descrito por Garcia de Orta e atesta o contributo de gentes, dos mais diversos quadrantes sociais e culturais, na construção de *Colóquios dos Simples*.

Adaptação da síntese enviada pela oradora

Correio da Usalma, n.º 38, p. 7-9

USALMA na biblioteca de Cacilhas Tejo

Prof. Edite Prada

No dia 18 de novembro de 2015, entre as 19h30 e as 21h00 decorreu, na biblioteca da Escola Secundária Cacilhas Tejo, uma sessão sobre o acordo ortográfico, destinada a alunos dos cursos noturnos (Educação e Formação de Adultos - EFA) e do Centro para a Qualificação e o Ensino Profissional - CQEP, dinamizada pela autora destas linhas.

Com o espaço disponível esgotado, os alunos mantiveram-se interessados durante toda a sessão, tendo alguns ficado para esclarecer dúvidas pontuais.

A sessão decorreu ao abrigo do protocolo de parceria entre a Associação de Professores e a Escola e constituiu-se como um momento gratificante de partilha que a todos deixou mais ricos.

Correio da Usalma, n.º 39, p. 10

B - Espetáculos e celebrações

Aberturas solenes do ano letivo

Ano Letivo 2013/2014

Prof. Jerónimo de Matos

Pelo 10.º ano consecutivo teve lugar, a 25 de outubro, a Sessão Solene de Abertura da USALMA, associando-se, em 2013, os 450 anos da chegada de Fernão Mendes Pinto a Almada em 1563, depois da aventura heroica e pícara vivida ao longo de 20 anos no oriente, matéria de que se serviu para erguer esse monumento da literatura portuguesa que é a Peregrinação.

298

O excelente auditório do Externato Frei Luís de Sousa, espaço escolhido para o evento, beneficiando da generosa hospitalidade do seu Diretor, estava repleto de convidados, professores e estudantes, quando o coro polifónico da USALMA abriu a sessão com um concerto muito aplaudido, em que foi notória a evolução da sua polifonia.

Constituída a mesa da presidência, com a presença do representante da Câmara Municipal, o vereador do Desenvolvimento Social e Relações Públicas Eng. António Matos, a Presidente da Apcalmada/USALMA, o Diretor da USALMA, o representante dos professores, Doutor José Brandão, o representante dos alunos, Prof. Helder Joel e o orador, Dr. Alexandre Flores.

Das diferentes intervenções apresentamos na parte II, na íntegra pelo

seu interesse, as que tiveram suporte escrito e aqui, em síntese, as que não recorreram a este suporte.

Abriu a sessão a Presidente da Direção da Apcalmada-USALMA, Maria de Lourdes Albano. Interveio em seguida o representante dos estudantes, Hélder Joel, cuja comunicação se pode ler na página 34 e seg.

Seguiu-se a intervenção do professor José Manuel Brandão, em representação dos professores, com a comunicação Aprender e ensinar fazem parte da existência humana..., publicada na página 34 e seg.

O Vereador do Desenvolvimento Social e Relações Públicas António Matos, em representação do Presidente da Câmara Municipal, em brilhante improviso, saudou a USALMA pelo caminho percorrido nos nove anos de vida, pelo lugar que ocupa na dinâmica cultural e artística de Almada, cidade educadora e do conhecimento. Reafirmou a vontade do novo executivo municipal de prosseguir a colaboração com a direção da Apcalmada/USALMA, nomeadamente na parceria respeitante à nova sede, cuja requalificação prossegue e vai dar à USALMA nova capacidade para ampliar a sua atividade de cultura e solidariedade, dispondo de meios logísticos adequados ao ensino sénior.

Seguiu-se a intervenção do Diretor da USALMA, Jerónimo de Matos, que começou por homenagear a Presidente da Câmara cessante, Dra. Maria Emília Neto de Sousa, pela sua brilhante carreira autárquica de cerca de 34 anos, que deixou marcas profundas na transformação de Almada, pela qualidade de vida urbana, pelas acessibilidades e pelo investimento na educação, no ensino e na cultura, que conferem a Almada o justo título de cidade educadora e do conhecimento.

Referiu em seguida a influência e o apoio que a então Presidente deu à criação da Associação de Professores e ao seu projeto de maior intervenção social, cultural e solidária no Concelho de Almada, a USALMA.

Agradeceu a hospitalidade e apoio logístico das 15 escolas básicas e secundárias do concelho, que abrem diariamente as suas portas e as suas salas com os respetivos recursos pedagógicos aos professores e estudantes da USALMA.

Juntou a este agradecimento o reconhecimento pela colaboração dos professores da USALMA, os principais responsáveis pelo sucesso e a qualidade do seu ensino, sendo de destacar o facto de ser exercido em regime de voluntariado.

Saudou e agradeceu a presença dos convidados, com uma referência especial ao Dr. José António Costa, Diretor do Frei Luís de Sousa, pela generosa hospitalidade com que acolheu esta sessão solene.

Fez depois um breve balanço da situação escolar da USALMA neste início de ano letivo.

Estão inscritos 950 estudantes, distribuídos pelas 160 turmas em que se lecionam as 85 disciplinas da USALMA.

O trabalho docente é realizado por 110 professores, em regime de voluntariado.

A Universidade Sénior de Almada cobre praticamente todo o concelho, promovendo um ensino sénior de proximidade.

Destaca-se no ano letivo de 2013/2014, a criação de mais dois polos nas escolas básicas Elias Garcia, da Sobreda e Carlos Gargaté, na Charneca.

Apresentou em seguida o orador convidado, Dr. Alexandre Flores, Bibliotecário e Historiador, a quem Almada deve um notável serviço de investigação e prevenção do seu património histórico. O tema, a comemoração dos 450 anos da chegada de Fernão Mendes Pinto a Almada, não podia ter melhor conferencista, dado que Alexandre Flores vem investigando, descobrindo e publicando factos inéditos relativos ao grande viajante e seus escritos e à sua Peregrinação.

Tomou a palavra o orador convidado, Dr. Alexandre Flores, de cuja oração de sapiência damos nota breve em seguida.

A passagem dos 450 anos em que Fernão Mendes Pinto foi viver para a “outra banda” (1563-2013)

Para assinalar a abertura solene do novo ano letivo de 2013/2014 da Universidade Sénior de Almada, Alexandre M. Flores, bibliotecário e historiador, proferiu no auditório do Externato Frei Luís de Sousa, no passado dia 25 de Outubro, uma importante conferência sobre a vida e obra de Fernão Mendes Pinto na “Outra Banda”, tendo revelado factos inéditos, com destaque para a identificação dos nomes das filhas do Andarilho e da sua mulher.

O conferencista iniciou a palestra com a seguinte questão: «Porque é que a passagem dos 450 anos em que Fernão Mendes Pinto foi viver para Almada, concelho que o acolheu para constituir família, ocupar cargos e escrever a sua Peregrinação, tem alguma expressão?». Segundo A. Flores, a razão consiste no seguinte: foram muito poucos os homens que saíram do reino e tivessem escrito as memórias das suas vidas. FMP fê-lo nesta região. À sua autobiografia chamou a Peregrinação. FMP, com cerca de vinte e sete anos, partira para a Índia em 11 de Março de 1537, numa armada de cinco naus comandada por D. Pedro da Silva da Gama. Aconteceu que, vencedor e vencido de temerosas e inumeráveis aventuras, depois de ter percorrido, ao longo de vinte e um anos, distantes terras, conhecido outras culturas e outros povos, o andarilho das sete partidas regressou a Lisboa, a 22 de Setembro de 1558. Tinha cerca de quarenta e oito anos de idade. Poucos anos depois vai viver para a “Outra Banda”. Por terras de Almada, Pragal, Cacilhas, Palença, Montalvão, Caparica, Vale de Rosal e outros locais, o andarilho consagra-nos um tempo e um espaço da sua vida (1563-1583).

Perante o forte entusiasmo dos alunos e professores da USALMA, ouviam-se ali, em silêncio, os passos da vida fantástica do andarilho. Desde a constituição da sua família, até à sua integração nas gentes da terra, na

convivência com alguns companheiros do além-mar, na participação da governança municipal, na ocupação de cargos, como juiz, mamosteiro e irmão da Misericórdia local. E, ainda, dando entrevistas sobre o Oriente e escrevendo a sua Peregrinação, obra maior da literatura portuguesa, dedicando-a às suas filhas de Maria Correia de Brito.

O resultado final desta conferência não espantou, tendo em conta quem é o autor, profundo conhecedor da história regional e local da “Outra Banda”.

Depois da sessão, foi servido um moscatel de honra, que foi pretexto para animado convívio.

Correio da Usalma, n.º 33, p. 6-8

Ano Letivo 2014/2015

Prof. Edite Prada

Decorreu no dia 24 de outubro de 2014, no auditório do externato Frei Luís de Sousa, a sessão solene de abertura do décimo ano de atividade USALMA.

A sessão abriu com uma atividade nova, que consistiu na projeção de um conjunto de imagens ilustrativas das diversas atividades que a USALMA desenvolveu ao longo do ano letivo anterior.

Seguiu-se a habitual atuação do coro polifónico, com a qualidade a que já nos habituou. Depois de algumas palavras institucionais, pela voz da vice-presidente da Associação de Professores de Almada, prof.^a Teodolinda Silveira, e do Diretor da USALMA, prof. Jerónimo de Matos, foi prestada uma breve, mas sentida, homenagem ao professor Feliciano Oleiro, com a leitura de um texto dele, efetuada pela prof.^a Helena Peixinho. Esse texto fez reviver nos que mais de perto lidaram com ele nos últimos tempos, a sua visão da educação, bem como a sua preocupação com os rumos recentes dessa mesma educação.

Tomou a palavra de seguida o representante dos alunos conselheiro Valter Deusdado, (vide p. 143-146).

O representante dos professores foi o professor Mário Amaral (vide p. 143-146).

O Vereador António Matos, presença constante nas diversas cerimónias de abertura que ao longo destes dez anos fomos promovendo, representou neste evento o Sr. Presidente da Câmara, Dr. Joaquim Judas. Esteve também em nome pessoal, dando testemunho da evolução da USALMA e do orgulho que o município de Almada, enquanto Cidade Educadora, sente no trabalho e no desenvolvimento desta instituição que se organiza em torno de boas vontades e de solidariedade. A oração de sapiência foi proferida pela Doutora Luciana Couto, também ela professora da USALMA.

Correio da Usalma, n.º 36, p. 3

Sessão solene de abertura do ano letivo 2015/2016

Prof. Edite Prada

Como sempre tem acontecido, a Universidade Sénior de Almada – USALMA realizou a sessão solene de abertura do ano letivo de 2015/2016 no dia 24 de outubro de 2015, no Auditório do Externato Frei Luís de Sousa.

Num tempo de alteração de paradigma na gestão e organização da USALMA, a sessão abriu com uma breve saudação do Diretor, Jerónimo de Matos, seguida, como já vem sendo hábito, da atuação do coro polifónico.

Seguiram-se as intervenções institucionais. O representante dos estudantes, membro do Conselho de Delegados, foi Rui Nunes, que refletiu sobre a importância da USALMA para a Comunidade e para si próprio. Recordou ainda, com saudade, a aluna Manuela Vital, membro do Conselho de Delegados e recentemente falecida.

Os professores foram representados pela professora Lurdes Cruz que centrou a sua intervenção na importância dos afetos no relacionamento entre todos os envolvidos neste projeto. A Presidente da Apcalmada realçou a importância das relações humanas na capacidade de sonhar e ser autêntico para que o mundo avance.

Encerrou as intervenções o Eng. António Matos, falando em nome do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Almada, Joaquim Judas, e em seu nome pessoal. Recordou o percurso da USALMA e da Apcalmada e felicitou todos os presentes por pertencerem e darem força a este projeto.

A oração de sapiência esteve a cargo do Doutor Jorge Rodrigues, que refletiu sobre a necessidade de complementar a formação dos economistas com uma vertente humanística centrada nos valores. A sua comunicação pode ser lida na p. 147-166

Seguiu-se um momento de poesia animado pela turma Encontro com a Poesia, da responsabilidade das professoras Helena Peixinho e Ângela Mota.

Num momento em que, formalmente, se encerraram as atividades comemorativas do décimo aniversário de vida da USALMA, foram homenageados os alunos e professores que desde a primeira hora têm estado ligados ao projeto, através da entrega de um diploma.

A Tuna encerrou a sessão, numa atuação digna de nota.

302 Houve ainda lugar para um animado convívio, no refeitório do externato, durante o qual foi servido um moscatel de honra.

Correio da Usalma, n.º 39, p. 2-3

Festivais de Música Sénior 1.º Festival de Música Sénior (2012)

Prof. Jerónimo de Matos

Coube à *Nova Atena* a tarefa de organizar, nos dias 16 e 17 de maio de 2012, o I Festival de música sénior do núcleo de Academias e Universidades Seniores (NAUS) de Lisboa e Vale do Tejo. Participaram nove universidades

e academias seniores (USALMA, USU-Massania, Unique-Queluz, ACSSL-Campo Grande, ACTIS-Sintra, UNISBEN-Benfica, UTIB-Barreiro, Nova ATENA-Linda-a-Velha e USO-Oeiras).

Abriu o festival o coro Polifónico da USALMA que, ao seu melhor nível, apresentou nove peças corais.

Este 1.º festival foi uma manifestação da vitalidade e da variedade de géneros musicais que animam as universidades seniores, constituindo ao mesmo tempo uma oportunidade de intercâmbio de experiência e de convívio cultural e afetivo. O auditório Municipal Ruy de Carvalho, de Carnaxide, que recebeu o certame registou, durante os 2 dias, numerosa assistência, que não regateou aplausos.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 22

2.º Festival de Música Sénior

Aluno José Monteiro

O Núcleo de Academias do Universo Sénior (NAUS) realizou o 2.º Festival de Música Sénior, no Auditório Ruy de Carvalho, em Carnaxide, nos dias 20, 21 e 22 de maio de 2014, com o intuito de “ dar continuidade aos diversos eventos culturais já realizados no sentido do fortalecimento da união, intercâmbio e convívio entre as entidades integrantes e universidades seniores portuguesas”, como explicita o Programa do evento.

Participaram grupos de várias localidades, tais como Barreiro, Benfica, Oeiras, Massamá, Linda-a-Velha, Ajuda, Carnaxide, Campo Grande, Queluz, Sintra. No terceiro dia coube a vez à USALMA, representada pelo *Coro Polifónico* e o *Ensemble de Guitarras*.

O *Coro*, dirigido pelo Maestro Victor Gaspar, interpretou *as peças Aleluia, Cantiga 100, Porque me não vês Joana, Venide a sospirar al verde prado, Gaudeamus igitur, Ó rama da oliveira, Acordai e Grândola, vila morena*. O *Ensemble*, sob a direção do Professor Francisco Sabrosa, apresentou *Rondó, Taconeado, Noche en los Andes, Nas voltinhas do Marão, Yellow bird e Gotinha de Água*.

Foram seguidos pela atuação do *Grupo Coral* e *Grupo de Cavaquinhos*, da UNIQUE de Queluz e do *Grupo de Cantares* da Nova Atena, de Linda-a-Velha.

Cada um, à sua maneira, contribuiu para uma tarde muito agradável de música e convívio.

De modo a preencher o tempo de preparação do palco para a atuação dos sucessivos grupos, o apresentador deu voltas à imaginação e desafiou voluntários a cantar o fado, tarefa arriscada por não se dispor de qualquer acompanhamento. Não esteve com hesitações o nosso colega e professor da USALMA, Joaquim Silva, cantando a *Samaritana*, no que foi acompanhado pela assistência, que lhe prestou a devida ovação.

A encerrar foi entregue a cada academia um troféu comemorativo do Festival.

O Professor Jerónimo de Matos, Presidente do NAUS, realçou a importância da fruição artística na contínua melhoria da qualidade de vida da população sénior e anunciou a realização de um Festival de Teatro Sénior, no início do próximo ano letivo, em Almada.

O Presidente da Nova Atena, Dr. Vítor Carvalho, organizador do evento, deu conta do entusiasmo, empenhamento e dedicação de todos os que tornaram possível o 2.º Festival de Música, a quem agradeceu.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 15

3.º Festival de Música NAUS

Prof. Jerónimo de Matos

Pelo 3.º ano consecutivo, a Direção do NAUS encarregou a dinâmica universidade sénior de Linda-a Velha, Nova Atena, de organizar o Festival de Música, uma das iniciativas de sucesso no plano anual de atividades do núcleo de universidades seniores da grande Lisboa-Naus.

Nos dias 13 e 14 de maio no palco do centro paroquial da Igreja de Queijas atuaram, com brilho e alegria os grupos musicais de 10 universidades seniores, aplaudidos com entusiasmo pelas assistências que das várias universidades foram ocorrendo ao longo dos dois dias, para apreciar e aplaudir, cumprindo-se assim no domínio das artes da música, como vem acontecendo com o teatro e a poesia, um intercâmbio de experiências que tem como objetivo, para além do convívio e da fruição artística, o progresso na qualidade do ensino-aprendizagem sénior.

A USALMA, presente desde o 1.º festival, apresentou-se no dia 13 com o seu Coro Polifónico, sob a direção do maestro Vitor Gaspar e a sua Tuna, orientada pelo maestro Antero Pacheco, sendo as várias peças musicais, apresentadas pelos dois grupos, muito apreciadas e aplaudidas. O mesmo aconteceu com os grupos das outras universidades/academias, não obstante as diferenças de género e de interpretação.

O presidente da Direção do NAUS, prof. Jerónimo de Matos, que abriu o festival com palavras de boas vindas e de incentivo a estas trocas virtuosas de experiências, congratulou-se, no encerramento, com a notória qualidade que os grupos veem manifestando. O Diretor da Nova Atena, prof. Vítor Carvalho agradeceu a hospitalidade do centro paroquial e a colaboração e presença das Universidades Seniores tendo procedido à distribuição dos respetivos diplomas.

O certame encerrou em alegre convívio com um porto de honra.

A USALMA nas mostras do ensino

Prof. Teodolinda Silveira

Desde o início da atividade, a USALMA tem estado representada na mostra do ensino superior (e, mais recentemente, secundário e profissional) que a Câmara Municipal de Almada leva a efeito anualmente, há cerca de uma década, com o objetivo de informar os estudantes do Concelho das oportunidades de continuar em Almada os seus cursos no ensino superior, médio e profissional.

O número de instituições participantes tem aumentado, embora se mantenha maioritariamente representado o ensino superior. Durante três dias, os participantes animam o coração da Cidade, a praça de S. João Batista, na ampla tenda desmontável que costuma albergar, em espaço próprio e individual, a mostra dos cursos educativos de cada instituição de ensino.

Habitualmente visitam a tenda, ao longo dos três dias, numerosos estudantes e famílias, interessados na ampla oferta de oportunidades para a continuação de estudos, assistindo também, nas tardes de animação, aos concertos, workshops e danças que se vão sucedendo.

As turmas de música e dança da USALMA têm destacada intervenção nos três dias, estando sempre presentes: A turma de Danças do Mundo; as turmas de Cavaquinhos; a Tuna faz-se representar, desde a sua criação. Outros, como o coro, as guitarras e o piano não se fazem representar por dificuldades logísticas.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 13

Grupo de teatro da USALMA nos encontros do NAUS

1.º encontro de Teatro NAUS

Prof. Ana Maré

No dia 23 de novembro de 2012, o grupo de Teatro da USALMA lá foi, rumo à Barraca, para apresentar o seu espetáculo *Almada, Menina e Moça, Mulher*.

A chegada a Santos foi digna de uma aguarela. Da camioneta iam saindo cestos e mais cestos. Era a sardinha prateada da Costa; eram nabos repolhudos, cenouras e tomates; (“ Ó Cesário, anda cá ver isto”) eram as verduras onde se acamavam os figos para “merendar”, a bilha “da água fresca”, o tacho da “fava rica”...

Só faltava “o ramalhete rubro das papoilas”. E estes cestos iam em braços, equilibrados com as trouxas das lavadeiras e com os sacos que continham a indumentária de cena.

Havia pressa. Era necessário ainda afinar os pormenores técnicos. Nervos, atenuados pelo profissionalismo e simpatia dos técnicos anfitriões, que fizeram questão de transportar e acondicionar os adereços que nos emprestaram e os outros necessários.

Chegou a vez da Usalma.

E houve pregões e venderam-se artigos “para a piscina e para a cama” e a “bela cabeça de nabo...” Ouviu-se o fado do Zé Cacilheiro.

E o Pancão foi revisitado. Porém, os jarros e as canecas para o vinho não faziam parte da cena, já que tinham ficado algures, fora do espaço adequado.

Ondas de calor, em quem estava fora. Em cena, domínio da situação. “Que hoje não havia rodadas porque o fornecedor tinha falhado a entrega...” E a cena continuou. Cantou-se o fado.

A Inocência foi inocentada. A Ecalma foi referenciada. A procissão passou e a marcha aconteceu.

E, no final do espetáculo, o público aplaudiu de pé.

E os parabéns surgiram, também pelo prazer que o elenco transmitia na sua representação e pelo modo como naturalmente foi resolvida a falta de alguns adereços, na cena do Pancão.

E, aqui têm, amigos leitores, mais um episódio vivido pelos alunos de teatro que, certamente, vai ser perpetuado no seu portefólio memorial.

Por fim, ao NAUS, pelo convite e, à Barraca, pelo modo profissional e amável como nos recebeu, os nossos agradecimentos.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 10

2.º Encontro de Teatro Sénior (NAUS)

Aluna Rosa Pires

No dia 21 de Novembro de 2013, o Grupo de Teatro, acompanhado pelas professoras Ana Maré e Helena Peixinho, rumou em direção ao Teatro da Barraca para participar no 2.º Encontro de Teatro Sénior do Núcleo de Academias do Universo Sénior - NAUS.

Participaram no evento oito Grupos de Teatro da zona da Grande Lisboa. A nossa peça, *Uma Família Misteriosa*, resultou de uma adaptação livre dos *Fígados de Tigre*, feita pela professora Ana Maré.

Depois de pormos todos os atavios, sob a supervisão das professoras, lá começou a representação da nossa comédia.

Divertimo-nos muito a tentar desvendar os mistérios amorosos daquela Família, onde o Ditador foi muito bem enganado. Não faltou também o triângulo amoroso da Columbina, Arlequim e Pierrot. A peça terminou ao som da *Marcha de Radetzky*, de J. Strauss.

Regressámos a Almada satisfeitas com a nossa prestação.

Seguem as palavras do professor Jerónimo de Matos, presidente do NAUS - Núcleo de Academias do Universo Sénior, na abertura deste festival, que decorreu nos dias 21 e 22 de novembro de 2013:

Em nome da Direção do NAUS cumpre-me a grata tarefa de dar as boas vindas na abertura do II Encontro de Teatro NAUS.

Cumprimento os nossos convidados, os dirigentes das universidades e

academias da Associação NAUS, os professores e estudantes das turmas de teatro que tanto se empenharam em proporcionar-nos bons momentos de arte e convívio.

Quero também manifestar em nome de todos os associados do NAUS a nossa gratidão aos dirigentes deste teatro e garantir-lhes o nosso apoio para a fase difícil que atravessam.

A Barraca é credora da nossa gratidão pela forma generosa e hospitaleira com que vem acolhendo e apoiando a nossa iniciativa.

Quero ainda congratular-me com as academias e universidades presentes pela atenção e investimento no teatro, na sua estrutura disciplinar, e dizer-lhes que estão no bom caminho, pois o teatro é uma disciplina de excelência não só como veículo e vivência de arte e cultura para os atores, mas também porque é um ato de comunicação, partilha e convívio para as comunidades, neste caso, as universidades seniores e interuniversidades .

Bem hajam todos por esta jornada de arte e convívio que vai ser o II Encontro de Teatro NAUS.

Vamos ao teatro, soem já as três pancadas e o génio inspirador de Molière.

Correio da Usalma, n.º 33, p. 19

3.º Encontro de Teatro Sénior (NAUS)

Prof. Helena Peixinho e Ângela Mota

"A inspiração no teatro manifesta-se na forma de energia. Não a devemos suprimir, mas utilizá-la antes que a percamos! Viola Spolin. Theater Games for Rehearsal (1985)

As Universidades Seniores são, efectivamente, protagonistas de mudança no paradigma estrutural das sociedades.

Contrariamente ao que acontecia há anos, "os mais velhos" têm ainda projetos de vida; projetos que incluem o aprender, o socializar mais, o conhecer-se melhor, o interagir com outras gerações, o participar ativamente nas comunidades em que vivem.

Indissociável desta mudança está a dinâmica das Universidades Seniores; atuando de modo independente dos órgãos do poder central, as Universidades conferem aos "mais velhos" uma dignidade assente em prerrogativas de cidadania que o Estado quer ignorar.

O recente Encontro do Núcleo de Academias e Universidades Seniores – NAUS –, no âmbito do Teatro, é prova do carácter vivo e empreendedor destas instituições.

Durante quatro dias (20 a 23 de novembro de 2014), a USALMA – Universidade Sénior de Almada acolheu, no Teatro recentemente remodelado da Academia Almadense, nove grupos de Teatro, da região da Grande Lisboa, integrando as suas actuações numa programação rica e variada, que contemplou não só o conhecimento da cidade, com uma visita guiada por Alexandre

Flores, mas também reuniões informais dos participantes deste encontro, a intervenção do grupo “Encontro com a Poesia”, a realização de um colóquio sobre Teatro e homenagem a Joaquim Benite. Este colóquio contou com a presença de Helena Serôdio, Professora Catedrática e Investigadora do Centro de Estudos Teatrais da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da actriz e encenadora Teresa Gafeira, do director artístico do TMA, Rodrigo Francisco, do vice-presidente do NAUS, Rui Pires, e do Presidente do NAUS e Director da USALMA, Jerónimo de Matos.

Numa referência com maior incidência no Teatro mencionaremos os grupos e peças apresentados neste Encontro: a Universidade Sénior de Benfica, (UNISBEN), com *A Quermesse de Mário Jorge*, de Mário Jorge; a Universidade Sénior de Oeiras (USO) com *Cultura + Além*, colectiva; a Universidade Sénior de Massamá (UNISMAMÁ), *Falatório do Ruzante de Volta da Guerra*, Ângelo Beolco, adaptação; a Universidade Sénior de Sintra (ACTIS) *Felizmente há Luar*, Sttau Monteiro, adaptação; a Associação Cultural e Social de Seniores de Lisboa (ACSSL), *Peripécias de uma Boda*, Luísa Costa Gomes, adaptação de *Vingança de Antero ou Boda Deslumbrante*; a Universidade Sénior de Linda-a-Velho (Nova Atena), *Spa Vintage*, Ricardo Pinto Correia; a Universidade Sénior da Ajuda (USA), *Os Nossos Sonhos*, José Vala Roberto, adaptação; o Ginásio Clube de Queluz (G. C. Queluz), *O Doido e a Morte*, Raul Brandão, adaptação e a Universidade Sénior de Almada (USALMA), *Grito no Outono*, Romeu Correia, adaptação.

Findo este Encontro, que revelou a boa qualidade dos textos e dos seus intérpretes, resta-nos dar os parabéns aos participantes, ao público que soube participar e acarinhar com a sua presença estes quatro dias de festa, e formular com o poeta o desejo de nos sabermos renovar cada ano, em cada projecto, contribuindo para um aumento da qualidade de vida dos que nos acompanham nesta caminhada, construindo um futuro melhor.

Enfim, como diz Miguel Torga (*Diário XIII, Sísifo*):

Recomeça ...

Se puderes,

Sem angústia

E sem pressa

E, os passos que deres,

Nesse caminho duro

Do futuro,

Dá-os em liberdade.

Enquanto não alcances

Não descanses

De nenhum fruto queiras só metade.

4.º Encontro de Teatro Sénior (NAUS)

Ana Maré

Uma vez mais, o grupo de Teatro da USALMA®, liderado pela professora Ana Maré, representou a Universidade Sénior de Almada no encontro de Teatro do NAUS – Núcleo das Academias do Universo Sénior, desta feita, no número quatro.

A atuação decorreu na Barraca, no dia 22 de novembro de 2015, e a peça representada foi *10 Mulheres e um Mistério*, adaptação e encenação de Ana Maré, tendo como ponto de partida a peça *8 Femmes* de Robert Thomas:

Em véspera de Natal, numa quinta isolada e bloqueada pela tempestade, o único homem da casa é misteriosamente assassinado no seu quarto.

As dez mulheres presentes na casa constataam a impossibilidade de chamar a polícia e comprovam que ninguém podia ter entrado ou saído da quinta, pelo que a assassina será uma delas. Decidem então investigar o crime, tornando-se detetives.

E, à medida que as perguntas surgem, vão revelando segredos e hipocrisias...

Encontro de Coros

Realizou-se no dia 16 de março, no Museu do Azulejo, em Lisboa, o Encontro de Coros do Musicentro, Escola de Música das Oficinas de S. José dos Salesianos, integrado no Ciclo de Audições de Páscoa.

O Coro da Usalma participou como coro convidado, sob a direção do Maestro Victor Gaspar, tendo apresentado cinco peças do seu repertório.

O encontro revestiu-se de alto significado e beleza, tanto pelo elevado número de participantes e pela diversidade das suas idades, como pela variedade e qualidade das peças apresentadas.

Além do Coro da USALMA, participaram o Coro d'Anselmo, da Escola Secundária Anselmo de Andrade de Almada, Os Pequenos Cantores do Musicentro, o Ensemble Vocal do Musicentro e o Coro SALVOX.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 11

309

Encerramento do ano letivo

2012/2013

Prof. Jerónimo de Matos, Carmo Manique,
Edite Prada, Teodolinda Silveira

Com o objetivo de envolver a Comunidade no seu projeto, a USALMA - Universidade Sénior de Almada desenvolveu, uma vez mais, diversas atividades, assinalando o final do ano letivo e permitindo a todos ter contacto com parte do trabalho realizado.

Assim, os alunos das áreas disciplinares mais vocacionadas para a ela-

boração de trabalhos artísticos (Artes do Espetáculo, Música, Fotografia e Vídeo, Artes Plásticas, TIC) apresentaram o resultado da sua atividade, contribuindo, desta forma, para um reforço da autoestima individual e para a divulgação do projeto da USALMA junto da Comunidade.

O volume e a qualidade do trabalho executado têm vindo a exigir uma exposição repartida no espaço e no tempo.

Por essa razão, as atividades repartem-se por:

I - Exposições

Na ampla estrutura da USALMA, as Artes acolhem numerosos estudantes que, na idade de dispor livremente do tempo e da imaginação, deambulam por técnicas e temas, ensaiando e concretizando sonhos de uma vida, utopias de uma sociedade melhor.

Usam os lápis, as tintas, a argila, a tela, a madeira e a pedra; dão formas, vestem de cor ou captam o real, transfigurando, sublimando a sua presença que o olhar desatento banaliza.

Deambulam, também, pelos espaços da comunidade, com exposições dos trabalhos realizados nas turmas de artes, de fotografia e de vídeo.

Com efeito a sua representatividade, bem como a qualidade atingida, fazem com que as exposições decorram em diversos locais da Comunidade, dando visibilidade ao projeto da Universidade Sénior de Almada.

Exposição de uma seleção de trabalhos das turmas de Artes da USALMA

O ponto alto das exposições de artes do final deste 9.º ano letivo da USALMA aconteceu no dia 1 de junho, quando, pelas 16h00, foi inaugurada, na Oficina da Cultura, com a presença da Presidente da Câmara, Maria Emília de Sousa, e do Vereador da Educação e Cultura, Engenheiro António Matos, a exposição de uma seleção dos trabalhos realizados pelos alunos das diferentes disciplinas de artes, num trabalho paciente e aplicado.

Tomou a palavra o diretor da USALMA, Jerónimo de Matos, salientando a importância do momento em que, pela primeira vez, espaço tão relevante do ponto de vista cultural do município, como é a Oficina da Cultura, abre as portas aos trabalhos dos alunos da USALMA. Tal possibilidade só se verifica pela excelente qualidade que os trabalhos vêm adquirindo e pelo relevo que a ação da Universidade Sénior de Almada vai tomando.

Este aspeto foi salientado pelo Vereador da Cultura, que recordou a originalidade da constituição desta Universidade Sénior de Almada, motivo de orgulho não só para a Associação de Professores, que lhe deu vida, mas também para a própria edilidade, que se sente reconhecida pelo serviço que a USALMA presta à comunidade e pela projeção que o seu sucesso permite.

É gratificante, referiu, verificar que em encontros sobre as cidades educadoras o projeto desta universidade sénior se destaca pelo número de envolvidos, quer enquanto estudantes, quer enquanto professores.

Também a Presidente da Câmara salientou que este projeto, como outros do concelho, se demarca pela qualidade e pelo serviço que presta.

II - Música e dança

Os espetáculos musicais, com a atuação do Grupo de Cavaquinhos, do Ensemble de Guitarras, do Coro e da Tuna, são já uma constante na vida da Universidade Sénior, quer na Comunidade, assinalando diversos momentos, quer no exterior, em representação da própria universidade junto das suas congéneres.

Também os espetáculos de dança, com a atuação das turmas de danças do mundo e das danças latinas, animam os encontros e convívios da Universidade, muitas vezes contribuindo para quebrar o gelo dos mais tímidos e animando-os a juntar-se à festa e ao movimento.

As diversas turmas reuniram-se uma vez mais, para assinalar o final do ano letivo num espaço, no Auditório Lopes Graça, que resultou pequeno, mas de pequeno se fez grande, reunindo boas vontades e muito afeto.

De parabéns estão todos os participantes que de ano para ano nos vão surpreendendo com a qualidade das atuações.

Teatro

O grupo de Teatro da Universidade Sénior de Almada - USALMA habituou-nos já a espetáculos de muito valor e qualidade.

Apresentando inéditos, ou adaptações, tem congregado, em encontros de Universidades Seniores ou nas atividades de final de ano letivo, grande número de interessados e participantes.

A participação do grupo de Teatro da USALMA nas festas de Encerramento deste ano letivo ganhou um espaço e um tempo próprios. O espaço foi a Sala Experimental do Teatro Azul, e o tempo, o dia 26 de junho, com duas sessões, porque a reserva de bilhetes excedeu largamente a capacidade da sala.

O grupo, dirigido pelas professoras Helena Peixinho e Ana Maré, brindou-nos com a peça *Uma família* misteriosa, um texto em adaptação livre, elaborado pela professora Ana Maré que, aliado ao humor e à graciosidade das interpretações, justificou os muitos aplausos recebidos.

O trabalho que vem sendo desenvolvido pelas professoras Helena Peixinho e Ana Maré com o grupo de Teatro da USALMA já ganhou reconhecimento dentro e fora desta Universidade Sénior, tendo vindo a representar a USALMA, com muito êxito, em apresentações nos palcos dos teatros da Trindade e A Barraca, em diversos Encontros de grupos de teatro amador e em eventos para os quais tem vindo a ser convidado.

Correio da Usalma, n.º 33, p. 3 e 4

2013/2014

Prof. Carmo Manique

A USALMA tem por tradição festejar o final de cada ano letivo com uma mostra alargada do trabalho desenvolvido pelas turmas, sobretudo as turmas ligadas às atividades Artísticas e de Movimento.

No final do mês de maio foi inaugurada, na Oficina da Cultura, a Expo-

sição Coletiva de Artes da USALMA, e ao longo da primeira quinzena de junho estiveram patentes, em diversos espaços do concelho, Exposições de trabalhos das várias turmas de Artes Plásticas, dando a conhecer o nível de qualidade que já atingiram.

Os Espetáculos de Música, Poesia, Dança e Teatro decorreram no Teatro Joaquim Benite. Pelo palco principal e pela sala Experimental daquele Teatro passaram mais de duzentos participantes, entre alunos e professores, que, com muita alegria e espírito de entrega, brindaram a assistência com excelentes execuções artísticas.

PARABÉNS a todos os alunos e professores participantes nestas atividades de Encerramento do ano letivo, que constituem um espelho da nossa USALMA!

Fotografia digital

Ainda no âmbito das atividades de encerramento do ano letivo, no dia 30 de maio de 2014, pelas 18h00 no átrio da Academia Almadense, teve lugar a abertura da exposição de Fotografia Digital dos alunos do professor Carlos Guilherme, com a participação dos alunos de Informática da professora Domitila Cardoso. Mais do que uma exposição, o evento constituiu um encontro de convívio social e cultural, com a participação do *Ensemble de Guitarras* e das turmas de *Piano* e *Encontro com a Poesia*.

A exposição coletiva dos alunos de Artes Plásticas, Fotografia e Vídeo da USALMA, com a presença do representante da Câmara Municipal, vereador António Matos, e do diretor da USALMA professor Jerónimo de Matos, teve lugar no dia 31 de maio, na Oficina da Cultura a abertura da 2.^a exposição coletiva dos alunos dos oito professores de Artes da USALMA.

Muito concorrida e apreciada, quer nas intervenções do senhor Vereador da Cultura e Educação e do senhor Diretor da USALMA, quer nas calorosas apreciações dos participantes, a exposição teve a colaboração musical do *Ensemble de Guitarras*, dirigido pelo professor Francisco Sabrosa.

Correio da Usalma, n.º 36, p. 4

2014/2015

312

Prof. Edite Prada

Teatro

O dia 14 de junho de 2015 revestiu-se de singular importância no conjunto das datas relevantes no encerramento do ano letivo, pois aconteceram atividades para as quais os nossos alunos artistas de teatro, de danças, de música, e não só!, se prepararam durante o ano.

À tarde, na sala experimental do Teatro Joaquim Benite, observámos três momentos distintos, ainda que em continuum. Tivemos oportunidade de ver a segunda atuação (excelente!) dos alunos de Teatro, que, sob a orienta-

ção entusiasta da professora Ana Maré, nos brindaram com a representação da peça *10 Mulheres e o Mistério*, adaptação da professora de *8 Femmes*, de Robert Thomas.

Numa trama bem construída os espetadores seguiram as intrigas de uma família e a especulação dos membros da família sobre a morte do chefe de família.

A esta atuação seguiu-se a intervenção dos alunos de iniciação ao Teatro, orientados pela professora Mónica Lara, que apresentaram *É urgente o Amor*. Num mundo esquecido do Amor, importa gritá-lo bem alto!

O terceiro momento foi-nos oferecido por estudantes das línguas de alemão, francês e inglês, orientados pelas respetivas professoras (Lurdes Cruz, Fátima Rita e Dina Dourado) e pelo encenador Carlos Melo. O trabalho apresentado advém da aprendizagem das línguas seguindo um método inovador de aplicação de técnicas teatrais e insere-se no projeto *Internacional Playing for Learning* -PLALE.

Música, Dança, etc...

À noite, na sala principal do Teatro Joaquim Benite, teve lugar o espetáculo em que pudemos ver e ouvir os nossos músicos. Iniciando com o Coro Polifónico, sob a batuta do maestro Victor Gaspar, terminámos com a Tuna liderada por Antero Pacheco.

Pelo meio ouvimos as guitarras em dois momentos, sempre orientadas pelo professor Francisco Sabrosa: o Ensemble e o grupo alargado de Guitarras; o Grupo de Poesia, liderado pelas professoras Ângela Mota e Helena Peixinho; os Cavaquinhos, cada grupo com o seu professor (José Carita e Vítor Silva) e com uma atuação conjunta, como vem sendo habitual; piano, em estreia nos nossos espetáculos, mas com uma presença marcante, sob a orientação da professora Aliona Chirilenco. Ouvimos ainda a turma de Espanhol, da professora Fátima Luís, e as de Inglês, dos professores Manuela Ribeiro e Francisco Naia.

As turmas de dança também estiveram bem representadas, orientados pelo professor João Maciel, as *Danças Latinas*, e pela professora Maria João Reis, as *Danças do Mundo*.

Sem falsa modéstia, mas também sem exagero, poderemos afirmar que o espetáculo de encerramento consegue renovar-se a cada ano, ao mesmo tempo que se apresenta cada mais seguro e organizado. Parabéns a todos os participantes!

313

Homenagem aos Professores da USALMA

2012/2013

Prof. Edite Prada

Desde o seu início que a USALMA tem sentido necessidade de reconhecer o trabalho dos seus professores. Para o efeito organiza um encontro-convívio materializado, no ano letivo de 2012/2013, num jantar, que teve lugar no dia 21 de maio de 2013, nas instalações do Inatel, na Costa de Caparica. Durante o convívio, alunos e professores confraternizaram e, no final, foi entregue aos professores uma pequena lembrança que pretende apenas assinalar o reconhecimento da direção da Associação de Professores do Concelho de Almada para com todos os que a ajudam a dar vida ao Projeto USALMA, colocando o seu tempo e o seu saber ao serviço da Comunidade.

Correio da Usalma, n.º 33, p. 4

2013/2014

Prof. Carmo Manique

A habitual Homenagem anual da USALMA aos seus Professores decorreu no dia 11 de junho de 2014, nas instalações do INATEL, na Costa de Caparica. A abrir um animado jantar, que contou com elevada participação de professores e alunos, a presidente da Apcalmada, Maria de Lourdes Albano, deu as boas vindas a todos.

Na cerimónia de homenagem, o Diretor da USALMA, Jerónimo de Matos, fez questão de sublinhar que este projeto da Associação de Professores, que é a USALMA, assenta fundamentalmente no trabalho voluntário da quase totalidade dos seus mais de 100 professores e salientou a importância desta festa anual como espaço de convívio entre toda a comunidade USALMA. O membro do Conselho de Delegados, José Simão, tomou a palavra em nome dos alunos, e João Leandro, em nome de todos os professores, agradeceu a homenagem. Por fim, a Direção chamou, um a um, todos os professores presentes, para receberem das mãos dos membros do Conselho de Delegados uma oferta simbólica.

A festa acabou ao som de música alegre, propícia ao convívio dançante.

Correio da Usalma, n.º 36, p. 4

2014/2015

Prof. Edite Prada

Na sequência de propostas de alguns professores e alunos, optou a direção, este ano, por uma forma diferente da habitual de honrarmos e homenagearmos os nossos professores.

Assim, realizou-se no passado dia 16 de Junho, no Ginásio do Seminário de S. Paulo, e espaço circundante, um piquenique em que participaram cerca de duas centenas e meia de estudantes e professores.

Foi um momento de são e franco convívio, com uma magnífica vista sobre o Tejo, animado por diversas atividades e com um almoço que faria inveja a uma qualquer requintada degustação, tal a qualidade e diversidade da oferta.

Graças à participação entusiasta dos professores de Informática, iniciámos o dia com um movimentado pedipaper, que permitiu aos concorrentes não só conhecer melhor a quinta que rodeia o Seminário, mas também pôr à prova as capacidades de observação dos concorrentes e os seus conhecimentos sobre os 10 anos de existência da USALMA.

Após o almoço, e depois da habitual homenagem aos professores, com oferta de uma lembrança do ano que acaba e que só o seu precioso trabalho tornou possível, houve, ainda, espaço para novos desafios: concurso de quadras, jogos tradicionais, leitura de poesias, canção inglesa dedicada à USALMA e o contagiante bailarico, desta vez ao som da concertina, tocada pelo versátil professor Carita e liderado pela professora Maria João Reis.

A alegria e a diversão foram constantes ao longo de todo o dia.

Foi unânime a avaliação positiva deste evento. Tomou a palavra em nome dos professores, a professora Helena Peixinho, que leu o poema *Não sou mestre de ninguém*, de Huberto Rohden. Em nome dos estudantes, tomou a palavra Virgínia Neto, que realçou a importância da ação voluntária dos professores para o sucesso do projeto USALMA.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 14

Festival 6 Continentes

Prof. Jerónimo de Matos

A convite da organização intercontinental, a USALMA participou ao longo do dia 17 de outubro de 2015, no II Festival 6 continentes, com expressão mundial convocando, para participações de cultura, arte, e convívio, as comunidades do continente lusófono, espalhadas pelos cinco continentes.

No auditório da nova sede, com numerosa assistência muito participativa, os nossos grupos musicais (Coro, Guitarras, Cavaquinhos, Tuna, Clave de Sol, Trio Minda), e o grupo Encontro com a Poesia encheram de harmonia musical e beleza poética a manhã e a tarde de um sábado memorável.

Correio da Usalma, n.º 39, p. 7

1.º Encontro de Poesia(NAUS)

Prof. Helena Peixinho e Ângela Mota

*A Poesia é a música da alma, e, sobretudo,
de almas grandes e sentimentais.*

Voltaire

Ao longo do nosso percurso em *Encontro com a Poesia* e *Chá com Poesia*, apostámos no contacto com textos poéticos, numa perspectiva transversal com outras áreas artísticas. Simultaneamente valorizámos a interpretação e o dizer poesia, quer individual, quer em grupo.

Entendemos poesia como linguagem de sentimentos, sensações, sensibilidades e, sobretudo, de emoções. Meio de expressão livre e sem limites, ela é, tal como qualquer outra forma de arte, libertadora, permitindo a evasão, o confronto com a nossa própria existência, a apropriação e reinvenção poética. Lendo e comentando os poemas, encontra-se o prazer de partilhar valores, qualidades e competências, estabelecendo pontes comuns com os outros.

Reconhecendo na poesia a sua capacidade integradora e força unificadora de sensibilidades, acreditámos que um encontro com outras universidades seniores seria uma mais-valia, uma possibilidade de vivenciarmos e nos enriquecermos na partilha com outras experiências similares. Assim, iniciámos o processo, uma vez consultada a direcção da USALMA e as várias universidades e academias do universo sénior.

A 21 de Março de 2015, aconteceu o I Encontro de Poesia do NAUS, com uma agenda proposta e aprovada pelos vários elementos. Ao programa inicial, que implicava todo um dia (Manhã – *Cordel de Poemas*, no átrio do Fórum Romeu Correia e *Atelier de Escrita Criativa*; Tarde – *Almoço-Poesia*, no Teatro Municipal de Almada, TMA e *Momento de Poesia*, na Sala Pablo Neruda do Fórum RC; Noite – *Jantar-Poesia*, no TMA), chegaram-nos as propostas de se suprimir a manhã e a noite, ficando apenas o *Almoço-Poesia* e o *Momento de Poesia*.

Foi na entrada do teatro Municipal Joaquim Benite que os vários grupos se foram juntando, que os olhos procuraram outros que sabiam ter algo em comum com eles, o amor pela Poesia. Aí se deram abraços e se iniciaram conversas que se continuaram depois na Cafetaria do Teatro, frente a um delicioso almoço. Aí também aconteceu poesia pela voz dos poetas convidados pelos grupos: Judite Nabais (ACSSL), Inácia Reis (USALMA) e Mário Silva Neves (Gandaia).

Já na sala Pablo Neruda, do Fórum Romeu Correia, num belo convívio poético, animado por três grupos musicais da USALMA, o *Ensemble de Guitarras*, o *Trio Minda* e o *G4 de Guitarras*, a Poesia fez-se ouvir acarinhada por numeroso e interessado público que recebeu os poemas sabendo que eles *são pássaros que chegam não se sabe de onde (...) alimentam-se um instante em cada par de mãos e partem*, nós, os que os recebemos, ficamos de mãos vazias, maravilhados ao constatar que o *alimento deles* já estava em nós, como nos diz Mário Quintana, in *Esconderijos do Tempo*:

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles alçam voo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

Nota:

Grupos participantes, do Núcleo de Academias do Universo Sénior (NAUS):
Universidade Sénior de Carnaxide (USCAL)
Associação Cultural e Social de Seniores de Lisboa (ACSSL)
Universidade Sénior de Linda-a-Velha (NOVA ATENA)
Universidade Sénior de Almada (USALMA)
Grupo convidado:
Tertúlia de poesia da Costa de Caparica (GANDAIA)

Correio da Usalma, n.º 38, p. 11

Aniversários da Associação

Prof. Feliciano Oleiro

A nossa Associação faz anos no dia 29 de maio. Em 2013 completou dez anos e das efemérides associadas se dá conta na primeira parte desta revista, a partir da página 17.

2014

Prof. Feliciano Oleiro

No dia 31 de maio de 2014, teve lugar o almoço comemorativo do décimo primeiro aniversário da nossa Associação.

O animado evento ocorreu nas instalações do INATEL – Costa de Caparica com a participação de cerca de uma centena de associados.

O festivo encontro contou, mais uma vez, com a participação artística da nossa associada, Delfina Rosa, que ofereceu quadros de pintura da sua autoria para serem leiloados, em cada mesa, revertendo a importância apurada a favor da Associação.

Em nome da Apcalmada registamos mais este gesto de altruísmo, o qual dignifica os seniores da nossa e todas as gerações futuras.

Profalmada, n.º 34, p. 16

2015

Prof. Maria Carreiras

Desta vez, calhou a 31 de maio a celebração do Aniversário da nossa Associação. Como sempre, tivemos a presença do Senhor Vereador António Matos, que, aliás, sempre tem acompanhado a vida da Apcalmada, com interesse e entusiasmo. A sua presença é, para nós, uma honra e um estímulo.

Com animação musical de qualidade, foram uns momentos de grande alegria, boa disposição e convívio.

Profalmada, n.º 37, p. 11

C - Festas e Convívios

Encontros de professores

Prof. Edite Prada

Seguindo um procedimento adotado desde o início, três vezes por ano, os professores da USALMA reúnem formalmente.

A primeira reunião acontece no final de setembro ou início de outubro e é organizada por áreas de saber, reunindo nas instalações da Associação de Professores do Concelho de Almada. Nesta primeira reunião, pretende-se integrar os professores novos e delinear projetos conjuntos a desenvolver ao longo do ano letivo.

Aí por finais de fevereiro, início de março, realiza-se a segunda reunião, com uma estrutura um pouco distinta, havendo dois momentos plenários, um inicial, em que a direção da USALMA veicula algumas informações consideradas pertinentes e se definem as atividades a desenvolver na reunião por áreas que se segue a este primeiro momento.

Na reunião por áreas pretende-se refletir sobre o andamento do ano letivo e delinear atividades relativas ao seu final.

Segue-se de novo um plenário, em que os coordenadores das diversas áreas apresentam as conclusões da reflexão da sua área.

O momento seguinte consiste num almoço, momento de convívio mais descontraído.

A terceira reunião tem lugar no final de junho ou início de julho e tem um formato próximo do que se descreve para o segundo, distanciando-se dele, todavia, por implicar uma deslocação, um passeio. Como seria lógico, o tema central da análise nas reuniões por área prende-se com dois aspetos: o balanço do ano letivo findo e perspetivas para o seguinte. Outro aspeto em que este encontro se diferencia é na atividade lúdico-cultural que preenche a segunda parte do dia, com uma ida a um museu ou a outro ponto de interesse.

Em 2013, o almoço foi em Azeitão e foi feita uma visita à Quinta e Palácio da Bacalhoa, um monumento nacional com história que remonta ao séc. XV,

com um momento de descanso para uma prova de vinhos produzidos na Quinta.

Em 2014 o encontro foi em Setúbal, e durante a tarde foram visitados locais de interesse, como o Museu Bocage.

Em 2015 rumámos a Évora, com visita a alguns dos muitos pontos de interesse da cidade.

Celebração do São Martinho

Prof. Maria Carreiras

2013

No dia 9 de novembro de 2013, antecipámos um pouco o dia da celebração do São Martinho, mas nem por isso deixámos de gozar um lindo sol, a fazer jus à lenda do “dito” e ao sempre desejado “Verão de São Martinho”.

Num espaço privilegiado - o INATEL, o nosso magusto contou com 190 participantes, que fizeram autêntica festa!

Durante toda a tarde, a música, a dança e a alegria foram uma constante.

Por fim, fomos brindados com uma agradável surpresa, escutando canções populares e o fado, nas vozes da Elsa, da Mariana e da Francisca.

Afinal, a vida é para ser vivida e convidada!

Estes encontros, para além de proporcionarem momentos de cultura e lazer, pretendem também promover as relações de convivência entre as pessoas.

Na opinião de muitos participantes, *foi uma festa cinco estrelas!*

Profalmada n.º 32, p. 20

2014

Como vem sendo hábito, também quisemos celebrar o São Martinho, com o tradicional magusto, que teve lugar no espaço INATEL, Costa de Caparica.

Um lanche e muita música, com ritmo brasileiro e cabo-verdiano, proporcionaram, a quase 200 participantes, uma tarde bem animada, onde a castanha foi “rainha”.

Profalmada n.º 35, p. 15

2015

Foi um magusto “revelação”!

Estávamos todos ansiosos para saber como iria resultar, no espaço que denominamos de “Área de expansão”, na nova sede.

E resultou muito bem!

Éramos uns 160 e até nos mexemos à vontade!

A animação musical, os espontâneos, o lanche e o alegre convívio contribuíram para o sucesso do mesmo.

Profalmada, n.º 38, p. 12

Juntos por Uma Causa

Prof. Maria Carreiras

Este título já nos é familiar, e a Causa também. Trata-se de um espetáculo de angariação de fundos para a construção de um Lar/Residência.

A artista Anabela foi, desta vez, a figura de cartaz, mas creio poder afirmar que qualquer um dos restantes podia ter igual destaque, pela excelência demonstrada. Todas as opiniões foram unânimes na avaliação que transmitiram, dizendo ter sido um espetáculo muito bom.

Mais uma vez, agradecemos a todos os que nos ajudaram na divulgação e venda de bilhetes, bem como aos que praticamente encheram aquela sala, a principal, do teatro Joaquim Benite.

Profalmada n.º 35, p. 15

Convívios de Natal

Prof. Maria Carreiras

Há já algum tempo que a Associação de Professores decidiu alargar os momentos de convívio à época Natalícia, contando sempre com uma presença acima da centena de participantes.

Estes convívios são, habitualmente, animados com música e músicos de excelência.

Além da refeição, os encontros primam pela sã convivência e pela partilha, que são comuns aos encontros que a Apcalmada promove, pelo que não poderíamos deixar de fazer registo.

Festas da Primavera

Prof. Teodolinda Silveira

É verdade que o nosso clima já não é o que era, com as quatro estações mais ou menos certinhas, mas continuamos a associar à primavera uns dias de sol mais brilhante, temperaturas amenas...

Querendo assinalar a saída do inverno, a Associação de Professores do Concelho de Almada celebra habitualmente a “Festa da Primavera”, num tempo de partilha e convívio, sempre animado, com música, dança e poesia!

A alegria espalha-se pelo espaço envolvente, que merece, sempre, uma decoração especial!

Tem sido muito gratificante verificar que todos se empenham em contribuir, com a sua alegria e boa disposição, para o êxito da festa.

Os poemas a seguir são prova disso mesmo!

Virgem marginal

Minha primavera
Moça
Nos campos florida
Em malmequer e margarida.
Seus seios rijos
De sol ardente.

Tua primavera
Doce
Palpita
Em relva húmida
Desabrochada em festa de amor e poesia.

Nossa primavera
Musa
Renasce
Inebriada em perfumes
De alvas estevas floridas.

Virginal prima Vera.

Manuel Costa

Chamaste-me poetisa
Não, decerto não sou.
Apenas saboreio o Sol,
A chuva, a suave brisa...
Sinto-me, sim, poesia
Leve, bailando no ar,
No vento da invernia
Ou entre as ondas do mar.
Sinto-me, também, poema
Que, em doce plasticidade,
Se talha num corpo-fonema
criado para a eternidade.

M. Alba

Reunião Magna da RUTIS

Prof. Joaquim Silva

No dia 15 de outubro de 2015 realizou-se na sede da RUTIS – Rede de Universidades da Terceira Idade, em Almeirim, a sua IX Reunião Magna, em que foram entregues medalhas dos dez anos aos seus membros fundadores.

A USALMA é um desses membros, pelo que recebeu a correspondente medalha, por intermédio de um dos membros da sua Direção.

Nesta reunião foram, ainda, apresentadas as Universidades Seniores consideradas como “entidades/academias de excelência” em resultado do nível de atividades exercidas, alunos e professores que as frequentam. A USALMA integra-se neste grupo.

Correio da Usalma, n.º 39, p. 4

Assembleia Municipal fez última reunião do ano na sede da USALMA

Prof. Jerónimo de Matos

Uma semana após a inauguração da nova sede, por solicitação do Presidente Sr. Manuel Maia, teve lugar na nova Apcalmada-USALMA a última Assembleia Municipal de 2015.

Recebidos pelo diretor da USALMA, professor Jerónimo de Matos, tomaram assento na área de convívio, todos os órgãos constitutivos do Parlamento Municipal: a mesa da Presidência, Srs. Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Almada, Deputados Municipais dos partidos com representação nacional: PSD, PS, PCP, CDS, BE e munícipes interessados.

O diretor da USALMA a quem o Sr. Presidente deu a palavra, dirigiu a todos uma calorosa saudação de boas-vindas, salientando a honra que constituía para a Associação de Professores e para a USALMA a presença dos órgãos da Assembleia e da Câmara Municipais na sua nova sede, poucos dias volvidos desde a sua inauguração, ainda mais simbólica pelo facto de se tratar de um ato político e cívico da maior relevância da política autárquica.

Correio da Usalma, n.º 39, p. 10

Chá com poesia

Aluna Rosa Pereira

Nos últimos anos tem acontecido, na última sexta-feira de cada mês, um Chá com Poesia na Sala do Café Concerto do Teatro Joaquim Benite, dinamizado pela Turma de Encontro com a Poesia, sob orientação das suas Professoras Helena Peixinho e Ângela Mota.

São apresentados os trabalhos de alguns poetas; são lidos ou declamados poemas, convidados escritores, divulgados trabalhos e partilhadas poesias.

Há, por vezes, grupos convidados que alegram e enriquecem o encontro,

como quando recebemos a animação de um grupo de Jovens Alunos da Escola Passos Manuel, orientados pelo seu Professor, Fernando Rebelo, que brindaram todos os presentes com a excelente dramatização de um poema de Ramos Rosa, poeta central nesse dia.

A turma de Encontro com a Poesia declama poemas escolhidos adequados ao tema do dia ou ao escritor convidado ou estudado.

Há sempre espaço para trocas de impressões e para partilhas espontâneas dos participantes, o que em muito enriquece a iniciativa.

Os momentos de partilha através da poesia são mágicos, e nestes encontros a magia acontece!...

Na última sexta-feira de cada mês todos são bem-vindos!!

Correio da Usalma, n.º 34, p. 10

D - Itinerários de Cultura e Lazer

Das visitas de que aqui se dá notícia, apenas se sintetizam as que foram realizadas em Almada, pela ligação direta à comunidade. De todas as outras lista-se o local e a disciplina organizadora, dando sempre informação relativa ao boletim em que a informação saiu, para posterior recuperação, se essa for a intenção do leitor.

Língua e Cultura Portuguesa no Arquivo Histórico

Prof. Edite Prada

Com o objetivo de visitar a exposição biobibliográfica relativa a Bulhão Pato, nas comemorações do centenário da sua morte no Monte de Caparica, a turma de Língua e Cultura Portuguesa deslocou-se no dia 15 de novembro de 2012 ao Arquivo Histórico de Almada.

Foram-nos, ainda, apresentados documentos raros e valiosos, tanto do ponto de vista do seu conteúdo como do ponto de vista da sua importância histórica.

A turma saiu mais rica, e a professora expressa aqui o seu apreço pela forma profissional e dedicada como foi recebida, ao mesmo tempo que aproveita para homenagear o autor Bulhão Pato, divulgando abaixo o poema de abertura da obra *Hoje: sátiras, canções e idílios*, de 1888 (respeita-se a ortografia original):

*Nas satyras ha fel, ódios felinos?
Nas minhas não- Há dôr: são elegias.
Chora a sorte cruel dos pequeninos,
Quem flagella os mandões dos nossos dias!*

Abril, 1888

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 12

Museu do Oriente

No dia 7 de Março de 2013, alunos e professor da disciplina de Cultura e Arte Naval, do professor Domingos Robalo, deslocaram-se ao Museu do Oriente, para apreciarem a exposição fotográfica com a designação *Do vasto e belo porto de Lisboa*.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 12

Almada na História: visitas ao centro histórico

Aluna Ana Maria Francisco

A - Decorreram, nos passados dias 29 de Janeiro e 28 de Fevereiro, duas visitas guiadas ao centro histórico de Almada, no âmbito da disciplina de História de Almada, ministrada pelo professor Alexandre Flores, tendo a visita do dia 29 de Janeiro decorrido no Castelo de Almada, onde existiu uma antiga fortaleza árabe do século XII, e na Igreja de S. Tiago, onde, já no interior, o professor contou a história da mesma.

Após a visita à Igreja, seguiu-se em direção à rua da Judiaria para uma visita ao museu do sítio, onde é possível ver um antigo celeiro medieval, um espólio de peças de cerâmica de várias épocas e moedas antigas.

B - Já a visita do dia 28 de Fevereiro decorreu na Ermida de S. Sebastião e no Seminário Maior de São Paulo (antigo convento de São Paulo).

Após ter sido escutada atentamente a história da Ermida, que remonta ao século XVI, destruída quando do terramoto de 1755, tendo sido posteriormente reconstruída, é atualmente património da Câmara Municipal, encontrando-se aberta ao público e ao culto religioso, dirigimo-nos ao antigo Convento Dominicano de S. Paulo, que funciona como Seminário do Patriarcado de Lisboa desde o ano de 1935. Aí foi o grupo recebido pelo senhor Padre Fernando Paiva, que guiou a interessante visita e contou a história do mesmo bem como das figuras históricas que por lá passaram, como foi o caso de Manuel Sousa Coutinho (Frei Luís de Sousa). Desfrutou-se também de uma linda paisagem com vista para o rio Tejo e a cidade de Lisboa.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 13

Visita ao Museu Neorrealismo

No passado dia 30 de janeiro a disciplina *Encontro com o Tejo* da Prof. Ângela Mota, organizou uma visita ao museu do Neorrealismo em Vila Franca de Xira, como um complemento à abordagem de alguns autores estudados ao longo das aulas de *Encontro com o Tejo* e reuniu também elementos de outras turmas, nomeadamente de *História de Arte*, *Saúde Preventiva* e ainda do *Clube de Poesia*.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 13

Turmas de informática visitam Museu das Comunicações

Em 5 de abril de 2013, convidados pela professora de informática Domitila Cardoso, visitámos o Museu das Comunicações, onde ficámos a saber mais sobre a evolução das técnicas de comunicação ao longo dos tempos e, mesmo, com perspetivas sobre o futuro.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 15-16

As Idades do Mar

No passado dia 19 de Janeiro de 2013, as turmas de História de Arte do Prof. Jerónimo de Matos fizeram uma visita de estudo à exposição de pintura *As Idades do Mar*, patente na galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 16

Viajando por terras de Espanha

No dia 11 de Abril de 2013, bem de manhãzinha, partimos do Centro Sul rumo a Salamanca, Segóvia e Ávila, numa viagem de estudo, por iniciativa da professora Júlia Carrapo.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 20

Visita ao jornal Diário de Notícias

Dia 29 de maio de 2013, visita ao jornal *Diário de Notícias* (DN), com a professora Domitila Cardoso.

Correio da Usalma, n.º 31-32, p. 15 e 16

Ida aos fados

Celebrámos o 8 de março, Dia Internacional da Mulher, com uma ida aos fados, à Casa de Fados *Marquês da Sé*.

Profalmada, n.º 30, p. 15

Roteiro por Almada

No dia 7 de fevereiro de 2013, o *Roteiro por Almada*, do Garcia de Orta à Incrível, sob o lema *O pulsar da parte alta da cidade*, juntou cerca de duas dezenas de caminhantes que foram motivadas a ver com novo olhar a zona alta de Almada que no dia a dia percorremos, olhamos e não vemos. O passeio incluiu um almoço de convívio.

Profalmada, n.º 30, p. 15

Riso, uma exposição a sério

No dia 9 de fevereiro de 2013, visita à Exposição: *Riso, uma exposição a sério*, e ao Museu da EDP. Tempo ainda para visitar o Museu da Eletricidade.

Profalmada, n.º 30, p. 15

Igreja e Museu de São Roque

No dia 22 de fevereiro, foi efetuada uma Visita à Igreja e Museu de São Roque, atualmente à guarda da Misericórdia de Lisboa.

Profalmada, n.º 30, p. 15

Visita à Exposição de Graça Morais no Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva

Na nossa rota de turismo cultural, visitámos, a 12 de abril de 2013, a exposição de Graça Morais, subordinada ao título *Os Desastres da Guerra* e a exposição permanente de muitas obras de Arpad Szenes e de Maria Helena Vieira da Silva.

No mesmo dia visitámos o Lisboa Story Centre, Centro de Interpretação dedicado à história de Lisboa.

Profalmada, n.º 31, p. 15

Visita a Florença, San Gimignano e Siena

De 7 a 10 de Junho de 2013 andámos por terras de Florença e da Toscana, à descoberta de algumas obras de grandes génios da literatura, arquitetura, escultura, pintura...

Profalmada, n.º 31 p. 16-20

Visita à cidade do Porto... da Idade Média à Atualidade

Entre 17 e 20 de outubro de 2013, foi efetuada uma visita à cidade do Porto, da responsabilidade da professora Júlia Carrapo.

Correio da Usalma, n.º 33, p.16-17

Paisagem nórdica do museu do Prado em Lisboa

Mais de 200 estudantes da USALMA e sócios da Apcalmada visitaram a excelente exposição temporária intitulada *A Paisagem Nórdica*, em sete visitas guiadas às obras-primas da paisagem, em que sobressaem, entre muitas outras, cerca de sessenta, as pinturas de Rubens, Brueghel e Lourain.

Correio da Usalma, n.º 34, p. 16 e *Profalmada*, n.º 33, p.15

Viagem à volta da Farmácia em 5000 anos

No dia 24 de janeiro de 2014, realizou-se uma visita de estudo ao Museu da Farmácia, tendo nela participado cerca de 20 pessoas, entre alunos e professores da USALMA, grupo que foi guiado pela Dra. Paula Basso, conservadora deste museu, que se situa em Lisboa, junto ao miradouro de Sta. Catarina e num palacete arquitetonicamente bem recuperado, onde também está sediada a Associação Nacional de Farmácias (ANF).

Correio da Usalma, n.º 34, p. 15

Visita guiada ao Museu do Dinheiro do Banco de Portugal

No âmbito da disciplina Economia e Políticas Económicas, regida pelo Prof. Francisco Mafra, realizou-se, no dia 5 de Fevereiro de 2014, uma visita guiada ao Museu do Dinheiro do Banco de Portugal, em Lisboa, e ainda à antiga igreja de S. Julião, recentemente restaurada, e que dentro de alguns meses será a sua nova sede.

Correio da Usalma, n.º 34, p. 15 e 16

Ida ao Teatro: Grande Revista à Portuguesa

A Revista à Portuguesa voltou ao palco do Teatro Politeama e, como já vem sendo hábito, fomos assistir ao espetáculo, no dia 18 de outubro de 2013.

Profalmada, n.º 32, p. 20

Visita aos bastidores do Teatro D. Maria II

No passado dia 27 de Janeiro de 2014, visitámos os bastidores do Teatro D. Maria II.

Viagem à Galiza

Nos dias 29 e 30 de abril e 1 e 2 de maio de 2014, realizou-se uma viagem cultural à Galiza, no âmbito da disciplina História da Cultura e da Arte, da Prof. Júlia Carrapo, aberta a outros professores e alunos da USALMA.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 14 e 15

327

Visita dupla

As turmas de Língua e Cultura Portuguesa, Iniciação ao Jornalismo e Literatura Portuguesa, acompanhadas das respetivas professoras, Edite Prada e Glória Brito, realizaram uma dupla visita de estudo, no dia 21 de maio de 2014: ocuparam a manhã na Casa Fernando Pessoa e a tarde na Fundação José Saramago.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 15

Rota do Românico

Nos dias 23, 24 e 25 de maio de 2014 foi efetuada uma visita a Guimarães e à bacia dos rios Sousa e Tâmega, para uma visita de estudo a uma das zonas mais ricas em monumentos de estilo Românico.

Correio da Usalma, n.º 35, p. 20

Usalma visita Torre do Tombo

No dia 3 de novembro de 2014, um grupo de seniores da USALMA, sob iniciativa da disciplina de Língua e Cultura Portuguesa, rumou em direção à Torre do Tombo, para ver uma breve exposição de documentos de tempos diversos e em materiais variados.

Correio da Usalma, n.º 36, p. 15

Visita de Estudo à Sé de Lisboa

No dia treze de dezembro de dois mil e catorze, realizou-se uma visita de estudo à Sé de Lisboa, em sede da disciplina de História de Arte, orientada pelo Prof. Jerónimo de Matos.

Correio da Usalma, n.º 37, p. 13

Portugal à Gargalhada

Foi este desafio que, mais uma vez, nos levou até ao Politeama e, na verdade, o objetivo foi alcançado. Desta vez, fomos 90 e todos nos divertimos imenso!

Profalmada, n.º 36, p. 12

Ida aos Fados

No dia 6 de março de 2015, o *Marquês da Sé*, em Lisboa, foi lugar de encontro e de partilha para os mais de 30 participantes, na nossa Ida aos Fados.

Profalmada, n.º 36, p. 12

Visita ao Mosteiro de Alcobaça e Mosteiro de Santa Maria de Cós

No dia 20 de março de 2015 realizámos uma visita ao Mosteiro de Alcobaça, classificado como Património da Humanidade e como Monumento Nacional.

Profalmada, n.º 37, p. 11

Descida do Guadiana. Castro Marim e Mértola

25 e 26 de abril de 2015. Chegamos a Alcoutim, partimos do cais local e iniciamos a descida do Guadiana, com interrupção na foz do Odeleite, para almoço. Prosseguimos, depois, até Vila Real de Santo António, Castro Marim e Mértola.

Profalmada, n.º 37, p. 10

Circuito Holanda e Bélgica

Viagem efetuada de 14 a 17 de maio de 2015.

Profalmada, n.º 37, p. 10

Espetáculo de Filipe La Féria

No dia 5 de junho de 2015, na sala Preto e Prata do Casino Estoril, assistimos ao musical intitulado *A Noite das Mil Estrelas*.

Profalmada, n.º 37, p. 11

Viagem pela Croácia, Eslovénia e Bósnia Herzegovina

Deslocação de 20 a 27 de junho de 2015, em primeira viagem, e de 23 a 30 de julho, numa segunda viagem.

Profalmada, n.º 37, p. 12 e n.º 38, p. 11

Visita ao Teatro Municipal Joaquim Benite e encontro com Rodrigo Francisco

Prof. Lurdes Cruz

No dia 29 de novembro de 2014, alguns alunos de Inglês e Alemão da Universidade Sénior de Almada abdicaram de umas horas livres do seu sábado para, juntamente com os professores, participarem na iniciativa que lhes foi proposta - visitarem o Teatro Municipal Joaquim Benite e, de seguida, ouvirem Rodrigo Francisco e com ele dialogarem, a propósito de Ernest Hemingway, o autor que inspirou a peça *Kilimanjaro*, estreada em dezembro. O pacote cultural haveria de ser completado com uma nova ida ao teatro, no dia 7 de dezembro, para assistirem à referida peça.

Cerca de setenta alunos da USALMA estiveram envolvidos neste programa, que faz parte do plano de atividades a desenvolver ao longo de 2014/2015 pelo grupo disciplinar de Inglês/Alemão.

O interesse com que os visitantes acompanharam o ator Miguel Martins, o guia da visita, foi notório. A sua simpatia e vontade de a todos querer responder conquistaram quem o seguiu. A este propósito escreveu Manuela Silva, um dos elementos do grupo, no seu depoimento sobre a iniciativa: *Primeiro que tudo tenho que mencionar a total disponibilidade do nosso Cicerone para nos mostrar as diferentes valências do teatro, sempre pronto para nos dar as ex-*

plicações necessárias e responder a todas as dúvidas... Sem qualquer pressa, parecia ter todo o tempo do mundo para nos aturar.

Encanta, realmente, ser-se tão bem recebido!

Através dos vários espaços percorridos, os professores e estudantes da USALMA foram-se familiarizando com o âmbito de um edifício de que, na maior parte dos casos, apenas conheciam uma ou duas salas. Aprofundando os seus conhecimentos sobre a história do Teatro Municipal Joaquim Benite e a carreira de quem lhe deu o nome, tiveram ainda a oportunidade de, ao ver a exposição patente, recordar nomes e rostos bem seus conhecidos.

E chegou finalmente o momento aguardado por muitos com alguma curiosidade. Tendo havido a preocupação de, nas aulas, se sensibilizar e levar à pesquisa de informação sobre a grande figura que foi Ernest Hemingway, sabiam ao que iam. E Rodrigo Francisco, o homem esperado, apareceu. Procurando, de modo muito informal, a proximidade do grupo, deleitou com o seu saber e com a boa disposição e afabilidade que o caracterizam. Manuela Silva, que esteve na assistência, descreveu assim o encontro: “O Rodrigo Francisco é um comunicador nato e perfeito conhecedor do tema Ernest Hemingway... Foi muito agradável ouvi-lo e acho que o tempo passou demasiado depressa. Tinha lá ficado mais um par de horas...”

Apesar de não haver pressas, a verdade é que se havia interrompido um ensaio para se poder ocupar o espaço em que decorreu esta amena conversa. E o bom senso ditou a hora de terminar o encontro.

Conduzido o grupo à sala principal, de novo foi dada a oportunidade de serem colocadas questões e, uma vez mais, Miguel Martins soube encontrar as respostas adequadas.

Culturalmente enriquecidos e decerto motivados para um conhecimento mais profundo da obra de Hemingway, os alunos da USALMA saíram satisfeitos pelo modo como foram acolhidos num espaço que é de todos e que ficaram agora a conhecer melhor – o Teatro Municipal Joaquim Benite.

Correio da Usalma, n.º 37, p. 14

Visita a Constância

No dia 13 de março de 2015, as turmas de Literatura Portuguesa e de Língua e Cultura Portuguesa visitaram Constância, com o objetivo de visitar o *Centro de Ciência Viva* e o *Horto de Camões*.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 15

Visita de Estudo ao Mosteiro da Batalha

No dia 9 de abril de 2015, realizou-se uma visita de estudo ao Mosteiro da Batalha, no âmbito das disciplinas da USALMA - História de Arte, do Professor Jerónimo de Matos, e Museus, Identidade e Memória, do Professor José Brandão.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 15

Viagem de estudo a Madrid e Toledo

De catorze a dezassete de Abril de 2015, realizou-se uma viagem de estudo a Madrid e Toledo, no âmbito da disciplina História da Cultura e da Arte, dos Professores Júlia Carrapo e Jerónimo de Matos, aberta a professores e alunos da USALMA.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 15

Viagem a Ceuta e outras cidades do sul de Espanha

A Apcalmada-USALMA realizou, de 23 a 26 de abril de 2015, uma viagem cultural a esta cidade, por iniciativa da disciplina de Geografia e História Económica de Portugal, lecionada pelo Prof. Francisco Mafra.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 20

Visita à Biblioteca Municipal de Almada

Os alunos de Língua e Cultura Portuguesa visitaram, no dia 18 de maio de 2015, a Biblioteca Municipal de Almada, tendo tido como cicerone entusiasta a Dra. Margarida Raimundo.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 20

Visita à TAP

No dia vinte de Maio de 2015, a professora de TIC, Domitila Cardoso, em colaboração com o professor Armando Napoleão, fez uma visita ao Aeroporto de Lisboa, para efetuarmos uma visita às instalações da TAP - Transportes Aéreos Portugueses.

Correio da Usalma, n.º 38, p. 20

Pavilhão do Conhecimento

No dia 23 de outubro de 2015, organizada pela área de TIC, realizou-se uma visita de estudo à exposição *Pordata Viva - o Poder dos Dados*, no Pavilhão do Conhecimento, no Parque das Nações, em Lisboa.

Correio da Usalma, n.º 39, p. 9

Estremadura Espanhola: Pátria dos Conquistadores da América

De 26 a 28 de novembro de 2015, um grupo de alunos da USALMA rumou a Espanha, para visitar locais relevantes da cultura estremenha.

Correio da Usalma, n.º 39, p. 10

II - Uma Palavra Um Alento

Projeto de Voluntariado *Uma Palavra Um Alento*

Prof. Maria Carreiras

Não nascemos apenas para nós mesmos (Cícero, 106 – 43 a.C.).

O Projeto *Uma Palavra Um Alento* destina-se a levar um alento a quem está só: uma palavra amiga, um pouco de companhia, a leitura de um livro ou de uma revista, um pequeno passeio pela rua ou, simplesmente, uma atitude de escuta para com quem tem, muitas vezes, uma necessidade enorme de falar... um gesto de solidariedade.

Em sociedade somos todos interdependentes e, ser voluntário, é estar atento aos outros, é ser corresponsável.

Sentimo-nos mais felizes, quando contribuímos para a felicidade dos outros.

Assim nasceu *Uma Palavra Um Alento*, projeto de animação no domicílio.

Criado em março de 2010, desenvolve-se em parceria com o Grupo Concelhio de Idosos de Almada – GCIA, uma parceria informal, integrada na rede social local, composta pelo Município, pela Segurança Social e por todas as Instituições Particulares de Solidariedade Social do concelho de Almada, com intervenção com pessoas idosas.

O Projeto de Voluntariado *Uma Palavra Um Alento* tem como missão combater a solidão e o isolamento dos idosos e outros dependentes, que não desejam ser institucionalizados.

É um complemento positivo do serviço de Apoio Domiciliário prestado pelas instituições. Este projeto distingue-se pela sua metodologia de intervenção e acompanhamento, pois atua no domicílio, contribuindo para melhorar a qualidade de vida dos idosos.

É de referir que, pela sua especificidade, está divulgado no Banco Internacional de Dados das Cidades Educadoras (BIDCE).

No encontro Plataforma Supraconcelhia da Península de Setúbal *Vida Ativa entre Gerações*, realizado em novembro de 2012, na Moita, entre outros projetos, *Uma Palavra Um Alento* mereceu referência especial por ser o único de intervenção domiciliária.

No V Congresso das Cidades Educadoras, ocorrido em Braga, a 17 de maio de 2013, a Câmara Municipal de Almada indicou e apresentou este projeto da Apcalmada, integrado no tema *Solidariedade e Segurança*.

A convite da Câmara Municipal de Almada e com a apresentação do projeto *Uma Palavra Um Alento*, participámos no Seminário “Almada cidade que inclui”, no dia 14 de setembro de 2013, no auditório Fernando Lopes Graça, em Almada.

No XIII Congresso Internacional das Cidades Educadoras, realizado em Barcelona de 13-16 novembro de 2014, a Câmara Municipal de Almada projetou-o integrado no tema *A Cidade Inclusiva e a População Sénior*.

Participámos no *Congresso Distrital da Anciania - pessoas de mais idade*, organizado pelo Instituto das Comunidades Educativas, no dia 5 de novembro de 2015, na Escola Superior de Saúde, em Setúbal, um espaço de reflexão para dar voz aos idosos.

O projeto foi, ainda, alvo de referência, no VI Congresso Nacional das Cidades Educadoras Cidades Adaptadas(áveis), realizado de 11 a 13 de novembro de 2015, em Almada.

Neste âmbito foram oportunidades de divulgação da dinâmica do projeto que tem vindo a merecer o reconhecimento das instituições parceiras, dos utentes que dele beneficiam, dos familiares e dos voluntários que o integram.

Tem sido nossa preocupação a motivação de mais voluntários e instituições, para que o projeto seja cada vez mais abrangente.

Por último, o testemunho de Roberto Crema: Psicólogo, Antropólogo, Reitor da Unipaz (Universidade Internacional da Paz)

Que muitos possam desfrutar. Que outros possam continuar....

A luz do sol é para as flores
o mesmo que o sorriso é para os amigos.
São apenas coisas pequeninas, é verdade,
mas distribuídas ao longo da vida
brindam-nos com um bem precioso.

Joseph Addison

Testemunho de *Fátima Carvalho*

Foi com muito interesse e satisfação que o Centro Social Paroquial de Vale Figueira aderiu como parceiro ao projeto, promovido pela Associação de Professores do Concelho de Almada (Apcalmada), *Uma Palavra Um Alento*. *Projeto esse, que visa minorar a solidão dos beneficiários dos serviços de apoio domiciliário das Instituições aderentes, através da visita de voluntários que proporcionam momentos de convívio, animação e de muito carinho e empatia.*

Trata-se de um projeto que consegue fazer a diferença no dia-a-dia de muitos idosos, que, se não existisse, teriam uma vivência de quase permanente solidão. As equipas visitadoras da Apcalmada conseguem, pelo menos uma vez por semana, trazer alguma cor em vidas demasiado cinzentas.

São projetos como este que merecem ser divulgados como indicadores de boas práticas para que possam ser disseminados e multiplicados. A população idosa, pelo menos a do Concelho de Almada, agradece.

Parabéns pela iniciativa e muito obrigada.

III- PLALE

Projeto aprendizagem ao longo da vida - PLALE

Prof. Lurdes Cruz

Playing for Learning (PLALE) é o primeiro projeto no âmbito do programa “Aprendizagem ao Longo da Vida - Parcerias de Aprendizagem Grundtvig” em que a USALMA participa. A sua coordenação internacional está sediada em Pavia, mais concretamente na Università della Terza Età (UNITRE), donde partiu a iniciativa de candidatura e procura de parceiros para a viabilizar. Convidada por esta instituição, a Associação de Professores do Concelho de Almada (Apcalmada) entendeu estar perante uma excelente oportunidade de promover e diversificar estratégias de ensino-aprendizagem de línguas não maternas, de encorajar o desenvolvimento de competências digitais e criar um espaço de comunicação em que adultos com diferentes culturas e línguas pudessem interagir entre si e enriquecer-se reciprocamente mediante um conhecimento mais profundo do Outro. Por estas razões a Apcalmada aceitou o desafio de integrar o projeto. Motivos semelhantes terão levado outros tantos parceiros a querer trabalhar em conjunto. Reconhecida a pertinência dos objetivos e a coerência das propostas apresentadas para o seu desenvolvimento, o projeto PLALE mereceu a aprovação das Agências Nacionais de todos os parceiros candidatos. Durante dois anos sete países representantes de várias instituições irão, em conjunto, pôr em prática um trabalho colaborativo e reflexivo sobre os benefícios da introdução de práticas teatrais no ensino-aprendizagem de línguas não maternas, esperando, através da disseminação dos resultados alcançados, poder vir a encorajar mudanças metodológicas e didáticas que revertam a favor de uma apropriação mais eficiente e prazenteira de línguas estrangeiras.

Na USALMA um grupo de treze professores decidiu integrar e apoiar o projeto, enriquecendo-o com os seus saberes e articulando o trabalho que desenvolvem com os grandes objetivos do PLALE.

Abaixo o elenco dos países e instituições que juntos continuam a apostar numa aprendizagem ao longo da vida com qualidade e muito latas dimensões:

- Itália (Pavia) - Università della Terza Età (UNITRE) - coordenação geral do projeto
- Alemanha (Berlim) - Laboratorio Teatro Tra le Righe
- Espanha (Burgos) - Universidad Popular para la Educación y Cultura de Burgos (UNIPPEC)
- França (Bordéus) - English Com'Eddy Theatre
- Portugal (Almada) - Associação de Professores do Concelho de Almada (Apcalmada)

- Roménia (Bacau) – Scoala Populara de Arte si meserii din Bacau
- Suécia (Uppsala) – Wiks Folkhögskola

1.º Encontro de Parceiros

Entre 5 e 8 de dezembro de 2013 decorreu em Itália, na cidade de Pavia, com a presença de catorze representantes das várias instituições parceiras, o primeiro encontro do projeto *Grundvig Playing for Learning* (PLALE).

A Universidade da Terceira Idade de Pavia é na Universidade da Terceira Idade de Pavia (UNITRE), uma associação voluntária não-lucrativa, nascida em 1989, que se encontra sediada a coordenação geral do PLALE. O encontro permitiu conhecer de perto aquela instituição, um “projeto de vida” cujos objetivos primordiais passam por dar resposta a necessidades de aprendizagem e integração de uma população adulta, valorizando as suas competências culturais e sociais. Aberta à diferença e consequentemente a todos os que a queiram frequentar a UNITRE reconhece a importância da aprendizagem ao longo da vida mas procura também, através das suas iniciativas recreativas e sociais, contribuir ativamente para uma melhor qualidade de vida dos seus utentes, não descurando o combate à solidão que, por vezes, se instala entre gerações de idade mais avançada. Perfeitamente integrada no tecido social da cidade de Pavia e reconhecido o seu valor enquanto instituição promotora do conhecimento e do bem-estar de todos os cidadãos que a ela recorrem, a UNITRE conta com a colaboração de 250 professores voluntários que assumem a lecionação de várias áreas do saber, sendo que, entre as mais procuradas se situam as línguas estrangeiras. Atualmente é oferecida a possibilidade de aprender árabe, francês, japonês, inglês, espanhol e alemão. No presente ano letivo inscreveram-se na UNITRE 1495 estudantes, 1112 mulheres e 383 homens, com faixas etárias compreendidas entre os 30 e mais de 80 anos (13 alunos entre os 30 e os 39 anos; 35 entre os 40 e 49 anos; 129 entre os 50 e os 59 anos; 708 entre os 60 e os 69 anos; 436 entre os 70 e os 79 anos e 174 com mais de 80 anos).

Receção da delegação PLALE. A Casa *degli Eustachi*, um palácio de estilo gótico tardio do século XV, recuperado em 1966, foi o local selecionado para o acolhimento da delegação PLALE, aí oficialmente saudada pelo Presidente e Vice-Presidente da UNITRE.

Programa de atividades do encontro. Depois do momento formal da receção deu-se cumprimento ao programa de atividades estabelecido para o encontro na *Università degli Studi di Pavia*, a universidade mais antiga da região da Lombardia, um importante marco cultural não só para Itália como para a Europa, remontando a sua construção ao ano de 1361. As sessões de trabalho decorreram na Faculdade de Ciências Políticas e, durante a sua realização, foram abordados os assuntos considerados prioritários para o primeiro encontro do PLALE:

- discussão da temática central do projeto – a utilização de práticas teatrais ao serviço da aprendizagem de línguas estrangeiras;

- orientações para o lançamento das atividades em cada país;
- construção da página web do projeto;
- estabelecimento de regras para a produção e seleção do logotipo do projeto;
- distribuição de tarefas específicas pelos vários países participantes;
- organização do encontro seguinte, a ter lugar em Almada, de 6 a 10 de março de 2014.

Técnicas e jogos teatrais na aprendizagem de línguas estrangeiras

Breaking Barriers/"Derrubar Barreiras" foi o tema congregador selecionado, para que, usando técnicas teatrais e até ao encontro em Almada, todos os parceiros tenham a oportunidade de fazer surgir os primeiros produtos que, devidamente comentados e analisados, permitirão extrair conclusões sobre as vantagens, adesão ou dificuldades sentidas na aplicação da metodologia definida para a aprendizagem da língua em estudo. Comum a todos é, porém, a defesa de que a utilização de técnicas e jogos teatrais se adapta a qualquer público e, particularmente, ao universo dos adultos que frequentam as instituições onde trabalham.

Despedida

Levando consigo imagens de rostos que se empenham na prossecução dos objetivos do PLALE, nas suas diversas dimensões, bem como imagens de uma cidade tranquila e acolhedora, a delegação do PLALE despediu-se dos seus pares e de Pavia, projetando expectativas para o segundo encontro, que se realizará em Almada, entre 6 e 10 de março próximo.

Correio da Usalma, n.º 37, p. 7-8

Projeto PLALE: encontro de parceiros em Almada

Decorreu entre 6 e 10 de março, na cidade de Almada, o segundo encontro internacional do projeto *Playing for Learning* – PLALE, um projeto Grundtvig que aposta nos resultados positivos da introdução de práticas teatrais no ensino. Com a duração de dois anos, o PLALE está a ser dinamizado pela Associação de Professores do Concelho de Almada – Apcalmada e pela Universidade Sénior de Almada – USALMA.

A delegação constituída por onze representantes dos países estrangeiros envolvidos – Alemanha, Espanha, França, Itália, Roménia e Suécia □, foi recebida pelos parceiros portugueses que, para além de darem cumprimento à ordem de trabalhos prevista para o encontro, incluíram no seu programa iniciativas que permitiram o contacto com a dinâmica da USALMA, através da participação de grupos de referência no evento.

Com a boa colaboração da Câmara Municipal de Almada – CMA, os trabalhos tiveram lugar em espaços nobres da cidade gentilmente cedidos para o efeito – a Sala Pablo Neruda, no Fórum Romeu Correia, e o Museu da Cidade.

Na sessão de boas-vindas usaram da palavra a presidente da Apcalmada, o diretor da USALMA e a coordenadora local do projeto. A terminar o *Ensem-*

ble de Guitarras e Os Cavaquinhos da USALMA brindaram a assistência com a exibição de alguns números do seu repertório.

Durante o encontro os representantes do PLALE tiveram a oportunidade de relatar e comentar a implementação do projeto no contexto em que trabalham, concluindo que, apesar da diversidade dos objetivos prioritários definidos em cada instituição parceira, se salienta a confluência de opiniões no que respeita o impacto da utilização de práticas teatrais no ensino enquanto promotoras :

- da afirmação da democracia e da cidadania;
- do conhecimento mais aprofundado de si e do outro;
- da relação de igualdade entre os participantes;
- da quebra de barreiras a nível individual e na relação com o outro e o espaço envolvente;
- do reforço da autoconfiança e autoestima nos aprendentes;
- do índice de motivação e prazer revelado face à aprendizagem;
- de aquisições linguísticas rápidas e contextualizadas com elevado grau de autenticidade.

Unidos na diversidade entenderam os parceiros estar o PLALE a cumprir os seus objetivos, no sentido de desafiar mudanças de atitude e metodologias de trabalho.

Apesar do curto espaço de tempo em que decorrem os encontros internacionais do PLALE, o grupo responsável pela organização do evento procurou proporcionar a todos os parceiros um conhecimento mais profundo da cidade e da sua história. Para tal contribuíram a gentil colaboração da Divisão de Turismo de Almada - Centro Municipal de Turismo e do Museu da Cidade, que possibilitaram a oferta de visitas guiadas a partes significativas do nosso património – zona ribeirinha e Almada Velha e Museu da Cidade, respetivamente. A capital lisboeta foi outro dos destinos selecionados onde, para além da descoberta da cidade e da sua cultura, o grupo ainda pôde assistir à exibição da peça de teatro “O Templo”, autoria e encenação de Carlos Melo, pelo Grupo de Teatro da Universidade Internacional da Terceira Idade (UITI).

Os parceiros PLALE trabalharam, conviveram, aprofundaram os seus laços e separaram-se a pensar no reencontro em Bordéus. Foi um exemplo de como, unidos na diversidade, somos capazes de derrubar barreiras e lutar por causas comuns.

Projeto PLALE: 3.º Encontro Internacional de Parceiros

Entre 30 de junho e 4 de julho decorreu em França, na cidade de Bordéus, o terceiro encontro do projeto *Grundtvig Playing for Learning* (PLALE). Com exceção da Suécia todos os países envolvidos estiveram representados, tendo o grupo sido constituído por dezasseis elementos. Da delegação portuguesa fizeram parte: as professoras Dina Dourado, Esmeraldina Gralha, Maria de Fátima Rita, a coordenadora do projeto Lurdes Cruz e o encenador Carlos

Melo.

O Teatro Com'Eddy

É num espaço bem recuperado, num já idoso edifício situado junto do rio Garona, na cidade de Bordéus, que se encontra o teatro Com'Eddy, onde se desenrolaram os trabalhos relativos ao encontro.

Eddy Radburn e Karinne Michel, proprietários, representam França na nossa parceria e deram-nos o seu testemunho de como, através do teatro, promovem o ensino do inglês e alcançam, na sua opinião, os melhores resultados.

Com um universo de 85 alunos atualmente, afirma Karinne Michel que enquanto que a grande motivação dos jovens estudantes é fazer teatro, os adultos procuram essencialmente aprender a língua inglesa.

Trabalhando duas horas e meia por semana durante trinta e três sessões, os alunos aprendem, a partir de textos que lhes são dados, os conteúdos previstos para o seu nível e preparam, por fim, uma peça, da autoria de Eddy Radburn, a ser exibida no final do curso. Este ano levaram a cena "The Raining of The Shoe", peça enquadrada no tema "quebrar barreiras" e que os parceiros PLALE tiveram oportunidade de ver no último dia do encontro.

Programa de atividades do encontro

1. Formação de professores

O terceiro encontro internacional de parceiros respeitou o que havia sido acordado em Almada e teve como particular enfoque a exemplificação de dois tipos diferentes de abordagem na utilização de práticas teatrais enquanto estratégia de ensino-aprendizagem.

Eddy Radburn, em colaboração com Karinne Michel, e Carlos Melo orientaram as oficinas em que todos os participantes tomaram parte. Divergindo entre si relativamente ao ponto de partida e às línguas usadas durante o trajeto até à apresentação final de uma peça, estas duas abordagens foram postas em prática e todos tiveram oportunidade de as experimentar e comentar, tendo esta partilha dado azo a uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido e a um enriquecimento recíproco, seguramente com impacto positivo a nível pedagógico-didático.

Distinguem-se as metodologias acima referidas essencialmente pelos seguintes aspetos:

- Eddy Radburn cria todos os materiais que os seus alunos vão utilizar, sem interferência dos alunos, cuja tarefa é aprender de cor e interpretar os textos recebidos, levando-os a palco de acordo com as instruções cénicas recebidas durante os ensaios. Memorizando estes textos, os alunos estarão, em simultâneo, assimilando vocabulário e estruturas linguísticas que contribuirão para o seu domínio da língua estrangeira em estudo;
- Carlos Melo, em colaboração com Lurdes Cruz, privilegiam a criatividade dos aprendentes, deixando que as propostas de texto venham destes – normalmente na sequência do lançamento de um tema. Em cursos de ini-

ciação parte-se da utilização da língua materna, de modo a evitar constrangimentos na expressão do que querem apresentar, e só posteriormente se fixa o texto em língua estrangeira, um exercício conjunto entre alunos, encenador e professor, desempenhando estes o papel de “guias”, na parte artística e linguística, respetivamente, ajudando-os a construir na língua de estudo e de acordo com o seu nível, um objeto artístico que resulta da sua criatividade e trabalho coletivos. Apostam, na sua opção metodológica, na teoria do “se quero, posso e se preciso, aprendo”, entendendo que a motivação e a necessidade são fatores determinantes na aprendizagem.

Na oficina realizada por Carlos Melo durante o encontro o tema proposto foi “Quebrar Barreiras” e das improvisações resultantes do trabalho de vários grupos chegou-se à montagem de um produto final que as englobou a todas e que mereceu o agrado dos participantes.

2. Implementação do PLALE

De modo a assegurar o desenvolvimento coerente e coeso do PLALE foram discutidas e tomadas decisões relativamente à sua implementação em 2014-2015.

2.1. Encontros seguintes

Ficaram agendados os encontros seguintes, a saber:

4.º encontro - na Alemanha, Berlim, 16 a 20 de outubro de 2014;

5.º encontro - em Espanha, Burgos, março de 2015;

6.º encontro - na Roménia, Bacau, junho de 2015

2.2. Produtos finais

Relativamente aos produtos finais decidiram os parceiros preparar dois tipos de trabalho: um teórico, com a descrição de várias experiências realizadas e reflexão e conclusões sobre o impacto da metodologia adotada nos resultados da aprendizagem; um outro prático que será a peça final do PLALE, com o contributo de todos os países intervenientes.

Estes dois produtos irão sendo aferidos conjuntamente durante os próximos encontros. Para o de Berlim deverão todos os participantes ter enviado previamente os relatos e comentários das suas experiências.

Quanto à peça final - uma rebelião de alunos contra os tradicionais e enfadonhos métodos de ensino de línguas -, ela surgirá na sequência da oficina realizada por Carlos Melo, em Bordéus, com a integração de todas as improvisações aí propostas pelos vários grupos. Cada país deverá ser responsável pela elaboração da parte do texto correspondente à sua improvisação, com as respetivas propostas dramatúrgicas, a saber: Roménia - cena de sala de aula, em que a professora se confronta com o descontentamento dos alunos; Espanha - contacto telefónico para organização de uma viagem com vista à participação numa manifestação a favor de um ensino de línguas não maternas mais ativo e participado; Alemanha e Itália - manifestação; Portugal - cena em família; França - encontro curioso num parque.

A exibição da peça, com a presença de alunos de todas as nacionalidades,

far-se-á em Bacau, na Roménia.

2.3. Reforço dos laços entre parceiros e despedida

Cada encontro de parceiros é sempre uma oportunidade única não só para aprofundar laços profissionais e pessoais entre os que já participaram noutras mobilidades, como também para integrar e bem receber quem se apresenta pela primeira vez. Bordéus honrou este princípio e Eddy Radburn e Karinne Michel souberam criar uma agradável atmosfera de trabalho bem como momentos de convívio propícios ao estreitamento das relações interpessoais.

Juntando trabalho e lazer despediram-se da equipa PLALE oferecendo-lhes a exibição da peça “The Raining of the Shoe”, da autoria de Eddy Radburn. Karinne Michel colaborou nos figurinos. Para além de exporem o resultado do seu trabalho permitiram ainda a interação de todos os parceiros com os alunos-atores durante o “buffet” que gentilmente organizaram para encerramento das atividades.

Tendo reforçado, também entre si, a sua já boa relação, a equipa portuguesa deixou Bordéus com gratas recordações e entusiasmo para prosseguir a implementação do PLALE no seu país.

Projeto PLALE: 4.º Encontro Internacional de Parceiros

Foi na Alemanha, em Berlim, que decorreu entre 16 e 20 de outubro o quarto encontro internacional do projeto *Grundtvig Playing for Learning - PLALE*. Com exceção da Suécia todos os países envolvidos estiveram representados. A delegação portuguesa contou com a presença da presidente da Apcalmada, Lourdes Albano, da coordenadora do projeto, Lurdes Cruz, e do encenador Carlos Melo.

Tendo como locais de trabalho o hotel Sarotti e o Instituto de Romanística da Universidade Humboldt, os parceiros deram aí cumprimento ao programa do encontro, dividido em três grandes etapas:

- partilha e discussão, no seio do grupo, de experiências realizadas ao longo do primeiro ano da implementação do PLALE e da reflexão feita a respeito da utilização de práticas teatrais no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras;
- encontro com diversos convidados externos, alguns ligados ao “Teatro Tra le Righe”, cuja diretora é a nossa parceira de Berlim;
- tomada de decisões relativamente à organização e produção dos produtos finais do PLALE, nomeadamente módulo final e peça, bem como à preparação do encontro em Bacau, na Roménia, que encerrará as atividades do projeto.

Primeiro dia de trabalho

Apesar de todos os parceiros utilizarem convictamente as práticas teatrais enquanto estratégia de ensino-aprendizagem há, em cada um, especificidades e prioridades que o distinguem dos outros. Aprofundar as semelhanças

e diferenças para melhor se entender o impacto do uso dessas estratégias na aquisição de conhecimentos foi um dos enfoques da primeira sessão de trabalho conjunto. Será interessante dar uma perspectiva dos diferentes pontos de partida e percursos efetuados dentro do grupo.

Os parceiros de França partem de textos que são escritos pelo professor e repetidos pelos alunos, dentro e fora da aula, com o apoio de suporte áudio, textos esses que devem inevitavelmente ser cômicos, pois é o humor que lhes está subjacente que gera a atmosfera descontraída que vai desinibir o aprendente face à aquisição da língua em estudo. Os pequenos *sketches* iniciais irão ganhando complexidade e conduzirão à exibição de uma peça que continua a ser da autoria do professor.

Em Itália está-se bastante mais centrado na valorização da expressão corporal, no papel que o corpo desempenha ao nível da comunicação e na construção de textos com a utilização de várias línguas. O trabalho desenvolvido tem tido como alvo professores.

Em Espanha o uso da improvisação associada à dança e à música tem-se revelado de grande utilidade e sucesso junto do público jovem que aprende línguas na Universidade Popular de Burgos. Ao contrário do que sucede em França, entendem os parceiros que pode haver vantagens em serem os próprios alunos a escrever os *sketches* que virão a representar.

Na Roménia existem duas abordagens a decorrer paralelamente na Universidade de Bacau. Com os estudantes que frequentam o curso de literatura. A colega do PLALE parte de um texto literário que virá a ser transformado por eles e, posteriormente, ensaiado para exibição da peça resultante deste processo. Com alunos seniores usam-se dramatizações para treino da pronúncia e do funcionamento da língua.

A parceira que representa a Alemanha utiliza há 28 anos, no Laboratório Teatro *Tra le Righe*, o teatro como uma reação aos métodos de ensino magistral com que se confrontou na Universidade Humboldt. Escolhendo para o seu curso autores que desempenharam um papel relevante no derrubar de barreiras, parte dos seus textos para, depois de os analisar e traduzir, chegar à construção e exibição de uma peça neles inspirada.

Portugal tem orientado o seu trabalho e intervenção no PLALE partindo do princípio de que são as necessidades imediatas subjacentes à vontade de comunicar num determinado contexto, bem como o impulso gerado pelas emoções e pela criatividade de cada um, que motivam para a aprendizagem. O texto surge no fim de um percurso e não como ponto de partida, sendo construído a partir de propostas e opções dos alunos, numa forte interação com os seus pares. O papel do professor será o de facilitador da comunicação, recebendo as propostas dos alunos e transformando-as com eles em atos de fala, linguisticamente corretos, adaptados ao seu nível e à situação e contexto em que se vão inserir.

Aparentemente separados, à partida, por opções de metodologia, especifi-

idades e prioridades diferentes, na verdade todas as opiniões dos parceiros PLALE convergem quando se trata de justificar a defesa da adoção de práticas teatrais enquanto estratégia com sucesso no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Foi isso que se verificou ao longo das várias intervenções, das quais resultaram as conclusões abaixo identificadas.

O uso de práticas teatrais:

- ativa outras formas de comunicação, para além da verbal;
- promove a criatividade;
- valoriza as emoções;
- cria uma atmosfera de trabalho descontraída;
- desinibe os aprendentes;
- combate a timidez;
- fortalece a relação entre os intervenientes;
- reforça a auto-confiança;
- motiva para a aprendizagem;
- é eficaz em todas as faixas etárias.

Consciente da necessidade de divulgar a experiência vivida ao longo da parceria, de modo a propagar os benefícios reconhecidos na utilização de práticas teatrais e contribuir para a sensibilização e formação de outros docentes, o grupo terminou a sua sessão de trabalho refletindo sobre a organização do módulo final do PLALE – uma descrição do projeto, dos parceiros, do trabalho realizado, conclusões gerais e pistas para o futuro.

Segundo dia de trabalho

Foi no Instituto de Romanística da Universidade Humboldt, que os parceiros se reuniram no segundo dia.

A mesa redonda programada para o encontro contou com a presença de vários convidados, uns mais ligados ao mundo do teatro como Andrzej Wirth, outros ao da música como Alessandro Tomaselli, outros ao ensino, como Wolfgang Barth e outros ainda na qualidade de fazedores de teatro ou atores na peça “Animali” - uma produção do Laboratorio Teatro Tra le Righe no ano letivo transato, no âmbito do PLALE. Cada um deixando vir ao de cima o que, de acordo com a sua formação, assume maior relevância, foi interessante para os mentores do “Playing for Learning” ouvir os seus depoimentos.

342

Andrzej Wirth é um dos fundadores do Laboratorio Teatro Tra le Righe e diretor fundador do Instituto de Estudos de Teatro Aplicado da Universidade Justus Liebig de Gießen. Ao longo da sua carreira, orientou vários projetos de teatro com estudantes universitários da Europa, América e Austrália. Estudioso de Bertolt Brecht, Jerzy Grotowski e Robert Wilson têm vários escritos na qualidade de crítico de teatro. Afirmando que aprendeu línguas memorizando textos, considera que pôr a representação ao serviço da aprendizagem de línguas estrangeiras é não só dar continuidade à teoria de Brecht do fazer-se teatro sem espectadores, em benefício dos atores, mas também recorrer a uma estratégia cuja utilização ainda se encontra muito aquém das

suas potencialidades. A tomada de consciência da musicalidade da língua que se estuda foi um dos aspetos que lhe mereceu particular atenção, nas palavras que dirigiu à assistência.

Alessandro Tomaselli distribui a sua atividade pela área musical, pelo jornalismo e pela fotografia. Autor de várias canções, vocalista, guitarrista, tem passado por vários géneros musicais, procurando também nas suas produções ligar harmoniosamente a poesia e o rock. Em conformidade com a sua formação defendeu os benefícios que a música pode trazer quando integrada no ensino de línguas estrangeiras, mas também, enquanto fotógrafo habituado a procurar perspetivas interessantes, tem acompanhado com curiosidade o desenvolvimento do PLALE, um projeto que explora pontos de vista diferentes relativamente à metodologia adotada, aguardando os seus resultados.

Wolfgang Barth, vindo expressamente de Hamburgo para o encontro, diretor de teatro e docente, defendeu com convicção as vantagens do recurso a práticas teatrais no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Baseando-se, por um lado, na sua experiência enquanto aluno que as usou, por outro, na sua atividade como professor, realçou o papel determinante que elas desempenham na motivação gerada para a aprendizagem. Partindo da improvisação da situação para o texto explicou bem claramente a prioridade dada ao trabalho interior – a busca do conflito – para depois se passar ao trabalho exterior. A intervenção levou ainda a uma reflexão sobre diferenças entre o teatro americano, o teatro europeu e, dentro deste, o teatro alemão, relativamente ao tempo investido na discussão e definição das características das personagens ao longo da feitura de uma peça.

Entre outros depoimentos e relatos de experiências refira-se uma de teatro aplicado, exibido em locais alternativos, tendo como palco uma quinta, um hotel, uma loja, uma cave ...utilizando, por exemplo, atores que dançavam reproduzindo os gestos e o ritmo associados à sua profissão ...

Terminada a mesa redonda e refletindo sobre o muito que se ouvira, de novo chegámos a conclusões idênticas às verificadas no nosso grupo – vários intervenientes, abordagens diversas, mas sempre a mesma convicção de que o uso de jogos e práticas teatrais constitui uma alternativa eficaz e a explorar no ensino de línguas estrangeiras, recurso este que não exclui a incorporação de outras componentes.

Terceiro dia de trabalho

O grupo PLALE recebeu, neste último dia, a visita de Jürgen Weissenborn, professor de psicolinguística na Universidade de Potsdam, com uma lata pesquisa feita sobre aspetos fonológicos, lexicais, sintáticos e neurofisiológicos da aquisição linguística em tenra idade e enfoque na emergência do conhecimento gramatical nas primeiras fases do seu desenvolvimento.

Após apresentação e contacto com o investigador, todo o tempo restante foi dedicado à discussão e planeamento de questões ligadas à implementação e conclusão do Projeto, tendo sido tomadas decisões quanto ao se segue:

- peça a apresentar em Bacau - este produto final comum resultará da junção do contributo de todos os parceiros, pelo que, até ao próximo encontro, cada país deverá preparar a cena que lhe compete;
- módulo final do PLALE - estrutura, organização, edição e disseminação;
- 5.º encontro internacional de parceiros – agendado para os dias 25 a 29 de março de 2015, em Espanha (Burgos);
- 6.º encontro internacional de parceiros – encontro final e encerramento das atividades do PLALE, a ter lugar na Roménia, em Bacau, na semana de 20 a 28 de julho.

Outras atividades

Após longos dias de trabalho, os parceiros participantes no encontro de Berlim dispuseram de alguns momentos de convívio em que aprofundaram os seus laços. Não tendo restado tempo significativo para uma visita à cidade, a vivência mais empolgante foi sem dúvida a do concerto da Filarmónica de Berlim, orquestra considerada há alguns anos como uma das dez melhores da Europa. Nessa noite, numa sala extraordinária, o grupo deleitou-se ouvindo Mozart e Strauss.

E tudo teria corrido bem, não fora uma greve da Lufthansa que nos reteve em Berlim e após um dia de intermináveis filas no aeroporto para remarcação de voo nos obrigou, no dia seguinte, a saltar de Berlim para Colónia e daqui para Frankfurt, com algumas aventuras e ansiedade pelo caminho, até conseguirmos entrar num avião da TAP-Air Portugal, rumo a Lisboa ...

Projeto PLALE: 5.º Encontro Internacional de Parceiros

Foi em Espanha, na cidade de Burgos, que decorreu entre 25 e 29 de março de 2015, o quinto encontro internacional do projeto Grundtvig Playing for Learning - PLALE. Com exceção da Alemanha todos os países envolvidos estiveram representados. A delegação portuguesa foi constituída pela coordenadora do projeto, Lurdes Cruz, e pelo encenador Carlos Melo.

Os trabalhos desenrolaram-se na UNIPEC – Universidad Popular Para la Educación y Cultura de Burgos, uma instituição que se propõe promover a participação social e a aprendizagem ao longo da vida, tendo em vista uma melhor formação e o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens e adultos que a frequentam.

344

O encontro em Burgos, o penúltimo do PLALE, teve como principal ponto da ordem de trabalhos uma reflexão sobre a implementação do projeto nos diferentes países parceiros até ao momento, com especial atenção para a preparação dos diversos *sketches* que, no seu todo, concorrerão para a peça final a ser apresentada em Bacau, na Roménia, no próximo mês de julho.

Num primeiro contacto com a instituição e encontro com a sua diretora, o grupo teve a possibilidade de ouvir uma breve explicação sobre o funcionamento da UNIPEC, seguida de uma visita às suas instalações, um espaço recentemente recuperado e projetado para bem servir o fim a que se destina. Através de amplos e bem iluminados corredores, decorados com trabalhos re-

alizados pelos alunos, os parceiros PLALE foram-se integrando na UNIPEC e conhecendo alguns dos muitos docentes que aí desenvolvem a sua atividade.

Recebidos também na Câmara Municipal de Burgos, ficou provado o interesse e acompanhamento do projeto pelos órgãos autárquicos locais. O grupo foi ainda brindado com uma resenha histórica sobre a cidade e uma visita ao edifício, rico em obras de arte.

Ao longo de dois dos três dias de trabalho, primeiro pela UNIPEC e depois por todos os parceiros, foram apresentados os sketches que, de acordo com o que havia ficado acordado em encontros anteriores, constituirão o fio condutor da peça final global. Com a exposição das dificuldades encontradas durante o percurso de trabalho e a análise dos produtos submetidos à apreciação do grupo, estas sessões deram azo a uma reflexão profunda sobre a metodologia defendida pelo PLALE, a sua aplicação em sala de aula e exemplificação de técnicas facilitadoras para o seu êxito. A experiência da equipa portuguesa neste domínio bem como a formação académica e profissional de Carlos Melo na área do teatro, permitiram uma intervenção ativa e decisiva para o avanço da peça final do PLALE.

O último dia do encontro foi especialmente dedicado à preparação do encerramento do projeto, em particular no que respeita à mobilidade a Bacau: aspetos logísticos e apresentação de produtos finais.

Presentes em várias aulas, de línguas e não só, o grupo PLALE pôde experimentar o pulsar da UNIPEC e da cidade de Burgos.

Cruzar pessoas, saberes e culturas, no âmbito de um objetivo comum - o *Playing for Learning* - foi o que de novo aconteceu, desta vez em terras de Espanha!

Correio da Usalma, n.º 38, p. 12

Projeto PLALE: 6.º Encontro Internacional de Parceiros

Foi na Roménia, na cidade de Bacau, que decorreu entre 13 e 19 de julho o sexto encontro internacional do projeto Grundtvig “*Playing for Learning*” - PLALE. Todos os países envolvidos estiveram representados através de professores e alunos. A delegação portuguesa foi constituída pela Presidente da Apcalmada, Lourdes Albano, pelo Diretor da USALMA Jerónimo de Matos, pela coordenadora do projeto, Lurdes Cruz, pelas professoras Domitila Cardoso e Esmeraldina Gralha, pelo encenador Carlos Melo e por um grupo de três alunos.

Os grupos começaram por ser recebidos na Universidade de Bacau “*Vasile Alecsandri*”, cerimónia de que a delegação portuguesa se viu privada por contratempos inesperados relacionados com o seu voo. Tomou, porém, já parte na visita que foi feita à Câmara Municipal, representada por Ionel Floriou e Luciana Pascu que apresentaram Bacau aos visitantes, referindo aspetos culturais, económicos e de relações internacionais. Nos restantes dias as atividades concentraram-se no “*Ateneu*” da Filarmónica “*Mihail Jora*”, local onde decorreram os ensaios e exibição da peça conjunta “*Breaking Barriers*”,

um dos produtos finais do PLALE.

Com o valioso trabalho dramático realizado por Carlos Melo que orientou todos os grupos, com a colaboração de Sarah Grether da Alemanha, responsável pela dança moderna que veio a integrar a peça, e ainda com a inabalável vontade de todos os participantes, “Breaking Barriers” tornou-se sucesso, perante larga audiência, no dia 16 de julho, coroando de glória os seus intervenientes, bem como dois anos de prazenteiro trabalho em que as técnicas teatrais foram postas ao serviço da aprendizagem de línguas estrangeiras.

As parceiras romenas quiseram dar provas do seu interesse pelo teatro e fizeram questão de divulgar outros trabalhos por elas realizados neste âmbito, a saber a peça “Overtones” de Alice Gerstenberg, trabalhada por um grupo de alunas de Catalina Balinisteanu, da Faculdade de Letras da Universidade “Vasile Alecsandri”, bem como uma descrição das atividades levadas a cabo no Departamento de Francês por Emilia Munteanu.

Durante os restantes dias passados em Bacau a equipa do PLALE discutiu e preparou a elaboração do relatório final do projeto. Teve ainda a oportunidade de visitar o Centro Cultural “George Apostu”, onde assistiu a um programa artístico com usos e tradições da região.

Chegado o momento do regresso todos abandonaram a Roménia com a consciência de terem vivido uma experiência simplesmente inesquecível.

Testemunhos

Conviver...é aprender

Aluna Ana Andrade

A aventura desta família (poliglota), com avós e netos, não começou no dia 13 de julho, mas sim no início do ano letivo, natural e voluntariamente... todas as sextas feiras, no espaço destinado aos nossos encontros semanais na igreja de Almada. Com o apoio de duas pessoas muito importantes, imprescindíveis e dedicadas, ao longo do nosso percurso, fomos aprendendo, crescendo, e com empenho e esforço alcançámos o nosso objetivo... representar em teatro.

No dia 14 de junho apresentámos em Almada as cinco cenas que constituíam a peça que preparámos e depois, tal como já estava previsto, o grupo da cena da família viajou até à cidade de Bacau, na Roménia... onde fomos acolhidos com simpatia. Nem tudo decorreu como esperávamos, na nossa viagem. Há sempre algo que falha, apesar da programação, mas a perspetiva da aventura, o privilégio de conseguir uma viagem desta natureza, fizeram ultrapassar todos os obstáculos, como, por exemplo, pernoitarmos no aeroporto.

Conviver é aprender... e esta experiência de contacto com outras pessoas e intercâmbio de ideias foi muito enriquecedora. As diversas línguas faladas não constituíram barreiras, pois mesmo com algumas dificuldades linguísticas conseguimos, por meio de gestos, atitudes e sorrisos, comunicar com os nossos parceiros e eles connosco. Aprendemos muito nestes meios. O teatro

foi o testemunho desta aproximação entre pessoas tão diferentes. Durante os ensaios, muitas situações foram alteradas e corrigidas de modo a melhorar o desempenho e a integração de todos os grupos para um bom resultado final. O encenador Carlos Melo foi altamente talentoso, através das suas artes muito profissionais e algo divertidas. Ele transformou e deu vida às cenas em palco (quando incluiu os martelinhos de S. João) e todos se divertiram.

Em geral os grupos representaram bem, mas Portugal esteve acima da média. Demos a conhecer o nosso trabalho com humildade, encanto e simpatia e a representação no teatro «Ateneu» foi maravilhosa.

A ida à Roménia permitiu-me fazer uma reflexão mais vasta e aprofundada sobre mim mesma e sobre o que é representar num teatro... percebi que é necessário mudar, melhorar e aceitar... e não foi difícil, todos somos capazes de o fazer. E valeu bem o esforço porque o resultado final foi muito gratificante em termos de autoestima e autorrealização.

Dedico um grande agradecimento à Professora Lurdes Cruz, pois sem ela nada teria sido conseguido, foi uma ajuda preciosa, ao encenador Carlos Melo que teve muita paciência connosco, sobretudo comigo, e também à USALMA e toda a organização que nos proporcionou não só a viagem mas momentos únicos e inesquecíveis.

A todos muito obrigada.

Como vi e senti este projeto inovador, divertido.

Aluno Joaquim Azedo

O PLALE foi uma iniciativa que me deu prazer, divertimento, muita satisfação e desenvolveu o fascínio de continuar sempre a aprender.

Ao descobrir novas capacidades e conhecimentos que estavam inertes em mim, o valor acrescentado adquirido foi gratificante, eu e toda a equipa conquistámos muito: o gosto pelo trabalho com responsabilidade, tanto em equipa como individualmente, a camaradagem, a entreatajuda, os jogos, o divertimento, as empatias, as amizades e a alegria de conseguir e realizar.

Melhorámos os nossos comportamentos, somos mais autónomos, alegres, felizes, comunicativos e participativos.

Também foram muito importantes, durante os trabalhos, os diálogos de grupo que se manifestaram em autocritica e autoestima cujas palavras ditas realçaram a vontade enorme de *fazermos acontecer*.

A introdução das práticas teatrais, na nossa equipa, para a aprendizagem de línguas não maternas, só foi possível com a paciência do encenador Carlos Melo, a determinação da professora Lurdes Cruz, a colaboração das professoras Dina Dourado e Fátima Rita, e o apoio de toda a Direção da USALMA.

Para todos, um grande Bem-Hajam.

Sobre a minha experiência

Aluno Victor Sales Ferreira

Sobre a minha experiência só tenho a agradecer a todos os que me proporcionaram quebrar novas muitas barreiras.

Foi sem dúvida, para mim, uma experiência maravilhosa e inesquecível, que me trouxe novos ensinamentos, novas culturas, novos conhecimentos e um grupo - e refiro-me não só aos participantes, mas também aos acompanhantes- muito unido que soube trabalhar como tal ... e como isso é muitas vezes difícil! Essa, sem dúvida, a primeira barreira que foi quebrada!

A viagem começou um pouco atribulada com o problema no avião que nos levou de novo para o aeroporto. Logo aí o grupo começou a ser isso mesmo, um grupo que se foi revezando na enorme fila para obter novos voos!!! Com esses atrasos a ligação de autocarro de Bucareste para Bacau foi perdida e a noite foi passada no aeroporto, onde, mais uma vez, se revelou o tão importante espírito de grupo, que nos ajudou a passar rapidamente essa noite. Uma história, uma experiência, uma anedota, uma conversa mais séria ...assim foi a noite no aeroporto.

A viagem de autocarro para Bacau decorreu muito bem. Tivemos eu e o professor Jerónimo como companhia uma senhora romena extremamente simpática que, apesar do nosso cansaço (mais o meu, que de vez em quando me fazia fechar os olhos), nos ajudou a passar a viagem rapidamente. Falámos de tudo. De Portugal, da Roménia, da nossa universidade sénior, e claro, do que nos levava a Bacau para a participação no encontro do projeto PLALE.

Chegados a Bacau cerca da hora de almoço, fomos muito bem recebidos pelos outros grupos e logo aí se começaram a quebrar novas barreiras. De salientar a extrema simpatia da nossa "guia" (de que me não lembro o nome), sempre pronta para ajudar o grupo.

Nos dias seguintes e apesar do pouco tempo para os ensaios estes foram muito úteis para que os grupos dos vários países se tornassem num só.

De salientar o empenho e profissionalismo do encenador Carlos Melo que, com pouco tempo disponível para ensaios, conseguiu de "vários galhos" fazer uma pequena "Árvore". Contou com a ajuda sempre disponível, pronta e presente da professora Lurdes Cruz.

Quero também salientar todo o empenho para resolver qualquer assunto que pusesse em causa o trabalho do grupo português e o muito (que só quem lá esteve poderá avaliar) trabalho, não visível, que a professora Lurdes Cruz teve para que tudo corresse *5 estrelas*.

A apresentação foi o culminar do quebrar barreiras onde todos se empenharam para que fosse um êxito.

Para mim foi, sem dúvida, uma experiência por demais enriquecedora onde muito aprendi, mas penso que também contribuí um pouco para fazer

Conferências: Performance o que é?

Lurdes Cruz e Gouveia - Melo

"Verbos performativos" são aqueles que, ao se dizerem na primeira pessoa e em certas condições, realizam a ação que anunciam. *Eu juro, eu prometo, eu caso, eu batizo* implicam consequências que mudam o *status* das pessoas sobre as quais recai a sua ação: *eu juro* e logo fico *comprometido* com um juramento, *eu batizo* (ou *eu caso*) e de imediato alguém fica *batizado* ou *casado*.

No dia 7 de novembro último realizou-se na USALMA, integrada no projeto PLALE, a conferência-performance subordinada ao tema *Do Ritual ao Teatro*, com a participação de cerca de duas dezenas de pessoas. E por que foi então uma conferência-performance? Porque o conferencista, em vez de fazer um discurso, como é normal e expetável numa conferência à qual o público assiste sentado, preferiu que a assistência participasse fisicamente, produzindo diversos jogos e dramatizações, a fim de que a matéria da conferência fosse apreendida com todo o corpo e não apenas "com o cérebro", se é que é possível, enfim, dividir tão sumariamente as funções do corpo humano! Mas, de qualquer modo, a verdade é que os assistentes desta conferência-performance dançaram, cantaram, bateram palmas, riram e, na verdade, aprenderam com todo o corpo como o teatro pode derivar de um ritual que se profana ou em que se deixa de crer.

A conferência-performance *Do Ritual ao Teatro*, com mais outras três em março sobre a *Commedia dell'Arte* e a última, em maio, acerca de máscaras- fazem parte do projeto internacional PLALE (*Playing for Learning*) que a USALMA, juntamente com instituições de ensino da Alemanha, Espanha, França, Itália, Roménia e Suécia integra.

Com efeito, *Playing for Learning* significa aprender com jogos e pode aplicar-se tanto ao ensino de línguas não maternas, como à História ou a qualquer outra matéria que, de alguma forma, seja traduzível em jogos teatrais.

A próxima conferência-performance, *Morte e Ressurreição do Teatro na Idade Média* a realizar a 16 de janeiro nas instalações da Igreja Nova de Almada, versará sobre a proibição e o ressurgimento do teatro na Idade Média e, do mesmo modo, pedirá aos participantes uma colaboração, não só cerebral mas igualmente física, isto é, de todo o corpo. Brincar, em suma!

Venha... conferenciar connosco!

Correio da Usalma, n.º 36, p. 6

Do Ritual ao Teatro

Prof. Lurdes Cruz

No âmbito do projeto *Grundtvig Playing for Learning* (PLALE) realizou-

-se no dia 7 de novembro, no Salão Paroquial da Igreja Nova de Almada, a primeira das quatro conferências programadas para o ano letivo em curso. Defendendo o projeto os benefícios da utilização dos jogos dramáticos no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e estando os alunos participantes envolvidos na preparação de um dos produtos finais do PLALE uma peça a ser exibida em junho de 2015 em Bacau, na Roménia, o ciclo de conferências proposto constituirá uma oportunidade para todos poderem elevar os seus conhecimentos na área do teatro.

Em "Do Ritual ao Teatro", Carlos Gouveia-Melo, na sua conferência-performance, transportou o público para a Grécia do século VI a.C. e, através de atividades que foram sendo propostas, mostrou como o Teatro pode nascer de um ritual que se profana. De modo interativo e criativo os participantes tornaram-se parte integrante da construção e do desenrolar da conferência, ilustrando as diversas fases do nascimento do teatro no ocidente.

Na sequência do entusiasmo manifestado por todos os presentes aguarda-se agora, com elevadas expectativas, a próxima conferência que irá ter lugar no dia 16 de janeiro e cujo tema será *Morte e Ressurreição do Teatro na Idade Média*.

Correio da Usalma, n.º 36, p. 7

Morte e Ressurreição do Teatro na Idade Média

Prof. Lurdes Cruz

No dia 23 de janeiro, teve lugar, no Salão Paroquial da Igreja Nova de Almada, no âmbito do PLALE, a conferência-performance *Da Proibição à Ressurreição do Teatro na Idade Média*.

Situando o seu contexto em Roma Antiga, na alta Idade Média, a conferência propôs aos participantes que funcionassem como atores e atrizes de diversas construções teatrais, a partir das quais foi possível compreender fisicamente e daí o nome de conferência-performance - a razão por que o teatro acabou por ser proibido aquando da ascensão do cristianismo e como, dez séculos mais tarde, a mesma Igreja, querendo dar a conhecer Cristo, resuscitou ela própria o teatro que tinha abjurado.

Ao contrário de uma conferência clássica, a conferência-performance convida o público a levantar-se da cadeira e a sentir com todo o corpo e não apenas intelectualmente o que o conferencista explica. Daí o gosto especial com que a assistência habitualmente participa neste género de eventos.

Ana Palma, presente na iniciativa, deixou-nos o seu depoimento:

«para mim, este momento foi não só enriquecedor ao nível do saber, como também nos possibilitou vivenciarmos de um forma lúdica factos que se passaram no âmbito que a temática impunha - o teatro é uma escola de vida”».

A Commedia dell'Arte

Prof. Lurdes Cruz

Realizou-se, no dia 6 de março, no Salão Paroquial da Igreja Nova de Almada, a 3.^a conferência do ciclo A História do Teatro através de Jogos, iniciativa da responsabilidade do Projeto PLALE. Após uma incursão pelo tempo e contextualização da *Commedia dell'Arte*, os participantes experimentaram momentos de interação que os levaram a melhor compreender um dos maiores momentos do protagonismo do ator.

Esclarecidos os presentes, em sessões anteriores, sobre o nascimento do teatro e a sua evolução ao longo dos séculos, com momentos de profundo declínio e de, logo a seguir, vigoroso ressurgimento, o conferencista situou, desta vez, o público na Idade Média e fez incidir a sua atenção sobre a importância dos mistérios, dramas religiosos em torno de episódios bíblicos e vidas de santos, amplamente utilizados pela igreja para a disseminação dos seus valores. Este foi o ponto de partida para se chegar à *Commedia dell'Arte*, um género de teatro com características completamente diferentes, quer no que se refere ao espaço cénico quer no que respeita à construção da peça.

Através de exercícios interativos os participantes foram levados a entender as causas da transição do teatro de rua para o teatro italiano, com conseqüente alteração do espaço cénico, e a pôr em prática os princípios da *Commedia dell'Arte*, teatro popular de improvisação, geralmente cómico, que dá primazia à intriga e não ao texto escrito, contando com um elenco de personagens definidas.

Numa atmosfera prazenteira, em que a aquisição de saberes teve como base a ação e a interação, o grupo de participantes deu vida às personagens da *Commedia dell'Arte* e “O casamento da filha de D. Isaura”, estimulou a criatividade e boa disposição entre todos.

Fátima Bastos, aluna do PLALE, deu-nos o seu testemunho sobre a participação nesta atividade:

Casamento da filha de D. Isaura: foram distribuídos os personagens e cada um de nós desempenhou um papel. Eis-nos regressados ao século XVII. A peça foi nascendo, as palavras fluíam, os “atores” pareciam conhecer o enredo.

O imaginário de cada um levou-nos a uma vivência compartilhada da Commedia dell'Arte. Foi uma experiência única, muito gratificante.

Entusiasmada, Fátima Bastos, não só quis partilhar o que aprendeu, escrevendo um texto sobre o conteúdo da conferência que apresentou na sua aula de Inglês, e assim enriqueceu os colegas da turma com os saberes adquiridos, como espontaneamente se lançou na pesquisa, em busca de mais informação, tão motivada ficou para aprofundar uma área pela qual não se havia ainda interessado.

Tendo o ciclo de conferências sido proposto com o objetivo de elevar o nível de conhecimentos dos participantes do PLALE, pelo recurso que este

faz a técnicas teatrais para a aquisição de competências na aprendizagem de línguas estrangeiras, apraz-nos contar com testemunhos como os abaixo citados, que vêm ao encontro do seu desejado impacto:

Não imaginava, no início, o quão enriquecedora seria esta experiência, porque os meus conhecimentos de teatro eram praticamente inexistentes.

Contribuiu muito para o meu crescimento e desenvolvimento pessoal....

Lá diz o ditado.... aprender até morrer.... (Fátima Bastos)

...para mim, este momento foi não só enriquecedor ao nível do saber, mas também devido à possibilidade de vivenciarmos de um forma lúdica factos que se passaram no âmbito desta temática e a sua importância na sociedade.

O teatro é uma escola de vida.

Ana Palma

V. é uma máscara

Prof. Lurdes Cruz

Já no fim do ano letivo de 2015, no dia 5 de junho, Carlos Gouveia-Melo terminou, com *V. é uma máscara*, o ciclo de conferências que proferiu ao longo de 2014-2015, no âmbito do projeto *Grundtvig Playing for Learning*, implementado na USALMA.

Perante um público atento explicou longamente em que consiste o efeito de máscara, evidenciou o caráter de compromisso de todas as nossas reações, levando-nos a uma melhor compreensão/aceitação do Outro e levou à reflexão sobre a utilização de máscaras vivas e mortas. Invalidando a perspetiva tradicional da máscara como falsidade, ou mentira, identificou-a, pelo contrário, como atributo natural do ser vivo, sem o que ficaria indefeso e incapaz de se adaptar.

Continuando a usar palavras suas, assim sintetizou o seu pensamento e teoria a máscara: é a condição natural de quanto vive e uma forma de adaptação. Sem máscara simplesmente não conseguiríamos sobreviver. Todos somos máscaras e, face à quantidade de máscaras possíveis, seremos mais ágeis se usarmos máscaras tendencialmente vivas em vez de máscaras mortas.

352 A conferência de Carlos Gouveia-Melo não deixou ninguém indiferente. Foi antes um desafio que fez com que cada um (se) questionasse, despertando emoções e associações diversas.

Em Jorge Rodrigues, economista, *V. é uma máscara* provocou uma reflexão intimamente ligada à sua área profissional:

A conferência *V. é uma máscara* mostrou como todos nós somos atores, consciente ou inconscientemente. A forma aparentemente simples e assertiva como o autor passou os conceitos para o público, só é possível em quem domina e sente a temática. Ao mesmo tempo que Carlos Melo explicava as diferentes máscaras, eu via desfilar o trabalho de um reputado autor na área da gestão empresarial, Henry Mintzberg. Para este o gestor atua como um

ator, de forma contingencial, desempenhando um conjunto de dez papéis agrupados em três tipologias; papéis interpessoais, papéis de informação e papéis de decisão. Portanto, existem muitas perspectivas para analisar as emoções do ser humano, enquanto indivíduo que se relaciona e interage com outros indivíduos e transmite informação pública em contínuo. Como consequência, a forma de nos olharmos e aquilo que fazemos nas nossas vidas é o reflexo dos nossos valores e modelos mentais, consciente ou inconscientemente.

IV-Área Editorial

Prof. Ernesto Fernandes (coord.)

O início da nossa atividade editorial é coincidente com a criação da Associação de Professores do Concelho de Almada (2003) e a fundação por esta da Universidade Sénior de Almada (2005) através dos Boletins *Profalmada* e *Correio da Usalma*.

A Área Editorial ganha afirmação com a publicação da Revista *Memórias e Futuro*, n.º 1 (2009), n.º 2 (2011) e n.º 3 (2013). Com a alteração introduzida na periodicidade, o n.º 4 vem à luz em 2016.

Sendo importante oxigenar e projetar a vida associativa e a Cidade através da informação e do conhecimento é fundamental promover a **cultura da escrita**. Neste sentido, é relevante o apoio da Associação à edição de livros de autor, tendo sido o primeiro de Feliciano Oleiro (2011).

É pertinente salientar que “os novíssimos autores” entraram em cena pelo livro *Incêndio na Floresta* (2014), obra que congrega textos e ilustrações de alunos do 8.º ano de escolaridade, da Escola Secundária Fernão Mendes Pinto. Não tenhamos dúvidas: a nós adultos pertence o dever de escancarar portas com sentido de futuro, democratizando a democracia pela participação.

No universo das edições Apcalmada – USALMA, destaca-se a variedade das nossas edições que, para além das referidas, contempla os formatos *Separata*, *Destacável* ou *Brochura*.

Integramos ainda uma breve narrativa sobre os eventos de apresentação pública de certas edições.

O nosso projeto editorial honra a nossa comunidade associativa (associados, professores e alunos da USALMA) e o município de Almada no sentido estratégico de Almada como *Cidade Educadora*. De facto, importa superar a cultura dicotómica dominante pela afirmação da indivisibilidade das necessidades humanas: as “básicas ou de subsistência” e as “existenciais”. No seu todo, são igualmente básicas. Sem o conhecimento, a investigação e a educação retardamos, bloqueamos ou reproduzimos a lógica ancestral de *patrício* e *plebeu* ou de *senhor* e *escravo*.

Apresentação do livro *Histórias de Violeta*

Prof. Madalena Moreira

Como nasce um livro?

De uma vontade, de uma decisão, do traçar de um objectivo , de uma obrigação, de uma inspiração, de um acaso , de... ?

O pequeno livro “Histórias de Violeta” nasce exactamente de um acaso (se é que ele existe). Não os “folhetins” que ele contém, esses sim, escritos por vontade, decisão, objectivo e por prazer, e levados, semana a semana, à autora das histórias, das vivências, das memórias, ela mesma, Violeta.

Violeta existe, não saiu de nenhuma cartola de ficções. Completou em 2012 setenta e oito anos e vive na Margem Sul há cerca de quatro. De resto, toda a sua vida se desenrolou por Lisboa e quase toda na Rua Lopes, onde nasceu.

Com o passar dos anos todos foram abalando a sua vida ou pelo menos da sua vizinhança e, apesar do bom apoio dos seus, a solidão ficou a rondar. E é assim que ela vai aparecer na Margem Sul, perto da família, mas sem a sua rede de contactos, mesmo que pequenos, sem os lugares, os cantos e esquinas, os cheiros, os objectos da sua vida de sempre.

O resto da história do livro começa aqui: no grupo de voluntariado “Uma Palavra, um Alento” da Associação de Professores do Concelho de Almada, Apcalmada, surge o pedido de alguém que pudesse sair com Violeta, dar pequenos passeios pelas redondezas, enfim, levá-la à descoberta do seu novo território e a criar laços. A voluntária que se disponibiliza para tal, a narradora , virá a perceber que é absolutamente determinante, para além disto, plantar sorrisos naquele rosto.

Mas como?

A resposta virá naturalmente:

Pegando e registando o que Violeta ia contando de outros tempos, ou ainda em algum pequeno detalhe dos encontros de 6.^a feira, vão surgindo pequenas narrativas e “como nas radionovelas dos velhos tempos, uma vez por semana havia um folhetim que Violeta lia com absoluta prioridade sobre tudo o resto. Este era o meu presente para ela. O dela, eram os sorrisos que lhe iluminavam o rosto ao rever-se nas palavras que eu por ali semeara”.

Depois foi só mais um passo. A Coordenadora do grupo de voluntariado olhou os textos e sugeriu que talvez fosse bom virem à luz.

E o livro fez-se!

Nele, tudo é real. A paisagem é aquela, os factos são aqueles, e até as dúvidas são aquelas.

As oitenta páginas guardam vinte e oito episódios onde, como se lê na contracapa “ se narra a verdadeira história de Violeta, desde os longínquos anos 20 do século passado, de noites vividas à luz do petróleo, até aos dias de hoje, ano 12.^o do séc. XXI. Os amores, a guerra, o trabalho, as festas, a família...”

Este livro é ainda um convite para que outros sigam estes ou outros passos

e registem as pegadas daqueles que por aqui vão passando anónimos e que, sim, ombro a ombro com os que foram rotulados grandes constituem Património da Humanidade que queremos preservar.

Por último, o testemunho de Roberto Crema¹:

Hoje, pela manhã, sentei-me na varanda e comecei a ler estas páginas, nelas escutando uma inocência viva, uma narrativa fluente e harmoniosa, quase que vendo os locais e as histórias relatadas, num tipo de magia bem lusitana...

Que muitos possam desfrutar.

Que outros possam continuar.

Profalmada n.º 30, p. 11

¹ Psicólogo, Antropólogo, Reitor da Unipaz (Universidade Internacional da Paz).

Dentro do meu tempo, Amélia Cortes

Prof. Edite Prada

É com grande prazer que, pela segunda vez, abraço a tarefa de vos falar de um livro da Amélia.

É, também, com um acentuado sentido de responsabilidade que aqui estou. A Amélia, com o seu entusiasmo, com a sua capacidade criativa, merece o melhor.

Merece que a sua obra seja destacada, que a sua mensagem seja valorizada. Serei capaz de o fazer?

Dentro do meu tempo é a obra de alguém que passa atenta ao que a cerca, lendo e interpretando cada momento, cada movimento.

O poeta em *Dentro do meu tempo*, assume o papel de um caminhante, que abre o seu percurso com o poema *Trilhos* prenunciando dificuldades, trabalhos

«Por trilhos do mundo
há lamentos há negrume»

por longo tempo

«Como está longe
o tempo do fim»

faz todo um percurso vendo e ajudando a ver aspetos vários, dores do mundo, mas também paisagens amenas, repousantes, por vezes, inquietantes outras. A obra termina com o poema *Cidade*, p. 78, fechando um circuito, que, paradoxalmente se recomeça, sendo, afinal, a *Cidade* um retorno à natureza e à comunhão com ela:

(...)

Na verde relva
A água corre da gruta
E se espalha na planície
Formando lagos
É a natureza que luta
Ainda
Uma pálida luz a ilumina
E na sua nudez
Desfalece frente ao sol
Fujo dos pensamentos
Que me perseguem
E
Abraço a natureza
E
Partimos

No seu percurso, ao longo da obra, o poeta, eterno caminhante, vai-se cruzando com aspetos vários do ambiente natural e também humano, de ambos mostrando aspetos negativos vividos ou pressentidos. Na natureza o leitor, em eterno diálogo com o poeta, vai seguindo como nos é dito num poema Sigo, p. 11:

Sigo
A estrada de calhaus
Ar quente zumbidos de insectos
Recanto de ramos retorcidos
Me abrigam na sombra
Sigo
O majestoso panorama montanhês
O devaneio das
Árvores e flores silvestres em murmúrios
Borboletas e pássaros esvoaçam rentes
Se prendem nos espinhos do silvado
Sigo
Avisto o mar
Imponente abismático e selvagem
Do mar profundo
Irrrompe
A parede de água
Em ondas revoltas fustigam
A barca de folhagem verde onde
O peixe de Deus saltita e
Deus ausente

Neste percurso, neste caminho que é a vida, o poeta assiste a acontecimentos positivos, que marcam não só o sujeito poético, mas toda uma sociedade, como é o caso do poema Abril, pág. 61:

Abril

Nasci
Num Portugal nevoento
Sem alma
Amordaçado
Torturado
Sem vontade
Sem horizonte
Em Abril
Homens de valentia
Como seus antepassados
Contra tudo
Se libertou Portugal
Sem amarras sem mordanças
O povo rejubilou e
Se uniu
E das suas mãos erguidas
Caíram cravos vermelhos
A florir
O Portugal de Abril

Ou mesmo a um nível mais amplo, como no caso da queda do muro de Berlim, no poema Muro:

O muro desmoronou
E o povo em delírio gritou
A palavra liberdade

A par destes aspetos positivos, globais, outros são focados, mas de pendor negativo, numa verdadeira atividade de repórter de realidades difíceis.

357

Dessa forma nos é dado observar o Fogo na Floresta, página 16:

A montanha, envolta em fumo
lamenta a perda da floresta

A poluição, pag. 36:

O pescador
empurra o barco
em águas poluídas

as tempestades devastadoras em *Arco-íris*, p. 57:

Tempestades
assolam a terra
o sol a lua as estrelas
já não brilham

E outras manifestações naturais ainda que assustadoras, como em *Vulcão*, p. 71

(...)
Ruídos misteriosos saem
Das entranhas da terra
E o vulcão senhor da montanha
Corta-a em fendas
Os pássaros fogem em debandada
E atravessam a área da tristeza
O solo sacode-se e desprende
Correntes de lava e vapores mortíferos
E cobre a montanha e a planície
As nascentes secam
As árvores e os rochedos caídos
Impelidos de força repentina
Rolam como tochas ardentes
Fascina-me o mistério e
A beleza terrífica e sobrenatural
Do vulcão

358

O drama humano também está presente em toda a sua dimensão. Mesmo no fascínio pelo abismo como vemos nos últimos três versos do poema *Vulcão*. Mas é-nos dado presenciar realidades muito duras do nosso tempo, como a dos *Sem-abrigo*, p. 15:

Ir a cada canto
Onde mora e apodrece
O rejeitado
Que sobrevive
Da ronda negra do lixo

Pelo drama da droga, simbolicamente representado pela papoila, tal

como o traficante é associado ao abutre, em Papoila, p. 62:

(...)
Ao abutre gritam
As gentes que dominas
As garras te cerram
E pétalas caem entre a seara
A papoila singela
Se desfolha

Em outros momentos, eventualmente preocupado e atento, o poeta alerta-nos, como em Acordai, p. 31

Acordai

Acordai e escutai
O clamor da terra mãe
Não poluição
Não devastação
Não corrupção
Não blasfêmia
Não guerra
Não fome
Não me escutais
Em tempo algum

Do horizonte ecoa
A voz de trovão
Profetiza
Os filhos da terra
Exterminados serão

Será lícito perguntar: é a poesia de Amélia Cortes uma poesia de intervenção? Não creio. É a poesia de alguém que vive e entende as contradições do seu tempo, do nosso tempo.

É a poesia de alguém que, num diálogo simples, sem ser simplista, nos apresenta o seu modo de ver o mundo que, aqui e ali, se confunde como o de cada um de nós. Por sermos do mesmo tempo? Ou por sermos bem conduzidos?

Que cada um busque a sua resposta.

Por mim agradeço à Amélia mais esta obra.

Profalmada n.º 32, p. 18-19

Sessão de Lançamento da Revista n.º 3

Prof. Ernesto Fernandes (coord.)

A Sessão teve lugar no Museu da Cidade, Cova da Piedade, a 15 de fevereiro de 2014, pelas 15.00 horas.

Em meu nome, de Edite Prada e de Joaquim Ribeiro, equipa da área editorial da Associação de Professores, o nosso agradecimento pela vossa presença nesta Sessão de Lançamento de *Memórias e Futuro 3* – Revista da Associação de Professores e da Universidade Sénior de Almada, sendo a edição do n.º 1 de 2009 e do n.º 2 de 2011. Com o perfil estético da Capa e dos Separadores horamos a pintura de Louro Artur e de Francisco Bronze e a serigrafia de Rogério Ribeiro, neste número, cujos direitos de autor foram graciosamente concedidos por Isabel Ribeiro. Por isso, obrigado.

Ao Senhor Dr. Alexandre Flores, a quem compete apresentar a Revista, o nosso agradecimento por ter aceite o convite.

Da parte da equipa editorial, pretendo salientar dimensões da conceção e estruturação da Revista, que se destaca pela singularidade das suas características, nomeadamente:

- a) Organizar a informação dos Boletins *Profalmada* e *Correio da Usalma*, produzindo memória histórica, é condição de identidade associativa, de revitalização da cidadania democrática e de serviço à comunidade;
- b) Editar artigos e ensaios que, pela sua extensão, não foram elegíveis para os Boletins dada a natureza destes;
- c) Divulgar a voz em escrita de mais de 40 autores, traduzida em cerca de 100 textos.

A Revista não é um amontoado de textos e autores, cumpre uma estrutura:

Parte I: Artigos e Outros Escritos

Parte II: Práticas em Reflexão

Parte III: Poesia e Escrita Criativa da USALMA

Parte IV: Projetos e Atividades

Parte V: Parcerias e Protocolos

Parte VI: Depoimentos

Para o efeito da consulta e da leitura, o Índice Analítico é fundamental porque identifica autores, segundo a diversidade dos seus escritos e o contexto da escrita, como acontece com os alunos e professores da Universidade Sénior de Almada.

O campo editorial, sob a direção geral da Presidente da Direção da Associação – Maria de Lourdes Albano e da direção de Jerónimo de Matos para o Boletim *Correio da Usalma*, envolve ainda quinze membros a nível dos conselhos de redação dos dois Boletins.

É nossa convicção que a área editorial confere visibilidade pública ao nosso projeto associativo e honra educadores e professores que criaram há dez

anos a Universidade Sénior de Almada.

Nesta perspetiva, a Associação de Professores do Concelho de Almada honra-se quando promove a democracia editorial.

A área editorial expressa-se também pelo apoio à edição de autores como já foram Feliciano Oleiro, Américo Morgado, Amélia Cortes e, em Brochuras, de edição exclusivamente doméstica, José Monteiro e em Antologia de outros estudantes da USALMA.

A escrita orientada para as crianças e os jovens já fazem parte da nossa agenda.

Sejam as nossas publicações acarinhadas pelos associados, professores e estudantes da USALMA para viabilizar e sustentar a nossa estratégia editorial, seja para uso próprio, seja para oferta. No caso da Revista, há lugar a compra a preço reduzido, quando em pacote.

Bem sabemos que a revolução do 25 de Abril é sobretudo promessa, libertação da capacidade cívica e de resistência de cada pessoa, de casa associação, de cada escola, agora e aqui. Por isso, a Revista, agora divulgada, expressa o nosso empenhamento por Portugal de *Abril*.

Os cravos vermelhos, creio que só podem significar recusa da opressão contra o analfabetismo em abraço com os direitos humanos, nomeadamente pela defesa do Estado Social que compreende o direito à saúde, o direito à educação, o direito à proteção social e ao trabalho com direitos.

Haja Abril. Haja *25 de Abril sempre*, segundo o lema que Jorge Sampaio inventou¹.
Almada, fevereiro de 2014

Profalmada, n.º 33, p. 11 e 12

¹ SAMPAIO, Jorge (2009). *O Meu Livro de Política*, Ilustrações de Tiago Albuquerque. Lisboa: Textos/Leya (livro orientado para os mais novos).

A Universidade Sénior de Almada na Revista *Memórias e Futuro*

Prof. Ernesto Fernandes

A criação, a consolidação e a progressiva expansão da Universidade Sénior de Almada é indissociável do projeto e trajetória da Associação de Professores do Concelho de Almada, seu suporte jurídico e institucional.

Quando celebramos os 40 anos do 25 de Abril, comemoramos os 10 anos da USALMA.

Para o conhecimento e aprofundamento da investigação neste campo, identificamos, nomeadamente, editoriais, artigos e ensaios publicados em *Memórias e Futuro* – Revista da Associação de Professores e da Universidade Sénior de Almada, nos números já editados:

Revista n.º 1, outubro de 2009

- Editorial: Memórias com vista para o futuro, *Jerónimo de Matos*, p. 13-20.
- APCA: Sujeito/objeto de solidariedade, *Paulo Eufrásio*, p. 43-44.
- A influência de uma Universidade Sénior na qualidade de vida da co-

munidade, *Manuela Richter*, p. 87-89.

- Ensino-aprendizagem sénior: algumas reflexões, *Jerónimo de Matos*, p. 92-94.
- Por uma carta formativa e sociocultural da APCA, *Ernesto Fernandes*, p. 95-97.
- **Revista n.º 2, outubro de 2011**
- Editorial, *Jerónimo de Matos*, p. 13-16.
- Universidade popular: O legado de Bento de Jesus Caraça, *Ernesto Fernandes*, p. 42-44.
- A cidadania dos idosos em Almada, *Ernesto Fernandes*, p. 44-47.
- Aprendizagem. E depois dos 65?, *Carlos Nascimento*, p. 48-52.
- A educação ao longo de toda a vida: Quem educa quem? Educar para quê?, *Ernesto Fernandes*, p. 52-57.
- A APCA pela Usalma: Um projeto inovador de associativismo, *Ernesto Fernandes e Nuno Coelho*, p. 91-97.

Revista n.º 3, dezembro de 2013

- Editorial, *Maria de Lourdes Albano*, p. 11-13.
- O Grupo de Trabalho e os seus sonhos: Nos alicerces da memória, *Feliciano Oleiro*, p. 17-19.
- Retórica do envelhecimento ativo: O valor da dignidade humana e a USALMA, *Ernesto Fernandes*, p. 20-26.
- Quem são os analfabetos? Ninguém é analfabeto, *Ernesto Fernandes*, p. 42-53.

Para além das referências inventariadas, é certo salientar que a Revista *Memórias e Futuro* espelha o projeto e a atividade quotidiana da USALMA em múltiplos escritos de professores e alunos, seja no âmbito académico das disciplinas, seja no campo dos eventos socioculturais (colóquios, conferências, visitas de estudo, convívios, viagens).

Profalmada, n.º 33, p. 12 e 13

Apresentação pública de *Incêndio na Floresta* Os novíssimos autores

Prof. *Ernesto Fernandes*

362

No dia 5 de junho de 2014 – Dia Mundial do Ambiente, na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, em sessão festiva, teve lugar o lançamento do Livro *Incêndio na Floresta. Um olhar diferente*, coordenado pela Prof.^a Maria de Lourdes Albano, criação de 29 alunos do 8.º 1, no contexto da disciplina *Educação para a Cidadania*.

A mesa, constituída pela Diretora da Escola, a Professora da disciplina e representantes da Associação de Professores do Concelho de Almada, era ladeada pelos alunos-autores. A edição é da Apcalmada em colaboração com a Escola.

Em ambiente musical, assegurado pela Universidade Sénior de Almada,

registra-se o papel dos alunos em apresentação do alinhamento do evento, leitura de textos e venda do Livro.

Estamos perante um projeto escolar inovador, em diálogo da escrita criativa com a ilustração/desenho, que enobrece a Escola Pública e o direito à educação como valor fundamental do Estado Social democrático, instituído pela revolução de Abril e consagrado na Constituição da República Portuguesa (1976).

Abracemos este Livro, promovendo a sua divulgação e aquisição por 7.00€, cujo excedente líquido reverte para apoiar atividades circum-escolares dos alunos.

Profalmada n.º 34, p. 15

É breve o amanhã, de Américo Morgado

Prof. Edite Prada

É com grande prazer que aqui estou, uma vez mais, no âmbito da apresentação de um livro do professor Américo!

É também com grande embaraço que encaro a tarefa de falar do livro *É breve o amanhã*.

É que o professor Américo colocou já a fasquia da qualidade tão alta, que receio bem falhar o salto...

Bom, mas, ainda assim, espero estar à altura de fazer brilhar esta obra poética.

Bem sei que este livro se apresenta a si próprio e, folheá-lo é, já, travar conhecimento com ele. Generoso, como o seu autor, o livro vai certamente vir em meu auxílio...

Ora vejamos

Para começar, peguemos nas palavras do autor que, na nota ao leitor diz:

«É breve o amanhã é um livro vagabundo pelo tempo que canta momentos de alegria, momentos de dor pelo desenraizamento e pela mentira, não apenas, pela mentir, mas por querer ser verdade; momentos de saudade e de crítica à durabilidade da lei social que se esvai como água pelo rio, que leva a quem menos tem e junta os sargaços e lodo de ouro para quem mais tem.» p. 9.

363

E aqui temos, como antevi, a orientação de que, eventualmente, precisaremos para abrir a porta da imaginação e nos lançarmos à descoberta da arte, da síntese magnífica que cada poema encerra, bem trabalhado, bem despojado, mas profundamente significativo. Cada palavra, cada letra, está no lugar certo, como se nenhuma outra existisse.

E, todavia, cada uma é prenhe de sentidos, dizendo exatamente o que quer dizer, mas mantendo sob o véu da subjetividade possibilidades mil de viagens, de interpretações de formas de sentir.

Das quatro vertentes que o autor-interprete-orientador nos aponta na nota ao leitor, a saber:

- 1 - Momentos de alegria
- 2 - Momentos de dor
- 3 - Momentos de saudade
- 4 - Momentos de crítica à lei social

Foquemo-nos nesta última... **Momentos de crítica à lei social**. Porquê? Bom... talvez vá longe o tempo em que ao poeta, a qualquer poeta, dava jeito - permitam-me esta forma informal de tratar coisas muito sérias - a torre de marfim, em que, isolado de tudo e de todos, burilava os seus versos, perfeitos, subjetivos, intimistas e porventura distantes.

Essa distância, não a encontramos em *É breve o amanhã...*

Demos de novo a palavra ao poeta, ainda na nota ao leitor, ainda como orientador dos seus leitores:

«... a poesia é um dos caminhos para despertar qualquer pessoa a recuperar as coisas plenas de luz e desvendar o encanto que revelam...»

Em *É breve o amanhã* temos poesia à flor da pele, temos realidade cinzelada pela pena do poeta e, talvez por isso, mais real, mais crua...

O livro abre com o singelo poema *Liberdade* (p. 13).

Como pode o pobre ter liberdade?

Já é livre para lutar a vida inteira para viver em desigualdade.

E mais à frente, na página 16, no poema *Grito*, podemos ler:

Grito

Nesta sociedade

A voz do povo não é voz de deus

364

Recolho-me no silêncio de água, cipreste sombrio.

Sou vida em cores e por vezes tenho frio

Com uma beleza extraordinária, e de uma forma singela, o poeta conduz-nos de um grande plano, de uma enorme profundidade que engloba toda a Humanidade, para um plano de pormenor, em que o sujeito poético se observa tão próximo que temos acessos à sensibilidade dos seus sentidos:

- **Audição** pela negação: Ausência de som **Silêncio de água**

Visão: quase ausência de luz **Cipreste sombrio**, em que sombrio no surge na sua multiplicidade de sentidos. E, todavia, colorido «Sou vida em cores»

- **Tato**, ou melhor, mais do que isso «por vezes tenho frio».

Os três sentidos evocados neste breve poema de dois dísticos, apresentam uma profunda articulação entre si, ao mesmo tempo que comungam de uma realidade próxima, que pode consubstanciar-se na realidade tornada palavra (ou será na palavra tornada realidade?) água em «silêncio de água.»

O elemento água é muito querido ao nosso poeta. Como elemento de evasão, de purificação, de renascimento, de mudança. Na simplicidade destes dois versos «*Recolho-me no silêncio de água, cipreste sombrio./ Sou vida em cores e por vezes tenho frio*» está, porventura, concentrado o profundo drama humano de cada um de nós que se torna mais profundo e mais nosso, por estar singularizado e subjetivizado, mediante o recurso à primeira pessoa do singular, forma que envolve o sujeito poético, mas que pisca o olho ao leitor, a cada leitor...

É breve o amanhã é, também – sê-lo-ia sempre, mesmo que tal não estivesse explicitado – o espaço da palavra. Palavra que nega, palavra que finge, palavra que nasce... Vejamos o poema *Palavra nova*, pág. 62:

Palavra nova

*Já é tempo de a palavra nova
Robotizada para robots
Em que o homem se transforma.*

*Ainda ama
Mas paira voando por semióticas
Input, output, linguagens quânticas,
Outras sensibilidades por fios invisíveis
Nanotecnologias.*

*Estamos numa época desajustada.
No coração a poesia no corpo uma boca atrapalhada.*

Há, em toda a obra, uma oscilação entre o mais íntimo, o mais humano, o mais social e a natureza na sua pureza, no seu significado primordial. E por essa razão, tendo evocado o poema inaugural *Liberdade*, que repito «*Como pode o pobre ter liberdade?/ Já é livre para lutar a vida inteira para viver em desigualdade.*» a obra termina, eu diria com chave de ouro, com o poema *Por vezes*, pág. 94, em que se regista uma simbiose, quase perfeita entre o ser humano e a natureza.

Por vezes

*Extensão de azuis d'água
Espriada no desejo da terra*

*Beleza fecunda, imensidão de braços
Acolhem o homem que transforma.*

*Alegra-se o silêncio que se prolonga com a brisa
A ondular copas frondosas que sorriem,*

E acariciar as mãos que escrevem

Sem ser capaz de escrever o que veem.

*O som de um barco solitário desperta o olhar
Vejo as sombras das margens a inverter a terra onde tudo se esbate*

*Se pudesse escolher um lugar onde dormir e ficar
Pedia à solidão daquela ilha para entrar*

Tudo o mais é sonho.

Já vai longo, este meu arrazoado...

Fiquemos por aqui.

Recolhamo-nos na leitura pois é ela que, aqui, faz a diferença.

Deixo apenas mais uma palavra de agradecimento ao autor, pela sua obra.
Pela sua força. Pela sua criatividade.

Correio da Usalma, n.º 36, P. 18 e 19

Filosofia da Felicidade, de Luciana Couto

Prof. Edite Prada

O livro que hoje trazemos até vós, *Filosofia da Felicidade: eu posso curar a minha vida*, perfila um dos momentos em que a USALMA devolve à comunidade, quase em forma de relato de atividade desenvolvida, uma parte da atividade que desenvolve. Ele regista alguma atividade desenvolvida, mas volve-se para a atividade a desenvolver, com qualidade e acima de tudo com humildade e com simplicidade...

Tomei contacto com o livro que agora lançamos ainda em fase de projeto. E desde logo estabeleci com ele uma daquelas situações de empatia nem sempre explicáveis...

Ali estavam, aí estão, apresentados de forma simples, conceitos não tão simples assim.

De forma simples, mas não simplista!

Permitam-me que partilhe convosco algumas memórias pessoais. Quando os meus filhos eram pequenos primavam como todas as crianças por fazer perguntas não embaraçosas, mas difíceis... daquelas que nos deixam sem saber o que fazer... Perante o desabafo «como é que te vou explicar isto», o meu filho mais velho tinha um argumento imbatível e inquestionável «Explica que eu entendo.» E era verdade! Se eu tivesse capacidade para explicar de forma adequada, ele entendia e dava-se por satisfeito. O problema não era da pergunta. Era da capacidade de resposta...

Esta capacidade de explicar está presente em toda a obra.

Ao longo das páginas a autora vai introduzindo conceitos que, em outros contextos, poderão ser de difícil perceção. Aqui aparecem como se nascessem espontaneamente... O apelo constante à vida, à experiência, ao ser, não escondem o recurso à investigação, à autoridade, demonstrando uma clara preocupação em trabalhar de forma cuidada temas menos acessíveis ao imaginário da cultura ocidental...

Ao longo de seis capítulos divididos em duas partes, a autora, aborda temas aparentemente simples, mas de grande profundidade. Logo nas páginas iniciais, ao falar do significado da capa, a Luciana nos orienta p. 14:

A capa deste trabalho é ilustrada por uma flor-de-lótus branca e foi escolhida pelo seu significado. A flor-de-lótus é normalmente associada à filosofia oriental, em especial a tradição budista. Esta flor é capaz de nascer no meio do lodo e, nestas péssimas condições, desabrochar bela e radiante. Há uma metáfora que diz que cada um de nós pode desbrochar como um ser maravilhoso no meio das piores circunstâncias que estivermos a viver. Cada um de nós tem o potencial de se auto superar.

Mas o seu espírito formador está sempre presente ... pelo que continua:
p. 14

Existe flor-de-lótus vermelha, azul, branca e rosa. Para esta capa escolhi a branca porque esta cor está relacionada à perfeição do espírito e da mente. A azul remete ao triunfo do espírito sobre os sentidos. A vermelha revela a candura e a natureza original do coração. A rosa está relacionada com personagens divinos, como o do Buda.

367

Os testemunhos que insere, numa atitude de generosidade e de partilha, ilustram bem o tipo de empatia que consegue promover e que é visível em todo o livro. Mas ilustra também o seu altruísmo, ao dar a palavra aos outros.

E faz isso com ex-alunas na apresentação a Várias vozes, mas fá-lo também

ao incluir outras vozes, outros olhares no seu trabalho, com é o caso dos capítulos Educar para o otimismo e Reiki, respetivamente da autoria de Helena Águeda Araújo e Maria Amélia Ramos, aqui presente e que felicita também.

Ao longo dos diversos textos sente-se uma aproximação ao leitor, que se pressente difícil de conseguir.

Não é fácil falar simples. Uma colega minha, ao falar da missão do professor referiu que o mais importante é que ele seja capaz de absorver o saber e, qual passarinho, devolvê-lo – ela utilizou o termo regurgitar – para que os pequenos passarinhos de aparelho digestivo frágil o possam absorver.

Todo este livro é uma devolução de saber profundo e refletido em modalidade simples e acessível...

E se pretendermos orientação mais profunda, ou alternativa, encontramos-la, por exemplo, na p. 35, no capítulo *E se eu fingir que estou feliz o meu cérebro vai acreditar?*

Poderíamos continuar...

Prefiro desafiar cada um de vós a ler o livro e navegar por páginas de cultura e saber disfarçados de «coisas simples»...

Correio da Usalma, n.º 36, P. 17

Índice Analítico

| | |
|--|-----------|
| Apresentação; Ernesto Fernandes; Edite Prada | 9 |
| Editorial; Maria de Lourdes Albano | 11 |
| Parte I - Pelos dez anos | 15 |
| A - Da Associação de Professores do Concelho de Almada | 17 |
| No 10.º Aniversário da Apcalmada: etapas de um percurso; Jerónimo de Matos | 17 |
| Comemorações do 10.º Aniversário: almoço e sessão solene; Maria Carreiras e Carmo Manique | 19 |
| Sessão solene do 10.º Aniversário da Apcalmada; Edite Prada | 20 |
| Palavras do Presidente do Conselho Fiscal da Apcalmada; Joaquim Silva | 25 |
| Palavras do Presidente da Assembleia Municipal de Almada; José Manuel Maia Nunes de Almeida | 26 |
| Palavras de Feliciano Oleiro: breve conversa de aniversário; Feliciano Oleiro | 28 |
| Palavras da Presidente da Direção da Apcalmada; Maria de Lourdes Albano | 29 |
| Palavras da Presidente da Câmara Municipal de Almada; Maria Emília de Sousa Neto | 30 |
| Caminhada pela cidadania; António Palma | 32 |
| Parabéns Professo Oleiro; Teodolinda Silveira | 32 |
| Programa Comemorativo do 10.º Aniversário da Apcalmada: Torneio de Golfe; Joaquim Silva | 33 |
| B - Da Universidade Sénior - USALMA | 33 |
| USALMA 10 anos Pró-Memória; Jerónimo de Matos | 33 |
| USALMA 10 anos; Jerónimo de Matos | 40 |
| USALMA 10 anos aos olhos e pelas palavras de Feliciano Oleiro; Edite Prada | 42 |
| USALMA dez anos em números; Armando Napoleão | 43 |
| Correio da USALMA: um pouco de história | 45 |
| A quem tem a arte de aprender; Maria José Januário | 46 |
| USALMA: dez anos depois; Rosa Maria Lajes Pereira | 47 |
| Parabéns USALMA; Teodolinda Silveira | 47 |
| USALMA 10 anos: quebrar barreiras; Ana Teresa Teixeira Andrade | 48 |
| Jogos florais da Apcalmada-USALMA; Edite Prada | 49 |
| Amor é o caminho; Adelaide Silva | 50 |
| Rio das Palavras: Apresentação; Eunice Figueiredo | 51 |
| USALMA: comemorado com o olhar em frente; Edite Prada | 53 |
| As palavras do Conselho de Delegados; João Cebola | 54 |
| Friso cronológico: eventos da USALMA ; Heder Assunção e Orlando Assunção | 54 |
| Sede da USALMA: lançamento da primeira pedra; Jerónimo de Matos | 55 |
| Hino à USALMA; Feliciano Oleiro | 57 |
| Inauguração da nova sede da USALMA; Jerónimo de Matos | 57 |
| Inauguração da nova sede; Maria de Lourdes Albano | 59 |
| Inauguração da sede; Álvaro Luís Ferreira Pires | 60 |
| Sessão solene de abertura do ano Letivo 2015/2016: encerramento das comemorações dos dez anos; Edite Prada | 61 |

Parte II - Artigos e Outros Escritos

63

| | |
|---|-----|
| Sentido exemplar da dignidade humana: Feliciano Oleiro (1920-2014); Ernesto Fernandes e Elena David | 65 |
| Dia do Professor Aposentado; Lourdes Albano | 68 |
| Nótula histórica: Cooperativa Almadense; Ernesto Fernandes | 70 |
| Apontamentos de reflexão: deontologia das profissões; Ernesto Fernandes | 71 |
| Se houvera quem me nomeara; Elena David | 72 |
| Como pratiquei a ética na educação; Edite Prada | 77 |
| A formação contínua dos profissionais da educação como estratégia fundamental de desenvolvimento; Maria Teresa de Matos | 78 |
| A formação contínua na melhoria da escola; Maria Adelaide Paredes da Silva | 83 |
| A experiência como formadora: transição do ciclo; Elena David | 89 |
| Manifesto da Educação por Portugal: contra a delapidação do ensino obrigatório; Ernesto Fernandes | 93 |
| Súde e psicologia; Hugo Duque Guerra | 97 |
| Estado Social e Constituição; Joaquim Barbosa | 99 |
| Desenvolvimento, democracia e participação; Isabel Carvalho Guerra | 105 |
| A urgência do dever associar-se; Ernesto Fernandes | 106 |
| Movimento Associativo: Novos Desafios; Jerónimo de Matos | 108 |
| Projeto associativo e sua sustentabilidade; António Palma | 109 |
| Abril e o poder local: a minha experiência; Feliciano Oleiro | 110 |
| Em jeito de reflexão partilhada; Ernesto Fernandes | 113 |
| 25 de Abril de 1974; Maria João Morais | 117 |
| Abril em processo: a dura caminhada; José Monteiro | 119 |
| Estudo de caso: Projeto Nós Propomos; Madalena Ferreira, Dora Pinho e Alice Santos | 121 |
| Ser professor é também Arte de acreditar; Tânia Sardinha Vieira | 123 |
| Colégio Campo de Flores: programa de escrita - "Escrever mais, mais Escrever"; Ana Guerra (coord.) | 126 |
| A importância do ensino: aprendizagem da Física e da Química para a cultura científica; Alexandrina Lopes e, Amélia Diaz, Clara Boavista, Eugénia Madeira e Fátima Oliveira | 129 |
| SABIA QUE...; Ernesto Fernandes | 134 |
| Cultura dos direitos da criança e do jovem: Abolição dos castigos corporais; Elena David | 136 |
| Vivências de uma professora do 1.º Ciclo ; Adília Duque Ribeiro | 137 |
| Aprender e ensinar fazem parte da existência humana...; José Manuel Brandão | 142 |
| Sessão solene de abertura do ano letivo 2013/2014; Hélder Joel | 145 |
| Abertura solene do ano letivo 2014-2015; Mário Amaral | 146 |
| Abertura solene do ano letivo 2014-2015; Valter Deusdado | 149 |
| Abertura solene do ano letivo 2014-2015: Oração de Sapiência; Luciana Couto | 150 |
| Abertura do ano letivo 2014-2015; Rui Nunes | 152 |
| Ética e deontologia no mercado da informação financeira; Jorge José Martins Rodrigues | 153 |
| Toponímia portuguesa; Fernando Antunes | 172 |
| Memória de uma prisão: as décimas de Bento dos Ramos Boino (1893-1977); Leonor Boino | 173 |
| Disciplinas da USALMA: o português e os seus falares regionais; Carlos Rocha | 176 |
| Concordância... ou talvez não...; Edite Prada | 176 |
| Disciplinas da USALMA: escritores da Península Ibérica I; Fátima Domingues (Myriam Jubilot de Carvalho) | 179 |
| Imagem 30 anos - Que futuro?; Louro Artur | 180 |

| | |
|--|------------|
| Um olhar dos alunos sobre a disciplina de Poder Local e Cidadania do Professor Antão Vinagre; Ana Santos, Hélia Abril, José Oliveira, Manuel Teixeira e Mário Carvalho | 182 |
| USALMA entre gerações; Edite Prada | 184 |
| Fernão Mendes Pinto e a Sua Peregrinação na Outra Banda (1563-1583); Madalena Branco | 185 |
| O discernimento do Papa Francisco; Ernesto fernandes | 186 |
| A nossa língua; Edite Prada | 189 |
| Educação em Portugal da 1.ª República aos nossos dias; Gracelinda Nascimento | 203 |
| Horta pedagógica Projeto "Mulheres Mãos Verdes", na Escola Secundária António Gedeão; Maria João Casanova de Matos | 208 |
| Amor rafeiro: por uma nova cidadania; Maria João Casanova de Matos | 209 |
| Parte III: Ficção e Poesia | 213 |
| Prosa | 215 |
| As minhas navegações; Feliciano Oleiro | 215 |
| Conversas de Soalheiro; Feliciano Oleiro | 216 |
| Sulcos do meu percurso; Feliciano Oleiro | 218 |
| O meu filme; Feliciano Oleiro | 219 |
| O Mastro; Feliciano Oleiro | 223 |
| Os sinais dos tempos; Feliciano Oleiro | 225 |
| Encontro falhado; Fernando Antunes | 227 |
| Insónia; Julieta Ferreira | 229 |
| Uma velha amizade; Fernando Antunes | 230 |
| Crónica do Lar; Valter Deusdado | 232 |
| Conto do 25 de Abril; Valter Deusdado | 233 |
| Isto tem de acabar!; Fernando Antunes | 234 |
| Cumprindo a tradição; José Monteiro | 238 |
| Conto de Natal; Valter Deusdado | 239 |
| A cruz de marfim; Fernando Antunes | 241 |
| Instantâneos; Fernando Antunes | 244 |
| Num Terraço com História; José António Rodrigues | 246 |
| Gestos de Gente Inteira; Valter Deusdado | 247 |
| Renascer; Myriam Jubilot de Carvalho | 249 |
| É a hora dos pardais; Myriam Jubilot de Carvalho | 250 |
| A cor do silêncio; Myriam Jubilot de Carvalho | 250 |
| Os Garranos; Jorge Rodrigues | 251 |
| Conto da Professora; Valter Deusdado | 254 |
| Poesia | 255 |
| Virgem marginal; Manuel Costa | 255 |
| Jesus; Américo Morgado | 256 |
| No tempo; Américo Morgado | 256 |
| Pedras; Américo Morgado | 257 |
| Chamaste-me poetisa; M. Alba | 257 |
| Morena; Cláudio Norberto Matos Rodrigues | 258 |
| Poesia; Vítor Manuel Fernando | 258 |
| Marte; Myriam Jubilot de Carvalho | 259 |
| Sons e Cheiros de África; Vítor Costa | 259 |

| | |
|---|------------|
| O tema do poema; José Monteiro | 260 |
| Lágrima parada; Américo Morgado | 260 |
| O chamar da vida; Américo Morgado | 261 |
| Casa; M. Júlia | 261 |
| O meu jardim; M Alba | 262 |
| Terra Querida; Ernesto Fernandes | 263 |
| 25 de Abril de 1974; Janot | 263 |
| Assobio do vento; Américo Morgado | 264 |
| Innamorata II; M. Alba | 264 |
| Os desejos e os sonhos; Silvina dos Santos Jerónimo | 265 |
| Crescer ao Ver Nascer; Vítor Manuel Pereira da Costa | 266 |
| Amar é ...; Manuela Cruz | 266 |
| Amor; José Monteiro | 266 |
| Saudade; Vicente Quintinha Guerreiro | 267 |
| Verão ao sul; Vicente Quintinha Guerreiro | 268 |
| Natal de 2015; M. Alba | 268 |
| Entre o fado e a profecia; M. Alba | 269 |
| Parte IV: Projetos e atividades | 271 |
| I - Eventos Socioculturais | 273 |
| A - Colóquios | 273 |
| Almeida Garrett e as Viagens na Minha Terra; José Monteiro | 273 |
| Romeu Correia – Pintura e Literatura: 30 Anos da Publicação de O Andarilho das Sete Partidas (1983-2013); Edite Condeixa e Dina Dourado | 273 |
| Um pintor-fidalgo em Almada no século XVI: Giraldo Fernandes de Prado; Vítor Serrão | 275 |
| Portugal: certezas e crise; José Monteiro | 276 |
| A Península Ibérica, Encruzilhada de Culturas; José Monteiro | 276 |
| O caso galego no mundo da língua portuguesa: perspetivas para a análise e o debate; José Monteiro | 278 |
| A Vida entre Marés; José Monteiro | 280 |
| A Emigração Portuguesa antes de 25 de Abril de 74: uma experiência vivida; José Monteiro | 281 |
| Videokonferência; José Monteiro | 282 |
| Pelos 40 anos do 25 de Abril; Ernesto Fernandes | 284 |
| Saúde numa tarde; José Monteiro | 285 |
| Sessão de Homenagem a Romeu Correia e Maria Rosa Colaço; Carmo Manique | 286 |
| Envelhecer com prazer; Maria Carreiras | 287 |
| Como construir a sua árvore genealógica; Edite Prada | 287 |
| A Comunicação como vital desenvolvimento humano e das sociedades | 288 |
| Palestra sobre Storytelling; Luísa Elvas e Hélder Assunção | 288 |
| Viajar com... Ferreira de Castro; Edite Prada | 289 |
| Palestra de Isaac Lourido (Centro de Estudos Galegos, FCSH-UNL); Carlos Rocha | 290 |
| Viagem à volta da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto; Edite Condeixa | 291 |
| O mirandês, a segunda língua oficial de Portugal; Carlos Rocha | 292 |
| A Saúde numa Tarde; Jerónimo de Matos | 293 |
| A Língua em viagem; Edite Prada | 293 |
| Literatura de Viagens: ciclo de conferências; Edite Prada | 294 |
| USALMA na biblioteca de Cacilhas Tejo; Edite Prada | 298 |

| | |
|---|------------|
| B - Espectáculos e celebrações | 298 |
| Aberturas solenes do ano letivo | 298 |
| Ano Letivo 2013/2014 ; Jerónimo de Matos | 298 |
| Sessão solene de abertura do ano letivo 2014/2015; Edite Prada | 301 |
| Sessão solene de abertura do ano letivo 2015/2016; Edite Prada | 302 |
| Festivais de Música Sénior | 302 |
| 1.º Festival de Música Sénior (2012); Jerónimo de Matos | 302 |
| 2.º Festival de Música Sénior; José Monteiro | 303 |
| 3.º Festival de Música NAUS; Jerónimo de Matos | 304 |
| A USALMA nas mostras do ensino; Teodolinda Silveira | 305 |
| Grupo de teatro da USALMA nos encontros do NAUS | 305 |
| 1.º encontro de Teatro NAUS; Ana Maré | 305 |
| 2.º encontro de Teatro NAUS; Rosa Pires | 306 |
| 3.º encontro de Teatro NAUS; Helena Peixinho e Ângela Mota | 307 |
| 4.º Encontro de Teatro Sénior (NAUS); Ana Maré | 309 |
| Encontro de Coros | 309 |
| Encerramentos do ano letivo 2012/2013; Jerónimo de Matos, Carmo Manique, Edite Prada e Teodolinda Silveira | 309 |
| II - Música e dança | 311 |
| 2013/2014; Carmo Manique | 311 |
| Fotografia digital | 312 |
| 2014/2015; Edite Prada | 312 |
| Teatro | 312 |
| Música, Dança, etc... | 313 |
| Homenagem aos Professores da USALMA | 314 |
| 2012/2013; Edite Prada | 314 |
| 2013/2014; Carmo Manique | 314 |
| 2014/2015; Edite Prada | 314 |
| Festival 6 Continentes; Jerónimo de Matos | 315 |
| 1.º Encontro de Poesia (NAUS); Helena Peixinho e Ângela Mota | 316 |
| Aniversários da Associação | 317 |
| 2014; Feliciano OleiroMonteiro | 317 |
| 2015; Maria Carreiras | 318 |
| | 318 |
| C - Festas e Convívios | 318 |
| Encontros de professores; Edite Prada | 319 |
| Celebração do São Martinho; Maria Carreiras | 319 |
| 2014 e 2015; Maria Carreiras | 320 |
| Juntos por Uma Causa; Maria Carreiras | 320 |
| Convívios de Natal ; Maria Carreiras | 320 |
| Festas da Primavera; Teodolinda Silveira | 321 |
| Virgem marginal, Manuel Costa | 322 |
| Reunião Magna da RUTIS; Joaquim Silva | 322 |
| Assembleia Municipal fez última reunião do ano na sede da USALMA; Jerónimo de Matos | 322 |
| Chá com poesia; Rosa Pereira | 322 |
| | |
| D - Itinerários de Cultura e Lazer | 323 |
| Língua e Cultura Portuguesa no Arquivo Histórico; Edite Prada | 323 |
| Museu do Oriente | 324 |
| Almada na História: visitas ao centro histórico; Ana Maria Francisco | 324 |

| | |
|---|-----|
| Visita ao Museu Neorrealismo | 324 |
| Turmas de informática visitam Museu das Comunicações, •As Idades do Mar, Viajando por terras de Espanha, •Visita ao jornal Diário de Notícias, •Ida aos fados, •Roteiro por Almada | 325 |
| Riso, uma exposição a sério, •Igreja e Museu de São Roque, •Visita à Exposição de Graça Morais no Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva, •Visita a Florença, San Gimignano e Siena, - Visita à cidade do Porto... da Idade Média à Atualidade, •Paisagem nórdica do museu do Prado em Lisboa | 326 |
| Viagem à volta da Farmácia em 5000 anos, •Visita guiada ao Museu do Dinheiro do Banco de Portugal, •Ida ao Teatro: Grande Revista à Portuguesa, •Visita aos bastidores do Teatro D. Maria II, • Viagem à Galiza nos dias 29 e 30 de abril, •Visita dupla | 327 |
| Rota do Românico, •Usalma visita Torre do Tombo, •Visita de Estudo à Sé de Lisboa, • Portugal à Gargalhada, • Ida aos Fados, •Visita ao Mosteiro de Alcobaça e Mosteiro de Santa Maria de Cós | 328 |
| Descida do Guadiana, Castro Marim e Mértola, •Circuito Holanda e Bélgica, •Espetáculo de Filipe La Féria, •Viagem pela Croácia, Eslovénia e Bósnia Herzegovina, •Visita ao Teatro Municipal Joaquim Benite e encontro com Rodrigo Francisco; Lurdes Cruz | 329 |
| Visita a Constância, •Visita de Estudo ao Mosteiro da Batalha | 330 |
| Viagem de estudo a Madrid e Toledo, •Viagem a Ceuta e outras cidades do sul de Espanha, •Visita à Biblioteca Municipal de Almada, •Visita à TAP, •Pavilhão do Conhecimento, • Estremadura Espanhola: Pátria dos Conquistadores da América | 331 |
| II - Uma Palavra Um Alento | 332 |
| Projeto de Voluntariado Uma Palavra Um Alento; Maria Carreiras | 332 |
| III- PLALE | 334 |
| Projeto aprendizagem ao longo da vida - PLALE; Lurdes Cruz | 334 |
| Sobre a minha experiência; Victor Sales Ferreira | 348 |
| Conferências | 349 |
| Performance o que é?; Lurdes Cruz e Gouveia - Melo | 349 |
| Do Ritual ao Teatro; Lurdes Cruz | 349 |
| Morte e Ressurreição do Teatro na Idade Média; Lurdes Cruz | 350 |
| A Commedia dell'Arte; Lurdes Cruz | 351 |
| V. é uma máscara; Lurdes Cruz | 352 |
| IV-Área Editorial | 353 |
| Apresentação do livro Histórias de Violeta; Madalena Moreira | 354 |
| Dentro do meu tempo, Amélia Cortes; Edite Prada | 355 |
| Abril | 357 |
| Acordai | 359 |
| Sessão de Lançamento da Revista n.º 3; Ernesto Fernandes | 360 |
| A Universidade Sénior de Almada na Revista Memórias e Futuro; Ernesto Fernandes | 361 |
| Apresentação pública de Incêndio na Floresta Os novíssimos autores; Ernesto Fernandes | 362 |
| É breve o amanhã, de Américo Morgado ; Edite Prada | 363 |
| Filosofia da Felicidade, de Luciana Couto; Edite Prada | 366 |



Distinção *Medalha de Ouro* 2007

Câmara Municipal de Almada

Conforme o estatuto editorial da Revista, cujo número 1.º de outubro de 2009, consubstancia os cinco primeiros anos da atividade da Associação, o número 2 é de outubro de 2011. Na mesma perspetiva, o número 3 resgata e sistematiza a informação divulgada nos Boletins Profalmada e Correio da Usalma (2011-2012), como fontes privilegiadas, não deixando de incluir textos inéditos e outra informação pertinente.

A Revista n.º 4 em sua dialética entre “memórias” e “futuro” consubstancia o projecto associativo da Apcalma-USALMA entre 2013 e 2015.

Honra-nos e enobrece Almada o compromisso, de mais de dez anos, com a cidadania e a educação e a cultura enquanto expressão maior dos direitos e deveres humanos.

ISSN 1647-3515

